

Família Ferreira | Livro Um

O PRÓXIMO HOMEM da MINHA MULHER

sou eu

AQUI, O AMOR É OUTRA COISA.

Camila ♥ Marciano



*** Esta é uma obra de ficção que simula a realidade e qualquer semelhança é proposita, mas, no entanto, não menciona fatos, locais e pessoas reais. As marcas mencionadas são parte do simulacro, mas não têm qualquer compromisso com a verdade.*

**** Tentei seguir o Novo Acordo Ortográfico. É apreciado que o Leitor de visão e português melhores que os da escritora envie comentários sobre tais faltas para correções e edições futuras.*

Apresentação:

É assim então, com a capa que ninguém me deixou trocar, que a gente entra no Amazon. Saiba o leitor iniciante que este livro já rendeu uma tatuagem de leitora, uma morte forjada (é sério) e litros de lágrimas que nunca secam. Minhas inclusas.

Este Livro tinha a intenção de ser só um, mas, no Wattpad, bônus puxou bônus e, quando vimos, agora são três.

OP^{RÓXIMO} H^{OMEM DA} M^{INHA} M^{ULHER} S^{OU} E^U

OÚ^{NICO} H^{OMEM DA} M^{INHA} M^{ULHER} S^{OU} E^U (Lançamento no Amazon, 10/8/2016)

OÚ^{LTIMO} H^{OMEM DA} M^{INHA} M^{ULHER} S^{OU} E^U (Convido o Leitor a acompanhar a construção do mesmo no Wattpad a partir de 15/8/2016).

Prefácio

São Paulo, qualquer ano entre o ontem e o hoje.

Logo de cara você não se arrepende das coisas que fez quando vê a bosta que deu. Primeiro você fica puto. Você, primeiro, xinga Deus e o Mundo, caça motivo e um trouxa para pôr a culpa.

Era a primeira vez desde que nos casamos que ela dormia fora de casa. Brigamos, brigávamos feio há meses. Engolíamos palavras e desaforos, dormíamos com a cabeça a mil, bufando, nós dois. Não era nem a primeira, nem seria a última crise: a diferença, desta vez, é que ela desistiu de falar e de brigar comigo, só fez uma malinha tímida e deixou, sem olhar para trás, um marido, dois filhos e a casa.

Nem chorei, nem liguei, nem implorei, fui dormir puto da vida. Dormi mal que só. Toda vez é a mesma coisa: “Rodrigo, você está trabalhando demais, Rodrigo”, “Não posso contar com você para nada, Rodrigo”, “Mimimi, Rodrigo”. Será que ela não vê que chego tarde porque preciso? Será que ela não vê que eu chego tarde e morto de cansaço, que eu só quero deitar meu esqueleto na cama e capotar? Será que ela não vê que a boa vida que ela leva é mantida com o suor do meu rosto?!

O tapa na cara nada sutil só veio na manhã do dia seguinte, seis um pouco da manhã. Com ela em casa eu estava acostumado a acordar, me arrumar para o trabalho e encontrar o café pronto, na cozinha. Como todo dia, eu me arrumei e desci, mas nada estava pronto: nem o café e muito menos as crianças.

Me deparando com a cozinha vazia e fria, sem os filhos e sem a mulher, que eu me toquei: O que é que eu vou dizer para as crianças? A mãe deles não está aqui, que porra que eu digo a elas? Não dá para inventar uma desculpa de que a mãe tirou férias, que a mãe foi abduzida, que, sei lá, ela está dodói no quarto e não quer ver ninguém. Subi as escadas de novo sem ter um pinga de “I” para dar.

— Cadê a mãe? — O Lipe, o mais velho de sete anos, mal se levantou da cama e já disparou. O Guto, de cinco, na cama ao lado, sempre muito menos funcional quando acorda, demorou para entender o contexto.

— Levanta, Filho, vem escovar os dentes, papai explica tudo lá embaixo. Termine de se arrumar, primeiro.

O Lipe escova os dentes sozinho, eu só precisei ajudar o Guto. Os dois, de escova na mão, me examinavam sem entender. Em todos estes anos em que o Lipe está na escola (e aos poucos meses em que o Guto tem a mesma rotina), eu nunca acordei minhas crias em dia de semana. Nunca fiz o trabalho da mãe deles

do mesmo jeito que ela também nunca fez o meu.

— Cadê a mãe, pai? — Com menos paciência que a primeira vez, o Lipe repetia, depois que se sentou à mesa com o uniforme da escola.

— A Mãe precisou de um tempo para ela. — Resolvi, no mínimo de tempo que ganhei para pensar na resposta, não mentir para eles. Eu posso ser relapso, arrogante, viciado em trabalho, posso ser o diabo que for, mas eu não minto. Resolvi dizer uma verdade compatível com a idade dos meninos e de um jeito que eles entendessem — Sem a mãe aqui, — continuei, picando banana na cumbuca de bichinho do Guto — vocês ajudam o pai?

— Para onde a mãe foi? — O Guto perguntou, olhando do fundo da própria cumbuca para mim.

— O pai não sabe dizer, filho.

— Por que a gente não pode ir junto?

— A mãe volta hoje?

— Por que ela não disse tchau?

— A mãe volta quando puder, filhos.

— A mãe cansou da gente, não cansou? — O Lipe concluiu, em bico de choro, me olhando muito, os olhos enormes que ele pegou emprestados dela. Desde ontem, quando a vi fazer as malas, eu não me atrevi a chorar. Nem mesmo uma gota. Estive caçando culpados, dormi mal para cacete, nervoso, bravo de tudo.

Fato é que eu achei o culpado. Fato é que ele tem uma faca e banana nas mãos.

— A mãe não cansou de vocês. — Respondi, o nó na garganta me impedindo de falar — A mãe cansou de mim.

— Então por que ela não levou eu e o Guto junto? — Para um Lipe dividido entre mágoa e raiva, sete anos, se o castigo era para mim, por que ele sofria junto?

— A mãe tá brava comigo por que eu não ajudo ela a cuidar de vocês dois.

— Mas isso é coisa de mãe fazer. A mãe é quem cuida dos bebês.

— E o que o pai faz? — Perguntei, sabendo que esta pergunta era um tiro no pé.

O Lipe, parado com a boca aberta, me olhando enquanto eu cortava as bananas agora na cumbuca dele, não soube me responder. Ele, o tagarela da família, o espertinho prestativo ligado sempre no 220v, o mais parecido com a mãe, ele não soube me responder qual a função de um pai. Não soube responder porque ele nunca me vê fazendo nada. *Eis aqui o tapa na cara.* Filho aprende por observação. Vê o pai fazendo e copia, sempre foi assim. Se a mãe é quem

cuida dos bebês, o que é que faz o pai?

Meu filho não sabe o que faz um pai. Sabe que tem um, mas não sabe para o que é que serve. Não é o pai quem cuida dos filhos, é a mãe. Quem faz a comida, quem dá banho, quem brinca, quem educa, quem leva e traz da escola, tudo a mãe.

Para que então, olhando um filhote que não sabe o que faz um pai, que eu sirvo?

Para um garoto de sete anos, questões como “manter a casa e pagar as contas” não importam. Para ele, não importa quem põe a comida em casa, mas quem faz a comida, quem a coloca no prato, quem ajuda a cortar o bife. Para um garoto de sete anos, pagar as contas é tão importante como quem venceu a Guerra Fria.

— Você não sabe o que um pai faz, Lipe? – Insisti, sentindo o tapa na cara arder nos olhos.

— Você é meu pai, ué.

— Tá, mas o que eu faço? Guto, o que um pai faz?

— Você brinca com a gente, às vezes.

— Só isso?

— Leva a gente no parquinho, se a mãe pede.

— Só?

— O resto quem faz é a mãe, né – O Lipe completou, ainda sem saber direito o que responder – Os pais não podem dar de mamar, só as mães.

— Você precisa mamar, Lipe? – Eu podia ter calado a minha boca, não podia? Podia.

— Não! Eu não sou um bebê!

— Nem eu!

— A mamãe tá brava comigo porque eu deixo ela fazer tudo. – Assumi a culpa. Eu não sou homem de colocar a culpa nos outros quando vê o barco afundando. Macho que é macho assume, né? Pois então. – A mãe tá cansada de fazer tudo sozinha.

— Então é só você fazer o que a mãe faz que ela volta!

— É, papai – O Guto era o único da mesa que não tinha os olhos molhados – Faz a mãe des-ficar brava...

— Mas eu não sei fazer as coisas do jeito que a mãe faz. – De fato, não tomei café naquele dia porque eu não achei aonde aquela mulher enfia a merda do pó de café.

— Tudo bem, papai.

— Quer mais banana no seu prato, Lipe?

— Não.

— Quer, Guto?

— Não, papai.

— Pai, – O Lipe tem um jeito só dele de serpentear pelos assuntos e pelas cadeiras – não fica triste não, tudo bem ser burrinho.

— O papai não é burrinho. – O Guto me defendia.

— Ué, se ele não sabe fazer...

— Vocês não estão bravos comigo por ter deixado a mãe brava?

— Você tem que pedir desculpa. – O Lipe respondeu, ficando em pé na cadeira, na altura do meu ouvido, enquanto eu distribuía sucrilhos entre as cumbucas e punha leite por cima – Você tem que pedir desculpa e dar uma flor. Quando a Prô manda recado dizendo que eu converso muito na classe, eu faço assim.

— E Funciona? – Testei.

— ã-ham!

— Lipe, você não pode pedir desculpa de uma coisa e depois fazer de novo, senão a mãe não acredita mais no seu pedido. – E quantas vezes eu próprio já não pedi desculpa, flores na mão ou não, dizendo que vou melhorar e não melhora? – Tem que pedir desculpa e mudar, entendeu? Se pediu desculpa por falar muito na sala, não pode falar mais.

E isso servia para mim, também. Dois tapas na cara em menos de duas horas. Se eu pretendia pedir desculpas, vou ter que fazê-lo do jeito certo.

A primeira crise da nossa vida foi logo depois do nascimento do Guto. Ele tinha um dia de vida, nem isso, e eu não pude ficar em casa. Foram dezoito horas de parto, ela estava muito cansada e eu não estava lá. Eram duas crianças pequenas e ela ali, sozinha. Chegou do hospital e eu não estava lá para ajudá-la no pós-parto. Só fui chegar em casa no dia seguinte e só aí que fui conhecer meu filho – é claro que fiquei com ela na maternidade, mas não muito mais depois que Guto nasceu e com as minhas feições.

Trabalhei naquela madrugada mais do que qualquer outra, acertei os detalhes e deixei meu braço-direito tomando conta do resto. Passei a primeira noite do meu filho na rua – e ela tinha acabado de deixar o emprego para se dedicar aos nossos meninos.

Aquele abandono foi o tom que tocou no resto do nosso casamento. Ela não me perdoa e nunca vai me perdoar por isso. Foi um tapa na cara dela. Sim, ela estava sozinha, eu não servia para nada e as duas crias precisavam muito dela. O que me disse naquele dia martela na minha cabeça, mesmo cinco anos depois, deitado na nossa cama, sozinho, na segunda noite que dormi sem ela. Disse que me abandonaria assim que as crianças estivessem maiorzinhas, foi isso o que me disse. Agora o Guto amarra os próprios cadarços – era isso o que ela

queria dizer por "maior"?

Depois, sem que a primeira crise passasse, veio a segunda. As duas amigas dela voltaram da Europa e não ficaram muito felizes em descobrir que a Engenheira-que-tudo-podia agora era casada e com filhos. Eu a vi sentir o gosto da derrota e o mesmo desprezo que um dia ela cuspiu para cima de outras amigas dela que largaram a carreira pela vida do lar. O Guto ainda era um bebê com dois anos e eu a vi cogitar, olhando para o guarda-roupas aberto, se era a hora voltar para a carreira em suspensão.

Eu sempre me senti um bosta de marido por ter agido como uma tampa abafadora. A Fê flamejando e eu cortando suas graças. Me culpo por não ter dado mais lenha. O segundo filho, eu sei, boto minha mão no fogo a hora que ela quiser, o segundo filho é tão amado quanto o primeiro, só que o amor que derrama sobre ele é o amor que reservou para si. Ama o filho e perde um pedaço do próprio amor, um pouco por vez.

Eu podia ter dito a ela que nós quatro deixaríamos tudo no Brasil, se ela quisesse fazer um mestrado na Europa. Apertaríamos o cinto um pouco, é verdade, nesta casa não chove dinheiro, mas conseguiríamos, se planejássemos tudo. Eu próprio faria mestrado na Europa também, isso teria dado uma puta guinada no meu currículo, mas eu fui babaca. Coloquei o trabalho acima dos sonhos da minha esposa e não comentei um "a" sobre isso. Ela, coitada, não teve coragem de me pedir. Sabia que o marido bitolado em trabalho jamais aceitaria tal coisa. A Fê de antigamente teria me dito sua vontade e eu, bobo, correria para tirar o visto. Podei tanto a minha Fê que ela já não cresce como antes.

Eu sei, de alguma forma, que ela ainda me ama. Ou pelo menos, quero acreditar que sim. Ela cuida de mim e ainda fica feliz quando eu chego em casa, mesmo que eu não chegue exatamente feliz. Ela ainda prepara o café e a gente toma ele juntos, como quando éramos sozinhos. Sem tevê e sem filhos. Tinha dias que as manhãs eram mais alegres e dias mais tristes, mas não importava, ainda éramos ela e eu, na nossa cozinha, na nossa casa.

Depois que a raiva passou e eu vi quem era o culpado, só me sobrou tristeza. Assumi a culpa, mas não convivi bem com a pena. O segundo café da manhã sem a mãe não foi tão amigável quanto o primeiro. O Lipe mais me olhava do que falava e o Guto, sempre tão parecido comigo, mais observador e pacífico, menos furacão que o Lipe e a mãe dele, só chorava de saudade, sentado meu colo, quietinho.

Tratamento de choque. Foi isso o que a Fê fez comigo nos sete dias em que ficou fora.

— Por que você deixou a mãe ir embora, Papai? — Foi a única coisa que o Lipe falou, chorando um pouquinho também, limpando os olhos na manga do

uniforme.

Por que, meu filho? Porque seu pai cagou feio, porque seu pai é um babaca. Porque seu pai é um egoísta, um arrogante. Porque seu pai achou que daria certo engaiolar um pássaro selvagem. Porque ele achou que fosse o certo da história, ele achou que ser o patrocinador dos filhos fosse o suficiente.

Segurei o choro. Não era bom que eles me vissem chorar de medo de a mãe deles nunca mais voltar. Sumir nesse mundão de meu Deus sem nunca mais dar notícias.

Às oito da manhã dos dias de semana, na frente do portão da escola deles, pelo retrovisor, eu via que o rosto dos dois era um copia-e-cola do meu. Tinham o cenho franzido. Aquele era o carro da mãe, com as cadeirinhas dos bebês, só que era o pai dirigindo. A Fê tomou cuidado de sair com o meu carro que não tinha as cadeiras: planejou passar a noite fora, planejou deixar as crianças muito bravas, planejou que eu as visse assim.

De onde quer que estivesse, na cama de outro ou não, em hotéis pela cidade ou não, eu queria que ela ouvisse que eu entendia. Que nós três não somos nada sem ela. Eu assumo minha parte na culpa, Fernanda, você venceu. Se eu não tivesse sido tão relapso, tão desatento estes anos últimos, você não precisava sair de casa só para me fazer entender. Não precisava nos deixar assim. Sei que ficar longe dos meninos deve ser tão doído para você como é para eles. Eu nunca duvidei das suas qualidades enquanto mãe, pelo contrário. Se os dois são tão inteligentes, tão falantes, tão educados, em nada eles devem a mim.

Nos dias sem ela, eu ia trabalhar e saía mais cedo para buscar as crianças. Via a felicidade deles quando viam o carro da mãe deles, mas apagavam no exato momento em que me viam. Não, filhos, não é mamãe, é só o pai de vocês. No quarto dia adiante, não mais me cumprimentavam, só me fuzilavam com seus pequenos olhos inquisidores, perguntando o que diabos a mãe deles fazia que não estava ali com eles.

O que eu faria? Como dizer para uma criança de cinco e outra de sete que eu não sabia onde se enfiou o centro de suas vidas? Digo o quê? Como amenizar a verdade? Que nós brigamos e agora ela fugia de casa como uma criança rebelde quando os pais não fazem o que ela quer? É isso o que eu devia fazer? Cagar na cabeça de meus filhos com um milhão de hipóteses malucas? Mesmo sem receber os cumprimentos, eu os cumprimentava na volta para a escola e, depois, sem resposta, deslizávamos, mansos e melancólicos, nós três, para casa.

Falhar com a mãe não é só falhar com a sua esposa, é falhar com sua família inteira. É passar atestado de incompetente para as únicas pessoas que você não pode fazê-lo. Imagine como foi ficar sete dias nesta angústia.

Nos dias de sua ausência nós três chorávamos até dormir, na minha cama.

Não lhes dei mais nenhuma explicação para o sumiço, eu não tinha nenhuma resposta que fosse boa o bastante para acalmá-los. O Lipe chorava baixinho, sentido. Era a única vez que ficava parecido comigo, quando muito bravo. Já me perguntavam se algum dia ela voltaria, sentiam-se abandonados. Maldiziam a mãe de pura saudade. O Guto só sabia chorar, nem sabia que se chamava "saudade" o que sentia. Só cheirava o travesseiro da mãe e aninhava a cabeça no meu peito num choro sentido e triste.

O Lipe queria ser forte para o Guto, porque a mãe dele ensinou que o "irmãozão cuidava do irmãozinho". Nas noites que estavam com muita raiva de mim, dormiam na mesma cama, irmãozão cuidando do irmãozinho e o irmãozinho cuidando do irmãozão. Raiva que ia e vinha. Eu sei que eles me amam, mas eles me olhavam, enquanto jantávamos sem a mãe, me culpando. Fiz certo em assumir a culpa, em dizer a verdade? Não sei. Tem horas que eu acho que não, mas o que é que eu podia fazer? Subiam os dois para o próprio quarto depois do jantar e me ignoravam. O Lipe consolando o Guto, dizendo que "a mãe voltaria logo", mesmo que ele próprio não soubesse disso.

Ela os criava bem, na minha ausência. Eu é que fodia com tudo.

O Guto passou a se esconder no guarda-roupas da mãe. Levava seus lápis de cor lá para dentro, umas folhas, e ficava lá. Quietinho, no ventre. Depois foi o Lipe, com suas lições da escola. Dormimos os três dentro do guarda-roupas da mãe no quinto para o sexto e do sexto para o sétimo dia de ausência, depois que eu tirei um mar de sapatos do assoalho do móvel e desparafusei as gavetas.

A culpa decepa os seus nós. Se seus filhos querem ficar no guarda-roupas da mãe, você, pai omisso e relapso, não consegue dizer não. Pior que isso, vai junto. Cabíamos, um filho de cada lado e eu, cheirando a barra dos vestidos de uma Fernanda antiga. O Guto não chorou, o Lipe ia e vinha do choro. Eu, desde o dia um, não tinha desculpas para dar e não desafiaria a inteligência de meus meninos. Dizer que a mãe deles saiu de férias era uma afronta à inteligência deles: sem nem se despedir?

Não queria pensar que o estágio do choro passaria, que chegaria a raiva. O Guto entenderia o que é Raiva, com cinco anos? Saberia o que fazer com ela? O Lipe entenderia, aos sete? Eu, aos trinta e seis, entendo? Sei, eu próprio, o que fazer com a minha raiva?

Os sete dias que ficou longe me fez lembrar também, que além de péssimo pai, ausente que só o caralho, também sou um péssimo marido. Sou péssimo em demonstrações de amor. Nestes sete dias de ausência, só sete e também, tudo isto de dia, eu percebi que eu ainda sou doido por ela. Doido – de pedra; cego de amor. Precisei perder para constatar. É sempre assim.

Era domingo de manhã, bem cedo. Meus braços dormiam com o peso das

crianças sobre eles. Acordávamos a qualquer barulho, qualquer latido, qualquer motoqueiro babaca, qualquer estalido do piso de madeira. Acordamos com o barulho do portão e saímos em disparada. Era ela de volta, entrando de ré na garagem. Sete dias. Apertado, o peito queria cuspir o coração.

Tinha óculos de sol, os cabelos presos, os tênis de corrida, um blusão de moletom. Os filhos correram na frente, abraçados na mãe deles, chorosos. Guto soluçava, os olhinhos espremidos, agarrado de um lado; Lipe chorava bem baixinho, agarrado do outro lado. As lágrimas dela escorriam por baixo da armação dos óculos escuros e nenhum dos três ligou para mim.

Ofereciam abraços, juras de amor e um coração, digo, dois corações inocentes e calmos, que perdoam a tudo, que se esquecem de tudo. Ela era o centro da vida deles, ousadia minha achar que eu fosse mais que um mero coadjuvante. Sem ela, eles não existem. Sem eu, eles só entram na estatística. A mãe lhes bastava. Estupidez a minha achar que eu fosse um elemento crucial para aquela família. Meu trabalho, meu tão amado e nunca negligenciado trabalho era a única coisa que me fazia importante. Eu era o patrocinador.

E só.

Não voltava por mim, não era eu o alvo, eram os meninos. Murchei instantaneamente. Me olhou por um segundo, nem isso, de relance. Aquela era a real: Se não tivéssemos filhos, aquele adeus não dito seria o último.

Mas tínhamos, essa era a bênção. Ainda dava tempo de consertar as cagadas que fiz e não sei sequer enumerar.

Ela entrou com as crianças, perguntando se já tinham tomado café da manhã e eu peguei o carro ainda quente. Minha vez de sair, eu não queria ser um estorvo. Se ela voltava pelos filhos, eu não entraria no caminho dela, aquela não era a melhor hora de a gente conversar.

Claro que ela ia querer conversar, nós tínhamos que conversar, então que fosse numa hora boa, uma coisa que não a atrapalhasse as crianças. Fiquei fora, fui trabalhar de domingo, eu tinha coisas a resolver, de qualquer forma. O tempo que eu perdi saindo mais cedo para buscar as crianças na escola, eu podia recuperar naquele domingo.

Eu sou gerente de atendimento, publicitário de formação, sócio de uma agência. Eu lido com pessoas o dia inteiro, sou inteligente no trato com clientes, lambo e convenço até o Papa se ele quiser um comercial. Uma esposa que não está feliz comigo é até um ponto a menos no meu currículo de especialista em lamber saco.

É como dizem, não é? Em casa de ferreiro o espeto é de pau. Convenço a maior distribuidora de bebidas alcoólicas a virar cliente assídua da nossa agência, mas não convenço minha mulher de que sou um bom marido. Viro

sócio da empresa onde fui escravo por quase quinze anos, mas não sou parceiro da minha esposa.

Já era mais da meia noite quando voltei para casa. As crianças não se abalaram com a minha chegada, ela tampouco. Só me dei ao trabalho de atrapalhar o sono dela para passar para o banheiro e tomar um banho.

— Estou inscrita no mestrado. — Me disse, assim que abri a porta do nosso banheiro, a toalha enrolada na cintura. Estava sentada na cama, uma camisola quase infantil, os olhos arregalados sem nenhuma pista de que dormia.

Então era isso. Seis meses atrás, quando saiu o edital da Universidade em que se formou, ela comentou comigo sobre sua possível "volta à ativa". Eu, em tom de brincadeira, disse que ela estava enferrujada, que seria impossível de acompanhar os cálculos, que depois dos filhos, ela só sabia somar lancheiras e subtrair fraldas. Nunca falei sério, mas estas palavras saíram da minha boca.

Sem que eu soubesse fez a prova, sem que eu soubesse, passou. Sem que eu soubesse, se inscreveu. Talvez esta semana toda fora tenha servido de teste para descobrir se conseguia passar a vida sem a gente, sem eu, principalmente.

— Ok... — Me limitei, com entonação de "o que mais?"

— Peguei bolsa da FAPESP.

— Parabéns. — Disse, querendo dizer a congratulação que disse, mas com entonação de "o que mais?".

— E eu estou-

Eu sabia, eu sabia.

— Estou te deixando.

Com ela, eu não podia nem bater de frente, nem me rebaixar. Não lhe disse resposta e fui deitar no sofá. Não vou dizer que não chorei. Chorei sim, enfiado no banheiro do andar de baixo. Protelei ligar para ela durante a semana toda, puro orgulho. Me neguei pedir que voltasse. Agora, com a verdade tão clara, tão na minha cara, eu chorava. Era agonia, era aflição, era medo também. Era um reboio, o medo e o desespero se revezavam para me socar a boca do estômago. Choro engasgado que não vinha. Eu amava, eu ainda amo aquela mulher. Eu amo tudo nela, todas as nuances, todas as facetas, todas as coisas que pensar em fazer, tudo! É por isso inclusive que me casei com ela, que tenho filhos. Não queria perder todo nosso projeto, tudo o que construímos, tudo o que passamos.

Para casar tem que ser com aquela que vai te pentelhar a vida toda. Tem que ser aquela que a conversa não tem fim, nem as piadas, nem as risadas. Tem que ser aquela que você sonha em um dia poder voltar para casa depois de um dia de serviço e esquecer que trabalhou, esquecer que é segunda-feira, esquecer que está chovendo. Seu coração está em casa, você voltou para o seu lar e tudo

está bem – é com essas que a gente casa.

E foi com essa que me casei.

A gente não procura uma bunda durinha para casamento, a gente procura uma pessoa. Se ela vai ser mãe, ainda é uma outra decisão, mas eu dei sorte: de a dona do meu pau ser a mesma mulher que é mãe dos meus filhos.

O problema é que eu era um bosta, eu sou um bosta, eu falo sem pensar, eu machuco sem medir. Eu não quis feri-la eu não quis, juro que não. E ela levou a sério, o lance do cálculo. Seria só isso? Ou era esse só o estopim de uma vida de abusos? De frente para a privada, a vida se esvaindo, chorando feito um filho da puta, refleti. Desde o segundo filho que ela não era a mesma. Caíra por terra seu plano de ser uma mãe gostosa, de dar conta de ser mãe, engenheira e esposa. Desde aquela época, desde lá que não me trata igual. E eu, cabaço, não percebi, só acostumei. Acostumei aceitar a medida certinha de amor que ela me dava em doses mínimas, homeopáticas, placebo para um coração doente. Acostumei com ela ditando todas as nossas regras e me excluindo dos planos. Aceitei vê-la escorregar por entre os dedos.

O abandono estava maquinado, ela esperou o edital, estudou para a prova, passou e apresentou o projeto aos moldes da faculdade. Tudo calculado. Ela não abandonaria os filhos, eu a conheço. Ela os levaria para longe de mim e eu viveria como, de ração fracionada de amor nos fins de semana? De lembranças de tempos bons que nunca mais voltarão? De promessas de que "farei dar certo com a próxima"?

Aquele espectro de gente diante da privada não era só um marido chorão e perdido sem saber o que fazer, era como eu seria, como eu ficaria, se fosse abandonado pelas três pessoas mais importantes da minha vida. Era isso, aquele cara trancado no banheiro. Era o desespero em forma de gente. Viver sem eles seria como continuar vagando sem nenhum propósito, nenhuma alegria. Um Rodrigo sem cor, sem sabor.

E eu não queria ser este Rodrigo.

Era cinco da manhã da segunda feira, quando cansei de chorar, espremido no cubículo do banheiro. Rodrigo é chorão, Leitor, se acostume. Respirei fundo. Lavei o corpo querendo lavar a alma. Ela não me abandonaria. Eu não sosseitaria até tê-la de volta como nos tempos do carro apertado, do desespero de arranca-roupas, da época em que Fernanda era uma mulher-fogo. Daquele momento adiante eu não seria mais a tampa, não abafaria jamais, nunca mais, seu fogo. Eu seria, estava decidido:

Eu seria a lenha.

Por isso, saí do banho, seis da manhã da outra segunda, o mais arrumado possível, com o perfume que ela gostava, a camisa que ela gostava, a barba feita

e os cabelos meio molhados, como ela gostava. Fiz o café e esperei ela descer. A mesa estava posta como ela costumava pôr para mim.

Usava uma camisa do Van Halen que não usava há pelo menos sete anos, as mangas tão cavadas que eu via parte de suas costelas e sua tatoo. Foi fazendo aquela tatoo que nos conhecemos. Tão emblemática! Tão querida! Não usava sutiã e eu vi os bicos duros, apontando para mim, por baixo do logotipo. O short curto era outro sinal. Ela queria ser de novo aquela gostosa (por dentro e por fora) que um dia foi, abolindo de vez a máscara que tem usado nos últimos anos: Cabelo preso, camiseta de propaganda de político, leggings e os tênis. Queria abolir, usando roupas da antiga Fê, a falta de cuidados que a Nova Fê tinha consigo.

Ela sorriu para o gesto do café posto na nossa mesa quadrada. O sorriso mínimo denunciava tudo, ela não desceu do quarto com as armas em punho. Ela sabia que a mesa posta para ela era um ato meu de desespero, mas não o rejeitou. Sabia que eu também não queria briga.

— Bom dia. — Me disse, a voz rouca, os olhos castanhos inchados. Passamos a noite chorando; não fui só eu que se desesperou no leito. Sentou-se à mesa sem me olhar e eu lhe servi café. Era essa a minha deixa:

Capítulo 1

Seis meses

— Me dá seis meses. — Pedi.

— Um mês e olhe lá. — Ela me olhou com desdém por rabo de olho. Tinha raiva, eu entendia, era para ter.

— Me dá seis meses. Você aguentou nove anos de casamento, dois de namoro, sem contar o tempo de foda sem compromisso. Me dá seis meses. O que é seis meses? Me deixa ser seu homem de novo.

— Estou cansada, Dio. Não dá mais, estou no meu limite. Acha que eu gostei de ficar fora? — Chorou, a borda da xícara fumegante encostada nos lábios.

— Eu sei, é para estar, não te culpo. — Insisti.

— Não me culpa, mas não move um cu. Quantas vezes eu ameacei dar uma de louca? Quantas vezes, Dio? E você nunca me levou a sério. Por acaso eu tenho cara de palhaça?

— Nina...

O "Nina" saiu sem querer, há anos que eu não a chamava assim. Apelei demais. As lágrimas dela escorriam pelos cantinhos dos olhos. O que maquinava? Os lábios tremiam como quando ia chorar de verdade. Da última vez que a vi daquele jeito foi na primeira vez que o Lipe teve uma crise séria de asma. Nosso garotinho raramente ficava doente, mas em alguns dias secos ele ficava muito ruim. Lipe perde toda a alegria quando chega o outono.

Se qualquer um de nossos filhos descesse a escada neste exato momento, nos veria numa posição melancólica. Ela sentada ereta, como sempre, em sua cadeira especial, e eu curvado a ela, os cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça abaixo dos ombros. Totalmente rendido, era só passar a guilhotina.

Nossa cozinha não era grande, mas quando reformamos a casa para a chegada do Lipe, sete anos antes, a dividimos em dois ambientes por uma bancada sempre cheia. Do lado de lá da bancada, a pia, a geladeira, o fogão e os móveis. Do lado onde estávamos, a mesa quadrada que o Lipe decidiu onde seria o lugar de cada um e a mãe mandou fazer capas para os encostos das cadeiras, com nossos nomes bordados. Do tampo de vidro eu conseguia ver seus dedinhos dos pés contraídos, apreensiva. Um lustre bonito que estava apagado sobre nossas cabeças e a luz matinal que nos apanhava de frente, pela janela e a porta de vidro que dava para o quintal.

Um móvel, que quando compramos se chamava de bar, com um tampo

claro em cima, gavetas embaixo e duas portas, era o móvel mais perto de nós, atrás da cadeira do Lipe. Era onde ficava a maioria da comida rápida, coisas de café da manhã, torradeira, o pote de torradas, a máquina de espresso (dessas que a gente coloca a cápsula e nem sempre acerta a quantidade de água) e onde os bolos que ela fazia repousavam não mais que por duas horas – que era o quanto eles duram por aqui. Atrás do bar, preso na parede, um espelho com um monte de fotos na borda, por onde conseguíamos ver a patética cena de um marido que quer consertar a bosta no casamento.

— Você precisou de um choque para perceber. Eu disse, Dio, um milhão de vezes, eu disse que não estava contente como estávamos. Eu pedi compreensão, eu pedi parceria, eu pedi que você fizesse a sua parte, Rodrigo. Quantas vezes a gente já não conversou? Estou cansada, eu não aguento mais você. Criar filhos é a parte mais fácil do casamento. Foda mesmo, é o marido.

— Os meninos não sabem para que serve um pai – Confessei, falando isto em voz alta pela primeira vez, sentindo o peso que tem.

— Como você queria que eles soubessem? A gente vive falando isso, que filho repete aquilo que vê em casa, mesmo depois que cresce. Tá vendo agora o quanto a sua postura ausente é perigosa? O Lipe e o Guto serão pais também.

— Estive pensando nisso.

— E você quer que eles tenham exemplo de quem, se você não faz porra nenhuma?

— Me desculpa, Nina.

— Eu não vou me jogar nos seus braços e chorar nos seus ombros, Dio. Já chorei demais, até disso eu cansei.

— Me dá seis meses – Insisti, de novo. – Me deixa encontrar o caminho de volta para os trilhos, encosta e me observa, dança comigo mais uma vez, deixa que eu conduzo. – Se eu chorei? Você não choraria, no meu lugar?

— Meu foco agora é o mestrado, não você.

— Seis meses. Tenta comigo por seis meses.

— Toda vez que a gente briga você faz essa cara de cachorro sem dono e fala que vai ser diferente, que vai ser presente. Estou de saco cheio. Não dá para ser mãe de três filhos.

Antes, ela me queria e não precisava. Agora, precisa e não mais me quer. Eu entendia o abismo e detestava o lado em que me encontrava. Nunca foi minha intenção fazê-la dependente, presa numa gaiola. Eu a quero um pássaro livre que escolhe ficar. É essa a diferença entre a mulher por quem me apaixonei e a minha atual esposa. Ela ainda é um pássaro, mas as circunstâncias é que me fodem.

— Seis meses. Eu não brigo nem pela guarda das crianças, nem pelos

bens, mesmo se você quiser o divórcio agora agora, tudo vai ser como você quiser, – Repeti como se ela ainda não tivesse entendido o que eu queria. Desabei, chorando muito, saía dos meus olhos o extrato da cuzonice. – mas por favor, não me deixa.

Separações não são simples. Eu poderia me ajoelhar na frente dela, fazer juras de amor, prometer mundos e fundos, mas que diabos adiantaria? Ela não era uma menina em idade escolar que procura desesperadamente pelo primeiro amor. Ela era uma mulher que nunca se desfez por homem nenhum, que nunca se diminuiu por um pau e uma promessa. Eu não me casei para isso. Eu não serei o homem que a diminuirá, eu não serei o marido que vai afrouxar a coleira simplesmente porque nunca lhe dei uma. Eu casei porque não vivo sem ela, porque minha vida é melhor só por que ela existe. Eu poderia comovê-la com palavras? Claro, eu sou bom com pessoas. Mas, que adiantaria? Eu prefiro provar que sou o homem que a merece, eu prefiro brigar por ela, prefiro assumir a merda e reconstruir o que perdemos. Isso sou eu: Se a conquistei uma vez, posso muito bem fazê-lo duas.

— ... pelas crianças. – Respondeu, vencida. E eu me senti mal por vencê-la pelo cansaço.

— Não, assim não. – Ergui o corpo, olhei-a no mesmo nível, olho no olho. Não vai valer a pena se ela não der outra chance para a gente em nome do que temos, em nome do que somos, em nosso próprio nome – Não quero que você me dê uma chance pelos meninos, nós somos bons pais, não é isso que está em jogo. Eu quero que você me dê uma chance de ser seu homem de novo. Quero que você volte a me querer, quero que me deseje. É o nosso casamento que quero recuperar, é por ele que peço seis meses. Pelo nosso casamento e pela antiga você.

— Que o seu foco seja outro além do que o que tem sido. – Isso é um sim, não é? – Eu vou me sentir culpada se o mestrado tomar muito do meu tempo e eu não conseguir dar tanta atenção aos meninos quanto eu dava antes.

— Esses sete dias sem você foi a pior semana da minha vida.

— Eu estou me sentindo uma mãe desalmada.

— Não te culpo. Foda mesmo é os meninos. Doe demais neles.

— Em você, não?

— Também, Nina. Nunca pensei que você seria capaz de deixá-los.

— Eu deixei os meninos com o pai deles. – Respondeu, como se eu a tivesse atacando – Não os deixei sozinhos, sem amparo. Quantas vezes você não os deixou na minha mão, Dio? Eu não abandonei filho, deixei na mão do pai!

— Estou só dizendo que eles sentiram sua falta. – Recuei – Morremos de saudade, Nina. Eles estão acostumados a não me ver em casa, mas nunca

ficamos sem você, antes.

— Da próxima vez, quem vai embora é você.

— Não vai ter próxima vez.

— É assim que você cativa os clientes da agência, né? Convince os outros do que for – Ela sorriu, tímida e minimamente. – Agora sei por que te ofereceram sociedade.

— É o que eu faço para viver. – Me ofereceram a sociedade porque sou bom e porque sacrifiquei tudo ao meu redor em prol de uma empresa que não estava nem aí por mim. Sorri, aquele sorriso meio desconsertado, quando você dilui uma piadinha quebra-climão num clima pesado e sério. – Vem comigo, Nina? Mais uma vez?

Fernanda me olhou com os olhos escuros e grandes que ela tem, analisando a minha figura. Chorávamos, contidos. Não somos escandalosos. A nossa revolução vai ser de resistência, casamento é resistência. Você escolhe uma pessoa e decide lutar por ela a vida toda. Só me toco disso agora, olha que esperto, logo agora, quando quase não a tenho. A circunstância é uma ironia fina, sutil, mostrando para a gente o tempo todo o quanto somos idiotas.

O Rodrigo de vinte e quatro anos, quando conheceu Fernanda de vinte e três, era só um porrinha recém-formado que abandonou a queijaria dos mais em Minas para ser publicitário ganhando uma merreca em São Paulo. Ela, mulher urbana, moderna, que namorava todo mundo e não andava fixo com ninguém, aprendeu a gostar do menino da porteira que cheirava a leite. Eu era o fulano mais besta desse mundo, de uma inocência boa, meio utópico e sonhador, é verdade, e ela vinha de um lar cujo pai tinha, em segredo, duas outras famílias.

Fernanda era a antítese de Rodrigo, naquela época. Quando a gente começou, ela atendia o telefonema de outro rolo na minha frente. Enrolava o cabelo nos dedos, jogando charminho para mim enquanto se despedia do outro.

Francamente, eu não sei o que aquela gata via em mim e nem é hora para isso, mas a olhando refletir se vale a pena e dar mais seis meses, é nisso que penso. Fernanda, que sorte ter te encontrado no caminho. Nina, me perdoa só ter percebido que não sei viver sem você só agora quando já quase não te tenho.

... E por outro lado, obrigado por este aviso. Se você não tivesse saído de casa e metido o pé, muito provavelmente eu só perceberia as merdas que fiz anos depois do divórcio.

— Seis meses. – Respirou conformada, concluindo. – Você tem até dois de setembro. É tudo o que te dou. E, se eu ver que está tudo a mesma bosta, Rodrigo, te ponho para fora a qualquer hora.

Beijei-lhe rosto, eu sabia que avançar para beijar-lhe a boca seria um movimento muito precoce. Afastei-lhe os cabelos ondulados das lágrimas e ela

baixou os olhos, bebericando a xícara de café. Eu tinha um plano a armar, agora. Sorri contido, nem disfarcei. A promessa de me aturar por seis meses e o gosto de um objetivo que vai ser delicioso alcançar esquentavam o peito num calor bom que me avisava que nem tudo estava perdido.

O relógio de cima da porta da cozinha que dava para o quintal mostrava cinco para as sete. Eu poderia levantar e acordar as crianças, mas elas já tiveram uma overdose de mim. Prefeririam a mãe, se pudessem escolher. Coloquei o pires sobre a xícara dela para que o café não esfriasse e coloquei, em cima de seu jogo americano, junto de uma colher, um iogurte que ela gostava de tomar de manhã, um sinal para que ele entendesse que não tinha terminado o próprio café.

Esse era parte do plano: fazer o máximo de coisas que eu puder, junto dela. Parceria, como me pediu tantas vezes. Não a deixar sozinha, nem insegura. Minha Fernanda sempre foi segura de si, parte desta nova "insegurança" era de minha autoria. Parte desta mulher que se deixou de lado, que se ignora para viver para os filhos e por mim, isso é culpa minha e era também meu dever lembrá-la de que ela era a mulher mais linda, mais gostosa, mais sensacional que eu já vi.

Por isso, enquanto ela chamava as crianças, as ajudava a escovar os dentes e colocar o uniforme da escola, eu fiz a lancheira delas. Antes, ainda semana retrasada, eu ficava na cozinha, no celular ou mandando e-mails para meus colaboradores, enquanto ela fazia tudo.

Apreendi, pela semana que ela esteve fora, que a sobremesa do lanche da tarde era fruta. O Lipe tentou me enganar dizendo que chocolate era a sobremesa de todo dia, mas o Guto, sempre bonzinho, corrigiu: Chocolate só de sexta-feira. Puxei da geladeira pães de forma e frios, montei os lances embrulhados em papel alumínio me prometendo que sempre os faria de noite. É um sistema melhor, eu entendi lá pela quarta ou quinta-feira em que fui pai solteiro, que deixar as lancheiras prontas de noite previne que eu me esqueça delas, de manhã. Pensando nisso e no novo formato de casamento que eu estava disposto a criar, coloquei em cada uma das lancheiras, um pote de plástico com seus devidos nomes, os sucos de caixinha e a fruta: Uma maçã para cada.

Arrumei a mesa para os meninos. Em cima do jogo americano de cada um, o copo e a cumbuca, o cereal na frente deles, o leite gelado, o chocolate em pó. Desde semana retrasada estou em dúvida se os meninos só tomam leite de manhã, ou se a mãe deles espreme laranjas. Coloquei banana picada no fundo da cumbuca de cada um e joguei um pouco de mel (que eu resgatei, quase todo endurecido, no fundo de um dos armários).

Lipe desceu primeiro e estranhou que eu não estivesse sentado no meu lugar, o celular na mão. Depois, sorriu. Sabia que eu não queria mais que a mamãe fosse embora. Me deu um beijo de bom dia como sempre dava e sentou-

se no lugar de sempre, espiando para dentro da sua cumbuca.

— Por que o Guto ainda não desceu?

— Ele teve um pesadelo.

— Papai vai ver o que está acontecendo. Tudo bem você de ficar sozinho?

Deu de ombros. Subi as escadas limpando a mão de bananas na calça. Fernanda conversava com o Guto, que ainda sentado na cama, chorava. Trocavam segredos. O Guto estava com medo de a mãe ir embora de novo. Tinha o focinho enfiado no cangote dela, as mãozinhas cheias com os cabelos da mãe.

— A mamãe já disse, filho. – Beijava o rostinho curto e bochechudo do menino – Não vou a lugar nenhum.

— Quando você ficar brava com o papai de novo, você me leva também?
– E tome chororô. – Não quero ficar aqui com o papai...

— O papai não foi bom para você nessa semana que eu fiquei fora?

— Foi, – soluçava, muito magoado. – mas não quero ele.

— Não quer o papai?

Desci as escadas. Não era para eu estar ali, de qualquer forma. Cortava o coração por ver meu filho com medo de ser abandonado e por saber que viver comigo era uma bosta.

A semana em que a Fernanda ficou fora foi, além de a pior semana da minha vida, também a pior semana de rendimento no trabalho. Chegar mais tarde e sair mais cedo não era problema, mas eu trabalhava sem toda atenção, dividido. Se não pensava nela, pensava nos problemas de casa. No cesto de roupa para lavar, na comida da geladeira, na louça que não consegui lavar, se eu tranquei todas as portas de casa, se a lancheira dos meninos tinha comida o suficiente, se eu assinei o recado que a professora mandou, pela agenda.

Coisas que eu nunca precisei pensar, antes. Olhar Fernanda descendo as escadas segurando um Guto choroso pela mão me deu mais um tapa na cara. Se foi difícil para mim, por que eu achei que seria fácil para ela? Ela largou o trabalho justamente porque era muita coisa para fazer sozinha. E agora, com os filhos menos dependentes dela, estava mesmo na hora de ela voltar para a carreira em hiato.

E se ela tivesse dito que era isso o queria? Ela podia ter dito com todas as letras, que queria voltar para o trabalho e retomar a vida de engenheira. *Rodrigo, não seja tapado, ela disse.* Ninguém vai fazer um mestrado por diversão, para ocupar a cabeça, porque não tem nada melhor para fazer.

A primeira solução de "novo casamento" foi diminuir o número de horas no trabalho. Digitalizar as relações sociais que não demandassem minha

presença. Voltar a usar o telefone, dobrar o número de e-mails. Comparecer às reuniões e tentar sair delas com pelo menos, três "to-dos", para não ter que participar de outra, emenda da primeira. Além disso, eu tentaria arrastá-la, sempre que possível, ela e as crianças, para as festas de lançamento dos meus clientes. Chega de entrar sozinho na festa, varar a madrugada e ainda chegar na agência bem cedo, no dia seguinte: Isso não é vida para ninguém.

Eu tinha, como gerente e sócio, poder para fazer meu horário, mesmo que meus colegas estranhassem. Eu era o fulano que abria e fechava aquela joça, eu era o nerd rato de trabalho que, pelas costas, todo mundo me chamava de "sem-transa".

Subir muito na carreira me focou muito numa coisa e me desligou do importante. Isso, e meu egoísmo de supor que ela não sentia falta da carreira dela, somado ao meu imenso desleixo.

Busquei as crianças naquele dia, dois de março, a mãe deles estava no primeiro dia do mestrado e, sem saber como as coisas por lá funcionariam, ela me ligou avisando que não poderia pegar as crianças na escola. Não sei dizer se aquilo era Dona Fernanda me testando, ou se foi de verdade: Eu só sei que, pela primeira vez desde que os meninos são vivos, que, mesmo com a mãe deles em casa, eu quem saí mais cedo do trabalho para buscá-los. Vendo que ela demorava para chegar, eu aproveitei que já estava em casa e fui adiantando a janta.

— Papai vai fazer a janta?! – Lipe entrou na cozinha me olhando como se eu segurasse o Santo Graal.

— A mãe passou o dia inteiro na escola, é justo que chegue em casa e descanse um pouquinho.

— Você também passou o dia fora. – Certo, sempre certo como uma flecha, meu filho mais velho.

— É, mas eu sou homem. – Usei a bíblia dos machos para me justificar.

— Eu também sou!

— Então vai lá para cima e toma seu banho.

— E o Guto?

— Já vou subir com ele, suba você primeiro.

Coloquei a água do macarrão no fogo e subi com o Guto, que brincava solitário com seu boneco de ação. Lipe era um menino grande de se banhava sozinho, a gente só tinha que ficar em cima, senão ele esquecia de lavar algumas partes, principalmente atrás das orelhas e os pés. Guto entrou depois, enquanto o Lipe se enxugava. Eu não colocava a mão no Guto, mas ele precisava de

coordenadas. Gostava da independência do irmão e queria ser como ele, embora não conseguisse nem ligar o chuveiro, nem passar sabonete na esponja sozinho.

Descemos, a água fervendo na panela, metade já tinha evaporado. A gente aqui em casa toma banho ao estilo *The Flash*, menos a mãe deles quando vai lavar a cabeça. Coloquei os dois para fazer lição e foi neste clima que Fernanda chegou. Um livro embaixo do braço, uma pasta grande de plástico e a bolsa. Colocou tudo no aparador na entrada da sala, junto das chaves e os documentos.

Beijou o topo da cabeça dos filhos, estranhando que eles já estivessem de banho tomado, cheirando o cabelo molhado deles. Sorriu para mim em agradecimento. Me beijou o rosto e foi bom. Contato mais sincero que nos meses últimos.

— Detestei seu carro automático. — Sentou-se em seu lugar, querendo conversar. Devia ter um milhão de coisas para contar da nova experiência. — Só queria dizer que quero meu carro de volta. Marchas, quero minhas marchas, minha embreagem. Só para fazer aquele Cristo pegar, um parto.

— Shiu, mãe. — Lipe era exatamente como ela. Ela o olhou com cara de "Como é que é?!". — Estamos fazendo a lição.

— Vai tomar seu banho também, daqui a pouco a janta está pronta.

Embora sorrisse, nem responder a Fê respondeu, só subiu. As crianças terminaram a lição e colocaram os lápis de cor que ficavam em casa na gaveta do bar que era delas, devolveram as folhas da lição em suas pastas, no aparador de entrada, onde a mãe deles já tinha feito a maior bagunça com os novos objetos.

Fê descia vestindo um short ainda mais curto que o de manhã e bem mais leve, com uma camiseta de propaganda de político com uma repaginada: cortou as mangas, cavou a regata até aparecer sua última costela. Nunca adorei tanto aquela camisa laranja com um número de candidato na frente. Os cabelos soltos que Guto se aninhou com facilidade impressionante, chupando o dedo. Ainda não matou toda a saudade dela, nem o Lipe, que pirulitava ao redor da mãe, enquanto ela arrumava a mesa para nós.

— Dio, tá cheirando queimado.

Eu sou muito disso, o leitor vai se acostumar, de divagar sobre coisas que ninguém me perguntou.

— Então, a sala é pequena. Com especialização em vigas e estruturas, só tem eu. — Jantávamos o yakissoba que preparei (Macarrão frito com molho inglês e um verdinho no meio para dar cor e não pense que se tratava de um puta prato, porque estava longe de ser Um Senhor Yakissoba) enquanto ela contava as novidades — Também, sou a única mulher.

Lógico que ela era a única mulher. Quem faz engenharia civil e se especializa em pontes e prédios? Ela vivia reclamando, quando a gente ainda namorava, que os engenheiros das outras áreas "só sabiam fazer projeto com robô jogando futebol". Antes de ela ter o Guto, trabalhou nas primeiras etapas do projeto da Estaiada daqui de São Paulo, o Guto apareceu na barriga dela bem no meio do projeto e ela o largou. Todos os seus colegas estão muito bem de vida depois disso e, antes que ela abandonasse totalmente a empresa, aos colegas e ao chefe, ainda conferiu, por muitos meses, às contas. Antes de abandonar e virar dona-de-casa, Fernanda ainda prestou consultoria para os colegas sem cobrar nada por isso.

Aquela foi a última contribuição da Fernanda enquanto profissional, antes de abandonar o show. Saiu em grande estilo e queria voltar do mesmo jeito. Vira e mexe mandam e-mail e ligam aqui em casa com propostas de emprego que ela não queria aceitar. Minha Fê, soando redundante, é sensacional. Eu que sou um babaca ter as mãos besuntadas em óleo e ter minha família nas pontas dos dedos, a um passo de ter tudo perdido.

— ... A maioria ainda é tudo moleque. Tem um ou outro que é mais velho, mas a maioria é moleque. Um lá é especialista em acústica, parece ser uma coisa muito legal.

— Mãe, — Lá vinha o Lipe com suas considerações — na sua escola você estuda o quê? Eu não entendi direito.

Fernanda podia levar o filho para dar um passeio e mostrar seus projetos pela cidade, prédios comerciais e pontes erguidas por engenhosidade dela e de sua equipe, mas era mãe. Abriu um sorriso imenso e só disse:

— Mamãe faz conta, filho. Matemática.

— Eu gosto de matemática. A gente podia estudar juntos e eu te ajudo.

— Ah, você me ajuda? — Rimos, ela mais ainda. — Pois eu duvido você me vencer amanhã. Eu vou chegar mais cedo e a gente aposta um contra o outro. Quero ver você ganhar de mim.

Ele só balançou a cabeça assim para os lados como quem lamenta "Coitadinha...".

Capítulo 2

Prepara-te para a Queda.

Rodrigo é o tipo de homem que logo de cara você pensa três coisas: a primeira é que não teve muitas namoradas na vida, mas teve muitos rolos. Isso por um lado é bom, um homem que não quebrou o coração muitas vezes nunca está acostumado a macetes e atalhos que os mais rodados têm. Quem não quebrou o coração muitas vezes não está cansado do amor, ainda. Gato escaldado tem medo de água fria, né. Homem com pouco histórico não te beija desconfiado. Por outro lado, ter tido namoradas poucas é ruim, porque nunca se sabe se elas o adestraram direito.

A segunda coisa que você supõe sobre homens como Rodrigo é que são fáceis, easy-going; Minha quilometragem não é tão grande quanto eu gostaria, mas você supõe que homens como Rodrigo não ficam de joguinhos amorosos, não estão com você ao mesmo tempo que estão com várias outras e, as chances de cancelar um encontro depois que você já passou maquiagem e arrumou o cabelo, cai drasticamente.

A terceira... é que mais cedo ou mais tarde a gente vai se foder, por homens como Rodrigo. Eles têm cara de família estruturada com pai e mãe, está na cara que foram bem-criados. Tudo o que eu pedi, no nosso primeiro encontro, assim que o vi sentado na cafeteria, é que eu soubesse a hora de parar, que não me afundasse no poço do amor ao ponto de não conseguir me ver, tão iludida a ponto de largar tudo para trás, tão carente por ver a diferença entre o ideal e o real que não pudesse viver por mim. Era isso o que eu pedia. Rodrigo é o tipo de homem que faz você sonhar em casamento mesmo sabendo que casamento é furada.

Rodrigo é um tipo que vai foder com a gente. Pula para dentro da sua vida e você fica sem saber como agir, como se portar. Ele é um homem que a minha finada mãe ia querer que eu me casasse, eu soube assim que nos cruzamos, no estúdio de tatuagem. Torci para que o sexo fosse ruim e não foi. Torci para que não me ligasse no dia seguinte e me ligou. Coloquei-o no patamar dos Paus Amigos e misturei-o no pote dos homens que eu pegava por pegar. A maioria não aguenta mais de três fodas e vão-se embora, eles mesmos rotacionam. Só que Rodrigo... Rodrigo tinha posição fixa.

Por ele é muito fácil cair de quatro. Se você não presta atenção, pode confundi-lo com um desses homens de negócio que nunca se casam. Tem que ter olho de águia para estas coisas. Tem que ver que a diferença do meu Rodrigo

para os homens de negócio que a gente vê pegando metrô é a delicadeza com que trata qualquer um. O sorriso que ele presenteia a moça que ele gentilmente deixou passar na frente, pela porta aberta.

Os cabelos escuros e lisos sem disciplina, com um redemoinho na frente que fica parecendo um topete singelo. A pele é levemente queimada pelo sol, coisa pouca. Feições de galinha, de cafajeste, mas um cafajeste que sabe a hora de atuar e não esses moleques de hoje em dia que não pode ver uma moça de calça mais apertada que já está lá, pendurado nela, pronto para dar o bote como um cachorro. Meu Dio transava com a cabeça de cima. Rodrigo agia com a cabeça de cima, eu diria, pelo menos oitenta por cento das vezes. Eu só não podia usar saltos, usá-los era como fazê-lo de servo, ele nem sabe o que faz, mas o faz por que eu mandei. Como um choque no cérebro de um pobre ratinho.

Quando digo que meu marido costumava transar com a cabeça de cima, tem quem se surpreenda. Digo isso não como depreciação, pelo contrário, eu sempre preferi este tipo de homem, o que sabe que pau é um instrumento, não a nave-mãe. Ele tinha o cuidado de me esperar esquentar antes de sair querendo meter. Não se importava se iríamos ou não envolver o pau dele na brincadeira. Rodrigo encarava sexo como um jogo, xadrez talvez. O xeque-mate é a porra e costumava não deixar meu rei de pé.

Não só o sexo foi jogo para ele, toda a vida, todos os aspectos, foram como jogo. Objetivos. Quando ele quis ser gerente de atendimento, o Guto nascia. Nem isso foi páreo para ele ficar em casa: me deixou em casa vinda do hospital e voltou para a empresa.

Rodrigo tem um metro e oitenta e não é rato de academia. As costas são largas e as pernas são fortes, a bunda é bem boa de pegar e ele fica muito gato só de cueca. Tem as mãos grandes, graças a deus não são como as desses moleques de escritório, emasculadas, quase femininas. É mão de homem. Tem aquele jeitão de quem assenta uma laje e bate numa bunda que é uma beleza. Tem um porte imponente, no limiar entre a classe e a arrogância, coisa que ele aprendeu com a idade. Aos vinte e quatro anos, o Rodrigo tinha um andar bruto demais, um jeitão sério, sóbrio demais. Rodrigo é o tipo de homem que envelhece melhor que a encomenda. O maxilar quadrado é o charme, junto dos olhos escuros que, acompanhados de sobrancelhas grossas, parecem que sempre estão te chamando para a cama dele. A boca, quando se curva num sorriso, é a cereja do bolo do meu agora marido.

Com trinta e seis, os cabelos brancos ainda não chegaram, mas eu torcia para que não se demorassem. Rodrigo com uns fios brancos será um charme.

O problema com a nossa relação não começou hoje, nem ontem. Começou quando o Lipe nasceu. Ficamos tão felizes quando descobrimos a

gravidez que não nos cabíamos. Felizes e igualmente perdidos. Quando grávida, só alegrias, nunca tive tanto tesão. E o Dio me acompanhava, coisa de louco. Proibidos de penetração do quinto mês adiante, a gente saiu à caça de alternativas. Eram mãos, bocas, bunda, era tudo ao mesmo tempo. Zonas erógenas que não costumam ser erógenas sempre.

O balde de água fria veio no nascimento. Esperávamos um menino, o quarto todo arrumado, aquela coisa toda de pais de primeira viagem. Rodrigo pediu uns dias no serviço e ficamos, nós dois e o pequeno Lipe, na casa que compramos para esperá-lo chegar. Vendemos nossos carros e eu cogitei vender o apartamento da minha mãe, mas o botei para alugar. Foi melhor não tê-lo vendido, no fim das contas. O aluguel da casa antiga pagava a parcela da casa nova.

Lipe, recém-nascido, não dormia. Durante o dia era silencioso, mas virava a noite acordado. Eu, que nunca fui uma pessoa noturna, comecei a ficar bem mal com as noites mal dormidas. Nos distanciamos; a festa que era a gravidez acabou. Lipe era um ser vivo que precisava comer e eu era a responsável por isso. Para não enlouquecer, nos seis meses de licença-maternidade me dediquei ao meu menino e um ou outro curso livre da faculdade onde me formei, que fiz mesmo só para não esquecer como era o gosto de ser engenheira.

Sempre adorei aliás, o fato de eu ser a única mulher da sala. Adorei ainda mais arrastar o pequeno Lipe para estes cursos. Os homens todos de terno e gravata, aquele clima profissional e o pequeno Lipe ali, senão brincando com seu móbil do carrinho de bebê, mamava. (Sim, eu dei de mamar para o meu filhote dentro da sala de aula só com homens, sabe por quê? Por que isso se chama poder. Você faz o que é seu por direito e espera as reações. Ninguém deve olhar uma mãe que amamenta um filho, mas todo mundo olha, aquilo ainda são peitos e aquela ainda era uma sala lotada de ranço e suor masculino, todos pretensamente profissionais).

Uma mãe que amamenta numa sala de aulas como aquela era um desafio: "Vocês são profissionais, ou um bando de abutres"? A maioria era profissional. Que ficavam para trás quando saía a média final. Uma mãe que "não tem nem com quem deixar o bebê", como um trator, passa por cima desses engenheirinhos que só fizeram engenharia pela grana. É por isso que eu adoro a minha profissão. Podem pagar o CREA e querer vir bater na minha cara com a carteirinha: ser engenheira, a primeira da turma, mãe casada ou solteira, me dá poder.

Confesso, entretanto, que para não deixar a peteca cair sendo mãe e profissional, deixei-a cair com Rodrigo. Me sinto culpada. Eu chegava em casa

tão cansada que não queria conversa e ele, em vez de estar ao meu lado e entender o momento de adaptação, se adaptar a mim, me ajudar de algum jeito, sugerir mudanças, quem sabe? Preferiu se afastar. Ficou de fora só observando e reparando danos. Não se fez presente. Começou a se afundar no trabalho e nos deixou. Saía muito cedo, chegava muito tarde e pronto. De fim de semana era pai, mas não era marido, parte por que eu não tinha disposição de ser esposa.

Quando voltei para o trabalho... O momento mais triste do dia era deixar o Lipe na creche da empresa. Diferente da maioria das mães, tive tantos privilégios que mal posso contá-los. Creche na empresa? Para a maioria das mães, isso não é nem sonho!

Eu passava o dia querendo saber do menino. Eu o via na hora do almoço e nas pausas, mas não era a mesma coisa. Não foi comigo que Lipe aprendeu a engatinhar. A enfermeira ligou no meu ramal e todo mundo do departamento desceu para ver o show. Ali, pela primeira vez, cogitei largar meu trabalho. Todo mundo me dando os parabéns, aquela festa pelo vidro da creche e eu ali, num choro arrependido. É foda ser mãe nessas horas. Sua cria crescendo e você se provando para o mundo que mulheres engenheiras são tão ou mais fodas que os homens engenheiros. Intimidando mestres de obra, corrigindo cálculos que a máquina sabe fazer, mas que o novo estagiário quis se aparecer fazendo sozinho.

Ao saber da gravidez do Guto, eu não quis sofrer de novo. O Lipe era o arteiro mais bonito daquela creche, fazia dois aninhos. Conversei com meu chefe, o melhor chefe que eu já tive. Ele tinha filhos também, duas adolescentes, a esposa dele trabalhava no RH. Eu disse na lata, sem rodeios e ele foi sincero comigo. Deu-me o afastamento por tempo indeterminado. Eu poderia voltar a hora que quisesse, nas palavras dele: "Quando eu sentisse saudades da pedreira e cansasse de brincar de casinha".

Chorei na festa de despedida que fizeram, quando só os vestidos passavam na cintura. Todo mundo supõe que num ambiente de trabalho masculino, você é obrigada a ser como eles. Que você não pode ser feminina, nem alegre. A mais pura babaquice, você nunca vai ser um homem e não precisa sê-lo. Você não está na concorrência pela carteirinha do "clubinho do Bolinha", eles nunca abrirão mão dela, nunca deixarão você entrar no clubinho deles. Aprendi que, se eu quiser fazer um trabalho bem feito, tenho que fazê-lo sozinha. Se fizer em grupo e só tiver homens nele, os louros serão para eles. Quer ser boa num ambiente masculino? Seja sozinha, ou eles serão o seu trator.

Nós já tínhamos conversado sobre a minha saída do trabalho, mas todas as vezes que toquei no assunto ele se calou, dizia que era uma escolha minha. Quando eu finalmente tomei uma decisão, quando saí, cheguei em casa contando do acontecido e ele me sorriu. Sorriu de uma forma que me deixa puta até hoje.

Era como se ele tivesse ganho, como se dali para frente eu fosse a esposinha medíocre que ele sempre quis que eu fosse. Ele era o dono, agora ele tinha o poder, ele mandava, ele estava por cima. Eu viveria às custas dele, ele estava no controle. Foi isso o que vi em seu sorriso triunfantemente contido.

Nunca mais fui a mesma. E ele, que já não era o mesmo desde o nascimento de nosso primeiro filho, só continuou agindo em casa como o "hotel que ele usava para dormir". Rodrigo era servido. Sua roupa era lavada por mim, suas refeições feitas por mim, a casa dele era limpa por mim e no fim do dia, ele ainda queria que eu fosse a namoradinha que o servia na cama. Ele entrava com a grana e eu com o know-how, este era o contrato oculto que assinei no dia que me afastei do trabalho. Nunca mais amei aquele homem, o meu homem, como quando éramos solteiros. Ele não merecia e pior, eu me ressentia, me esquecia, me diminuía, aceitava os deboches, os desleixos, as mazelas. Fui permitindo, autorizando aquele monte de abuso. De alguma forma, imersa no problema, você se acostuma com ele. Acostuma com a dor de ser deixada de lado, de ser esquecida.

E quando vê, está partindo de casa com a roupa do corpo, a carteira e o celular, no carro dele.

Só deus sabe por quantas vezes ensaiei o divórcio. Ter filhos pequenos é muito divertido, é sim, mas ter um marido do século XIX mina com a gente. De repente me vi enfiada em tênis de corrida, leggings e camisetão. Eu nunca fui disso. Os cabelos desgrehados, puxados para trás num rabo de cavalo sem cuidado, um cabelo que chegava a dar pena. Decretado o fim da Fernanda, nascia a dona-de-casa, a escrava do lar. Passei a odiar o que eu via no espelho e me afundei ainda mais no cuidado com os filhos.

Não podendo mais contar com ele, segui pela vida fazendo tudo por meus filhos, tudo pela casa. O vi ganhar a gerência ainda quando o Guto era recém-nascido e ele vivia para ser gerente, não pai, nem marido. Nós não éramos mais prioridades na vida dele como ele sempre foi na nossa.

Foi assim até meu Lipe entrar na primeira série, com sete aninhos. Meu Guto, o menor e mais doce dos dois, ingressaria no pré. Meu chefe me mandou um e-mail com o PDF do edital do mestrado na USP, onde me formei. Aquela era a hora de a Fê voltar a ser a Fê, quando meus dois homenzinhos entrariam em horário integral na escola.

Comentei com o Dio sobre o que eu queria fazer e o vi me rebaixar ainda mais. Riu, dizendo que eu "não me lembrava mais como fazia contas sem ser de mais e de menos.". Eu juro que eu sou legal, mas até isso tem limites: Ouvi-lo dizer isso me ferveu o sangue. Ele veria só uma coisa, para largar de ser besta.

Ridicularizar meu sacrifício pelo nosso casamento e pelos filhos que não

fiz sozinha foi demais para a minha cabeça. Rachei de estudar, em segredo, para a prova. Ele ia ver só uma coisa. Tinha uma única coisa que ele não conseguiu destruir em mim, que foi a minha grande falha de nunca baixar a cabeça. Recuar sim, baixar a cabeça, jamais. Eu não fui criada para baixar a cabeça, eu honro demais a lembrança da minha mãe para isso. E eu o faria se arrepender do que disse e dos anos de negligência. Meus filhos não dependiam mais de mim como antes e, se eu aguentei aquele caminhão de merda por ele, dali em diante eu não mais aguentaria.

Rodrigo é bonito, é gostoso, é bonzinho e o escambau, mas ia ver só com quantos paus se faz uma canoa, se ia. Que ele se preparasse muito bem, porque a esposa que ele tinha em casa morreria e ressurgia a velha Eu, só que com bagagens maiores, dois filhos, e sabendo que marido folgado a gente não aguenta e nem espera nada, a gente se livra. E se livra logo.

Eu não tinha um plano B caso eu não passasse na prova. Nunca tive planos B. Trabalhei para conseguir o A, então era o A que eu ia ter. E tive. Para quinze vagas, fui a quinta colocada. Falha minha, ainda tinha que melhorar. Cinco até que era um número bom, mas ainda tinha quatro na minha frente.

Nunca foi um problema o SER dona-de-casa, nem cuidar dos filhos. Uma coisa é um ambiente saudável e com amor, que você sabe que não está sozinha na empreitada; outra coisa é ter que cuidar de tudo isso sem um pinga de valorização, um pinga de ajuda, um pinga de casamento. Nos cinco anos em que fui dona de casa em tempo integral, era assim que eu me sentia. Eu e meus filhos contra o mundo e obrigada a agradecer um marido que não me agradava de volta.

Foi pelos filhos que aguentei um casamento de merda. Foi pelo antigo amor que senti por Rodrigo. Em nome de uma estrutura social aceita, por medo de ser sozinha, por medo de não conseguir prover para os meus amores aquilo que o pai deles conseguia.

Nunca tinha parado para pensar que antes mesmo de divorciada, eu já era sozinha. O que difere a solteirice do marido negligente? Um lado da cama ser sempre frio? Ora, esparramo-me!!

Se Rodrigo me virou as costas quando me afastei do trabalho para poder cuidar de nossos filhos, então eu lhe viraria as minhas no exato momento em que passasse no mestrado. Usaria as costas que me virou para subir, pegar impulso e apanhar a velha Fernanda destemida, a Fernanda ousada, a Fernanda poderosa. A Fernanda que foi feliz amamentando numa sala de aula.

Era esse o meu objetivo. Isso é uma especialização para poder voltar à ativa. Eu poderia sim voltar a trabalhar amanhã mesmo, mas eu não quero assim. Estou por tempo demais fora do ramo para bater na porta e dizer que voltei. Se Rodrigo quisesse acordar para a vida, ótimo, mas um marido da Idade Média eu

não aturo mais.

Quem vê uma mãe que "abandona o lar" já se sente no direito de apontar o dedo para ela – é uma vagabunda que só quer saber de macho, que não liga para os filhos. Quem vê um pai abandonando (mesmo que de corpo permaneça) nada diz. Basta umas fotozinhas tremidas posando com a cria, que, uau, vira paizão. Se pagar pensão mês-sim, mês-não então... chove elogio. Abandonei meu lar por sete dias? Ô. Fui fazer minha matrícula, apresentei meu projeto para a FAPESP, fui abrir uma conta no banco só minha, fui ver a casa da minha mãe, visitei seu túmulo. Eu nem tenho que dar satisfação, puta que me pariu. Passei na empresa antiga também, visitei uns colegas queridos. Fui Fernanda por sete dias.

(E outra, que meus filhotes estavam sob cuidado do pai, não de um estranho, nem de um lunático. Era o pai deles.).

A falta que meus filhos fizeram só deus sabe. Peguei o telefone na mão um milhão de vezes para ligar para eles. Saudade que corta o peito, só, que ao mesmo tempo, eu sabia que o Rodrigo ia aprender uma lição, se eu me ausentasse. Veria como é difícil você ter que cuidar de casa e filhos, equilibrar tudo para não deixar nada cair, se virar do jeito que eu me virei. Chegou uma hora que eu simplesmente cansei de falar. Enche o saco repetir tudo que nem vitrola velha. Sempre brigando pelos mesmos motivos, sempre reclamando, sempre chorando pelos cantos, ignorando os problemas e os abusos por conta do cansaço físico e o pior de todos, o mental.

Esperei que Rodrigo chiasse como sal de fruta na água, mas não o fez, ainda bem. O baque de ficar sem mim foi pior que o fato de eu ter ido embora. Por isso, quando voltei e vi sua palidez e aflição, acreditei que talvez pudéssemos fazer tudo funcionar outra vez. Tive esperanças. Vê-lo tão abalado lavou minha alma. Parece que ele ainda me ama, afinal.

Talvez, pensei eu meio lírica, bastasse a água bater na bunda. Obviamente, eu não o beijaria e o chamaria de "meu amor" só por que chorou, veja bem, há anos que choro e ninguém liga.

Vê-lo acordar mais cedo e fazer o café, antes minha obrigação, confesso que me deu mais do que esperanças. Eu estava derretida, eu o amo loucamente, não quero divórcio, só quero apoio. É pedir demais, apoio do pai dos meus filhos? Ao passo que derretia, eu metia na minha cabeça de que não vai durar mais que uma ou duas semanas. Uma hora ele fica confortável de novo e se esquece. Tenho que me preparar para isso, também. Prepara-te para a escalada, mas não esquece da queda, Fernanda. Você não tem mais quinze anos para se levantar e dizer que foi só um arranhão.

Capítulo 3

I Want To Talk About You

Ciúmes. É como um zumbido de pernilongo quando você já está deitado. Não consegue ignorar, não consegue dormir. Cobre a orelha com o cobertor na esperança que ele vá embora justamente como veio: sem ninguém pedir. Ciúmes é o que eu sentia quando ela entrava em casa, vinda do mestrado com a pasta, os livros e aquele sorriso. E eu odiava aquele sorriso.

Para casar com uma engenheira não dá para ter ciúmes. Ela vai passar o dia dela com caras, vai chegar em casa tarde nas quartas das finais de futebol, vai chegar cheirando cerveja, vai contar dos outros homens para você como se você fosse a amiga mais sonsa, mais doce e mais gentil que ela tem, porque é este o seu trabalho em tempo integral: ser o melhor amigo da sua esposa, para quem ela pode contar as coisas, mesmo que seja sobre como fulano e ciclano são gente boa.

Só que eu... perdi a mão. Desacostumei com a Fernanda fora de casa.

Enquanto eu fazia o jantar daquele dia, picando temperos na tábua de bater carne, vê-la pendurada no telefone me fez lembrar de uma antiga insegurança, de quando eu era mais uma foda, só mais um de seu catálogo. Eu sei, é incomum. Geralmente são elas que ficam com esse medo todo, então você, mulher que está me lendo, sabe exatamente a quantos graus chegou meu rosto. O Lipe tagarelava sobre uma música que aprendia na escola, mas eu não o ouvia, só via aquele sorriso. Medo de que estivesse de conversinha com outro homem. Puro cagaço. A lente que filmava aquela cena era de 50mm; desfocava todo o resto que não ela.

Cruzando a rua, ela fumava num dia frio. Combinamos de nos encontrar num café perto da casa dela, era a primeira vez que nos víamos fora do estúdio de tatuagem. Acenei pela janela, de dentro do café, quando a vi. Os cabelos soltos farfalhando contra o vento e os lábios vermelhos. Um vestido, meias e sapatos pretos. Um casaco tão ou mais vermelho quanto a boca. As sobrancelhas arqueadas moldavam um rosto perfeito, jovial. As bochechas rosadas pelo frio, o maxilar oval e os olhos grandes. Acenou com a cabeça com um "Opa, e aí?" cheia de charme, jogando o cigarro no meio-fio. Tinha vinte e três. Tinha aquele espírito poderoso e matador como os mafiosos têm quando estão diante de um inimigo a quem podem vencer com facilidade. Era este o

porte que ela tinha.

— Achei que não te reconheceria, esqueci um pouco do seu rosto, mas foi fácil. — Ela disse, sentando-se. Era uma mulher que não carregava bolsa. De frente para mim, as mãos sobre a mesa, me interrogava. — E então? Já pediu alguma coisa?

— Acabei de pedir um café.

A primeira sensação ao vê-la cruzando a rua foi de que eu nunca a comeria. Jamais a teria rebolando no meu colo, nem nesta e nem em qualquer outra vida. Para você ver a volta que esse mundão dá.

— Você está mais bonito hoje. — Ela disse, enquanto a garçonete colocava o meu café à minha frente. Ela fez o pedido dela em sequência e depois retomou, os olhos curiosos em cima de mim — Bem mais bonito.

— Hoje eu esperava te encontrar — Disse, meio sorrindo, meio o estômago dando cambalhotas, meio envergonhado — Naquele dia, não.

— Vim direto do trabalho. — Tradução: "Me visto como a dona da rua todo dia". Não sei até hoje como conceberam o projeto da Estaiada com uma mulher como aquela na equipe. Falando com aquela boca carnuda maldosamente em vermelho, aqueles olhos bonitos e grandes, o decote que eu nunca vou esquecer. E o barulho dos saltos? O barulho que fazia ao caminhar da nossa mesa para o banheiro: A cidade inteira parou.

— Da última vez que te vi foi com a tatuadora — Insinuou que para a outra eu não estava tão produzido. Peguei a maldade. Da primeira vez que nos vimos eu entrava no estúdio de tatuagem da Carla (que era quem eu comia, na época) com uma dessas esculturas de garfo que vendem na rua, de presente. A maquininha comendo solta nas costelas da Fernanda, nesga de teta escapando para fora da regata cavada sem sutiã, e eu com presente besta para outra mulher.

— Ela já me conhecia pelado, — brinquei — a roupa é o de menos.

— Eu não te quero como um mendigo depois que a gente se comer. — Já mandava a segunda em menos de dez minutos. A gente ia se comer. E me veria uma segunda vez, depois de a gente se comer a primeira.

Salva pelo gongo, o café dela foi servido. E depois de adoçá-lo, mudou de assunto.

— O negócio com a Carla é sério?

— No Duro? — Dez/doze anos atrás eu usava esta gíria. Que Deus me perdoe. — Ela não atende minhas ligações. Comentou, da última vez que nos vimos, que queria voltar para o Ex. Devem ter voltado, suponho.

— Suponhamos, então. — Soprava o espresso enquanto me olhava nos olhos. Uma mania que nunca perdeu, a de soprar o café antes de bebê-lo, com

as duas mãos na louça. Sempre ficou incrivelmente sensual daquele jeito, por que era muito fácil, na minha cabeça, substituir a louça pelo meu brinquedo. Devo ter imaginado muito mais tempo do que o permitido, porque a vi arquear a sobrelanceira como um desafio e também uma sedução.

Colocou a xícara de volta no pires depois de sorver, devagar, alguns goles. Era charmosa demais, a mãe dos meus filhos, aos vinte e três. Tinha todo um encanto de "dona da rua", Cafetina das putas de luxo que sabe muito bem o que o cliente quer e vai enfiar a faca por isso. Pior, o cliente pagaria, voltaria e exigiria mais. Gastaríamos (eu também) todos os nossos últimos tostões naquela empreitada. E ela sabe, essa era a graça, esse jogo de "eu vou te extorquir e você vai voltar pedindo mais".

Começamos, depois deste pequeno diálogo, a enquete trivial dos encontros, aquela coisa toda sobre profissões, carreiras, idades, preferências musicais. Tínhamos pouca coisa em comum. Eu era do blues e ela era do Jazz. Eu era das humanas, ela das exatas. Eu era de uma família tradicional (embora meus pais morassem longe, em Minas, numa fazenda) e os dela já eram mortos. Eu gostava de MPB e ela acha todos os "voz e violão muito broxas". Ela idolatrava o Tarantino e o Kubrik. Eu achei "Laranja Mecânica" (o filme) meio bosta e "O iluminado" muito forçado. Preferia, dos diretores mais pops, o Scorsese. Adoramos o "Alta Fidelidade", tanto livro quanto filme. E Lolita, o livro. Odiamos o filme. Eu lembro que essas eram nossas semelhanças porque eram mesmo muito poucas.

Naquela altura já detonávamos a segunda garrafa de vinho. Eu, quando meio alegre, ficava melancólico. Entre os bêbados animados e os chorões, eu pertencia à segunda categoria e ela continuava a mesma, o vinho não lhe causava efeito algum.

De qualquer forma, pedi alguma coisa para comer. Não lembro mais o quê, mas lembro que ela riu. Nunca saiu com um cara que não entortasse o caneco como ela. Pedi-lhe desculpas, mas ela disse que gostou da novidade. Aproveitei a deixa e pedi uma água também.

Engenheiros ganham mais que marqueteiros e na época, ela tinha carro e eu não. Aprendi a adorar John Coltrane enquanto ela dirigia para a casa dela. "I want to talk about you Pt. 1" foi a música do nosso primeiro beijo, assim que entramos no carro. Eu usava um blazer azul marinho e ela me puxou pela lapela. Não se fez de bonita, me esperando. Puxou meu rosto para bem perto, o cheiro do vinho e o batom fresco. Sorriu com satisfação ao me ver surpreso. Fatal e espontânea, uma mistura difícil de dar certo. Esperou que eu entendesse o contexto e tascou um beijo daqueles que se beija com o corpo todo, que endurece tudo, que chega a dar inveja a cabo de vassoura.

Ficamos nesse suplício até a casa dela. Foi um sofrimento no estacionamento do prédio dela, no elevador, no hall de entrada, mas ouvir o barulho das chaves foram os sinos do paraíso. Dez anos atrás (foram onze, mas eu arredondo para dez que é fácil de guardar) uma mulher que dava no primeiro encontro era tabu. Hoje em dia ainda ouço nos corredores uma conversinha nojenta entre os publicitários mais novos, sobre "Se não é puta, está estagiando" e fico ouvindo o "estagiária" quando passa uma mais gostosa que se satisfaz e se respeita.

Agora, imagine isso dez anos atrás. Eu continuo achando isso tudo muito interessante, porque, se não tivesse transado comigo no primeiro encontro, o rótulo e as aparências seriam mantidos. Todo aquele ar misterioso sairia intacto, sua pose de "dona da rua" também, só que dar no primeiro encontro foi questão de personalidade. Fernanda não espera os outros. Se ela quer, que seja enquanto ela quer, não depois. Depois, para ela, nunca teve graça. Fernanda era ligada no 220v e eu, perdoe a piada, me liguei nela na mesma voltagem.

Um dia, deitados na cama dela, me disse por que era assim, "meio rebelde". Contou-me da vida da mãe dela. Uma mulher que sacrificou a própria vida por um homem. Contou-me que eles sempre foram bem de vida, os pais. Do tipo que viaja para o exterior todo ano, tem casa no campo, na praia. A filhotinha estudou nos melhores colégios e passou, sem cursinho, para a Universidade Pública. Só quando apareceram as duas viúvas é que tudo virou de ponta-cabeça. Viu-se, quando foi aberto o inventário do pai, sem dinheiro e sem a mãe. A mãe não conseguiu ver o inventário aberto, ou, ela me disse, teria falecido naquele dia, de tristeza. Sobrou apenas uma casa para a filhotinha. E mais nada.

— Podem me chamar de puta, de cadela, biscate, o que for, eu não ligo.
— Os seios descobertos do lençol, o cabelo meio bagunçado e aquela calmaria pós-coito jamais me faria pensar qualquer coisa senão que era a maior gostosa do planeta. — Não vou ficar "me guardando" por um homem que vai foder com a minha vida. Deixa que eu mesma dou um jeito de foder com ela.

Essa era a Fê, de vinte e três. Quê pensaria a Fê de antes, diante desta Fernanda de trinta e cinco? Antes eu tivesse achado que minha Fê era uma vadia que transa no primeiro encontro e que isso diminuísse meu tesão por ela. Que eu nunca tivesse ligado para ela no dia seguinte. Hoje ela teria a vida que quisesse. Eu não me casei para domá-la, dar qualquer tipo de jeito nela. Não casei senão por amor, besta e clichê assim mesmo, que nem todo mundo. Engaiolei o pássaro selvagem que ela era sem querer, sem ver, puro fluxo. Aceitei que casamento é assim, homem na rua e mulher em casa, e me deixei levar. Ninguém nunca me disse, eu nunca tinha visto casamento de outro jeito,

também.

Da cozinha posso ver a porta de entrada, a vejo chegando da faculdade. Eu só observava o montante de livros que ela acumulava no aparador, ao lado da porta de entrada. A cada dia colocava mais um ou dois na pilha, todos alugados da biblioteca. Me pergunto se ela tinha vontade de ter qualquer um deles, se estava se recusando a me pedir dinheiro, como se o dinheiro desta casa fosse só meu.

Como se colocar o dinheiro na frente do casamento me desse algum poder sobre ele.

Chegou de jeans e camisa, sapatos baixos, os poucos que ela reserva para as festinhas de fim de ano dos meninos. Era um avanço, aquela roupa, eu gostava de vê-la daquele jeito. Ainda não era a Fê que eu conhecia, mas brilhava um pouquinho, só não reluzia; é também trabalho meu, ajudá-la a se polir.

Lipe me ajudava a cozinhar, estava sem tarefa de casa e não queria assistir desenho com o irmãozinho, na sala. Esticava um tomate que lhe pedi, todo solícito, mas eu não prestava atenção, preso demais naquele sorriso dela que me levou direto para a época em que nos conhecemos. Colocou o celular sobre a pilha de livros, junto da pasta e das chaves de casa, e se armou de um outro sorriso, o de mãe. Beijou o topo da cabeça do Guto que assistia ao desenho sozinho. Trocaram umas frases poucas e ela veio para a cozinha.

Me recompus. Beijou o Lipe com aquela delicadeza de mãe, elogiando o cheiro dos cabelos do menino. Me deu um "oi" seco e muito rápido, antes de subir para um banho.

Seria eu o tipo de marido que fuça o celular da esposa? Eu não lhe daria um voto de confiança, como ela tem me dado todos estes anos em que eu apenas lhe dizia que estava no trabalho? Lipe brandia o tomate. Eu não seria este marido, não eu. Sorri para meu assistente e comecei a cortar o tomate em rodela cobrindo o ouvido do pernilongo que zunia.

O mestrado dela seria para nós o mesmo que a minha promoção a "sócio" foi: uma crise. Respirei fundo. Era bom que eu me acalmasse, que eu focasse nos seis meses e no que era importante para a gente. Se eu bem podia me lembrar da dor daquela madrugada de domingo para segunda que sequer completava uma semana, então eu poderia me lembrar também que não vai ser um mestrado e uma mudança de rotina que vai foder com tudo.

Ela desceu as escadas de roupão enquanto eu tirava a carne do forno. Não tinha nada por baixo, nenhuma marca de sutiã e calcinha, nenhuma roupa

nenhuma. Puxou o pequeno Guto do sofá e veio arrumar a mesa para nós quatro, ainda com aquele sorriso de mulher solteira.

— Foi tudo bem lá hoje? – Perguntei, colocando a carne numa travessa. O plano era ter a noção de quem era o motivo daquele sorriso, mas de forma sutil. Conhecer o inimigo e me preparar para ele.

— Foi bom, meu orientador parece entusiasmado. – Distribuía os pratos na mesa. – Apareceu um mestrando novo.

— Homem? – Adeus, sutileza.

— Não, mulher. – Continuava sorrindo, o Guto no colo dela puxando os copos do armário em cima da pia. – Está querendo voltar à ativa, como eu. Tem a mesma idade, mas um filho só. É casada, parece que o marido está abrindo um bistrô ou restaurante, ou sei lá.

— Ela também é especialista em pontes? – Me olhou torto: odiava ser chamada de "especialista em pontes".

— Não, é especialista em “represas e portos”. – Só faltou emendar um “seu burro”. Revirou os olhos, sabendo que se tratando da profissão dela não adiantava explicar de forma polida. – Trabalhava numa petroleira quando teve filho e largou tudo. É da mesma idade que eu e o menino parece que tem a mesma idade do Lipe.

— Nossa, que sorte. E que cagada.

Sorriu o mesmo sorriso que sorria para o celular. O sorriso não era por que pintou um macho, era de satisfação por ter achado uma mulher para conversar. Ela sentia muita falta de amizades femininas, eu sabia. De todas as reuniões de Pais e Mestres, todas as festinhas dos meninos, eu nunca soube de uma vez em que ela conversou com as outras mães. Sempre quieta, na dela. Antes, ela dizia que adorava outras engenheiras porque as vidas são semelhantes, só que quando me disse isso, ainda era solteira.

— ... Você tem mais o que fazer no sábado de manhã? – Perguntei, cortando a carne no prato do Guto, depois que a gente se sentou para comer.

— Não. – Comia como se não comesse há dias.

— Estava pensando, – Eu também comia tão ou mais voraz que ela. Pousei o garfo e limpei a boca – agora que você está indo para mais longe de casa, talvez fosse bom a gente pedir para o mecânico dar uma olhada no seu carro, só por precaução. Eu queria comprar mais duas cadeirinhas de criança para colocar no meu carro, também, já que você leva eles para a escola e eu tô buscando.

— Não sei se vai dar para fazer tudo isso num sábado de manhã.

— A gente pede para ele dar atenção no seu carro, qualquer coisa eu busco o meu na segunda de tarde, antes de pegar os meninos na escola.

Deu de ombros como se dissesse "ok" e voltou a comer. Guto comia com o garfo de urso dele, mas não conseguia pegar os pedaços de carne com perfeição, ainda. Arrastava a carne pelo prato e jogava comida para fora. Ela disse para o menino pegar a carne com a mão e eu continuei:

— Tem mais uma coisa que eu queria fazer sábado. — A vi pousar o garfo como se me desafiasse. Estava pronta, as armas prontinhas e engatilhadas, só esperando que eu dissesse qualquer ideia que soasse muito bem para os ouvidos das crianças, mas que não soaria nada bem para os ouvidos dela. — Você vai fazer uma semana de mestrado e já está usando seus "sapatos de festa". Acho que você devia ir comprar roupas novas.

Comprar roupas com uma mulher não era o "programa de sábado perfeito". Elas podem passar horas rodando num shopping e sair de lá só com a nota fiscal de uma casquinha. Só, se eu me lembro bem, quando o Lipe era pequeno, eu e ele ficávamos sentados naqueles bancos que as lojas colocam para os maridos, do lado de fora do provador, e víamos o pequeno showzinho que ela nos dava. Lipe era pequeno demais para se lembrar de alguma coisa e o Guto não era nascido.

Só eu me lembrava. E todas aquelas roupas que ora combinavam com a minha mulher e ora não, serviam de alimentação para uma imaginação que hoje em dia não anda nada fértil. Na época, bati meses de punheta só lembrando da Fernanda com roupas mais curtas, mais compridas, mais recatadas, mais abertas. Uma festa de Fernandas que conversavam comigo e a minha cabeça nem sempre certa.

— Vai sair caro, se você pretende renovar meu guarda-roupas – cutucou e eu bem já estava preparado para isso. É uma coisa que ando pensando desde que a vi outro dia mexendo no guarda-roupas à procura de peças menos “mãe”.

— Tudo bem. – Voltei o garfo para a boca, findando a conversa. – O mínimo que eu posso fazer é isso.

— Eu gostaria.

— Mas você não precisa comprar tudo nesse sábado. – Sorri com a boca cheia, dizendo entre mordidas – Se você não achar ruim, estava pensando em fazer dos sábados o dia "para fazer coisas fora de casa".

O sorriso que me deu em resposta não era nem um décimo do sorriso que dava para o celular. Encher minha mulher de roupas novas poderia ser um erro grave. Embelezar uma mulher que não me quer mais parece uma ideia idiota. Ela pode muito bem usar as roupas que eu comprasse para seduzir outro, mas eu confio no meu taco.

Roupas para a Fê querem dizer "autoconfiança". Sempre foi de andar bonita, de se arrumar. Se ela se visse de novo no espelho como a Fê gostosa que

eu vejo, talvez fosse uma ótima ideia. De todas as hipóteses, com certeza, um tiro no escuro.

Capítulo 4

KY

É sexta de noite e eu levei o carro dela para consertar. Resolvi colocá-lo no mecânico logo antes de fechar na sexta, para que fosse o primeiro carro que o Seu Manuel olhasse de manhã. Estou voltando para casa, não é longe. Moramos duas ruas para baixo de uma avenida movimentada que tem de tudo. Só nela, dos que eu passei em frente, todos fervendo, quatro bares. E se eu resolvesse não ir para casa, mas continuasse a avenida até o final, contaria mais, pelo menos, uns dez.

Os bares não mudaram muito desde a nossa época. Ainda tem aquela meia dúzia de moleques que estão fazendo aniversário de dezoito anos, rodas de gente engravatada fazendo happy hour, os casais nos cantos. As bebidas estavam mais caras que na nossa época, bem mais, mas um bar ainda era um bar. Para onde eu levava Fernanda quando éramos dois namorados que transavam bêbados e acordavam de ressaca.

Entrei em casa, coloquei as chaves no aparador dominado por livros. Pedi que ela ficasse de olho no arroz que deixei fazendo, mas ela ainda estava no quarto. Lipe e Guto brincavam de lego no tapete da sala. Olhei, por cima da bancada, o arroz que não estava pronto. Subi para avisá-la que cheguei.

A porta entreaberta me foi um convite. Experimentava um vestido antigo, daqueles que ela não teve coragem de vender ou doar, olhando-se no espelho do guarda-roupas. Aqueles mesmos que, no começo desse troço, foi consolo para nossos corações apertados cheios de saudade, quando nos enfiamos para dentro do guarda-roupas dela.

Só que o contexto do vestido era outro. Ela o usava para se medir, para se testar. O zíper não subia nas costas. O vestido era curto, deixava os braços de fora, bem promissor mesmo, só que ele não fechava mais. A cintura parecia mais fina porque depois dos dois meninos, o quadril e a bunda aumentaram. Não era uma bunda imensa, era uma bunda boa. Que engole seu pau e você fica maravilhado com a cena. Agora tinha barriga acumulada no baixo-ventre, mas não diminuía as curvas da minha esposa. Fê, que um dia foi tábua, agora era toda curvas. Graças à gravidez. E eu prefiro ela agora.

Eu fiquei com muito mais tesão por ela depois que casei. Muito mais tesão depois dos filhos, que quando solteiro. É coisa que não sei explicar, só sei que é assim. Vê-la descontente no espelho, se medindo, medindo os seios no sutiã, a bunda na calcinha branca, ficando na ponta dos pés para medir a flacidez

das coxas. Talvez ela gostasse de ser tábua, as pernas mais finas, a bunda mais seca, a barriga chapada; é bonito mesmo, mas nada como uma mulher que você tem onde pegar. Fernanda não é baixinha, tem lá seus um e setenta e fica um puta mulherão, de salto alto. Dependendo, até mais alta que eu. E eu gosto.

Subiu um cheiro de arroz queimado e corri para salvá-lo. O dia seguinte, sabendo que Fernanda estava descontente com o corpo, me fez temer. E se ela resolvesse não comprar vestidos, mas só calças jeans? Ou pior, comprasse aqueles vestidos de senhora, a barra para baixo do joelho, sobrando pano? O que eu faria? Respirei fundo. *Acalme-se, homem*. Se ela quisesse esse tipo de roupas, que eu poderia fazer? Mesmo torcendo muito para que não o fizesse, eu tinha que me conformar. Pessoas mudam.

Depois do jantar, ela apagava e escrevia furiosamente na própria prancheta. As pernas cruzadas em cima da cadeira da mesa da cozinha como há anos não o fazia. Um livro grosso em inglês e um em francês. Ela não sabe francês, mas a matemática é universal e o Google Tradutor, nessas horas, é amigo. Consultava-os, riscava expressões matemáticas intermináveis e depois apagava tudo. Pediu que eu lavasse a louça porque não tinha terminado a lista de exercícios para entregar segunda-feira. As crianças dormiam, coloquei-as para dormir antes de lavar a louça, meia hora mais cedo que o normal, para que ela tivesse paz.

Com a quantidade de pó de borracha em cima da mesa dava para fazer outra borracha. Eu enxugava a louça, mas ela bufava tanto, tão nervosa, que eu larguei o pano de prato. Fernanda está perdida e eu não duvidei que estivesse frustrada consigo. Coloquei as mãos nos ombros dela e ela soltou o ar que tinha preso. Por cima deles, eu vi que a "matemática" que ela fazia não tinha números, não era para fazer contas. Só letras, tanto gregas quanto latinas, nas folhas de rascunho. Números mesmo, bem poucos e não maiores que cinco.

Comecei uma massagem inocente. Só movimentos circulares nos ombros, omoplatas e pescoço. Largou o cotoco de lápis que usava, um 4B, mania da faculdade. Dizia adorar os lápis porosos e macios, lembro bem disso. Respirou fundo e começou a falar comigo sobre o que fazia. Ainda era português, mas eu não entendia lhufas. Não parei com os movimentos que desciam pela cervical e costelas.

— É isso! – Disse, de supetão, a Einstein que gritava *Eureka*. E voltou a riscar furiosamente a folha que quase rasgava.

— Isso, – respondi, me ajoelhando – deixa eu te ajudar.

A intenção era uma lambida por debaixo da mesa. Forcei seu short (curtíssimo, largo e de cor rosa) para baixo e pedi que se levantasse só um pouquinho, para me ajudar. Ela, eu entendia, estava muito absorta nas contas.

Avancei para baixo da mesa, enfiei a mão por entre a fresta da roupa dela e vi que se ajeitou na cadeira, os pés no chão, fugindo da minha mão. Afastei ainda mais a fresta do short, puxei seus joelhos para o meu peito, esperando que o quadris viessem para frente e as pernas se abrissem. Vi o paraíso que fazia uns belos três meses que eu não via. Os pelinhos curtinhos me chamando. Avancei a cabeça para frente e mal toquei em seu monte de vênus com a língua.

Ela se fechou, se ajeitando na cadeira e colocando a mão esquerda (estava sem aliança???) sobre a própria vagina. Entendi o recado, mas ainda insisti.

— Você tem certeza que não quer? – Deslizei a mão de seu monte para os joelhos.

— Não estou com ânimo. Quero terminar isso aqui.

— Eu espero. – Enfiado debaixo da mesa, de quatro, ainda barganhei. Olhei-a pelo tampo de vidro da mesa, mas só encontrei folhas e capas de livros.

— Não, eu não quero. – Com todas as letras, que é pra ver se eu entendia.

— Por que não? – Saí debaixo da mesa e sentei-me numa das cadeiras. Não me olhava nos olhos, mas o lápis estava parado no meio de uma letra grega que eu julguei ser rô.

— Eu não sinto mais tesão em você.

Toma essa, Língua de Ouro. Engoli a seco, como um comprimido grande, todo o desejo, a saliva faminta que me escapava. Demorou muito para descer pela garganta. Chorei sem lágrimas, ultrajado, furioso. Meu ego ferido queria provar que ela sentia sim tesão por mim, só o cobria com mágoas. Não consegui dizer nada, nem fazer nada. As mãos ágeis voltaram a trabalhar nas contas. Os olhos se mexiam, passivos e calmos, sobre o próprio trabalho. Não se comoveu ao dizê-lo, não o disse como ofensa. Disse como se dissesse "estou menstruada", como uma coisa normal, que acontece.

Saí daquela cozinha, manso, para o banheiro. Banhar para pensar e esquecer. Ofendido. Eu sou um cara de um metro e oitenta, no meu peso ideal, as costas largas. Eu sou bonito pra caralho, porra. E ela não sente tesão por mim. Os olhos escuros, a boca carnuda, mas ela não sente tesão por mim. Eu recebo olhares na hora do almoço, moças me olham, algumas sorriem, ganho telefones em guardanapos e não é só uma vez por ano, não, mas ela não sente tesão por mim. Meus cabelos são bons de puxar e eu sei masturbar uma mulher. Eu sinto tesão por ela de qualquer jeito, depilada ou não, banhada ou não, produzida para sair ou recém-desperta. Brincando com as crianças ou colocando as roupas na máquina, eu ainda sinto tesão nela.

Só não chorei por que essas coisas não se chora, mas a sensação me mascava. A água escorrendo pelas costas era como uma mãe que passa a mão na

cabeça dos filhos dizendo "não fica assim, vai passar". Só que eu sabia que não era assim. Se eu não fizesse alguma coisa aquele negócio só ia piorar.

Eu queria um jeito de fazê-la se apaixonar por mim de novo, era isso o que eu queria. Nosso amor não poderia ser casto, esta coisa capada, sem graça como tem sido, aliás, há pelo menos cinco anos.

Putá que o pariu, caiu a ficha.

Foi tão fácil para ela dizer aquilo porque fazia muito tempo que sentia. Eu encaixo aqui, ela mexe ali, nós mantemos o movimento por um tempo e é tudo. Era um sexo ensaiado, protocolar. Esse era o nosso sexo. Eu a usava para me aliviar e era só. Não posso garantir que ela me usava para se aliviar, mas acho que não. Suponho, com a naturalidade que disse não ter mais tesão por mim, que ela era o próprio alívio. Que o sexo tem sido bom (e não ótimo) só para mim.

Supor isso, chegar a essa conclusão tão tardiamente é que era a ofensa concreta. Meu Deus, como eu pude não perceber que aquele sexo meia boca já era sinal de que ela não tinha mais tesão por mim? Antigamente a gente botava fogo na cama. Como eu pude achar que era só "sexo de casado"? Ela gemia? A gente transava de luz acesa? As minhas costas ficavam marcadas pelas unhas delas? Não, nada disso. Ela gemia bem pouco e não gozava mais chamando meu nome. Não me chamava mais na meia hora de foda que era o nosso tempo recorde. O tempo médio das fodas aqui em casa tem dado de quinze a vinte minutos. Entregas de pizza demoram mais.

Também não descia, voluntariamente, para engolir meu pau. Era sempre implorado, eu tinha que pedir muito. Não tinha mais sexo sem lubrificante sintético, há anos que KY entra na lista do mercado e eu achava que aquilo era normal, que as mulheres "secassem" com os anos.

Como eu não percebi que ela não ficava mais molhada? Como não percebi que não mais me beijava? Que não me chupava me olhando nos olhos? Que não cavalga –

Meu deus.

Como eu pude –

Senti-me muito sujo, muito imundo. Como se nosso sexo fosse uma coerção, uma chantagem. Era eu sempre quem começava, há anos que não me beija, não me puxa para si, nem monta em mim. E foi ela quem deu o primeiro beijo, ela quem quis sexo no primeiro encontro.

Gastei o resto da água da Cantareira filosofando.

Como eu pude –

Como eu pude ser tão burro?

Não falhei só como marido, falhei como homem. Eu falhei como

humano. Raiva e desgosto de amargar a boca. O gosto de bile. Deitei no sofá, o celular programado para me chamar cinco da manhã. Valia a pena continuar no projeto dos seis meses? Não era melhor ela seguir com a vida e procurar um novo amor limpo e fresco, a tentar desincrustar o nosso amor antigo? Não era melhor só... deixá-la ir?

Não sei se *derrotado* é a palavra certa. Quando a gente pensa em jogar a toalha (mas ainda não tem coragem para jogá-la) é o quê? Desde que aceitou a tentar os seis meses comigo, tenho dormido voluntariamente no sofá. Acordei às cinco, fiz o normal. Tenho eu acordado mais cedo para fazer o café, também. Torrei uns pães de forma, banhei, escovei os dentes e a chamei. Era o sábado das compras. Ela dormia em meio aos livros abertos. Deve ter feito aquela tal de lista até não conseguir mais. Olhei-a dormir, pensando sobre a toalha. *Era a hora?* Cogitar seis meses também não é um abuso? Uma coerção em nome dos filhos? Acordou sem que eu a chamasse. Espreguiçou-se gostosamente, a camiseta subindo e mostrando um pouco da barriga. Era sensual, a filha da puta. Cobriu-se com o cobertor, virou-se de costas para mim. A vontade era deitar de conchinha com ela, mas eu não sabia se podia.

— Vem, – tentei – levanta.

Fez manha, achei bonitinho. Um muxoxo de protesto. Avancei para a cama, colocando-me em cima dela, apoiado nos joelhos e cotovelos. Estava presa embaixo de mim, mas eu quase não me encostava nela. Beijei o topo de sua cabeça, única parte desprotegida pelo cobertor.

Jogar a toalha: Preparar o arremesso, aceitar a derrota.

— Vem, Bonita, – Disse, mais baixo e mais bonito que a primeira vez – levanta.

Ela baixou a coberta, tirou a mão de dentro e me fez um carinho no rosto. O polegar leve sobre a bochecha. Beijei-lhe a mão e ela arriscou um sorriso condescendente.

— Desculpa ter dito aquilo – Desculpas por dizer não é o problema.

— Podia ter dito antes. – Não daria para falar qualquer coisa sem uma careta de dor. Ela desmanchou o sorriso e eu me sentei na beira da cama, de costas para a porta de entrada, de frente para a porta do banheiro. – Há quanto tempo você... – vai ser difícil – não goza comigo?

— Como é? – Ergueu-se nos cotovelos, deitada ainda.

— Há quanto tempo você finge? – Reformulei.

Silêncio. Cortante como uma rajada de vento frio. Subestimou minha inteligência. Achou que eu não juntaria A com B. Esperou que colasse a mentira de que não sente tesão por mim há apenas uma ou duas semanas.

— Você não vai querer saber. – Eu já sabia.

— Quero saber. — Quero ouvir você falar.

— Na gravidez do Guto já não era a mesma coisa.

— Depois do Guto você, alguma vez, gozou comigo?

Sentou-se na cama. Silêncio. Ninguém se olhava. Eu tinha os olhos mirando o tapete, ela tinha os olhos no cobertor. Lágrimas que eram inevitáveis. Descobrir que você coage sua esposa para transar. Que sexo não era prazer, era briga de poder. Ela dava por que tinha que dar, por que era esposa e é isso o que as esposas fazem: Elas se abrem e recebem seus maridos, mesmo se estiverem no fundo do poço, mesmo se não estiverem com vontade.

— E sozinha, há quanto tempo? — Eu já tinha a resposta de uma das várias perguntas.

— Semana passada. — Respondeu, em meio a lágrimas e fungadas.

— Por que você não me... — de que adianta, Rodrigo? Que adiantaria tirar satisfação, querer respostas? Ela já se odiava por virar receptáculo de porra do próprio marido, as lágrimas magoadas me diziam. Respirei fundo. *Não jogue a toalha. Não jogue a toalha. Não...*

Correu para o banheiro. Eu sabia que abafava o choro na toalha de rosto, é assim que ela chora quando tem muito choro para sair. Eu conseguia ouvi-la. Era dor. Não me disse palavra, o choro sentido era pior que qualquer palavra dura. As mulheres não secam com a idade, eu é que não fui competente. Odiei o KY como nunca odiei nenhum objeto na vida. Odiei meu pau como nunca odiei nada na vida. Ela chorava e me pedia desculpas, de lá de dentro. Sentia-se culpada por isso, sabe-se lá há quanto. Dizia as coisas bem baixinho porque não era para que eu ouvisse.

Era por isso que eu não podia jogar a toalha. Se me faltava um motivo, ali estava. Ela pedia desculpas por uma falha minha. Porque, mesmo que esses seis meses não fossem o suficiente para recuperar nosso casamento, mesmo que tudo terminasse em divórcio, que nosso projeto juntos acabasse, ela tinha uma vida inteira pela frente e não poderia carregar aquele coração pesado pela vida. Não podia começar outro projeto, com outra pessoa, levando os traumas da antiga. Eu não jogaria a toalha não só pelo casamento, mas, mesmo se decidíssemos que não mais valíamos a pena, então eu não jogaria a toalha em nome de seu próximo projeto de vida. Que fosse com um engenheiro que vai poder ajudá-la nas listas de exercício ou com outro metido a criativo como eu.

E, se fôssemos terminar os seis meses em divórcio, que fosse por falta de amor e não por sobra de mágoas. Que o divórcio, se houvesse, fosse assinado por ambas mãos cientes que o amor acabou. Que ela começasse outra história, com outra pessoa, de coração limpo. De peito aberto. Sem mágoas.

Era por isso que eu não poderia jogar a toalha. Por que eu amo o

suficiente para desejar que a vida dela, depois do nosso casamento, seja maravilhosa.

— Nina, – bati na porta com dois toques. Ela chorava mais baixo. – Abre a porta.

Nenhum sinal. Não ia abrir.

— Promete. – Não esperei que abrisse, fui logo falando. Meu cenho franzido, o coração na mão, o choro tombado no queixo. Não era só ela quem chorava. – Promete que não me deixa mais te tocar. Promete.

Dois cliques, a porta cedeu quase como se ninguém a abrisse. Me encarou com bico de menina, ia chorar de novo. As lágrimas escorriam pelos olhos como se riscassem as bochechas. Odiava aquilo tanto quanto eu. Tinha uma das mãos no peito, aberta, quase na garganta. Estes seis meses terminariam em vitória para nós dois, para onde quer que eles nos levassem. Estávamos derrotados. Dei conta disso quando ela colocou a mão em cima da minha. Estávamos perdidos, nós dois. Criávamos bem nossas crianças e nos perdíamos no caminho. Não seriam seis meses de esforço meu, mas de esforço nosso.

— Não quero te tocar sem você querer. – Puxei-a pela mão, aninhando-a no peito. Beije-i-lhe o topo da cabeça. Envolvi-a nos braços e de repente ela parecia tão... pequena. Tão sozinha, tão magoada... – Não quero nada falso, não quero. – A minha voz tremida denunciava o quanto aquilo era ruim. – Prometa isso, eu prefiro que você seja distante. Prefiro que me xingue, que amaldiçoe meus pais, que me encha de pancadas. Mas não... não faz mais isso, Nina. Por favor.

Fernanda estava cansada, muito cansada. De tudo. Ergui seu rosto, beijei a ponta de seu nariz e a mantive num abraço apertado. Um estalinho só de beijo, o beijo protocolar dos casados. Não movi a mão um centímetro nem para cima, nem para baixo. Por puro medo.

— Agora vai escovar teus dentes, – disse, num último beijo no rosto, antes de soltá-la do abraço – que a gente vai te deixar gostosa para o teu próximo homem.

Que vai se apaixonar por você tão ou mais rápido que eu. Só um babaca como eu te faria sofrer como eu faço. Eu poderia ter dito tudo isso, mas não gosto de falar. Um Rodrigo melancólico não é bom de ser ouvido.

Esperei a porta fechar. Abri a gaveta do criado-mudo, puxei o KY para fora. Vituperei a empresa, os pornô, a propaganda, as gôndolas do mercado. Ferramenta mais inútil. Me fez achar que a minha esposa queria o sexo que eu propunha. Me fez crer que o que fazíamos era sexo, mas era só abuso.

O poder de um marido sobre uma esposa. O provedor versus a dona de casa. Joguei no lixo da cozinha e preparei a mesa para nós. As crianças podiam

dormir mais um pouquinho, até ficariam felizes. Espremi as laranjas quando desceu. Estava cheirosa, o cheiro do banho invadindo a cozinha. Me sorriu tímida e sentou-se. Estiquei torradas quentinhas e me sentei no meu lugar, só que o meu lugar era longe do dela. Sentei-me na aresta do quadrado que era dela, bem junto, e ela deu espaço para que eu o fizesse, não recuou.

Foi a primeira vez na semana que senti um avanço, que íamos para algum lugar, que nos curávamos de alguma doença fatal. Talvez a gente fizesse isso dar certo, pensei.

Capítulo 5

Terno Italiano

Eu passava pelas gôndolas do mercado com Guto no carrinho. A Fê, num outro carrinho, passeava com Lipe. Eu disse a ela que a encontraria na sessão de doces em meia hora, que estava à procura das cadeirinhas das crianças. O Guto me contava do último filme que viu na escola. Lá eles têm a sessão "cinema" que o Guto gostava muito. Eu disse a ele que podíamos fazer um cinema em casa no dia seguinte e ele ficou muito empolgado com a ideia. Tagarelava quase com a mesma intensidade do Lipe. Quase.

Conversando com um vendedor, ele me sugeriu um sistema de DVD que você coloca no carro, com tevês no encosto dos bancos dianteiros, para quem está no banco de trás e que não precisava de mecânico, que eu poderia fazê-lo sozinho, o próprio pai-quadrado-que-não-manja-de-eletrônica. Botei no carrinho.

Antes de encontrá-la na gôndola de doces, passei pela parte de informática. Era injusto que a mestranda da melhor Universidade do País (pelo menos, é isso o que a própria Universidade acha) tivesse um computador quase tão bom quanto uma batedeira, que só servia mesmo para acessar um ou outro e-mail e olhe lá. Era certo que, se ela estava no Mestrado, que tivesse um computador bom, rápido e que pudesse arrastar consigo para qualquer lado que quisesse. Não comprei, achei imprudente comprar sem consultá-la, lá em casa é ela quem manja de eletrônicos, não eu.

— Papai, que demora. — Quem é o pai-quadrado que não consegue colocar uma simples cadeirinha no banco de trás do próprio carro? As compras no porta-malas, Fernanda segurando as mãos de nossos filhos à frente do carro e eu brigando com aquela merda de cadeira.

— Filho, — ela disse ao Lipe — nunca queira dar uma de machão com a sua esposa, tá? Está tudo bem ser quadrado com qualquer coisa que envolva manuais.

— Eu sou homem, eu não leio manual. — Respondi, brigando com o cinto de segurança emperrado.

Juntou a mão do Lipe com a do Guto e veio em meu socorro. Há anos que eu não via aquele sorriso triunfante de quem manja. Pelo outro lado do carro, contrário ao que eu estava, debruçou-se e prendeu, com dois gestos rápidos, a cadeirinha do Guto. A vista era linda. O decote me deixava ver o sutiã e a barriga que pendia livre. Via, pelo decote da regata que usava, a barguilha do jeans. O sorriso de "deixa com quem entende" assinava a obra. Os cabelos pretos, soltos, colocados de lado e atrás da orelha.

Por onde andei nos cinco anos últimos? Aonde porra me enfiei, para deixar tudo tão de cabeça para baixo?

— Filhos, – Eu dei a mão para os meninos – casem-se com mulheres normais, as engenheiras dão muito trabalho.

Pelo vidro, me enviou um sorriso brincalhão. Eu daria muitas coisas para vê-la sempre com aquele sorriso e nunca mais com o choro como o de manhã mais cedo.

— Aproveita, – Ri, tirando onda – e instala a tevê.

— A gente – enfatizou o sujeito da oração, dançando o indicador entre ela e eu – faz isso em casa. Estou com fome.

Tínhamos que passar em casa, compramos muitos congelados que cozinhariam no calor daquele sábado, mas eu não queria comer em casa. Desde que o Guto veio ao mundo que a gente passa praticamente o fim de semana comendo em casa.

— Mamãe, – Guto, naquela altura, já vencia a tagarelice do Lipe – a gente pode ver filme amanhã?

— Prometi uma sessão de cinema em casa – Expliquei, dando a partida no carro enquanto ela me olhava sem entender de onde o menino tirou isso.

— A gente não comprou refri. – Disse.

— Faço suco. Alugamos alguma coisa na tevê e fazemos pipoca.

— Então não posso chegar tarde em casa, hoje. Aquela lista ainda vai me deixar careca.

Fomos a um restaurante perto do shopping, a nossa parada final. Fazia muito tempo que eu não levava minha esposa e meus filhos para sair sem que fosse por necessidade. Ela parecia feliz. Fazia muito tempo que não bebia. Sete anos, pelo menos. Adorou descobrir que a churrascaria tinha cerveja vermelha. Eu não sei que diabos ela via naquilo, mas respeitei. Quando ela tinha quinze anos, o sonho da vida dela era ser Sommelier de Cerveja.

Impressionado fiquei mesmo ao ver o como meus filhos eram educados (não por mérito meu). Era sábado, como eu disse sei lá, umas mil vezes (fico com medo de o leitor se perder no espaço-tempo, por eu ser um bosta para seguir uma linha reta de raciocínio). Claro que estava tudo cheio, inclusive a churrascaria. Era o dia oficial de tirar os rebentos de casa e todos eles corriam e andavam e faziam berreiro, pulando no colo do pai para o da mãe. Entrando e saindo insanamente do banheiro, também, tinha mais isso.

Não as minhas crias. Guto comia, ou melhor, pegava a comida do prato da mãe com a mão, sentado no colo. E o Lipe, que queria sempre fazer as coisas sozinho, sentado entre nós dois, na mesa redonda. Tagarelava os nomes escritos no cardápio que ficou na mesa o almoço todo. Não lia em soquinhos desde o

meio do ano passado. Depois, se interessou pelo nome das carnes que os garçons ofereciam. Riu muito com "fraldinha". Todos os garçons levavam na nossa mesa o dobro de tempo que levavam nas outras, culpa do Lipe e seu interrogatório sem fim. A Fê tentou, em vão, diminuir o número de perguntas, mas não muito. Se limitou a rir com as perguntas e as respostas, amolecendo com a única cerveja que pediu.

— Quem agora é fraco para bebidas? – Ri.

— Isso não vale.

— Uma longneck só, Dona Fernanda. E não foi pura não, foi durante o almoço.

— Fazer o quê? Meu marido não me leva mais para sair...

Touché.

O Lipe ganhou de um garçom encantado um papel com os cortes do boi. Parecia impresso da internet, tinha o endereço no topo e no rodapé da página. Lipe ficou fascinado com o presente e leu aquele papel até a gente sair. A brincadeira dele com os garçons mudou: o Lipe adivinhava pelas dicas, o nome das peças de carne. Ou os garçons diziam o nome e Lipe apontava onde era.

Acabou que virou o nosso passatempo. Depois que desistimos de conter o Lipe, entramos na brincadeira. Era uma coisa boba, mas a gente riu muito. Nunca vou saber de onde o Lipe tira tanta ideia maluca, o menino é uma figura e a Fê o olhava, cegamente apaixonada.

No carro, a caminho do shopping, o Lipe ajudava o Guto a entender os cortes do boi. Tanto fazia se o Guto entendia ou não, para o menino aquilo era comida e pronto. Animal e comida ainda não eram a mesma coisa na cabecinha dele, mas o Lipe estava lá, empolgado por ter comido fora de casa, empolgado com as brincadeiras, lendo e apontando. E perguntando para mim e a mãe dele se nós sabíamos aonde ficavam os cortes do boi.

No shopping, meu medo se cumpriu. Ela entrou na primeira loja de roupas que só vendia jeans. Os meninos, era óbvio, iam se encher rápido daquilo. Calças, saias, camisas, tudo jeans. Tudo o que eu menos queria que fizesse. Rezei para que a próxima loja as escolhas melhorassem. A mãe dos meus filhos ainda é a mãe dos meus filhos, de jeans. É a esposa linda e adorável. Mas, de jeans, não era a dona do meu pau.

Mesquinharia minha desejar que ela se vista para mim? É, também. E quero que as roupas, sejam elas quais forem, justas ou largas, transparentes ou burcas, sirvam de ferramentas. Que ela volte a ser a Fernanda que andava por aí como a dona da rua, a cafetina de puta de luxo, a dona da cidade. Sei que pessoas mudam, que agora ela é mãe e tal e coisa, disso sei de tudo, acompanhei (porcamente) o processo, mas não aceito mais vê-la de cabelos maltratados e

presos para trás, se examinando no espelho com um vestido que não lhe serve e achar que está tudo certo. Quero que ela possa escolher ser tanto a mãe que vai na reunião da escola de sapatos baixos, quanto a engenheira mestranda que domina homens.

Se ela se sentir bem, depois de comprar roupas para a antiga Fernanda, seguir usando legging e camiseta, por mim tudo bem. Mas que ela tenha opções além.

Parei em frente a uma loja de sapatos. Há anos que eu não parava em frente a uma vitrine daquelas, cheias de saltos. Minha cabeça deu um nó. Assumo o fetiche por salto alto, assumo mesmo, maníaco por salto alto. Pelo barulho deles, o jeito que as pernas ficam, o modo como elas se sentam, como se levantam, como cruzam as pernas. Principalmente, o modo como andam. Parece uma mágica poderosa quando ela resolve colocar salto.

Eu não poderia pedir que ela fosse lá e comprasse, para meu deleite, meia dúzia deles. Ela é uma mulher que não sente tesão pelo marido, que não gosta de com quem dorme, que não se mela ao me ver duro. Eu não poderia pedir que ela, sem tesão por mim, fosse, mais uma vez, meu objeto de desejo.

Fiquei na minha. Engoli as milhares de ideias que passaram pela minha cabecinha doentia e segui em frente. Procurei-a ao redor sem saber onde ela ia e só eu sei o pinote que meu pau deu nas calças. Dona Fernanda experimentando saltos altos para cacete no espelho da loja, as mãos na cintura e olhos inquisidores para si mesma. Lipe examinava cuidadosamente o salto do sapato da mãe, debruçado no chão, os dedinhos medidores. Veio correndo até mim, abandonando o Guto sentado na poltrona, do lado de dentro da loja.

— Pai, você viu o tamanho do sapato da mãe??

— Vi. – Monossilábico, que é para não falar bosta para o meu filho.

— Como que ela vai andar COM AQUILO?? – Como eu não sei, filhote, mas Deus queira que ande com aquilo. O palmo estalado diante do próprio rosto, estupefato. Nunca viu a própria mãe de salto.

Pena que ela usava calças. A vontade de lambê-la só aumentou. Imaginei mil cenas, ela com os saltos, em pé. Imaginei até o cenário, a coisa toda. Mesa de escritório, Fernanda de saia de mandona, as pernas um pouco abertas, sentando devagarzinho no tampo da mesa, me desafiando. Sentei no lugar do Guto e tentei não olhar para ela com cara de tarado. Tentei a compostura, juro que tentei. O Guto sentava-se no meu colo, o Lipe subia pelo braço da poltrona. Ela muito absorta no próprio julgamento, se olhava no espelho, as mãos na cintura, a bundinha arrebitada por baixo do jeans.

— Dio, você acha que... – Me olhou de relance. Não funcionou a minha cara de Bom Garoto. Ela sorriu, entendendo todas as ideias que eu não disse.

Esqueceu-se do meu fraco por sapatos, Nina? Menores as tiras da sandália, melhor. Sapato fechado ainda é legal, mas não tanto. – Falta um vestido, né?

— . – Assenti efusivamente – Você vai levar só esse?

— Aproveita, – A vendedora reconhecia um gancho quando via um – porque marido que quer que você compre mais é bem raro. Se eu fosse você já levava uns quatro enquanto ele está de bom humor.

Fernanda riu, me enviando um olhar bonito de "eu sei o porquê você quer que eu leve mais". Entrou na brincadeira de deixar o marido duro. Perguntou se eu queria escolher o próximo e eu neguei. Não cabia a mim.

— Vamos fazer assim: – Anunciou a vendedora que era muito esperta e entendeu rapidinho que eu era louco por sandália – Eu vou trazer alguns e você experimenta, que tal? Enquanto eu busco, por que não dá uma olhada na vitrine?

Se a vendedora fosse formada em marketing, eu a contrataria. Sabia vender e tinha tato com pessoas.

— Me ajuda a escolher – Disse a minha Nina, parada na minha frente. Meus olhos brilharam, ela sorria. Gostou de me ver desejando. Levantei colocando o Guto no chão que voou direto para o colo da mãe, ao mesmo tempo que o Lipe, manhoso, veio pedir colo para mim. Fomos para a vitrine. Lipe escolheu uma bota com espinhos no calcanhar, tão alta quanto o primeiro salto que viu a mãe experimentando. Disse alguma coisa sobre ser parecido com alguém do X-Men, mas eu não entendi direito, eu escolhia o segundo eleito da campanha, com tiras bem finas: uma tira no tornozelo, uma sobre os dedinhos e só, mais nada.

Levamos quatro. O que eu escolhi, o que o Lipe escolheu e dois de próprio gosto. Disse, com as sacolas na mão, que precisaria de saltos mais baixos, porque ela não era louca de usar saltos daquele tamanho na faculdade.

Só que a última utilidade que pensei para aqueles sapatos era para usar no trabalho.

Como previsto, as crianças entediaram-se logo. Duas lojas foi o suficiente. Na terceira que entramos, o Lipe não parava quieto. Fernanda ainda não tinha comprado nada de substancial, só um par de jeans e os sapatos. Ofereci-me, com dor no coração por perder a loja de vestidos, para levá-los ao parquinho, (que o Lipe só foi uma vez num aniversário de um coleguinha da escola e o Guto, nunca) pois ela se sentiria mais à vontade sem a gente, imaginei. Precisava de amigas, constatei, também Talvez ela se sentisse melhor comprando roupas com amigas, que com marido e filhos.

De toda forma, dei-lhe as chaves do carro para caso as sacolas estivessem pesadas. Com uma bitoquinha sem graça, nos afastamos.

Impus só uma regra antes de cruzar o portão do parquinho: que o Tico e o

Teco fossem juntos a todos os brinquedos e, dito isso, eles partiram correndo para dentro, desesperados. O parquinho era daqueles de shopping, com brinquedos elétricos e eletrônicos que você vai passando o cartão magnético e paga no final. Guto não pôde ir na mini-montanha russa por não ter idade suficiente e chorou no meu colo observando o irmão que mandava tchauzinho da cadeira. Depois foram mais em meia dúzia de brinquedos com jogos de videogame.

Tinham acabado de entrar no carrossel, o brinquedo mais sem graça de todos os tempos (cá entre nós, cavalos de plástico que cavalgavam em círculos é uma noção de "diversão" bem distorcida) quando meu celular no bolso de trás do jeans apitou insano. Observei a tela de notificações e as mensagens eram dela. Desbloqueei e abri o whatsapp. Se eu não podia estar lá, observando ao vivo o show do provador, ela me mandava fotos. Vestidos. Um mais bonito que o outro, com mais ou menos decotes, mais ou menos compridos, com transparências e com várias camadas de saia. Em algumas fotos não aparecia o rosto, mas as que apareciam, essas eram as melhores.

Passei a adorar o carrossel: a volta naquele troço não tem fim.

A última mensagem era em texto "estou em dúvida entre estas duas últimas fotos. Qual?" Nem subi as mensagens, só mandei na lata "os 2" e ela riu em resposta. As fotos cessaram. Devia estar se vestindo para sair do provador. Lipe me puxava a barra da camisa, apontando com o dedo e falando muito rápido onde queria ir.

Queriam ir num dos poucos brinquedos de menino grande, um arremesso de bolas em cestas de basquete. Ainda bem que achei em tempo uma máquina igualzinha, mas com bolas menores que as de basquete. Meus filhos se frustrariam facilmente, arremessando, sem sucesso, uma bola de basquete de tamanho normal. Pediram que eu brincasse com eles, mas não acertei nenhuma bola na cesta. Não senti nenhum apito no bolso da calça e me frustrei.

Entraram, depois, no carrinho de bate-bate. Eu, da borda, observava-os com menos cuidado, agradecendo por ter cinco minutos para poder olhar as fotos mais um pouco. Não eram fotos superproduzidas, nem profissionais. A luz era ruim e os provadores eram brancos sem vida, mas ela estava ali. Com o cabelo jogado para o lado, fazendo beicinho, as sobrancelhas arqueadas, fazendo charme. De lado no espelho, de frente, de salto. Muitas fotos, muitas poses, muitas graças. Os saltos torneando as pernas, arqueando os pés. Ela tomou cuidado para que eu visse que usava saltos, aquelas fotos não eram de catálogo de loja, eram para o marido dela.

Depois de descobrir que ela não goza comigo, ela tira fotos para mim. Sorri, tesão e gratidão um pouco misturados. *Ainda não morremos.* Ainda dá

para consertar, ela quer tentar de novo, também. Ainda temos um monte de estrada para percorrer antes de nos contarem que o mundo vai vencer a gente. Sorri, olhando as fotos.

Aquela não era a Fernanda de vinte e três anos, era a Fernanda de trinta e cinco. Ela tinha o que a anterior não tinha. A de vinte e três era sensual como o diabo, mas essa... essa tinha classe. Uma elegância e todo um charme que nunca vi na Fê de vinte e três. Coisa que não se explica. Como se a de vinte e três fosse um felino doméstico e a nova fosse uma leoa. Uma puta de luxo que se garante sem cafetina. Daquelas que você pode levar para a cama ou para o Oscar e ninguém vai suspeitar de nada. Linda. Mais que isso, muito mais. Essa era a mãe, a engenheira mestrandia; a leoa para os outros, a gata manhosa só para mim. Essa era a graça da coisa. Saber que o mundo a veria como inalcançável e feroz, enquanto é na minha cama que se deitaria. E deitaria, escreve aí, pode escrever. Privilégio, eu acho que o nome certo disso é esse: Privilégio.

Nunca fui dado à minha própria aparência. De vaidoso eu passo longe. Lipe me gritou, ainda sentado no carrinho de bate-bate, que queria mais uma volta. Passei o cartão magnético na máquina do monitor responsável e voltei para dentro do meu cérebro. Eu sempre só usei as roupas que ela me dava, os perfumes que escolhia e nada mais. Ela era a típica mãe que comprava a vestimenta da família toda e esquecia-se de si.

Mas talvez... quem sabe? Eu devesse fazer por mim justamente o que ela fazia por si. Talvez eu devesse me portar exatamente como o homem gostoso que quer a esposa de volta, combinar intenção e corpo. Autoconfiança a roupa quer dizer, né? E por que comigo seria diferente?

Por que eu também não fico gato? Quer dizer, gato eu sou de qualquer jeito, mas por que eu não fico gato também vestido? Por que, já que ela me manda fotos, já que ela aceitou escolher salto porque sabe que eu gosto, por que eu também não faço isso? Por que eu também não tomo vergonha na cara e passo a escolher o que é que eu vou vestir?

Esperei a rodada do carrinho dos meninos acabar, paguei o débito do parquinho e, na esperança de que eles tivessem amansado para aguentar mais um round de compras (agora com o pai deles), voo para a primeira loja de roupas masculinas com vendedoras mulheres. Vendedores não entendem nada de homens. As vendedoras é que saberiam com o que eu queria parecer.

— Moça, — Atravessei a loja em busca da moça que dobrava, calmamente, uma pilha de camisas. — você pode me ajudar?

— Pois não? — Era bonita, ela. Olhava para um filho no braço e outro arrastado pela mão.

— Eu quero ficar gostoso.

— Acabou de sair de um divórcio?

— Deus me livre, mulher. — Coloquei o Guto no chão — É para a esposa.

O sorriso dela se iluminou automaticamente. Perguntou o tamanho da minha camisa, a calça, os sapatos. Eu não saía do provador, ela me estendia roupa atrás de roupa, eu com as duas crianças naquele cubículo. Eles brincavam de algum jogo que eu não entendia, quietinhos, sentados no chão, encostados no espelho.

Eu vestia uma roupa, abria a cortina, ela avaliava. Era esse o negócio. Eu não sabia como um homem gostoso se vestia. Ela quem dava as ordens e eu a seguia. Eu, no máximo, tentava desvendar se eu me parecia com um gay metrosssexual, ou como um casado hétero. Terno italiano, blazer, jeans, sapatos, camisas. Calça social, cintos.

— É assim que eu devia me vestir, caso eu te chamasse para sair?

— Moço, eu sou casada.

— Que bom, eu também. — Olhava-a pelo espelho. — Quero saber se daria pra mim num outro contexto.

— Talvez, se você fosse um pouco mais forte.

Era isso. Ter essa carta na manga para jogar na mesa. Atrair os olhos.

— Se eu fosse mais forte, você daria para mim num primeiro encontro?

— Com certeza. — Isso é uma moça se empolgando? — Eu gosto de homem forte. Não bombado, coisa de MMA, só forte. E creio que tenho um time inteiro de mulheres que me apoiam.

Quantos meses um homem tem que se matar na academia para ter uma barriga trincada? Três meses? Seis meses? Falando sério agora, sem brincadeira, eu sou o típico pai, sem grandes nada. Não vai dar para fazer milagre com o tempo que eu dispunha.

A Fê ligou e eu já estava no caixa. Testei minha teoria, se era um polichinelo ou uma atitude que faz um homem gostoso. Segurando meu Guto no colo, sorri para a vendedora que voltava a dobrar camisas. Não era um sorriso de "obrigado, você é uma ótima vendedora", mas um sorriso de "eu volto para te comer". Ela corou na mesma hora, olhou para baixo, concentrou-se na camisa. Ainda fui lá e dei-lhe um beijo no rosto, de cumprimento. Com aquela aura de sexo envolvendo nós dois e um filho no braço. Um cumprimento cheio de promessas que eu não pretendia cumprir.

Ando meio enferrujado, confesso. Depois que casei, ainda mais depois dos filhos, esqueci completamente esta parte de mim, a parte que se dava bem, que agarrou a mãe das minhas crias pela boceta. A parte que agora, eu precisava usar outra vez. Não é a libido que morre, constatei ali, com a mão na lombar da moça. É a conquista. São os jogos que morrem, no casamento. A gente acredita

que não precisa mais acender a lareira do tesão da nossa mulher, por que ela já se casou, já me conhece do avesso, já me viu de tudo quanto é jeito, não tem mas mistério.

Só que sexo não é corpo, é cabeça. Eu costumava pensar assim, antes e, embora a Fê diga que eu transo com a cabeça, tem anos que não a coloco para funcionar. Hora de ligar os motores, de botar óleo na máquina. Hora de encontrar a Fê e –

— Oi. – Carregava sacolas. Sorria. Sorria como quando éramos namorados; sorriso de menina arteira. – Foram fazer compras também?

— Algumas coisas, só. – Dei um beijo na têmpora dela. – Comprou muita coisa?

— Está pesado. E eu já coloquei uma leva no carro.

Ai, minha fatura do cartão! Ai, meu pau dando chiliques na calça jeans, enroscando a cabeça nos pentelhos compridos. Resolveremos isso no banho, um tempo do caralho que sequer aparar eu aparava, quanto mais deixar careca.

Capítulo 6

Lava

Vai, Rodrigo. Aceita que não sabe o que fazer, que a paulada na cabeça foi mais forte do que você esperava. Vai, Rodrigo, se rende. Não tem vergonha nenhuma assumir para a mulher da sua vida que você não sabe o que fazer, mas está louco para tentar de tudo. Assume que para dançar a valsa você precisa que ela junte a mão dela na sua. Não adianta enchê-la de presente e não saber o que fazer quando ela ficar bonita diante de você.

Terminei de fazer a barba, tirei os pelos da pia, me sequei na toalha e saí do quarto. Segunda-feira de manhã outra vez, seis horas da manhã, terceira semana desde que tudo virou do avesso. Olhando para ela que dormia, um pouco abalado ainda, tomei coragem e me vesti. Tentei não fazer muito barulho para não acordá-la, mas depois a chamei.

— Bonita, – tentei, sem tocar nela – vem, levanta.

— . – Espreguiçou-se lentamente sem abrir os olhos, depois me deu uma boa medida– Tá cheiroso. Você tem reunião, hoje? Tá se vestindo bonito.

Vai, Rodrigo. Edifica seu castelo todo de novo. Desmancha o castelo de carta e monta um de cimento no lugar. Assume que está perdido, que sozinho não sabe o que fazer. Vai, Rodrigo, seja homem.

— Faz um primeiro encontro comigo de novo? – Perguntei, enquanto ela se levantava da cama.

— A gente tem que ver com quem deixa as crianças.

— Hoje de tarde. – Sorri, fechando passando o cinto na jeans – Três horas, naquele mesmo café. Vamos?

— Meu deus, aquele café ainda existe?

— Você mata a escola, eu mato o trabalho. Vem, Nina? Só eu e você?

Sem responder, de camisola e os cabelos desgrehados, arrumou a gola da minha camisa, me beijando com cuidado. Sorriu, passiva, mas não respondeu e entrou no banheiro.

Fiquei tão nervoso como da primeira vez que a chamei para sair. Daquela vez, ela também não respondeu. Sorriu do jeito manso nada-Fernanda e foi embora, eu lembro bem que fiquei com o cu na mão de tomar bota. Do mesmo jeito que aconteceu da primeira vez, embora nervoso, continuei fazendo as minhas coisas: Desci para fazer o café, contanto os minutos, esperando por ela. Cheguei até a cortar as frutas na cumбуca dos meninos antes mesmo de acordá-los, para não pensar na resposta dela.

Esperei que ela fosse descer cedo, que nem todo dia, para que a gente tomasse café juntos e sozinhos, mas como isso não aconteceu, olhando o relógio, chamei os meninos, ajudei-os a escovar os dentes, a vestir o uniforme e descemos, nós três. O Lipe serviu o Guto de leite, tudo como acontece todo dia, coloquei Sucrilhos no pote deles, o Guto me pediu mel por cima das maçãs picadinhas e eu coloquei.

— Pai, — Os meninos também estranharam a ausência da mãe. O Guto já me olhava com medo, pensando que a mãe tinha ido embora de novo — cadê a mãe?

— A Mãe tá dodói? — O Lipe perguntou, tentando os prováveis motivos antes de pensar que a mãe foi embora — A Mãe só fica dorminhoca quando está dodói.

— A mãe tá lá em cima. Lipe, toma conta do Guto, que o pai vai lá ver o que a mãe tem.

— E eu posso tomar conta do Lipe, papai?

— Sempre, amor meu — Beije as duas cabeças e subi correndo. A Fê não é de enrolar assim e eu sabia que só podia enrolar desse jeito por causa da proposta. Será que era tão difícil decidir se vai encontrar o próprio marido num café, caralho? — Fê, — Bati na porta do nosso quarto, já entrando — tá tudo be-

Esqueci o português na hora. Esqueci foi o Aurélio todo, tudo de uma vez.

Sentada na cama, virada para a porta de entrada, os braços paralelos ao corpo. Olhava para baixo, contemplando as próprias sandálias. Usava um vestido branco, novo, que sentada, eu via metade das coxas. Um bom pedaço de perna escapava daquele vestido. Que vontade de te morder, Nina, de arrancar pedaço. Me olhou sem sorrir, desafiadora. Deu para ler pensamento, agora? Meu saco derretia. Perder a cabeça ali seria fácil, seria simples, quase infantil.

— No primeiro encontro a gente se veste para impressionar, né? — Sorria bonita e passiva, de novo. Só disfarce, só jogo. A Minha Fê, de passiva, não tem nada. — Só que eu estou insegura de ir para a faculdade assim, Dio.

— Levanta, — pedi — me deixa olhar para você.

Travada ainda, envergonhada, ela se levantou. Pronta já, de cabelos arrumados, de batom. Toda bonita, ela, como não vejo há tanto tempo que quase me esqueço. O vestido ela era justo no dorso, várias camadas de pano das costelas até a barra que alcançava o meio das coxas grossas e muito gostosas.

Tentando não parecer muito troglodita, beijei-lhe as mãos com carinho. Eu senti falta de vê-la linda daquele jeito, enfeitando os meus olhos, me enchendo o peito de saudades de quando a gente era só namorado. Ajoelhei diante dela, os olhos toldados por lágrimas tão saudosas quanto as minhas.

— Não, Dio, não faz isso.

Ajoelhei diante dela para tirar a calcinha. Pelos quadris, puxei o elástico e descii. Não era uma investida sexual, aquilo era um ato de construção de confiança. Guardei a calcinha dela no bolso da calça porque também não sou de ferro.

— Faz muito tempo que não ando de vestido – Cinco anos, no mínimo – Pelo amor de Deus, devolve a minha calcinha.

— Isso aqui é teu amigo te preparando para o teu macho. – Sorri, me erguendo para o rosto dela, beijando-lhe a bochecha do mesmo jeito que beijei a vendedora da loja de camisas, mas, diferente daquela, com esta mulher, eu estou totalmente cheio de más intenções. – E o teu macho não gosta de mulher medrosa.

O vinco na testa dela, os olhos me comendo vivo. Vai sentir tesão em mim de novo, Nina, é assim que começa. Vai lembrar que me ama e vai se melar toda por mim de novo.

— Desce, – mandei – te espero na escada.

Saí do quarto e deixei a porta aberta, deixando um Projeto de Fernanda que me olhava como quem me comia. Descii e, aos pés da escada da nossa casa, esperei por ela. Feliz por vê-la me querer, por acender o corpo dela com as palavras, por vê-la linda de novo. Esquece da vergonha, a Nina que eu conheço amamenta filho em sala de aula lotada de moleque.

Desceu com a bolsa presa nos ombros, os cabelos presos para cima, os olhos pintados. Parecia um sábado de manhã. Limpa, e fresca, e linda. Ofereci braço para ela e beijei-lhe as mãos, antes.

Tenta de novo comigo, Nina.

Me olhando muito, sem sorrir, a gente foi para a cozinha. Cumprimentou os filhos, recebeu um monte de elogio deles e se sentou para comer.

— Pai, por que tá chorando?

— O pai não tá chorando, filho. – Respondi, encostado na pia, fazendo a lancheira deles.

— Tá sim, tô vendo.

Não deixa passar nada e é ligado no 220 o dia inteiro. É esse o um filho mais velho.

— Algumas vezes os pais esquecem que amam as mães e quando lembram, eles choram, filhote. – Sorri um pouco triste, ainda assinando a cartilha de que não é bom mentir para filho, olhando nos olhos da minha Nina, tão molhados quanto os meus.

— Nunca vou esquecer que te amo, mãe – Encheu o rosto da mãe de beijo, pulando da própria cadeira, para ela.

— Nem eu! – O Guto pulou logo atrás.

— Assim você suja o vestido da sua mãe com o tênis, amor – A Fê disse para o Lipe em pé na cadeira dela, depois de ganhar um monte de beijo.

— Desculpa, mãe.

— Não precisa pedir desculpa – Beijou o focinho do filho maior, beijou o focinho do filho menor de deu um tapinha na bundinha de cada um – Agora vão, macaquinhos, terminem o café da manhã, senão a gente se atrasa.

— Tá. – O Lipe disse, voltando para a cadeira – Tá bonita hoje, mãe.

— A mãe tem uma coisa importante para fazer, hoje – Me sorriu, condescendente.

— Você também, macaquinha – Sorri para ela, fechando a lancheira do Guto – Senão a gente se atrasa.

— Não chama a mãe de macaquinha – É um ciúmes e um grude que o Lipe tem com a mãe, que até eu fico de fora. Fiz bico, dramático, por tomar bronca.

— Você também tá bonito hoje, pai – Para me consolar, o Guto disse.

— É, pai, tá gatão – O Lipe concordou, dançando na cadeira dele, enfiando a colher na cumbuca – Os dois estão gatão, hoje: a mãe e o pai.

— Tô gatão, Nina?

— Lindo, Dio. Tá lindo.

Fui para o trabalho de metrô, o carro da Fê ainda não estava pronto e eu deixei que ela usasse o meu. Aproveitei e testei o quão bonito eu realmente estava. Fiquei de pé segurando nas barras do metrô, o terno na mão, a camisa por dentro da calça, os sapatos, o cinto, tudo alinhado. Tudo devidamente passado e escolhido com cuidado. Dava para dizer que eu me arrumei para sair, naquele dia. Eu também tinha uma coisa muito importante para fazer.

Saltei do metrô quando chegou a minha estação, pensando na quantidade de coisa que eu consegui fazer, naqueles quarenta minutos de viagem. Com o celular na mão deu tempo de estudar umas coisas do trabalho, mandar uns e-mails e telefonar para o setor de eventos, coisa que eu nunca consegui fazer no anda-e-para do cacete que o trânsito dessa cidade é.

Capítulo 7

Congela o Mundo, Deus

Esse negócio de a Fernanda sair sem calcinha nada tem a ver com os outros. É uma coisa muito mais íntima, muito mais discreta. É a minha esposa reparar na própria sexualidade, na própria vagina e se lembrar de mim. Que foi ordem minha ela sair nua de casa. Que, quando voltar, eu estarei lá, sorridente, esperando por ela. Essa é a graça.

Eu queria ser o tipo de gente que não tem ciúmes do parceiro, queria mesmo. O tipo que está surgindo agora, que acredita em "amor livre", que brande para o mundo que não é monogâmico. De verdade. Tem dias que eu penso o quanto o casamento é solitário. É em mim que ela desconta tudo, todas as coisas boas e ruins, e eu só tenho a ela. Ela é minha única amiga e meu único objeto de desejo. Será que ela nunca sentiu vontade de dar para mais ninguém nesses anos todos de monogamia? Eu já senti vontade de comer outras mulheres, mas só a culpa de ter pensado nisso já me consome.

Com esta filosofia de bar, entrando no escritório, eu penso que a Fê deve ter vontade de dar para meio mundo, mas ficou fingindo orgasmo enquanto eu a comia. Só pode ser por amor, mesmo, fazer uma merda dessas. Não querer machucar o parceiro, não querer dizer para ele que ele transa mal.

Cruzo a secretária nova com um "bom dia" e entro na minha sala. Nove horas. Eu nunca trouxe o leitor para o trabalho, então acho justo mostrá-lo a você, só que você já percebeu que eu não sou detalhista, então eu vou fazer essa descrição mixuruca da única forma que eu conheço: porcamente.

Se não fosse pela parede da janela e a parede que divide a minha sala com a sala de um dos outros três sócios, a sala seria toda de vidro. Duas paredes cobertas em papel de parede cinza, duas paredes de vidro, uma delas sendo a porta de entrada. Do lado de fora, a secretária que eu cumprimentei, com aqueles fones de ouvido de moças de telemarketing. Depois da porta, à direita, a minha mesa que em cima só tem o monitor do computador, a minha agenda aberta no dia de hoje, toda riscada pelas mãos da secretária. O teclado e o mouse ficam embaixo da mesa, nos trilhos do suporte. Na parede da janela coberta por persianas, embaixo, um sofá e uma poltrona formando um "L". Reuniões íntimas a gente faz ali. Adiante, do lado oposto à minha mesa, uma mesa redonda com dez cadeiras com um projetor em cima e um telão. O departamento se reúne na minha sala quando é coisa urgente e confidencial.

Aquele andar é o andar dos "chefões", os quatro donos. Eu, por ser o mais novo, tenho cinco por cento a menos da fatia do bolo. Lembro como se

fosse ontem a felicidade que fiquei ao subir um andar.

Hoje em dia este posto não me vale como antes valeu, digamos, há um ano. Não o olho com a mesma satisfação por que só eu sei o que sacrifiquei para estar ali. Sacrifiquei a carreira da minha esposa e o nosso casamento. Quando ouvi uma colega de trabalho dizer que o melhor investimento para a carreira é escolher direito o marido, achei que era brincadeira, mas não é. Se a Fê estivesse casada com um homem menos carreirista, provavelmente ela ainda estaria por aí erguendo pontes. A culpa não é dos filhos, hoje eu sei. Eu sou o culpado.

Liguei o computador. Ainda bem que minha mesa é grande. Tem dia que ela fica um caos. Hoje era dia de caos, segundas-feiras são os dias favoritos dele. Estirei o terno na cadeira e observei a agenda. Chamei a secretária pelo telefone. Vinte e oito anos, três línguas. Calça trinta e seis, eu tenho olho bom para essas coisas. Toda bonita, aquela morena de cabelo curto, franja nos olhos, sempre de roupa social e mandona. Puta merda, como é mandona. Tem dia que eu não sei se ela é que é minha secretária, ou se sou eu o secretário dela.

— Ana, — É Ana Clara o nome de batismo — você conhece academias que sejam perto daqui?

— Tem a que eu vou, do outro lado da rua. — Juro que nunca vi uma academia do outro lado da rua.

— E é boa?

— Eu gosto. A Bia é a dona. — Bia é a namorada da Ana, mas os outros sócios não sabem, ela não gosta que as pessoas do trabalho o saibam. Eu sei porque a vi conversando no celular com a namorada e, depois desse dia, eu disse que ela poderia usar a minha sala para isso, se quisesse.

— Senta aí. — Ofereci o sofá perto da janela. — Estou com um problema. É pessoal, então se você não quiser ajudar, tudo bem.

— Você diz o problema, eu escolho se ajudo.

— Quero ficar gostoso para a Fernanda, só que não quero que ela saiba.

— Homem, — expirou, achando graça — como ela não vai saber? É um processo, demora. Ela não vai te ver sem camisa, até lá? Digamos que demore três meses para começar a ver resultado. Vocês vão ficar três meses sem lusco-fusco, caralho? Não dá para apagar a luz e esconder não, viu?

Eu gostava dela por que ela era desbocada. Resolvia os pepinos com os clientes que se acham reis (e querem que você os trate como tal) sem me chamar. Já deu cada voadora moral que eu até comprava ingresso para assistir a luta. Ana Clara tem pulso firme e bem pouco pavio. Pisou no calo dela e... sai debaixo.

— Mulher, — repeti a cena cômica — já estamos há três meses sem.

— Por isso que eu não gosto de homem, tá vendo? TRÊS MESES?!?

— Se for contar o tempo que ela não goza, cinco anos. — quase ri. Seria

cômico se não fosse trágico e se não me doesse tanto como dói.

— Me perdoa, mas... o que essa mulher está fazendo com você?

Ana, eu também não sei. E me dói pensar em viver sem ela. Acabou a comichão ali, eu não consegui dizer palavra, o sorriso em que eu me escondia acabou. Era um assunto sério.

— Olha, eu não conheço a sua mulher, – Disse, retomando, entendendo nas entrelinhas. – mas não é um tanquinho que vai resolver isso.

— Sei que não.

— Você descobriu faz tempo?

— Sábado.

— Uau. – Arregalou os olhos escuros e maquiados. – E você ainda não aceitou isso, né?

— Estou mastigando. – *Ruminando*. Por que esse troço vai e volta; não desce.

Contei a ela sobre tudo. Foi muito difícil colocar na boca o que só estive na minha cabeça. Era a segunda semana dos seis meses, há três semanas que eu me descobri um bosta de marido. Abrir minha vida pessoal com alguém do trabalho. Subordinada minha, ainda. Outra mulher. Mais um tiro no pé? Parece que eu gosto mesmo de sair por aí contando uma verdade que ninguém me perguntou.

— Mas que merda que você fez aqui, hein amigo? – Levou a mão à boca como uma estrategista. O indicador por sobre o lábio superior e os demais no queixo. Depois colocou os cotovelos sobre os joelhos. Pensando. Deve ter me xingado mentalmente um monte de vezes. – Olha, não sei se você quer um colo de mãe ao me dizer isso, mas... Como mulher, me coloco no lugar dela. E ela está sendo bem tolerante com você, viu? Se fosse eu, você já fazia aniversário fora de casa. Teria te dado um chute na bunda tão forte que você ainda estaria quicando. Onde já se viu, homem? Cinco anos. Fugir do parto seu próprio moleque. Estou a fim de sentar a mão na sua cara.

— Mas eu estou –

— Meu, a sua mulher é uma santa. Você não tem nem moral para se justificar, fica quieto que você ganha mais. – Levantou-se – Eu não quero mais conversar com você hoje, senão acabo demitida por justa causa.

Saiu balançando aquele mulherão que ela era, a saia justa e na altura do joelho, para fora da minha sala. E pisando duro. Como minhas paredes eram de vidro, eu via a mesa dela na frente da minha sala. Sentou-se e ficou minutos sem falar nada, sem fazer nada. Só aquele indicador sobre a boca e os demais no queixo.

— Levanta esse cu da cadeira que tem reunião no décimo quarto. –

Rabugenta, disse pelo telefone a mesma coisa que estava escrita na minha agenda.

Antes que o leitor assuma que eu seja o dono do prédio inteiro, nossa agência só ocupa os três últimos andares de um prédio na Paulista. Toda segunda-feira, dez horas da manhã, é a mesma coisa. Meu departamento, nove pessoas, se reúne, resume a semana anterior, define as três "big rocks" da semana (coisas que não podem ser adiadas e precisam ser feitas) e coloca tudo num calendário virtual que todo mundo tem acesso.

Nosso departamento serve para lamber clientes. Foi para isso que fiz faculdade. Orçar projetos, campanhas, lamber clientes, mostrar o resultado da galera da criação, lamber clientes, mostrar o álbum de fotos da galera do evento. Em suma: puxar o saco e lamber clientes. Nossa reunião de segunda era para definir a que parte do corpo e sobre qual cliente nós estiraríamos nossas línguas para fora.

— Homem, — Ana disse quando voltei para a minha sala da reunião, meio dia para o almoço — eu vou te ajudar. Só por que já cometi muitos erros com Deus e quero aliviar minha barra.

Beijei a bochecha dela em agradecimento. Saímos juntos para o almoço, mas fomos primeiro para a academia da namorada dela. Se a cabecinha doentia do leitor imagina Ana como uma bela mulher, você está certo, só que você não poderia imaginar a namorada dela, Beatriz. Uma loira, sem brincadeira, dessas que a gente coloca nos comerciais de cerveja.

— . — Me cutucou as costelas com o cotovelo. — Se você imaginar qualquer coisa entre nós duas, a cobra vai fumar e vai fumar feio.

Beatriz se aproximava, deixando uma mulher fazendo abdominal. Usava aqueles macacões com um milhão de desenhos, aquelas meias brancas até o meio das pernas e tênis. Suada, vermelha dos exercícios. Os olhos mais azuis que já vi e um bocado rosado que imaginei numa xoxota na mesma hora.

— Agora é tarde. — Ri. — E tomei um beliscão de unha no braço. Doeu, só para o leitor saber.

— Ele sabe — Disse, antes de se cumprimentarem. Beijaram-se uma bitoquinha e fizeram carinho uma no rosto da outra.

— Você que é o chefe da minha Ana? — Tinha uma voz bonita, também.

— É esse bosta mesmo, amor. — Moral com a secretária? Nenhuma.

— Eu não vou te deixar — fez aspas com as mãos — "monstro" por que essa não é a minha. Eu sou Personal Trainer de saúde, fitness mesmo. Halterofilismo não é meu rolê.

— E eu odeio frango com batata doce. — Ri. — Nem quero saber de pote de Whey Protein.

— ... mas vai aprender a comer direito.

— O que a senhorita mandar.

Descobri naquele dia que Beatriz era sócia fundadora da academia, em plena Paulista. Foi personal trainer de muito artista no Rio, mas parou de gostar daquela vida e veio para São Paulo. É formada em Nutrição e Educação Física. Tem lá seus trinta e cinco, trinta e seis anos. Com corpo e rosto de dar inveja em muita menininha por aí.

A mensalidade era cara. Cinco dias na semana, uma hora por dia, esse era o tempo que eu dispunha. Beatriz, que não era boba nem nada, tinha convênio com uma lavanderia, então era só eu levar minha roupa de ginástica, quantas mudas eu quisesse, que duas vezes na semana a lavanderia ia buscar e lavar. Aí saiu caro, mesmo, só que assim é certeza que a Fê não descobre meus planos.

— Agora me diz – Ri, já almoçávamos – Como foi que você conseguiu que a Beatriz gostasse de mulher?

— Homem, eu não o primeiro caminhão a tentar carregar aquela areia toda não, viu?

— Ela nunca gostou de homem? Nem você?

— Me dá um bom motivo pra gostar: Só um.

A Bia e a Ana caíram como uma luva na minha vida. Ruim é que meu apelido virou "Cinco anos" e a Ana ainda me tratava com desdém. Assumiu o lado da Fernanda e me disse que queria conhecê-la. Talvez eu as chamasse para jantar em casa qualquer dia desses, acho que Fê ia gostar delas. São duas mulheres desbocadas, que adoravam sair e eram jovens. Tinham espírito de estagiárias, felizes com o emprego dos sonhos, trabalhando por seus lugares ao Sol, mas não abriam mão de um happy hour de sexta-feira. "Espírito de Estagiária" e a melhor definição que encontrei. E lhes cabia. Às duas.

Depois que abri aquele diálogo com a Ana, nossa relação no trabalho era muito melhor. Em dez meses que tomava conta da minha vida (desde que a última se aposentou), era a primeira vez que eu a encarava como "minha assistente". Se eu saísse daquela empresa e fosse para qualquer outro lugar, a exigência seria que ela fosse comigo. Recebendo mais do que ganhava ali, que não era pouco nem de longe. Ana é secretária de um Sócio; presidencial é como dizem. Pouco é o que ela não ganha.

— Cinco anos, – Ana se despedia usando meu novo apelido imbecil, quando me viu partindo do escritório bem mais cedo do que o de costume – vê se não esquece de trazer a roupa de ginástica. Vou ter que te mandar mensagem amanhã de manhã?

— Não, senhora. – Respondi, submisso e desligando o computador, antes de entrar na estação do metrô.

O café continua o mesmo Igual como há onze ou doze anos. A nossa mesa colada num janelão ainda é a mesma. Entrar ali foi como entrar num túnel do tempo. Fernanda não é mais uma moça de vinte e três, mas um mulherão de trinta e cinco. Não fuma mais, não exerce mais a profissão, não tem mais aquela pose de dona da rua.

Andava do outro lado do quarteirão com seu vestido esvoaçante, no meio de uma tarde ensolarada qualquer, não mais num anoitecer chuvoso como foi da primeira vez. De branco agora, não mais de preto e vermelho. Guardava as chaves do carro na bolsa pequena, olhava as horas no relógio do celular, esperando o sinal para atravessar.

Eu não perdi nenhum segundo do momento que atravessava a rua. Agora é mãe dos meus filhos, mas ainda é a mesma Fernanda, afinal. Lá estava ela, toda ela, toda bonita, andando do mesmo jeito, o mesmo porte ao caminhar, o mesmo jeito de me cumprimentar. Desafiador, o fogo branco que atravessava a rua. Linda, a mãe dos meus filhos, a dona da minha vida, a mulher que faz o que quiser comigo.

Num atravessar besta de rua, a gata de preto de doze anos antes, a leoa de branco de agora, eu vi toda a nossa história. Simbólico demais, tudo aquilo. Sorrindo feito um idiota, vi a porta do café se abrir, o mesmo barulho de salto batendo no assoalho, a minha agora esposa me cumprimentando num sorriso sensual, desafiador e brando. Tão emocionada com todos aqueles símbolos quanto eu.

Me ergui para recebe-la, coisa que eu não fiz da primeira vez. Com braços de amor, ela me abraçou com força, na pontinha dos pés, o nariz no colarinho do meu terno.

— Oi, Antigo Rodrigo.

— Oi, Antiga Fernanda.

Me soltou e se sentou no mesmo lugar que da outra vez. Me sorria diferente do que me sorria sempre. Me sorria com lágrimas nos cantos dos olhos, emocionada. Chuto dizer que foi ali que se lembrou por que me ama e por que é que a gente não podia pedir divórcio sem antes tentar outra vez. Troquei de lugar, sentei do lado dela, na mesa encostada na parede, um sofá de cada lado da mesa. Ocupávamos o mesmo assento quando a garçonete chegou.

— Dois expressos, por favor. — Pedi — O certo era a gente pedir uma garrafa de vinho como da primeira vez, mas, saindo daqui, a gente tem que pegar as crianças na escola.

— E agora sou eu quem dá vexame com pouco álcool. — Sorriu. — Lembra que fui eu quem te ensinei a beber?

— Você não precisa lembrar de todos os meus podres só por que a gente

está aqui, Nina. Bem que a gente podia esquecer de alguns, né?

— Foi uma das primeiras coisas que eu gostei em você, Dio, como você quer que eu esqueça?

— Gostou de me ver cheirar a leite, é?

— Achei bonitinho, nunca tinha visto homem fraco para vinho.

— Eu tenho saudade de muita coisa daquela época, Nina, mas disso eu não tenho, não.

— Tem saudade de que, então?

— No duro? – Dessa gíria eu não tenho – Eu tenho saudade da nossa primeira vez. Ainda lembro do gosto do vinho e do seu batom fresco.

— Estou com medo de tentar de novo, Dio – Sentenciou, sem me olhar nos olhos.

— De tentar a gente de novo?

— É. – Só não chorou porque a moça chegou trazendo dois cafés – Traz uma taça de vinho tinto, moça, por favor?

— Uma só? – A Garçonete me perguntou.

— Não, traz duas. – Corrigi, cedendo, arrastando o suporte de açúcar para mais perto da Fê.

Nos calamos. Sem me olhar, adoçou o café e depois virou o rosto para o janelão, cessando a conversa.

— Me perdoa por tudo isso – Falei baixinho, sabendo que ela olhava para a janela para não ter que olhar para mim.

— Não é só culpa sua – Respondeu baixinho também, sem me virar o rosto.

O que a gente conversou não foi lavagem de roupa suja, antes que o leitor suponha. A gente só se lembrou dos antigos nós. Tínhamos pouco tempo, só duas horas até que os meninos saíssem da escola, nenhum de nós queríamos briga. Estávamos cansados de briga, de rancor, de frases que você corta pela metade para não ofender demais o outro. A gente, na verdade, só namorou com palavras. Ela não veio me beijar, então eu não a beijei. Não achei certo, não achei justo. Seu eu a beijasse, provavelmente ela retribuiria, mas não era o tipo de beijo que ela veio buscar, seria um beijo imposto.

Fazia diferença para mim o ser beijado, depois que eu descobri que eu passei anos impondo sexo sem que ela quisesse. Fazia diferença o avançar ou não porque ela era uma esposa que não goza com o marido.

Por mais que eu ame essa mulher, por mais que eu queira tocá-la, que eu queira amá-la, que eu queira levá-la para casa e amá-la até de manhã, aquilo me doía fundo. Doía no ego de macho, de marido e no ego de gente, também.

Conversando com ela, vendo-a falar, rir com a xícara entre os lábios, eu

lembrei que eu a admiro. Faz diferença, essas coisas, você ter do lado uma mulher que te faz ficar boquiaberto. Ela falava do mestrado, da dissertação, dos estudos que reduziam a quantidade de concreto nas construções. É a mesma mulher, então. Doida de pedra, maluca encarnada, matematicuês insensato e as piadinhas bobas que sempre me fizeram rir de besta.

Engraçado como em duas horas você descobre que é louco de amor não só porque aquele ser mora com você e tem filhos com você, mas porque ele te encanta. Ele te faz ter vontade de congelar tudo, avançar e voltar no tempo, se arrepender das merdas que fez e até das que não fez.

Tudo isso em só duas horas porque o amor nunca morreu, eu quem não estive olhando. Bastou guiar a cabeça para o lugar certo e encontrei minha esposa esposa de vestido novo, ruborizada pelo vinho, sorrindo enquanto me contava da composição das vigas de aço que usava para erguer prédios pela cidade e, agora, planeja artigos acadêmicos sobre ele.

Ser engenheira, genial e muito nerd, fazia parte da minha Nina e eu esqueci de como até isso me fazia falta. Entender mesmo eu não entendi porra nenhuma, mas eu gostava de ouvi-la falar.

— Vamos? – Me disse, olhando no celular – Em quinze minutos os meninos saem da escola.

— Vamos.

Saímos do café e ela pegou no meu braço. A gente costumava a andar assim na rua, antes. Andávamos, trançando de tão bêbados, falando bobagens pela calçada, ela com a cabeça encostada no meu ombro, o braço abraçado no meu. Era assim que éramos, Nina, você lembra? Há quantos anos a gente não sai mais na rua juntos? Era casa, trabalho, colégio dos meninos. Só isso o que tínhamos: Casa, trabalho, colégio dos meninos.

O carro dela estava no mecânico e ela usava o meu. Me entregou as chaves quando chegamos no carro, dizendo que não estava nada bem para dirigir. Duas taças, só, foi o que bebeu. Assumi o volante depois de pagar a comanda do estacionamento e ajustei os retrovisores.

Foi eu ligar o carro, pensando nas coisas que tinha que fazer quando chegasse em casa, que ela me beijou. Gosto de vinho e de batom fresco, tudo de novo. Ainda faço inveja a cabo de vassoura quando ela me beija assim, me segurando pela lapela do terno, a boca gostosa na minha.

Me sorriu como me sorriu há doze anos atrás. É a mesma Fernanda, a mesma mulher. A mulher por quem eu faço qualquer coisa. A engenheira que ergueu a Estaiada e que me deu dois moleques lindos. Um deles inclusive, tagarela até demais.

Me beijou outra vez, depois. Ela também ficou com tesão, no beijo.

Soltou o ar diferente, me beijou com mais vontade. Nos redescobríamos e tem o mesmo encanto da descoberta, a segunda vez.

O Lipe e o Guto estranharam o pai e a mãe dentro do carro, nunca vem os dois, sempre só um. Como todo dia, o Lipe afivelou o cinto no Guto, afivelou o próprio cinto e nos encarou, desconfiado.

— Vocês dois estão muito estranhos, hoje.

— É!

— Vocês nunca vêm buscar a gente.

— O pai ‘tava namorando a mãe, Lipe, aí a gente parou de namorar para vir pegar vocês na escola.

— Vocês dois parecem tristes. – O Guto observou.

— A gente tá um pouquinho triste sim, filhote da mãe.

— Por quê?

— Se você esquecesse que ama a mãe e depois se lembrasse, você não ia ficar triste? – Para um pai que conta para os filhos que a mãe foi embora porque o pai era uma merda de marido, o que é falar para os filhos que eu também sou uma merda de homem? Quer dizer, o pior já foi. Eles já sabem que eu sou burro, mas, pelo menos, não sou mentiroso.

— Não, papai – O Guto respondeu – Eu ia ficar feliz!

— Eu não ia esquecer que amo a mamãe – Ó o grude aí.

— Eu tô feliz de ter lembrado, mas tô triste por ter esquecido.

— Mãe, você também esqueceu que ama o papai?

— Guto, eu nunca esqueci. – Disse, sem me olhar nos olhos, enquanto eu dava a partida no carro.

— Eu também nunca esqueci que amo o papai.

— Nem eu!

— Pai, - O Lipe me perguntava – como é que você esqueceu que amava a mamãe?

— É modo de falar, filho. – Meu nome era culpa, meu sobrenome, arrependimento. Sou e sempre vou ser sincero com meus filhos. Não gosto de mentira e não minto para eles. Eles estão vendo que as coisas estão diferentes, não posso mentir e sorrir dizendo que está tudo bem, não fiz filho idiota.

Nesta casa a gente valoriza a opinião dos pequenos, dá tarefa para eles e não trata ninguém como coitadinho. A gente é uma família e, da família que eu vim, ninguém é melhor que ninguém.

Nem o pai.

— Vai entrando com os meninos, Fê, vou buscar seu carro lá com o Seu Manuel.

— Quer que eu vá? Você nunca entende o que tem de errado com o meu

carro quando ele explica – Riu, tirando a pasta e a bolsa do carro.

— Não, deixa que eu vou.

— Mãe, abre a porta, EU VOU FAZER PIPI NA CALÇA!

— Já venho, Nina.

Ela abriu a porta e o Lipe entrou correndo segurando o pinto, gritando que ia fazer pipi na calça. Pareceu que ela ia dizer alguma coisa, mas não disse. Prefери não insistir, dei meia volta e subi as duas ruas até o mecânico.

— O mecânico falou que a pastilha do freio estava ruim e que já trocou.

— Eu já tinha te falado isso! – Gritou, lá de dentro do nosso banheiro.

— Já?

— Há uns dois meses. Não sei se é o calor, mas a pastilha do meu freio envidraça rápido demais. Assovia sempre. Pode ver, daqui um mês tá assoviando de novo.

— Eu não me lembro disso.

— Andou com o meu carro por uma semana e não reparou que o freio assovia?!

— Reparei, mas... – Que bosta que era falar com ela através de uma porta fechada. – Nina, me deixa entrar?

— Não, agora não.

— Fê, o que está acontecendo?

Forcei a fechadura. A porta estava só encostada, não estava trancada. O rosto vermelho e os olhos cozidos. Chorou sozinha. Sentada no troninho, o vestido erguido, mijava e chorava.

— Nina... – não gostei de vê-la chorando – O que foi?

— Nada, Dio, vai embora.

— Me conta, por favor – Me ajoelhei diante do vaso, rodeando a cintura dela com os braços – O que foi?

— Fiquei com tesão em você.

Gostei tanto de ouvir isso, que mesmo diante de um rosto choroso, eu sorri.

— E o que tem?

Pegou uma das minhas mãos e colocou lá. Molhada de xixi e de uma coisa que eu só lembrava como era o sintético. Lubrificante natural assim, faz tempo para diabo que eu não vejo. Perdi a compostura de marido preocupado na hora.

— Eu pensei em você o dia inteiro. Batia um vento lá e eu lembrava que estava sem calcinha por sua causa – Nina, como é que você consegue me dizer tudo isso com lágrimas nos olhos? É motivo de deixar a gente feliz, não triste.

— E por que tá chorando?

— Fazia muito tempo que eu não ficava com tesão assim.

— No seu marido?

— É – E chorou. – Eu tentei aproveitar que estava com tesão, mas comecei a lembrar de tudo, da situação, de você e de mim...

— Nina...

— Eu tô tão sentida que eu não consigo me masturbar.

— Deixa eu te ajudar. – Fui metendo a mão nos joelhos dela para abrí-los.

— Não, claro que não.

— Por favor. – Implorando mesmo, sem nenhuma dignidade.

— Acabei de mijar.

— Eu não ligo.

— Fiquei o dia todo sem banho.

— Pelo amor de Deus, Fê – Meu reino pela sua boceta encharcada – Eu juro que eu paro a hora que você quiser. Não precisa fingir, não se sinta obrigada a nada. Se você não quiser que eu te limpe eu também não limpo, não por que acha que está "suja", mas por que não quer mesmo. Só me deixa-

Só me deixa sentir esse gosto que eu não sinto há anos. Ela cedeu os joelhos devagar, medrosa. Eu olhava nos olhos dela, meu pau ensandecido na calça apertada. Cravei a mão naquela coxa gostosa sem perceber. Era doce e leve e salgado. Janta de homem feito. Os pelos curtos fazendo cócegas na minha língua. Foi relaxando devagar, eu tencionei mesmo muito rápido. Colocou as mãos no meu cabelo como num carinho, massageando. Aí eu ouvi o primeiro gemido. Sensacional.

— Você não sentiu tesão no seu marido, sentiu tesão foi no seu macho, não foi? – Desgrudei a boca da boceta e grudei na boca. O clitóris crescia na minha mão e ela gemeu com a boca encostada na minha, sentindo o próprio gosto em mim – Não foi, Nina?

— Foi. – Confessou, baixinho

Eu sorri para aquilo. Puxei-a mais para a beira do vaso, a bunda e a boceta, ambas minhas e ambas meladas. Aquele aguaceiro não era só fruto da imaginação, eu tinha culpa no cartório. Também adorei descobrir isso. Empurrei dois dedos para dentro dela, sentindo os músculos relaxando e contraindo, o clitóris aberto, escancarado e todo meu.

Era assim que ela gostava.

Coisa de louco. Eu enlouquecia e me dobrava muito fácil por aquela mulher que arfava, que gemia. Que não mais acariciava meu cabelo, mas o puxava com gosto. Ela me disse para parar, mas eu não quis parar. Gemia manhosa demais para que eu a obedecesse. Ela não queria que eu parasse *de verdade*.

Eu não perdi um segundo daquele show. A boca entreaberta, as bochechas coradas, a expressão rósea. As mãos atoladas no meu cabelo, as unhas vis. Deus, como eu consegui me casar com essa mulher? E por que Tu me fizeste tão babaca para não percebê-la antes? Os seios duros e inchados, espremidos nos braços. As costas arqueadas e a barriga contraída. Os pés apoiados, um na tampa do vaso, o outro no meu ombro. Que cena. Que vista. Um gemido que escapava, ecoando no banheiro. Deus, congele o mundo. Por favor, *só hoje*.

O ponto alto e a crise chegavam, eu quase sentia. As vibrações chegavam não muito mansas e reverberavam no corpo todo. *Não, pensei. Ainda não.*

Sorri, o ápice da filhadaputice. Tirei a língua e depois os dedos. Ela me olhou sem entender, eu chupei o que sobrava dela na minha mão e ela ali, confusa. Desiludida. Eu lhe devia cinco anos de gozada atrasada e ela estava ali, prontinha para receber o pagamento.

Mas, ainda não. Beije-i-lhe a testa suada, as bochechas vermelhas, sentindo a respiração toda descontrolada e o vitupério à toda minha ascendência dito com os olhos de censura que jogou por cima de mim.

— Agora seja uma boa menina e vá tomar seu banho – Eu disse a ela, antes de sair do banheiro e descer para fazer a janta, fritando com todas as ideias.

Não sente mais tesão em mim, né? Pois vai aprender a ter.

Capítulo 8

Olhos Secos

Pode me chamar de filho da puta; eu sou. Desci as escadas arrumando o pau na calça, a sensação de Don Corleone. É um poder que eu não costumo reivindicar, o de controlar o prazer da minha Dona. Ao sorriso contente eu não consegui esconder, não senhor, mesmo sabendo que eu me arrependeria amargamente disso em menos de quinze minutos.

Falta-me, além de moral para insinuar qualquer sexo, coragem. Estou numa sinuca de bico aqui: a vontade de torturá-la com sexo é imensa, mas a moral para fazê-lo é mínima. Eu devia tê-la feito gozar. Ela no banho, além de ter terminado o que comecei, deve ter se feito um milhão de promessas e planos de acerto de contas. O como devolveria aquilo, todo o troco que me daria. Dez mil reais em moedinhas de cinco centavos. Isso, se ela for boazinha. Senão, moeda de um centavo. Dona Fernanda não deixa nada barato.

A mesa para quatro pessoas, com duas cadeiras ocupadas. Guto no meu colo e o Lipe no colo da mãe. Eles não costumam comer agarrados na gente, mas o fizeram para nos alegrar. Disseram que era para a gente não ficar tristonho, enchendo o pai e a mãe de beijo enquanto comíamos.

O Lipe e a mãe fizeram uma competição de matemática, depois do jantar. Sentados no tapete da sala "brincavam" com uma folha de rascunho. O Guto e eu tentávamos participar, mas só os acompanhei até a tabuada do cinco. O Guto ajudava emprestando os dedinhos dele para eu usar nas minhas contas e, depois que perdi, o Guto virou o "emprestador de dedos oficial™". Quando as contas não cabiam mais na mão dos competidores restantes, o Guto emprestava os dedinhos.

Foi divertido. A Fê ganhou (de novo) e eu provei (de novo) o quanto sou burro.

— Mãe, eu posso ir para a sua escola? Você ficou boa na conta e você era ruinzinha...

— Um dia, se você quiser, eu te levo. Mas tem que prometer que vai ficar quietinho porque a professora lá é muito brava.

— Mais que a minha?

— Uh, muuuuuuuuuito mais.

Colocamos os meninos para dormir antes de lavar a louça, ideia dela. Deu tantos beijos nos meninos quanto podia e disse que já estava feliz de novo. Descemos. Ela lavou a louça e eu sequei. Me contou do mestrado, que tinha um seminário para semana que vem.

— Vou fazer com a única outra mulher da sala.

— Nem sabia que tinha outra mulher na sala... – Pior que eu não lembrava mesmo.

— "Represas e Portos" te lembra alguma coisa?

— Lembrei, lembrei. – Comentei, colocando os pratos secos no armário – Perdoa, Amor.

— ... A gente está vendo o dia que dá, né? Por que ela tem filho pequeno e o marido parece que trabalha sábado, não sei, uma coisa assim – Sempre foi de gesticular muito enquanto falava. Falava com a mão livre e colocava o último copo no corredor com a outra – Capaz de a gente ter que virar a noite fazendo trabalho por Skype.

— Caralho, você não conta mesmo comigo, né? – Não era uma pergunta. Ela não contou comigo, não pensou em me pedir para cuidar dos pequenos para ela fazer o maldito do trabalho. Não olhei para o rosto dela, não queria confrontá-la, aquilo não era para incitar briga, era uma constatação. Continuei secando os pratos e empilhando-os.

— Toda vez que eu pedi para você olhar as crianças, você inventou uma desculpa. – Coçou a cabeça, a mão molhada, incomodada. Me olhava, aquilo também não queria dizer briga, só que os nervos...

— Eu estou me esforçando. – Argumentei, quase num "finge que eu não falei nada".

— Eu sei, eu estou te amando muito por isso, só que não dá para colocar muita a confiança em você. Eu conto com você e aí? Aparece um cliente "x" na agência, O Pica das Galáxias logo no sábado de manhã, cinco minutos antes de eu encontrar a mulher e aí? Eu já fiz isso, eu vi como é. Então eu só... não conto com você.

— Então faz o teste, o que você tem a perder? – Pousei o pano de prato, olhei-a com a convicção do que eu pretendia. – Estou me oferecendo para ficar com as crianças. Quer ir lá na casa dela, ou se ela quiser vir aqui, tudo bem. Ela tem um moleque não é? Manda ela trazer ele. As duas cocotinhas se trancam para fazer esse trabalho e eu cuido deles. Se o marido dela quiser vir também, mesmo se for trabalhar depois, tudo bem também, não me importo.

— Ok – cedeu, um sorrisinho feliz mal disfarçado no canto dos lábios – vou ver o que ela prefere.

— Eu falei sério dos seis meses.

— Tão sério que a primeira coisa que fez quando quase cheguei lá foi tirar a boca. – Por dentro ela estava muito irada com a ideia da gozada interrompida.

— Isso aí não tem nada a ver com a promessa dos seis meses. – Ri,

colocando a mão na cintura dela, num abraço – Ô Fê... – Abracei-a por completo e a esperei se desarmar das palavras duras. Com as duas mãos molhadas, ela não me abraçou de volta, mas eu não liguei. Ela estava sentida com aquilo, eu não esperava que fosse fazê-la chorar. Não era essa a ideia que eu tive quando tirei a boca.

— Eu não gostei.

— Tá, mas você bateu uma pensando em mim, não foi? – Pensa num fulano convencido, arrogante e que devia ter medo do perigo.

Parou com o melindre. Me olhou com aquela cara de “Não acredito”, estreitou os olhos, um sorrisinho no canto da boca que denunciava cada botão que ela juntava para pensar consigo. Cínico, beijei os olhinhos da esposa magoada, limpei-lhe as lágrimas com os polegares e lhe beijei a testa.

— Não acredito. – Disse, por fim. – Eu não acredito.

— Não é guerra. – Já estendi a bandeira branca porque a general especialista em treta é ela, não eu – Não mesmo. Estou só... esquentando as coisas, você sabe.

— Ah, é? – Me beijou o peito enquanto se afastava para a porta da cozinha. – Não é guerra. Ok, então. Boa noite para você.

Subiu. Fechou a porta do quarto. Era guerra para ela. Um tratado não realizado, mas subentendido. Eu fiz a cagada de me casar com a mulher mais competitiva do mundo. E orgulhosa. Quando ela queria, Deus que me perdoe, eu vou maldizer a minha esposa, mas quando ela queria fazer da minha vida um inferno, conseguia.

Esconder o tênis de corrida, três camisetas e alguns shorts numa mala no porta-malas do carro foi fácil. Acordei-a como sempre e enquanto ela escovava os dentes (ela nunca fez sua rotina matinal de porta aberta) eu fiz a mala. Disparei para a garagem, guardei-a no carro e subi ofegante para torrar os pães.

Chovia. Era um péssimo dia para começar na academia. Era um péssimo dia para levantar da cama, se caso eu usasse a cama para dormir. O sofá era confortável, era grande e as noites quentes me privaram de cobertores, só que comecei a sentir dores nas costas. Esta noite, depois de tentar mil posições, não consegui enfrentar o sofá e dormi no tapete. As costas agradeciam, dormir no chão tem seus privilégios. Mas o pescoço estava me matando.

Dormir quase duas semanas no sofá não era nem confortável, nem bom. Os sonos não duravam. Qualquer barulhinho na rua, moto que estrala o escapamento, carro com som no último volume, briga de gato, latido de

cachorro, qualquer coisa eu acordava. Isso quando não era a própria tevê que eu esquecia de programar para desligar.

Aquele primeiro dia de academia ia acabar comigo, eu sabia. E dormir no sofá ia acabar o restante que sobrasse de mim.

— Cinco anos, – era a Bia na academia. Ana corria na esteira há alguns metros distante de nós, com fones de ouvido. Usava um short e uma camiseta e foi muito difícil não olhar para a bunda dela mexendo de um lado para outro enquanto ela corria. – Foco aqui, Cinco Anos. Deixa a bunda da minha mulher em paz.

— Desculpa, Bia.

— Essa primeira semana eu vou ser mais branda, mas semana que vem você está ferrado. Como você vai fazer isso no modo intensivo, vamos trabalhar músculos alternados. Nem todo dia você vai treinar a mesma série de exercícios, ‘tá legal? – Estávamos de frente para um espelho de corpo inteiro. Ela me media e eu me senti intimidado – Você sabe o resultado que quer?

— Um peitinho de pombo seria legal. – Chutei. Eu não fazia ideia do resultado que eu queria. – Costas também, braços, essas coisas.

— E a bunda?

— Malhar a bunda não me parece muito hétero.

— Você é hétero?

— Porra, não te falei que quero fazer isso pela minha esposa?

— Você é ou não é hétero?

— Sou – Me rendi.

— Então não tem essa de "estou pagando de gay". – Fez um gesto para eu olhar para o resto de pessoas da academia não muito movimentada naquele horário de corno que inventei de ir – Você acha que as pessoas aqui estão preocupadas se você vai fazer série de cu ou não?

— Nem sei se a Fê gosta de bunda – barganhei.

— Vai por mim, – me deu um tapinha nas costas como o Mestre dos Magos o faria – ela gosta.

Foi duro. Uma horinha de academia minou com o resto do meu dia. Pouco antes de irmos para o almoço, a Bia me pediu para levar atestado até o fim da semana e, quando Ana e eu entramos no restaurante no andar térreo de onde trabalhávamos, ambos vermelhos e com os cabelos molhados do banho que tomamos para poder trabalhar como pessoas civilizadas, um dos sócios me viu e acenou de longe. Ele provavelmente imaginou que a gente tinha acabado de voltar do motel.

Quando a Fê disse "aparecer um Pica das Galáxias na agência em pleno sábado de manhã" não foi à toa. Foi por conta de um desses pica das galáxias

que eu virei sócio. Liguei para um numa quarta feira, eu lembro bem, ainda quando eu era só o gerente de atendimento, chamando-o para um café descompromissado, que de "descompromissado" não tinha nada. Foi uma manobra ousada, mas já tínhamos toda uma campanha publicitária feita quando ele chegou para o "café", quase quinze dias depois da primeira ligação. Impressionar foi fácil, a galera da criação e do evento já tinham feito a maior parte. O pica das galáxias que eu liguei era um diretor do ramo de distribuição de bebidas. Foi uma balada muito VIP em pleno horário comercial. Nossa ideia de campanha era fazer pipocar pela cidade baladas pequenas, muito exclusivas, para os clientes deles, empresários, donos de bar e semelhantes.

Deu certo, virou notícia. Me matei de trabalhar, mas valeu a pena. Quando os números chegaram da galera da estratégia, fidelizei um pica das galáxias e subimos no ranking das agências, viramos referência e eu ganhei a sociedade. Fiz tantos desses eventos exclusivos para tantas outras empresas que eu acabei recebendo convites dos próprios bares para que eu fizesse as campanhas das marcas neles. Lugares que eu poderia beber e comer de graça, aos quais nunca frequentei. Nunca usufruí de todo esse glamour com a minha Fê. Passei para os outros sócios toda essa parte chique do meu trabalho e fiquei com a sujeirada.

Talvez por que, de alguma forma, eu soubesse que aquilo era errado. Eu já virei muitas noites nesse lugar, muitos dias com olheiras do tamanho da minha cara, embebido no café e no RedBull, só comendo porcaria. O departamento de criação era o que mais fazia isso e eu os acompanhei. Pedir pizza na empresa às duas da manhã, em volta de uma mesa com mil pessoas alternativas, daquelas descoladas, piercing e tatuagem, cabelo colorido e óculos de armação grande. Talvez por isso que para eles fosse tão fácil de fazer esse tipo de campanha, tão prazeroso. Eles desenvolviam, na maior parte do tempo, peças publicitárias para si, o público alvo eram eles próprios. Salvo os comerciais de margarina e absorventes, que esses eles detestavam fazer, mas ficava ótimo no final, a maioria dos comerciais que iam ao ar eram tão bons porque eles faziam porque gostavam.

Foi legal, confesso. Objetivos completos me deixam feliz, eu sempre fui de mirar e atirar. Só, que conquistar tanto na carreira me cegou para o que era importante. Me fez esquecer com quem casei, porquê casei e como nós somos. Voltar do almoço era voltar para o que eu não queria mais fazer. Ver a Fernanda ir embora sem me dizer nada minou com a graça que o trabalho era. Era como se ir para o trabalho fosse uma ofensa diária ao nosso casamento, não pelo próprio trabalho, mas o modo como eu o levei. O modo como eu abandonei tudo, o nosso projeto de vida e os sonhos dela.

O jeito como ser workaholic me deixou cuzão.

Ana estava certa: A Fê era muito tolerante comigo. E é por isso que ir para a academia e agradar os olhos dela não era a minha obrigação, mas quis. A dor que eu sentia nas pernas não era muita, o ácido láctico doía, mas não doía tanto. Os braços doíam, mas não era um absurdo. Absurdo mesmo era a dor na barriga, uma coisa aguda, mas não o tempo todo, só quando eu me erguia da cadeira que a coisa parecia que pegava fogo.

Talvez o leitor ache bobo o fato de eu ir para a academia numa tentativa idiota de atrair a minha própria esposa já que ela me conhece do avesso, mas eu acharia divertido se qualquer dia ela chegasse da escola, me visse cozinhando e congelasse no lugar. Acho que eu merecia isso, também, ver Fernanda me querer de salivar.

Confesso que eu espero chegar esse dia, de estar muito gostoso, para poder fazê-la gozar. Medo, talvez, não sei. Ela nunca precisou me ver com a teta dura para poder gozar, mas agora eu quero isso. Será que eu aguento esperar tudo isso? Será que é justo fazê-la esperar mais um bom tempo aí só de provocação? Só ameaçar que vou tirar o pino da granada e colocá-lo de volta? Ameaçar puxar o gatilho da porra e depois esperar o cano esfriar? São perguntas que não tenho resposta.

Mas o caminho para chegar a elas talvez fosse, eu diria, divertido.

— Ei, – chamei a Ana antes de ir embora do trabalho – o que você vai fazer depois de amanhã, de noite?

— Na quarta? Deixa eu consultar minha agenda: – era cheia das piadinhas. – Acho que assistir novelas que eu não acompanho e encher a cara de salgadinhos vagabundos, por quê?

— Chama a Bia, vamos comer lá em casa.

— Meu cheeeeeefe – fez carinha esnobe – me chamaaaaaaando pra jantar? Homem, você não sabe que isso é assédio?

— Mulher, larga de ser retardada.

— Eu vou falar com a Bia, vou ver se ela não tem nada melhor para fazer e daí te aviso.

Era muito raro a gente receber visita em casa. Tão raro, que os meus pais quase nunca vieram para a minha casa, nós é que sempre vamos para lá. Por isso, o que era para ser só uma janta, acabou que virou evento. O Lipe e o Guto saíram da escola, entraram no banho e ficaram na cozinha ajudando o pai e a mãe a cozinhar. Eles queriam porque queriam saber quem eram as pessoas novas

que iam comer na casa deles, como que elas eram, como que o pai as conheceu.

Com ajuda do Guto, o Lipe arrumou a mesa. Pegou duas cadeiras lá do quintal e escolheu onde as pessoas novas iam sentar: No lugar que era deles. Arrastaram as próprias cadeiras, o Guto do lado da mãe, o Lipe, do lado do pai. O Lipe até queria comer com garfo de gente grande, não mais o garfo de sobremesa com que comia todos os dias, enquanto o Guto não, preferia o próprio garfo de urso.

Tocaram a campainha não era mais que oito horas. O Lipe saiu correndo para abrir a porta, disparou pela porta da sala e só não abriu o portão porque a fechadura era muito pesada para ele. Na cozinha ainda, olhei para o Guto e, embora curioso, ele nunca gostou de gente estranha.

— Quer ir lá receber as amigas do papai? – Perguntei, vendo o menino acenar que sim com a cabeça, pegando-o no colo.

Abri o portão de casa, a Ana e a Bia com o carro estacionado na frente da minha guia rebaixada. A Ana sem a roupa de trabalho parecia outra pessoa. Camiseta de banda, short e havaianas. O cabelo meio molhado, o rosto limpo. Sorria bonito, de mão dada com a namorada, arrumada para sair, de vestido e salto.

— Cinco, você vai me perdoar, mas nem ferrando que eu ia colocar salto para vir te ver. Você já me vê de roupa social o dia todo.

— Esquenta não. Só estou de sapato porque ainda não tomei banho.

— E quem é essa gostosura no seu colo? – A Bia sorria para o Guto que tinha a mão na boca.

— Fala o seu nome para ela, filho. – Incentivei – Essa é a Beatriz, amiga do papai.

— Mas pode me chamar só de Bia. – Piscou para o meu filhote, amistosa – E o seu nome, qual é?

— Guto.

— Guto, de Gustavo?

Balançou a cabeça que sim.

— Essa outra coisa fofa? – A Ana tentou com o meu outro filho, que depois que viu as outras duas moças, se escondeu atrás de mim. – Tem nome?

— Lipe. – Respondeu, timidamente.

— Não acredita muito nessa cara de moleque tímido, – Ri, entregando meu filho maior – que este daí é uma peste.

— Eu também sou uma pestinha. – A Ana sorriu um sorriso arteiro para ele – Eu sou a Ana. Pestinha combina com pestinha, você não acha?

De cara, o Lipe adorou a Ana. Entraram em casa de mãos dadas e o Lipe mostrou a elas onde é que elas iam se sentar. O Guto, ainda no meu colo,

comentou aos cochichos que a Bia, que logo viraria a Tia Bia, tinha cabelo de princesa.

Fomos todos para a cozinha, onde um salmão dourava no forno, enquanto o resto das guarnições, tampadas sobre o fogão, esperavam a Fê descer.

— Ó, põe na geladeira – A Bia me entregou uma sacola com um pirex de pavê.

— A Dona Fitness fazendo doce?

— Não sou de ferro, né, querido. – Sentou-se uma do lado da outra na minha cozinha e eu abri um vinho que a Fê e eu tínhamos comprado para combinar com o peixe. Depois de algum tempo, depois que a Bia parou de ser estranha, o Guto se sentou, voluntariamente, no colo dela.

Foi nesse clima que a Fê desceu de vestido novo, um dos novos que ela comprou no shopping comigo naquele outro dia, descalça. Era um dia de calor. O cabelo úmido, o vestido bonito, tranquila de ficar em casa. Sorri com a visão dela e ela me piscou, cúmplice e lendo o meu sorriso.

Apresentei as convidadas para a Fê e elas se cumprimentaram aos beijos.

— Então é você! – A Ana disse, saindo da cadeira, pulando na frente da Fê – Então é você! Nossa, Cinco, como ela é bonita!

— Assim você deixa ela sem graça, Ana.

— Não, – sem jeito, a Fê riu – tudo bem.

— Então se acostuma – a Bia advertiu – que ela é assim mesmo.

— Eu sei que vocês duas são muito educadas para perguntar isso, mas vocês não precisam fingir que são só amigas na frente dos meus pequenos – A Fê foi mais rápida que eu para tocar neste assunto. Sorriu buscando a alça do forno do outro lado da bancada – Confesso que não sei direito como que age com isso, mas aqui a gente mostra de tudo.

— Isso, se vocês aguentarem o mundaréu de pergunta que eles farão. – Emendei.

— É, por que eu nunca conheci nenhuma lésbica, então já estou pedindo desculpa de agora, se alguma coisa que eu falar ofender.

Trabalho de pai no século vinte e um, né? Não sabemos do futuro, com quem os filhos vão se relacionar, quem vão conhecer. Tudo o que eu sei é que não quero ser pai de agressor de gay e nem quero criar filho quadrado. Eu próprio não sei lidar com opção diferente, vivo enchendo a Ana de pergunta idiota, vivo falando merda para ela, coitada, ainda mais agora que ela fez a besteira de me considerar um amigo.

— Prefiro assim. – A Ana respondeu – Melhor vocês perguntando o que quiserem saber, do que fazer carinha blasè fingindo que não estão vendo, ou virando o rosto para fingir que não existimos.

— A gente é bicho do mato, mas a gente não mente.

— Falando em pergunta... - A Ana se sentou de novo no seu lugar da mesa – Posso fazer uma, Fernanda?

A Fê pediu desculpa por achar que a pergunta mais cabeluda sairia dela, mas a verdade é que a Ana fez a pergunta mais cabeluda de todas:

— Cinco anos? Sério mesmo?

— Dio, eu não acredito que você contou isso para elas.

— Virou até apelido – A Bia completou – A gente chama ele de Cinco Anos.

— Hahahahahahaha-

— Para, – pedi, envergonhado – não tem graça.

— HAHAAHAHAHA.

— Para, Fê, é sério.

— Homem é idiota pra caral- caramba, né?

— Já me arrependi de trazer você para comer na minha casa – Resmunguei.

— Não fica assim, Dio, – A Fê entrou na onda, os pequenos sentados à mesa, ouvindo a conversa toda – o primeiro passo para a cura é a aceitação.

— Se fosse comigo, eu teria enfeitado a cabeça dele de chifre. – A Bia comentou, emborcando a própria taça e fazendo carinho no cabelo do meu filho mais novo.

— Eu devia ter feito isso – Ela comentou, sem me olhar nos olhos – Só que eu sou trouxa.

— A Esposa é sempre a trouxa da história.

— Qual das duas é a trouxa? – Perguntei para a Ana.

— Somos só namoradas. – A Ana respondeu, se esquivando da minha pergunta, e eu vi a cara de descrença que a Bia fez ao ouvir esta resposta.

De fato, sempre tem um metido a esperto e um trouxa. Pode ser que a Bia goze muito com a Ana, não duvido, mas depois de ver a murchada que a Bia deu quando a Ana disse “só namoradas”, eu sei que a trouxa da história é a Bia e que é ela quem vai sofrer calada do mesmo jeito que a Fê sofreu.

O salmão veio para a mesa, o arroz, a salada e todo o resto. Detonamos duas garrafas de vinho durante o jantar, a conversa estava boa. A Ana revelava a maioria dos meus podres para a Fê e eu revelava a maioria dos podres da Ana para a Bia. Ninguém tocou no assunto da academia, graças a Deus, mesmo quando o vinho inflava os ânimos. A Ana, falante e alegre, mil vezes mais alegre na minha casa do que no escritório, relaxou a postura e começou, espontânea, a fazer carinho na namorada. Primeiro a mão no encosto da cadeira, depois o carinho nas costas, o beijo no rosto. A Fê olhou para mim, nós dois separados

pelos filhos, o Guto que já quase dormia no colo da mãe e o Lipe, quietinho, no meu colo.

— Por que você fica fazendo carinho na Tia Bia do mesmo jeito que meu pai fica fazendo carinho na minha mãe? — Foi por isso que a Fê olhou para mim: Mais cedo ou mais tarde o Lipe perceberia.

— Fê, pode contar? — A Ana perguntou.

— Se você quiser, é claro, mas se prepara.

— Por que a Tia Bia é a minha namorada.

— Mas vocês são duas meninas!

— E o que que tem?

— . — Primeiro o Lipe coçou a cabeça, olhando de uma Tia para a outra, sem entender direito. No meu colo, perdeu rápido o sono. — Você ama a Tia Bia igual meu pai ama a minha mãe?

— Amo.

— Você ama a Tia Ana também, Bia?

— Amo, ué.

— Mas e os bebês? — Lá vinha: — Minha mãe fala que só dá para fazer um bebê com um pai e uma mãe. Vocês são duas mães!

— Sua mãe está certa, só dá para fazer bebê com um pai e uma mãe.

— Então vocês nunca vão ter bebês!

— Se a gente quiser a gente pode ter, também.

— Como?

— A gente tem que pedir a sementinha de um menino emprestada. Aí a Bia ia ficar grávida e eu, que ia cuidar do bebê igual seu pai e a sua mãe cuidam de você, ia ser a outra mãe.

— Deve ser legal ter duas mães. — Ele concluiu — Se ter uma mãe já é legal, ter duas deve ser também.

E o pai que se foda, né?

— Lipe, — choraminguei — não é legal ter pai?

— Ia ser legal ter dois pais, também, mas eu ia sentir falta da minha mãe.

Do jeito dele, ele contou para as novas amigas sobre o dia que a mãe dele foi embora. Não sorria enquanto falava da falta que a mãe lhe fez. Sete anos, ele tinha, e falava com eloquência de gente grande, dizendo que o pai dele não ajudava a mãe e a mãe se cansou de fazer tudo sozinha. Disse também que ele próprio agora ajudava a mãe não deixando mais os brinquedos espalhados, não deixando mais a toalha em cima da cama e nem a roupa suja no chão, que era para a mãe não se cansar mais.

Ficamos quietos depois que o Lipe terminou de contar. A Nina olhando para o nosso filho com olhos de amor, já cheios d'água. Tranquilamente, o Lipe

se apossou do próprio copo com suco e não disse mais nada, inquieto no meu colo como sempre foi.

— Desculpa o pai, tá? – Beijei-lhe a cabeça enquanto o menino se aquietava no meu colo – O Pai não quis deixar a mãe cansada, foi sem querer.

E aí eu ganhei também olhos de amor vindos da minha Nina.

A Ana e a Bia saíram da minha casa depois que lavamos a louça e as crianças caíram de sono. Dei beijo de boa noite nos meus filhos, dei um boa noite tímido para a minha Nina e me dirigi para o meu novo quarto – a sala.

— Dio, – ela chamou enquanto eu arrumava o lençol no sofá – vem cá.

— Tudo bem, Nina? – No fundo, eu queria que fosse um chamado para voltar para a cama, mas, sabendo que não mereço, eu andava um pouco descrente de milagres.

— Vamos dormir todo mundo junto, hoje.

O que mais impactou no jantar não foi o Lipe descobrir que pessoas do mesmo sexo podem casar e se amar, se quiserem. O que mais impactou a gente foi o jeito que o Lipe contou para os outros como foi ficar sem a mãe, só com o pai. O jeito como o erro dos pais impacta nos filhos e o como eles reagem, mesmo depois que você diz a eles que está tudo bem de novo.

Nós quatro deitados na cama de casal, o Guto que dormiu rápido de novo, o Lipe que se aninhou protegido no arco dos braços da mãe, a Minha Nina me olhando, com lágrimas nos olhos, sob a luz do abajur.

Não dissemos nada. Não queríamos acordar as crias, mas, silenciosamente, a gente conversou. Ela me olhava de olhos molhados, o quarto escuro, a cama macia e confortável. Nosso teto, a casa que a gente comprou para esperar o Lipe, o quarto que já foi palco de amor, de briga, de sexo eufórico e noites frias. A respiração pesada dos nossos filhos entre a gente, ditando o ritmo do sono.

Eu também não fui dormir de olhos secos.

Capítulo 9

Você nunca foi prioridade.

Era sábado, mas o que aconteceu no jantar de uns dias antes ainda ecoava na minha cabeça. A falta que a mãe fez para as minhas crias, o jeito que a gente dormiu, o como eu voltei a habitar o quarto. Desde aquele dia temos estado melancólicos. Um abaixa a crina para o outro se sentindo culpado, passivo. Ninguém mais quer magoar ninguém, não era mais raiva o que sobrava na troca de olhares.

Sorrio, babaca e sozinho na cozinha deserta, sábado de manhã. Eu a convenço de que podemos ter outro tipo de casamento em seis meses, mas não acredito quando vejo os primeiros resultados. Talvez eu faça um mau julgamento da minha esposa. Ela é turrona e teimosa e ambiciosa e, como já vi a chamarem, *espalhafatosa*, mas é também doce, às vezes. Um doce mordaz, mas doce. Coisa que estala no céu da boca e você não consegue parar de comer.

Não dormíamos agarrado que nem casal novo (ou como dormiríamos depois de uma foda de reconciliação, porque isso não teve), mas dividíamos, pacificamente, o mesmo ambiente. Depois que dávamos beijo de boa noite nos filhos, um esperava o outro para deitar e também nos beijávamos, embora tímidos, com votos de boa noite.

Completei a semana fácil na academia, mas não houve nenhuma mudança no meu corpo, fora as dores. Eu tinha que acelerar o processo se eu quisesse, algum dia, voltar a comer (pegue a malícia do "comer") como se deve. Bia me aconselhou a comer tapiocas e aumentar a quantidade de vezes que eu comia por dia, me escrevendo uma dieta que incluía muito vegetal e pouco carboidrato. Eu disse a ela que conseguiria seguir a folhinha em cinco das seis refeições, mas na janta eu não conseguiria inclusive porque a faço em segredo.

A Ana não parava de falar da Fê. O quanto a Fê era muita areia para mim, o quanto a Fê era inteligente, o quanto a Fê era bonita. Aí eu fiz questão de lembrá-la do quanto a Bia era muita areia para ela. Nossos caminhões eram semelhantes, no fim das contas: não aguentam a areia que comportam.

Mas, era sábado de manhã. A vida era fácil nos sábados de manhã.

— Vem, Bonita — Eu disse. Desenterrei de um dos armários uma bandeja de tomar café da manhã. Sim, fui esse marido. Do tipo que leva café da manhã na cama para a esposa que nem queria acordar. Coloquei o café sobre a mesa do computador e subi na cama. Ela dormia de sono pesado. Respirava tão profundo que me senti mal por ter que acordá-la.

Pensei em deixá-la dormir até a dupla dela do trabalho do mestrado

chegar com marido e filho, mas ela mesma nunca gostou de dormir até muito tarde, diz que perde o dia. Por baixo da camisola branca rendada que eu não soube dizer se era nova ou velha, o peito se movia livre, os cabelos bagunçados em cima do travesseiro.

Quantos poemas no mundo foram feitos sobre o sono da amada?

— Bonita, – Beijei-lhe a testa enquanto ela se aninhava na minha perna – vem, seu café vai esfriar.

— Você não o colocou na garrafa?

— Eu o trouxe aqui.

Ela sorriu, o olho meio aberto, meio fechado. Espreguiçou-se na cama, sonolenta. Não fomos dormir tarde na sexta-feira. Sentando-se, deitou a cabeça no meu ombro, bocejando. Beijou-me o queixo, depois. Passou a mão no rosto tentando dar jeito na cara de sono.

— Quem é você e o que fez com meu marido? – A voz rouca, molenga e bonitinha, como era quando acordava.

Esperei que ela voltasse do banheiro para que a gente comesse e, sentados, puxei a bandeja do café. Torradas, requeijão, o iogurte dela, duas xícaras com café. Ofereci uma delas a ela enquanto buscava a garrafa cheia no andar de baixo. Somos altos consumidores de café, pela manhã inclusive. Prendeu os cabelos para o alto e soprou a xícara. Sorria. Sentei-me com ela para o café.

Só dei conta do quando éramos comilões quando tentei fazer tudo o que comíamos caber naquela bandeja furreca. Fiz algumas viagens escadas abaixo para buscar coisas que acabaram espalhadas pelo criado-mudo e o tapete.

— Nesse seu trabalho de hoje você tem que entregar alguma coisa ou é só seminário?

— Tenho que entregar. Mínimo trinta páginas. – Eu fiz uma careta de quem achava trinta páginas um número razoável para um trabalho de mestrado. – Olha bem pra mim, Dio. Eu fiz engenharia porque eu odeio escrever. Como que eu vou conseguir encher linguiça por trinta páginas?

— Bom, tomara que sua amiga goste.

— Não, ela é pior que eu. Usa o celular de gravador para não ter que anotar. Aquela mulher não tem nem caderno! Você já pensou nisso, Dio? Ir para a escola sem caderno?!

— Então, – eu estava esperando sábado para falar sobre isso desde que olhei a seção de informática no mercado – eu queria ter ido neste sábado com você olhar computador novo, mas você tem trabalho. Como que você vai fazer, falando nisso? Por que essa bateadeira aí – Apontei para o acessador de bate-papo da UOL, encostado e esquecido numa mesa de computador, no canto do quarto –

não vai dar conta nem de abrir o navegador sem travar.

— É, ela vai trazer o dela – Mordia a torrada besuntada em requeijão e me media – Eu já olhei computador na internet do celular, mas não sei escolher. É tudo igual com umas coisinhas de nada diferentes que deixam eles mais de mil reais mais caros. Fico com medo de escolher um que parece bom e depois descobrir que levei gato por lebre.

— Eu supus que você soubesse escolher melhor que eu. – Se não consigo explicar direito nem mesmo no que minha esposa trabalha, quais as minhas chances de saber escolher computador, porra?

— Não sei, mas você se importa de comprar um pra mim? Eu pago depois, prometo.

— Pelo amor de Deus, mulher. – Cocei a cabeça. Ela não entendia que não tinha "meu dinheiro", "dinheiro dela". Isso sempre me deixou bravo, porque quando ela parou de trabalhar, a primeira coisa que eu fiz foi abrir uma conta conjunta no banco para ela ter o cartão dela e eu ter o meu, só que nesses cinco anos que ela se dedicou à gente, nunca usou o maldito do cartão sem pedir, mesmo quando era compra no mercado. – Vai chegar o dia que você vai entender que a grana nessa casa não é só minha?

— Odeio a sensação de impotência. – Foi sincera, pelo menos. Isso era bom. – Achei que seria só no começo, quando eu parei de trabalhar, mas me sinto incomodada até hoje, Dio. Eu odeio não ter meu próprio dinheiro.

— Eu sei – Confessei. Não precisava ser um Einstein para saber, também. – Só que eu nunca soube o que fazer, Fê. Eu achei que uma hora ou outra você ia acabar se acostumando. Ainda que você aceitou sair para comprar roupa, porque nem isso achei que faria.

— ... Eu gostei de sábado passado, essas duas semanas que se passaram, na verdade. – Me beijou a bochecha enquanto mastigava. – Você, curiosamente, está se tornando num tipo de marido que eu quero casar de novo.

— Se a gente sobreviver a esses seis meses, você casa comigo? Direito?

— Direito? Com véu, grinalda, convidados e tal e coisa?!

— Direito – Direito quer dizer "direito".

Verdade seja dita, aqui: a gente nunca casou com festa. Quando decidimos nos casar, a Nina e eu, o Lipe não existia. Ela quem me pediu em casamento, ela sabia que eu queria juntar as escovas de dente, que o Rodrigo de vinte e seis anos estava doido para casar, mas eu não pedia com medo que a Engenheira que sempre cantou hinos e hinos contra o casamento fosse me dar um pé na bunda, se eu pedisse.

Então, num dia qualquer de outubro, depois de uma das muitas fodas homéricas que a gente dava (e acredite, antes de eu ser marido de KY, a gente

dava cada uma que fazia a gente andar torto, no dia seguinte), ela me pediu em casamento. Um mês depois entramos no cartório, ela, eu e quatro testemunhas que sequer mantemos contato, hoje em dia.

— Não sei, Dio. — Coçou a cabeça, desconfortável. Casamento era uma coisa delicada para ela. — Vai depender muito. Vamos continuar como a gente está, ok? Eu não quero prometer, nem falar nada para jogar um balde de água fria em você. Me pergunta isso daqui seis meses e a gente vê.

Vai casar comigo. Vai entrar na igreja com um buquê de flores na altura do ventre, o Lipe vai te levar ao altar, o Guto segurando as alianças. Eu sei que você está sem alianças, mas não sei há quanto tempo você está sem ela. Quando a gente casar de novo você vai colocar, Nina. E nunca mais vai tirar.

— Qual o nome da moça que vem aqui? — Mudei de assunto sem nenhum remorso por que eu não estava magoado com o "talvez, possivelmente não" dela.

— É Cláudia.

— Será que sua amiga te recomenda um computador bom?

— Ela é toda hi-tech. Capaz.

Era uma applemaniac, isso sim. Assim que chegaram eu reconheci o toque de celular de longe. Todo publicitário é fanboy da Apple. Editor de imagem, de vídeo então... O departamento de criação é uma grande loja da empresa: Só maçã mordida na bunda.

Mas era uma boa pessoa, tirando isso. Era baixinha e gordinha, os cabelos na altura do ombro, vermelhos. As sobrancelhas bem marcadas, todo um ar de "pin-up" que eu acho muito bonito. O batom tão ou mais vermelho que os cabelos, o vestido preto e sapatilhas confortáveis. Bonita. O marido assinava a revista "men's health", com toda a certeza. Era todo fit, sabia combinar sapato e cinto (sem ser obrigatoriamente da mesma cor, coisa que eu faço). Os braços todos cobertos de tatuagem, um cabelo meio hipster. Levando-os para o âmbito da publicidade, que você consegue dividir "estilos de pessoa" por departamentos, ele era da criação, com certeza. Olhando-o de primeira instância, ele era o tipo que acha que cobrar dez reais por um picolé uma boa ideia.

Mas o garotinho deles gostou muito do Lipe. Trouxe três "NERFs" da própria coleção para brincar com os novos amiguinhos. Guto adorou aquele negócio e eu sabia que ia desembolsar uma grana violenta com arminhas de pressão pelos próximos anos. A única regra estabelecida é que não atirassem nem nos olhos, nem nas bolas. Eduardo era o nome dele. Os cabelos enrolados que oscilavam entre o loiro e o castanho, como o cabelo do pai. Canelas finas como as do Lipe. Uma camisa e um relógio do Ben10.

As duas cocotinhas – foi assim que eu as chamei – foram para a cozinha, a maior mesa da casa, e estenderam um milhão mais um de livros. Sobrou pra eu

conversar com o criativo, depois que as minhas crias pegaram o jeito de atirar com a arma.

— E então... ? – Sorri, oferecendo café para a visita, sentando no sofá, ao lado dele – Também dando força pra mulher voltar à ativa?

— Ou isso, ou o divórcio.

História da minha vida.

— Mas sabe, tem sido legal – Ele disse, engolindo a caneca de café que lhe estendi. Esse cara era dos meus. Eu gosto assim, quando as pessoas não ficam de frescura para tomar qualquer coisa que eu lhes ofereça. – Ela está empolgada, não fala de outra coisa. Acho que isso é bom, né?

— A Fê está na mesma pegada, louca para voltar para o trabalho. – Mudei de assunto, engolindo a minha caneca – E Você? No mestrado também?

Ele a esposa moraram muito tempo na Espanha, até os cinco anos do Dudu, ele me conta. Ele é chefe de cozinha e está tentando abrir o próprio restaurante. Lá na gringa disse que tinha sua própria equipe e seu próprio restaurante, enquanto ela trabalhava numa petroleira de lá. Só voltaram porque a mãe dele adoeceu e faleceu um ano depois. Como o Dudu já estava na escola, acharam que seria muito impacto na vida do menino readaptá-lo na Espanha de novo e ficaram por aqui, já que ele tinha amiguinhos e o espanhol do garoto estava até aportuguesado.

A propósito, o nome dele é Antônio.

— Pretendem voltar para a Espanha?

— Do jeito que a Espanha tá? Nem a pau! Vamos ficar por aqui, ela prefere e eu também.

As crianças só foram tímidas e quietinhas na primeira hora. Depois, a gritaria era pela casa inteira. Do quintal para dentro, de dentro de casa para o quarto. Não ia dar certo, decidimos. Arrancamos os monstrenhos da toca antes que as moças nos comessem vivos. Não muito longe de casa tinha um parque. Coloquei as bicicletas e os patins no carro e fomos.

Era até bom para as crianças torrar um pouco no sol, esquentar o esqueleto andando de bicicleta. Uma árvore com metade pintada de amarelo era o limite. Sentamos num banco perto do parquinho de ferro e madeira.

Passou o carrinho do sorvete, o carrinho a água, o carrinho do algodão-doce, a moça que fazia pinturas de bichos na cara dos rebentos, o urso polar, o cruzeiro do sul, o bicho papão. Se as mães não vissem a quantidade de porcarias que comeram aquele dia, estava tudo bem.

Se bem que... não sei o Dudu, mas as minhas crias não comiam muito doce. O Guto ainda não aprendeu a gostar de refrigerante, então, o máximo de açúcar que comiam por dia era o suco de caixinha da lancheira, que, por “não

conter conservante", tinha açúcar para diabo.

Descobri muitas coisas sobre Tonhão-hipster. Ele só teve um amor na vida toda, que era a esposa. Nenhuma namorada além dela e eu achei aquilo interessante. Se conheceram no ensino médio, me contava. Viajaram para a Espanha assim que terminaram a faculdade. Disse que Cláudia passou por todas as fases do mundo, desde patricinha-cor-de-rosa à grunge gótica, à pin-up. O cabelo vermelho tem sido a moda dos últimos três anos, mas ele sabia que a qualquer momento ela mudaria de novo. Disse que agora ela cogitava pintar as madeixas de rosa.

E ele também. Agora estava mais na onda "metrossexual", mas que a qualquer hora ia se cansar de toda aquela pose e voltaria à jeans e tênis. Se bem, ele disse, que um chefe vestido "que nem gente" valia muito mais no mercado que um chefe "jeans e camiseta". Tinha uma tatuagem com o nome dela no peito, perto da teta. Tinha cara de tatoo velha quando a mostrou, e a gente pareceu dois velhos pederastas, um mostrando a teta pro outro, no meio do parquinho de criança.

— O difícil de abrir um restaurante de comida andaluza nessa cidade é achar sócio. — Almoçávamos num restaurante que ele sugeriu, parece que conhecia o chefe da época da faculdade. O Guto comia sozinho, sem sentar no colo de ninguém por que os outros dois eram meninos grandes e ele queria ser como os meninos grandes — Só essa semana achei três, mas os três não queriam sociedade, queriam ser investidores. Eu sento na saroba de sol a sol e eles só recebem. Não posso com isso, não tenho tudo isso de tempo mais, não. Se a Clau não estivesse no mestrado ela seria a minha sócia, mas acho que pedir isso para ela seria muito abuso.

Deu um clique na minha cabeça: ser eu o sócio dele. Eu sou bom com pessoas e seria muito fácil colocar uma das campanhas dos meus clientes no espaço que ele montava. Fiquei quieto. Conhecer esse cara primeiro. Não é assim, vê-lo uma vez e sair virando sócio. Isso implicaria em muita mudança. Primeiro que eu já sou sócio em uma empreitada. É vinte por cento, mas é sociedade. Paga todas as nossas contas. Eu passei a odiar a minha sociedade, mas era compromisso sério. *Respira e deixa a empolgação passar.*

— ... Enquanto isso eu vou montando o lugar. A hora que eu achar o messias, está tudo pronto.

Colocar a Ana como gerente. Imagina? Aquele furacão desbocado no trato dos clientes. Ela teria que ganhar mais, nem sei se a gente ia ganhar tanto assim para poder pagar o que a Ana recebe. Talvez não chamar ela para a empreitada tão de cara. Deu mesmo uma daquelas epifanias que parece que coloca o trilho da sua vida para funcionar exatamente como devia.

Muita cagada. A minha esposa vai fazer trabalho com uma colega e eu... pff! Viro sócio do marido dela. Calma, Rodrigo. *Respira*. Vai pesquisar esse cara no Google, vê se ele tem fama de bom chefe pelo menos, vê se algum crítico espanhol já falou bem dele. Não sai jogando tudo para o alto, você tem filhos e eles precisam comer.

Antes o certo e chato que o legal e incerto, né? Estabilidade primeiro, Rodrigo. Você é pai.

— Enfim, se você conhecer uma pessoa legal que curte essas coisas, me avisa, porque eu estou mesmo desesperado atrás de sócio. Estou até pagando aluguel e firme na reforma.

Rodrigo, pensei eu, segura esse teu cu.

— Estou muito incomodado. – Ele tinha aquele jeito maravilhoso de pensar na vida. Deitado na nossa cama, as mãos atrás da cabeça, os olhos fixos no lustre. Como quem olha as nuvens e tenta decifrar que formato elas têm. Dio, o que tem de diferente em você? Eu olho a sua figura e sei que algo está diferente, mas não sei bem o quê. Estou tentando deixar meu computador novo com a minha cara, mas não sabia que seria tão difícil sair do Windows e ir pro Mac. Sentada na mesa do computador adjacente à porta de entrada do nosso quarto, eu estou de costas para ele. Trocamos a cadeira que ficava aqui, agora ela é reclinável, gira e combina com a cor da mesa. É meu local de fazer bagunça, o Dio disse, nada mais de livro no aparador da sala. Tem pó de borracha aqui até não poder mais. Virei-me para ele com meia atenção, enquanto ele falava, outra parte ocupada demais tentando colocar fotos dos meus filhotes como wallpaper.

— O que te incomoda? – Perguntei.

— Aquela tua amiga, a Cláudia. – Ele disse, se sentando na cama, cruzando as pernas como um índio. Brincava com o lençol entre o polegar e o indicador. – Você sabia que o marido dela está abrindo um restaurante?

— Sei. – Ela vivia me contando que o marido tinha mais uma reunião, ver se finalmente ele se acertava com um sócio. – Que tem?

— Eu quero ser esse sócio. – Me olhou por baixo das sobrancelhas, meio cabisbaixo. Um meio sorriso. Era assim que ele ficava gostoso pra caramba. Vontade de dar até esfolar. Já estamos para completar um mês dos seis meses e, depois do nosso segundo primeiro encontro, depois do golpe baixo que me deu no nosso banheiro, eu ando assim, querendo outro golpe baixo. – E você vai largar a agência?

— Esse é o problema. – Bufou, passando a mão nos cabelos – Estou

segurando isso há duas semanas, a minha vontade é largar aquela merda de agência e virar cortador de tempero.

— É, bem radical da sua parte. – Confessei. Demorei para fazer qualquer outra observação. Fazendo contas. O quanto nossas economias seguram a gente até aquele restaurante do marido da Clau começar a dar dinheiro. Ele sabe ficar quieto enquanto eu calculo, isso é uma ótima qualidade para um marido. – Primeiro de tudo: caso você largue a agência, o que pretende?

— Então, – Pigarreou, dali para frente eu sabia que ele falava sério. Sempre pigarreia quando quer falar sério. Ele pigarreou para me pedir seis meses, quando eu o pedi em casamento e quando ele disse que não ia ficar em casa no primeiro dia de vida do Guto – eu não quero largar totalmente a agência, não quero tirar meu nome da sociedade. Pelo menos, não ainda.

— Continue.

— ... Só que não posso ser sócio em duas coisas diferentes. Você quer ser sócia do Antônio?

E aí eu pigarrei.

— Olha, – Eu contei os números, mas não contei com a criatividade do meu marido. Esqueço que de nós dois, ele era o bom com pessoas. Acho que no fundo formamos uma boa dupla. Se abrissemos uma empresa, só nós dois, ela iria para frente. – Eu não sei se a FAPESP encasca com isso. Eu sei que eu não posso ter nenhum vínculo CLT enquanto estou no mestrado. Perco a bolsa na hora.

— Tá, mas, por você, você abriria? Você me daria esse voto de confiança?

Meu marido, workaholic de carteirinha, quer arrumar mais uma para cabeça. Quer, não contente em arruinar nosso casamento com um emprego, quer ter dois. Logo agora que eu já acreditava possível ser feliz? Logo agora que eu aprendia, aos poucos, a amar meu marido de novo quase do mesmo jeito que eu o amava na época da gravidez do Lipe? Logo agora que ele entendia que as funções desta casa não são só minhas? Se ele entra de cabeça no restaurante e não sai da agência, eu é que saio perdendo. É egoísmo da minha parte pensar que eu vou ficar viúva de marido vivo? Me diz, casei pra quê?

A gente tem que apoiar o marido em todas as empreitadas da vida, mas também não é um circo. Ele faz a acrobacia que quiser e eu, tonta, fico aqui embaixo só tentando segurá-lo nas aterrissagens. Eu também quero dar minhas acrobacias. Dizer "não" era uma coisa que eu não podia fazer. "Sim" também não era a escolha mais sensata.

— Olha, – Avançou para a beirada da cama e pegou as minhas mãos. Aí não tinha como negar, né? Jogo baixo, Rodrigo. Muito baixo. – Eu sei que você

está com medo de eu abandonar nossa família nas suas mãos de novo, é um risco. Eu estou sendo o mais sincero que consigo, só que eu não sei como pagar as contas e cair de cabeça neste restaurante. E eu quero muito as duas coisas.

— Pensa direito. — Falei sério. Não quero meu marido com o dobro do motivo para me abandonar. Eu odeio essa posição de âncora que estou agora, mas não posso bancar a garotinha iludida pensando que vai dar tudo bem no final. A gente podia se ferrar muito feio, a gente podia falir muito rápido. Tudo muito arriscado. Se fôssemos só eu e ele tudo bem, mas tínhamos as crianças. Acalme-se, homem. — Eu conheço você. Coloca uma coisa na cabeça e fica matutando até torná-la real. Eu confio em você, mas você vai ter que planejar muito bem seus passos daqui para frente.

— Por isso que eu não posso abandonar a agência, Fê. Como que a gente vai comer?

— Você sente que isso é uma boa? O marido da Clau é tão bom assim quanto parece?

— A crítica de comida fala muito bem dele lá fora. Até aqui falam bem dele e ele só está aqui tem uns dois anos. Ele já é queridinho de uns picas grossas por aí. Sabe onde foi que ele apareceu? Jornal. Vive indo em casa de grã-fino fazer comida para eles e está bancando sozinho a reforma do restaurante, eu passei em frente para conferir. Você precisa ver o tamanho. Fê, o negócio é sério, muito sério.

Ele estava apaixonado, muito encantado, muito empolgado. Não era certo que eu o barrasse daquela forma, eu nunca me perdoaria. Me olhava com brilho nos olhos. Como negar um brilho nos olhos?

Fernanda, sua retardada. O homem te abandona por cinco anos, o homem te tranca dentro de casa, ele esquece que você existe, ele não percebe que você não goza, ele sai antes de você acordar e volta depois de você dormir e você está aí: Toda pronta para mergulhar em mais essa empreitada com ele. Mulher, você comeu merda? Fernanda, você adora se foder. É isso que você gosta. As coisas estão entrando no eixo, tudo bonitinho e você faz o quê? Deixa ele cagar em cima!

Fernanda, eu não sei o que fazer com você.

— Escolhe um dos dois. — Concluí, tirando as minhas mãos das dele. — Eu não aceito que você trabalhe nas duas coisas. Escolhe, pesa direito nessa balança sua, aí.

— Eu já escolhi — Confessou. — Só que eu tenho medo de dar tudo errado.

— Passar fome a gente não passa. Qualquer coisa vende a casa da minha mãe, ou o carro, ou sei lá. Você falou que o cara é bom, não é? Então. Eu tenho

certeza que você vai convencer sua agência a fazer um monte dessas baladinhas VIPS que você faz, dentro do seu restaurante – Ele sorriu. É lógico que ele levaria os picas grossas que cativou consigo, caso mudasse de emprego. Quando digo que ele é bom com pessoas, é exatamente pelo que Rodrigo é capaz. Ele te ferra por cinco anos e você não consegue dizer não a ele, mesmo depois de tudo. Ele é o balde de merda mais cativante que eu conheço.

— Você está falando sério, Fê, sobre eu largar a agência e abrir o restaurante?

— O que mais eu posso fazer? – Prendi os cabelos para cima, sabendo a dor de cabeça que isso seria. – Você vai ser feliz continuando naquela agência? Vai conseguir ser feliz depois de deixar a sua grande chance escapar? Rodrigo, eu conheço você.

— Eu fiquei duas semanas segurando essa bomba para não te contar e foi tão... fácil.

Quando eu disse do mestrado, antes mesmo de me inscrever para a prova, ele zombou de mim. Não, eu não me esqueço. Não devolvo cuspidão na cara por que não sou de fazer isso, mas magoa. Por que ele não foi para mim exatamente o que eu estava sendo para ele? Por que ele não me encorajou? Por que eu tive que estudar escondida? Por que eu tive que provar para ele que sou capaz, tão capaz quanto ele? Por quê? Eu sou assim uma esposa tão ruim, para não merecer apoio do pai dos meus meninos? São essas coisas que doem na gente. A gente se ferra fazendo tudo sem reconhecimento, mas quando o outro é quem faz, a gente reconhece, a gente ainda reconhece. Ainda parabeniza, ainda incentiva. Deus, quando vai chegar a minha vez de ser incentivada?

— Vem cá. – Rodrigo deu para ler mentes, agora? Me puxou pela mão e me colocou sentada no colo. Lipe e Guto na tela do notebook olhavam para a gente. – Eu sei o que você está pensando e essa foi a coisa mais louca e mais bonita que você já fez por mim, depois daqueles dois. – Apontou para a tela e eu sorri, meio triste ainda. – Você não vai ser arrependido, Fernanda. Eu não vou ficar cuzão de novo e não esqueci dos seis meses.

Me rendi. Caíram umas lágrimas, minhas glândulas são muito frouxas. Eu sou tão volátil que me dissipo por qualquer coisa. Ele me abraçou de forma quase nova. Seria nova, se eu não tivesse me apaixonado uma vez por exatamente aquele mesmo Rodrigo, que um dia me abraçou daquela exata mesma forma. Calor que significa proteção. Aquela coisa envolta dele, vinda dele, que eu sabia que podia dizer qualquer loucura, qualquer bobagem. Era um abraço que me aceitava como eu era, sem máscaras, sem arquétipos, sem palavras vazias. Era eu e ele, nós dois puros, sem diluir em nada, nem na vida, nem nos filhos, nem no mestrado, nem na merda daquela agência que me roubou

o marido e me roubou também aquele abraço.

Por outro lado, eu me sentia calma. Estamos errados, mas ainda somos certos. Era esse o abraço que ele dava. Tínhamos só cometido um erro de percurso, mas ainda éramos certos um para o outro. Era esse o abraço que ele me dava.

— Nina, eu te amo tanto – Ele chorava? A voz trêmula tão angustiada que eu não soube o que responder enquanto ele enfiava o rosto no meu ombro e me apertava com força – E eu fui tão idiota...!

Nem quando pediu seis meses me disse que me ama. Eu sei, ele nunca foi de dizer as coisas. Passava cinco minutos olhando fixamente para mim, mas não me dizia palavra. Aquela cabeça comia todas as palavras que eu queria ouvir e ele sempre dizia algo bem idiota no lugar do que pensava. O estômago revirava de nervoso. Eu não sou acostumada àquele tipo de Rodrigo. Eu me acostumei bem fácil a ter um Rodrigo ausente, um Rodrigo espectro de marido, mas não me acostumei àquele. O marido que eu queria que ele fosse, o marido que ele foi um dia, num passado distante. Sorri. Não consegui dizer de volta, mas acho que ele não esperava que eu dissesse.

De todo jeito, eu queria dizer. Eu amo meu marido ao ponto de vê-lo ir embora de novo no exato ponto em que eu o incentivei a trocar de emprego. Ao ponto de chorar com a certeza de que não duraríamos os seis meses. Ao ponto de saber que as promessas dele não eram vazias, mas elas se sobrepunham, como uma lista de afazeres onde certas obrigações têm mais importância que outras.

Me beijou depois. Beijo que a gente não se beijava desde o golpe baixo. Beijo de amor, tristeza e um pouquinho de tesão também, graças a Deus.

Ele estava me deixando de novo. Era esse o gosto que tinha. Beijo de despedida no portão de embarque. Rodrigo viajaria para longe e voltaria, se voltasse, sem chance alguma de perdurar sua estadia na minha vida.

Era eu quem não queria ir embora de novo. Eu não queria mais briga, mais confusão, mais choro. Eu estava de saco cheio de rancor. Não tem mais espaço na minha vida para isso. Eu o amo, eu realmente o amo. Cabresto que nem esse não tem, por isso que eu aceito tentar seis meses, aceito entrar nessa fria com ele, aceito um monte de coisa que, lúcido, ninguém aceita. O amor é, definitivamente, uma bosta.

Sentir o gosto de um quase-futuro tão melhor que meu presente e ver que ele não seria nada disso... era muito frustrante. Um balde de água fria.

Guarda toda essa sua expectativa, Fê. Enterra ela no quintal e abre daqui dez anos. Entra com ele nessa empreitada de peito aberto, seja a esposa que ele precisa. Faz sem esperar nada em troca. Vamos Fernanda, eu sei que você consegue. Esconda teu amor numa caixinha e jogue no oceano. Guarde dentro da

caixinha, junto do amor, o resto do teu orgulho. Não se trata só de trocar de emprego, você sabe. Se trata de perder, mais uma vez, para o objetivo da vida dele, numa competição que você nunca sequer quis entrar.

Você sabe que nunca foi prioridade, Fernanda. Vamos, não chore.

Capítulo 10

BMW

Antes de conversar com os demais sócios sobre minha saída, chamei minha equipe para uma reunião na minha sala, a Ana inclusa. Fui sincero com eles, que aquela empresa não era mais parte dos meus planos, que a minha carreira enquanto publicitário não me satisfazia. "Crise dos trinta e seis anos", brinquei. Eu disse, obviamente, que não os deixaria na mão de um dia para outro, eu não sou assim. Embora a minha vontade realmente seja a de meter o pé, sinto que não posso fazê-lo porque eu sou responsável por aquele departamento.

Perguntei, ali na frente de todos, se a minha braço-direito, a mais carismática da nossa equipe, a que consegue virar tequila como ninguém, que fala de futebol como um exímio juiz, que tem contato direto com todos os clientes junto comigo, se ela queria ser a próxima sócia. Para a hora que eu sentar e conversar com os demais sócios, que eles já tenham um substituto à minha altura.

Ela chorou. Nós entramos naquela empresa quase juntos, um ano ou dois depois de mim. Eu sei que no fundo, embora tenha me parabenizado pela promoção, ela ficou muito puta da vida, porque ela lutou pela conquista dos clientes junto comigo, deu o sangue junto comigo e sacrificou o próprio casamento, justamente como eu fiz. Só que a ideia toda partiu de mim e isso, no fundo, foi o que me garantiu a sociedade. Que agora eu passava para ela com o maior prazer.

Já a segunda reunião não foi tão gostosa quanto a primeira. Meus agora ex-sócios são três velhos. Um advogado, um administrador e um outro publicitário como eu. Eles não queriam a minha saída. Eu sei que eu valho muito para esta empresa e o outro publicitário, da criação, não era bom com pessoas. Era um ótimo criativo, mas péssimo em relações sociais. Para ser a cara da empresa você tem que saber falar e ser bonito. E eu sou ambos.

A "reunião de verdade" foi da hora do almoço até nove horas da noite. Tive que ligar para a Fê pegar as crianças na escola e ela teve que sair mais cedo da aula para fazê-lo. Tratamos tudo, ao menos. Eu ficaria por um mês trabalhando meio período, ajudando na transição da Catarina, a nova sócia. A primeira sócia mulher daquela joça. Vendi a minha parte da sociedade para eles, cinco vezes o valor que eu investi assim que fui convidado para ser sócio e foi este o dinheiro que usei para investir na nova empreitada.

Eu não fiz questão de receber pelo meio período. Fiz mais pela Catarina.

Era 28 de março, uma sexta feira. Em um mês eu estaria alforriado. De vez.

Liguei para Antônio logo depois. Era dez horas da noite e eu entrava em casa. As crianças já estavam na cama e a Fê provavelmente dormia. Sentei-me na sala e disquei o número.

— Alô? – Era ele. Meu futuro sócio falava com alguém ao fundo. Muito barulho ao redor, eu podia ouvir.

— Antônio, aqui é Rodrigo.

— Rodrigo... ?

— Marido da Fernanda.

— Ah, oi! E aí, que manda?

— Você está com tempo?

— Depende. Estou no meio de uma reunião. Acho que acabei de achar meu sócio, acredita? – Vozes ao redor, um brinde. Como eu fui estúpido. Larguei o certo pelo duvidoso e nem pensei que o duvidoso não sabia da minha intenção. Larguei o trabalho antes de falar com Antônio.

— Me diz aonde você está. – Falei mais alto, mais eufórico, mais medroso do que o necessário.

— Estou aqui no restaurante.

— Estou indo aí.

— Acho que não é uma boa ideia, Rodrigo. Estou quase acertando tudo com meu novo sócio e-

— A PORRA DO SEU SÓCIO SOU EU, CARALHO!

— Como é? Tá me tirando de criança, caralho?

— Manda esse cara embora. Estou indo aí.

— Isso é uma brincadeira de muito mau gosto.

— Olha, eu acabei de largar a agência. Acabei de sair da reunião mais longa da minha vida. Primeiro resolvi as minhas pendências e depois eu te liguei. Não posso acreditar que hoje, justo hoje, você achou a merda do seu messias. Você vai desligar esse telefone, inventar que está louco pra cagar, vai mandar embora esse cara ou essa mina ou sei lá quem está aí com você e vai me esperar.

Burrice número um: nunca conte com dois pássaros na mão. Se você vai largar um emprego bom porque quer resolver sua crise de meia idade, você primeiro agarra a crise de meia idade, depois larga o emprego. E não o contrário. Disse que "ia dar um jeito" mas não prometia nada, disse que só adiaria um pouco o resto da conversa com o sócio e eu voei para lá.

Ficava na Faria Lima. A frente era ainda só duas portas de correr, daquelas de loja mesmo, com dois carros parados na frente: uma BMW e um desses Unos novos. A BMW era do pretenso sócio, supus. Parei meu Corolla à

frente do Uno, na faixa do ônibus que àquela hora não funcionava. Esperei, dentro do carro, a BMW deslizar para fora e abandonar o restaurante. Antônio me viu e acenou para mim. Saí do carro e nem percebi o quanto eu suava.

— Espero essa merda ser de verdade. Não sou nenhum moleque para ficar de gracinha, eu tenho um filho para sustentar.

— Quer fazer olimpíada de drama? – Perguntei, raspando a mão nos cabelos, alisando a camisa com as mãos suadas – Eu acabei de largar meu emprego. Eu quis agir correto com você e primeiro larguei o emprego. Eu tenho dois moleques para sustentar e a Fernanda inventou de colocar os dois em um colégio caro. Acha que estou com cara de brincadeira?

Entramos. E foi sensacional. A BMW nunca mais parou ali. Voltei para casa já passava das três da manhã. Sorria como um cachorro que acabava de ganhar um lar e fedia a vinho, dos baratos. Estava louco para contar da novidade para a Fernanda, mas ela dormia. Folhas de rascunho ao redor da cama. Enxaguei o corpo e deitei no sofá; não quis atrapalhá-la.

— Dio. – Ela me acordava. Perdi a hora. Já era seis da manhã e eu estava com uma dor de cabeça do cão.

Ergui-me, desorientado. Beijei seu rosto. Subi para escovar os dentes e desci, tomando posse do café que ela preparava enquanto eu vomitava os novos acontecimentos.

Contei-lhe tudo com toda a empolgação que eu tinha. Contei-lhe de como quase eu fiquei sem nenhum dos pássaros na mão, de como ver a BMW ir embora me fez feliz, de como selamos nosso pacto com Sangue de Boi, de como a reunião da "divisão de bens" lá na agência foi demorada e disse-lhe o prazo para a tortura acabar: 28 de abril, uma semana e um pouco depois do aniversário dela.

Depois pedi-lhe desculpas, picando bananas na cumbuca das crianças, por ter perdido a hora. Ela disse um "tudo bem", me beijou o ombro e subiu para chamar nossos meninos.

Eu não sei se vou conseguir manter essa rotina depois que o restaurante começar a funcionar. Antônio vai trazer parte da equipe dele da Espanha, o braço direito dele parece que vai ficar responsável pelo almoço e ele, pela janta. Ainda não foi decidido a logística. Eu, bom, vou fazer o que faço de melhor: conversar. Eu tenho amigos que são amigos de jornalistas que serão avisados aos poucos, sobre um novo restaurante espanhol e tenho, pelo menos, uma campanha publicitária travestida em "balada VIP", com ajuda da agência antiga, que vai funcionar mais calma e mais light que as últimas têm sido.

Dos deveres atribuídos a mim, serei responsável pelo fornecimento, pelo atendimento, pelo caixa. Tudo o que não envolve "comida" será problema meu.

Pretendo fazer da melhor forma que eu posso, mas algumas coisas eu sei que vou dar tiro no escuro. Meu "empreendedorismo" acaba quando começa a folha de pagamento – eu não manjo nada disso e quem vai segurar essas pontas será o contador.

Sobre o meu medo de "fazer meus filhos passarem fome", a Fê e eu resolvemos o seguinte: paguei seis meses da escola dos meninos adiantado. Por vender minha parte da empresa, não precisamos mexer na nossa poupança para injetar dinheiro no restaurante e é isso o que vai manter a gente até o restaurante começar a dar retorno. Se Deus quiser, nenhum carro será vendido e nem será preciso apelar para a bolsa do mestrado da Fê. Todo o dinheiro, ela disse, vai guardar para caso o restaurante demore mais para fazer sucesso do que esperamos.

Eu sei que o sucesso vai ser rápido, Antônio cozinha bem e eu sou bom no que eu faço. Ele garante o produto, eu garanto a clientela e todo mundo sai satisfeito.

Das cartas na manga que eu dispunha, só uma me interessava. A importadora oficial de destilados daqui do Brasil, por que eles vão fazer muitas baladas e eventos no meu restaurante.

Meu restaurante. Que engraçado falar isso.

São duas da manhã e eu não consigo dormir. Tenho me alimentado melhor que nunca, nunca fui tão atlético, mas são bem pouco visíveis os resultados. Nunca tive tanto fôlego quanto tenho agora. Quase um mês trabalhando naquele resultado como nunca trabalhei. Aumentei a quantidade de horas, subi para duas: uma hora na pausa para o almoço e uma hora antes de largar o batente. Já faz um mês que tenho descontado a testosterona na máquina, na Bia, na academia dela. Tem funcionado para o meu corpo.

Mas não tem funcionado para a minha cabeça.

Olhando lá fora pela janela da sala, a cortina aberta, eu escuto bem baixo o álbum favorito dela. "A Love Supreme", do Coltrane. A gente colocou um iPod, daqueles bem velhinhos, acoplado numa caixinha de som. É o que a gente chama de Sound System aqui em casa. Nunca consegui gostar de Coltrane como ela gostava. Fujo para dentro da minha cabeça e esqueço o sax.

Era a primeira vez na vida que eu não me sentia no lugar errado, ocupando o lugar de alguém, na minha eterna Síndrome do Impostor. Era a primeira vez na vida que eu me sentia bem na minha própria pele. Eu não sou um cara impulsivo, a Fê de nós dois que é o salto, eu sou a planagem. Ela nos coloca em movimento e eu mantenho, sempre foi assim. Desta vez eu tomei impulso e, de alguma forma, mesmo sabendo o risco que isso representaria num futuro bem próximo, eu estava contente.

Só estou, como são com todos os impulsos, com muito medo.

O que eu quero versus o que eu devo me mata. Eu queria largar a agência, mas não quero nem pensar no que acontece caso eu falhe. Caso a ideia do restaurante não seja uma boa ideia.

Agora é Adele quem toca, a Fê gosta da voz dela. Um mês, dos seis meses que disponho da companhia da minha esposa, já se foi e já virei nossa vida de ponta-cabeça. Não tenho conseguido acordar cinco da manhã e chamá-la com o café pronto, tenho saído muito tarde do restaurante, ela tem saído do metrado mais cedo todos os dias, sequer meus filhos eu consigo pegar na escola. Estão colocando os azulejos da cozinha e o Antônio passa a tarde toda no Skype com o braço direito espanhol dele, elaborando o Menu. Eu fico para lá e para cá com os pedreiros e as compras no Telhanorte.

— Dio, está tudo bem? — Ela está no pé da escada, veste um roupão confortável, os olhos cozidos de sono. — Não consegue dormir?

— Não. — Confessei. Tiro os olhos da rua e coloco nela. Ela está mansa, coloca a mão no meu rosto com carinho. Já tem duas semanas que a gente não consegue ficar um tempo assim, junto. Eu estou começando com as minhas manias de workaholic e reconheço isso. Tenho mais uns vinte dias aí de puro estresse e jornada dupla.

A Catarina tem pego bem rápido o ritmo das coisas, tenho dado liberdade para ela comandar a equipe do jeito dela, mas não é *bom o bastante*. Ela é do tipo que bajula os clientes sem nenhum critério, faz o que eles querem: só que não percebe que se os clientes notarem que podem usá-la de gato e sapato, era uma vez o nosso departamento. Tem que tratar cliente como criança, senão... Já era. E ela ainda não viu isso. Não ouvi um "não" vindo da boca dela desde que tomou posse. Isso me chateia, é minha reputação que está em jogo quando eu coloco alguém no meu lugar, e perdê-la não é algo que eu queira fazer, mesmo abandonando o ramo.

A Nina coloca a cabeça no meu ombro e a gente se balança, quase numa dança. Os cabelos dela ainda estão meio molhados, apoio meu rosto ali e cheiro, num carinho mudo e manso. Fico dividido entre ela e meus deveres. Ela boceja no meu peito, com sono. Deus, não me deixa esquecer o que me é importante. Eu preciso desligar do trabalho quando chego em casa. Desligar o profissional e ligar o marido. Preciso não me transformar num babaca, não me deixar voltar a ser aquele Rodrigo.

— Me perdoa. — Eu disse, meio sussurrado — Eu não tenho sido um bom marido nessas semanas que passaram.

— Eu sei que você tem outras coisas na cabeça. Não tem problema. De verdade.

Mas é claro que tinha. E eu vou te recompensar por isso. Deixa a equipe do Antônio chegar da Espanha e eu serei um marido melhor. Os pedreiros acertarão aquele piso, a instalação do gás ficará pronta, as lavadoras industriais chegarão. Deixa a gente trocar aquela porta da frente. E eu prometo:

Prometo, Fernanda, que serei um marido melhor.

— Mãe? — É, eu tenho mãe. Eles moram na fazenda, lembro de já ter comentado isso.

— Rodrigo?! — Ela gritou no telefone para o meu pai — Nossa, filho! Que saudade! Você não liga para sua mãe desde o Natal! Sabe há quanto tempo foi o Natal?

Nossa, mãe, muita coisa mudou desde que a senhora me deu aquele kit com cinto e carteiras.

— Filho? — Era a voz do meu pai — Moleque, você perdeu a cabeça? Cadê meus netos?!

A Bença, pai.

— Tem muita coisa para eu contar para vocês por telefone. — De fato. Se eles soubessem usar o computador eu contaria tudo a eles por Skype, mas eles não sabem. — Que tal a gente se ver no feriado?

— Do dia 21? E precisa ligar com tudo isso de antecedência? — Era a minha mãe. Aposto que eles estavam lutando para ver quem fica com o telefone, eu quase podia sentir o meu pai puxando o telefone da mão dela.

— Na verdade eu queria pedir um favor. O feriado é na quinta, então que tal a gente chegar aí quarta de noite?

— Desembucha. O que está acontecendo? O Lipinho tá com as crises de asma de novo?!

— Deus me livre, mãe. Eu quero saber se eu posso deixar o Lipe e o Guto aí com vocês no feriado de Tiradentes.

— E vocês dois voltam para a capital? — Era a minha mãe. Interrogatório: o FBI tem muito a aprender com ela, ela era a mestra na arte. — Aqui, fala com seu pai que ele vai ter um enfarte se eu não largar o telefone. Beijo menino!

— Bença, Mãe.

— Por que vocês dois não ficam aqui com a gente?

Achei um jeito de recompensar a minha Nina.

Capítulo 11

Apague as velas, Nina.

— Estão dormindo? – Entrei no quarto dos meninos e falei com eles bem baixinho. A Fê tinha acabado de dar boa noite e desceu para lavar a louça.

— Não. – O Lipe se pronunciou primeiro. O Guto sentou-se na cama, bocejando.

— Tem que ser rápido senão a mãe de vocês vai desconfiar. – Coloquei o indicador sobre o lábio como fazem as enfermeiras nos avisos dos hospitais – Vamos amanhã comprar o presente de aniversário da mãe?

— Vamos. – O Lipe adorava tramas e planos mirabolantes.

— Tá, mas a gente não pode contar pra ela.

— Vai ser surpresa? – E o Guto adorava surpresas.

— Só se você prometer não contar. Não pode contar para a mãe, tá? – Ele chacoalhou a cabeça efusivamente. Demos os dedos mindinhos. Promessa de dedo mindinho é coisa séria nessa casa. Beije a cabeça de cada um, arrumei a coberta em cima do corpo deles e fiz um último "shhhhhh" com o indicador na boca, que é para que não se esqueçam que não podem contar.

Troquei de turno na agência para eu poder pegar as crianças na escola. Antes até de o Guto e o Lipe estarem prontos para a escola, eu cortava as frutas na cumbuca deles, fazia-lhes a lancheira e saía. Eu ficava no restaurante de manhã com os pedreiros e Antônio chegava de tarde, depois do almoço. Eu abria minha nova joça de manhã e fechava a velha joça de noite, na agência, em tempo de pegar minhas crias na escola, porque a Fê não era obrigada a sair da aula mais cedo para fazer o que era obrigação minha.

Demos mais certo assim, tanto com a Catarina-substituta, tanto com Antônio-sócio, quanto eu e a Fê. Eu chegava em casa e ainda conseguia preparar a janta. Por dois dias, depois do banho, cogitei fazer a janta sem camisa só para ela me "flagrar", mas adiei aquilo. Faltavam consistências nos meus resultados.

Um mês e meio de academia e eu estava gostoso, eu me sentia mais gostoso e é incrível como estas coisas mudam o jeito como você se porta diante dos outros. Autoestima é uma coisa muito engraçada. Você se sente gostoso, você pensa como um cara gostoso, você sorri como um cara gostoso e quando vê, está levando para casa meia dúzia de sorrisos arrancados de moças aleatórias na rua. Não tem como elas saberem que por baixo da minha roupa eu ando cultivando um tanquinho e uns pãezinhos nos braços, ainda não tem nada de substancial debaixo da minha camisa, mas, se as mulheres na rua sabem o que eu crio por debaixo da roupa, então provavelmente minha Fê também sabe. Só que

ainda não viu, mas vai ver, ah, vai.

Se eu fosse um cara que acredita em horóscopo, mapa astral e essas porcarias, diria que o fato de a Fê ser Ariana é óbvio. O impulso, a temperamentalidade (essa palavra existe?), o fogo. O jeito que enraivece com rapidez, ama da mesma forma e odeia quando as coisas ficam mornas. Ela prefere os extremos. Ou frio pra cacete, ou calor pra cacete. Nunca foi de solzinho calmo e tranquilo na janela, de um ventinho fresco, uma garoazinha fina. Acho que depois que a gente casou ela passou a gostar dessas amenidades, mas antes não. Deus me livre, antes não mesmo.

Dia 16 de abril é o dia dela. Todos os anos ela espera que eu compre bolo, que os meninos comprem um arranjo bonito de flores, que cantemos parabéns e tenhamos um sexo tranquilo depois. Este tem sido o aniversário padrão dessa casa.

— Eu sempre achei flores uma ofensa sem tamanho – Ana e eu corríamos na esteira, de frente para a rua. A Bia, mais afastada da gente, contava as abdominais de uma moça iniciante.

— Meus filhos não estão querendo ofender a mãe.

— Não estou falando dos bonitos, lembra. – Diminuiu o ritmo da corrida e eu diminuí também. Eu gostava do jeito que ela chamava minhas crias. – Eu sei que dois menininhos só estão dando um presente para a mãe, só que eu acho problema um homem feito dar flores para uma mulher.

— Por quê? São bonitas e as mulheres gostam. Qual o problema?

— Alguém arrancou elas pela raiz, colocou elas na água. Daí, colocou num embrulho com um laço bonito e deu para uma pessoa como forma de amor. Flores são bonitas. Você pode arrancar elas pela raiz, pode colocá-las no meio de um monte de outras e elas serão bonitas. Pode até tirar umas folhas do meio do caule e deixá-las só com as pétalas, elas ainda serão bonitas. Aí vem um fulano com as flores na mão e fala: "flores para uma flor". Quem arrancou elas da terra esqueceu que não são um objeto de decoração, é o útero de uma árvore, de uma planta. Quando um fulano dá uma flor, eu não sei você, eu vejo assim, quando um fulano me dá flores eu fico fula. Por que ele quer fazer comigo justamente o que fizeram com a flor. Tá me chamando de "passiva", de "que eu aguento qualquer merda que ele fizer", como as flores. Ele pode fazer o que quiser comigo, como fez com as flores, que eu vou continuar lindinha e cheirosa para ele. Eu não sou uma flor, amigo. Flores são bonitas, mas eu prefiro um campo cheio delas, que num vaso. Um buquê é cruel pra cacete.

— Uau, – Ri – alguém ganhou flores de um ex-namorado bem cafajeste.

— Nunca tive um namorado.

— Nunca?!

— Não. — Passou a mão nos cabelos desgrenhados — Eu sou o que as lésbicas chamam de "estrelinha dourada".

— Você nunca transou com um pau?

— De carne não.

— E como você sabe que é lésbica? Nunca nem experimentou, ué.

— Como você sabe que é hétero? Nunca experimentou, ué.

Touché. Ela ficou visivelmente ofendida com a minha constatação e eu me desculpei. Acabou o clima para conversas e eu aumentei o ritmo da esteira, pensando na ideia da flor. Ao modo racional, nunca nem tinha parado para pensar no que significava dar flores a uma mulher. Todo mundo dá flor, então eu também dei. Será que a Fê acha que eu a comparo a uma flor? Arrancada da raiz para servir de enfeite? Será que ela nunca gostou de ganhar flores? Toda vez que eu converso com a Ana saio com uma ideia de como eu sou um péssimo marido. Será que ela agradece as flores que as crianças dão só por que é isso o que uma mãe tem que fazer? E se a Fê pensou a vida inteira como a Ana?

Se a Fê pensa como a Ana, eu a ofendi por muitos aniversários.

— Bia, você acha flores uma ofensa?

— Você deu ouvidos ao monólogo da Ana, né? — Ela chacoalhava a cabeça em reprovação, rindo de mim, enquanto eu sentava no pack deck. — Presta atenção: a Ana acha cruel. A Fê pode não achar.

— Você acha?

— Quando eu dei ouvidos para as teorias da Ana, sim. Só que eu sei que o contexto do presente não tem nada que ver com a circunstância. — A Bia olhou sorrindo para uma Ana que corria, arrumando os fones de ouvido na orelha e a armband do celular no braço. — Se ela me der um embrulho de bosta, desde que seja com amor, eu vou aceitar. Eu sou boba e a Fê, pelo pouco que a gente se viu, parece tão boba quanto eu. Rodrigo, você não pode dar atenção a todas as teorias malucas da Ana. Quer ver? Ó: Ana! — Bia chamou mais duas vezes a Ana desacoplou os fones de ouvido — Ana, fala para ele o que você acha de sexo com penetração.

— Puro egoísmo masculino. — E lá vinha outro monólogo, gritado do outro lado da academia meio vazia àquela hora — A mulher tem clitóris, a maior dádiva da deusa. Sabe quantas mulheres conseguem gozar com penetração? Vinte por cento. Porra, se a mulher prefere estimulação por fora, que diabos o homem tem que enfiar o negócio dele lá dentro?

Nunca sequer pensei em sexo sem usar meu pau. Eu não sou sortudo como as mulheres, que têm mil zonas erógenas espalhadas. Eu só tenho uma, então eu uso.

— O clitóris é uma coisa engraçada. Começa por fora, mas dá para

mexer nele por dentro. Tem o ponto G que tem muito homem que não alcança com o pau, na verdade é difícil até de achar com a mão. Tem os dedos, tem a língua, tem até vibrador se você for um cara mais pra frente – Todo esse discurso gritado do outro lado da academia. Todo mundo ouvia aquilo, da recepcionista à cinquentona enxuta que fazia aeróbica numa cama de elástico. E a Ana ali, brandindo formas de fazer uma mulher gozar. Um hino contra o falo masculino. – Me diz, macho, vai enfiar o pauzinho mixuruca pra quê? Para não aguentar meia hora de bate-estaca e gozar sem avisar? Deus que me perdoe!

— Tá, mas e o homem? Não pode gostar de penetração? – Tentei inutilmente me defender.

Gesticulou do outro lado da sala algo que eu entendi como um "A Fê não goza tem Cinco Anos". Um dedo do meio bem erguido e voltou a correr. Entendi seu ponto, Ana. E você está coberta de razão.

— Você concorda com ela? – Perguntei sem jeito enquanto a Bia se esborrachava de rir.

— Migo, – Eu odeio quando ela me chama de "migo" – você já fez uma mulher gozar tanto que ela simplesmente seca?

Na minha cabeça eu fazia minha Fê gozar sem melar. Então, tecnicamente, já. Só que era uma grande mentira. Então, não.

— Pois é. – Deu-me um tapinha consolador nas costas enquanto eu começava minha sessão – Não é com o pau que a gente consegue isso. E geralmente quando a Ana- a mulher seca, ela não está em condições nem de te bater uma punheta. Isso é sexo, meu bem. Agora vai, larga de corpo mole, faz isso daí direito.

— Quando a Ana seca ela não consegue nem te bater uma siririca, né? – Ri.

— ... Sem contar que os homens não beijam.

— Você não é "estrelinha dourada?".

— Não, eu namorei sério com um homem dos quinze aos vinte e cinco.

— Caramba. E o que aconteceu?

— Conheci o lado bom da vida. – Me piscou toda charmosa. Deve ter traído o coitado do pau murcho com um milhão de bocetas, lá no Rio.

Chamei-as para a festinha da Fê lá em casa, no dia seguinte, antes de voltar do almoço. Subimos o elevador da empresa e a Ana me contava da Catarina enquanto sócia. Disse-me maravilhas. Só que eu não sabia se a Ana estava muito empolgada por ter uma chefe mulher, ou por que a Catarina era boa mesmo. Das duas dúzias de palavras que Ana dizia, três pelo menos era relativa à beleza da Cat.

Quando se trata de falar dos outros, por mais que a gente ame muito o

nosso parceiro, homens e mulheres são exatamente a mesma merda. Eu sei que a Bia é uma ótima namorada, mas a Ana aquietou o facho? Não, leitor. Ela está lá tagarelando tanto quando o meu menino de sete anos. O quanto a "Cat" (é assim que Ana a chama) é maravilhosa, sensacional, divertida. Só faltou chamar a coitada da mulher de "cara de safada" e "cara de quem dá com gosto", que pronto, a Ana seria um perfeito macho escroto.

— Rodrigo! — Catarina estava de bom humor. Uma caixa de madeira estava sobre o sofá que costumava ser meu, na sala que costumava ser minha. Estranhei. — Nem senta que essa caixa é pra você. O Horácio da distribuidora está te dando um adeus ao melhor estilo. Um office boy acabou de trazer.

Uma caixa inteira de Blue Label. Sim. Blue Label. Nunca gostei tanto do meu trabalho quanto naquele dia. Até balancei, pensando que talvez não fosse uma boa coisa largar a vida de publicitário justamente por coisas como aquela: Produtos de graça.

Chacoalhei a cabeça dissipando a idiotice.

Dizer que eu trocava de empregos só por causa da Fernanda é mau-caratismo. Eu trocava por minha própria causa, mas perceber que eu odiava meu trabalho foi culpa dela e dos sete dias que me deu aquela amostra-grátis nada tragável de como seria viver sem ela. A partir do dia que me fez medir o quanto me pagavam naquela joça versus o que eu perdia, então eu vi a luz:

Acabei com a sociedade antes que a sociedade acabasse comigo.

Só que eu fui burro: Emendei uma sociedade na outra, mas tudo bem, eu conseguiria ficar sem cagar no pau, dessa vez. E ia ser lindo, pensei, *Tudo lindo*.

— Alguém contou o nosso segredo para mamãe? — Entravam no carro e eu esperei o Lipe afivelar o cinto do Guto e depois o próprio. Pedi para a Clau segurar a Fê mais um tempo na faculdade para que ela não desconfiasse. Peguei no volante, mas não saí da vaga. Antes de a gente sair à caça de presente, tinha que decidir o que ia dar de presente, né? — Alguém tem alguma ideia de presente?

— Coisa de mulher, né.

— É, tem que ser. — Olhava-os pelo retrovisor. — A gente não pode dar cueca para ela.

— A mãe está usando muito vestido. — O Lipe deu a primeira ideia.

— Você quer dar vestido para a sua mãe, Lipe? — Questionei.

— Não, ela já tem um monte. — Guto derrubou a ideia do irmão.

— Então o quê?

— A gente pode dar flor... — Lipe seria um cara clássico, sem muita elaboração, quando começasse a namorar. Flor e chocolate e não se fala mais nisso.

— De novo? – O Guto ia ser do tipo mais ousado.

— A mãe gosta de flor.

Será que a mãe gosta de flor? Fiquei realmente balançado com o discurso revoltado da Ana.

— Mas ela sempre ganha flor. – Fiquei do lado do Guto. Já era a hora de mudar de presente.

— Perfume? – Lipe barganhava. Gostava de dar flores, eu sabia. Ele gostava de escolher o buquê para mãe, de escolher a fita. Achei imprudente da minha parte tirar aquele ritual do meu filhote. Sorri. Lipe seria um romântico clássico. E vai achar uma mulher que valorize isso.

— A gente pode dar flor e vestido. – Negocieei. – Só que tem que ser rápido, senão a mãe vai desconfiar, aí não vai ser legal. Tem que ser surpresa.

— Mas pai, como a gente vai esconder a flor da mãe até amanhã?

Ainda bem que tem alguém que pensa nessa família (e não era eu, veja só). Esconder um buquê enorme aonde? Na garagem? Seria uma boa ideia se ela também não guardasse o carro ali.

— A gente dá a flor hoje e amanhã dá o vestido.

— Os dois amanhã – Guto teimava – Amanhã que é o aniversário dela.

— Amanhã assim que ela acordar, então. A flor não vai durar muito se a gente não souber esconder direito.

Dei partida no carro. Primeiro o vestido.

É muito fácil ser homem nessas horas. Você entra em qualquer loja de roupas que tem cara de ser mais arrumadinha e pronto. Se você tiver dois filhos procurando presente para a mãe, você vira o centro da loja. Vem até a moça do caixa, a moça da limpeza, a tia do carrinho de churros, vem todo mundo dar palpite. Eu não sei que número de roupa a Fê usa, mas comparei o corpo de uma vendedora com o da Fê e rezei para não errar.

Aí começou a voar vestido para tudo quanto é lado, nunca antes na história desta minha vida, vi tanto vestido. O Guto pegou um cheio de lantejoulas e ficou brincando com elas. Todo preto, sem nenhuma coisa a mais. O Lipe pegou um vestido cor de rosa bem claro com um corte bem profundo nas costas e tiras bem finas nos ombros. Eu gostei dos dois, mas eles iam se decidir qual dos dois levariam.

— Pai, a gente pode dar os dois? Um meu e um do Guto?

Já era sete da noite. A Clau estava fazendo um favor, mas não conseguiria segurá-la por muito mais tempo na faculdade. Decidi que podiam, a Fê merecia e não fazia aniversário todo dia. Resolvi que não ia dar tempo de pegar as flores e combinei com os meninos de pegá-las quando eles saíssem da escola, no dia seguinte.

Voamos para casa e deixamos a sacola no porta-malas. Eles subiram correndo para o banho e eu acelerei a janta. Macarrão porque macarrão não demora. Coloquei a água para ferver na caçarola e ajudei o Guto a se banhar. Lipe entrou no banho e eu desci para colocar o macarrão na água.

Ela chegou quando o Lipe descia as escadas de cabelos molhados. Acho que deu para colar uma mentirinha. Chegou reclamando que a coitada da Clau não parava de falar do restaurante e do quanto o Antônio estava feliz de ter me achado. Me beijou irritada, bufando. Pediu desculpas pela demora, 'tadinha. O Lipe, que já apanhava certas maldades no ar, segurava o riso preenchendo a lacuna da sua tarefa escolar.

— Então vá tomar teu banho que a janta está quase pronta. — Enviei um beijo enquanto ela acarinhava a crina do Guto. Subiu com a bolsa com o novo computador e os livros. Nós rimos às costas dela e não demos um pio sobre nossa pequena contravenção.

— Pai, você acha que a mãe está desconfiada?

— Acho que ela caiu direitinho, Lipe.

— Parece que eu tô mentindo para ela. — Subiu os olhos da lição para mim, enquanto eu dourava o alho numa panela — A mãe sempre fala que a gente não pode mentir para ela, mas a gente tá mentindo.

— Quando a gente contar a verdade para ela, amanhã, você pede desculpas por mentir. Sua mãe vai ficar feliz em saber que você se sentiu mal por mentir.

Eu queria que a Fê respondesse essa. O Lipe é cheio de observações assim.

— Ei, Bonita — Beije sua testa, tentando acordá-la — Levanta.

Respirou fundo e levantou-se pouco depois. Avisei que a esperaria lá embaixo. Desci. Acordamos especialmente cedo e trabalhávamos duro desde as quatro e meia da manhã, nós três. Fizemos bolo, os meninos fizeram a decoração dele. Fomos buscar pão quentinho na padaria, a primeira fornada do dia, cinco e quinze. Fizemos café, panquecas (ideia do Lipe, talvez pelos desenhos que ele assistia na televisão, eu nem sabia como é que se fazia aquilo, mas ele insistiu tanto e eu procurei no Google, de última hora). Fizemos cartões personalizados, cada um fez uma cartinha para ela e eu ajudei o Guto a escrever a dele, que narrou cochichando no meu ouvido que era para o Lipe não copiar.

A gente usou a louça que a gente nunca usava, coisas que só saíam do armário para o Natal. A nossa "louça especial", toda bonita e trabalhada.

Forramos a mesa e o Lipe, quando foi na padaria comigo (eu não poderia deixar os dois sozinhos, veja bem, então os levei comigo), achou flores no canteiro. Raptamos todas as flores do quarteirão, três delinquentes às cinco e quinze da manhã. Colocamos em vasos em cima da mesa e não quisemos mais comprar flor em floricultura nenhuma.

A cozinha cheirava especialmente bem e estava visualmente bonita, também. As flores eram de uma delicadeza do meu menino que aquilo ia contra qualquer argumento revoltado que Ana poderia imaginar em dar. Vários vasos pequenos e vasos maiores no centro da mesa e uma flor que eu não sei como ele fez, mas prendeu no guardanapo de linho, que a gente resgatou do armário.

Ela chorou, surpresa. Os olhos incrivelmente vermelhos e inchados. Desmontou em choro atrás das mãos como se eu tivesse acabado de pedir divórcio. E a guarda das crias.

— Mãe, você não gostou? – Guto consolava a mãe, tristinho. Todo aquele trabalho não era para a mãe chorar, afinal.

Abriu um sorriso bonito (embora a aparência dos olhos não fosse boa). Pegou o menino no colo e o encheu de beijos molhados. Ele também a encheu de beijos e deu os parabéns. O Lipe subiu na cadeira e fez o mesmo, enchendo a mãe de beijos. Beijou as mãos dela, também. Apanharam, cada um, a própria sacola do presente. Esticaram as cartinhas, que ela leu antes de abrir o presente.

— Querida mãe, – Leu a cartinha do Lipe primeiro – Desculpa se as vezes eu tiro nota baixa na escola e quando você tem que me mandar tomar banho muitas vezes. Eu te amo muito, você é muito boa em matemática e você é a melhor mãe do mundo! Observação: (Filho, "observação" é com cedilha) desculpa também o papai que não sabe cozinhar direito e por mentir para fazer sua surpresa. – Ela leu, tomando o garoto num abraço bem apertado e bem demorado. Chorou mais um pouquinho – Obrigada pelo melhor aniversário da minha vida.

Depois leu a carta do Guto, com a minha letra.

— Mãe, você é a mulher mais bonita do mundo. Eu te amo muito e você é a melhor mãe do mundo. Eu gosto quando você vai bonita para escola. Feliz Aniversário!

Mais uma enxurrada de beijinhos e mini-choros. Abriu a sacola e admirou os vestidos. O rosa do Lipe e o preto cheio de lantejoulas do Guto. Mediu-os à frente do corpo e sorriu. Depois foi a minha vez.

— Feliz aniversário, Nina – Beijei-a. Os meninos não ficaram falando "ewwww" como é comum nas novelas. Eles cresceram vendo os pais se beijando. Dias em que nos beijávamos mais e dias que não nos beijávamos, mas nos viam. Besteira esse negócio de não beijar na frente dos filhos. – Eu amo

você. E espero que esses seus trinta e seis anos sejam os melhores anos da sua vida.

Me beijou de novo. Paramos ao comando do Lipe, que nos separava, entediado "Vamo pará com essa melaçããããããao vocês doisssssss".

— Seu presente vem mais tarde, tá? – Murmurei. Ela sorriu. Entendeu muito bem. Beijei a pontinha do nariz e sentamos para comer.

— Quem arrumou essa mesa toda bonita?

— Eu.

— Eu também!

— É, mas você só ajudou.

Mesmo, segundo o Lipe, eu não sendo um exímio cozinheiro, fiz uma lasanha bem grande. Comprei vinhos que combinavam com a massa, coloquei água de coco para gelar. Agora nós tínhamos um estoque de Blue. Usei roupa nova. Deixei a Fê no quarto que sequer a roupa tinha escolhido ainda, e pedi para nosso "arrumador de mesa oficial" ajudar. A Bia e Ana chegaram às 8, segurando uma sacolinha. A Clau e o menino chegaram com o meu sócio, que carregava uma caixona de bolo que tive muito trabalho para enfiar na geladeira. Colocamos uma música mais animada para tocar e ficamos na sala, as três crianças na maior algazarra (embora o Guto já estivesse visivelmente cansado e sem vontade de brincar).

Apresentei meu velho trabalho ao novo trabalho e a Ana já saiu contando meus podres para o Antônio. A Clau e a Bia ficaram trocando figurinhas sobre cor de cabelo e eu ali, na maior expectativa, esperando ela descer.

Usou o vestido cor-de-rosa que ganhou do Lipe, cavado nas costas. Os cabelos soltos, colocados para o lado, saltos da cor da pele. As unhas pintadas da cor que eu gosto. As mãos dela ficam bonitas em marrom, eu gosto mais que vermelho e ela sabe disso. Os olhos marcados com uma coisa leve que eu não sei se é lápis ou sombra ou sei lá que diabos as mulheres usam no rosto hoje em dia, e a boca pequena e carnuda, em vermelho. Um vermelho bonito. Bonito demais.

— Linda, Nina. Tá linda. – Babei.

A gente acertou em muitas coisas de ontem para hoje, mas em nenhuma delas a gente previa que a Nina ficaria daquele jeito. Todo mundo bobo e animado naquela casa, olhando para ela, parada no primeiro degrau da escada, sem jeito. Depois a cumprimentei e ela cumprimentou os convidados antes de a gente se sentar para comer.

— Para um cozinheiro de Google, você até que cozinha bem – Antônio

pegava mais um pedaço.

— Viu, Lipe? – Cutuquei – Só você acha que eu cozinho mal.

— É que você não comeu o macarrão dele. – Retrucou o menino que eu até tentei dar educação.

Guto não demorou muito para cair no sono. Cortamos o bolo até que mais cedo, que é para que ele pudesse comer, mas não queria comer, só queria dormir. O Lipe tombou no sofá da sala, o Dudu, filhotinho da Clau, se aninhou no colo da mãe e dormiu.

Da Clau, a Fê ganhou um livro de fotografias que só tinha ponte. Eu não sei como isso pode ser um presente bom, mas a Fê adorou. As fotografias eram muito bonitas, o livro era em inglês e tinha várias curiosidades sobre as pontes mais bonitas do mundo. Tinha a Estaiada. A Fê se sentiu tão importante por ter feito parte da equipe que projetou a Estaiada, que eu logo entendi por que aquele presente era um ótimo presente. A Ana e a Bia deram um par de brincos de pérolas (pareciam pérolas, pelo menos) e um vale compras da sex-shop – para caso a Fê cansasse de me esperar. Piadinha da Ana, só podia. A Bia teria um pouco mais de decoro mesmo para fazer piada.

A única coisa que me preocupava no aniversário dela era o depois. Amargamente, me arrependi de não tê-la feito gozar depois do nosso encontro no café e por isso, não tentei mais nada. Estou com medo, é claro que estou, descobri que fiquei cinco anos num sexo bosta para cacete e não quero, de jeito nenhum, repeti-lo logo no aniversário dela.

Por isso também saí mais cedo do restaurante em reforma e passei num sex-shop. Não comprei grandes nada, só uma vela que derrete e fica um óleo legal de fazer massagem, e uma outra coisa (mas eu ri um bocado feito moleque de treze anos olhando aquele monte de pinto bege “cor de pele”, tudo parece que feito da mesma forma).

— Eu vou falar logo a verdade para você. – Comecei estragando a surpresa que eu próprio tinha bolado, olhando-a tirar os brincos, de frente para o espelho do guarda-roupas do quarto – Eu quero muito fazer você gozar, eu tô doido para isso, só que eu estou com um cagaço da porra de-

— Repete isso. – Séria do jeito que me disse, eu não sei se ela estava brava comigo ou não.

— Eu tô com um cagaço da porra-

— Não, pula o chororô, fala o começo de novo.

Ah, tá. Entendi. Estendeu-se num sorriso, me tirando dez anos de experiência. As preocupações, as culpas, todo o desgaste, tudo isso sumiu. Só sobrou ela me sorrindo sugestivo, de costas para o espelho, os brincos nas mãos. Vestido rosa e salto alto. Toda arrumada e linda de me botar de quatro.

— Já falei que você está gostosa?

— Falou que estou bonita.

— Bonita é o que a gente fala na frente dos outros, – sorri, tirando os brincos da mão dela, laçando a cintura dela com os braços – O que eu queria ter te dito quando desceu as escadas é que você está gostosa.

As costas nuas, o decote nos seios, as alças finas, sem sutiã. Demorei para beijá-la só para poder ver, mas nos mínimos segundos em que demorei os olhos nela, vi o fogo dela, lentamente se apagando. Minha esposa tinha vergonha de mim e não conseguia manter o clima comigo.

Sexo sem pinto. Isso me veio na hora. Ela lembrar que eu sou a lenha da fogueira dela. Ela lembrar que é o meu nome que ela geme, por mim que ela suspira, por mim que se derrete. *É isso, então*, resolvi, bolando um monte de planos para os depois.

Até ela secar.

O beijo que veio foi como o primeiro. Quente e forte. Fernanda nunca foi de beijinho delicado. Fogo e ferro. Fui para cima dela do mesmo jeito que ela veio para cima de mim. A boca dura, dois idiotas que perdem tempo pensando e não se comem. Um imbecil que esquece que tem uma gostosa em casa, uma deusa particular, templo secreto do amor só meu.

Os olhos grandes que ela tinha estavam voltados para mim, todo em mim. Vibrava, me queria. Não sorria, esposinha linda, mas me olhava sério. Tesão do cacete. Subiu rápido, tudo muito rápido. Arqueava, sem sorrir, a sobranalha em desafio.

A beijava do jeito que a gente gostava de se beijar. As mãos dela no meu rosto, no canto da minha boca, como se quisesse me ver com as mãos. Beijo-contemplação, existe isso? Inventamos. Beijo-reconhecimento. Para ela lembrar a quem pertence e para que eu me lembrasse, também.

Desci a boca reconhecendo os demais terrenos. Pescoço, queixo, os ombros. Toda ela. As costas, ela sempre sentiu muito tesão nas costas, nunca houve algo na Nina que não fosse sexual. O corpo inteiro dela vibra, emana vibração que fala direto com o meu pau. Como que eu casei com esta divindade eu não sei, mas casei.

Conduzi-a para a cama, coloquei-a sentada, me ajoelhei no chão, arrastei-a para a beirada, beijando ainda, sentindo o calor do corpo dela, a parte mais quente, me roçando o umbigo. Desci as alças do vestido dela, a minha Nina, quente e com as mãos em garra, sem me olhar nos olhos. É tanta assim a sua vergonha, Amor? Por quê? Você nunca teve vergonha de mim, antes. Desci a boca do pescoço para os seios, chupando um deles com vontade, a mão no outro apertando um bico sem qualquer cuidado.

A primeira reação da Minha Nina foi de se encolher, a mão enlaçando o meu ombro, a outra no meu cabelo. *Nina, você não é de se encolher.* A segunda reação foi de se expandir. Arqueou a coluna para trás, os cabelos dela roçando na minha mão agarrada nas costas dela sem nunca mais querer soltar. Suspirou baixinho e se despediu do controle. Fechou os olhos com um sorriso vacilante no rosto e eu soube que aquele era o nosso caminho das pedras.

Deitei-a na cama com cuidado, ajudando-a se desfazer do vestido. Sem pressa, nenhum movimento brusco, tudo muito mais amoroso que desesperado, era esse o sexo que eu queria guardar para ela. Sexo bruto é quando a gente já tem o amor garantido, ou quando o amor não importa. Não cabe dar uma de britadeira enlouquecida quando você está beijando a sua esposa como se fosse a primeira vez, tudo de novo.

Acendi a vela e a deixei queimando sobre o criado-mudo. Fui para cima dela, tirei-lhe os saltos e a calcinha branca. Pelada, finalmente na minha cama, mas envergonhada, sem me olhar nos olhos.

— Olha para mim, — mandei — não desvia os olhos de mim, Nina.

Um joelho de cada lado do corpo dela, desci à altura da boca para beijá-la, mordendo a minha Nina, raspando os dentes. Subia e descia pelo corpo dela, peito, barriga, costelas, tudo o que eu via. O gosto que ele naturalmente tem, a maciez dele. Eu amo muito este corpo, muito. Eu gosto do que eu vejo, eu sinto tesão no que eu vejo, eu acho lindo o que tem diante de mim e a história daquele corpo. Até a marca da cesárea. Eu gosto e sou grato por ele ser assim. Fernanda que era tábua, agora é toda curvas e ela precisa entender que eu gosto das curvas, das nuances, dos vales, das marcas.

Pega qualquer cara da minha idade e pergunta para eles qual a diferença entre estria e celulite. Pergunta o que é um pé de galinha. A gente não sabe porque a gente não liga, não faz diferença. Eu gosto do corpo dela porque eu gosto, eu sinto tesão nela de qualquer jeito, é ela quem eu escolhi e acabou. Eu sou louco pelo que eu vejo, pelo que eu escuto, os sons que ela faz, os gracejos, o jeito como atola a mão em mim sem delicadeza nenhuma.

Com fome, suspirando um pouquinho, abriu os botões da minha camisa e a tirou. As luzes acesas e eu, de primeira instância, nem me toquei que ela veria o que eu ainda estava preparando para ela. Não era a hora, ainda. Quando planejei esculpir o corpo eu esqueci do aniversário dela, juro que esqueci. Ali, com ela me tirando a camisa, lembrei. Adotei camisetas de dormir que é para que ela não se tocasse, fiz silêncio sobre a academia, fazia a maioria das refeições fora de casa.

Sabendo que os resultados eram pouquíssimos, que um mês e um pouco puxando e empurrando peso na academia não faz ninguém Mr. Universo, eu

desejei que este detalhe passasse despercebido.

Mas, para a mulher que te conhece do avesso, um mês faz diferença. Bateu o olho na minha teta e acendeu um sorriso misto de tesão com alegria.

— Puta que pariu. – Disse, sorrindo, me olhando nos olhos, me beijando o pescoço, o peito e a barriga – Tá na academia?

— Não era para você perceber.

— Tá diferente.

— Você gosta?

— Gosto, Dio.

— Então não desvia os olhos de mim, não me ignora.

Desci para os bicos dela, duros me chamando e, de novo, ela não se contraiu, se expandiu, me agarrando pelos cabelos, pelas costas. Se abriu para mim, imaginando, querendo talvez, que eu entrasse nela. Deixei que se abrisse, mas não atendi. Nem entrei com os dedos, sequer toquei. Vi que ela se contorcia devagar, queria que eu a tocasse, mas senti prazer na tortura por vê-la à mingua e foi assim que deixei.

Puxei a vela do criado-mudo e ofereci o pavio para que apagasse:

— Apague a vela, Nina. Feliz Aniversário.

Comecei uma massagem, apertando cada parte da minha mulher. Do pescoço aos pés. Óleo que escorregava para cada depressão e de cada vale. Não muito, só o suficiente para que a mão deslizasse. Ela corava, gemia baixinho. Massagem, apenas. Do ombro aos pés. Ela que queria acelerar as coisas, eu estava quase zen. As mãos dela que me apertavam com força quando eu parava nos seios, as costelas, os quadris, as coxas. E parava nas coxas. Sem entrar onde ela queria que entrasse. O cenho franzido me mostrava que eu estava certo, o caminho era esse. Os olhos dela que não perdiam um pedaço nem de mim, nem das minhas ações. Desci a boca e senti que estava molhada. Bem molhada. *Sem KY*. Sem nada que não fosse eu. Ela gemeu quando eu encostei. Bem baixo e bem suspirado, quase sem voz, só ar.

Começamos a dança louca da outra vez. As mãos que primeiro me acarinhavam e depois me maltratavam. Só a língua no clitóris, depois na borda da fonte. Um dos pés no meu ombro. Tenho que confessar que não tenho tara só pelos saltos e ela sabia disso. Apertou minha cabeça contra si com o calcanhar e rebolou na minha boca. Um dedo, dois depois.

Os suspiros entrecortados e gemidos baixinhos. Tinham densidade, aqueles gemidos todos, me pedindo para parar ao mesmo tempo que rebolava nos meus dedos, na minha mão. Eu a olhava, mas eu não via rosto, só via um dorso arqueado, os seios empinados, duros. As mãos cravadas na parte do meu braço que ela alcançava. A barriga que se contorcia, ora contraída, ora relaxada.

O peito que tremia.

Foi só quando o ponto mais alto da crise quente e doce que eu assistia inteiramente apaixonado, que eu pude ver seu rosto. Os olhos cerrados, a boca entreaberta, as bochechas coradas.

Ela disse meu nome. Um "Dio" lindo e uma avalanche. Uma agonia. Com meu nome no meio dela. As mãos tão atoladas na minha pele que doíam. Alterei o ritmo dos dedos só para vê-la tremer mais um pouquinho. E funcionou.

Riu depois, há anos que não ria, depois de gozar. Beijei-a com minha boca toda lambuzada e ela queria de novo, como se uma não tivesse dado nem para o cheiro. Eu queria conferir de perto todo aquele desespero. Coloquei-a apoiada no meu peito, uma mão nas costas dela e a outra que se inseriu, sabendo o caminho. Ela gemeu quando os dedos entraram. Estávamos sentados, eu tinha a visão de todo o espetáculo. Gemeu de olhos abertos e foi lindo.

A parafina derretida tinha gosto de morango, só que não tinha nem metade do gosto bom que ela tinha. Os mamilos duros, as mãos kamikazes dela, sempre muito vis, muito cruéis com a minha pele. Meus dedos entravam e saíam, vagarosos por vezes. O polegar do lado de fora brincava com o feixe de nervos. As pernas dela se fechavam e dificultavam meu trabalho.

Ela não conseguia beijar, a boca entreaberta só sabia me dizer para parar, enquanto a fronte franzida e os olhinhos fechados me pediam exatamente o oposto. Com a mão que servia de apoio para as costas dela, eu puxei seu cabelo da raiz. Me deu um tapa no rosto. Gostei daquilo. Aumentei muito o ritmo dos dedos. Outro tapa, mais ardido que o primeiro. Girei a mão no pescoço liberando espaço e lambi ali, sentindo o suor misturado com perfume. Estava quase.

— Diz.

Calada, sorria. Apertei o polegar no botão, em movimentos circulares. Ela me puxou para si; gemia, mas não dizia palavra.

As mãos atoladas nas minhas costas, num abraço. As pernas que teimavam em se fechar. Me mordida o pescoço. O polegar em movimentos circulares e os dedos insanos. Veio. E ela disse.

— Amo, Dio – Era assim que eu gostava de ouvir que ela me ama. – Muito.

Foi mais longo que o primeiro. Gostei daquilo. O rosto muito vermelho e os seios inchados. Os pés contraídos, um gemido que parou no meio por falta de ar. Ela tem um jeito só dela de gozar e quase me fazer gozar junto.

Dei-lhe colo quando ela terminou. Parou a cabeça no meu peito e sorria. Desabotoou o cinto e desceu o zíper. Ela adorava o freio do meu pau. Quando a cabeça estava inchada, formava-se ali uma espécie de depressão que ela gostava de escorregar o dedo. Brincava com a pele rija e me beijava.

Em pouquíssimo, aquilo não era mais de brincadeira. Deitei-a de novo. Sem chances de eu gozar ali, ainda tinha muito para fazer escorrer dela antes de eu pensar em gozar. Eu não era a graça da brincadeira, ela era. Desci a boca e ela se abriu, arqueando a coluna. Primeiro foi só carinho, ela demorou mais para entrar no espírito. Apertei o bico dos seios para ajudar. Entrei com os dedos.

Subi a boca para a dela quando ela já estava muito no espírito e meu maxilar doía. Os cabelos esparramados poeticamente na cama. Uma terceira? Eu conseguiria? Logo eu, homem dos cinco anos? Os dedos não paravam e a boca se ocupava de todos os outros perímetros do corpo. Barriga e costelas, a parte interna da coxa, os pés contraídos. Ela me olhava na maioria das vezes, doce e mansa. Contente, eu arrisco dizer. Atenção minha, foi isso o que faltou. Atenção. Eu ainda era o mesmo, ela era a mesma e nós ainda sabemos colocar fogo na cama.

Os olhos se encheram de lágrimas numa hora em que eu beijava o pescoço e queixo. Percebi quando voltei os olhos para ela.

— Você quer que eu pare? – Perguntei, quase manso se não fosse o pau entalado na cueca.

— Não, Dio.

— Eu prefiro que você me diga para parar, se quiser.

— Não quero parar.

— Por que tá chorando, Nina?

— . – As lágrimas aumentaram, deu de ombros, fazendo bico. Como se me dissesse muita coisa sem me dizer nada – Tá tudo tão diferente e de ponta-cabeça.

— Me desculpa, Nina. – Eu fui fazendo as coisas, trocando os horários, invertendo as obrigações, me adaptando ao novo ritmo de trabalho. Troquei mais de uma vez, em duas semanas, quem buscava as crianças na escola, quem fazia a janta. Tomei as rédeas da nossa vida para facilitar as coisas para a gente e ela, calada, só seguiu. Não protestou nem quando saía da aula quarenta minutos, uma hora antes de acabar para buscar os pequenos. Só me seguiu.

Ainda não entrou na minha cabeça que o que ela quer é parceria inclusive nas pequenas coisas.

— Não tem que pedir desculpa, Dio – Falou, baixinho. A culpa que me consome é foda. – Eu não estou reclamando.

— Não?

— Eu estou gostando do como você está se desdobrando para não deixar tudo sobrar para mim e eu sei que é só até o final do mês, essa loucura.

— Então por que tá chorando?

— Eu me emocionei com você, Dio, só isso.

— Não achou que eu estivesse falando sério dos seis meses?

— Quantas vezes você falou que ia melhorar, que ia mudar e não mudou?

— Eu não quero brigar com você, Nina.

— Não tô brigando, Dio, olha pra mim – Me beijou rápido a boca, com a mão no meu rosto – Eu te amo, sempre te amei e sempre vou te amar. E estou feliz que você tenha dado uma chance para a gente, de novo.

— Eu sou grato por você me aceitar de volta, Nina.

— E eu consigo viver longe de você?

Me beijou de novo, as lágrimas nos olhos. Choro de mulher apaixonada. É toda fogo essa mulher, mas quando demonstra essas delicadezas, essas sutilezas, perco o rumo. Entrei com os dedos nela de novo, acelerei o ritmo, apliquei alguma força, empurrei-a para cima, fiz que apoiasse as costas na cabeceira da cama, quase sentada. Tomei-a no colo, completamente dentro de mim. Os dedos não pararam. Ela me abraçou muito forte e gemia muito baixo. Não era escandalosa, ela era de golpes mínimos e eu gostava daquela sutileza, também.

— Olha pra mim. – Pedi em meio a sussurros bem baixos e ao pé do ouvido. – Promete que nunca mais vai transar comigo se não for para ser assim. Não minta mais para mim, Nina.

Ela ouviu, mas só conseguiu chacoalhar a cabeça que sim. A testa encostada na minha, meus braços ao redor dela, o corpo dela encostado no meu. As pernas abertas para minha mão que não desacostumou a fazer aquilo. Envoltas numa graça que eu gostava de descrever como "sábado de manhã". Sensual e leve e simples. Sem jogos, sem mentiras, sem rancores. Sem orgulho. Sem nenhum orgulho, nem da minha e nem da parte dela.

— Olha pra mim – Pedi de novo. A crise era aguda: ia gozar. As unhas cravadas nas minhas costas diziam isso. Os pés contraídos e a ligeira reboladinha que dava na minha mão. O ar exalado em soquinhos. Sorri e ela sorriu e gozou ao mesmo tempo. Me olhando nos olhos, dizendo o meu nome. Não houve contato visual por alguns segundos e eu soube que aquilo era o pico.

Capítulo 12

Belo Recomeço

Ela dormia e eu desci para lavar a louça. Não, eu não gozei. Não consegui fazer o que a Bia fazia com a Ana, mas fui, suponho, até onde a Fê quis ir. Quando ela se deitou na cama e apagou, eu parei. Acho que dá para chamar isso de "belo recomeço", né? Tirei o restante da lasanha da forma e coloquei em um pote menor, o mesmo fiz com o bolo muito bonito e muito gostoso que Antônio fez. O bolo que eu e os meninos fizemos ainda estava pela metade, na geladeira, e a Blue Label que reservei para que os adultos tomassem, não chegou nem na metade; o vinho entretanto, acabou.

Lavei os pratos sorrindo. Com a coisa toda da academia, de eu já ter pedido para os meus pais tomarem conta dos meus filhos, acabei bolando um plano. Usar o feriado de Tiradentes só para nós dois. Acho que isso é um mínimo que eu poderia fazer depois de trocar bruscamente de emprego e deixar tudo na mão dela outra vez. Um pedido de desculpas por deixá-la na mão.

Um par de mãozinhas me tomaram num abraço pelas costas. A cabeça apoiada em mim, um beijo no meu ombro. Ela não dormia quando eu a deixei no quarto, ou eu fiz tanto barulho que a acordei?

— Obrigada pelo melhor aniversário da minha vida.

E tem que agradecer? Não é essa a obrigação de um marido?

— Vem cá. – Me puxou pela mão, só deu tempo de alcançar um pano de prato e seguir com ela, puxado pelo braço, secando as mãos, para onde ela queria me levar. Me empurrou para o sofá e ajoelhou-se diante de mim. As mãos no cinto, desafivelando e abotoando tudo com rapidez e maestria.

— Não, amor – Eu disse, tirando a mão dela do meu zíper, me arrumando no assento – Não precisa.

Meu pau me traía insanamente, mas a minha cabeça não queria que ela o fizesse. Colocou a mão no corpo do meu pau e foi muito difícil falar um segundo "Não".

— Estou vendo. – Sorriu. Sensual demais para ser evitada, colocou só a pontinha da língua para fora. Lambia onde termina o corpo e começa a cabeça. O vale e o freio, como ela gosta. As mãos livres procuraram a camisa que ela queria longe da barriga. Me olhava. Os olhos grandes e bonitos. Os lábios na cabeça sem abocanhá-lo. Morro mil vezes antes de chegar lá.

Ela não tinha pressa nenhuma e aquilo me irritava. Ficava me tentando, me acariciando sem nenhum compromisso, nenhuma promessa. Beijava da minha boca ao meu pau sem nenhuma velocidade. Sem nada que garantisse o

meu final feliz. Ela sorria, maldosa. Eu sabia que ela já estava pronta para mais quando ela esfregou seu monte de vênus, montada em mim, o clitóris na minha cabeça inchada. Me beijava com gosto. Como se não tivesse gozado até dormir em menos de meia hora atrás.

Iria me espremer até arrancar o pior de mim. Até eu não aguentar mais e empurrar com tudo para dentro dela. Estragar todo o itinerário do meu plano naquele vai-e-vem perverso. As mãos no meu peito, boca no meu pescoço, dentes e saliva e língua. O clitóris esfregado na cabeça com força. Era essa a mulher com quem me casei, acordou o monstro, fodeu. Toda mordidas. Toda insaciável e insana que não quer saber se eu acabei de lhe dizer "não", nem se eu tenho "planos" para mais tarde. A mulher que não espera e me arrasta junto.

Um homem tem que ser forte o suficiente para não entrar na onda e esquecer tudo, todas as jogadas planejadas. Tem que transar com a cabeça, tem que esquecer que seu pau é um grande inimigo nessas horas, mesmo ela quase lá de novo. As bochechas coradas e os movimentos firmes em cima de mim. O roupão quase todo aberto. As mãos dela nas minhas costelas, ela gostou muito de ver o que eu andei preparando com a Bia, na academia. Gostava de sentir os vincos que nasciam na minha barriga, quando eu travava de tesão. Lambia o que conseguia alcançar com a boca e gemia. Mais alto. Ela tinha prazer pelo controle. Em me tirar dele.

— Não, Nina. — Pedi, quando vi que ela queria mesmo é me colocar para dentro de si.

— Por que não?

— Confia em mim.

Olhou com aquela cara que me olhou outro dia, misto de curiosidade e descrença, emendando um “não acredito”. Sorri para ela, esperando que a ela bastasse um “confia em mim”. Agarrei-a pela bunda e forcei o movimento, ela roçando o monte de vênus no meu pinto. Ela não queria me tirar do controle? Só fui prudente o bastante para não entrar com o pau nela, era essa a única regra. Ela sorriu mordendo meu lábio enquanto sentia as minhas mãos com muito mais força que o necessário. As duas mãos na cintura enquanto ela rebojava lindamente. Desamarrei o roupão para ver melhor e ela ficou muito irritada com o número de botões da minha camisa.

Puxa, amor. Deixa arrebentar os botões, a gente costura depois. Ela arrancou com força e colou-se em mim. Estávamos quentes e ela gemia. E eu gemia. Ela gostava de ouvir aquele som idiota que saía da minha boca, que não era nem um gemido, nem uma palavra. Mordi-lhe o pescoço enquanto o quadril dela não se controlava. As mãos puxando meus cabelos com tanta força que doía. As unhas cravadas em algumas partes sem nenhuma piedade. Dor. E um

prazer que estourava. Eu estava quase. Sentia a pontada atrás do meu umbigo, as vibrações que vinham não sei de onde, mas reverberavam no corpo todo. Olhei-a. Ela esperava por aquilo. Sorria. Estava me esperando gozar para gozar comigo.

Sem eu achar que ela pudesse acelerar mais, se esfregando na cabeça do meu pau, como dois adolescentes, veio. Minha vez de chamar por ela. Ela mordida a minha bochecha com tanta força que eu acho que ela não sabia sequer que tinha me mordido.

— Eu te amo — Eu disse, meio afoito, meio ofegante. E fiquei repetindo aquilo como uma vitrola velha. Ninguém quis saber de terminar de lavar o que sobrou da louça. Deitei e ela deitou por cima de mim, a cabeça no meu ombro. Era pequena. Eu tinha esquecido de como era pequena e como cabia em cima de mim.

— Então, — Tomávamos nosso café, no dia seguinte. Os cabelos molhados enrolados numa toalha, um roupão sobre o corpo nu. Pousou a xícara no pires e me olhou inquisidora. — O que uma mulher tem que fazer para que seu homem a coma? Implorar? Rodrigo, eu estou quase.

Eu ri. Não era nem deboche, eu só não esperava que isso fosse sair da boca dela.

— Bom, — Eu disse, picando a fruta das crianças. Para conseguir cuidar da transição dos empregos, eu saía de casa antes de ela e as crianças saírem, então eu deixava a cumbuca com as frutas dos meninos e as lancheiras prontas. — Você vai ter que esperar um pouquinho, mas agora falta pouco.

— Eu não dou conta de esperar mais que uma semana.

— Ah é? — Virei-me para ela, olhando-a por cima da bancada que separava a mesa da cozinha, da pia. — E o que você vai fazer?

— Mas tá muito gostoso. — Sorriu. Eu não tinha tomado banho ainda. Com a calça social e a camisa sem uns botões, eu cuidava das minhas obrigações. Não contava que ela fosse me olhar daquele jeito. O jeito que eu usava para olhá-la. Ela estava acostumada a ser comida com os olhos, eu não. Eu estava acostumado a carinhos, a ser chamado por bonito, de beijo, só que eu não estava acostumado a servir de objeto, a ser reduzido a uns músculos (nem dá pra dizer que são muitos, por que um mês e meio de academia não faz milagre). E eu gostei de ser visto daquele jeito novo. — Agradece à Bia por mim.

Sorri sem jeito. E voltei a cortar as frutas.

— Não precisa ficar com vergonha, Dio — Ela me abraçou pelas costas —

Esse V que apareceu na sua barriga tá me deixando muito contente, é sério. E as covinhas da barriga, você nunca teve. E as costas. Eu estou gostando, é sério.

Eram seis e meia, eu ainda tinha que tomar banho, não podia demorar muito. Sentei-me com ela apanhando uma torrada do prato dela. Puxei a cadeira para a aresta dela da mesa e dei-lhe um beijo no rosto.

— Agora respondendo à sua pergunta... – Continuei despretensiosamente, enquanto besuntava minha torrada já um pouco fria com requeijão – Que você acha de a gente ir para a fazenda dos meus pais nesse feriado?

— Os meninos adorariam.

— Sim. – Mordi a torrada e ela me limpou a boca – E que você acha de a gente voltar para a capital?

— Não entendi. – Ela disse, mordendo a dela – Deixar as crianças lá e voltar para casa?

— É, só eu e você. A gente vai quarta depois da sua aula, volta quinta depois do almoço. Aí, domingo de tarde a gente busca eles.

— Não sei... – Protelou – Muito trabalho para um feriado de quatro dias.

— Pensa com carinho – Argumentei, mesmo eu já tendo combinado tudo com meus pais, ela não precisava saber – Eu tenho *umas coisas* em mente.

— É claro que você tem umas coisas em mente. – Revirou os olhos, sorrindo.

Sorri também e terminei meu café da manhã. Perguntei se ela queria que eu chamasse os meninos e subi para o banho.

Acho que nunca contei essa parte. Que meus pais moram na fazenda já foi dito. Eu sou natural de Poços de Caldas, Minas. Me formei em Publicidade na PUC, no campus de Poços. Meus pais têm uma queijaria e foi com isso que pagaram a minha faculdade, inclusive. Quando eu era pequeno ajudava meu pai a vender queijo.

Eu fui o típico moleque da fazenda que ajuda os pais. Fiz faculdade justamente para assumir o marketing do queijo dos meus pais, só que chegou uma empresa grande com uma proposta para meus pais e eles não quiseram recusar. Os dígitos da proposta eram muitos, éramos conhecidos em Minas pelo queijo, todo mundo sabia quem eram os meus pais. Com a grana da multinacional a gente conseguia comprar nossa própria fazenda muitas vezes e meus pais não conseguiram até hoje terminar de gastar. Não saíram de Poços de Caldas, nem fizeram viagens grandes. Só reformaram a casa e investiram em

mim. Fiz minha primeira viagem para fora nessa época, fiz intercâmbio. Eu fui o típico moleque da fazenda que conheceu o mundo e ficou deslumbrado com ele.

Sim, eu sei tirar leite de vaca, pegar ovos de galinha. Alimentei muita galinha nessa vida. Por isso que minhas mãos não são como as dos paulistas, são mãos de pedreiro. Já andei de cavalo, tomei banho de rio, namorei na cachoeira, apanhei fruta do pé. E só fui conhecer o mar com meus vinte e cinco anos.

A Fê me conheceu e eu ainda falava mineirês. Eu sei que por texto ninguém desconfia de sotaque, mas vai por mim. Eu tinha mineirês encrustado nas veias e, se passo mais de dez dias na casa dos meus pais, já volto pra São Paulo arrastando sotaque. A Fê fica me remedando pela casa, fazendo graça. Ela é paulista da cabeça aos pés, mas eu só sou paulista por comodismo. Minha raiz é mineira, tradicionalíssima, do tipo que é criado para tocar a fazenda dos pais, que aprende como dobrar cavalo arisco, que acorda com as galinhas e vai dormir com elas. Do tipo que é criado com as primas para poder casar com uma delas, depois.

Acho, penso eu colocando a mala no carro, que eu preciso voltar a ter um pouco disso. Quem sabe, conversar com meu pai. Ter uma daquelas conversas bem longas de homem para homem. Ele também já enfrentou poucas e boas com a minha mãe. Houve um tempo na vida deles em que cogitaram o divórcio que era novo na época, pouca gente fazia, eu devia ter uns treze para catorze anos. Não sei exatamente o que fizeram para recuperar o casamento, mas sei que a crise foi extensa. Meu pai ficou meses fora de casa.

Ir para São Paulo foi decisão minha. De repente, depois da faculdade, eu não queria mais tocar fazenda. Meus pais venderam, como eu disse, a marca da família e a minha faculdade não servia a eles de forma alguma. Vim para São Paulo porque a maioria das boas agências estão aqui. Entrei no ônibus da rodoviária com o currículo na mão e a pequena mala de viagem, chorando uma namorada que não queria vir pra São Paulo comigo. Minha mãe não queria que eu viesse. Chorou na minha partida como se eu nunca mais fosse voltar. Disse-me que eu não precisava provar nada para ninguém, que eu podia ser feliz aqui, casando e tendo filhos no quintal dela.

Só que eu puxei meu pai. Não se tratava de dinheiro, meu pai não começou a produzir queijos no quintal de casa por que precisava de dinheiro; ele era caminhoneiro na época em que ser caminhoneiro pagava bem. Começou por que queria mais que dinheiro no fim do mês. Queria provar que também podia andar com as próprias pernas sem depender da finada transportadora do pai dele e eu saí da fazenda pelo mesmo motivo. Queria andar com as minhas próprias pernas sem depender da fábrica de queijos.

Quando eu apresentei a Fê para a minha família numa festa de Natal que

estendemos até o ano novo, muita gente não gostou dela. As primas, os primos, a minha mãe, principalmente. A Fê era aquele furacão todo. Saltos altos para andar na nossa casa de madeira, saias para andar a cavalo. Acordava cedo, mas o "cedo" paulista não é "cedo" para a gente da roça. Eu sou da roça. Posso parecer um marido moderno hoje em dia, mas fui criado para ser bruto como o sertanejo. Deixa meu pai saber que eu faço o jantar em casa e, mesmo aos trinta e seis anos, ainda levo cintada.

O Homem Sertanejo é sobretudo um Forte, já dizia o escritor. Contempla meu pai dos pés à cabeça; meu pai é um homem de força colossal, só que não contempla minha mãe. A Força do meu pai não brotou da terra, ele endureceu o casco pela minha Mãe. Minha mãe que é a força, no fim das contas. Ela quem suporta a tudo: às próprias dores e as do meu pai. Ela é o forte, para onde meu pai volta quando se cansa de sua batalha contra o mundo. Meu pai é forte? Não ousou dizer o contrário. Mas o é justamente por que ele tem onde aportar. Se minha mãe não fosse o porto, meu pai não teria um décimo da força que tem.

A Mulher Sertaneja é a Fortaleza. Muralhas e labirintos que nenhum homem é capaz de invadir. É a mulher sertaneja que o homem sertanejo edifica, que luta para conquistar, é por ela que o homem sertanejo sai de casa. Ela guarda dentro de si todos os segredos do mundo e o que sobra para você, a vista que tem o homem sertanejo, é somente a sensação de infinito, mundo que vai terminar em paraíso. Nunca vai conseguir alcançá-la. Você não pode imaginar todos os segredos que guarda uma mulher sertaneja. Pode se alegrar caso ela te autorize a sentir o vento bom que bate nas encostas de suas muralhas. Dos ventos maus, ela fará de tudo para te proteger.

E terão dias... Dias em que ela vai te conceder a graça dos bons ventos. E você vai sorrir ao ver esse infinito e todos os segredos refletidos nos olhos dela.

Mas eu, leitor, eu decidi casar com uma mulher moderna, uma amazona. Para essa, eu tenho que ser o porto. Tenho que aprender com a minha mãe a portar os segredos do mundo e ser fortaleza inabalável.

Mas voltemos à época em que a Fê era só a minha namorada da Capital. Minhas primas principalmente, mineiras legítimas, ensinadas desde crianças a cuidar da casa e da família, boleiras praticamente profissionais em mini-shorts e blusinhas minúsculas do piu-piu, ficaram mordidas. A Paulista fresca é quem fisgou o mais bonito dos primos.

Imagine a engenheira de vinte e três, malas de rodinhas, óculos de sol e roupa preta chegando na fazenda. É o arquétipo e a piada pronta, toda novela tem uma. Só meu pai adorou a Fê, por que a Fê não era só a Paulistinha, mas a única que sabia fazer contas e eles conversavam muito sobre negócios, números e o escambau. Em uma volta pelo galpão onde a gente fazia queijo, (em nome

dos negócios da família e por não aturar o ócio por mais de um ano, ele ergueu uma outra fábrica de queijos no lugar da primeira), Fernanda deu três ideias de contenção de desperdício. Depois desenhou, sem meu pai pedir, como "agradecimento pela acolhida" ao modo Fernandesco, um galpão melhor, com dutos de refrigeração e escoamentos decentes de água. Ficou presa no quarto por três dias usando nossa internet discada, mas quando saiu carregando duas folhas A4 coladas pela beirada e uma apostila com contas e processos de construção, ela agarrou meu pai pela parte que mais importava: sua galinha de ovos de queijo.

Agora que nos conhecemos por capítulos suficientes leitor, aguente minhas piadinhas ruins.

Minha mãe só ficou preocupada porque viu que era amor de verdade. O filhotinho coitadinho dela estava de quatro pela mulher da Capital. Minha mãe julgava a Fê pelo estereótipo que a tevê formava. Disse-me, tarde demais, que a Fê não seria uma boa mãe. Que a Fê seria carreirista e, se tinha alguma coisa nessa vida que minha mãe queria, esta coisa era neto. Se o único filhotinho dela não lhe desse um neto, eu poderia ter tanto dinheiro quanto um sheik árabe, que para ela eu ainda assim teria falhado na vida.

Hoje, porém, Dona Teresa ama a nora.

Toda a família toca a fábrica 2.0 do meu pai. A prima que eu perdi a virgindade e namorei por um bom tempo debaixo da cachoeira, inclusive. Arrumou um bom partido e tem três filhas com ele.

Das duas namoradas que tive na vida, as duas eram primas. Uma mais distante, que não aparecia sempre em casa e outra, vizinha nossa. Com a vizinha é que perdi a virgindade. A primeira foi coisa de criança, primeiro amor. A segunda é que me abandonou na estação de ônibus, quando a chamei para São Paulo.

Daí para frente, só alguns rolos. Uma francesa quando viajei pela Europa, uma brasileira que encontrei nos Estados Unidos, a tatuadora Carla quando eu já me mudei para São Paulo e a Fê. Que me agarrou pelas bolas e eu tentava, desesperadamente, passar cola na mão dela para que nunca mais soltasse.

Fechando a casa e dando a partida no meu carro, eu tinha certeza que a família inteira estava fazendo quase uma festa para quando chegássemos. Se eu bem conheço a minha mãe, ela está, há uma semana, fazendo geleias e doces em compotas para um feriado que eu sequer pretendo gastar lá.

— Alô, mãe?

— Oi, Filho! Já saíram daí?

— Já, acabamos de sair.

— Tá, então vem que a família tá toda aqui esperando vocês para janta.

Capítulo 13

Miley Cyrus

Eu odeio a família do Dio. Odeio por que me faz lembrar da minha. Como seria se meu pai estivesse vivo e mantido o piru dentro das calças. Duas viúvas são muito para a minha cabeça. Eu tenho irmãos espalhados por esta terra, irmãos que devem se parecer comigo pelo menos a metade, que carregam por aí algo que eles não têm culpa, que é o meu ódio. Deus me perdoe, mas eu não consigo não sentir raiva dos meus meios-irmãos, ainda mais depois que o inventário foi aberto. Eu me vi sem a minha mãe, sem meu pai e tendo que dividir a minha herança com pessoas que um ano atrás sequer existiam.

E a família do Rodrigo toda ali esperando, arrumando a mesa, a casa para a chegada dele. Todo mundo se chama de "primo" sem sequer saber se são ou não ligados por sangue. Todo mundo se reúne de fim de semana, faz churrasco. Se uma comadre faz bolo, vem gente do outro lado da cidade na hora do café da tarde. O cheiro de café pela casa, mas não o cheiro de café que estou acostumada de manhã, cheiro de café que é passado de tarde. Eu diria, cada vez que passam um café é uma sensação diferente. Tem aquele que organiza a manhã, aquele que acorda depois do almoço e aquele que acalma o espírito no fim do dia. Isso, quando Dona Teresa não mói grãos e passa por uma máquina de espresso com 30bar de pressão.

Esta é a definição de felicidade, aliás: a espuma grossa de café que sobra na borda da xícara.

— Você quer dirigir? – Ele perguntou. Já estávamos na estrada há, pelo menos, duas horas.

— Deus que me livre deste seu carro automático – Falei baixo, as crianças dormiam no banco de trás. Não aguentaram a tevê que o pai deles comprou por nem meia hora.

— Nem perguntei se você queria vir com seu carro. – Ele não gosta de viajar de noite e em silêncio. Uma música rolava de fundo, bem baixo, só de ambiente. Coltrane. Ele sabe que eu gosto e não coloca mais nada além. Eu tenho vontade de falar para ele colocar as músicas dele, mas morreria de tédio com Caetano e Chico.

Esse é meu marido. Todo culto, todo leitor. Nunca, jamais pergunte a ele sobre Nabokov. Nem sobre Borges. Você vai ouvir um monólogo de duas horas sobre "O Livros dos Seres Imaginários", falo por experiência. Ele vai se deliciar contando a batalha épica de Nabokov para lançar "Lolita". Nunca também, antes que eu me esqueça, pergunte a ele sobre seu poema favorito. É uma coisa

grotesca em forma de urna grega.

— A gente precisa achar uma música que você e eu gostemos. — Coloquei a mão sobre a perna dele e ele me sorriu, uma mão no volante e a outra na minha. O sorriso. O Sorriso é o charme do meu marido. Depois de todos esses anos de angústia, eu tinha esquecido de como ele sorria bonito. — Porque você odeia Coltrane e só sabe colocar isso para tocar.

— É, você gosta.

Mas eu gosto de Lady GaGa também! E Queen! E Kiss! E Van Halen. E Monobloco, adoro aquela batucada deles. Hoje descobri uma banda chamada "Dream Team do Passim". Gente, que nome mais gostoso!

Mas, para o Rodrigo, eu sou refinada o suficiente só para gostar de Coltrane. Música de gente rica. Música de subúrbio americano, mas que só toca em carrão. Coltrane é bom para deixar de fundo. Vou colocá-lo da próxima vez que a gente, opa. Quando *finalmente* a gente... Né? Porque esse homem vai me matar seca e eu mato ele seco antes, que eu não sou mulher de passar vontade do jeito que tenho passado. Se não aquele showzinho no dia do meu aniversário, Rodrigo tem andado mais casto que padre. Olha como quem vai me comer, diz um monte de besteira para mim, se despe na minha frente e finge que só está se trocando. Fica me atijando, o sem-graça.

Pior, que quando eu tento alguma coisa, ele ainda me olha como se eu fosse uma criança que precisa ser corrigida. Deu o doce depois de anos sem, e agora fica regulando.

Meti a mão no rádio, pluguei meu celular. Ele me olhou estranho. Não esperava que eu não estivesse a fim de ouvir jazz, hoje? Veio Lady GaGa e eu ri. Pena que as crianças estavam dormindo, senão eu dançaria no lugar.

— Você queria ter vindo com seu carro, né?

— Não Dio, tanto faz o carro que a gente usa.

— Tem certeza? A gente pode vir buscar as crianças com seu carro.

Toda a minha referência para explicar amor vem das músicas. Se eu não fosse especialista em Vigas e Estruturas, seria Engenheira Acústica com toda a certeza. Som move ânimos, bem tocada muda um dia ruim. Enviada para uma pessoa, conquista. Uma onda sonora de 7Hz derrete um cérebro. Não sei quantas músicas coloquei para o Dio ouvir quando éramos namorados, antes até. Ele é inteligente e tudo mais, mas detalhe não é seu forte. Eu deixava certas músicas rolarem de fundo enquanto a gente só se comia e elas diziam o que eu não conseguia. Ele era do tipo que dava livros, cartas de amor, flores. Eu deixava músicas. Ele nunca pegou nas entrelinhas, nem parou para ouvi-las como eu queria que ouvisse. É uma pena. Muita dor de cabeça teria sido evitada se ele tivesse me pego nos detalhes.

O Dio, um dia lá atrás na nossa vida, uma vez foi tão direto que eu quase não o reconheci. Ele me perguntou, com todas as letras, quase desespero, se eu o amava. De fato, poucas foram as vezes em que eu disse que o amava. Não por vergonha, mas por que meu pai vivia dizendo que amava a minha mãe e ele conseguiu acabar com a vida dela. Então, penso, talvez eu não devesse dizer a ele. Talvez falar não seja tudo. Vivo demonstrando que o amo e, naquela época, ele ficou louco com seis meses de namorico e nada de eu dizer.

O que ele não viu é que eu dizia todos os dias. Minhas músicas. Era o jeito que eu encontrava. Que eu estava apaixonada não era novidade. Eu me apaixonei por aquele homem ainda naquele café: Quando ele não aguentou beber o que eu bebia, quando ele entrou na minha casa, quando eu não precisei ensiná-lo como usar a boca.

Se fosse nos dias de hoje, eu teria mostrado a ele uma música que conheci há pouco. "Settle Down", da Kimbra. Explica exatamente como eu me sinto. Ainda mais depois que ele resolveu cuidar do nosso casamento. Tenho medo do que o restaurante vá fazer com ele. Pode torná-lo num pai mais presente e num marido sensacional, mas pode bitolá-lo. Rodrigo pode ser bem bitolado, quando quer. Bem quadrado.

Johnny Cash. Eu podia dizer ao Dio que prefiro Johnny Cash. E ele tocaria o Cash repetidamente até estourar o nosso iPodinho antigo, até eu aprender a desgostar do Johnny. *God Bless the beast in me*, Querido. Ou eu simplesmente poderia-

— Coloca você uma. Sem ser Coltrane, nem Caetano, nem Chico. – Despluguei meu celular do USB do rádio. – Uma que você goste.

— Você odeia as músicas que eu gosto.

— É, mas se a gente for até a fazenda ouvindo Lady GaGa, vou lobotomizar os pequenos.

— ‘Tá. – Ele puxou o próprio celular do bolso da calça – É só plugar e dar play, eu estava ouvindo ela hoje de manhã, achei que fosse combinar com você.

Era Lenine. Lenine tem seus altos e baixos. "O Studio Coca-Cola" com o D2 certamente não foi sua melhor performance. "Alzira e a Torre" não é hit à toa. "In Cite" de 2004 é bom, acho que virou DVD, mas prefiro o "Acústico MTV". "Todas elas juntas num só ser" virou a minha música favorita na hora que ele colocou. Um show de referências musicais que eu nunca conseguiria juntar. Ele sorria. Dei-lhe um beijo no rosto querendo beijar a boca. Dirigir quando se quer namorar é muito chato. Na estrada não tem farol e pelo menos uma coisa de bom um carro automático tem: você poder deixar a mão na perna do marido sem que ele fique te atrapalhando quando quer trocar de marcha. Dá para escorregar,

sorrateiramente, a mão para onde está quente. E pode fazer carinho ali, como quem- Opa! Nossa, nem vi seu pau aqui. Que coisa, né?

— Nina, — Ele sorria, olhos fixos na estrada. Era um homem muito atento com os filhos no carro. Disse uma vez que o maior medo da vida dele é bater o carro com as crianças e eu, dentro. Machuca a família inteira com uma bobeadasó, palavras dele. — você não vai querer fazer isso.

Era só de brincadeira, mas eu ri. Atravessamos o portão da fazenda já era mais de onze horas da noite. Se a família nos esperava para jantar, estavam todos muito famintos. Eu encarnei na pose de Paulistinha Gostosa e não mais "a mãe dos filhos do Digo". É assim, aliás, que chamam meu marido no círculo familiar: "Digo" parece apelido de moleque. Talvez seja, fato é que eu não gosto. "Dio" é muito mais bonito.

Passamos pelo galpão mais afastado do resto da fazenda, dois ou três quilômetros de distância da casa grande. Chegávamos perto da casa iluminada e com muitas Ranger paradas na frente, víamos um grupinho de crianças brincando na varanda. Eu sabia que eram filhos de alguém e todas me chamavam de "Tia", mas eu não lembro exatamente quem é filho de quem. Guto dormia, exausto demais para caminhar, e o Dio o pegou no colo. Lipe, que reconhecia os primos de coração do Natal, já se empolgava para começar a baderna. Ele adorava a casa da Vó por que na casa da Vó tinha duas coisas que na dele não tinha: Muito doce e muita terra.

A casa tinha um pé direito alto. Estilo Colonial, as janelas amplas, as portas amplas. E fundação elevada. Paredes brancas, ainda seja feita em tijolo de barro, mas reformada muitas vezes. Toda vez que eu venho aqui sou questionada sobre as rachaduras do lado de fora. Toda vez eu aviso que não tem perigo, que a rachadura não tem profundidade, mas Seu Alcides, meu sogro, teima comigo, teimosia essa que o Dio pegou emprestado do pai e nunca devolveu.

Uma criança correu para dentro para avisar que chegávamos e a família inteira correu para fora. Bem interiorana mesmo, sem essa de gente reservada, que espera do lado de dentro. A família do Dio vai quase toda recebê-lo do lado de fora. Dona Teresa, limpando as mãos no avental, arrumando os cabelos grisalhos para dentro do coque. As primas, uma mais bonita que a outra, com seus respectivos maridos e filhos. Os irmãos de Seu Alcides, um mais velhinho que o outro, arrastando-se na bengala e suas respectivas esposas. Alguns rostos que eu não conheço, outros de que me esqueço o nome.

— Ô menino! — Seu Alcides é o primeiro. Dá um abraço apertado no filho e eu só tenho tempo de sorrir antes de ser agarrada por Dona Teresa. Aquele cheiro bom que as senhorinhas têm. Cheira como a minha mãe cheirava. Aquilo me aperta o peito, porque dá uma saudade lascada da minha própria

velhinha.

— Mas essa mulher tá bonita por demais! — Dos braços de Dona Teresa, eu fui puxada para os braços de Seu Alcides. Sequer conseguimos trocar palavras cordiais antes que ele me agarrasse. Era o jeito dele de dizer que estava com saudades e ninguém nunca reclamou de ser puxado daquela maneira. — Nem os vinhos da adega do Zinho envelhecem tão bem assim! — Um beijo no meu rosto. Eu ri, ele era todo engraçado sem querer ser. — E olha que os vinhos dele, ó: - Beijava as pontas dos dedos unidos, em sinal de intensidade.

— Mas o senhor também está muito bem. — Ri. Era um senhor de não mais que sessenta anos, os cabelos grisalhos e a pele muito queimada. Trabalhou muito debaixo de sol durante a vida. Dona Teresa, por outro lado, branquinha e de olhos claros. Toda delicada, toda doce. Seu Alcides ainda usava botas de boiadeiro, jeans, e aqueles cintos imensos com cavalos cunhados. Só não usava chapéu porque dentro de casa não se usa. Camisa pólo por dentro da calça, as sobancelhas grossas como as do meu Dio, os olhos escuros e um sorriso muito bonito. Meu Dio puxava o sorriso do pai. A boca grande, o maxilar quadrado. Só o nariz do Dio que era da mãe. O pai do Dio tem nariz de batatinha.

Beijaram e paparicaram as crianças como se nunca as tivessem visto. A Vó já prometia doce para depois do jantar e eu nem me dei ao trabalho de limitar a quantidade, porque eu sabia que assim que eu virasse as costas e voltasse para São Paulo, eles os desvirtuariam.

A prima mais velha me mediu de cima a baixo e eu nem liguei. Olhe bem, querida, que eu sei que estou gostosa. É Maria Angélica, a ex. A mulher a quem devo muito nessa vida, ela quem ensinou meu marido a chupar direitinho, mas a mulher é um entojão tão grande, que nunca consegui agradecer. Ela só sabe me olhar com aquela cara de quem tem bosta no bigode. Toca com as pontinhas do dedo como se eu fosse um inseto muito nojento. Beije-a minimamente e passei para as demais primas.

O ruim dessa família é que eles não fizeram uma prima feia. Eu, da capital, pareço uma ratinha. É como comparar Miley Cyrus e Beyoncé. Difícil é que eu sou a Miley Cyrus. Ou pior, eu sou a Ariana Grande, elas são a Beyoncé. Gostasas, todas. E lindas. Quase quarenta com perna de moça de vinte. Cabelos bem cuidados, unhas, corpo. Maria Angélica é mãe de três filhas e ainda carrega aquele ar todo de mulher solteira. Eu embarquei na gravidez, ela não, e isso me dá um ódio silencioso e mortal dela, por que ela gosta de deixar isso bem claro toda vez que nos encontramos no Natal o quanto ela batalha aquele corpo na academia para "segurar marido". Eu rebato, entoando um ar feminista-paulista-independente que "se eu tiver que malhar para segurar marido, sinal que ele já foi faz tempo", mas na verdade, no fundo, eu tinha inveja do corpão dela.

Três filhas e uma barriga chapada? É muita sacanagem com a mulher comum.

Mas, meu trunfo: Nessas horas eu tenho vergonha de mim mesma por pensar que homem é prêmio. Eu é quem tenho Rodrigo. O marido dela pode ser um gato loiro de olhos azuis (não sei aonde foi que ela arrumou aquele deus grego, falando sério mesmo, por que o homem que ela arrumou não tem cara de brasileiro), mas o Rodrigo é meu. E eu sei que ela se arrepende de tê-lo abandonado na rodoviária.

Outra coisa que eu tenho que agradecer a ela, aliás. Se ela não o tivesse abandonado, eu nunca o teria conhecido. Eu imagino muita merda que o Dio pode fazer no nosso casamento, a única que não consigo imaginar é ele me traindo, disso eu sequer desconfio. Ele pode ser ausente, relapso, relaxado, o que for. Não infiel. Infidelidade, não. E não digo isso para, de alguma forma, me convencer de que ele não vai me trair, o Dio simplesmente foi criado direito. Homem de uma mulher só, e eu acho isso lindo. E devo agradecer aos pais dele também.

As outras primas, modelos internacionais, cozinheiras de mão-cheia, donas de casa e mães em tempo integral, são tão bonitas quando Maria Angélica, só que mais modestas, mais gentis e mais doces. Maria Angélica tem mania de grandeza. As outras não, gastam seus tempos sendo felizes.

Mas Maria Angélica não é um problema, que fique claro. Só é chata.

— Nossa, até parece que está querendo trocar de marido! — Viu como ela é chata? Me alfinetava enquanto eu cumprimentava a irmã dela, Maria Júlia. Senti seu polegar tocando meu vestido, sentindo o tecido. Tão mesquinha! Ô Mulher desagradável!

Fui cumprimentando a fila voluntária, beijando uns mais e outros menos, mas beijando. Um dos maridos se ofereceu para tirar as malas do carro com o Dio e eu entrei com as crianças, o Guto semi-desperto no colo e o Lipe correndo com os primos.

Aquela família não era simples, nem humilde. Têm todos humildade nas ações e nas palavras, pois suas raízes o são, mas a casa por dentro, nem de longe. Tudo muito bonito, muito bem pensado. A sala imensa bem depois do hall de entrada, com sofás demais, retratos nas paredes do Dio pequeno, chapéu de caubói e botinas como as do pai. Cinto do tamanho do palmo dele e um sorriso de garoto confiante, que virou um homem confiante e que vai ensinar meus filhos a sorrir daquele jeito porque o mundo precisa de mais sorrisos como aquele.

As primas todas pequenas, os primos todos pequenos, fotos e mais fotos. A maior TV que existe no mercado pendurada na parede, exibindo a novela. Todo mundo noveleiro naquela casa e eu odiava a hora da novela porque todos

conversavam comigo como se eu estivesse a par de toda a trama.

E a sala de jantar... Não tem como imaginar uma sala de jantar como aquela! Um banquete, sem brincadeira. A mesa das crianças ao lado da mesa dos adultos, os pratos todos postos, as travessas cobertas. Aos poucos Dona Teresa as descobria. Se você já teve a oportunidade de conhecer a fartança mineira, já sabe que ali tinha comida para o dobro de convidados. Vinte pessoas, a mesa comportava. E sobraria comida. E o cheiro? O cheiro daqueles temperos... tão comida caseira que dá vontade de vender como "comida caseira" por que era exatamente daquele jeito que a comida caseira tinha que cheirar quando nos vendem "comida caseira". Uma coisa que eu não sei explicar, mas que cheira bem demais.

Seu Alcides sentou-se numa das pontas, Dona Teresa ao lado esquerdo e o Dio do lado direito. Eu do lado direito do Dio, o Guto no meu colo. Maria Angélica na minha frente (é, ela mesma) e o marido André do lado dela. A mesa comportava vinte parentes adultos, três dos quatro irmãos do Alcides e suas respectivas esposas, mais dez primos, cinco casais. Todos que começaram a comer, mas que queriam saber como andava a vida do Dio.

É esse o Dio. O tipo que chega na casa dos pais, todo mundo se junta para vê-lo e ainda querem saber como andam as coisas. Ele é o parente-celebridade, todo mundo fica louco quando o Dio chega. Se fosse Natal o número de parentes triplicaria, o Dio saberia o nome de todos e teria ao menos uma história engraçada para contar com cada um.

— Fernanda entrou no mestrado na USP. — Ele disse, chamando o Guto para o colo dele enquanto eu mastigava. Foi a primeira das novidades. Ninguém entendia a importância de um mestrado ali na mesa, a maioria das mulheres daquela família não foi para a faculdade, nem os homens. Seu Alcides que insistiu muito para que o filho tivesse diploma.

— Filha, pra que estudar mais? — Dona Teresa me perguntava.

Bom, eu poderia responder isso para a senhora de dois jeitos: Primeiro, é que eu entrei no mestrado para poder voltar ao trabalho, já que o Guto e o Lipe estão maiorzinhos e eu odeio depender de marido. A segunda forma de dizer isso é que eu queria "estudar mais" por que eu queria abandonar seu filho e precisava de dinheiro para manter uma casa com os mesmos confortos que ele mantinha.

Então eu entrava no mestrado, sumariamente, para abandonar seu menino querido. Tenho certeza que a senhora não quer que eu lhe responda dessa forma, né? Então...

— Por que eu quis. — Me limitei. — Os meninos estão maiores e eu posso me dar ao luxo de estudar mais.

— E a casa?

A casa que se exploda, Dona Teresa!

— A casa a gente vai dando um jeito, né Dio? – NÉ, DIO? Me salva da sua mãe, que eu não sei lidar.

— Você não precisa se preocupar com a casa, Fê. – Me beijou o topo da cabeça, pegando o copo que o Guto oferecia – A casa não é só obrigação sua.

— Você está ajudando a Fernanda com as coisas de casa, Filho?

SE ELE NÃO FIZESSE, FINALMENTE, A PARTE DELE, IA VER SÓ UMA COISA.

— É, a gente vai levando, né? – Sorriu – O que importa é o que ela quer. – Sabia contornar a mãe, aquele safado de uma figa. Dizia as coisas em meias palavras para amenizar a minha ira e a futura ira da mãe dele.

— Eu acho bom que ela estude – Seu Alcides, me dá aqui um abraço – Ela é a única da mesa que sabe fazer conta, seria uma pena se ela abandonasse esse dom.

Quero ver se o senhor continua chamando isso de "dom" depois que eu te contar que o número de Euler é escrito como "e". Um número que se escreve com uma letra. Você poderia imaginar isso, no ensino médio? Pegando o gancho silencioso que o pai deixava, Rodrigo contou o resto das novidades. Que tinha acabado de largar a agência, que abria um restaurante espanhol e que eu estava esperando mais um filho.

Brincadeira, só quis chocar o leitor.

Dio sorrindo e contando os causos da gente, brilhava. Eu tenho uma teoria de que se as pessoas realmente têm dons, quando elas o usam, elas brilham. A satisfação em fazer algo em que se é bom deixa as pessoas à flor de si mesmas. Estou quase falando como o Dio, mas é verdade. Elas despontam da multidão e se sobressaem, pode ser ensinando uma criança ou contando causos para a família. Rodrigo conversava, ria e se sentia tão à vontade em meio àquelas pessoas, que tudo ao redor era reduzido a desfoque. Ele era o centro da mesa, mesmo estando na ponta. Todo mundo comia e cochichava baixo para saber quais eram as novidades do Dio, quais as próximas piadas que ele tinha para contar, qual a última empresa que ele fez comercial, qual a nova invenção do Lipe e do Guto. Tudo, qualquer coisa que ele dissesse era importante, magnífico e sensacional.

Você não consegue vê-lo conversar sem sorrir. E eu, observando seu brilho, fiquei na minha ajudando o Guto a comer quando o Dio esquecia que tinha de tomar conta do menino. Aquela era a essência do meu marido. A conversa e o sorriso. Se ele não te convencer, ninguém convence.

Tanto é que eu não pedi o divórcio, não?

Rodrigo fez questão de lavar a louça para a mãe enquanto as primas

tiravam a mesa. Dona Teresa estranhou tanto aquilo, de ver o filho com a mão na louça, que não se sentiu contente até me colocar em ação. Eu conversava com Seu Alcides e Carlos Augusto, tio do Dio, sobre a fábrica de queijo, quando praticamente voou um pano no meu colo. Essa é a mãe dele. Quando cheguei na cozinha, no cômodo seguinte, Maria Angélica ria alto e colocava a mão no meu Dio. Botava as patinhas no ombro do Dio e escorregava pelos braços. Espiei para fora da cozinha e o marido dela tomava café com o cunhado, conversando frivolidades. Ela ria e colava o quadril no Dio enquanto raspava a comida, um prato por vez, para o lixo.

Tudo bem, vou dar uma de legal, pensei.

— Comida pra caramba, né? – Sorri.

— Pois é, acho que me arrependi de me oferecer a lavar as vasilhas. - Ele riu. Basta ficar uns minutinhos conversando com a mineirada, que para de falar “lavar a louça” e troca por “vasilha”. Sorria, calmo e tranquilo me dando atenção, sem ver maldade na prima dele. Eu via por que sou filha da puta, não devia ter maldades, mesmo. Ele e a prima se comeram? Sim, lá atrás quando o Dio era o menino da porteira. A Beyoncé das Minas Gerais está muito bem casada, não ia querer roubar de mim o que um dia já foi dela. *Ou ia?*

— Deixa aí que eu lavo – Bem na minha frente, ela meteu a mão para cima do Rodrigo como se quisesse roubar a posição dele, só que esquecendo a física básica de que dois corpos não ocupam o mesmo lugar. Ficou tão perto dele que os peitos dela roçavam no braço dele. O quadril dela, no quadril dele. *Estou oficialmente com ciúmes.* E ele ria, achava que aquilo era brincadeira dela. Eles riram. E eu com a cara de tacho, pagando de boba, segurando tanto o pano de prato quanto as velas.

— Quando vocês terminarem aí eu enxugo.

Saí. Melhor coisa a se fazer nessas horas é não dar corda. Não deixar os ciúmes se alastrar. Eu diria que não sou ciumenta, não ligo se o Rodrigo chega tarde ou se fala que vai a algum lugar. Não ligo de ter gente ligando lá em casa, homem ou mulher, o procurando. Não ligo, de verdade. Parte por que sei que eu só convivi com homens o dia inteiro, chegava em casa cheirando a cerveja e falando de futebol. Vida de engenheira era assim, do pouco que me lembro, então eu não fazia com ele justamente para que ele não fizesse comigo.

Só que me sinto MUITO intimidada pela Beyoncé. Aquela mulher, sem brincadeira, tem o homem que quiser. É só estalar os dedos. Engatei de novo na conversa com Seu Alcides, eles falavam sobre a arroba do boi gordo e eu não sabia nada sobre isso, mas preferi aprender sobre o valor de mercado de um maldito de um boi a esquentar minha cabeça com babaquice.

Guto pediu colo e eu sabia que era a hora de dormir. O Lipe ainda

brincava, a bocejos, com os primos que ele via uma ou duas vezes por ano. Para ele o feriado seria maravilhoso. Correr, pegar fruta do pé, andar a cavalo se o vô for bonzinho, nadar no riacho, na piscina e outras mais brincadeiras, tudo com muitos coleguinhas.

É, pensei eu ouvindo sobre métodos de fecundação de vacas, *o Dio teve uma boa ideia, trazendo as crianças para os avós.*

— Você podia dormir sem roupas e de salto, hoje – Sugeria, saindo do banheiro de seu antigo quarto. Naquele quarto pequeno, agora com cama de casal, foi onde meu marido passou a infância e adolescência. Vestígios de cola nas paredes, de pôsteres antigos. Uma parede azul e as outras brancas. Uma escrivaninha com um Pentium1233 que servia de relíquia. A cama com uma colcha tão azul quanto a parede e o tapete verde. Cores pré-adolescentes. A bat-caverna de um Dio menino.

— Prefiro dormir sem salto. – Tentei ser legal. Eu queria mesmo era tacar a tamanca na orelha dele, mas fui inteligente. Observar o terreno antes de preparar o ataque.

— Amanhã de manhã estão marcando um futebol no campinho. Até meu pai animou de jogar.

— Mas você não sabe jogar futebol – Não sabe mesmo, coitado. Eu posso até não entender de futebol quanto alguns colegas do mestrado entendem, mas o Dio, coitado, era melhor como narrador do jogo do que como jogador.

— Ah, mas vai ser divertido. Torce por mim?

Que coisa mais sem graça. Ir assistir seu homem que malemá sabe jogar e ainda torcer por ele. Não sei se é assim que eu quero gastar minha manhã de sábado.

— Acho que prefiro ficar aqui vendo as crianças. Seu pai prometeu a elas que amanhã vai ter piscina, então eu prefiro ficar na casa grande e tomar conta delas.

— Vai ser uma pena eu exibir todo esse meu futebol sem ter uma espectadora. – Ele ficava todo piadista quando estava feliz. Acendia um sorriso tão grande quando vinha visitar os pais que eu cometeria um pecado se bancasse a rabugenta. Sorri. E deitei-me.

Ele se aproximou com aquela conchinha maravilhosa. Me abraçou e de repente estava tudo bem. O dorso quente e nu encostado em mim (e que gato que estava, Minha Nossa Senhora das Esposas que não Gozam, que gato que ele está, com a entradinha da barriga em V), as mãos me segurando bem firme, como se eu fosse fugir. Cheirou meus cabelos como se quisesse comê-los, esfregando a bochecha em mim no processo. Aquele era o indicativo de que o dia inteiro valeu a pena. A gente só tem dormido assim, pertinho, desde o meu aniversário.

Confesso que gosto muito. Poderia ter ocorrido um terremoto, Japão todo em alerta: e eu estaria deitadinha, quentinha e protegida pelo meu homem.

— Você não tem que se sentir intimidada pela Geca – Ele disse, como se lesse meus pensamentos. – Você fica muito bonitinha com ciúmes, mas não tem necessidade.

— Não estou com ciúmes.

Imagina que não.

Eu me preparava para descer para o café, um maiô por baixo de um vestido bem leve e chinelas. Ele colocava a bermuda e as chuteiras emprestadas de um dos cunhados.

— Maiô por quê? – Ele disse. – Não trouxe biquíni?

Trazer eu trouxe, mas não tenho coragem de colocar diante das beldades que provavelmente entrariam na piscina. Elas comparariam meu corpo ao delas e eu não estou no humor disso. Maiô previne muita dor de cabeça. Certo que mostra meus furinhos da bunda, mas o que eu posso fazer, senhor? Não dá para ficar gostosa da noite para o dia.

— Não, pelamor – Protestou, enfiando as mãos na pequena bolsa que eu trouxe – Vai colocar um biquíni e torrar na beira da piscina.

— Dio, eu não quero.

— Por quê? Quem prefere colocar um maiô? Fernanda, isso não existe. Troca essa coisa e coloca um biquíni. A menor peça que você tiver. Quero chegar aqui e te ver com marca de biquíni, você compreende? A não ser... Fê, você está com vergonha?

Morrendo. Ele soltou o ar em forma de sorriso, num "Fernanda, larga de ser boba". Puxou a minha mão para a bermuda dele e envolveu o pau com a minha mão. A ereção já estava ali, não foi culpa minha.

— Não esquece disso, tá? – Beijou-me a testa com carinho, do jeito que usava para beijar o Guto. – Não tem que ter vergonha, você tá mais gostosa agora. Ainda não está tão safada quanto eu gostaria, mas está gostosa, então tira esse maiô de senhora e mete um biquíni que é para eu ter motivo para largar o primeiro tempo do jogo e correr para cá.

Tive que trocar, né. Ele se sentou na cama para me ver trocar, todo alegre. Eu ainda me sentia mal, mas o vestido por cima dava uma disfarçada. Eu oscilo entre 42 e 44 de manequim, o que não é um problema, só que nunca mais eu consegui caber no 36 que eu usava antes da gravidez, é isso o que me chateia. Eu não consigo gostar do meu corpo como eu gostava antes. Fico bem de

vestido, mas não chego a um décimo do que eu era antes. Olho-me no espelho e não vejo tudo isso que o Dio diz que vê. Eu só me vejo... com mais bunda, mais quadril e uma barriga ingrata que acumulei depois do Guto. Uma quantidade-ofensa de gordura que acaba com o meu perfil. Não dá para dizer que é uma barrigona, mas chapada é o que não é. E tenho gordurinhas que sobram para fora do laço do biquíni, no quadril. Que gordura mais idiota!

Tomamos café da manhã (praticamente só comemos pão de queijo) e meu marido saiu, como se tivesse quinze anos, para o campinho ainda na propriedade da fazenda, mas depois da fábrica. Uma caminhada e tanto, mas os "atletas" se organizaram em carros. Lipe e Guto que dormiram no "quarto das crianças" que mais parecia um alojamento cheio de beliches e alguns baús e já saíram do quarto só de sunga e camiseta. Comeram as frutas, os pães e todas as guloseimas da vó perguntando onde é que estavam os priminhos que chegavam aos poucos, com as mãos de roupa de praia e o pai com roupa de esportista profissional.

Descobri ali que os homens daquela família levam "futebol" muito à sério. Bola oficial, meiões de seus respectivos times, chuteiras de marca famosa. O Dio, coitado, que não tinha nada daquilo, usou tudo emprestado. Mas ainda assim era cogitado no time.

Eu já desci do quarto de um Dio pré-adolescente com meu computador debaixo do braço que é para não ter que ouvir ladainha. Todas as primas do Dio fofocavam sentadas na sala, esperando que todo mundo fosse para fora. Eu só saí da cozinha quando o Dio partiu e o Lipe não aguentava mais de ansiedade. Os primos deles ficavam lá fora segurando as boias esperando meus meninos terminarem de comer e, quando a avó falou "podem ir", eu só abri passagem para dois foguetinhos atômicos. A única regra é que esperassem uma hora antes de entrar na piscina.

Sabendo a merda que aquela manhã seria, fui para a beira da piscina, nos fundos da casa. Estava de noite quando descrevi a casa, mas na frente, não se tem mais que um jardim e um caminho de pedras. Atrás da casa é que está a piscina grande com uma parte mais funda, uma parte mais rasa e cadeiras ao redor. Quando Seu Alcides decidiu onde seria a piscina, há mais tempo que conheço meu Dio, ele escolheu exatamente onde o Sol ficava por mais tempo. Era engenhoso, aquele homem. Talvez admire minhas "contas", é assim que ele chama, por que ele mesmo um dia deve ter tido vontade de fazê-las. Não duvido que em outra situação, com mais dinheiro na juventude, Seu Alcides também fosse engenheiro.

Eu estava sentada à beira da piscina quando o Lipe se jogou na água. Puxei da bolsa o meu computador e tentei conectar na WI-FI. Demorou, mas foi.

Meu trabalho como mãe naquele dia seria simples. Só não deixar os meninos morrerem. Nadar eles sabiam, então minha tarefa era não deixar que eles matassem alguém.

O Clube das Top Models chegou logo. As três irmãs Marias (Maria Angélica, Maria Júlia e Maria Aline), Berenice e Daniela. Berenice tem quatro filhos e é minúscula, baixinha em tudo, quase quarenta anos. É a mais bonita na minha opinião, os cabelos enroladinhos, toda pequena e delicada, e um sorriso que acende logo o quarteirão todo.

Elas se sentaram próximas, conversando sobre cabelo e como o Sol era ruim para eles. Se entupiam de protetor e eu caí em mim que esqueci de trazer. Elas gentilmente me ofereceram e eu larguei o computador. Sentei-me mais perto delas e pensei que talvez eu tenha sido rude por pensar que a conversa delas seria só de ladainhas.

Aí está meu problema: Eu penso que qualquer coisa que Maria Angélica for falar será bosta. E fico pré-julgando a moça por coisas que ela sequer tem culpa. Me redimi comigo mesma, rindo de uma piadinha boba que Maria Aline contava. Observamos toda aquela criançada rindo e jogando água umas nas outras. Muito depois, o assunto morreu e eu voltei para o computador.

Abri meus e-mails, conferi se a Clau tinha mandado uma parte da lista que eu não conseguia fazer. Estou apanhando com integral, não sei como passei na prova de mestrado, porque integral a gente aprende em cálculo 1.

Não, nenhuma lista, nenhum e-mail da Clau. Um e-mail do Rodrigo. Estranhei. Nenhum assunto, tudo em branco. Abri e tinha um vídeo anexado. Cliquei em "download" sabendo que aquilo demoraria uma eternidade. Deixei baixando e fui ser legal. Entrei na conversa e fiquei ali, papeando e brigando com o Lipe que enfiava a cabeça de todo mundo debaixo da água.

— Bianca, você não vai querer ficar gorda, vai? LARGA ESSE BOLO JÁ! – Bianca, a filha mais velha (advinha de quem? Vou dar uma dica para não parecer que estou de birra: Maria An...) carregava um pedaço de bolo da vó da porta da cozinha para a piscina. A menina era alta para a idade dela, cabelos castanhos e tão magrela que as canelas da menina, se alguém lhe passasse a perna, partiriam. Achei ofensivo uma mãe gritando isso para uma menina de dez anos. E se essa menina fica anoréxica, bulímica, sei lá o quê? Cresce complexada por culpa da mãe. Fiquei na minha, segurei nos dentes os pensamentos que eu queria dizer a ela. Eu não gostaria que dessem palpite na criação dos meus meninos.

— Deixa a menina comer, Geca. – Maria Aline dizia o que eu queria dizer – É só um bolo e essa menina precisa dar uma engordada.

— Que engordar o quê. Depois fica aí que nem *umas e outras*, usando

biquíni quando devia estar de burca. Não quero minha menina achando que está ok ser gorda, por que não está.

OUXE. Aquilo me pegou pelo útero e remexia ele de uma forma que me dava vontade de montar naquela Beyoncé da Roça e dar na cara dela, mas dar tanto que eu seria processada por maus tratos aos animais. Aquilo foi o que eu achei que foi? O "*umas e outras*" era eu?

Cocei a cabeça e voltei para o computador, me afastando do grupo um pouquinho. Pelo menos o vídeo baixou. Um dorso e um pau pularam na tela e eu fiquei muito envergonhada, eu não estava esperando por isso. E se alguém visse?? Corri para o banheiro com o computador na mão e me sentei na privada. O cenário do vídeo era o banheiro do quarto daqui, não o de casa. Ele só poderia ter feito aquilo enquanto eu dormia.

O vestido que eu usei ontem, colocado sobre a pélvis e ele manobrando aquele monumento que eu estava proibida de sentar em cima. Para cima e para baixo. A Câmera do celular eu não sei aonde estava posicionada, só sei que eu conseguia ver o dorso, o pau e o começo das coxas. A barriga se contraía, a linha sexy que depois da academia se formava do peito até o umbigo, dividindo meu Dio pela metade. Linha que se desfazia e se refazia enquanto ele respirava ofegante. A mão que começou calma e acelerava. Gradativo, sem pressa nenhuma. E depois numa pressa e numa angústia louca: Para cima e para baixo. A cabeça inchada e me deixando com um tesão lascado.

Se for para casar nessa vida, que seja com um homem criativo. Que saiba conduzir uma sedução e que não queira adiantar os processos, enfiando o pau pra dentro da gente como se a gente só gozasse com isso. Se for para casar, que seja com um homem sem pressa. Com fome, mas sem pressa, quase masoquista, mais sofredor que Corinthiano em fim de campeonato. Se for para casar... que seja com o Dio. Tudo de novo e de novo e de novo.

Se bem que ele lidando com a Torre de Pizza (é tão tortinho quanto a Torre de Pizza original) daquele jeito somado ao fato de ele não ter nenhuma pressa para me comer estavam acabando comigo. Aquele vídeo era o típico ato de criança mimada que diz: "Olha o que eu tenho aqui e não te dou, olha!".

Pior, desde o meu aniversário é que eu estou doida para sentar. Conseguiu o que queria, Dio, já pode parar. Desde o golpe baixo do segundo primeiro encontro eu ando assim, meio louca.

Voou porra para o umbigo, sujando meu vestido estrategicamente colocado ali e ele subiu a câmera do pau para o rosto. Ofegante, bonito. O rosto levemente inchado, corado. Sorria. Era um filho da puta.

Gravei um vídeo-resposta com a webcam do computador que não durou dois minutos para ficar pronto.

Capítulo 14

Watch Me

Meu pai e eu esquentávamos o banco. Três dos meus quatro primos (legítimos desta vez), que não conseguiram ir no jantar de ontem, agora jogavam no campinho com a gente. Nenhuma das esposas quis saber de assistir, todas elas ficaram na piscina com as crias. A Fê inclusive.

Para ela eu tinha uma surpresa e tentava pegar pelo menos um pauzinho de sinal que é para ver se ela respondia meu e-mail. Meu pai se contentava em reclamar que o Murilo, o mais novo dos primos, era o mais perna de pau de todos. Eu ria e entre uma risada e outra, tentava conectar na 3G.

— Devia ter trazido o Lipinho. — Meu pai não se conformava com Murilo. — ATÉ MEU NETO JOGA MELHOR QUE VOCÊ! — Gritava para o campo. Nós dois estávamos sentados na lateral do campo de terra batida, eu ria. Fazia mesmo muito tempo que a gente não ficava junto, mesmo que fosse para um jogo de futebol entre família.

— O Lipe ia odiar esse jogo. — Água é muito mais a praia do meu garoto. Meu pai, sentado em cima do cooler de plástico, jogava mais uma garrafinha de água fora. Xingando, sempre xingando. Ele também não jogava nada, mas era um bom juiz. Quem jogava de verdade eram os maridos das Marias, o Davi da Berenice e o Caíque do tio Carlos. Aqueles lá batiam um bolão. O resto de nós só sabia xingar. Eu incluso.

— Restaurante espanhol — O Pai mudava de assunto. Queria conversar a sério comigo, eu sabia. Ele viu que eu esquentaria banco e se juntou a mim, nem fez questão de entrar no campo — Não imaginei que filho meu fosse abrir um restaurante, algum dia.

— Aquela Agência estava acabando com meu casamento. — Confessei. — Talvez com o restaurante eu consiga dar alguma atenção para a Fê.

— Menino, eu te conheço, — Levantou-se, puxou outra garrafa de água e terminava de dizer quanto a abria — você é avoadado. A Fê te deu um puxão de orelha, não deu?

Pior que isso, muito pior. Um puxão de orelhas que durou sete dias e dói até hoje.

— Ela saiu de casa. Foi embora e me deixou com as crias.

— Bem a cara dela.

— Depois voltou, mas voltou pelos meninos.

— Sim, ela é mãe. Sua mãe fez uma coisa parecida comigo. Ameaçou me largar primeiro, depois se foi.

— Eu não sabia disso.

— Você não tinha seis meses. — Tomou um grande gole de água, o sol rachando mamona na nossa nuca e ele procurou pelo próprio chapéu em vão. — Não conseguiu ficar longe porque os tempos eram outros. A sua finada avó não admitiu que sua mãe não quisesse mais estar casada comigo. O pai dela a trouxe de volta para mim e eu preferia que ele não tivesse trazido. — Era a conversa de homem para homem que eu estava esperando. Poder confessar. Era isso o que precisava. E eu poderia fazê-lo com meu pai.

Imaginar cenas de sexo, bolar roteiro, levá-la para jantar, essa era a parte fácil. Tesão pela minha esposa eu vou ter sempre, mas não é só isso que está errado com a gente. Colocar o sexo em dia era só uma das coisas da lista. A outra era ela sentir que poderia contar comigo e eu sabia que ela não sentia isso. Eu queria outro formato de casamento, um formato que eu ainda não sei qual é, mas vou saber quando o atingir. Não quero uma esposa dependente, quero uma companheira, parceira mesmo, para ela não ter que pensar se dá para eu ficar com as crianças no sábado para ela fazer um trabalho na casa de não sei quem. Quero que ela me ligue na mesma hora, que ela marque compromissos e saiba que a família, a casa e nosso futuro não é só problema dela, é meu também. Eu quero ser o tipo de marido que nunca vi nenhum amigo sendo.

Eu quero inventar tantas desculpas quanto possível para ela não ter que olhar para o lado. Para ela estar tão entretida com a nossa vida, que não cogite outra. Dizer que eu a quero feliz é ser vazio. Quero que ela seja feliz, mas ninguém nunca vai saber que está sendo feliz até o exato momento em que não o é mais. Eu quero que ela nunca saiba que está sendo feliz porque eu não quero dar momentos tristes para que possa comparar. Quero que ela seja feliz mesmo sem saber que é. Quero-a, mais que tudo, depois desse "puxão de orelha", nem sei se dá para chamar assim, completa.

Eu não sei quais são os sonhos da minha esposa. No como ela se vê daqui dez anos, vinte anos. Quer falta mais grave que deixá-la cinco anos sem gozar? Não saber os sonhos da sua própria esposa. As esperanças.

A gente pode marcar uma viagem para a Disney. A gente pode comemorar o Natal lá, esperar o Guto crescer e levá-lo para as montanhas-russas mais altas do mundo. Com certeza as crianças adorariam isso, só que eu não sei o que a faria mais feliz nesse mundo. Que lugar do mundo ela está louca para conhecer, quais seus planos para depois do mestrado.

Ou mesmo, o que ela acha de eu ter feito sociedade com Antônio. Eu sei que ela aceita, mas não sei o que ela pensa, qual opinião dela sobre isso. Eu não sei nada do que se passa na cabeça dela, que ela não me diz e eu não posso adivinhar, só posso perguntar. E nem isso tenho feito.

Um casamento onde alguém não se sente à vontade para compartilhar pensamentos, creio, é um problema sério. Se ela não pode falar comigo, que sou o marido dela, com quem ela fala? Os pais estão mortos. As amizades (que ao menos um dia foram verdadeiras) agora são só boas lembranças. Ambas amigas que foram para Europa detestaram ver a Fê com filho. Antônio, nas vésperas do aniversário dela, me lembrou disso. A Fê não tem amizades. Sequer eu tinha reparado. *Falta grave*. A Fê nunca foi de muitos amigos, de grandes bandos como eu era. O banquete da minha família, numa sexta-feira qualquer, foi maior do que todos os aniversários da Fê. E isso é triste.

— O seu tempo é muito melhor que o meu, para casório. – Disse o meu pai, observando o gol justamente do Murilo perna-de-pau. – Eu não acredito que esse cara fez gol. Olha a zaga desse time, Minha Nossa Senhora. – No tempo de vocês a mulher é mais feliz.

É?

— Olha a sua mãe, filho. Eu estou aqui jogando bola e ela está preparando o almoço para o batalhão de gente que vai chegar morrendo de fome e encardido.

— Mas ela gosta disso.

— Claro que gosta. – De fato, minha mãe adora cozinhar para a família. Ela expulsa a gente da arena dela, quando está trabalhando. – É onde ela se sente útil. O sonho da sua mãe era ter feito faculdade como você fez. Eu poderia ter vendido mais queijo e a gente poderia ter pago.

— E por que ela não fez?

— Eu não deixei – Disse. Aquele era um grande arrependimento dele – Eu só fiz até a quarta série. Se ela tivesse diploma, fiquei com medo de ela me abandonar por eu ser um bicho do mato. Por isso eu acho bonito a Fernanda no mestrato.

— Mestrado* – Corrigi impulsivo e me arrependi.

— É, isso. Eu vejo na Fernanda tudo o que sua mãe poderia ter sido. Queria ser professora quando nos casamos, a sua mãe. Português. Ela adora escrever, quando a gente se casou, ela trouxe cadernos e cadernos de escritos. Nunca me deixou ler e ainda os mantém, só não sei onde.

"Em outros tempos" é a desculpa principal do meu pai. O fato de ele ter crescido financeiramente vendendo queijo, vendido a marca para uma multinacional, abriu para ele uma série de possibilidades que ele nunca imaginou. Uma outra vida, um outro século diferente do que ele estava acostumado, mas mesmo assim, podendo aproveitar, nunca viajou de avião na vida, com sessenta anos nas costas.

Por medo. A gente faz merda na vida por puro medo. A gente, sem saber

a melhor saída, sob pressão e tendo que agir rápido, a gente faz merda. Proíbe a esposa de ir para a faculdade. Faz chacota com o mestrado dela, se atola no trabalho. Tudo por medo.

— Ainda dá tempo de a mãe entrar na faculdade – Argumentei.

— Ela não quer mais.

— Vocês deviam ir para algum lugar, turistar nem que seja só por São Paulo. Por que vocês não vêm para a minha casa no feriado do dia do trabalho?

— Não dá, filho. Dia 2 tem consulta da sua mãe.

— Por quê? Ela tá doente?

— Achou um caroço no peito direito e Doutor Jorge encaminhou a sua mãe para outro médico.

— E ninguém ia me contar nada?

— Ela não achou direito te incomodar com um exame. Ela sabe que você é ocupado lá em São Paulo e não quis te atrapalhar.

É assim que a vida dá um tapa na cara da gente. Um caroço não quer dizer doença, eu sei, só que ninguém me contou disso. Eu venho aqui, deposito meus meninos, volto para foder minha esposa em São Paulo e não fico sabendo de nada. Nem como anda a fábrica, nem como anda a vida dos meus pais, se eles estão precisando de alguma coisa, se eles estão precisando de alguém, nada. Eu sou só um hóspede. Fui um hóspede em casa, agora descubro que sou um hóspede também na vida dos meus pais.

— Que horas, dia 2?

— Somos a primeira consulta, dez horas.

Engraçado como as pessoas se ajeitam. Elas te amam, mas elas se viram sem você. Todas elas dão um jeito, doendo ou não. Elas continuam vivendo, tocam suas vidas da melhor maneira que conseguem, mesmo se você faça falta. Ninguém para de viver porque você não está presente. Ausente da vida das pessoas, quem morre sou eu. Um pouquinho em cada lugar em que não estou.

Eu estava cansada da Angélica. Entrei na água devia ser não mais que onze horas. O cheiro da comida da Dona Teresa convidava, cheiro de coisa boa. O Guto e o Lipe brincavam com os outros garotos e eu perguntei a eles se eu poderia me juntar. Bola e piscina, mesmo aos quase quarenta, eu não resisto. O Sol esturricava o meu couro, mas eu fiquei com preguiça de passar mais protetor. Acho que foram as crianças que salvaram o meu dia senão teria sido só uma seção de Angélica tecendo mini-comentários humilhantes. Coisas de uma cabeça pequena que, mesmo que não fossem diretamente a mim, me ofendiam.

Ofendiam meu corpo, minhas banhas, meu cérebro e meu respeito.

Aos comentários masculinos, por mais humilhantes que fossem, eu sabia lidar. A gente aprende a se blindar dessas coisas, só que aos comentários femininos... Eu não sei lidar com mulher mesmo eu sendo uma. Se no clube do Bolinha eu nunca quis entrar, no clube da Lulu eu me esforcei a vida toda. Meu sonho de infância era ter uma irmã (de mesma mãe e pai, por favor), mas não tive. Eu teria sido uma adolescente mais feliz. Eu saberia reagir às balas perdidas da Angélica, que pelo menos na intenção, não eram perdidas coisa nenhuma. Eu sabia que todas eram para mim, que aquela merda tinha alvo. E olha, eu não vou mentir. Uma coisa mais escabrosa que a outra, baixa mesmo, como essa pérola que eu não esqueço:

— De quê adianta malhar o cérebro para continuar gastando o cartão do marido? Eu prefiro fazer uma troca: ele me dá o cartão e eu malho a bunda para ele.

Como se eu não prestasse para nada, nem para ser gostosa para o meu marido. E as amigas e irmãs dela rindo, tudo isso acontecendo na minha frente. Tudo tão errado, tão ruim, tão gratuito! E se eu rebatesse às babaquices, elas só se dariam ao trabalho de dizer:

— Calma menina, a gente só está conversando... — Como se fossem só palavras jogadas no ar, sem endereço. E eu odeio indiretas.

Pulei na piscina para não pular no pescoço delas. E lavei a alma enquanto descobria que era divertido ser uma criança-velha. Bianca, a pobre-coitada da filha da Maria Jeca, deve ter puxado ao pai, porque a menina era uma flor. Ria com a dentição banguela e queria, a toda hora, fazer uma competição meninos versus meninas.

Só parei de brincar quando ouvi os homens da família conversando na cozinha e o Dio apareceu, com a bermuda preta suja de barro, sem as chuteiras e sem camisa. Tão suado que brilhava. Eu ainda não estou acostumada àquele novo visual e fiquei sem reação. Não deu para fazer cara nem de normal, nem de safada. Eu não esperava por tudo aquilo. E eu esperava um marido fedido e sujo, mas não contava com uma podridão incrivelmente atraente.

Antes de nos dizer qualquer coisa, avançou para a cadeira e baixou os shorts. *Ave Maria*. A sunga preta, as coxas mais grossas. *Minha Nossa Senhora*. As crianças falavam com ele e ele sentou na cadeira, não entrou na água. Ficou ali, cotovelos sobre joelhos, todo sorrisos. Puxou um papo com o grupo das marias e me olhava, sorridente. Todo sexy.

Tudo planejado. Fazia charme. Sabia que eu já tinha visto seu vídeo, capaz de ter visto o meu. Eu ainda não conseguia fazer ou falar nada. Nessas horas, ateu vira crente. Tem que ter um Deus bem forte nesse mundo para

transformar o bonito marido de todo dia num ensaio da TPM. Um ensaio fotográfico ao vivo, esse era o meu marido sentado naquela cadeira. O homem mais bonito que eu já vi.

Pressão nos meus ouvidos como quando o avião decola ou quando a gente desce a serra. Sem conseguir ouvir nem falar. Eu funcionava em câmera lenta, bem lenta. Lembrei de quando o pedi em casamento. Eu sabia que ele queria e eu já não sabia mais viver sem ele. Lembrei de quando contei da gravidez do Lipe, aqueles nove meses sensacionais que tivemos e que nunca se repetiram. Da lua de mel naquele carro, a gente tombava de tão bêbados. Como eu pude pensar em abandonar você, Dio? Como? Como eu ceguei ao ponto de achar que eu conseguiria seguir-

O mergulho na piscina quebrou meu transe, parei de pagar de trouxa. Me tomou num beijo brincalhão e eu odiei saber que tudo aquilo era um plano. Eu conhecia o Rodrigo criativo, mas engenhoso era novidade. A Criatividade é temporal, caos úmido e quente, mas aquilo era um plano. Aquilo não era chuva, eram as quatro estações, cada uma delas seguindo um roteiro bem detalhado pela mãe Natureza.

Maria Angélica pulou na piscina. Com movimentos óbvios. Se tudo até ali fosse uma grande paranoia da minha cabeça, então aquele movimento denunciou toda sua jogada, sua pretensão e pensamentos. Ela jogava baixo e eu não consegui continuar no jogo, eu não preciso jogar, pois por um marido que abandona a tempestade e vira quatro estações, eu não precisava fazer nada. Só encostar e observar, como ele pediu na proposta dos seis meses. Enquanto ela nadava de um lado para outro e ele me beijava sorridente, eu concluí que eu não precisava jogar:

Porque era como chutar cachorro morto.

— Muitos gols?

— Olhe bem para mim – Eu estou olhando muito bem para você nesse momento – Você não sabe com quem se casou? Eu só fui lá jogar para virar piada para o almoço.

E para me atíçar com aquele vídeo. Não venha dar um de desentendido não, gracinha.

— Você viu o e-mail? – Perguntei.

— Vi. – Seco. Sem dizer nada mais além. Rodrigo, hoje você não escapa. Chega. Você quer me tirar do sério e conseguiu. Se não for hoje, você vai se arrepender tanto, Rodrigo, mas tanto...

As irmãs dela pularam na água. Acho que para não deixar a pobre coitada sozinha. Lipe me puxou por baixo d'água, tirando meus pés do piso e eu afundei. Ele queria troça, teria troça. Fui brincar. É óbvio, Maria Jeca ia puxar assunto, ia

sorrir, faria beicinho, tudo bem. Talvez fosse até bom, por que aí eu vejo como Rodrigo age a tudo isso. Análise do aliado. Se preciso me preocupar com ele ou não.

Eu sou volátil como o Bromo. Mais volátil que acetona, que o álcool. Uma hora estou comendo a testa de nervosa, outra hora, na hora do perigo, quando A e B se juntam, eu fico calma e uso o cérebro. Sou volátil como o álcool e não reajo sob grandes pressões. Elemento Fê. Da tabela periódica: o Ferro. Fora dela: eu.

O marido da vaca prenhe apareceu e a dissimulada ainda fez mais um charminho antes de sair da água. Bem na frente do meu Dio, coisa de um braço de distância, apoiou as patinhas de cadela na borda da piscina e arrebitou o rabão para sair da água. A forma mais escandalosa de sedução que eu já vi. Eu via o triangulozinho de pano escondido debaixo daquela bundona. Olhei para o Dio. Lógico que ele olhou. E acompanhou o balançar do quadril daquela "inha" até ela beijar o marido.

Respira, Fernanda. Aquela bunda é imbatível. Se fosse qualquer mulher na rua você não ficaria brava, se fosse no pornô você não ficaria brava. Se fosse nos comerciais de cerveja, nos cenários dos programas, nas novelas. Você não se importaria. Você nunca brigou por isso. Respira fundo. Conta até 3. Lembra das casas do pi. Três vírgula catorze. Três vírgula catorze, quinze. Três vírgula catorze, quinze, noventa e dois, sessenta e cinco. É isso, seja superior. Sejam menos voláteis. Sejam adamantium. Não existe, mas se existisse, seria a liga metálica mais forte do mundo. Sua bunda não é tudo isso, é bem menor e bem menos bonita.

Fernanda, ele não se casou com você pela bunda.

Ele brincava com as crianças. Jogava o Guto para lá e para cá. Jogava, na verdade, todas as crianças. Sorria. A trupe das marias se viu sem a líder e se retirou também. Eu me retirei depois, com as minhas coisas, para o quarto. Aquilo perdeu a graça. 1 a 0 para ela.

Cheguei no quarto e ela estava no banho. Ouvi o fungar de lá de dentro. Encarnei meu melhor sorriso e entrei. O box era apertadinho, a gente quase não cabia sozinho e eu ainda quis me enfiar lá para dentro junto dela. Os olhos vermelhos. A gente tinha que parar de brigar no banheiro.

— Eu não terminei meu banho ainda. — Disse, rabugenta.

— Deixa que eu te ajudo. — Brinquei, tirando o sabonete da mão dela, mas ela me empurrou, brava. *Muito brava*. Pegou o sabão de volta e me olhou

feito. Me mandou embora, depois. – Fê, pelo amor de Deus. Não me destrata sem eu saber pelo menos o porquê. Porra, até as crianças sabem por que estão sendo castigadas e eu não. Briga, mas explica.

— Só sai do meu banho.

Ela pediu para eu sair do banho, mas não do banheiro. Saí. Como um pinto molhado, sentei na privada fechada. Revi todos os meus passos desde a hora que acordei. Ela não diria o motivo da raiva; se eu nunca falava as coisas, ela também não era flor que se cheirasse.

E que Deus segure o choro dela, por que se ela começa a chorar, adeus conversa.

Eu mandei um e-mail e recebi a resposta. Era nove horas, mas só consegui vê-lo quando cheguei na casa grande. Não foi algo que eu fiz antes de ir para o campinho, foi algo que eu fiz depois que cheguei dele.

Só tinha uma resposta: Maria Angélica. Puta que pariu. É com isso que ela está brava? Sério? Aconteceu alguma coisa enquanto estive fora?

— Fê, o que a Maria fez dessa vez?

— Nada.

— Você quer que eu vá falar com ela?

— Não estou brava com ela.

Então é comigo.

— Que eu fiz que você não gostou?

Eu cheguei em casa, fui vê-la na piscina. Joguei maior charme para a minha mulher. Fui suado por que homem suado é o clichê do clichê. Sorri. Fiz charme mesmo, descaradamente. Geralmente eu tentaria maior sutileza, não gosto assim, esfregando na cara, mas eu não estava com paciência para sutilezas, a testosterona acumulada nas juntas, mesmo depois das punhetas mal-batidas, não me deixavam ser o homem bonitinho e romântico que eu queria ser.

Fiz charme como se ela fosse uma mulher nova na minha vida. Uma que eu não tivesse comido ainda. Aí entrei na piscina, ela foi brincar com o Lipe, A Geca chegou, a gente ficou conversando sobre o jogo e aí ela saiu. Nada demais. Ah. Ah, isso. Eu olhei para a bunda dela. Fernanda, me respeita. Faça-me o favor, Fernanda. Drama por que olhei para uma bunda?

— Foi por que olhei para a bunda dela?

Silêncio. *Na mosca.* Você se prestou a chorar por que eu olhei para a bunda dela? Corremos o risco de estragar nosso feriado todo só por que a bunda dela apareceu na minha frente?

— Fê, – Eu queria ter dito "Nina", mas não sairia natural. – era só uma bunda.

— Uma bunda que você não conseguiu parar de olhar.

— Eu gosto de bundas, você tem uma linda colada nas costas. E eu adoro a sua, gosto mesmo, tanto que achei ofensivo você colocar aquele maiô. Eu sempre olhei bundas, você nunca se importou. Você mesma olha umas bundas de vez em quando e fica comentando. A gente nunca teve isso, qual o problema agora?

— É a bunda dela.

— É, é sim.

— E você desejou a bunda dela.

— Não, Fê. Eu admirei, é diferente. Você admirou o marido dela e a gente não está discutindo. – Joguei verde. Nem reparei se ela tinha ou não olhado para o André, só que ele é o lugar-comum do desejo feminino. Louro, olhos claros, forte e tal, tudo aquilo. E eu sou mortal. Deus não foi benevolente comigo.

— Não gostei disso.

— De eu ter olhado ou de eu saber que você cobiçou o marido dela?

— Eu não cobicei!

— Que bom, eu também não. – Sorri, abri a porta do box. Entrei. O bico involuntário de quando ela estava descontente estava lá. Abracei-a e agarrei-a pela bunda. – Um homem que está tentando consertar as cagadas no casamento tem que ser muito burro para olhar para o lado. – Dei um beijo no rosto dela, que é para ver se ela se desarma – E eu estou louco para a gente ir para casa para eu poder comer você, sua bunda e todo o resto. – Ela riu e eu consegui amansar a fera. Maria Angélica seria uma pedra no meu sapato, e eu nunca pensei que seria.

Quando cheguei em casa trazendo a Fê pela primeira vez, a Geca foi o mais escrota possível. Eu sabia que a minha mãe não gostaria dela logo de cara e as irmãs da Geca lhe seriam hostis, mas eu pensei, em nome dos bons tempos, que a Geca seria legal. Hospitaleira, talvez. Só que ela ignorava a Fê, destratava-a, deixava-a sozinha na sala. Eu não poderia exigir que ninguém fosse amigável com a Fê, mas podia exigir que fossem educados. Eu é que tinha que transformar a estadia dela em Poços numa boa experiência.

— Larga essa paulista, Digo – Doze anos atrás, um pouco mais, talvez. Menos musculosa, curvas mais suaves e um jeito espevitado e ativo, que um dia, não vou mentir, fui capaz de amar. Depois de ela achar o André, realmente, nunca mais tocamos em assuntos do passado, mas enquanto ela estava solteira, não posso dizer o mesmo.

Eu não lembro ao certo as exatas palavras que disse quando dei o chega-pra-lá nela, mas ela nunca mais me atacou daquele jeito. Sim, a Angélica é gostosa. Ela fica bem de salto, de vestido e tudo o mais. Sim, eu comeria a

Angélica. Todo homem, se perguntado, comeria a Angélica, só que o que eu tenho com a Fê não vale ser estragado por uma simples metelância.

É aquela coisa: Não confundir o que você quer agora, com o que você quer pela eternidade, e é a Fê que eu quero pela eternidade. Ela fica brava por que não tem uma bunda nem tão grande nem tão lisa como a da Geca, mas eu acho a bunda da Fê uma delícia. Acho mesmo. E a barriga que ela odeia tanto. E as coxas e os braços e os peitos. Eu acho tudo aquilo ali lindo, mesmo que ela não esteja amiga do espelho.

Acho lindo visualmente e a história de tudo aquilo ali. E a mulher dentro dele. Acho lindo as estrias, as celulites. Por que aquele corpo é assim agora e foi a casa dos meus dois filhos. Aquele corpo é o resultado de dois meninos que mudaram a minha vida e os meus sonhos. Por que diabos eu acharia aquele corpo menos do que fenomenal? É como eu disse: Prefiro a Fê como ela é hoje, com o quadril mais largo e com lugares que dá para apertar. Ela era linda enquanto tábua, mas agora... Fernanda de quatro. Nenhuma imagem no mundo supera a minha mulher de quatro. Nenhuma.

Não, gozando. Gozando é o melhor frame, dela. Faz um bem do caralho para o meu ego e a deixa toda mole e delícia, depois.

E não é que eu "tolero" o corpo dela agora por que foi a casa dos meus meninos, não é isso. Estria, celulite, não faz diferença. Eu só... gosto. Do jeito que ela anda, como rebola em cima de mim. De todos os movimentos. Até no troninho, como já aconteceu, eu ainda a acho bonita. Ela é bonita. Eu não sei que caralhos ela está neurótica com isso agora.

A Fê já estava quase pronta quando eu saí do banheiro. Maquiava-se na frente de um espelhinho minúsculo da própria bolsa. Os cabelos meio molhados e soltos sobre as costas. Usava o vestido de lantejoulas que o Guto lhe deu de aniversário. O menino ficaria feliz de ver como a mãe ficou bonita. Essa fase da Fê de só andar por aí usando vestidos é maravilhosa. Eu viveria cem vidas a vendo passar para lá e para cá com aquelas coxas de fora. Eu sei que a graça diminuiria drasticamente quando chegasse o inverno (e talvez tivéssemos que fazer outro rombo no meu cartão com roupas), mas enquanto ela quisesse usar vestidos, o leitor não me veria reclamando.

Descemos com as malas prontas, a ideia era comer e sair, voltar para São Paulo. A família toda reunida, sentada esperando a gente e o avô descer com parte das crianças que ainda não estavam banhadas. Paula, a filha mais velha dos quatro filhos do Tio Carlos, ajudava as meninas a tomarem banho, enquanto meu pai ajudava os meninos. Dona Teresa e as primas já estavam sentadas, esperando para comer.

A mesa de vinte lugares ficou pequena. Todos os filhos dos meus tios,

meus primos legítimos, vieram. Estávamos espremidos, mas estávamos todos lá. Cumprimentei com beijo e abraços aqueles parentes que eu não tinha visto na noite anterior e um "alô" de cabeça para os que eu tinha visto. Sentamos no nosso lugar, ao lado da cadeira vazia do meu pai, de frente para a minha mãe, que sorria. Ela adorava a casa cheia. Preferia aquilo à monotonia de todos os dias, a casa vazia, sem crianças, dos dias de semana.

Entoamos uma conversa tranquila, os homens principalmente, sobre a perna-de-pauzice de algumas pessoas e do bolão de outras. Os maridos das Marias davam um baile em qualquer um de nós, eles jogavam toda semana entre eles, praticavam para nos humilhar e ganharam de lavada. Só descobrimos as travessas da comida cheirosa da minha mãe quando meu pai desceu as escadas, o Guto no colo, o Lipe tagarelando com duas meninas, filhas da Geca. Lipe e as primas de coração sentaram na mesa deles, falando de desenhos animados. Uma deles mostrava o relógio do Ben10 aos demais (deve ser uma febre esse tal relógio do Ben10, toda criança que eu vejo ou está com ele, ou está falando sobre ele). Meu pai, a camisa limpa toda molhada na frente, segurando o Guto, sentou-se para comer. Ofereci-me para pegá-lo, mas o vô queria comer com o netinho.

— Vocês dois, – Meu pai nos apontava com o garfo – por que têm que voltar praquela São Paulo fedorenta?

— Bem, – Eu disse, a Fê rindo enquanto tirava o garfo da boca – você quer a verdade verdadeira, ou quer uma coisa que dá para falar aqui na mesa?

— A verdade, uai.

— Pai, tem coisas nessa vida – A Fê ficaria vermelha como um pimentão e a conversa na mesa ia acabar. Todo mundo calado para ouvir nossa desculpa. – que não dá para fazer com filho em casa.

— E precisa sair daqui vestido que nem gente rica?

— Ah, – respondi, voltando o garfo para a boca, tentando acabar com o assunto antes que alguém fizesse mais alguma pergunta – ela se vestiu bonita e eu fiquei bonito também.

— Da última vez que vocês vieram aqui não se vestiam bonito assim – Minha mãe ingressava na conversa, brincando com o Guto no colo do meu pai.

— Culpa do seu filho, Dona Teresa.

— Ele tem que te obrigar a ficar bonita? – Geca, ao lado da minha mãe, se intrometia.

— Claro que não – Defendi – Mesmo por que ela é bonita de qualquer jeito, só não achei justo ela ir estudar fantasiada de mãe e dona de casa.

— E você vai assim pra faculdade? – Geca, vê se cala essa boca.

— Não, porque eu não aguento oito horas de salto, mas quase. Depende

do meu humor. – Respondeu a Fê, respirando fundo. Beije-lhe o rosto, sentindo os cabelos um pouco molhados. – Esse vestido aqui quem me deu foi o Guto, né?

O menino chacoalhou a cabeça, com a boca cheia, sorrindo empolgado.

— Você que escolheu esse vestido para a sua mãe, Guto?

— E o Lipe me deu um, também.

O Lipe ouviu o nome dele e largou o prato. Veio serpenteando participar da conversa e ganhando a confiança de todos até se apossar da mesa, sentando-se no colo da vó com o próprio prato. Ele contou como foi a surpresa para o aniversário da mãe dele e todo mundo ficou encantado. Lipe é muito bom de contar causos. E a gente fica encantado com o causo e com tamanha desenvoltura para narrativa com tão pouca idade. Ele não esquece dos detalhes e ainda conta de um jeito que faz a gente querer ouvir o resto.

— E o que o seu pai deu de aniversário para a sua mãe?

— Eu não sei, ué. – Deu de ombros, fazendo um bico teatral.

— Seu pai não deu nada para a sua mãe?

— Eu... – Eu disse, em minha defesa – Ainda não dei.

— O Dio é um desnaturado – Ela disse, maliciosa e esperta – Tem dia que está me prometendo *uma coisa* e não me dá.

O presente de aniversário mesmo está no carro desde o dia do aniversário dela. Escondido no único esconderijo que a gente tem, só que não era disso que ela estava falando. Dei um apertão na coxa dela e ela sorriu, brincalhona. Falava as coisas pela metade, todo mundo entendia uma coisa, mas o contexto era outro.

Entramos no carro não devia ser nem duas da tarde da quinta-feira, ainda. Eu fiz questão de ir de chofer. O Guto no colo do vô e o Lipe de mãos dadas com a avó. Os dois com os rostinhos queimados pelo Sol e blusas de frio. Guto bocejava. A mãe deles entrou no banco de trás e eu no da frente. Um último tchauzinho de longe e dei a partida.

— Não, espera. – A casa grande ainda não tinha saído do retrovisor e a Fê pediu para eu voltar. Dei a ré, que chamou a atenção das pessoas na varanda que já voltavam para dentro de casa. Ela saiu, deu mais um monte de beijo nos meninos e entrou de novo, chorosa, no carro. Dei a partida de novo, sem parar, daquela vez.

— Como você conseguiu deixar a gente por uma semana? – Perguntei, saindo da fazenda, atingindo a estrada, olhando-a pelo retrovisor.

— Foi a pior semana da minha vida.

— A nossa também.

— Mas se eu não tivesse feito, você nunca teria percebido o que eu te falo há anos, Dio. – Toma esse tapa na cara. – Isso aqui, tudo isso, não precisava

acontecer se você tivesse me ouvido ao menos uma das milhões de vezes que eu te disse. Você não é teimoso, mas quando dá para não ouvir, puta merda.

Silêncio. Uma boa hora de viagem sem ninguém dizer nada, aquele clima pesado. Coloquei Coltrane para ver se ela se acalmava, mas ela me mandou desligar o rádio. Tentei colocar Nina Simone. Nada disso. Minhas opções sobre o gosto musical da minha mulher estavam se esgotando, aí deixei para lá.

— Você está muito brava comigo?

— Não estou brava. — Disse, olhando pela janela fechada. — Só não quero ouvir Coltrane. Você só coloca isso para eu ouvir como se eu não gostasse de mais nada.

Na verdade, eu não sei seu gosto musical além do Jazz. Só coloco Coltrane por que eu sei que você gosta e acho bonito seu gosto refinado para música. Então, golpe ousado, eu vou colocar uma coisa que eu estava esperando colocar quando estivéssemos quase em São Paulo.

Mulher, foi duro passar essas fitas VHS para o celular, mas deu tudo certo no final. A Ana tinha um amigo que fazia isso e ele era confiável. O risco de passarem nossas fitas para a internet era grande, então precisava ser com alguém confiável.

Pluguei o celular. Já tínhamos passado a Federal de Alfenas e tecnicamente, já estávamos em São Paulo. Selecionei, um olho na estrada e outro na tela, um vídeo. Apertei play. Eu não assistia, não tinha tevê para os passageiros da frente, só para os de trás. Esse era o motivo de ela estar sentada ali, primeiro de tudo.

Era um vídeo da nossa época de exibicionistas. Era só o começo da gravidez do Lipe, ela nem tinha barriga ainda. Estávamos na casa da mãe dela, no quarto dela. Ainda tinha pôster de bandas colados na parede e a coleção de garrafas de cervejas nas prateleiras sobre a escrivaninha. Se o meu quarto parecia, nas palavras dela, o de um garoto virgem pré-adolescente, o dela parecia o quarto do próprio Colbain.

— Eu não acredito. — Tem dito muito isso, ultimamente. Ela sorria, por baixo da mão que tapava a boca. Pelo som do carro eu ouvia a risada de uma antiga Fê, mais alegre, mais safada e mais desafiadora que aquela mulher sentada no banco de trás. A mulher, digo, que eu não podia esperar para vê-la voltar a ser.

Era eu naquele vídeo. Uma resolução baixíssima, mas era o que tinha de mais moderno no mercado. Ele filmava a minha barriga (Deus, ela era chapada

na época), dava para ouvir a risada de fundo. "Filho, eu espero que você nunca ache esse vídeo" dizia meu marido da tela "Mas se achar, saiba que aqui é a sua casa de agora". A mão dele sobre a minha barriga. Subiu a lente da câmera para o meu rosto. Como meu cabelo era bonito! Só tive cabelo compridão na gravidez do Lipe. Nunca gostei de ter cabelo muito comprido porque não era prático, mas era tão brilhoso que eu tenho inveja de mim mesma daquela época. O batom na minha boca não era lá essas coisas, um vermelho tão berrante com fundo azul. Hoje em dia prefiro vermelhos mais queimados.

Meu marido da tela posicionou a câmera num lugar e eu só conseguia ver seu rosto em close, analisando alguma coisa atrás da câmera. Depois se afastou e saiu da frente. Era eu ali, deitada na cama, sem nenhuma roupa. Eu lembro desse dia. A câmera era nova, eu comprei por que enfiei na minha cabeça que eu queria desenvolver um hobby por fotografia. Não saía de casa sem ela. Eu nem sei mais onde ela está ou onde foram parar os muitos cartões de memória da câmera. Só sei que o Dio daquela época era o meu modelo por excelência. Até tinha fotos de outras coisas, fotos de amigos, pontes e prédios, mas a maioria era dele.

Era um pornô nosso. Ele veio para perto de mim, eu deitada na cama e para as coisas esquentarem demorou realmente muito pouco. A lembrança daquele tempo e a visão de antigos nós dois demorou pouco tempo para esquentar a Fernanda do presente. Não ia dar certo. Não ia funcionar. Eu não conseguiria, nem se eu quisesse, esperar chegar em casa para castigar o meu homem. Não ia dar. Até tentei olhar aquilo com olhos críticos, procurar defeito, ver se minha bunda tinha algum buraco naquela época, mas por bem ou por mal, a câmera não filmava em HD como filmam as de hoje. "Olha para a câmera, amor" Dizia meu marido da tela. "Deixa a Fernanda do Futuro ver como você era bem comida".

Eu não sabia se eu chorava, se eu batia uma siririca, se eu terminava de procurar buracos na minha bunda, se eu morria de amor, de novo, pelo meu marido. Eu só sabia que tinha que fazer alguma coisa. Sem essa de congelar. Sem essa de pressão nos ouvidos.

— Rodrigo, para esse caro.

— Aqui?

— Acostamento. — Apontei. Era duas e um pouco, o mormaço queimava no horizonte, dava para ver ondas de calor se formando. Ele estacionou. Saí do carro, puxei-o para o banco de trás. O Dio da tela falava alguma coisa, mas eu não entendia. Coloquei-o sentado no lugar onde eu estava antes e puxei, tanto o banco do motorista quando o do passageiro dianteiro para frente, para ter espaço no banco de trás que estavam sem as cadeirinhas dos meninos. Montei nele e

puxei a porta. Abri o cinto do jeans dele e não foi difícil colocar meu brinquedo para fora. Puxei a calcinha para o lado e-

— Não, Amor – Ele pediu, tomando meu brinquedo da minha mão. – Não aqui, não assim. Eu ten-

— Rodrigo, estou de saco cheio dos seus planos. – Fui dura e ele desmontou o sorriso – A gente faz amor depois. Eu não quero isso, eu quero dar, entendeu? Eu quero dar para o meu marido e não estou com paciência para chegar em casa.

— Eu sei, Nina. Mas não assim, não aqui.

— Rodrigo, – sem paciência para chamá-lo pelo apelido carinhoso. – Isso é medo. Você está com medo de eu não gozar com seu pau, eu entendo, mas eu quero. Eu não quero chegar em casa, eu não quero Coltrane, nem pétalas de rosas na cama. Eu quero DAR. Dá para entender isso?

Ele não sabia o que fazer. Na tela eu gemia. A gente ia acabar com a bateria do carro e ia ter que pedir para um carro aleatório na estrada fazer uma chupeta.

Nem sei se a gente tem cabo de chupeta no carro dele.

Fiz um carinho no rosto dele, eu sorria. Babava de ansiedade como babam os cachorros diante de um bife suculento. *Pelo amor de Deus, homem, não vai me falhar agora.* Desci as alças do vestido (nosso carro é insulfilmado) e as alças do sutiã. Forcei a cintura sobre a pélvis dele. Os caminhões na estrada passavam ao nosso lado. Eu sorria e ele cedeu. Meteu a cara no meio dos meus peitos e eu senti uma onda de tesão tão louca que eu não sei quem gemia mais feio: se era a Fernanda da tela ou a Fernanda real. Sério, nós duas gememos muito feio.

Se a diferença entre o invadido e o invasor é meramente vetorial, eu quem o invadi. Sentir finalmente aquele cacete em mim tinha gosto de vitória. Ele gemeu, rouco e apressado, a testa franzida, os olhos baços. Fiquei inerte, nenhum movimento com a cintura. Se nós nos movêssemos muito, minha cabeça atravessaria o teto do carro. Apertei o músculo da vagina. Uma vez, duas.

— Nina, por favor-

O maxilar dele travado. Tão lindo. Fora do contexto aquela expressão era de ódio, mas não era. Os dentes serrados, os olhos também. E eu não me mexia. Ele apertava minhas tetas com muito mais força que o normalmente e eu gostei daquilo.

Não aguentei ficar parada. O balé que desenvolvi em cima do pau dele era a minha especialidade. Ele não sabia o que segurava: se era meus pés nos saltos que ele escolheu ainda lá no shopping, se era minhas tetas que balançavam na altura da boca dele, se era a minha bunda faminta ou se era a própria porra.

Eu nem sei se dissemos alguma coisa, ou quais dos gemidos eram meus. Só sei que descarreguei muita raiva naquele homem. Era para ser castigo. Era para ele largar de ser besta por achar que eu ficaria me fazendo de bonita enquanto ele atiça o que tem de pior em mim. Se ele estava esperando o momento certo para ele dar o melhor dele, a espera só me transformava numa pessoa ruim. Muito vil e muito raivosa.

Nem a velocidade cinco do créu me contemplava. Eu sou boa nisso que faço. A mão dele, por puro medo, encontrou meu clitóris e eu a tirei de lá. Não amigo, não quero gozar com o clitóris, já gozei muito com ele esses dias. Eu quero uma outra coisa que vinha a passos bem rápidos.

Ele também não estava mais parado. Minha cabeça raspava no teto. Imagino que a visão dele era melhor que a minha, por que ele via a Fernanda Antiga no fundo e a Fernanda Nova na frente.

O carro do lado de fora devia denunciar para todo mundo o que a gente fazia ali dentro, mas não interessava, ninguém dentro estava com preocupações de ser discreto.

Se o núcleo de um átomo do Rodrigo fosse a cabeça de um alfinete, a distância entre a cabeça deste alfinete e o elétron que o orbita seria a de um Maracanã. Tudo isso, num único átomo. Era essa a distância que eu estava dele, era essa a distância que eu tentava quebrar, enquanto dançava. A gente, fisicamente falando, nunca vai se tocar. Meus átomos nunca encontrarão os dele. A força de repuxo de dois corpos é o que fazem as sinapses para o cérebro, mas nem isso era o bastante para mim. Eu o queria como nunca o quis antes. Eu o queria como parte de mim, como se a gente, de alguma forma, pudesse virar um único núcleo. Eu queria ser a cabeça daquele alfinete junto com ele e não só avistá-lo de um Maracanã: um estádio de futebol é muito longe.

— Fê, para, eu vou-

Eu também. E vamos competir para ver quem geme mais alto. Adoro o Rodrigo por que ele geme, ele faz graça, ele fala. Ele não é como aqueles atores pornôs que a gente vê, que entra mudo e sai calado. Ele mostra que está gostando e só de ouvi-lo gemer dá vontade de gozar. Terminar junto com ele, como há anos a gente não faz.

Nem o nado sincronizado foi tão sincronizado.

Ele sentiu a pressão que eu faço no pau dele quando eu gozo. E ele nunca vai tão fundo dentro de mim, como quando está lá. Meus anéis vaginais querem esganar o pau do meu marido e eu quase gozo de novo de ver aquela carinha linda, vermelha, inchada, sorridente. Rodrigo é o homem mais bonito do mundo. Era o homem mais bonito aos vinte e quatro anos, o é agora. Era, digo, menos másculo que agora, bem menos. A paternidade deu a ele um dom, um cheiro de

homem, uma coisa que eu não conhecia e que só agora eu finalmente usufruo. A espera compensou. Vê-lo repetir um milhão de "eu te amo" era a confirmação de que foi tão bom para ele quanto foi para mim.

Ele repete esse hino toda vez que goza gostoso. E me aperta. Como se quisesse tirar os Maracanãs tanto quanto eu queria.

Eu vou ser redundante:

Eu amo meu marido.

Apaixonadamente,

Enlouquecidamente,

Até os últimos dias da minha vida. Por favor, Dio, não vai embora de novo, não me deixa na mão que eu não vou saber lidar comigo.

Capítulo 15

Drink Me

A Fernanda da tela ainda estava lá. Sequer tínhamos começado, os nós dois do passado. Nenhum pau encontrava nenhuma boceta, não ainda. Nós, no presente, ofegantes, liquidados. Ela saía de cima de mim, afastava os cabelos da testa. Sentou-se no lugar onde cadeirinha do Lipe costumava ser, respirando rapidamente, cansada. Não consegui dizer-lhe nada.

Acabei me queimando. Eu não esperava que ardesse tanto, que fosse tão rápido. Eu esperava que pudesse, de alguma forma, controlar, lidar com o fogo que era a minha esposa. Não posso e agora dói. Ela estica o corpo para desligar o carro, desligar a tevê, tirar da minha cara a visão do que eu queria que a nossa transa de recomeço tivesse sido. É linda a bocetinha gulosa espremida na calcinha mal arrumada que aparece propositalmente muito mais do que precisa enquanto ela se estica na minha frente para desligar o carro e a tevê. Meio lábio para dentro e meio lábio para fora. O Fogo é lindo e ameaçador. Eu sinto como se eu não pudesse nunca possuir essa mulher, quando ela se impõe desse exato mesmo jeito.

É como se, ao passo que cresce, eu diminuísse. Mexe com meu orgulho, remexe nas minhas entranhas o fato de eu não estar no controle. Desaprendi a ser conduzido. Um dia eu soube, antes dos filhos, a aceitá-la no comando, no volante da minha vida. Não sei mais. Ela me tomando daquele jeito me mostrava isso. *Não era esse o seu plano desde o início, Rodrigo? Fazê-la tão lasciva e quente de novo que não pudesse mais se controlar? Esperar que ela sentasse em cima de você? Não era isso o que você pensava, Rodrigo, alguns capítulos atrás nesse troço? Ensinar de novo a sua esposa a ter tesão em você?*

Sim, era esse o plano. Deu certo, de alguma forma.

Aquilo era só uma esposa que reivindicava um sexo atrasado em anos. Não posso afirmar com certeza de que ela gozou, mas o sorriso enquanto me olhava de volta me fazia crer que sim. Me olhava fixamente, esperava. Esperava o quê? Que eu confessasse que aquela rapidinha não era nem metade, nem um décimo do meu plano? Que eu planejava comê-la como se deve só no sábado?

O que ela queria que eu dissesse, me olhando sorridente daquele jeito?

— Eu gostei disso. — Ela disse me sorrindo, descendo a saia do vestido de lantejoulas.

Eu não. Me faz me sentir um moleque de vinte e quatro anos que não aguenta um porre e que cheira a leite. Me desabriga de uma antiga zona de conforto, me deixa sem-teto. Essa merda vai ser sempre uma gangorra? Ela bem

e eu mal, eu bem e ela mal? A gente não pode ficar os dois de bem? Por que eu me sentia um lixo? Só por que não aguentei segurar a porra? Por que o meu plano era mais importante que o gozo da minha esposa? Por que eu dar o meu melhor era mais importante que receber o melhor dela?

Ela estava ali, como a Antiga Fê. Mais ardente que a Fê do vídeo, mais decidida, mais mulher. Mil águas já passaram por baixo da ponte dela, ela era uma planta que crescia mesmo que o podador voltasse a arrancar-lhe as folhas. Eu era esse jardineiro que, com o alicate na mão, sentia-se um lixo por ver a planta do exato jeito que é.

Dizem os melhores escritores que se você quer desenhar o caráter de uma pessoa, dê-lhe ações, não palavras. A Fê me chamando de medroso, me mandando parar o carro no acostamento é o ápice da literariedade que o leitor vai ver por aqui. Ela me intimidando. Me chamando de medroso, arrancando meu pau de mim e me invadindo.

Aquela era a Fernanda que ousei me casar. Aquela era a Fernanda que eu pretendia resgatar quando lhe comprei vestidos, quando a muni de saltos altos, quando exigi biquíni na piscina. E agora ela estava ali, todas as folhas de volta no caule, crua e nua e sorridente.

E eu? Mesquinho. Pequeno. Sem saber como lidar com a leoa, tão acostumada à gatinha. Cheio de não-me-toques. Tão baixo, que se eu fosse um pouco menos cuzão, eu a pediria em divórcio. Eu, definitivamente, não a mereço. Eu, definitivamente, depois dos filhos, me viciiei no controle.

E não sabia mais abrir mão dele.

Ela, sem entender o que era aquela minha cara de merda olhando para ela, puxou minha cabeça para o colo. Com a orelha encostada na perna dela, dava para sentir o calor que vinha do meio das pernas.

— A partir de hoje a gente inventa um jogo. — Ela disse, mãos quase maternas enfiadas no meu cabelo. — Cinco minutos sem perder a amizade.

Ri um pouco. "Cinco minutos sem perder a amizade" é jogo de moleque. Quando dois marmanjos só querem se bater sem nenhum motivo para isso. Eu não queria bater nela, eu queria era me bater.

— Você fala o que tem que falar. Sem represálias, sem tacar isso na cara depois, sem nada. Você vomita o que tem para vomitar, eu faço o mesmo e morre aqui. Quer começar?

Eu não tenho coragem.

— Eu dei porque queria dar e para ter certeza de que você é meu. — Disse.

— Como é? — Virei-me de frente para vê-la nos olhos, meus joelhos batiam na porta do outro lado. Não era confortável.

— Me sinto ameaçada com a Angélica.

— Mas de novo isso?

— Cinco minutos sem perder a amizade. – Evocou. Calei-me.

— Eu confio em você, mas não confio nela. Isso machuca meu orgulho.

Eu estou me sentindo como aquela virgem que descabaça só para não perder o namorado. Estou insegura.

— Por causa dela?

— Não só. Tudo isso. Eu não sei como vai ser daqui pra frente, como vai ser depois do restaurante. Sinto como se... você só está fazendo tudo isso por que eu ameacei te largar. Depois desses seis meses, quando a gente continuar junto, vai tudo voltar como era e eu não vou ter forças para ir embora de novo. Eu vou ter que continuar te aguentando daquele jeito com a lembrança de um Rodrigo que não volta. Dio, eu estou me apaixonando por você de novo e estou com medo.

Ela coçava o lábio superior com o inferior, segurando um choro. Estávamos melancólicos.

— Cinco minutos sem perder a amizade? – Eu disse, sentando-me. O mormaço na estrada e o forno dentro do carro. Ela só fez um gesto com a cabeça para que eu continuasse. Não queria falar – Eu não gostei desse. Queria voltar no tempo. Eu não posso afirmar que você gozou, mas suponho que sim. Você acabou com o meu plano e eu estou muito sem graça. – Ri confesso – E eu estou me odiando por ser tão egoísta, porque foi o que você quis, essa é a Fernanda de antes e eu não estou sabendo lidar com a Fê Antiga.

— Ainda não é a Fernanda Antiga. – Ela disse, deitando a cabeça no meu ombro. – A Fê antiga era segura de si. Isso foi só um impulso de uma garotinha. Estou bem longe da Fernanda antiga, se você quer saber.

— Não diga isso.

— Ainda não parei para pensar que tipo de Fernanda eu quero ser daqui para frente.

Esta é ela, mais despida que nunca. Cinco minutos sem as armas. O carro é nossa fortaleza contra o mundo e nós podíamos ser só um casal de babacas que não sabe de onde veio nem para onde vai. Se me perguntassem, aquela era a estaca zero. O sexo era a parte fácil. Difícil era olhar para a sua esposa e dizer a ela que está tudo bem. Que eu sou um porto seguro onde ela pode desmentar inclusive os medos. Essa era a merda. Fernanda, eu tenho tanto medo quanto você de voltar a ser aquele hóspede não só na sua vida, mas na vida de todo mundo que me importa. Fernanda, eu não quero te dizer isso mesmo com os cinco minutos sem perder a amizade, porque eu não sei se você me amaria se eu mostrasse a você como sou fraco. Se eu mostrasse a você que, enquanto você

consegue dizer que está com medo do nosso futuro, eu não consigo. E não é por que sou destemido, muito pelo contrário. É por que eu não quero que você suponha a minha fraqueza. Eu não admito ser um fraco, um frango. Um lixo que não consegue cuidar da esposa e dos filhos sem surtar. Sem subestimá-los.

Eu sou tão fraco, Fernanda, que eu acho que é meu dever cuidar de você. Como se você não fosse forte para se cuidar sozinha. Eu temo você ser forte, Fê, por que se você o for, você não precisa de mim. E eu preciso que você precise de mim para eu saber aonde é que eu me encaixo neste mundo. Eu preciso que você precise de mim, que os meninos precisem de mim, porque só assim eu serei útil. Por isso eu adorei saber que você ficaria em casa cuidando das crias. Por que eu me senti forte tirando de você a sua independência. Por que eu me senti homem, como meu pai é homem, como meus tios são homens, só quando você deixou de ter poder.

Quando você aceitou a vidinha que eu te oferecia. Quando você largou seu amor pelas pontes e prédios, o amor por si mesma e voltou, tudo isso, tudo o que você é, para dentro de casa. Para dentro da minha casa. Só aí que eu soube meu lugar no mundo.

E, Fernanda, se você pudesse ler meus pensamentos sem que eu precisasse falá-los, você veria um garotinho que chora escondido no quarto. Tão pequeno e diminuído que precisa negar os outros para se afirmar. Fernanda, se você pudesse ler meus pensamentos, você pediria o divórcio.

Meus filhos viram o tipo de homem que eu sou, quando se vê sem você. O tipo baixo que eu sou de verdade. O moleque que cheira a leite, mas se enfeita de perfume, escondido dentro do seu guarda-roupas, cheirando seus vestidos, pura saudade. Sem saber o que fazer e tendo que confortar duas almas.

Eles serão grandes e se esquecerão disso, Fê. Mas eu não. Ninguém fecha esse abismo.

— Você tem mais alguma coisa a dizer, antes que eu termine os cinco minutos?

— Não – Menti.

— Achei legal o lance do vídeo. – Sorriu e eu pude vê-la sorrir quando ela baixou a cabeça para me beijar. – Eu tinha me esquecido dessas fitas.

Essa era a deixa. Pulei para fora do carro, estalo de ímpeto. Meu presente de aniversário abandonado no porta-malas. É, às vezes eu dou uma dentro. Entrei de volta no carro e entreguei o embrulho vermelho com fita. Ela fez aquela cara de surpresa de quem não está esperando e abriu. Era uma Nikon D3200, que filma em HD e tira umas fotos fodas.

— Gente, mas que coisa mais-

— Pra gente repetir a gravidez do Lipe.

— Ora, mas nem fodendo que eu vou gravar a mim mesma com câmera HD. – Riu examinando a caixa aberta, a câmera guardada e a lente fora dela.

— Você faz o que quiser com ela, é sua. – Beije a têmpora dela enquanto ela tirava a câmera da caixa – Só que eu seria um rapaz muito feliz se acaso a minha esposa voltasse com a sua carreira de JR Duran.

Eu sou um tipo de marido que não sabe agradar a esposa sem dar algo de concreto a ela. Não sei fazê-la feliz se não for com coisas. Não sei não dar presentes, porque presentes é um método fácil de surpresa, um atalho para a felicidade. Ela se recusou a ficar no banco de trás pelo resto da viagem e, enquanto eu dirigia, ela brincava com o brinquedo novo.

— Dio – Não tinha nada no rádio, eu não sabia mais o que podia ou o que não podia colocar, então preferi não colocar nada. As janelas abertas arejavam o carro muito quente e muito úmido e ela olhava para a paisagem sem graça como se fosse a primeira vez que viajávamos para São Paulo – E se eu colocar seus vídeos na internet?

— Acho que você vai ter muito mais Angélicas para se preocupar.

— OQ –

— Calma – disse eu, levando tapas e entre onomatopeias de dor – É brincadeira! AI!

— .

— Quero dizer, mais ou menos, quem não iria querer um cara gostoso e bonito como eu?

— Dio –

— Eu falei que era brincadeira, não precisa ficar brava, AI, nem me bater!

— Você promete que vai levar os seus planos para o fim de semana até o final? Mesmo a gente já tendo dado uma?

Era assim que a gente lambia as feridas. Isso era fácil de prometer. Engraçado como as angústias e as felicidades se misturam. Numa hora eu me sinto muito mal e outra hora, cinco minutos depois, ela sorri e fica tudo bem.

E eu consigo lidar com as minhas dores de novo.

Ela entrou no banho e eu trocava mensagens com a Ana. Já tínhamos tudo combinado mesmo antes de eu partir para Poços. Ana é o mais perto de amiga que eu tenho e adoro isso. O fato de ela gostar de mulher inclusive. Por mais xiita que fosse, o mais revoltadinha, ela era o tipo fácil de gente. Sem neuras, sem fofquinhas, sem pequenez. Ana e Bia, o casal vinte, estavam

inclusas no meu plano.

Não era nada demais, aliás. Só uma coisa que a gente não faz tem tanto tempo, que eu quero vê-la fazendo. A Ana e a Bia sabiam de um lugar que dava uma festa, elas dizem, muito boa. Onde todo mundo podia entrar, gay, lésbica, gente casada, todo mundo. E um andar onde as pessoas se comeriam se quisessem. Eu não estou disposto a compartilhar a minha esposa, mas, segundo a Bia e a Ana, a festa no andar de baixo era melhor que a festa do andar de cima e, para uma festa boa eu estava disposto.

Elas combinaram de passar dez horas da noite na nossa casa, íamos todos num carro só e só uma pessoa voltaria menos bêbada para dirigir.

— Falaê, borra-botas – Os nomes. Os nomes só melhoravam. Ana me cumprimentava com um beijo e um xingo, bem dela. Pararam o carro na frente de casa já era dez um pouco. Elas competiam, só podiam ser. Uma mais linda que a outra, em vestidos muito curtos. Maquiagens carregadas, aquele ar de balada e de mulher que está à caça. De mãos dadas. É a cena perfeita para qualquer pornô deste mundo, só faltava eu me vestir ou de encanador, ou de entregador de pizza.

Entraram. Cheiravam bem, as duas. Dois perfumes distintos inundando a sala. As duas olharam para a escada esperando a Fê descer, já me perguntando onde ela estava. Tinha alguma comida em cima da mesa da cozinha, coisa rápida que eu ofereci, mas elas não quiseram. Antes da tal festa, elas queriam comer japonês, outra coisa que tem anos que a Fê não come e olha que ela gosta.

Eu, mais bicho do mato, gosto, mas não gosto tanto. Aquele sashimi de atum não me desce. O de salmão até vai, é mais suave na língua, mas o de atum... A Fê gosta de todos, para minha sorte.

— Nossa, é tão fácil ser homem. – A Bia apontava para mim, cruzando as pernas no meu sofá e procurando as mãos da namorada – Uma camisa e uma calça jeans mais bonitinha, pronto, o filho da puta está arrumado.

— Você quer que eu suba e coloque um terno? É isso?

— Não, claro que não, tiozão. – Ana era mais nova que eu, mas não a ponto de me chamar de "Tio". Quer ver uma pessoa de meia-idade irritada? Chame-a de tio. Acaba com a graça.

A Fê desceu um pouco depois, um outro vestido preto que marcava bem a cintura e os peitos, mas não tanto os quadris. Tinha um corte bem fundo nas costas, mas não na frente. Usava o mesmo salto que usou de manhã e um colar que eu não sabia dizer se era novo ou velho. Os cabelos soltos, meio bagunçados, eu acho. Uma maquiagem mais pesada, preto e marrom nos olhos, coisa que faz mesmo muito tempo que não usa.

— Com o perdão da palavra, mas... Nossa, hein, Fê? – A Bia foi a

primeira a se pronunciar. Nem eu tive tempo de dizer qualquer coisa.

— Tá com cara de quem vai dar, hoje. — Ah Ana, se eu não gostasse tanto de você... — Mas aí eu lembro quem é teu marido.

Você já esteve numa roda de mulheres cujo principal assunto é sexo? Este era eu, as chaves do carro no bolso, esperando mais comida chegar na nossa mesa. Hot Rolls e Niguiris não davam para o gasto, era chegar e acabar. Esperávamos uma missô (francamente, eu adoro aquela sopa) e uma barca que eles chamam de "combinado". Era um rodízio na Vila Mariana que a Bia falou muito bem.

A casa estava cheia, mas demos sorte de não esperar muito na fila. Ficamos numa mesa perto da janela, aquele ambiente japonês todo vermelho e preto e madeira, lâmpadas de papel e hashi, o cheiro de salmão grelhado invadindo nossos pulmões. Sair de casa sem os filhos, quase impossível acontecer de novo, mas tão bom, de vez em quando!

O casal e a Fê conversavam sobre o que tinham em comum, no sexo. Suas próprias xoxotas e o que se fazia com elas quando não envolviam o pau. Tudo o que fosse de sacanagem que não envolvesse o pau, minha Fê estava ali, me denunciando para a minha secretária e a minha personal trainer.

— Ó, tiro o chapéu para você — Ana bebia uma caipirinha de morango e me olhava. A Fê contava de como ela gostava de sexo oral. Posições e tal, coisa bem íntima. Quando homem conversa de sacanagem ninguém explicita como é que gosta das coisas, fala o que a menina fez (se ela não for sua própria esposa), as excentricidades da transa e só. Nunca tinha ouvido minha própria esposa conversar de sexo com alguém e fiquei, sem palavra melhor para usar, envergonhado. Eu olhava para o corredor de onde devia brotar um garçom, esperando que magicamente um deles me chamasse de canto para qualquer motivo que fosse.

As mulheres quando estão assim, mais soltinhas, sabem ser pior que os homens. A Fê me sorria, sabendo que eu estava envergonhado, mas cagando e andando para isso. E falava, sem pudor algum, da vez que a chupei e não deixei ela gozar.

— Menina, mas fiquei louca aquele dia. — E tome causos. — Primeiro eu não queria deixar, né? Depois quando eu deixei ele ficou fazendo graça.

— Não deixou por quê?

— Eu ‘tava na privada! Eu ‘tava lá, mijando, nem tinha tomado banho nem nada.

— E que que tem?

— Ome bom é ome assim, sem nojinho de boceta. — Aquilo era um parabéns vindo da Bia?

— Como tem homem no mundo que se acha hétero, mas "não gosta" de chupar? – A Ana adora fazer isso, diminuir homem heterossexual. Quanto mais ela aproxima a raça masculina à homossexualidade, mais feliz ela fica.

— Ah, mas ele podia ter esperado eu tomar um banho, né.

A Ana, a Bia e a Fê na cama. Não que isso nunca tenha me passado pela cabeça, merda passa na cabeça da gente o tempo todo. Eu assumo: não aguentaria. Primeiro que a Ana jamais me aceitaria deitado na mesma cama que ela, segundo, que se só a Fê é areia demais, imagina as três? Imaginar não arranca pedaço. Eu comendo uma enquanto vejo a que eu como chupando outra, que está chupando outra. Seria tanta teta que eu não saberia aonde ficar com as mãos.

Se bem, que colocando meus pés no chão, eu sobraria. A Ana se encarregaria de me deixar sobrando para explorar a Fê. A Bia talvez não, a Bia já gostou de homem algum dia, pode ser que seja mais receptiva, não sei. É nisso que me seguro, enquanto a minha mulher me denuncia.

Mudaram o assunto de sexo para Poços. Angélica reunia mais duas inimizades.

O bom das festas/baladas é que os ambientes são escuros. Você vê bem pouco. Estou desatualizado quanto às músicas modernas que tocam nessas baladas. Parece que pancadão e semelhantes é a nova moda da balada paulista. Eu parei na época que a festa paulista tocava eletrônico e só. Estou realmente virando tiozão.

As três pegaram um drink colorido e eu peguei meu primeiro destilado. O casal se beijou pela primeira vez desde que nos cumprimentamos e eu não consegui desgrudar o olho. Nunca as tinha visto beijar de verdade, sempre só aquela bitoquinha casta e sem graça. A Fê ficou olhando também, mas depois a gente desencanou e ficou ouvindo a música, se balançando. Já era mais de meia noite quando chegamos, não sei direito as horas, mas aquilo ali fervia.

Era gay e hétero para todo lado. As pessoas na pista dançavam bonito e a Fê se juntou a esse grupo, junto das duas companheiras. Homem dançando é aquele fiasco, mas as mulheres compensam. Eu, meio sem graça, as mãos na cintura da minha esposa e atrás dela, me sacudindo um pouco para lá e para cá, nada que ficasse em sintonia com as três. Depois, inventei uma desculpa e me afastei. Pedi mais um destilado e fiquei de fora.

Eu sequer sabia que a Fê dançava tanto assim. Que rebolava bonito também longe do meu pau. Na maioria das vezes que ela dançava uma pessoa atrapalhava a visão, mas as vezes que não atrapalhavam, lá estava ela. A saia do vestido subindo um pouco e eu quase podia ver a bunda. Não me senti enciumado, nem possessivo. Eu estava ali de figuração, mero guarda-costas,

nenhum dos holofotes era para mim. Todo o circo era para a Fê, para que ela pudesse se soltar, pudesse dançar, fizesse alguma amizade, que bebesse o quanto quisesse beber.

Era para ela deixar de ser mãe e esposa por uma noite. Ser só uma moça solteira que sai para se divertir com as amigas. Talvez eu não devesse ter vindo, talvez eu deva dizer a ela para sair com o casal mais vezes, mas sem a minha presença. Olhei para um casalzinho que passava por mim e se dirigia a uma escada. Bem no canto, bem escondida. O andar de cima. Eu tinha que ver aquilo. Subi atrás deles me sentindo o contraventor, o subversivo. Dois seguranças estavam no topo da escada.

— Bar ou jaula? – Disse-me um deles, o mais antipático da dupla.

— Bar – Eu acho. Desde que do bar, eu pudesse ver a jaula. Passei por um corredor vermelho bem escuro e dei de frente com o bar. Poucas pessoas ali, algumas mesas vazias na frente, uma música mais calma e mais sensual. De frente para o bar, a jaula. Um cubo de vidro com poltronas, sofás, tapetes ultramacios, tudo com aquele clima de sex-shop, vermelho e preto e latex e cinta. Você cola os pés das pessoas às mãos de outras: uma corrente humana com membros colados. Agora essa linha, você tricota um cachecol desse bem peludos, era essa a disposição das pessoas, ali. Não dava para saber quem era de quem, todas usavam uma máscara, mas o negócio com os corpos, o negócio pegava fogo. Sentei-me num dos bancos do bar e o barman me perguntou o que eu queria beber. Dava para a gente conversar sem gritar. Entre uma olhada para o cachecol humano e outra no balcão do bar, eu pedi que ele me fizesse uma surpresa, que me esticasse qualquer bebida para eu ter desculpas de continuar ali.

Não dava para ouvir as pessoas ali dentro daquele cubo, mas dava para vê-las. As caras delas, o jeito como uma mulher tinha sobre o corpo várias mãos diferentes, mãos que eu não sei de onde é que brotavam. O jeito como não tinha ninguém sobrando era como se fosse sexo em grupo. Observei uma mulher cavalgando um homem. Um outro se aproximou e ela o recusou. Ele só saiu, deslizou para o lado e não a atrapalhou mais. Sem retaliações, sem vingancinhas. Tão adulto, tudo tão maduro, que eu não sei se eu teria cabeça para uma coisa daquelas.

Não, decidi, eu não teria. Enquanto as cocotinhas estão no andar de baixo se esbaldando com seus corpos suados e provavelmente já muito bêbados, eu me contento a fazer uma pequena pesquisa de campo. É incrível como essa São Paulo abriga de tudo. De uma festa liberal a uma suruba. Na mesma construção, sem ninguém querer invadir o espaço do outro, como se fosse normal uma coisa daquelas.

Bati o maior papo com o barman. O casalzinho que subiu na minha frente

já estava despido e mascarado lá dentro do vidro, poucas pessoas, homens na maioria, estavam no bar e olhavam fixamente para o cubo. Tímidos demais para entrar, talvez. E eu fiquei ali, meio encantado com a cena, pensando se convidar Fernanda para ver era uma boa ideia ou não.

O barman confessava que a maioria das pessoas ali eram clientes assíduos e que, por vezes, contratavam serviço especializado para esquentar as coisas. Ele, quando largava o batente, no começo, voava lá para dentro como um moleque solto no parque de diversões. Depois aquilo perdeu a graça. Confessei a ele que para mim aquilo tinha a maior graça.

Desci, acho que uma ou duas horas depois, para conferir Fernanda, ver se ela estava bem. Demorei, da escada, para achá-la no meio da multidão opaca. Era mesmo muita gente. A pista de dança fervia. Ela ali no meio. Os braços para cima, sorrindo, os cabelos bagunçados, um copo de alguma coisa na mão. Bia e Ana a acompanhavam, as três dançavam muito juntinhas, espremidas.

Estava bonita, eu gostei de vê-la se divertindo. A gente definitivamente devia fazer aquilo mais vezes. Não foi muito a nossa praia (não venha me dizer que é gíria de velho) as baladas da nossa época, mas talvez por preconceito. Era bonito da nossa parte dizer que odeia balada, que prefere os bares, meus estagiários ainda falam isso. Você paga de intelectual e superior, recusando a festa que era uma balada, só que tinha graça. Era bonito ver sua esposa, a mesma esposa de todo dia, dançando e bebendo como uma adolescente. Rindo como uma adolescente despreocupada que deixou os problemas na porta e só se preocupava em extravasar.

Talvez o leitor pense que eu devesse fazer o mesmo, mas eu simplesmente não consigo me enturmar com a massa de gente na pista, e nem consigo dançar decentemente. Tenho um monte de qualidades, mas dançar realmente não é para mim. Já pensei em matricular a gente em uma aula de tango, ia ser bonito dançar tango com a minha esposa, ela ficaria incrivelmente sexy, só que eu realmente não sirvo para dançar. Eu fui feito para, da escada, observar a Fernanda que é boa dançando. Fui feito para ser observador, mesmo que não seja um bom detalhista de coisas e lugares, eu sou bom observador de pessoas, que é o que me importa, no fim das contas.

— Você quer ver o andar de cima, Fê? — Falei aos gritos e tive que me repetir três vezes até ela entender o que eu dizia.

— O que tem lá em cima? — Eu esqueci de dizer a ela? Ou ela se esqueceu? De todo caso, ela não saber o que tinha lá em cima era um bom motivo para subir. Com os copos nas mãos, as três subiram. Respondi "bar" aos seguranças e um deles, o que se manteve quieto o tempo inteiro, me sorriu. Eu não tenho tanta pica para levar três mulheres para a jaula, meu bom caro. Eu não

tenho essa moral mesmo se eu quisesse.

Só que ele não sabia e eu me senti grande. Levando para cima três mulheres de uma vez, eu me sentia como deve se sentir qualquer Sheik árabe e suas sete esposas. O barman me sorriu aquele mesmo sorriso. Sentamos numa mesa. O casal trocava beijos, mas a minha Fê olhava lá para dentro, para o tricô humano. Todas aquelas máscaras, aquelas pessoas. Tudo aquilo de gente. As luzes dançavam nos olhos da minha querida esposa e eu não conseguia entender o que significavam.

— Ei, Cinco – Ana me chamava – Libera a chave do carro.

— Chave... ? – Eu era, definitivamente, o Tio da Sukita, casado há tanto tempo que não apanhava as malícias no ar. – Vocês já querem ir embora?

— Não. – A Bia, calada, ria. Aí eu entendi.

Pedi que não esporrassem no estofado. Pedi quase com um pelo amor de Deus. A Bia prometeu, mas Ana não me disse palavra. Desceram. E eu desejei ter uma câmera escondida. Do fundo do meu coração, eu desejei ter uma câmera escondida.

— Você não vai me chamar para entrar aí, vai? – Falava mais mole, a minha Fê.

— Eu não sei se eu aguento te ver ali no meio sem surtar de ciúmes.

— Eu acho que eu também surto de ciúmes se alguém que não eu toca em você. – Me disse, girando o copo nos dedos.

— Mas você quer entrar lá?

— Não sei.

— Se quiser entrar, eu entro com você.

— Dio, alguém já te falou que você é um péssimo mentiroso? Diz logo que quer entrar!

— Eu não sei se quero – Confessei. Quero dizer, olhe bem para aquilo lá. Um tricô humano. Era muito pinto, muita boceta, muita gente. Sofás e cadeiras e divãs e o escambau, tudo cheio de gente transando. No campo das ideias aquilo era lindo, o sonho de qualquer cara solteiro, só que eu, trouxa de marca maior, levei a minha mulher, a mãe dos meus filhos, para lá.

— Eu não me importo de ficar aqui só olhando – Me disse.

Tomou o copo numa tacada só e me fitou. Tomava coragem para quê? Me beijou com vontade. Eu esqueci que ela ficava com tesão quando bebia. Fazia mesmo muito tempo que ela não bebia daquele jeito e Fernanda se embebedava desde o restaurante. A pegação do lado de fora tentava imitar a pegação do lado de dentro do cubo. As mãos dela, mais descoordenadas e mais vacilantes, não queriam saber dos botões da minha camisa. A luz era fraca, mas era luz. O barman veria se quisesse, os homens tímidos veriam se quisessem. E

ela abrindo o zíper da minha calça. Resgatando meu pau da escuridão por baixo da mesa, me atacando com a boca com gosto de rum e ofegando.

Esqueça o que disse sobre não saber lidar com o fogo que era a minha esposa. Eu sei muito bem lidar com uma Fernanda naquele estado. Doce que estala no céu da sua boca e você lembra rapidinho o porquê fez dois filhos nela, porquê é doido varrido por ela.

— Eu quero entrar lá – Confessei, baixinho – Mas não quero ninguém colocando a mão em você.

— Também quero entrar lá, mas também não quero ninguém colocando a mão em você.

Guardei o brinquedo dela de volta na cueca e arrastei a dona do meu pau de volta pelo corredor vermelho. Ela ria, arteira e com vergonha, escondida atrás de mim, quando eu disse ao segurança:

— Jaula. – Com a convicção de que quem sabe o que está fazendo, embora não soubesse.

Entramos. Na recepção da jaula tinha uma moça com os seios de fora, sorrindo. Tinha um guarda-volumes para as coisas. Colocamos nossos celulares e os sapatos, não podíamos entrar de sapatos.

— Moça, – A Nina perguntou – tem algum código que eu tenha que dizer se alguém quiser meter a mão no meu marido?

— Você não quer que ninguém toque nele?

— Isso.

— Coloca isso aqui, nele. – A recepcionista morena de cabelo comprido e boca carnuda colocou na mão da minha Nina uma pulseira vermelha de papel.

— Me dá uma também, que eu não quero ninguém colocando a mão no que é meu.

Ganhei uma pulseira vermelha para colocar nela. Nos encoleiramos. Ela colocou a minha, me sorrindo muito, um pouco alegre, depois eu coloquei a pulseira nela. Sorri, pensando que ela ainda tinha ciúmes de mim e medo que os outros me tocassem. Me senti especial e fazendo alguma coisa certo. Uma mulher, depois de tanto tempo de um casamento de bosta, ainda ter ciúmes do marido, para mim, é importante.

— Desculpa, Dio, mas eu não sou moderna.

Não somos. Somos curiosos e sem vergonhas, mas não somos modernos. Nos olhávamos, parados na recepção, a Nina me medindo naquele misto de curiosidade e descrença, arteira também, sem vergonha. Um olhando para o outro, sem coragem de entrar. A moça da recepção me esticou uma camisinha também. Disse que, embora eu não pudesse tocar em ninguém e ninguém pudesse me tocar, a camisinha era indispensável para todo mundo.

Guardei no bolso da calça e nós entramos. Nos sentindo dois peixes fora d'água, eu escolhi um sofá vazio e nos sentamos. A Jaula não sabe que está sendo observada pelo Bar, o vidro é como aqueles que você vê nas salas dos interrogatórios de filme. Era um cubo descolado da realidade, onde todo mundo que está ali pensa que está sozinho, quando na verdade, o bar está todo te olhando.

É curioso o pudor que você perde ao não saber que está sendo observado. Era curioso o como é se inserir num grupo ao qual você sabe que não faz parte. Um clima de harém, cheiro de sexo e algum outro cheiro, coisa áspera que não combinou com a gente até que eu vi a minha Nina olhando fixamente para um cara comendo uma moça de quatro, os dois também de pulseira vermelha. A mulher de quatro gemia alto, os olhos fechados, o cara debruçado em cima dela fazia academia há mais tempo que eu. Olhei, também. Era para isso que a gente estava lá, de todo jeito.

Acabou que o clima de harém perdeu a aspereza e a gente passou a fazer parte dele. Ela olhava para o casal e eu parti para o ataque. Mordi o pescoço dela, afastando os cabelos suados dos ombros, puxando a minha Nina para o meu colo. Os pés no sofá, sentada de lado no meu colo, olhando o casal que se comia.

— Quer que eu te coma assim também? – Perguntei, conversando com o monstro que não tem vergonha, o fogo que queima lá dentro e não aparece todo dia. Sussurrei para dentro do corpo dela e ela estreitou os olhos, sentindo o que as palavras faziam com ela. – Te boto de quatro aqui e agora.

Ela me olhou, os olhinhos brilhantes, sorriso de menina arteira. Sentada em cima do meu pau guardado, sentindo-o duro na bunda. Jogou os cabelos para trás, as mãos em mim.

— Ela parece que está gostando.

— Você geme mais bonito.

— Ela parece que já vai gozar, Dio, olha.

— Eu vou para onde você for, Nina. – Puxei os pés dela para mais perto da minha perna e ela sorriu, se lembrando que eu gosto muito dos pés dela – Se quiser fazer alguma coisa aqui, sou todo seu.

— Guarda isso lá para casa, Dio.

— Então segura.

Virei-a de frente no meu colo, o rosto da Nina dividido entre a vergonha e o tesão. Vermelha, alegria injetada por álcool, corada. Um pé de cada lado da minha cintura, as pernas me abraçando nas costas. Envolvidos num mundo só nosso, embora o cubo nos lembrasse que estávamos num espaço público. Me beijou com fome, o cheiro das bebidas que bebeu, o cheiro do perfume sobre a

pele suada, o cheiro dela que brota da raiz dos cabelos e só aparece algumas horas depois do banho. Tudo muito especial e muito divertido de ser parado. As mãos dela no meu pau, nas minhas costas. Minhas mãos que abriam caminhos. Puxei-a pelos cabelos tal como puxava os meus. A raiz molhada, os cabelos dela molhados de suor me deu muito tesão.

Por cima da calcinha dela, senti o melado escorrendo. *Melada*. Ainda não acostumei com a minha Nina se melando de novo por minha causa. Entrei com os dedos e ela parou. Suspirou forte e congelou inteira. Me olhando com olhos de amor, cegos de amor, doida de pedra que nem eu, mordendo o meu lábio de baixo.

— Segura, Amor. — Repeti — Guarda isso lá para casa.

Ficamos naquela tortura até as quatro da manhã, nós dois naquele reboição de pau e bocetas que explodiam. Vimos mais um monte de gente transando na nossa frente, a minha mão sempre procurando por ela, a mão dela sempre procurando por mim. Saímos da jaula quando ficamos com sede, ela me seguindo, mansa e minha, de volta para o bar. Pedimos duas águas, encontramos a Ana e a Bia, as duas no andar de baixo. Não podíamos nos ver, não podíamos nos beijar. A tensão era tanta que o casal vinte nos mandava parar. Fernanda já estava muito aquém quando me pediu para ir embora e eu também não estava muito bem.

Entramos no carro e ele cheirava diferente, abafado. Era aquele cheiro de sexo em lugares apertados, mas não era ranço. A Fê se sentou no banco de passageiro e eu assumi o volante. Mal tínhamos chegado na portaria do prédio da Bia, a Fê dormia. A Ana riu, riu muito, me vendo frustrado. Abandonei-as ali e combinamos de elas buscarem o próprio carro na minha casa no dia seguinte. Voei para casa na esperança que a Fê acordasse disposta e alegre, mas o resultado era bem oposto, tive que carregá-la para dentro de casa. Coloquei-a deitada na nossa cama, bêbada e suada, resmungando.

A bomba estava alojada na minha virilha e eu não conseguiria acordá-la para estourar. *Pensa rápido, pensa rápido*. Peguei os saltos dela, abandonados no canto do quarto e fui para a sala. Liguei a câmera nova.

Capítulo 16

Eat Me

É sábado de manhã, entre dez e meio dia, não sei com precisão. Estou de fones de ouvidos, a Fê vai acordar com muita ressaca e me xingaria se eu colocasse música na casa. Estou com a playlist da Ana, ela compartilhou comigo as músicas que ela usava na academia e confesso, eu não esperava um gosto musical tão apurado.

Admiro gostos musicais porque eu próprio sou um lixo para escolher músicas. É AC/DC que toca na playlist dela. Dá um gás enquanto eu, usando a gíria da minha mãe, rebolo na cozinha. É o penúltimo dia do feriado sem filhos. O único dia completo sem filhos, do feriado sem filhos. Hoje é o dia. Nem se ela me dissesse que estava menstruada.

Estou me esforçando com um penne ao molho de camarão com catupiry. AC/DC ralhando comigo. Eu lembro de algumas músicas deles da época que a MTV era boa, da época que eu era adolescente. Desculpem, garotos, vocês perderam a melhor parte da MTV. Enquanto a MTV de vocês promove Fresno e Demi Lovato, a minha promovia AC/DC, Aerosmith e Guns que também tem na playlist da Ana. Canto algumas partes, estou feliz. Uma injeção instantânea de felicidade enquanto lavo camarões na pia.

Se ela acordasse e conseguisse se levantar da cama, hoje ela me flagraria de cuecas, preparando o almoço e encarnado num Lipe no 330V, para lá e para cá na cozinha. Talvez essa segunda parte não fosse nem um pouco sexy, mas seria engraçado.

Não me sai da cabeça aquela Fernanda que dançava como uma adolescente. Que se esfregava em mim como uma adolescente. E que puxava o meu pau para fora da calça. Não me sai da cabeça aquele cubo de vidro, o cachecol de gente. As sandálias dela estão lá na sala, abandonadas. Algum rastro de porra minha em cima deles, eu tenho até vídeo para provar, mas acho que vou deixá-lo para outro dia, não gastar as cartas todas e eu já usei a tática do vídeo uma vez. Com o

celular que não fica parado, uma filmagem toda tremida, mas usei.

Está tocando uma versão do Beatles bem melhor que a original. Nunca aprendi a gostar deles. As músicas da Ana mexem com você por dentro. É uma bomba de emoção e você escolhe como vai senti-las. Se vai gastar tudo numa esteira, ou se vai usar isso para sentir tesão. Eu escolhi a segunda, naquele dia. As músicas tinham duplo sentido, como são todas as músicas de Rock n' Roll antigas. Ou elas falam de mulheres, ou estão glorificando a própria vida Sexo & Drogas & Rock n' Roll. Ana, curiosamente, só escolheu as que falavam de mulher.

Cinco porradas do AC/DC e uma do Aerosmith, eu estava muito no espírito. Se não fosse o almoço, eu subiria para acordar a Fê. Se o Lipe era o arrumador oficial de mesas, a Ana seria, daqui para frente, a DJ oficial. Eu já tinha aquela playlist há uns dias, mas não tinha ouvido ainda porque eu gastava meu tempo na academia dando ouvidos às teorias malucas da Ana e os rebates teóricos da Bia. O leitor já teve prova de como, se a gente der corda, a Ana vai longe falando sozinha.

Mas eu lavava camarões. A minha esposa dormia e eu preparava o almoço. Não sei se por estar mais acostumado ou por não ter misturado fermentados e destilados, eu estava bem. Não políciei o copo da Fernanda, então não sei se posso dizer o mesmo dela. Deus queira que ela não acorde travada, ou vou ter mesmo muito trabalho para colocá-la no mesmo espírito que eu.

Acabou a playlist e eu a coloquei de novo. Era boa, bem boa mesmo. Voltei à primeira da lista e continuei. Senti-me observado e ela estava li, encostada no batente, me olhando e sorrindo. Tirei os fones de ouvido e guardei-os em cima da geladeira, junto do celular que até então eu aninhava na entrada da cueca. Não estava de ressaca?

— Bom dia, Beijoqueira.

— Bom dia, Voyeur. – Tinha o sorriso que eu queria que desse quando me flagrasse na cozinha. Imaginando sacanagem. Minhas mãos de camarão no entanto, não eram nada sensuais. Ela usava uma

camisa com a manga cavada ao melhor estilo daquela do Van Halen de outro dia. Uma nesga do seio escapava por baixo, enquanto a tatuagem aparecia de novo para dar seu ar da graça. Não usava nada além, só aquela camisa. Descalça, os cabelos molhados. Veio, naqueles passos lentos que prolongam o olhar, e me deu um beijo de bom dia. Cheirava a menta e shampoo, não mais a suor e bebida. Era um cheiro bom também.

— Você tá legal?

— Uma dor de cabeça, mas nada muito absurdo. — Sentou-se na bancada, entre o penne cru e a tábua de carne cheia de temperos por cortar. — Achei que eu ia acordar muito mal.

— Eu também. — Sorri-lhe, espremendo limões em cima dos camarões, na bancada da pia. — Que você estava ouvindo? Pareceu barulhento para ser Caetano e Chico.

Estiquei o celular para ela e ela sorriu, bem contente, em me ver ouvindo aquilo.

— Acho que te devo umas desculpas — Disse, rolando a playlist para baixo. — Eu também não conheço bem seu gosto musical e te julgo por gostar só de voz e violão.

Mulher, eu sou um pesadelo. Voz e violão é a música que me faz parecer uma soneca.

— Essa playlist é da Ana. — Confessei. — Ela compartilhou comigo quando estávamos na academia.

Ela trouxe as caixinhas de som da sala para a cozinha, plugou o fio na tomada mais perto da mesa, na copa, depois plugou meu celular. Brian Johnson gritava aquela voz esganiçada dele por toda a cozinha. Ela sabia de cor todas as músicas, eu só sabia as mais populares. Minha mulher gosta de AC/DC? Não é isso o que qualquer animal de tetas (menos eu) suporia com uma mulher que veste uma camiseta de Rock Antigo em casa?

Anotar isso numa parte do meu cérebro para que eu consultasse mais tarde. Ela veio para o lado de cá da bancada e me ofereceu ajuda. Cozinhar com a sua esposa definitivamente é outro nível. Apreendi a

gostar de cozinhar, principalmente porque o Antônio dava boas dicas, mas cozinhar com a sua esposa é outra parada. É como namorar, só que mais íntimo. Coisas que você só pode fazer morando junto.

Eu e ela naquela cozinha num sábado de manhã de Sol, preparando a nossa própria comida. É esse o patamar de casório que eu quero atingir. Nem todos os dias, por conta dessa São Paulo maldita, a gente vai conseguir se divertir cozinhando e ouvindo música alta, mas tínhamos que estabelecer aquela rotina para os almoços de domingo, (embora hoje fosse sábado) como estabelecemos os sábados para fazer coisas fora de casa, tirando esse feriado.

— Que é isso aqui? – Olhava para dentro da geladeira, na parte do freezer, para um pote pequeno – Framboesa congelada? Pra quê?

Bem lembrado, comprei hoje de manhã e já tinha me esquecido. Fazer um doce que vi na internet. Ela gosta de cheesecake, eu não vejo a menor graça, mas talvez, se eu fizesse uma taça de CreamCheese com frutas vermelhas, eu visse graça em queijo doce sem ser no Romeu e Julieta. Pedi para ela deixar em cima da bancada, enquanto eu enchia uma caçarola com água, para o macarrão.

Bradávamos as músicas antigas como se fossem nosso hino. Eu acabava de descobrir que a mulher que eu como há mais de dez anos tem alguma semelhança musical comigo. A MTV da casa dela era a mesma que a minha, afinal. Entre nós, mais que um almoço e um namoro, rolava uma nostalgia. Um saudosismo. Tinha merda naquela época? Claro. E tinha boas coisas. Descobri, naquele almoço, que minha esposa era apaixonada pela Madonna, na adolescência. O Leitor poderia imaginar? Não lhe parece óbvio, agora que você conhece a Fê?

E eu nunca percebi, rindo comigo, misturando morangos picados e framboesas numa panela, com um pouco de açúcar. Framboesa congelada não é o tipo de coisa que você compra todo dia e a Fê roubou uma para saber que gosto tinha: fez cara de "Eh, ok" e depois, roubou um morango.

Achou na geladeira um chantili que estava abandonado desde o aniversário dela, da decoração que os meninos fizeram para o bolo. Apertou a válvula e testou o gosto. Fez a mesma cara que fez para a framboesa. O leitor pode imaginar o resto.

Para o meu gosto de bicho do mato, chantili não tinha muita graça para comer sozinho. Só que na pele dela...

— Ei, Dio, acho que temos um problema aqui – Lá estava ela, sem camisa, toda nua, sentada na bancada, um pouco de chantili num dos mamilos. A água do macarrão fervia. Foda-se a água do macarrão.

Uma coisa que aprendi com ela é que uma boca num mamilo é legal, mas ela fica muito mais alegre quando o faço com as mãos nas costas dela. Tudo nela é zona erógena, tudo. Engraçado que tem dias e dias. Nem todo dia a quantidade de tesão seria o mesmo e cabia a mim, a cada dia, descobrir qual era o número premiado.

Só que aquele era o dia do paraíso. Ela ficou realmente muito feliz com só uma língua que encontrava um mamilo. Acredito que todos os números que eu jogasse seriam números vencedores. Mesmo os sequenciais, que a gente nunca joga na mega-sena por acreditar que eles sejam improváveis.

O sexo que ela me prometia, ah ele... Ele seria sensacional.

Limpei o creme e coloquei o penne na água. Sentada na bancada, nua, ela picava a salsinha na tábua de carne. Vestiu a camisa pouco depois. Abri a porta da cozinha, o Sol invadia, tímido, a nossa casa. Da janela ele já dava seu ar da graça, pintando tudo com luz natural. Era um dia perfeito. Nada que atrapalhasse. Dia seguinte seria domingo e nós acordaríamos tarde. E segunda, dia de voltar para o batente, só um futuro distante.

Ela desceu da bancada quando terminou, mas estava cheia das gracinhas. Debruçada sobre a bancada, a bundinha arrebitada, ela descascava alhos. A gente tinha alho triturado na geladeira, mas ela fez questão de empinar aquela bundinha maravilhosa e cortá-los. Eu de costas para ela, cuidando da panela de água fervente, derramando um fio de azeite e salpicando sal na água, perdi o exato movimento

em que descia da bancada, vestiu a camiseta e se ofereceu. Só deu tempo de vê-la de costas, a barra da camisa errante que me deixava à mostra metade da bunda.

Não precisei sequer pensar, só abaixei ali, enfiei-me entre as pernas dela e fiquei namorando aquela parte do corpo. Devoto, eu diria. Sem nenhuma cerimônia, aquilo era meu. Lembrei-me da ceninha do banheiro só por que olhei para a bunda da Angélica. *Mulheres.*

Entrei no meio das pernas dela, o rosto diante do monte de Vênus, encostado no balcão da bancada. Escorreguei um pouquinho para frente, para alinhar minha boca com o alvo. E aí foi só questão de tempo.

Ela pretendia cortar alhos, eu não a deixaria. Eu adoro o gosto que tem aquela xoxota. Não sei por que ela inventa de passar aqueles sabonetes perfumados, eu gosto do cheiro natural dela, do jeito que ela é. Quando passa creme no corpo fica um cheiro diferente, legal e tal. Mas não tem cheiro de mulher. Não me chamaria purista nem se quisesse, mas eu gosto das coisas como elas são. Que mulher cheira a rosas? Cheira a baunilha e lavanda e essas porras? E pra que cargas d'água elas cheirariam? Ela tem, naturalmente, um cheiro doce. Dá para sentir na raiz dos cabelos no dia seguinte que os lava e bem ali, aonde eu estava com a boca. Eu quis ter a câmera em mãos. Só uma foto. Da bunda dela comigo no fundo e a língua, se o fotógrafo acertasse, estirada para fora. Uma boa foto.

Eu não sei se comprei aquela câmera para ela, ou para mim. Acho que eu é que tenho um cunho exibicionista e a arrasto comigo. Ou nós o temos, isso seria bom. Eu gosto de olhar, sou um cara visual, bem já disse isso. Gosto de olhar e mais, gosto de demorar o olhar. Ela odeia isso, quando eu olho demais. Não dá para ficar encarando o que eu quero ver que ela se irrita, tem se envergonhado. Por isso eu tiraria um milhão de fotos dela, só para poder olhá-la sem ser incomodado.

É, decidi, momento como esse tem que ser guardado. Corri para a sala e peguei a câmera. Voltei para a posição inicial e cliquei. Ela

ficou ali, parada, sem entender. Mostrei a foto enquanto caprichava no serviço. Ela arfava, na ponta dos pés, uma das mãos na lateral do meu rosto.

— Você devia ficar com a câmera – Me disse, meio mole e meio assoprado – Dá para ver sua língua, ficou sensacional – E ela rolou para o lado, ver o que mais tinha na câmera. Eu não esperava que ela o fizesse. – Ah, mas que puta que o pariu, Dio – Tirou meu café da manhã da boca e me olhou, quase encostada no fogão, do outro lado da nossa pequena cozinha, irritada – No meu sapato não, caralho!

O que você queria que eu fizesse? Te acordasse?

— Porra, Dio, que merda! Você parece um cachorro!

Eu até faço analogias com tesão e a fome de um cachorro, mas fico ofendido quando não sou eu que as faço. Eu não me pareço um cachorro, eu tenho muito mais desenvoltura na trepada do que pode pensar um rottweiler em seus melhores dias. Eu estoco muito mais bonito, também. E minhas mãos não ficam paradas nas ancas da cadela enquanto eu meto. Eu sou um tesão metendo, eu sei disso. E ela me chamar de cachorro... me ofende.

Ergo as sobrancelhas e mexo a boca para os lados do tipo "Ok ,então" e não digo mais nada. Ela ainda está brava, mas não desgruda os olhos da tela da Nikon. Fica me olhando, o cachorro, batendo punheta para as sandálias dela.

Se eu sou um cachorro, Fernanda, você é uma cadela. Que fica no cio todos os dias desde que esse projeto de seis meses começou.

— Vá limpar minha sandália.

Eu ia limpar suas sandálias de qualquer forma, Fê. Eu só não consegui me erguer do tapete depois que terminei. Obedeço, como um cachorro. Levo as sandálias para o tanque do lado de fora e passo um pano nelas. Volto só quando as julgo limpas. Entrego-as e ela as vestiu. Usa do meu ombro para se apoiar enquanto as calça. Aquela era a sandália que eu escolhi, quase nenhuma tira de couro sobre os pés, salvo uma tira fina no tornozelo e uma, tão fina quanto,

segurando os dedinhos. Aquela sandália é especial para mim e eu nem sei exatamente como. Só sei que é.

— Você devia ter batido essa punheta, Dio, com os meus pés dentro. E não fora. — Fazia beicinho. Me beijou a testa, fazia carinho. Fiquei confuso e aquela confusão me deu um tesão fodido. A última coisa que eu quero hoje é bater punheta. Estou de saco cheio de punhetas. Eu gosto delas, de verdade, mas isso não é comida de homem feito. É olhar para a lasanha comendo fast-food. Estou cansado de lanche. Quero algo que sacie a minha fome. Aquele belisquinho que dei na lasanha também, ainda no carro, não foi nada. Só aumentou a fome e a vontade de comer; só piorou a minha situação.

Se bem que se ela rebola no meu cacete de novo daquele jeito, eu não sei por quanto tempo sou capaz de aguentar. Lembro-me do macarrão enquanto filosofo. Ela está linda, de camiseta e salto alto. Pego um penne fumegante e coloco na boca, ele ainda está meio cru. E aí eu lembro de outra coisa. Que a framboesa derretia à mingua na panela.

Retomamos a cantoria e à comida. Ela batendo o salto no piso frio para lá e para cá, as pernas naquele transe, a bundinha arrebitada, me tirando toda a atenção. A última coisa que aquela mulher queria era o almoço. Ela queria ser o almoço, eu logo vi. Um homem, é como eu disse, tem que ser muito forte para manter o plano nos trilhos.

— Mexe aqui essa calda, Amor? — Pedi, diminuindo o fogo das frutas.

Ela mexia. E a bundinha mexia junto. O corpo todo se mexia conforme os braços. *Será que dói muito, se eu pedir para ela caminhar por cima de mim com aqueles sapatos?*

Apanhei, embaixo da bancada, o liquidificador. Misturei CreamCheese com leite condensado. Não raspei a lata do leite condensado só para a gente poder comer o sobra. Bati pensando se eu deixaria ela usar o leite condensado, ou se eu preferia usar. A música sumiu no meio do estardalhaço do liquidificar. Pleno século

vinte e um e ainda não inventaram um troço silencioso?

Coloquei raspas de limão e laranja no meio da massa depois que desliguei o aparelho. Ela ainda mexia a panela. Conferi o penne, já estava bom. E eu o escorri, dando um banho de água fria nele.

— Dio, você está um tesão, hoje.

Só hoje? É assim que eu me sinto com você para lá e para cá na minha vida. Sem saltos ou de saltos, de vestidos ou de legging. Eu usava cuecas e mais nada. A cabeça do pau marcando no pano. Limpei a mão molhada no pano de prato e coloquei-o sobre os ombros, como os chapeiros o fazem. Sorri olhando para a frigideira que eu estendia sobre o fogão e coloquei a manteiga. Depois, as cebolas em rodelas. Mexíamos nas panelas sem prestar atenção nelas. Sorríamos como um casal de adolescentes que queria se comer, mas os pais estavam perto. Eu jogava tanto charme para a minha mulher como ela jogava para mim.

Eu gosto de falar "minha mulher" mais do que falar "minha esposa". Eu sou um cara possessivo, eu gosto da ideia de tê-la mesmo que ela me prove que não pode ser possuída. Fernanda não é uma coisa que eu guardo no bolso, mas eu gostava de pensar que ela era minha. A minha mulher. A mulher com quem eu caguei no pau e que tentava dar um jeito.

Deliguei ambas panelas. Me perdoem, camarões, mas na minha cabeça tem mais merda que tem a de vocês. Arrastei Fernanda pela mão lá para cima e ela riu como se fôssemos um casal de amantes que transa longe da visão do marido. *Fernanda, eu posso ser esse cara hoje*. Sinceramente? Eu posso ser quem você quiser.

Não, espera. Desci correndo e a deixei frustrada. A câmera. Agora sim. Coloquei-a no criado-mudo para fácil acesso, mas não a deixei filmando. Ela parada perto da janela, salto e camiseta, só isso já rendia uma foto. Bati. Estávamos desgovernados, não tinha roteiro para esta parte do plano. Estávamos, é meio babaca dizer isso nessa altura do campeonato, nervosos. A gente se beijava, primeiro um pouco afobados, depois calmos de mãos carinhosas. Mãos mais

macias que ofensivas.

— Você quer com rosas na cama? – Perguntei. É foi uma pergunta séria.

— Não – Disse, retomando os lábios de volta aos meus.

— Quer almoçar primeiro?

Só voltou a boca para a minha e eu não perguntei mais nada. Um beijo acalentador de espírito e receios. Dava vontade de sorrir com aquele beijo. Ela também. Descolei os pés dela do chão e ela envolveu minha cintura com as pernas. Inteira em mim. Ainda me beijava. As mãos no meu rosto, AC/DC que gritava para ninguém, lá embaixo.

Eu é quem mudou o tipo de carinho que aquilo era. Encostei-a na parede, desci da boca para o queixo. Ela ainda manteve o carinho e eu gostei daquilo. Me beijava a têmpora, enquanto eu me ocupava com queixo e pescoço. Segurava meu rosto com as mãos. Não queria amor antes, agora quer. Não sei se eu consigo segurar o cachorro, Nina.

Dançamos até a beira da cama, ela em cima de mim, ainda. Estamos sentados. Afasto os cabelos molhados do pescoço e tiro a camisa dela. Só os saltos, por Deus. Desço a boca, eu quero sentir o gosto dela. Os bicos duros, um deles ainda um pouco doce, do chantili. Ela arqueja, arruma as pernas atrás de mim. Aquele seria lento. Bem lento, pobres dos camarões.

— Você confia em mim?

— O quê? – Eram palavras muito sussurradas.

— O suficiente para fazer isso de olhos fechados?

Puxei da gaveta do criado-mudo uma daquelas vendas que as madames dos filmes usam para dormir. Essa foi a outra coisa que eu comprei, quando fui no sex-shop no aniversário dela. Ela sorriu sem entender, virando a cabeça um pouquinho, os olhos desconfiados. *Vamos, Nina. Me deixa.*

Ela, sorridente e desconfiada, colocou as vendas. Sorria um sorriso que não era lascivo. Entendia aquilo como uma brincadeira.

Dia de confirmar que minha mulher não é visual como eu. Fernanda é auditiva dos pés à cabeça. Por isso ela ama a música, por isso ela ofega enquanto eu falo.

Tirei-a do meu colo, coloquei-a sentada na cama, os saltos no chão. Sorria. Lambi um peito do pé e depois outro. Sentindo a tira da sandália travar minha língua. Ela travou os dedinhos dos pés. Tirei as sandálias. Ela sorria, mas menos. Puxei a câmera. Um clique foi o que ela ouviu. Subi a língua pelas pernas até chegar na barriga. Mordi as costelas, me alojando entre seus joelhos. Outro clique. De que ângulo? Qual parte do corpo? Ela não sabia. Eu sou um cara visual e que não sabe transar sem usar a boca. É pela boca que eu consigo manter nossa família, é pela boca que eu gozo. Tenho prazer em comer, em gozar e em me comunicar, tudo pela boca. O gosto das palavras e das mulheres. Da minha mulher.

Passeio, sem pressa, pelo dorso dela. Não me importo com porra de quilos a mais, Fernanda. Vê se entende isso de uma vez. É bom de morder. Dá vontade de te mastigar. Ela segura a minha cabeça como se me guiasse pelo corpo, mas a verdade é que eu guiava as mãos dela. Passo a língua pelo meio dos seios, do umbigo até o pescoço e ela ofega, endireita a coluna. Gostou disso? Preparo-me para fazer de novo. Termina com uma mordida no pescoço, as mãos dela menos carinhosas no meu rosto. Puxo-a um pouco para frente, encosto o peito dela em mim. Sinto o calor, no meu umbigo, do sexo dela. Está muito quente.

Ela me beija, geme enquanto o faz. Me ataca com aquelas mãos punidoras muito más. Invade o cóis da minha cueca, procura pelo brinquedo. *Calma, Nina*. Me deixa te explorar primeiro. Arrumo-a deitada na cama. Brinco com os pés dela. Aquilo é uma carinha de quem está gostando? Fernanda, você tem tesão quando te beijam os pés? Ela ouve um clique, não sabe. Outro. Vamos fazer inveja a qualquer revistinha de sacanagem.

Subo a língua pela parte interna das coxas. Ela curva a coluna, se afunda na cama só com a promessa. Eu sequer me mexia, sequer

entrava com a língua onde ela queria que eu entrasse. Era tesão que vinha só da cabeça dela. Adorei descobrir que eu podia brincar com ela daquele jeito. Lambi, despretensioso, só os grandes lábios, sentindo a textura dos pelos curtinhos. Brinquei ali, sem nenhuma intenção de terminar aquilo. Subi e senti um desapontamento nela. Barriga de novo, umbigo, estômago, os seios. A boca aberta e o ar espremido em gemidos baixos me contavam o que eu queria saber, tudo o que eu precisava saber e mais um pouco. Virei-a de costas e ela empinar aquela bunda foi só reflexo. A boca nas costas. Outro clique. Nunca mais faria amor, meteria nela, o nome que o leitor quiser dar. Nunca mais faríamos aquilo sem que eu me ocupasse das costas. Ela gemia bonitinho enquanto eu a lambia, do pescoço à lombar. Uma massagem com a língua e alguns apertões indevidos naquela bunda que teimava em se roçar no meu pau.

Eu decidi, de última hora, que quero ouvir você me pedir por favor. Quero ouvir você ser mansa sem querer sê-lo, só para que eu termine essa sua agonia. É isso o que eu quero, hoje. E eu não vou adiantar meus passos para te acompanhar, se quiser, você que retarde os seus.

Porque eu estou adorando você assim, Fê. Sem saber meus próximos atos, cega. Só seu gemido de fundo e a playlist da Ana que toca indefinidamente, lá embaixo. Dou mais um clique com a câmera, a minha confidente nessas horas. Na foto dá para ver o rastro que minha saliva deixa nas costas. Ela sorri quando ouve o clique. Desço para os pés e o sorriso acaba. É oficial: Fernanda tem tesão nos pés. Ou ela tem tesão de me ver aos pés dela, ou tem tesão porque deduziu que eu tinha tesão em pés. Ou só tem tesão em me ver com a boca nos pés dela, só isso. O que fosse, eu gostava de saber.

Essa foto vai para você, Fê. Fiz pose. Para você ver depois e ficar com tesão, sozinha. Encare isso como um presente. Um clique. Ela desceu a mãozinha, sorrateira, para o próprio clitóris. Afastei-lhe as pernas. Vai ser assim, então. Você brinca daí e eu brinco de cá. Coloquei a cabeça do pau roçando na entrada da fonte, sem entrar.

Sentindo o calor e o suco. Sem entrar. Ela se movia com rapidez, sedenta, queria. Sem entrar. E aquela reboladinha linda era uma tentativa frustrada de me colocar para dentro.

Eu já falei, Nina. Você vai ter que implorar. Vou reivindicar, de novo, minha autoridade sobre a sua porra. Desci para a altura das costas dela, apoiado nos braços para não pesar. Ela gemia, mais alto, cada vez mais alto. Tecnicamente eu estou parado. Tudo acontece e eu não fiz, tecnicamente, nada. Só a mão dela trabalhava. E o quadril trêmulo, se roçando na cabeça.

Mordi-lhe o pescoço, o ombro. Outro clique, mas, de onde? Ela gemia baixo e eu comecei uma brincadeira nova. Falar sacanagens no pé do ouvido dela. O leitor quer saber o que eu disse? O leitor pode trabalhar a própria imaginação. A Fê é auditiva. Definitivamente, verdadeiramente, auditiva. Tudo bem para ela não ter os olhos, a cabecinha doentia da minha esposa trabalha os detalhes que os olhos não veem. Ela miava, agora. Lindo demais para ser censurada.

— Pede — Eu disse a ela, bem baixo, bem rouco, do jeito que ela gosta — O que você quiser e eu te dou.

— Dio, — Meus dentes cravados no vão entre pescoço e costas. É só pedir, amor. Vamos, peça. — Dio...

Vamos, Nina. Peça. Implore. Forcei, de leve, bem de leve, na rampa escorregadia que meu pau encostava. Vamos, Bonita. Implora.

— Dio, — Vamos, isso, só mais um pouquinho — Por favor...

"Bota seu pau dentro de mim", "me fode", "me come". Escolha uma dessas e manda, Fê. Bota um "pelo amor de Deus" antes. Vamos Nina. Não deixa o orgulho te passar a perna.

— Dio... — Eu já entendi essa parte. Forço ainda mais a amizade. Ela imploraria. Tiro a mão dela do clitóris. Coloco as duas para cima da cabeça. Se não quiser meu pau, vai ter que se esfregar com as pernas. Ela se contorce. Linda de morrer mordendo o travesseiro. — Não, Dio, para —

A tortura tem um lado doce. Ninguém está tocando ninguém. É tesão com a cabeça. É envolvê-la numa história bem contada e esperar

que ela floresça, que ela se abra. Que ela engolfe o meu pau e goze.

— Pede.

— Dio, – ela respira, ofegante, baixa, rouca. Explode a granada que já está sem pino tem capítulos por demais – Me come. Por fa –

Vitória. Empurro meu caralho para dentro dela e ela geme. Geme amor, geme mais alto. Tá baixo esse teu escândalo. Deixa os vizinhos ouvirem. Eu queria ter autocontrole o suficiente para tirar foto de você nesse momento, mas eu não tenho. Ela está quente e muito úmida. Aperta meu pau lá dentro e só com isso, sem nenhum movimento brusco, eu sou capaz de afogá-la em porra.

Movimentos leves, bem lentos. Um vai...

Ela se abre, mostra aquele cu apertadinho lindo e as bordinhas da boceta engolfando meu cacete e pedindo mais.

E um volta...

Ela não se aguenta. Eu não me aguento. Um vai...

As mãos dela em cima da cabeça, eu aperto com uma mão, os punhos dela. As pernas dela abertas até o limite, eu vejo os pés contraídos da minha visão periférica. Ela está muito vermelha. Muito linda. Eu sou o cara mais sortudo do planeta.

E um volta...

— Mais, Dio –

— Mais o quê? – Eu morro de tesão quando ela fala assim comigo.

— Mais rápido.

Obedeço. Esquece o que eu falei sobre a não-britadeira. Estocar é minha arte. Rápido e forte, sem vacilo, sem protelar, sem erro. Se ela rebola como ninguém, meu bem, eu sou o mestre na arte do bate-estaca.

Geme alto, aquela vadia. Geme alto como eu queria que ela gemesse quando começaram os seis meses. Tiro a mão dos punhos dela, a deixo livre. Ela as usa na cama para se apoiar, mais nada. Não consegue fazer mais nada. Deixa que eu comando, amor. Só encosta e me observa. Eu conduzo a nossa valsa.

Virei-a de frente. Ela é um tesão de costas, mas de frente fica muito melhor. Consigo dar um só clique, não mais que isso. Ergo as pernas dela para meu ombro, os dois pés bem perto da minha cabeça. Ela tira as vendas. Quer ver? Ah, você quer ver?

Rápido com o quadril e forte com os dentes. Um dos pés dela na minha boca. Tão contraído e duro que eu não consigo lambe os dedinhos. Ela assume a máquina, somos dois os registradores, não só eu. Ela bate a foto, eu mantenho a cara que para mim é natural. Não é pose, aquela cara. É só o resultado de semanas de espera. É só o que ela faz de mim.

Desço dos pés para a boca. Ela geme alto, abafada. Coloca as mãos no meu rosto e sorri, linda. A mulher mais linda do mundo. A dádiva que Deus me deu e eu não mereço. Os olhos baços, cheios de graça, lindos. Duas bolas grandes e lindas. O carinho ainda está ali. Vem-me a primeira onda de um cachorro que não sabe esperar. Uma pontada de porra. Seguro. Agora não, não ainda. Se vira, corpo. Dá seus pulos.

— Olha pra mim — Ela diz, baixinho, entre lufadas — Não desvia os olhos e goza comigo.

Capítulo 17

Teoria dos Jogos

— Eu caso – Ela disse subitamente, enquanto movimentávamos as panelas de volta para o fogão – Desde qu –

— Sempre tem um "desde que". – Reclamei

— ... Desde que você me prometa –

— Sim – Atravessei. O "eu caso" foi tão inesperado, que eu aceitaria qualquer condição, qualquer letrinha miúda no fim do contrato.

— Espera eu terminar minhas condições, né.

— Desde que o resto dos anos sejam exatamente como este primeiro mês, acertei? – Chutei.

— Não, – Na trave! – desde que você não volte a ser aquele Rodrigo escroto de antes. Desde que, por mais que nossa vida não possa ser uma repetição infinita deste primeiro mês, por favor Dio, será que dá para você parar de, como você diz, cagar no pau? Eu apreciaria muito isso.

— Então eu tenho uma condição também.

— Você não está com moral para isso, jovem.

— 100 convidados.

— Mas nem que a –

— 100 convidados. Pelamor, só da minha família tem umas 70-80 pessoas e da família mais próxima, hein? Não tô nem falando dos distantes.

— Dio, eu não tenho ninguém – Sempre que eu pensei em levá-la ao altar como se deve, nunca reparei nesse pequeno detalhe – Quem você acha que eu vou chamar? Meus primos? Meus tios que viraram as costas para mim quando me viram sem grana? O casamento vai ter só a sua família e cem Rodrigos num casamento que eu nem faço questão é muito para a minha cabeça.

— Não fale assim – Barganhei. Fiz bico, jogando os camarões na frigideira que expurgava manteiga. – A gente não vai arrombar o

cofre do Banco Central, só vamos consumir com festa, como se deve, o que a gente faz tem dez anos. Não é o fim do mundo.

— É esse ano que a gente faz dez anos – Ela remexia a calda de morango e framboesas da sobremesa – Você fala como se já tivéssemos dez anos de casados, mas não temos.

— A gente podia casar na nossa Bodas.

— A gente podia é almoçar logo! Pensa em casamento, mas não dá a mínima para o meu estômago roncando!

Ela ria. Foi ela quem tocou no assunto do casamento, não eu. Sem saltos e de camiseta outra vez, ela ria. Os cabelos ao melhor estilo "dei e dei com gosto" o rosto ainda inchado. Só levantamos da cama porque não dá para guerrear contra a barriga. Estava sexy, sensual como, vou ser redundante e vê leitor, me dê um desconto, sexy como um sábado de manhã. Pedi que ela arrumasse a mesa depois que o molho ficou pronto, enquanto eu montava o doce de queijo e leite condensado nas taças, mais a calda.

— Você vai mesmo me obrigar a ver a foto do vexame? Dio, você não estava lá comigo? Por que diabos foto?!

— Mulher, – Estou pegando os trejeitos da Ana, pobre de mim – até você tirou fotos dessa vez. – Ri, colocando o molho sobre o penne do prato dela. A câmera ocupava o lugar do Guto na mesa que, de repente, ficou grande demais. – Quero montar um álbum só com essas coisas.

— Olha, – Recebia o prato e apanhava as ferramentas da mesa – eu vou ser bem sincera: sou contra.

— 'Causo de quê?

— 1: A quem você vai levar isso para revelar? 2: aonde você vai guardar uma coisa dessas? 3: E se a gente morre, já pensou o que o Lipe e o Guto pensariam da gente?

— Se a gente criar esses dois direito, eles vão ter orgulho de ver a gente se divertindo. Eles ficarão embaraçados com a situação, mas depois vão ver como registro de amor. É amor isso aqui, Fê – Apontava para a foto de uma Fê em êxtase – Eu acho que o Guto e o

Lipe do futuro ficarão felizes em ver a que a gente se amou o máximo que pôde.

Com essa frase matadora, eu ganhei o aval da minha esposa para fazer nosso próprio álbum de sacanagens.

— "Amor" – Remedou. Cedeu, mas não sem antes reclamar – Isso aí – falava de mim, agora – Não vale o que come.

Olhávamos o resultado das fotos pelo visor da câmera. Era engraçado, curioso no mínimo, olhar a nós mesmos num outro contexto. Era a única foto que ela tirou de nós dois, todas as outras eram minhas. Era, por ser a única que ela tirou e também a inauguração da câmera (pelo menos, a estreia dela na máquina) a foto mais especial. A que ela não parava de olhar.

— Você ficou com cara de modelo da Calvin Klein.

— Fiquei bicha? – Ri e ela revirou os olhos de descontentamento. Aquilo devia ser um elogio? Apreendi com Antônio a comer com a mão. No molho de catupiry eu caçava, como se estivesse vivo, um camarão. Eu chupava os dedos e ela bateu uma foto. E outra, enquanto eu ria. – A gente nunca vai poder emprestar essa câmera para ninguém.

— Não mesmo. Nem largar por aí. Se alguém pega e eu paro na internet, eu tenho um troço.

A casa estava silenciosa. Ninguém fazia bagunça. O Lipe não pirulitava contando os causos, nem o Guto comia no nosso colo. Esquecemos como era comer sem filhos. Foi bom, por algumas horas, dar uma sem medo de que os filhos talvez estivessem enfiando o dedo na tomada ou abrindo o gás. Mas depois disso, foi só tortura. Aquela foi a primeira vez, desde que viramos pais, que nos víamos sozinhos. Não esperávamos que fosse tão... murcho.

— Fizemos comida demais – Disse fazendo outro prato e me estendendo o meu, cheio de novo.

— Acho que desaprendemos como fazer comida só para dois.

Nunca soubemos: sempre estragava alguma coisa, na nossa casa sem filhos. Demoramos até a sobremesa gelar para constatar que

era chata a casa sem crianças. Assistir a filmes de adultos na tevê era chato. Certo que as mãos e bocas eram livres para percorrer os caminhos que quisessem (e percorreram), mas não era tão legal que suprisse a falta de um Lipe esparramado no tapete e um Guto entre nós.

— Estou enferrujado, Nina – Eu disse, Vingador do Futuro na tevê (jogue a primeira pedra o homem que nunca quis uma mulher com três tetas) e ela escorregava do sofá para o chão, abrindo espaço entre meus joelhos – Acho que não consigo terminar outra vez.

— Então, segura. – Devolveu.

Lá estava a linguinha indecente na cabeça do meu pau. No freio escondido pela pele flácida. Não foi nem um pouco difícil para ele acordar. De fato, só aqueles olhos já davam conta do recado. Era o mesmo olhar de quando ela me olhava com a xícara na boca, assoprando o café. Levou realmente pouco tempo até eu estar no espírito de novo. As tetas apertavam minhas bolas e a base. As mini-mordidas vieram depois.

— Eu quero tentar uma coisa – Ela disse, subindo do menino para a boca, apoiada nos braços – Agora é minha vez de perguntar se você confia em mim.

— Cegamente.

Aí ela desceu de novo, posição inicial. Boca na minha glândula, freio, todo aquele circo. Colocou, sem tirar a língua, o dedo mindinho para dentro da uretra. Não coube nem uma falange, nem até o primeiro nó do dedo, era só mesmo a pontinha. De início eu não senti nada com aquilo. Não reclamei por que não doía, mas não senti prazer com isso. Foi só quando ela, com a língua no freio e o dedo entrando e saindo, que eu desmanchei. Aí não deu para dizer nada, só aquelas observações bem pouco inteligentes que a gente solta quando está quase lá.

Aqueles diálogos que se parecem com presidiários condenados à morte, no corredor entre a cela e a sentença. As rezas e as ofensas a um Deus impiedoso e sádico. E Fernanda ali, muito empolgada com a

novidade, muito empenhada no trabalho. Não tirou o dedo quando eu pedi, tapando o único caminho que a minha porra conhecia para fora do meu corpo.

"Fernanda, pelo amor de Deus, tira o dedo daí", acho que disse, mas ela não tirou. Foi longo e intenso e meu ouvido zunia. O sono veio acompanhando. Só depois que parei com os tremeliques, que ela tirou a rolha. Escorreu assim, sem graça, as minhas gotinhas. Tão tímidas que me senti menos viril. Como um velhote de setenta anos que teima em usar o pau.

Mas foi bom. E eu com certeza imploraria por mais daquilo.

— Vamos treinar mais disso – Disse-me, o Anjo do Apocalipse – Quem sabe um dia a gente não consegue enfiar um salto aí para dentro?

Deitei a cabeça nas pernas dela, a pressão baixa, como se eu estivesse suspenso da realidade. Porra de primeira qualidade é assim, quando a gente quase morre. Não à toa os franceses chamam o orgasmo de "Petite Mort". Eles é que sabem das coisas, pena que são um povo chato e fresco pra burro.

— Mulher, você está me traindo?

— OQ-

— Com quem você anda aprendendo essas coisas?

Respondeu como o Timmy Turner d'Os Padrinhos mágicos: Internet.

— Não cabe um salto pra dentro do meu pau – Se para fazer exame um enfermeiro nada gentil enfiando um cotonete para dentro da uretra eu já fiquei três dias mijando fogo, Livrai-me de uma esposa que queira me estuprar com o salto.

— Calma, Dio. Esses saltos não, mas eu vou achar um bem fino.

Fazei que ela não ache, Senhor. Meu pau gangrena com uma coisa dessas.

— Dio, – Disse, trocando de canais. Eu quase dormia agarrado na barriga dela – Eu sei que isto não está nos seus planos, mas a gente

pode voltar para Poços?

— Agora? — A voz falhou. Bia e Ana ainda tinham que vir aqui buscar o carro delas — Se você não se importar de continuar meus planos naquela minha cama pequena, tudo bem.

— A gente se ajeita na sua cama pequena. — Sorriu, as mãos carinhosas nos meus cabelos — Desde que você não vá bater punheta escondido no banheiro para me contar por vídeo depois, né? Porque eu não aguento.

— Olha quem é a voyeur agora. — Beije-a, erguendo-me. — Deixa eu ligar para o casal vinte e ver se elas virão buscar o carro, daí a gente vai para lá.

— Não vai ficar decepcionado comigo?

De maneira alguma. Eu também estou achando essa casa grande demais para nós. Eu só não disse nada por que achei que por você estava tudo legal, mas de alguma forma, acho que eu fico feliz pelo fato de você não achar que está tudo bem, por que aí eu não me sinto culpado por não me sentir bem sem as minhas crias.

Liguei para a Ana e elas não estavam em casa. Combinamos de ela vir buscar o carro na minha casa segunda-feira depois do trabalho.

Ela tomava banho enquanto eu fazia minhas malas. Depois entrei lá com ela. Eu não conseguiria uma terceira no dia, mas ela ainda tinha muito carvão para queimar e abusei disso. Ela não queria lavar o cabelo, mas acabou lavando. Molhei-o sem querer e fui muito xingado por isso. Engraçado. Você pode deixar uma mulher vermelha de cima a baixo, lambuzá-la. Subtraí-la a membros desfalecidos e respiração ofegante, mas nunca, em hipótese alguma, pode estragar os cabelos.

Mariana, sexta série. Nunca esqueço a surra que levei dela, quando coleí-lhe chicletes no cabelo. Ou quando grudou porra no cabelo da Carla. Ou molhando o cabelo da Fê, naquele banheiro. Fui expulso sujo, duro e molhado, para fora. E esperei, do lado de fora, no tapete entre o banheiro e o quarto, trêmulo de frio.

Preparávamos uma playlist nossa. Se tem uma coisa que a

playlist da Ana nos mostrou, é que nós podíamos criar uma lista que fosse nossa sem a gente ter que fazer sacrifício pelo outro, músicas que agradavam a nós dois, ao mesmo tempo. Choveu Queen. E Guns. Basicamente, tudo o que tocava na MTV boa, menos U2 por que eu acho o Bono um porre. Barão Vermelho e Paralamas. Nando Reis e Lenine, os discos que ela gostava, porque eu gosto de todos. Não passava das seis da tarde quando entramos no carro dela, ela no volante. No carro dela não tinha tevê, mas o som era melhor. Tinha, como ela diz, um módulo de graves, então o bumbo da bateria tinha pressão.

— Foi fácil – Rodávamos, mas ainda dentro da capital. Lá vinha ela com as nerdices dela. – Nossa Dio, faz bastante tempo que eu instalei esse som, eu ainda trabalhava, vê só. Fiz isso na garagem, você não lembra?

De fato, não.

— ... Até comprei uma bateria extra só para fazer essa belezinhas funcionarem, mas acabou nem precisando. Lembra, a bateria que a gente colocou no seu carro, daquela vez que deu pau? – Massageava os falantes de oito polegadas instalados nas portas dianteiras como se fossem a cabeça do meu pau. – Pena que não coube um de quinze na folha da porta e eu não quis cortar o tampão do porta-malas para colocar. Sonho de consumo, anota aí: falantes de quinze polegadas da JBL. – Eu não sei nada de teoria, mas reconheço, como todo humano, quando a música está boa e bem definida.

Era quase o carro de um moleque de dezoito anos que acha que disputa racha na avenida, colocando som alto para chamar atenção das moças. Só que com cadeirinhas de criança no banco de trás. Até capa vermelha para o volante, tinha.

— Tô me sentindo aquelas namoradas de pilotos de racha quando elas dão a largada – Ri, observando o controle do sistema de som dela que ficava no volante – Vai dizer que foi você também que instalou esse controle remoto?!

— Não, Gata – Mandou, me piscando, jogando charme como se

eu fosse mesmo a moça da largada em Velozes e Furiosos – Isso aqui eu paguei. Dio, eu não entendo como você está impressionado com tudo isso, se dirigiu meu carro por uma semana.

Me chamar de não-detalhista é eufemismo.

Atravessamos a cercania da fazenda entre nove e dez horas. Carros estacionados na frente da casa indicava que ninguém dormia. Talvez até jantassem ainda, embora eu duvidasse, meus pais odeiam comer tarde. Até no Natal, que a ceia devia sair só meia noite, sai oito horas. Fê e eu competíamos para ver qual barriga reclamava mais alto. Cumprimentamos as comadres que comentavam a cena da novela em meio às crias; aos compadres na cozinha, todos os tios, os maridos das minhas primas, todos meus primos, escondidos na cozinha de porta fechada, jogando cartas. Meus pais endossavam o coro das noveleiras aos bocejos.

Lipe e Guto desceram correndo quando ouviram nossa voz. Estavam queimados de Sol e atacaram a mãe com beijos e abraços calorosos. Sempre cumprimentam a mãe primeiro. Eu fico sempre com o restinho das saudades. Eles nunca me abraçam com tanto fervor como quando abraçam a mãe.

Dona Teresa se erguia nas chinelas para preparar comida para a gente, mas recusamos. Comemos as sobras dos potes da geladeira num extremo da mesa, enquanto do outro, os marmanjos jogavam. Ela não conversava comigo enquanto comíamos. Observava o truco entre cervejas abertas e maridos escandalosos. Eram bem poucos os que conseguiam manter o entusiasmo enquanto sentados. A maioria urrava e gritava como gorilas enjaulados. Eu, sinceramente, não entendia como aquele jogo tinha tanta graça. Nunca peguei a mecânica, nem do truco mineiro, nem do paulista.

Mas, óbvio, minha esposa adorava. Os olhinhos grudados no jogo demonstravam que eu não teria a menor chance de levá-la, em

meia hora, para o meu quarto.

— Ô Digo, termina logo isso aí e vem jogar – Se tinha uma coisa que os homens da minha família gostavam mais que futebol, certamente o nome disso era truco. E os mais velhos gostavam ainda mais, porque os maridos das Marias não conseguiam ganhar como ganhavam do resto de nós no futebol. Entre risadas, eu recuei.

— Posso jogar? – Ninguém ofereceu a ela e eu sabia o motivo. Todas as mulheres estavam na sala conversando sobre novela. Ninguém sequer pensou que a Fernanda talvez...

— Mas e você lá sabe jogar?

— Meu amigo, – Ela pousava o garfo e vestia o sorriso triunfante – eu tirei diploma de engenharia e de jogos de carta.

Terminaram o jogo vigente e ela deu as cartas. Toda aquela expectativa para ver Fernanda. Se ela perde, está tudo bem, ela é mulher. Se ela ganha... Vergonha para os dinossauros mineiros. Ela ocupou uma cadeira que André, marido da Geca, a oferecia. Eu não me ocupei de ver a Fê jogar, por que ela, das vezes em que se entretinha com aquilo, era capaz de passar horas. Apanhei nossos pratos e fui para a pia aos berros de "truco", "seis" e "doze". Só ouvi um "doze" da cozinha e o leitor pode imaginar de quem era.

Fê tornou-se, em muito menos tempo do que eu previa, em mais um gorila da jaula. A homarada alucinada com o jeito que a Fê ficava quando entrava numa jogatina e, se bem posso me lembrar, ela não jogava aquilo há pelo menos sete anos. Eu, que não sou dado a jogos (tirando jogos de tabuleiro como "Jogo da Vida", "War" e derivados porque eles são sensacionais) só fiquei na cozinha como segurança. Observando a Dama de Copas tirando várias com as caras dos meus parentes.

Ela tinha um jeito de blefar que você sabia que ela estava blefando, mas ia na onda dela. Ela fazia graça, fazia beicinho, toda linda e toda suja. Jogava baixo. Estenderam-na uma cerveja, eu rolando indefinidamente a timeline do facebook do meu celular, mais entediado e decepcionado que torcedor fanático quando seu time

perde.

Fui para a sala, desisti de acompanhar. Sentei-me com a minha mãe e o Lipe veio no meu colo. Guto brincava com as primas dele em algum lugar da casa que eu não via. As Marias conversavam sobre o que passava na tevê e as outras moças a acompanhavam.

Eis que me aparece o salto que a Fê estava procurando. Fino pra cacete e comprido. Gelei. Só dei sorte por que estavam nos pés da Geca. Impressão minha ou ela estava muito mais arrumada que o normal? Aquele vestido ali não é coisa de visitar parente, não. Elas conversavam sobre preços de sapatos na vitrine versus na internet.

E eu me senti bem conversando com meus pais ali na sala, sem fazer alarde, ouvindo piada bosta da tevê. Os programas de domingo à tarde só não são piores que os programas de sábado à noite. É uma piada pior que a outra e ninguém ri. Não ri, mas também não troca de canal. Êta vida besta!

Lipe já dormia no meu colo quando a Fê saiu, risonha e corada, da cozinha. André, o marido da Geca veio atrás, seguidos dos outros homens da família.

— OLHA, – Ele falava comigo, mas estava muito além do que bêbado – Acho bom você tomar conta dessa mulher direito, Digo, que eu acabei de entrar na fila!

Fê deu uma piscadela charmosa para a Geca. Mandou um beijo depois.

LDAKFJSDLKJFKLSÇJDAGKJLKA
VISH.

Casaco de couro, botas de salto alto, jeans escuro e os cabelos bagunçados. Dê-lhe uma Harley Davidson. Era essa a pose de comando que a Fê tinha quando o marido da Geca lhe disse aquilo.

Um olhar matador de lindo, mirando os olhos perdidos e nublados de uma Maria Angélica sem graça.

Confiante. Criminalmente em chamas. É isso o que me mata de tesão nessa mulher. Um tapa na cara tão bem dado, tão lindo, que eu sequer comentei o disparate do André com a minha mulher.

A Geca sair muito brava arrastando o marido e as crias para fora da casa dos meus pais foi só a cereja do bolo.

— "Teoria dos jogos", taí uma matéria optativa que eu nunca vou me arrepender na vida de ter feito. – Beijava a têmpora do Guto adormecido no "quarto das crianças". – Dio, este sábado foi perfeito.

Claro que foi. Fico em dúvida se ela disse isso pela transa sensacional e o aperitivo de tarde, ou na voadora na Angélica.

Capítulo 18

Homem de uma Mulher só

Ele dormia. Se parecia com o Guto, esparramado, um corpo morto. Roncava um pouco, mas não muito. Acho que me acostumei a isso, ao ronco baixo, à respiração pesada. Dormia como uma pedra. Duvido que se eu batesse panelas agora, ele acordaria. Eu, entretanto, não conseguia dormir. Uma coisa me cutucava como um indicador de unha comprida, bem acima do rim. Um incômodo que você até consegue viver com ele.

Mas não consegue dormir.

Cá estou eu. Trinta e seis anos, dois filhos. Um marido bom (na verdade, melhor a cada dia), casa, carro, meu mestrado. Notas satisfatórias, um ex-chefe que manda e-mail dia sim e dia também, querendo saber quando eu volto. É tudo o que pode pedir uma mulher em pleno século 21, não é? Muito menos do que eu pensei que teria, aos vinte anos.

O que a Fernanda de vinte anos diria à esta Fernanda? Aquela lá me daria um murro. Depois, ia querer me dar gelo, cuidar do olho roxo, mas primeiro iria me bater. Eu, Fernanda Miller, ou, Fernanda Miller Ferreira, que foi o nome que fiquei depois do casamento com o menino da porteira. A Miller contra a Ferreira. O que uma diria à outra?

Não é preciso um gênio. Aquela, a revolta em pessoa, me diria que não há glória na maternidade. Que é só o movimento natural das coisas, que é para isso que a gente nasce. Diria para eu parar de colocar açúcar nesta vida que tenho hoje e que minhas notas não estão lá essas coisas. Que meu marido não está fazendo nada além da própria obrigação. Diria como é desigual todo este circo por conta de um marido que resolveu cumprir os votos de casamento, dez anos depois de ter casado.

Ela riria, não, ela gargalharia de como um homem que resolve fazer o que a mulher faz todo dia (e sem reconhecimento) ganha

confete. O leitor não conhece a Fernanda de Antes. A Miller não destilaria seus venenos só sobre a Fernanda de agora, ela destilaria-o sobre você, também. Ela te acharia um idiota por dar moral a um homem que resolveu acordar para a vida. A Miller nos encheria de porrada, se pudesse. Porque ela, dezesseis anos depois, está casada. Obedecendo uma regra tão primitiva quanto o casamento. *Me sujeitando*, é o termo que ela usaria.

Ela diria que meu marido é uma bosta porque ele só me dá valor agora que volto, aos poucos a ser engenheira, mas não me deu valor nenhum enquanto fui mãe e esposa.

A Miller não aguentaria a minha vida nem por um dia. Adoraria o Lipe e o Guto, os amaria como eu os amo, ela sempre teve uma queda por crianças, mas morreria de vergonha de mim, por puxar a faca com Angélica. A Fernanda de antes seria capaz de debulhar um homem numa briga de bar, mas jamais, nunca, outra mulher. Os princípios da Fernanda de antes... Brigar por causa de homem! Que fase, Ferreira. Que fase...

Você deveria se envergonhar, Fernanda. Angélica é uma mulher como você. Casada e com filhos. Malhando a bunda na academia para que o marido não a largue. Quer tristeza maior? Temer engordar? Temer não ser bonita? O marido é extremamente bonito, mas só o jeito que ele fala, como ele a trata, a gente vê que a vida dela não é, nem foi fácil. Talvez nunca a tenham incentivado a fazer faculdade, a ir bem na escola.

E se um dia ela quis? E se ninguém deu a mínima? Fernanda, você teve a sorte de ter uma mãe que priorizou a sua educação, uma mãe com doutorado. Você não pode usar isso como base numa menina que nasceu na roça. Fernanda, vê como ela se sente diminuída por você, toda vez que você aparece? Você é a Paulista Engenheira de sobrenome inglês que tirou o cowboy dela. Você é a menina (que um dia já foi) rica, que fala três idiomas. A mulher totalmente fora dos parâmetros dela sobre o que é ser mulher.

Pior. A Miller olharia para a Ferreira com nojo. Porque a

Ferreira se sente melhor que a Angélica, porque está com pena dela. Tudo isso por que também tem medo de perder o marido e é aí que mora a pior das decepções da Miller. Medo de ser sozinha. O Dio e a família dele, de alguma forma, completam um vazio dentro de mim. Um vazio que, por mais impossível que pareça, não existia na Miller, mesmo depois da morte dos meus pais. Eu enterrei meu pai para sempre, mas ainda o amo, de alguma forma. A Fernanda de antes também o amava. Meu pai era nordestino, alagoense de nascença, que não quis me dar o sobrenome dele por vergonha. Era Silva. Ganhou dinheiro reformando casas e vendendo-as mais caro. A tez escura e uma sabedoria do tamanho do mundo.

Por isso é que me dói até hoje saber que eu tenho meios-irmãos por essa terra. O pai que eu conhecia não era o mesmo que estava naquele caixão.

Coisa que eu não supero até hoje, mesmo dezesseis anos depois. E perder minha mãe... Ainda mais do jeito que se foi... ! Minha mãe era inglesa. Anne Miller veio para cá muito pequena. Os pais vieram trabalhar na Embaixada Inglesa, primeiro no Recife, depois em São Paulo.

Lembro de tomarmos o chá das cinco. Minha mãe gostava muito de manter os costumes da mãe dela, embora não fossem seus próprios e aqui fosse muito quente para chá das cinco. Mas tomávamos, sentadas na sala. No único imóvel que me sobrou depois de aberto o inventário.

— Filha, — Ela disse, tirando os óculos de armação pesada e pendurando-os no pescoço com o colar de pérolas. Tinha os cabelos muito claros e muito loiros, os olhos muito azuis. Escondia as sardas com maquiagem. Os lábios finos pintados de vermelho. Eu sou o clone feminino do meu pai. Cabelos e olhos escuros, lábios grossos. Acho que dela só herdei o nariz pequeno e o biótipo (pelo menos, o biótipo que eu tinha dezesseis anos atrás). Minha mãe era alta, eu sou mais baixa que ela, mas ainda sou alta. Eu podia me lembrar com perfeição das mãozinhas que envolviam a xícara. Roubei dela a mania

de filosofar sobre a vida, o universo e tudo o mais, com a boca na louça. Aqueles dedos finos, compridos e muito brancos. Uma mão no pires, outra na asa da xícara. – De tudo o que te ensinei nessa vida, sinto que falta dizer uma coisa.

Tinha gosto de despedida, aquele chá. E eu só fui entender tarde demais. A Miller de anos atrás sorriu para a mãe sem entender. Ela era, a minha mãe, uma mulher brilhante. Formou-se engenheira como eu, mas só depois dos trinta. Eu cresci vendo minha mãe com os cadernos. Queria virar acadêmica, fez, como eu disse, doutorado e pós-doutoramento, era professora onde me formei. A especialidade dela? Cordas na área de estruturas. Isso não te lembra a Estaiada? Pois é, por isso a Estaiada é a minha paixão, porque só foi concebida por que ela, décadas antes, queria reduzir a quantidade de cimento das obras. De alguma forma, eternizamos a pesquisa da minha mãe e isso não tem preço.

Só que naquela época, eu não sabia nada disso. Eu era só uma estudante que levava pau de Mecânica dos Flúidos e olhava para a mãe pensando que em trinta minutos teria que sair para a aula. A Politécnica continua essa mesma bagunça na graduação, inclusive. Aula de manhã, de tarde e de noite e uns laboratórios inúteis no meio da madrugada. Sei lá eu como completei minha graduação no período ideal.

— Você vai se formar e vai para o mercado. Talvez você encontre um homem é queira se casar.

— Mãe, esquece isso – Eu ria – Você sabe a filha que tem.

— Por isso mesmo. Você não se apaixona, mas quando se apaixona, você mergulha. Você amou seu pai até descobrir das outras esposas. Ele foi o maior amor da sua vida, menina.

Mentira, mãe. O maior amor da minha vida é a senhora.

— Nós, mulheres, somos feitas para duas coisas: Para sermos bonitas e tolerantes. Somos feitas para aguentar qualquer coisa vinda de marido. Você acha que eu não sabia das outras? Oras, eu não sou boba, só que segui à risca a educação que meus pais me deram. Filha,

– ela dizia, pousando a xícara no pires – não seja essa mulher. Não espere salvação vinda de homem.

"Só uma mulher para salvar a outra. Só uma outra mulher sabe como são certas dores. Um homem nunca vai te entender, filha, quando você tiver filhos e ficar dividida entre ser a engenheira exemplar e brilhante que eu sei que você vai ser, e a maternidade. Homens não escolhem, eles se casam conosco porque somos nós quem fazemos as escolhas difíceis".

— Mãe, corta essa – Eu disse. "Corta essa" há dezesseis anos era uma gíria novíssima – Eu nunca vou me casar.

Veja só como o mundo dá voltas.

— Mas eu te desejo, de qualquer forma, um casamento. Filho é só alegria. Você não se decepciona com filho, ele pode te dizer que vai vender poemas de porta em porta e você ainda vai sentir orgulho dele. Filha, você não pode imaginar o tamanho do orgulho que tenho de você e de toda a nossa jornada juntas. Você fez de mim uma mãe feliz. Poderia se vestir um pouco melhor, usar umas peças do meu guarda-roupas, mas mesmo "mulamba" – era como meu pai me chamava – Eu sou muito grata a ter você como filha.

Sente o gosto da despedida? Um gosto que não engulo, mesmo dezesseis anos depois, deitada na cama pequena de um Dio pré-adolescente. Quando fui para a faculdade naquele dia, meia hora depois da nossa conversa, ela se entupiu de comprimidos. Voltei para casa e encontrei-a deitada na própria cama, como quem dormia, um frasco de calmante como peso para papel para duas cartas: uma para mim e uma para meu falecido pai.

Quando a faculdade fez a homenagem para a minha mãe, eu do lado do diretor da Politécnica, aquela cena toda, eu omiti que a *causa mortis* foi suicídio. Disse que foi parada cardíaca. Eu não lido bem com o suicídio. Nunca contei para ninguém a causa da morte, nem para o Dio. Na minha cabeça, o que matou a minha mãe foi meu pai. Suponho dizer, mesmo sob o risco de macular a lembrança da minha mãe, que ela teria se matado mesmo se meu pai fosse homem de uma

mulher só. É isso o que o amor das mulheres faz. A gente tolera, a gente supera, a gente aceita tudo. Hoje, só hoje, sentindo a respiração pesada dele no meu cangote, que eu entendo.

Vinte e três de abril, seis dias depois do meu aniversário, dezesseis anos antes não era sábado. Era meio de semana. Hoje fez dezesseis anos que estou sozinha no mundo e só Deus sabe o quanto isso dói.

— Ni... — A voz rouca, a respiração gostosa — Você tá bem?

Me tomou numa conchinha quente e confortável. Sabe aquele "agarradinho", o boneco de plástico que grudava na roupa? Era ele, com braços e pernas em cima de mim. Uma das mãos atolada na minha barriga, procurando não sei o que no meio das minhas banhas.

— Tô. — Menti, a voz de choro que não sei disfarçar.

— Eu te fiz alguma coisa? Você disse que não queria dar uma e eu entendi, mas eu fiz errado? Devia ter continuado? — Tudo isso numa voz calma e sonolenta. Tenho mais sorte do que mereço.

— Não. — Chorei, mas só um pouquinho.

— Então... ?

— Hoje é vinte e três de abril.

Ele tinha se esquecido, eu não o culpo. Parece que passaram dias entre a quinta que deixamos os meninos aqui com os avós e o sábado que resolvemos voltar. Sábado para a gente tinha sido especial. Foi, como ele disse, a reinauguração do meu parquinho. O plano dele e tudo o mais. No fundo, eu consegui esquecer-me disso o dia inteiro, foii só deitando a cabeça no travesseiro que eu me lembrei. Por isso que as pessoas resolvem ser honestas durante o dia: deitar a cabeça no travesseiro e não conseguir dormir é o pior tribunal que tem.

Sequer posso chorar uma perda que eu mesma me esqueci, mas não consigo parar. Todo dia, na faculdade, eu olho o mural de homenagem a todos os professores mortos. Lá estava ela, uma das pouquíssimas mulheres, meu maior orgulho.

E no entanto, me esqueci de seu aniversário fúnebre.

— Perdoa, Amor — Beijou-me a têmpora. — Eu esqueci, eu não

—

— Está tudo bem, eu esqueci também.

— Que descer e tomar um chá? A gente pode brindar a vida da sua mãe do jeito que ela gostava de brindar.

Descemos, silenciosos para não acordar ninguém. Acendemos a luz da cozinha e fechamos a porta. Ele colocou água na chaleira, mas não sabia fazer o chá inglês tradicional. Era a primeira vez em sete anos que ele sugeria fazer o chá de brinde. Desde que o Lipe nasceu a gente nunca mais brindou.

Puxou duas xícaras da cristaleira, as que ele julgou mais bonitas, o açucareiro. Eu preparei a infusão de chá preto na própria chaleira e depois coloquei só um pouquinho de leite no fundo das xícaras. Era esse o jeito dela, pelo que me lembro. Adoçamos.

— À sua mãe, que me deu o melhor dela! – Sorria. Brindamos como se o chá fosse uma latinha de Skol. Eu sorri, bebericando. Nunca gostei daquilo como ela gostava e o Dio, que odeia chá preto, bebeu-o rápido e fazendo caretas. Se ela o tivesse conhecido, com certeza o chamaria de xucro. Ela era o tipo de dama que ia nos concertos da tarde na Sala São Paulo. Ela e as amigas dela que me ajudaram financeiramente a terminar a faculdade, mesmo que não me visitassem.

Só uma mulher para salvar a outra. E eu, ingrata, nunca as agradeci. Nem levei meus pequenos para conhecê-las enquanto estavam vivas. A última vez que vi a Sociedade Secreta das Senhorinhas Inglesas foi no velório da última soldada, há mais de três anos, vítima de Parkinson.

Pelo menos, penso eu encarando meu marido que não gosta de chá, o lugar para onde minha mãe foi agora está muito mais divertido. E quem sabe? Elas não estejam brindando com a gente, nesse momento?

Capítulo 19

Bem-Vindo ao Marketing

Voltávamos. As crianças não queriam voltar, não queriam largar a casa da vó. Fazia frio e temíamos que parte da estrada estivesse encoberta por neblina. Saí da fazenda com a promessa de voltar logo, beijando minha mãe o máximo que pude. Gostei de passar o feriado (mais ou menos) fora de casa. É uma vida diferente para as crianças, elas podiam correr o quanto suas pernas aguentassem sem ter que ouvir repreensões. Paulista vive correndo, mas briga com a criança se ela decide correr também.

— Mãe, põe a música da Madalena? – Sequer tínhamos saído da fazenda, Lipe se esticava no espaço entre os dois bancos dianteiros. Brigamos, a Fê e eu em uníssono, para que ele afivelasse o cinto.

Três horas de viagem e sem tevê para as crianças seria complicado. Eu, cabaço, nem pensei em perguntar se ela queria uma daquelas tevês para o próprio carro quando comprei uma para o meu. Sequer pensei que talvez para ela também fosse chato aquele silêncio que ficava entre as crianças e eu, pela volta da escola para casa. A Fê entretanto, enviou um código pelo retrovisor que eu não entendi.

— Só... – caçava alguma coisa no bolso da própria porta – Se vocês cantarem.

Começou um pequeno caos de graves e agudos naquele carro dela e os meninos enlouqueceram como quando estavam na piscina – acredite, era a mesma empolgação. Era uma batucada digna de escolas de samba, só que com guitarras, chocalhos, potes, garrafas. E um cara com uma voz esganiçada no fundo.

— Fê, ó o volume, o ouvido –

— Filho, a gente não faz isso de ontem – Deu-me um "chega para lá" desses de a gente afundar no banco e esconder o rabinho entre as pernas.

Cantavam os três, com vigor. Uma banda que eu não sei o nome, de gravação ao vivo. Batiam palma no ritmo da música, meus meninos não se perdiam nem na letra nem nas danças empolgadas. Fê não estava diferente. Quase uma coreografia ensaiada.

— MADALENA, MADALEEEEEEEEEENA, VOCÊ É MEU BEM-QUERER!

Puxei o Shazam, o aplicativo, para descobrir de quem era a música. Monobloco. Não é brasileiro demais para a Fê dos Coltrane e dos Rock-MTV? Um mashup de vários sambas de raiz na roupagem dos batuques. Esse é o gosto musical dos meus filhos? Carnaval 360 dias por ano? Continuei mais espectador que agente. O som bom do carro dela dava outra graça à música.

Se eu tivesse que dar um presente para os meninos (sem ajuda da mãe deles), eu saberia escolher? Ou eu só iria no seguro, carrinho e caminhão como se eu fosse um tio distante que os vê uma vez por ano? Se eu pequei com a Fê, se ela se sentia sozinha nesse casamento, como caralhos eu pude supor que eu fazia parte da vida dos meus filhos? Como eu pude sentir inveja do amor que eles distribuíam sobre a mãe, se ela se esforçava para tornar prazerosa a vida deles e eu só me esforçava para alimentá-los?

Pior, não posso dizer com 100% de segurança que todos aqueles anos dedicados à agência fosse só pelas crianças. Eu tive ambições ali. Eu queria a sociedade, era a minha carreira em jogo. Então, na verdade, estavam todos naquele carro sendo muito benevolentes comigo.

Acho que isso é amor, no fim das contas. Você ser perdoado sem pedir. Poder entrar e sair (isso vai parecer mesquinho da minha parte) da vida deles, eles notarem que você partiu, mas te esperarem no portão quando você decidir voltar. Se ser amado não for ser aceito pernetá, maneta, irresponsável ou sem saber como canta a música da Madalena, eu não sei como é o gosto de ser amado.

Eles toleram, todos os três, ao fato de eu não conhecê-los o suficiente para saber seus gostos musicais. É a primeira coisa que

você pergunta num encontro. Aí está a armadilha principal do casamento e bem acho que já disse isso antes: você para de investigar. Para de experimentar, para com as novidades. São dois garotos de menos de dez anos! Como eles poderiam saber o que gostam e desgostam? Era isso o que a Fê fazia, apresentando-lhes Monobloco: formando o gosto musical. Apresentando a cultura que é nossa em masterizações melhores.

Acabou Madalena e começou a tocar Tim Maia à batiques.

— E EU! (Tchara tcha tchará) GOSTAVA TANTO DE VOCÊ!
– Essa eu sabia, pelo menos a original, não aquela versão. E cantei. Os dois meninos se entreolharam torto. O pai deles cantando o Hino Secreto do clã deles? E sem participar das reuniões prévias? Depois continuaram a plenos pulmões por todo o CD. Eu gostei daquilo. Bem melhor que Galinha Pintadinha. Deus me livre e guarde de filhos que tenham aquela galinha como referência musical. Fê colocou depois o CD do Marcelo D2, o acústico MTV cheio das batucadas. O Lipe imitava o cara do Beat-box. Eu só conhecia a música que naquela época tocava na rádio, mas o Tico e Teco cantavam quase tudo. Ainda ensaiavam o número.

Ela não tocou a FM uma única vez. Só trocava de CDs. Paramos, durante a viagem da volta, apenas uma vez no acostamento para pegar um cobertor que a Fê deixava no porta-malas. Ainda não escurecia, mas esfriava bem rápido. Faltava não mais que uma hora para a gente chegar em casa e eles dormiram. Cansados, vencidos. Foi um puta fim de semana para eles.

Um puta fim de semana para mim, para nós.

— Estou a fim de passar na casa da minha mãe. – Ela passava creme nas queimaduras do Sol. Sequer parecia o mesmo dia, com o frio sem graça que fazia em São Paulo. Eu, que não fiquei muito na piscina, não estava tão queimado. O cheiro de hidratante invadia o

quarto e se misturava com o de banho. Um cheiro que me dava sono.

— E você quer ir sozinha?

— Não – Disse-me. Era a primeira vez que dizia "não" à minha pergunta. Geralmente, quando a casa não estava alugada, ela passava lá para visitar. E nunca me deixou ajudá-la a mover os pertences da mãe para um depósito na Anchieta, quase São Bernardo, quando alugavam a casa. Só Deus sabe o que tem naquelas caixas todas. Deus e a Fê, que nunca mais me deixou entrar no apartamento dela, depois que nos mudamos de lá.

Sim, por dois anos mais ou menos, eu fui um publicitário que morou na Oscar Freire, numa cobertura de Luxo. Depois trouxe essa mulher para morar comigo numa casa no subúrbio.

— Quero levar os meninos na casa da vó.

— Eu... Posso ir também?

— Mas que perguntinha, hein?

— Não sei, você nunca mais me deixou entrar lá, eu não sei se você me deixaria entrar lá agora.

— Eu não deixei?! – Colocava o creme sobre a própria escrivaninha, mas parecia que tinha se erguido para brigar comigo – Dio, quando que você estava disponível para ir lá comigo?!

— Você nunca me deixou te ajudar a colocar os pertences da sua mãe no depósito e nem tirá-los de lá.

— Dio, falar uma coisa dessas é muita maldade sua. Você nunca esteve livre para fazer isso, pelo amor! Todas as vezes que alugamos a casa, você sempre estava no trabalho, não venha dar uma de vítima agora que eu não tenho paciência.

— Desculpa, Nina. – Pedi, enquanto ela bufava, apagando as luzes e afundando do lado dela da cama. – Você, pelo menos, quer ajuda para colocar as coisas da sua mãe de volta no lugar?

— Não, elas já estão no lugar. – Respondeu – Eu tive uma semana para isso.

É assim, leitor, que eu descubro como minha esposa gastou os sete dias que fugiu de casa.

A vida não fica fácil, nem amena, só por que você se descobriu cegamente apaixonado pela sua própria esposa, por sua própria rotina e pelos filhos. Na verdade, a vida caga para isso tudo: mais cedo ou mais tarde vai passar por cima de todos nós como um rolo compressor. Quando sua vida de casado começa a entrar nos eixos, é bem comum que o resto resolva sair. Para a vida fora de casa, eu ainda sou um empresário de um restaurante espanhol não-inaugurado (Andaluzo, na verdade. Antônio odeia quando eu falo "restaurante espanhol"). E para piorar, como se só isso não me consumisse muito, ainda tenho deveres com uma agência que me sugou tudo.

O bom ao menos, é que a vida dentro de casa compensava o desastre da vida fora de casa. Sabe aquela hora mais cedo que a gente levantava para tomar café junto? Sequer saíamos do quarto. Sexo de manhã é o melhor sexo, definitivamente. Acordar ou ser acordado com sexo oral está na pole-position das maneiras agradáveis de acordar. Ela ainda usava aquele dedo mindinho e eu vi que ele era o único, dos dez dedos, de unha curta.

Saíamos do quarto trocados, de banho tomado, sorridentes. O quarto era onde nos preparávamos contra o mundo. Até o começo de maio era época de provas para a Fê e ela estava nervosa com isso – a média do mestrado é oito.

A minha semana também não seria nada fácil. Eram os últimos dias na agência e era a semana, eu não sei direito que dia, em que a equipe espanhola do Antônio vem para o Brasil. Hora de eu começar a colocar o plano da "Balada Light e VIP" para dentro do nosso restaurante.

— Antes de a gente começar suas estratégias de marketing – Passeávamos pelo CEAGESP, não passava das três da tarde. Antônio reunia os nomes dos fornecedores em cartões e contatos pelo celular – Eu queria abrir o restaurante só para a família, a Clau e o Du, a Fê e os meninos... para eles verem o que a gente está se matando para erguer.

É por isso que eu tenho muito a aprender com Tonhão-Hipster

que usava, naquele dia, um chapéu panamá ridículo. Olhando-o com aquele negócio na cabeça não dá para acreditar que ele seja casado com a única namorada da vida inteira. Não dá. Eu fico me sentindo muito esquisito quando ele veste esses troços que estão na moda.

Eu pensei em levar a minha família lá, mas só quando já estivéssemos com carvão no motor, funcionando e dando lucros, não antes. Não pensei em inaugurar minha mais nova obsessão com minha velha obsessão.

Quem sabe? Chamar meus pais também, que pouquíssimo vieram a São Paulo?

— Você tem um dia em mente? – Perguntei enquanto ele olhava a folha impressa da planta do CEAGESP.

— Certo não, mas não muito mais depois do feriado do trabalho... Você pretende sair do estado, falando nisso, no feriado?

— Tem uma consulta da minha mãe lá em Poços, dia dois, que eu queria ir, mas ainda não acertei nada com a Fê.

— Admitindo então que este feriado seja usado para outras coisas – Ele tinha a mania de sair enfiando a mão pelos estandes de frutas, roubando "amostras grátis". Na mão dele eu contei três uvas, um pêssgo e um punhado de castanhas do pará. – Dia quatro, domingo, é aniversário do Du. ‘Cês vão, né? O Dudu não parou de falar do Lipe e do Guto por uma semana.

— Ainda não falei com a Fê. Esqueci.

— ... A gente podia abrir no Dia Das Mães.

— Cai que dia?

— 11. Mas aí já fica quase no meio de maio. A gente pretendia abrir no começo.

— Mas aí por mim, dia 12 já estamos abertos e funcionando.

— Acha que até final de maio já temos aquela sua baladinha, lá?

— 'Pera aí.

Liguei para o Horácio da distribuidora enquanto Antônio dobrava o quarteirão do pavilhão. E eu, pelos quinze minutos de muita

lambeção de bolas, o segui. Depois, liguei para a Cat (que eu tinha abandonado há não mais que uma hora), pedindo para ela acertar os detalhes. Antônio, que não era meu sócio há muito tempo, surpreendeu-se com a rapidez. Esperava o quê? Que eu levasse mais de vinte e quatro horas para tirar uma carta da manga?

— A princípio, ele quis dia 24, mas pode ser que eles adiem para dia 31. E te prepara, viu? Vem aquela gentinha que se acha celebridade, blogueiro, jornalista, sommelier de porra, barman famosinho...

— Só quem pode falar disso para o grande público.

— Óbvio. – Sorri. – E a gente lá vai dar comida e bebida para quem não pode ser influente a nosso favor? Falo "nosso", por que o Horácio não é de fazer caridade.

— Isso me parece falso e interesseiro.

— Bem-vindo ao mundo do marketing.

— Mãe, aonde a gente está indo? – Era sábado. A Fê parecia uma criança, segurando a mão do Guto. O Lipe não estava muito bom da gripe. Desde que chegamos em SP, na segunda, ele tossia e catarrava pela casa toda. Na minha camisa, enquanto no meu colo, inclusive. Aquele elevador era do prédio da mãe dela. A Fê batia os pés de empolgação. Se queria tanto assim mostrar a casa para as crias, por que esperou por sete anos?

Embaralhou-se com a chave antiga (ainda no mesmo chaveiro de que serviram de sinos do paraíso, quando a gente se conheceu e se comeu no mesmo dia, uma guitarrinha já sem cor). Ela abrir a porta daquela casa foi como se tivesse aberto um portal: de quando éramos casados e sem filhos. Era como se ninguém nunca a tivesse alugado. Fernanda mentiu para mim, quando dizia que colocava a casa para alugar? Até as mantas sobre o sofá, as almofadas, os tapetes, as cortinas. Tudo limpo, cheiroso. Tudo cheirando a limão exatamente

como naquela noite do primeiro encontro.

Assim o tempo é descrito por Borges. Uma casa rosada, cor de ternura, pintada pela luz da lua. Sensação de um tempo que não passa. Essa era a sensação que tive ao entrar no apartamento que chamei de "casa" por alguns anos. Olhando para um Fê muito empolgada por estar de volta à toca, senti que, na verdade, ainda éramos aquele casal de loucos de antes, que se casou no papel e bebeu até passar mal para comemorar. Éramos os mesmos, afinal. Agora um casal com filhos, que, de alguma forma, tentava passar nossa loucura a eles.

Eu quase podia ver Dona Anne, a mulher que não tive o prazer de conhecer pessoalmente, transitando por ali, o chá das cinco que tomei com minha esposa ainda na casa dos meus pais, feito num bule de louça na mesinha da sala e ela, pelo que me lembro das fotos, elegante até os fios do cabelo, se erguendo nos saltos baixos e esticando os braços para cumprimentar os netos.

Donna Anne estaria satisfeita comigo, com a vida que tenho reservado para a filhotinha dela? Eu sabia a resposta. Ainda não. Mas, Sogra, eu vou te deixar orgulhosa.

Os quadros caros, os espelhos caros, os móveis caros. A cristaleira cheia de cristais e talheres de prata. Tudo respeitando um gosto e um ar inglês. Os livros em inglês, tomos antigos, livros em francês, em português também. Se há um jeito de definir uma pessoa sem ter tido a oportunidade de conhecê-la em vida, então é pelas estantes que possui. Dona Anne e eu, ao menos boas conversas sobre literatura teríamos. Exceto o fato de que ela era apaixonada por Baudelaire, coisa que nunca fui. Acho-o um pedante chato. Mas poderíamos fazer as pazes com Virgínia Woolf.

Os meninos não tinham muito com o que brincar ou ocupar o tempo, naquela casa. Nenhum dos espaços era feito para crianças, mas eles gastaram bastante tempo observando quadros que eu não soube sequer explicar a eles o que estava pintado na tela, ou de quem eram. Me julgo culto quando se trata de livros, mas artes visuais para mim, é como as integrais e derivadas da Fê: coisa nenhuma.

Ela se enfiou para dentro do quarto da mãe e não fechou a porta dupla atrás de si. Enquanto o Lipe doentinho me perguntava sobre os quadros, tentei prestar o máximo de atenção aos barulhos dela. Não queria ouvi-la fungando o nariz. Guto seguiu para dentro do quarto com a mãe e eu achei por bem deixá-los sozinhos por um tempo.

Rumei para o quarto dela, de porta única. Abri e não consegui conter o sorriso. Aquele era o cenário da maior parte dos nossos pornôs de baixa resolução. A cama dela, bem maior do que era a minha na adolescência, coberta com colcha roxa. Bichos de pelúcia em cima do travesseiro contrastavam com o Colbain e Led Zeppelin pendurados na parede. Quase todas as paredes eram cobertas por pôster. A primeira maquete da Estaiada, em cima de uma prateleira sobre a escrivaninha entupida de tralha. Nunca conseguiu manter o próprio workspace limpo.

Abri depois o closet dela. Fernanda tinha um closet e nele, uma parede só de sapatos. Um dia nessa vida ela foi compradora compulsiva de sapatos e eu quase me esquecia disso. Poderíamos ter sido um casal muito mais feliz, se eu tivesse descoberto minha tara por sapatos quando sem filhos.

Fuçando as gavetas e armários dela, encontrei um milhão de objetos de fetiche. Casacos, vestidos, camisas. Nunca esperei que depois de velho eu alimentasse tara por indumentária feminina, coisa que mexe com a minha imaginação. Acho que a nossa sexualidade amadurece com a gente. Com dezoito anos, pau na boceta era tudo. Eu podia ficar horas só naquilo. Depois parou de ser novidade e aí começam as demais experiências. Outras áreas do corpo, cada vez mais afastadas da genitália, até chegar àquilo. Rodrigo tendo uma ereção num closet, com o filho doente no braço.

Calculei, embora minha matemática fosse incerta, quantos pares daqueles caberiam no porta-malas. Mais, quantos pares caberiam na sapateira dela, lá de casa.

— Alô, Dio? – Era a Fê, no telefone. Estranhei, ela não era de me ligar. A voz não estava boa. Eu estava no meio da reunião com Horácio e Catarina e vi que ambos ficaram incomodados com a ligação. Era, o leitor pode comemorar comigo, o Dia da Alforria do Dio: Vinte e Oito de Abril. O dia do fim das desgraças.

— Um minuto – Eu pedi aos dois, saindo da sala que em menos de duas horas não seria mais minha. – Oi Fê, estou no meio de uma reunião.

— O Lipe passou mal na escola e estou do outro lado da cidade. A coordenadora acabou de me ligar.

— Passou mal, como?

— Não entendi direito, parece que ele está com febre, ele está na enfermaria do colégio. Guto está com ele.

— Guto também não 'tá legal?

— Não, o Guto 'tá bem. Você pode pegar o Lipe do colégio e levá-lo no médico? Eu tenho prova na próxima aula e ela é importante.

— 'Tá, levo. Beijo.

— Obrigada. – Essa era a voz de alívio de uma esposa que viu que podia contar com o marido. Estrelinha dourada para mim!

No fundo, a Fê e eu sabíamos o que o Lipe tinha. Era quase o meio do outono. O tempo estava muito seco, o frio piorava um pouco a cada dia. Vai ser uma temporada difícil para o Lipe, bem posso contar com idas sem fim ao médico. E agora, a Fê no mestrado, eu é quem seguraria a bomba.

Voltei para dentro da minha quase-ex-sala, Horácio e Cat conversavam amenidades. Pedi-lhes desculpas, perguntei se poderíamos terminar a reunião outro dia. Comprometi-me a ir para o escritório da distribuidora caso fosse incômodo a Horácio aparecer na agência de novo.

— Calma, – Ele tinha voz nasalada. Era calvo e tinha um bigodão. Mas de cinquenta anos nas costas, pode ter certeza – Você

virou pai?!

— Hm, não. Eu tenho dois filhos: – Puxei o paletó da cadeira, sentindo as chaves e a carteira nos bolsos – um de sete e um de cinco.

— E como nunca ouvi você falar deles? E menino, eu te conheço antes de você virar sócio dessa biroska.

— Pra você ver como são as coisas – Esse é o tipo de frase que não acrescenta nada no diálogo, mas dá o recado de que você quer dar o fora.

— Eu entendo seu dever como pai, – Horácio se levantava vestindo sua cara não muito boa – mas amanhã eu viajo para a Rússia. Vodka, você sabe.

— Vamos fazer um jantar lá em casa, então? E aí você já conhece o meu novo sócio da minha nova biroska. Vamo' Cat?

Cat não podia dizer não. Sorria o sorriso que os marqueteiros dão para os clientes. "Cat, vamos comer cocô?" Ela sorria do mesmo jeito. Era o mesmo sorriso que eu dava quando um cliente se sentia reizinho. Um grande e simpático sorriso de "Vá tomar no seu cu antes que eu me esqueça".

— Eu não quero atrapalhar. Criança doente em casa é difícil.

— Talvez ele se anime, o Lipe gosta de casa cheia. Só que ele vai rir de você, do seu bigode e da sua voz.

— Estou acostumado.

— Então está combinado – Sorri, esfregando uma palma na outra. Beijeí Cat, abracei Horácio e parti em disparada. Se o Guto estava junto do Lipe, sinal que Lipe não conseguia respirar. Foi o jeito que a Fê achou de não apavorar o Guto diante das crises do Lipe. Guto ajudava o irmãozão nas horas das crises, só que o Guto ainda era novo na escola: ainda não estavam acostumados ao que a mãe deles chama de "irmandade".

É por isso que o Lipe está lá sempre para o irmãozinho, ajudando-o no cadarço e a colocar leite no Sucrilhos. "Por que um ajuda o outro", essa era a única lição que a Fê queria que eles aprendessem. Sabíamos que quando fossem mais velhos (e exigissem

cada um o próprio quarto) isso acabaria. Só que, palavras dela, se ela ensinasse aquilo direito na infância, eles retomariam isso na fase adulta.

Por isso, olhando o "irmãozinho e irmãozão" sentados na cama da enfermaria, a enfermeira e a coordenadora falando na minha orelha, eu só soube sorrir. Era a primeira vez que elas me viam e estavam muito assustadas com o pai das crianças (vulgo, quem paga a mensalidade) ali. Guto segurava a mão do irmão e contava de um a cinco. No cinco o Lipe solta o ar. Note entretanto, que eu não fiz merda nenhuma nesse processo. Não fui eu quem encontrei o método de acalmar o Lipe, nem eu que ensinei a "irmandade" a eles. A esses pequenos milagres que acontecem na minha vida, a Fê é responsável por todos. A mim, basta esticar a faixa "Agradeço a Santo Expedito pela graça alcançada" na frente de uma igreja bem bonita.

— Papai, ninguém queria chamar o Guto.

— Cinco – Contava o Guto. Aí o Lipe puxou o ar.

— Elas não sabiam do poder mágico do Guto. – Sorri, puxando o Lipe para o colo – Você ainda precisa dos serviços dele?

— Não.

— Dá para a gente ir embora? Tem certeza? Papai não está com pressa.

Balançou a cabeça dizendo que estava tudo bem. Afaguei os cabelos do Guto com a mão livre e ele sorriu. Adorava se sentir útil e a gente sempre valorizava os esforços dele.

— Guto, vai com a coordenadora na sua sala e pega suas coisas. Você me ajuda a levar o Lipe no médico?

— Eu ajudo!

— Médico, papai? Eu não quero ir no médico...

Capítulo 20

Puta que o Pariu – Parte 1

— Puta que me pariu – Ela balançava aqueles pernões bons para lá e para cá. Nosso quarto nunca esteve tão entulhado. Muita roupa (e algumas da mãe dela) ela trouxe para cá. Estava puta, fula da vida. Tinha razão e era comigo, mas eu não podia fazer nada. – Preciso de cinco minutos.

— Para pensar?

— Sem perder a amizade – Ah, ah isso. – Puta que pariu, Dio! Mano, como você teve a coragem de oferecer um jantar aqui em casa com o Lipe ardendo em febre? Você tem merda na cabeça?

Ela me chamou de "Mano"? Como se eu fosse um colega de sala com quem andasse? Nunca ouvi "mano" sair da boca dela, nem quando ela tinha idade para dizê-lo. Cacei na memória quem usava essa palavra. Ana por vezes deixava escapar um ou outro, mas nem o leitor nem eu, nunca ouvimos isso quando falava comigo. Um ou outro por mensagem. De onde veio esse “mano”?

— Mas Fê, você tem que entender que não deu outro jeito! Peguei todo mundo desprevenido, eu fui pego desprevenido!

— Eu tenho que entender?! Que parte do "seu filho está ardendo em febre" você não entendeu?! Trinta e nove! Parece quente o suficiente? Ou o Lipe tem que começar a estrebuchar para você ver que é sério? (E não venha falar que você nunca viu o Lipe com convulsão, por que da vez que isso aconteceu, você estava no trabalho).

Deixei a Fê passar sozinha pelo aperto de um filho convulsionando e o outro desesperado, louco de choro. E vai fazer só um ano.

— Porra. – Sentou-se na cadeira dela, de frente para o próprio computador – E eu ainda tenho que estudar pra essa merda de prova amanhã. Parabéns, Dio. Você é mestre na arte de foder com a minha vida.

...

— Acabou seus cinco minutos?

— Eu vou acabar com a sua cara, se continuar falando – Mortal e insanamente nervosa. Apoiou os cotovelos na mesa, coçou a testa. Bufava, sequer me movi. Era não mais que seis horas. A Fê acabou a prova e veio correndo para casa para saber do filho. Chamam de “asma sazonal” o que tem o nosso Lipe, uma espécie de asma que só dá o ar da graça em algumas épocas do ano. Dizem que é comum no verão em casa úmidas e no inverno. É uma asma que aparece por alergia. A primeira coisa que a Fê fez quando chegou em casa foi tirar todos os tapetes. O piso de madeira segura um pouco de calor. Arrancou

também a cortina da sala e da cozinha. Lavaria tudo isso depois da nossa pequena conversa no quarto. Agora, ela sabendo do jantar, não tinha mais ânimo para lavar nada.

— Que hora eles vêm?

— Oito.

— Dez horas eu quero todo mundo fora daqui.

— Vai ser rápido, eu prometo. Eu juro que só chamei eles aqui porque o Horácio vai amanhã para a Rússia.

Fiz risoto por que ele fica bom com tudo. Antônio conseguiu chegar às sete, o filho com o uniforme da escola. A Clau, as pastas do mestrado e uma cara não muito boa. Peguei todo mundo de calças curtas, mas estavam todos lá, atendendo à minha loucura. A Fê ficou no quarto, estudando, eu tentava dar conta da comida e do banho das crianças. O Lipe, coberto por uma manta fina, brincava de Wii com o irmão. É o único brinquedo eletrônico que eles têm. Eles não têm (e não terão num futuro próximo) nem tablet nem celular nem coisas do tipo. Já ouvi alguns pedidos de "Nintendo DS" mas se depender de mim, não terão tão logo. Naquela noite fria com Lipe doente, entretanto, abri uma exceção e liguei o videogame. Guto não sabe brincar daquilo sem estar em pé, chacoalhando aquele controle (que cá entre nós, se parece com um consolo), para todos os lados.

Lipe se animava um pouco brincando com aquilo e a única regra era não fazer muito barulho para que a mãe pudesse estudar em paz. A Cat chegou trazendo uma pasta de algumas coisas já estabelecidas na reunião de mais cedo, cortando etapas desnecessárias, como o contrato do lado do Restaurante e do lado da Distribuidora. Para caso o homem quisesse viajar pela Mãe-Rússia até um dia antes do lançamento da campanha.

Apresentei Antônio e Clau à Cat e dei um controle de Wii para o Dudu. Subi com a Clau para o quarto usando-a de escudo, na esperança de a Fê ficar menos brava comigo. Disse-lhes, enquanto se cumprimentavam, que o jantar seria servido oito e meia e me retirei como um mordomo bem-educado.

Aparentemente, todo mundo tem podres meus para contar. Antônio caçava taças nos meus armários, um vinho que ele mesmo trouxe, aberto na bancada, enquanto trocava piadas sobre mim com a Cat.

— ... E aí ele disse: "Inventa que está com vontade de cagar, dá um jeito que eu estou indo aí".

— ‘Tão procurando taças? – Interrompi o caso que na hora me foi desesperador, mas que Antônio fazia virar uma piada que Cat ria com gosto.

— Sim, mas só acho copos de plástico – Antônio se sentava num dos lugares da mesa, desistindo. Servi a ambos.

— Ah, mas vá se acostumando – Cat endossava o coro – Isso por que ele ainda não te pediu para criar uma campanha inteira, mais de cem mil investidos, sem ter o aval do cliente! E pior, todo mundo foi na dele. Ele fez aquela agência inteira trabalhar madrugadas adentro por dias e dias sem sequer saber se seríamos pagos!

— É bem a cara do Rodrigo. – Brindaram-se, esqueceram que eu também tinha uma taça cheia em mãos? Bebiam como bebe um grupo em lembrança de um amigo falecido. E eu ali, bem na frente deles. A Cat é uma bonita mulher de quarenta anos que se adapta a qualquer ambiente. O azul marinho corporativo e elegante realçava o novo cabelo acobreado que lhe caiu muito bem.

— Você vai fazer falta lá na agência, Rodrigo. Foi bom te ter como chefe nesses cinco anos.

Era uma reunião de trabalho em casa, mas era também o ponto alto de transição na minha vida. Era oficialmente o dia em que eu abandonava o velho trabalho e mergulhava de cabeça no novo. Meu trabalho antigo dando adeus e o novo, as boas-vindas. Dei um abraço nela, de agradecimento. Teve seus bons momentos, aquela joça. Foi feito de boas experiências, no final das contas. Cresci enquanto profissional e depois me vi como um péssimo marido. Sentindo o cheiro almiscarado do perfume dela, concluí:

Tanto fazia o trabalho. Eu poderia ter vendido cachorro-quente na porta de qualquer escola e ainda teria falhado com a Fê. Não foi o trabalho que me sugou tudo, eu quem não soube separar os Rodrigos. Olhando Antônio por cima do ombro dela, pensando no como ele era feliz com a Clau, pensei, talvez ele me ensinasse como não ser (e não se deixar ser) consumido pelo trabalho. Talvez pela observação eu aprendesse a ser mais equilibrado.

Horácio chegou não muito depois. Trazia um vinho e estendeu-me a sacola, me sorrindo um sorriso que eu não soube decifrar. Olhava, talvez com algum orgulho para as três crianças, uma que deveria estar debaixo das cobertas, mas estava de pé, os olhos colados no Mario Kart. E duas que pulavam, o controle na mão e os gritos censurados pela regra única que o Dudu ficou sabendo por um dos meus meninos.

— Eu não sabia que era você o sócio do Rodrigo! – Disse Horácio ao entrar na cozinha. Abraçaram-se. Eu achando tudo aquilo muito estranho. – Esse cara faz simplesmente o melhor Gaspacho que já comi na vida! Que sensacional saber que você vai abrir um restaurante!

— Estava na hora...

— Vocês dois se conhecem?

— Claro. Você acha que fiquei gordo comendo mato? Eu adoro comer e esse homem... ! – Eu não entendia como Antônio e Horácio se conheciam. São

Paulo era grande, mas não tão grande, pelo jeito. – E foi logo se juntar com o melhor publicitário que já conheci. – Horácio nunca me elogiou, nunca. Fiquei sem reação quando ouvi "melhor publicitário". – Você, um ótimo chefe de cozinha e você... – Apontava para mim com o indicador, o outro braço esticado por cima do pescoço do meu sócio – Um sagaz nato. Sabe, cojones? Melhor junção impossível! Eu poderia beijar vocês dois se eu não fosse casado!

— Vindo de você significa muito. – Antônio assumiu a palavra, porque eu simplesmente não conseguia dizer nada. Estávamos rápidos, eu processo devagar. Passei anos com a bola do Horácio na boca justamente por achar que ele só me aturava. Lambia por medo de perder. Não esperava que desse certo.

— Menino, você me trouxe sua maravilhosa sangria?

— Não, vim direto da escola do Dudu. Se o Rodrigo tiver soda e conhaque, eu posso resolver isso.

— Lamento, – Comecei a arrumar os pratos na mesa – você vai ter que experimentá-la no nosso buraco.

— Vê como ele é bom com vendas? – Ele não falava comigo. Nunca o vi tão feliz e comunicativo quanto naquele dia. Aquela calvície e aquele bigode ficavam muito cômicos quando Horácio estava feliz. Parece aquele tio distante que não sabe a hora de parar de beber e fica fazendo piada, suado e vermelho em qualquer reunião familiar.

Clau e Fernanda desceram depois. Falavam alguma nerdice que nenhum dos mortais presentes entendiam. Brava comigo, ao menos com os presentes ela foi educada. Cumprimentou Horácio com suavidade, Catarina com delicadeza e Antônio com alegria. Comentou algo sobre o bolo de aniversário que ele fez a ela e depois chamamos as crianças. Lipe no meu colo não estava muito animado para comer, mas comeu. Guto ao contrário, comia com vontade, sentado no colo da mãe, conversando com Dudu no colo ao lado. Crianças e mães conversavam.

— Sinto que devia ter trazido minha esposa – Horácio pousava o garfo – Ela gosta dessas reuniões. Nossos filhos estão grandes e ela ia adorar este clima.

— Ela está sozinha em casa, agora?

— Elisabeth? Aquela gastadeira está me falindo em algum shopping a essa hora. Ela e minha filha mais velha, Gabriela. Gabi está esperando meu primeiro neto e a Lisa, não contente em já ter comprado o equivalente a três lojas, quer comprar agora o shopping inteiro. Menino, vou te dizer uma coisa: queira ser pai, mas não queira ser avô. É loucura demais e eu tenho pressão alta.

Eu ainda quero ser pai de novo, antes de ser avô. Uma menina, quem sabe? É a peça que falta. Tenho pensado nisso, mas não ousou dizer para a Fê, ela me mataria. Ela tem outros planos, quer o mestrado, quer voltar à ativa; quer o mundo. Sinto que não posso pedir por isso, uma outra chance de repetir a

felicidade que era na gravidez do Lipe e uma chance de me redimir quanto à primeira infância dos meus filhos. Ser um pai neonatal mais presente do que fui.

Uma menininha. Seria lindo. Expirei sonhador olhando minha esposa, imaginando outra gestação. Não vai acontecer. Mas seria sensacional se acontecesse.

— Que acha de ir trabalhar comigo?

Engasguei e bebi um pouco do vinho. Ri de mim mesmo enquanto os outros esperavam uma resposta minha.

— Não, de forma alguma. — era dizer isso, ou dormiria no sofá — Horácio, isso é uma brincadeira muito da sem graça. Você está aqui justamente por que estou querendo dar certo no restaurante. Você me deixa em saia justa na frente do meu sócio e da minha mulher.

— Testa de Ferro, você e eu na Latino-América inteira.

— Isso não tem o menor cabimento.

— Eu vou redigir uma proposta e te mando por e-mail. Depois você me responde.

Não tocamos nesse assunto, ainda bem, pelo resto do jantar. Eu não precisava conversar com Fê para saber a opinião dela sobre isso. Sem ler o e-mail, eu sabia a minha resposta. A Fê, depois do jantar, colocou as crianças na cama. O Du e a Clau foram embora sob a minha promessa de que eu levaria Antônio para casa são e salvo depois. A Fê subiu, pedindo desculpas aos presentes, para estudar mais.

Antônio assumiu o nosso lado na negociação da tal "Balada Light VIP" enquanto eu lavava a louça.

— Não, Dio, você vai. Vá lá com a sua mãe. Eu fico aqui e, se o Lipe melhorar, coisa que eu duvido muito, a gente dá um pulo lá em Poços.

— Eu duvido que o Lipe vá melhorar de hoje para amanhã, mas posso sair daqui amanhã cedo, não preciso ir hoje.

— Prefiro que você vá hoje e durma lá, do que acordar e ir.

— Não quero deixar você sozinha aqui com o Lipe mal.

— ... Não vai ser a primeira vez.

Era o feriado do trabalho. Estava frio e nós comíamos pizza. O Guto não lidava bem com o queijo derretido, mas não nos deixava ajudá-lo. A Fê picou a fatia no prato dele e nós só o orientávamos. O Lipe, mesmo pizza sendo sua comida favorita de todo Universo, essas eram as palavras dele, não estava muito disposto. Teve três crises de asma naquele dia e em duas, precisou de bombinha.

Uma, a gente conseguiu conter sem o broncodilatador, mas duas não deu jeito. E ele sempre ficava um pouco aéreo depois de usar a bombinha, isso quando não suava frio.

Era a asma e a gripe que o derrubavam. Gripe essa, talvez culpa minha. Nada me tira da cabeça que o Lipe só engripou porque ficou demais na piscina. Não era culpa dos avós, mas eu não consigo parar de pensar no motivo da gripe, o que também não seria um problema muito grande, só uma gripe, se não tivesse vindo acompanhada. Catarrento e asmático, o menino não respirava nada bem. E se cansava rápido com tudo.

Trinta e nove de febre de novo. Se subisse mais um grau a gente teria que ir no médico. E eu querendo ir para Poços, acompanhar minha mãe no oncologista, dez da manhã do dia seguinte. Se eu saísse daqui seis horas da manhã chegaria lá em tempo.

— Não, Dio. — Zero negociações com essa mulher — Você não vai ajudar em nada chegando lá cansado. Vá hoje, que é melhor ir no médico descansado.

— Mas e se você tiver que levar o Lipe para o Pronto-Socorro?

— O Lipe tomou remédio que dá sono, só vai acordar amanhã de manhã. — Parou de arrumar os casacos da casa antiga no guarda-roupas — Além do mais, não serão tantas horas. Acho que sobrevivemos sem você.

— Vou colocar o Guto na cama — Vencido, beijei-lhe o ombro enquanto me espremia entre ela, a cama e o móvel aberto — Vê se entra no banho que eu vou te fazer uma massagem depois.

— Com final feliz?

— Daí depende se você vai me obedecer.

Ela sempre obedecia, nesses casos. Guto, sozinho na sala depois do jantar, assistia a tevê enrolado no cobertor. Não dormia, ele adorava Toy Story. Sentei-me ao lado dele, mas foi como se nada tivesse acontecido.

— Papai não estará aqui amanhã de manhã quando você acordar.

— Por quê? — Aí ganhei atenção. Não muita.

— Amanhã levo a vovó no médico.

— Ela está doente que nem o Lipe?

— Mais ou menos. A gente não sabe o que ela tem. Você acha que consegue ajudar a mamãe a cuidar do Lipe enquanto eu estiver fora? — Ele chacoalhou a cabeça em resposta — A mamãe vai precisar muito da sua ajuda, amanhã. Diga a ela, se ela esquecer, de ligar pra mim se vocês forem para o hospital?

Chacoalhou a cabeça e eu o carreguei para a cama. Lipe dormia, um pote com água em cima do criado-mudo, coisa de vó, para umidificar o quarto. Fizemos silêncio e eu o cobri. Cansado, bocejava.

— A gente não pode ir com você?

— Vocês sempre podem ir comigo – Cochichávamos, a luz do quarto apagada, só uma lâmpada azul enfiada na tomada perto da porta, dava conta de a gente se ver. – Só que o Lipe não está bem para ir e alguém tem que ficar aqui para cuidar dele, você não acha? – Ele sempre chacoalha a cabeça quando concorda – Amanhã bem cedo, quando você acordar, papai liga para dar bom dia. Aí, se você quiser dar "boa sorte" para a vovó, eu coloco ela na linha, ok?

O leitor já sabe o que ele fez para concordar comigo. Enfieei parte da coberta por baixo dele e fechei a porta com um tchauzinho, antes. A Fê ainda estava no banho, tempo suficiente para eu arrumar uma mochila.

Olhei a gaveta do extinto KY. Bateu, repentino, uma falta daquele fim de semana que parece que foi há muito. Sequer a câmera, enfeitando a escrivaninha dela no momento nostalgia em que ela se banha, temos usado. Sequer tempo de comprar um álbum para as fotos futuras. A vida tem dado boas porradas. A Fê chega da escola e se tranca para estudar. Eu tenho saído de casa cada vez mais cedo. Tenho me mantido na academia por milagre. Estamos na reta final das reformas no restaurante. Os bombeiros já vistoriaram o imóvel, já temos a licença. Eu passava meus dias no telefone. Ou com fornecedor, ou com jornalista. Contando para todo mundo a data de inauguração. Fazendo a propaganda, arrumando banner em portal de notícia. Não faremos delivery, esse não é o nosso negócio, mas deixávamos os menus nas portarias dos prédios comerciais da Faria Lima.

Todo esse clima de pré-lançamento tem me deixado distante da minha esposa enquanto mulher. Tenho, penso eu, cumprido satisfatoriamente minha função de pai. Ainda consigo pegar as crias na escola, mas os saltos que ela pegou do próprio armário na casa da mãe, nenhum deles deu o ar da graça na minha cama. Não, pelo menos, ainda. Mas talvez, agora que acabaram as provas da Fê, quem sabe? Se o Lipe não piorar... Se der para a gente curtir mais um final de semana sem sair de casa, se minha mãe não tiver o que eu temo que tenha-

— Dio, – Ela abria a porta do banheiro. Molhada ainda, os cabelos suspensos – você não precisa sair correndo de lá, viu? Fica o tempo que precisar, tá?

Entrou na minha vista sem que eu esperasse. Eu não estava completamente preparado. Fui pego de surpresa por uma esposa nua e molhada, me dizendo frivolidades. Era uma cena normal, cena de gente casada, um corpo nu que eu conheço do avesso. Só o corpo da mulher com quem casei. Fiquei sem reação. Confesso que o queixo caiu um pouquinho. Ela estranhou minha surpresa, lá estava ela, segundo antes tão normal, envergonhada agora. As

bochechas vermelhas, os olhos que não me mediam mais.

Cinco segundos de impacto. Foi isso o que tivemos. Sorri depois, ela não. Sorria então, com vergonha de mim. Sequer deve ter percebido a própria nudez, agira no automático, não esperava a minha não-reação. Peguei-a pelas mãos, conduzi-a para a cama. Ela ainda sorria, tão envergonhada quanto no batente do banheiro. *Mulher, eu tenho muita sorte em te ter como esposa.* Fui para o banheiro e voltei, passando a toalha nas costas molhadas dela. Não tínhamos muito tempo, verdade.

Desatei os nós tensos das costas delas e a vergonha se dissipou, sobrou o sorriso. Espontânea e com prazer. A minha jeans não deixava que eu a massageasse como eu queria. Tirei. Apertando costelas, lombar, pescoço e ombros. Aprendi a gostar de massagem, ela levava pouco para esquentar e aceitava minhas investidas. Amaciava a fera e depois de um tempo, ficava melada também, como ali.

— Se você não parar, vai mesmo ter que ir para a sua mãe amanhã de manhã.

— Ah, é?

— E sem dormir.

Virei-a de frente. Beije-i-a melhor do que tenho beijado nos dias últimos. Ela sorriu quando o fiz, a gente se via todos esses dias, mas não mais namorávamos. Senti falta disso. Ganhei um carinho manso e apaixonado, enquanto a beijava. Os olhões pretos e lindos em cima de mim. Tem dias que ela me beija de olhos abertos, eu não me importo, também faço isso só para poder vê-la. Quem foi que falou que você não pode beijar de olhos abertos? Parei com o beijo. Olhos para cima de mim como um presente. Um par de sementes de guaraná brilhantes. As bochechas coradas e aquilo não era mais vergonha.

Não consigo me lembrar da última vez que ela quis ir por cima, controlar ela própria, aos movimentos. Só aquela vez no acostamento, vindo para São Paulo. Não me lembro antes, acho que há mais de cinco anos. Ali estava a vergonha de novo, sem jeito demais para guiar meu pau para dentro. Como se fosse a primeira vez que fazíamos aquilo, como se não tivéssemos intimidade suficiente. Puxei-a para a minha boca e gememos juntos meio bobos, quando entrei. Ela por cima.

— Quer que eu apague a luz? – Ofereci, muito a contragosto.

O maxilar e as sobrancelhas travadas me diziam que não. Ela gostava de ir por cima, não sei por que nunca mais veio. Tirei o elástico do cabelo dela que caiu, um pouco amassado, sobre os ombros. Os olhos raivosos, agora. Era assim que ela ficava muito linda. Sentada no trono, controlando todo o meu corpo. Uma das mãos apoiada no meio peito. Sorriu, o rosto quente. Desci as mãos para

a cintura dela, sentindo-a subir e descer. Ali estava a expressão de êxtase de novo. A boca entreaberta, rósea. As tetas livres. Sentei-me na cama, o clitóris dela batendo na minha pélvis, minhas mãos nas costas dela, a boca em todos os lugares que eu alcançava, inclusive na dela. Ali estavam as mini-mordidas, Fê não é de beijo. Mordia-me o queixo, os ombros, os lábios. Entre gemidos, as mãos apoiadas na minha perna, ela curvada para trás por vezes. Controlando os movimentos todos. O dorso quente e colado no meu. A gente não aguentaria por muito tempo, nenhum de nós.

Os movimentos fortes e ritmados aceleravam conforme nossa própria empolgação. As reboladas que minavam minha sanidade. Tive que controlar os movimentos finais, ela já estava lá quando eu cheguei. Queria arrancar a minha pele de mim, aquela puta.

Se a gente comer um a carne do outro, que gosto tem a dela? Que gosto tem a minha?

Seria doce. E leve. E me abraçava pelo pescoço como me abraçava pela cintura. Fazíamos as pazes de uma briga que não tivemos. Me acarinhava os cabelos que há menos de dois minutos tentava arrancar. Se desculpava pelos arranhões e marcas de dentes. Eu gostava das marcas todas, era sinal de um bom trabalho, massageava meu ego. Fazíamos as pazes também das brigas que nunca pedimos desculpas. Ela sorria e eu não contive a vontade de beijá-la.

O casamento acaba com os beijos compridos. A gente só se beija daquele jeito naquelas circunstâncias. Aprendemos, casando, um monte de outros beijos. A bitoquinha da despedida, do agradecimento, do beijo da cura em cima do joelho dos filhos. O beijo de bom dia (que não beijamos todos os dias, mas devíamos). Esquecemos da primeira maneira que aprendemos a beijar. O beijo do namoro por excelência. O longo e intenso e bonito, que a gente não beija com quem estamos de rolo e guarda para quando o outro já disse "eu te amo" também.

Foi assim que a beijei na primeira vez e assim que a beijava antes de partir.

Capítulo 21

Putaque o Pariu – Parte 2

— O geriatra foi esperto, já pediu a mamografia – Dizia o médico, atrás de sua mesa. Estávamos no consultório, éramos a primeira consulta, meu pai trazia o exame que eu não sabia que minha mãe já tinha feito.

Consegui chegar de madrugada na fazenda, meus pais já dormiam. Deixei a Fê e os meninos em São Paulo e eu consultava o celular o tempo inteiro, esperando notícias do Lipe. O coração dividido entre Minas e São Paulo. Liguei de manhã para casa para saber como andavam as coisas, mas as crianças dormiam. Só consegui falar com a Fê, que me desejou sorte depois de me perguntar se tomei café e se fazia frio aqui em Poços. Disse-me também que se eu quisesse, ela poderia vir para cá. Caso a resposta do médico fosse justamente o que eu temia. Disse-me que eu não precisava ficar sozinho nessa hora.

— A senhora tem histórico familiar? – Era um médico jovem. Tirava os óculos sem armação e balançava na mão direita, enquanto falava com a minha mãe encolhida, na cadeira diante dele.

— Como?

— Se alguém da sua família já teve câncer.

— Ah, Doutor. Já. Mas foi há muito tempo atrás. Sabe, meu filho Rodrigo ainda era de colo.

— Parente distante?

— Minha mãe.

— Vamos fazer uma biópsia.. Há um aumento significativo da mama direita, mas precisamos identificar a natureza deste aumento. A senhora poderia... – Ele digitou alguma coisa rápida no computador sobre a própria mesa – Fazer a biópsia amanhã, sábado, primeiro horário?

Amanhã? Mas tão já? Essas coisas demoram pelo menos de uma semana a quinze dias só para a gente conseguir marcar pelo convênio...

— Se tiver horário, por mim tudo bem – Ela respondeu, cruzando as mãos em cima do colo.

— Que bom – Ele sorria o sorriso protocolar doutor-paciente e imprimia uma folha – Queira, por favor, levar esta guia até a recepção? Amanhã nos vemos, então?

Ele se levantou, apertou a mão da minha mãe, a minha e do meu pai. Guiou-nos até a porta. Tão rápido. Pediu para ficar com a mamografia, nós deixamos.

— Desculpa, esqueci seu nome – Eu disse, um pé dentro do consultório e um fora. Eu sou bom de nomes, ele é quem não tinha dito e nem carregava o crachá da clínica.

— É Pedro.

Pedro, Doutor Pedro. O mesmo nome do pneumologista do Lipe, lá em São Paulo. Talvez "Pedro" seja o nome que as mães colocam nos filhos quando sonham com médicos bem-sucedidos.

Saindo do consultório, eu organizava, mentalmente, a minha vida. Eu precisava acompanhar minha mãe no dia seguinte, mas não podia ficar mais um dia em Poços. Entramos no carro, meu pai no volante, minha mãe no banco do passageiro, e eu no banco de trás. A mesma visão que o Guto e o Lipe têm de mim e da Fê todos os dias. Peguei o celular, tinha pelo menos quatro e-mails que tenho ignorado desde a noite passada, mesmo sem saber o remetente. Se as coisas fossem urgentes, já teriam pelo me ligado..

— Filho,e – Minha mãe me tirava do transe com o celular – Você não precisa ir comigo amanhã, eu sei que o Lipinho não está bem, lá em São Paulo.

— O Lipe está melhor, um pouco – Menti. Eu ainda não tive a oportunidade de saber como ele acordou. – E se a senhora não se importar, eu quero te acompanhar amanhã.

— Claro que eu não me importo.

— Então eu vou ligar para a Fê, ver se ela deixa eu ficar. Se por ela tudo bem, então eu ficarei.

Era cedo. Fiquei sabendo que numa sexta normal, toda a família que trabalha na fábrica de queijo almoça lá em casa. Dona Teresa já estava atrasada para o almoço. O seu rádio a pilha em cima da geladeira, tocando as coisas que a Rádio Globo toca. Meu pai queria me levar para dar uma volta no galpão que a Fê projetou, mas eu preferi ficar com a mãe. Ofereci-me mesmo em vão e sabendo que ela recusaria, a ajudar no almoço.

— Carece não.

— Mas eu quero.

Ela coçava a mão que segurava a faca suja de berinjela. Estava desconfortável. Sabíamos o motivo. Se eu temia, não posso imaginar como ela estava. O pai sempre fazia isso, se afastava da mãe quando ela não estava bem. Aprendi com ele o distanciamento, mas não tenho moral suficiente para culpá-lo. Eu praticava "a proximidade" com os problemas da minha esposa há menos de dois meses. Passei a mão pelas costas dela, seu vestido florido de sair de casa, num carinho.

— A senhora não quer tomar um banho, relaxar, ficar um pouco sozinha para pensar? Eu preparo o almoço, aí a senhora já vê se eu aprendi direito, ou se

preciso de mais aulas com a mestra cuca.

Ela riu um pouquinho, sugando o nariz. Se afastou, as duas mãos no meu rosto, me olhando com aqueles olhos claros cheios d'água. Ela temia e não era como eu, escondido. Minha mãe sempre foi pura nos sentimentos, não conseguia esconder um choro preso no peito, ou uma insatisfação. Ela, seus sessenta e seis anos, o riso contido, os doces em compotas. Um metro e cinquenta de corpo no mundo que ainda me farão muita falta. O primeiro amor da vida de qualquer menino sempre é a mãe. Egoísmo meu supor que eu fosse tão amado por meus filhos, como eles amavam a mãe.

Eu não amo meu pai como amo minha mãe. Amor não se mede, eu sei. Nem se compara. Mas quando minha mãe me olha desse jeito, os olhinhos cheios d'água, eu sei que ela é simplesmente o meu primeiro amor. E sinto culpa por não poder fazer nada para acabar com a agonia presa em seu peito e impressa nos olhos.

— Ou a gente pode ficar nessa cozinha, aumentar esse rádio e fazer o almoço juntos.

— Eu prefiro isso — Me sorriu, os lábios murchos ainda pintados de vermelho. Me manchou o rosto e a testa de batom e depois esfregou com o polegar.

Fica registrado aqui a primeira vez que Dona Teresa abriu a cozinha para um ajudante. O que toca na Rádio Globo nesta hora é sertanejo. Os meninos tatuados de calça estilizada de hoje em dia e os velhacos de calça de montaria e chapéu de caubói.

Ela cantava a maioria, sempre cortando temperos com uma rapidez que eu vou ter que nascer de novo para poder alcançar. Eu ralava uma peça de queijo grande, mozzarella, o tipo de queijo que a gente não faz. Queria fazer lasanha de berinjela, há anos que não como, e a dela é só a melhor lasanha de berinjela da história. Apenas isso.

Trocávamos causos enquanto cozinávamos. De quando eu era moleque. Coisas que eu tinha me esquecido, mas ela não. E ria de se lembrar. De como eu adorava tomar leite das vacas do tio Carlos e de como, para fazer queijo, eu tinha nojo do mesmo leite só por que estava coalhado. Eu fui um menino da roça. Com histórias da roça. Com cintadas que os pais dos meninos da roça dão neles. A mãe lembrava de tudo isso, eu não. Eu só me lembrava da cara de choro dela no portão de embarque do aeroporto, quando passei seis meses fora do país. E o rosto da conquista na cara do meu pai por poder me proporcionar isso. Eu só lembro que nunca retribuí a eles todos os esforços que tiveram para me criar com um mínimo de decência. Coisas que estou, porcamente, tentando fazer com minhas próprias crias.

O assunto há muito já não estava mais na minha infância, já falávamos sobre a família e essas fofocas que toda família grande tem. Que o primo-avô de não sei quem, que é casada com o filho do primo de não sei mais quem, o leitor sabe, essas coisas de família, está de emprego novo. Ou que ciclano está de namorada nova.

— Tivemos medo que aquela São Paulo fedida te mudasse, – Dona Teresa me disse, depois que enfiamos a lasanha no forno, depois de muito tempo falando bobagens – mas você continua o menino de bom coração que saiu daqui.

Nem sempre de bom coração. Eu consegui ser um exímio filho da puta com quem não merecia, mas tem dias com o esse, onde mais como os ingredientes que cozinho, que eu consigo ser razoável. Medíocre. Passo longe do tipo de homem que quero ser.

— Você não quer ir tomar um banho agora, enquanto a lasanha fica pronta? Eu olho. Aproveito já ligo para saber do Lipe.

Ela limpou a mão no pano de prato pendurado na alça do forno e me beijou. Subiu ajeitando a frente do vestido no corpo. Puxei uma cadeira na sala de jantar. Tocou o telefone de casa até cair uma vez, depois ela atendeu. Estava ofegante. Pensei no Lipe e gelei.

— Tudo bem aí, Fê?

— Tudo. Ai Lipe, para! É o papai no telefone! Se você não parar eu vou te chamar do apelido que você não gosta! Ai! Hahahahahahah

— Fê?

— Oi, me dá um segundo – Ouvi uma movimentação estranha, o telefone batendo em alguma coisa. O grito de surpresa do Lipe e do Guto, vozes que se afastavam do telefone e presumi que estivessem correndo da mãe. – Oi, pronto, desculpa. O Lipe acordou um pouco melhor hoje e está querendo colocar em dia um monte de bagunça que não fez.

— Pelo visto ele está melhor.

— Ah sim, melhor até demais. E você, as coisas aí? E sua mãe, no quê que deu?

— Você vai ficar um pouco brava comigo.

— Hm.

— Mas eu quero ficar mais um dia aqui.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não e sim. O médico quer fazer a biópsia dela logo amanhã de manhã.

— Nossa. Que rápido. – Com certeza ela pensava na mesma coisa que eu.

— Pois é. Posso ficar aqui para acompanhar ela amanhã?

— E precisa pedir, Dio? Fica aí com a sua mãe o quanto precisar,

estamos todos bem aqui. Pena que você não levou roupa a mais, né? Vê se seu pai te empresta uma camisa, eu juro que devolvo limpa e passada, só não engomada por que eu não sei engomar. Lipe! Desce daí!

— Tem umas roupas minhas aqui nas gavetas.

— Nossa, aquelas breguices que você tem nessas gavetas nem devem ser chamadas de roupa. Tá, ó, o Guto tá pedindo pra eu te dizer que sentiu falta da sua ligação de manhã. Você prometeu pra ele que ligaria assim que ele acordasse?

— Eu liguei, mas ele estava dormindo.

— Eu disse isso pra ele, mas você prometeu. Ele quer falar com você. A gente se fala mais tarde?

— Ok...

— Então ‘tá. Beijo! – Ela parecia alegre. Fez uma pausa do lado de lá. – Eu te amo, viu? Qualquer coisa, não esquece, a gente corre para aí.

— Beijo, Nina. Também te amo. Obrigado por isso.

— Papai?

— Oi, Guto!

— Papai, por que você não me ligou?

Falei com o Lipe depois. Ele não queria muito falar comigo, ele queria mais dar almofadada na mãe, do que falar comigo. Ainda tossia e a respiração chiava, mas ele ria, era bom sinal. Dizia também que estava com fome. Que a mãe estava demorando com o almoço e eu ri. Lipe é a língua mais veloz e certa daquela casa.

Eu não sabia como seria a biópsia. O médico nos explicou antes de entrar sozinho com a minha mãe na sala que já tinha duas enfermeiras. Meu pai e eu ficamos na sala de espera. Um pequeno corte no peito direito, por onde ele enfia uma agulha de calibre grosso (é assim que eles chamam a grossura da agulha? Ou seria bitola?) e puxa uma pequena parte do tecido suspeito. Disse que minha mãe teria que ir num pronto-socorro domingo de manhã para trocar o curativo.

O almoço ficou por minha conta, naquele dia. Jamais a deixaria fazê-lo. O grupo das três Marias chegou cedo, era sábado, dia de colocar as crias para nadar. Todas as crianças me perguntaram do Lipe e do Guto, enquanto eu colocava o feijão para cozinhar. Meu pai ajudava minha mãe a se deitar, a anestesia foi local, mas ela estava nervosa. Prometi fazer um chá calmante para ela e meu pai veio buscar. Também estava nervoso e derrubou um pouco de chá na escada.

Aquele era um homem que tinha medo de perder a esposa para o câncer. Essa foi a primeira vez que pensei na palavra "câncer". Não gostei. Que não seja nada disso. Continuei temperando a carne pensando em qualquer amenidade que conseguisse.

— Você falou com o Lipe? Ele está melhor? — Meu pai trazia a xícara vazia de volta. Queria evitar a própria vida, também.

— Liguei. — Sorri, largando a colher — Estava brincando de guerrinha com a mãe.

— Pelo menos ele está melhor — Minutos de silêncio sem ninguém dizer palavra. Encheu uma caneca de café e se encostou na geladeira, pensativo. Não tínhamos nada a dizer, mas queríamos conversar.

— A mãe dormiu?

— ‘Tá no banho.

— Quer conversar? — Tentei.

— Eu ainda não parei para pensar, não tenho muito o que dizer.

— Estou aqui para quando descobrir o que dizer.

— Obrigado por ter vindo. Significa muito para a sua mãe e para mim.

Assenti com a cabeça e não prolonguei a conversa. Estar ali era só um pretexto para pensar. A panela de pressão chiava na cozinha e as crianças berravam no quintal. Não pedi que elas se acalmassem, o som delas era o que afastava a casa do clima mórbido. Ofereci-lhe outra xícara de café quando levantei para renovar o meu. Longe de tudo, ele só balançou a cabeça, concordando comigo.

Biópsia. Que merda.

— Por que você não sobe lá com a mãe e fica com ela? — Sugeri.

— Não, eu só vou atrapalhar, não sei falar palavra bonita que nem você.

— Ajuda ela no banho. — Sugeri. E ficou bem estranho isso saindo da boca de um filho — Ajuda ela no banho, bota a mãe para dormir, ajuda ela, não deixa ela sozinha, não.

— Eu não sei o que fazer para ajudar. — Confessou — Nunca soube.

— Ninguém sabe, nem a mãe.

Entendi, assim que eu parei de seguir o gado, que eu deixei de achar que homens e mulheres têm lugares fixos, depois que a Nina ergueu a cabeça da manada e me fez erguer também, que quando você sai da rota que a manada te leva, você tende a querer que os outros saiam também. Você não aceita que os outros, aqueles a quem você ama, continuem seguindo as regras que ninguém escreveu, mas todo mundo segue.

Assim como eu posso praticar a proximidade, como eu posso fazer a minha parte em casa e ajudar a Nina com o mestrado dela, meu pai pode

entender que o lugar dele não é deixando a mãe lidando com as coisas sozinha, se ela tem a ele.

Entendi, que assim que eu achei meu lugar no mundo, posso fazer os outros entenderem também. A verdade é que ninguém sabe lidar com uma possível doença, mas também não sabe onde se encaixa.

Sem dizer nada, jogou o café na pia e subiu. Disse um “pior que está, não fica”, antes. Ele também, muito abalado com a coisa toda, pessimista de natureza, considerando as hipóteses caso a esposa dele tenha o que a gente teme que tenha.

— Faz tempo que a gente não senta para conversar. – Nós dois, Geca e eu, estávamos com mãos de pia. A louça de depois do almoço lavada, estávamos sentados no sofá. Esfriava. Minha mãe passava um café que cheirava bem na casa inteira. As crianças, sem poder entrar na água, inventaram outras brincadeiras onde nós não víamos – Desde quando? Desde o Natal, né?

— Capaz. – Respondeu.

— E você, ‘tá bem? Suas filhas estão lindas.

— Três meninas, – A Geca sorria. Logo se via que as meninas eram o grande amor da vida da Geca – o pai delas tá doido para tentar fazer um menino.

— Quatro filhos? – Eu ri. Dois me dão trabalho o suficiente, não quero nem imaginar quatro. – Haja paciência.

— Já falei para ele fazer vasectomia. Dessa mulher aqui não sai mais filho nenhum!

— E a laqueadura, não pensa em fazer?

— Fiz. – Conferiu as unhas – Mas depois nasceu a Alice.

— Depois da laqueadura nasceu mais um filho? Caramba, Geca.

— Deus tá achando que sou que nem a terra: Botou a semente, tá nascendo. Não aguento mais um filho, não, Deus que me perdoe. Eu amo as minhas meninas, elas são tudo para mim, mas nem ferrando que eu quero mais um!

— E o André quer, né?

— ... O André quer porque não é ele quem cuida.

— Uai, – isso que dá conversar com mineiro: me contamina inteiro – André não é o pai?

— André é o pai, mas a mãe sou eu.

— Desde que a Fê entrou no mestrado, – Pulei toda a parte do sofrimento – tenho sido um pai melhor, eu acho. A Fê reclamava disso, também, parece que

é comum.

— Maria Aline e Maria Júlia também reclamam dos maridos. Mais Maria Júlia, aquele marido dela, eu falo para ela, o marido dela não presta.

— E você, Geca? – Perguntei, mudando de assunto – Não pensa em entrar na faculdade?

— Estou velha, não sirvo para isso mais, não.

— E desde quando idade importa?

— E fazer o que, também?

— Não sei, ué, não tem nada que você goste?

— Estou feliz que as minhas irmãs tenham feito faculdade, isso para mim já está bom.

Eu lembro, quando a gente namorava, que a Maria Aline fazia faculdade e as duas trabalhavam, tanto Maria Angélica, quando Maria Aline, para pagar. Lembro que a grande felicidade da vida da Geca foi ver as irmãs formadas. Tenho que dar o braço a torcer: ver a Geca trabalhar a vida toda para ajudar as irmãs a fazer faculdade sem nunca ter feito uma, foi a prova de amor mais bonita que eu já vi.

— Nunca quis fazer faculdade?

— Quando eu era mocinha, já quis fazer Nutrição, mas agora, com marido e filhos... Acho difícil. É sempre mais complicado depois que você tem filhos.

— A Fê voltar para a escola fez um bem para a gente.

— O André não é você. – Ela me disse, me olhando nos olhos.

E eu, lerdo de nascença, nem me toquei. Nem me toquei que ela menosprezava a Fê, que a Fê se sentia intimidada por causa da Geca, que a Geca foi minha ex. Até ali aquela parte da conversa, a Geca era só uma visita na casa dos meus pais a quem eu estava sendo legal enquanto a minha mãe não terminava de passar o café da tarde.

Ela ter me dito, a minha ex ter dito o que atual marido não sou eu, me fez entender o contexto geral da conversa. Melhor sair da sala o quanto antes, né? Daqui a pouco ela começa a pensar que eu estou querendo remoer qualquer assunto do passado e eu, definitivamente, não quero. Seria indelicadeza da minha parte agradecer por ela ter me abandonado na rodoviária rumo a São Paulo? Seria indelicadeza dizer que a melhor coisa que ela fez por mim foi ter me abandonado? Doe, claro que doe, eu gostava da Geca, mas se ela nunca tivesse me abandonado, eu nunca teria achado a Nina.

E é a Nina que faz meu mundo girar.

Eu, babaca, pensando na mulher e não reparei no contexto. A Geca ainda me olhava nos olhos. Eu, babaca, pensando na Nina e a Geca me olhando. O

golpe foi rápido. *Êpa*. Puta que o pariu. Meu casamento, a Fê me esperando em São Paulo, minhas crias. Tudo isso passou rápido demais na minha cabeça enquanto ela me beijava.

É, leitor. A Geca me beijou.

Ergui-me rápido da cadeira quando pude. Todas as merdas que o leitor puder imaginar passaram pela minha cabeça. O coração desesperado pulou pela boca. Eu respirava ofegante, assustado, medindo o rosto quase pacífico dela.

Cocei os olhos tentando pensar um pensamento por vez, mas não deu. Turbilhão de agonias, culpa e medo, remorso e desespero. Tudo a duzentos quilômetros por hora, passando bem rápido.

Puta que o pariu. Puta que o pariu. Puta que o pariu.

Não pode bater em mulher.

Não pode bater em mulher.

Puta que o pariu.

Capítulo 22

Puta que o Pariu – Parte 3

Calma. Respira. Escondi-me no banheiro do meu quarto, o cu na mão, beijando a aliança de casamento. Sentado na privada, os pensamentos a mil. Não dava para pensar uma coisa só. Era como segurar toda a minha história, todo meu sacrifício, toda a minha luta na mão. E ter a mão guiada para o lixo. Como se não valesse nada. Como se fosse descartável. Era isso o que aquele beijo significava. Quando a Fê souber...

Eu tremia. Nervoso, desesperado. As mulheres não têm perdão. Não sabem brincar. Se tem uma que te leva para o céu, vem outra e te arrasta pelo cabelo para debaixo da ponte. Sem massagem. Um beijo só. Por Deus, eu juro que eu não quis, eu não quis aquele beijo.

E pior, eu estou tão desacostumado a não ser beijado só pela Fê, que eu não previ. Eu não desviei, eu nada. Só fiquei parado ali. Nenhuma reação. Só depois, ela com aqueles olhos para cima de mim. Até o olhar dela me açoitava. Tenho vontade de sumir daqui, pegar minhas coisas e voltar para São Paulo.

Só que se eu pego o carro agora, bem sou capaz de fazer merda na estrada. *Entra no banho. Fica de molho aí. Depois você faz o que quiser. Não sai desse quarto agora, não dá vexame na frente de teus pais, a situação deles é tão delicada quanto a sua.* Eles não precisam de mais sarna pra se coçar.

Ligar para a Ana. Ela vai saber o que fazer. Primeiro vai querer me matar, vai jogar a culpa em mim, vai dizer que eu devia ter dado um duplo twist carpado para trás para evitar o beijo, mas depois vai me ajudar a sair dessa. Vai me mandar contar pra Fê, vai tratar de me guiar para fora desse buraco. Por que eu não me vejo saindo dessa sem ajuda de alguém.

Depois de tudo isso. Depois de todo esse sacrifício. Eu larguei um bom emprego. Eu entrei na academia, eu tenho dado o melhor de mim para a minha família. Eu tenho me preocupado com o trabalho da Fê, o mestrado dela. Eu tenho me policiado para não deixar nenhuma piadinha, que ela suspeite ser de deboche, escapar. Eu tenho. Eu juro que tenho.

Por quê? Por quê? Por quê? Por que eu, por que agora? Por que, Senhor, por quê?

Vê só como é a estrutura do casamento. Você se doa inteiramente para uma pessoa. Você faz o diabo que for por ela, você bem colocaria a mão no fogo por ela sem nem saber por que estão te mandando colocar – só coloca. Sem criticar, sem questionar. Você daria muita coisa nessa vida só para poder ver os filhotes e a Dona bem. É essa a posição que me encontro. E ao mesmo tempo...

Tão frágil! Tão... nada. Tudo pode acabar, desmoronar, ceder. Só por que te beijaram. E um beijo tão bosta.

Como uma cadeia de TNT colocada na base do Coliseu. Foda-se a história, foda-se quem morreu ali dentro, quantas batalhas travadas entre homens e feras. Casamento é uma luta épica, afinal. E vira tudo pó. Em menos de cinco segundos, o que levou anos para ser erguido de repente –

É só pó e fotografia.

Pó, fotografia e umas lembranças.

Querendo o quê eu fui me sentar na sala com ela? Pois fomos amigos? Eu sabia que a Fê não gostava da Geca, por que eu não fiquei longe? Por que eu fui conversar?

Rodrigo, você só se sente responsável por ela por que se sente culpado. Culpado, pois era ela quem devia ser a mãe dos seus filhos? E quem garante isso? Quem pode dizer que, se ela não tivesse me abandonado naquela rodoviária, ela hoje ocuparia o lugar da Fê? E se eu me cansasse de uma mulher que só foi criada para casa e os filhos? A Fê me inflama! A Fê me deixa sem entender metade das nerdices que compartilha comigo, eu não entendo lhufas de matemática, nem física, mas só o fato de ela me procurar como se eu fosse capaz de entender as coisas que ela fala, de alguma forma, me torna especial.

Por que para a Fê, eu sinto assim, é como se eu fosse especial.

Como se eu fosse importante. Quando ela acordava e fazia o café para mim, antes de eu sair para o trabalho, mesmo nos dias ruins. Quando ela cuidava dos nossos filhos sem me cobrar nada. Quando ela me comprava roupas novas, pensando em mim. Quando ela cozinhava alguma coisa que eu gostava de comer. Mesmo sem um pinga de vontade de dividir a cama comigo, ela me dava beijo de boa noite.

Nunca, em todos os anos, os bons e ruins, eu nunca deixei de me sentir importante para ela. Por mais que eu não demonstrasse a importância que ela tem, eu nunca senti menos amor. Mesmo nas brigas. Mesmo quando eu me afastava e recostava para vê-la lidar com os problemas sozinha.

Talvez por isso hoje eu dê o meu melhor. Por que doeu demais imaginar não ser importante para ela. Aqueles sete dias em que não fui especial para ela, aqueles sete dias com aquela mulher longe dos meus olhos, longe da minha vida.

E agora. Por uma porra de um beijo. Por uma merdinha. Por nada. Se o casamento fosse uma bolha de sabão, parabéns, Geca. Você sabe mesmo estragar uma festa.

Eu chorava de soluçar. Se eu tivesse escolhido a cama para me acalantar em vez do chuveiro, que patética cena seria essa, a que o leitor veria. Um marmanjo, casado, dois filhos. Chorando em posição fetal. Um garotinho de dez

anos, menos até, chorando na cama a morte do animal de estimação. Era esse o Rodrigo que estava no chuveiro. Perdido. Um Rodrigo que nem perguntou o que a Fê tem a dizer sobre isso, mas que no fundo, já sabe a resposta.

— Dio? – Agora não, Geca. Vai se foder, mulher, some da minha vida. Vai lá dar para aquele seu marido de bosta e vê se me deixa aqui.

Ainda bem que subi as escadas correndo e não disse palavra sobre aquilo. Por que primeiro foi o estágio do chororô, mas agora, ao ouvir aquela voz feminina abafada pelo chuveiro e pela porta, eu só conseguia sentir muita raiva. MUITA.

Mentira. Só tinha chororô. Raiva mesmo, bem pouca. Mais raiva de mim, que dela. Porque eu não previ. Porque a consequência vai cair em mim, eu quem vou pagar essa conta. Meu problema não estava no beijo, beijo mesmo foi só um selinho. Problema é o que vai acontecer quando eu sair desse box. Quando eu descer e encontrar a Geca lá embaixo, meus pais com medo de um câncer, eu querendo ficar para levar minha mãe, domingo de manhã, para trocar o curativo e, ao mesmo tempo, querendo pular a janela sem ser visto, para entrar no carro e ir para casa sem nem olhar para trás.

— Dio? – Abriram a porta. Nem deu tempo de eu me cobrir, nada disso. Eu até esperava que fosse a Geca e o esporro, ela que se cuidasse, seria de deixar com vergonha a finada Derci Gonçalves.

Mas não era. Era o corpo de um metro e setenta no mundo que se me pedisse divórcio eu seria capaz de pular de uma ponte. Ela parada no batente da porta, me olhando com olhos felizes, eu não soube o que pensar. Veio até aqui, eu sei, para ficar comigo, ser meu porto-seguro nessa hora difícil. Desmoronei. Escondi o rosto atrás das mãos e chorei, Cristo, chorei como se tivessem matado minha família inteira bem na minha frente.

— Dio, quê que foi? – Me tratava como tratava o Guto. Tirou a blusa de frio, a calça e os sapatos bem rápido e se enfiou para baixo do chuveiro comigo. Me abraçou e eu não queria molhar os cabelos dela. – É sua mãe? Já deram o resultado?

Engoli uma azeitona que travou na garganta e não descia. A garganta doía e não saía voz. Eu não conseguiria dizer. Por que ela veio? Por quê? Não está certo. Eu devia ter um tempo para me preparar, para poder dizer a ela. Eu devia ter ligado para a Ana para saber o que fazer. E agora ela aqui... Esses olhos tão preocupados! Como é que eu vou contar pra ela?

— Eu não sei como dizer. – Os homens quando choram ficam muito feios. Eles catarram, tem gosma branca saindo do nariz pulando direto para a boca, os olhos e o rosto inteiro ficam vermelhos. A gente fica menos másculo que nunca, parece até que definha, quando chora.

A Fê não ligava para nada disso, me olhava e chorava comigo sem saber o que tinha acontecido. Me apertava também, num abraço. *Eu vou perder tudo isso quando eu abrir minha boca.* Me afastou os cabelos que escorriam molhados pelos olhos, ainda naquele olhar quase materno. Apertei-a com força. E chorei.

— Eu não quero te perder, Nina. — Eu não sei se ela ouviu, eu mesmo quase não ouvi — Eu morro de medo de te perder, Fê. Tudo o que fiz para chegar até aqui, todo o meu esforço, todo o nosso esforço. Nina...

— ... Mas Dio, você não vai me perder — Ela dizia, afundada no meu peito, mais racional do que eu, quase cômica — A não ser que tenha me traído, aí você vai me perder. — Eu não consegui dizer nada em resposta, só chorar ainda mais alto e para fora — Dio, você me traiu? VOCÊ ME TRAIU?

Então ela chorava. Alto. Enquanto me batia. As lágrimas pulavam para fora do rosto dela como se até elas tivessem ódio de mim. Gemia enquanto chorava. E eu, eu não consegui fazer nada. Nem dizer que não traí, porque aquilo não foi traição. Uma parte de mim dizia que sim, que eu traí e que aquilo foi uma traição, que eu merecia levar mais porrada. Que ela contratasse um desses seguranças de boate para me dar uma surra, porque eu merecia uma surra.

Só que uma outra parte de mim... Depois dela nunca houve outra mulher na minha vida. Eu encerrei a festa e os Rodrigues não eram mais servidos em Open Bar. Só tinha ela, ninguém mais. Não foi traição. Eu me sinto culpado justamente por que eu não traí. Eu não sou esse marido. Eu posso ser um bosta relapso, relaxado e omissivo, mas eu sou fiel como um cachorro.

Não, mais que um cachorro. Por que os cachorros cedem quando lhes esticam um bom filé e eu, não.

Nessa altura voava shampoo, condicionador, saboneteira na minha orelha. Ela gritava muito alto, muito brava, muito irritada. Eu quebrei o coração da minha esposa sem dizer uma mísera palavra, um mísero "não" que fosse. Aquele choro era de mágoa e a história que eu contava a ela sem dizer nada era muito mais escabrosa que a verdade.

Para ela, sem eu dizer nada, houve um anal e uma suruba. Com certeza Fernanda sabia que era a Geca, mas a imaginação dela ia onde a verdade não ia. Abracei-a pelos ombros enquanto ela repetia uma única sentença:

— Como você pôde, Dio. Depois de tudo, depois de tudo isso. Como você pôde...

— Ela que me beijou, Nina- Eu não tive culpa, eu não-

— FÊ, O LIPE NÃO TÁ RESPIRANDO! — Dizia alguém do outro lado da porta.

Corremos. Paramos com o drama mexicano e corremos. Eu vesti a

mesma roupa que usava antes, a calça e a camisa, a Fê fez o mesmo. Abrimos a porta, ela na frente, e descemos correndo. Sentado na sala, o irmãozinho do lado, nosso Lipe estava pálido, a boca azul. Reconhecíamos uma crise aguda de longe.

— Guto, a bombinha dele.

— Já dei, mãe.

— Alguém sabe há quanto tempo?

— ...

— FOI HÁ MAIS DE QUATRO MINUTOS OU NÃO?!

Subi correndo para o meu quarto, peguei a chave do carro no criado-mudo. Não fazia ideia de onde estava a chave do carro da Fê, desci na mesma velocidade e entreguei a chave para ela, mandando ela dar a partida no carro, enquanto eu levava o Lipe, por que ela não aguentaria o Lipe no colo por muito tempo.

— Fica aqui com a vovó que a gente já volta. – Ela disse, beijando o topo da cabeça de um Guto assustado.

Corremos. Entrei com o Lipe no banco da frente, ela arrancou. Levei um tempo para raciocinar, onde era o pronto-socorro mais próximo. Foi o tempo de ela sair da fazenda, dirigindo como uma louca, que eu me guiei. Para o mesmo pronto-socorro que eu planejava levar a minha mãe, no dia seguinte, para trocar o curativo.

O Lipe, no meu colo, confuso. Era uma crise aguda. Os lábios roxos, a respiração curta. Tentei caçar uma veia no pescoço dele, contar os batimentos cardíacos. Se tivesse mais que cento e dez por minuto, essa seria a crise mais grave que ele já teve na vida.

— Vai ficar tudo bem, filho. Papai tá aqui.

Só que o Lipe não entendia, ele estava aéreo e isso também era um mau sinal. Olhei para o painel do carro, cinco e dezesseis da tarde. Comecei a contar os batimentos do meu filho quando virou dezessete. A Fê seguia pela estrada, rumo à cidade. *Vamos, Lipe. Fica bem. Porra de bombinha, faça efeito!*

Estacionou o carro na vaga da ambulância e eu saí com o menino no colo. Encostei a barriga na recepção e a Fê foi despejando todo o quadro clínico do nosso filho para cima da moça. Ainda bem, ainda bem mesmo que não era horário de janta de nenhum médico e o atendimento foi rápido. Colocaram o menino na maca, mais para lá do que para cá, a boca azul e os olhinhos longe; ela ficou para fazer a ficha na recepção e eu segui com a maca para dentro do corredor do pronto-socorro, ignorando as pessoas na sala de espera que nos olhavam curiosas.

— Por que eles não deixam a gente entrar? Por quê?

Fê e eu estávamos encostados na porta de uma sala sem identificação, no meio de um corredor vazio e branco. Lâmpadas fluorescentes no teto, aquele clima de hospital que ninguém gosta. Nenhum barulho além do nosso próprio fungar. Andávamos de um lado para o outro. Nosso cabelo molhado, eu sem blusa de frio, a adrenalina correndo solta não só pelo que acontecia com meu filho, mas também pelo que acontecia com a minha mulher.

— Pais só atrapalham nessas horas. — Consolei. Se estivéssemos lá dentro, estaríamos mais atrapalhando do que ajudando. Esquecemos de trazer a bombinha quando viemos, mas sabíamos de cor a marca, que foi a única coisa que os médicos nos perguntaram, além do tempo que ele não conseguia respirar.

Era para ele estar melhor na casa da minha mãe. Lá é só mato, sem poluição, sem nada. Tem verde e mato para tudo quanto é lado, lá era até melhor até do que em casa. Por que, então? A Fê pensava o mesmo que eu, só que ela se culpava.

— Eu não devia ter vindo. O Lipe estava melhor hoje de manhã! A gente brincou, ele até conseguiu correr...

— Vem cá, a culpa não é sua...

— Não encosta em mim! — Fuzilava. Um indicador apontado na minha cara, os olhos muito raivosos. — Vê se não chega perto de mim.

Silêncio. Eu não encostei mais nela. Sem relógio, sem celular, sem carteira. Eu estava descalço. A Fê também. Só vestimos a calça, a blusa, e corremos. Não tinha relógio no corredor, nem tevê, nem nada. Nem janela. Não soubemos quanto tempo ficamos ali, de guarda na frente daquela sala, nervosos e em silêncio, até que a primeira mulher saiu.

— E aí? — A Fê conseguiu atacar a mulher antes de mim. — Como está o Lipe?

— A pressão está baixa, mas ele está sob controle, agora. O médico quer observar pelas próximas horas como ele se comporta.

— A gente pode ver ele?

— Vamos transferi-lo para a enfermaria e lá vocês poderão vê-lo.

— Para que lado fica a enfermaria?

Ela apontou para o fim do corredor e nós nos adiantamos. Ficamos plantados na porta. Agora tinha relógio e tevê, já passava das nove da noite. Nós não vimos esse tempo passar. Não houve todo esse tempo, impossível. Não aguentaríamos ficar quatro horas de pé, na frente de uma porta, esperando notícias do meu filho.

Ou aguentaríamos?

Havia um pequeno hall, com uma recepção abandonada, nesse novo cômodo do pronto-socorro. Nenhum sinal do Lipe, nem daquela mulher. Tinha transferência por dentro do corredor, que separasse o caminho dos pacientes e dos visitantes? A mulher abriu a porta dupla de plástico para a gente, sorrindo. Aquele mesmo sorriso que recebi hoje de manhã, do oncologista que se chamava Pedro.

Atravessamos várias baias de cortinas azuis até chegarmos perto de uma que guardava a risada do nosso Lipe.

— Um ninho de mafagafos tem cinco mafagafinhos, quem os desmafagafizar, bom mafagafizador será!

— Um ninho de magafafos-

— Mafagafos*

O médico e o Lipe conversavam, o menino deitado na cama. Graças a Deus não o entubaram. Graças a Deus aqueles lábios não estavam mais roxos. A Fê não conseguiu entrar na sala separada das outras por cortinas, ela estava um caco. Chorava copiosamente. Eu queria dar um abraço nela, dizer que estava tudo bem, só que eu não podia. Dei-lhe a mão, ouvindo o trava-línguas, o choro no queixo e um meio sorriso.

— Vem Nina, o Lipe está bem, agora.

Ela chacoalhou a cabeça que sim, limpando as lágrimas nas mangas da blusa. O Lipe finalmente nos viu. Coradinho, o peito um pouco chiente ainda, mas rindo. A mãe deu um beijo na testa dele e eu a segui. Tinha um cateter enfiado no braço direito dele, e dois saquinhos de soro, um meio amarelado com medicamento, pendurado na parede por um gancho, um engatilhado para entrar depois.

Seria uma noite longa.

— Quando esse soro acabar, ele vai fazer uma inalação com um outro broncodilatador, depois vai tomar soro de novo. – Era bem gente boa, o médico que não devia ter completado trinta anos, ainda. Era Mauro seu nome, não Pedro. Pelo menos, era o que estava escrito no crachá. – Vocês são daqui de perto?

— Não, somos de São Paulo. Viemos ver a vó do Lipe.

— Por isso que ele não sabe o trava-língua do mafagafo! – Agitou os cabelos do Lipe e o Lipe não gostou muito, ficou, com o braço bom, ajeitando os próprios cabelos.

— Mãe, ensina para ele, aí toda vez que a bombinha não fizer efeito, você pede para ele dizer o trava-línguas. Se ele não conseguir, você traz ele para cá ou para o médico dele, entendeu? Mas ele tem que falar assim, ó, bem rápido. Senão, não vale.

— O Lipe é esperto, ele aprende rápido – Ela disse.

— Bom, eu vou deixar vocês três a sós para o Lipe acalmar vocês dois e daqui um tempo eu volto.

Três cabeças balançaram em resposta, ele sorriu amigável e se foi. A Fê sentou-se na beira da cama do Lipe e eu tomei conta da cadeira ao lado. Eles ficaram trocando amenidades por um tempo, depois ficaram tentando dizer o trava-língua do mafagafo e eu fiquei na minha, só observando.

Depois disso, o Lipe dormiu. Sequer tinha acabado o primeiro saquinho do soro. Silêncio pela enfermaria, salvo algumas tossidas de cortinas alheias. Apagamos a luz da cortina do Lipe e diminuímos o barulho da tevê. Ela me encarou, finalmente. Um olhar frio e magoado. Acho que essa era a deixa para eu me explicar.

Puxei ela da cama do Lipe para o meu colo. Fazia bico de quem choraria num futuro muito próximo, mas não resistiu quando a puxei. Estava cansada demais para brigar, nós estávamos. Só o fato de termos passado quatro horas dentro de nossas próprias cabeças pensando merda, já nos deu tempo de diminuir o tamanho do drama.

Diante do susto que o Lipe nos deu, o selinho na Geca pareceu bobo. Uma coisa tão pequena que, olhando para ela sentada ereta no meu colo como quem não quer estar nele, eu me senti idiota.

Era, realmente, só a porra de um selinho. Um beijo num vira-lata colocado para adoção vale mais do que o selinho que a Geca me arrancou. Muito mais, por que eu me sinto comovido com um vira-lata esperando por um dono. Só não tenho cachorro por que a Fê não quer. Quando a Fê quiser, adoto logo uns três.

— Eu vou explicar tudo de uma vez, para você não pensar que eu levei a Geca para uma casa de swing. Não foi nada disso. – Cochichei. Aninhei-a, mesmo contra a vontade dela, no meu peito. Ela abriu a boca, com sono. Era fácil ser marido com a Nina no colo, era bom, era quente.

Expliquei. Tudo exatamente como aconteceu, desde a conversa com a minha mãe, até sábado de tarde, horas antes de ela chegar com os meninos e me pegar no banho chorando como um garotinho. Expliquei que eu sou otário e dou conversa para qualquer um, que adoro conversar, que sentei na sala com a Geca só por falta do que fazer, que puxei assunto como eu puxaria com qualquer pessoa que se sentasse ao meu lado.

É assim que eu jogo. Limpo. Não vejo razão para mentir. Não tem razão para ela me abandonar. Não houve e não haverá. Ela pode ficar muito brava comigo, com razão, mas da minha casa essa mulher não sai.

Da minha vida, essa mulher não sai.

— Dio, você é tão ingênuo que eu tenho raiva de você. – Ela também cochichava. Não queríamos acordar o Lipe. – Como você não viu? Você chama uma mulher que ainda te ama, que tem um passado com você, para conversar justamente no único fim de semana que a sua esposa não foi. O que diabos você queria que ela pensasse?

— Vai defender ela?

— Lógico que não. Eu estou com muita vontade de ir lá na casa daquela vaca e dar na cara dela até dizer chega. Eu fiquei me culpando depois que o marido dela me cantou. Eu cheguei agora há pouco na casa da sua mãe e ainda dei um abraço naquela vadia! Eu não defenderia ela nem morta!

— Então... ?

— Só que você deu um contexto para essa conversa. Dio, de boas intenções o inferno está cheio.

— Eu não dei merda de contexto nenhum.

— Ah, deu – Cessamos o diálogo por que a mesma mulher que nos mostrou a enfermaria estava de volta. Nos sorriu incomodada e a Fê se ergueu, pedindo desculpa (como se tivesse culpa) e acendeu a luz. Trazia uma máscara de inalação e um potinho numa bandeja de ferro, com um líquido dentro. Passou o elástico da máscara pela cabeça do Lipe adormecido, acoplou um cano de plástico maleável à máscara, atarraxou o potinho no final do cano, depois uma mangueirinha fina e transparente ligando o potinho ao tanque de oxigênio preso na parede. Nunca tinha visto dessas inalações que as crianças podem fazer deitadas. Tinha me poupado noites e noites em claro, se eu soubesse que existem inalações que deixam os pais dormir.

— Olhem de vez em quando se o pote dele está vazio. Vai fazer um barulho estranho quando o remédio acabar. Quando acabar, me chamem. – Despediu-se. O barulho da inalação era mais alto que o barulho da tevê. Apagamos a luz de novo. E ela voltou para o meu colo.

— Você me perdoa? Você está muito brava comigo?

— Dio, do jeito que eu te encontrei no banheiro, eu jurava que tinha rolado. Eu jurava, assim que você não me disse nada, que vocês dois tinham transado.

— Jamais. Depois de você só tem você.

— Mas eu acho que eu... Não posso ficar brava com um selinho.

Isso, não pode. Mas por que não? Eu ficaria, se o André tivesse te beijado. Muito bravo.

— É como você me disse quando ficou olhando a bunda dela: "Um homem que está tentando consertar as cagadas no casamento tem que ser muito tolo para olhar para o lado". Dio, se isso fosse há dois meses, eu não te

perdoaria. Mas agora... Eu só quero ficar bem com você. Estou cansada.

— Eu te amo, Nina. Me perdoa. Eu juro, juro que eu —

Era a segunda vez que me roubaram um beijo naquele sábado. Não sou acostumado a assaltos, mas o dela era o bom. Podia levar de mim o que quisesse.

Capítulo 23

Marido

"Só uma mulher para salvar a outra". É nisso que eu penso enquanto o Doutor Miguel não libera meu filhotinho. Maria Angélica não merece ser salva. Maria Angélica quer meu marido e não tem nenhum respeito por mim ou minhas crianças. Maria Angélica me dá nojo e ela, ela me beijou e abraçou, ainda com baba do meu marido na boca. Era falsa. Sequer deve ter pensado nas consequências.

O que Miller diria para a Ferreira? A Miller não teve muitos namorados, não soube o gosto do ciúmes. Ela foi de muitos rolos, muitos pegas, já sentiu o gosto de como é provocar ciúmes, mas nunca o sentiu. Parte por medo de se apaixonar e acabar como a mãe, parte por medo de se apaixonar por um cara como o pai. Sobre a arte de não brigar por causa de homem, a Miller tem muito a ensinar. Sobre a arte de as mulheres merecerem uns tabefes, ela não pode me dizer nada; não tem repertório.

É por isso que eu admiro a Miller, mas não a invejo. Eu não penso em um dia voltar a vê-la. Eu cresci, tive filhos. Eu sou o resultado da Miller. Ela, mais dezesseis anos, resulta nessa Fernanda aqui, que está descalça tomando um ar na porta de um pronto-socorro aleatório, numa cidade aleatória.

O jeito que encontrei o Dio no banheiro... O jeito que ele chorava. Aquilo não era choro para um selinho. Tem mais nessa história, bem posso crer que sim. Não faz sentido. Era como se tivessem sequestrado as crianças. Era tanto o sofrimento, tanto o choro, que eu custo acreditar que fosse só um selinho. O Dio, para começo de conversa, não diz o que pensa. Não chora na minha frente. 'Tá certo que fui eu quem o flagrei, que ele se escondeu para chorar (tecnicamente, não era nem para eu ter ido para Poços), mas um selinho não vale aquele desgaste todo.

Não digo isso desmerecendo a tristeza dele, acho é bom que ele tenha se abalado beijando outra, isso acalma a Miller e o medo do pai, só que eu conheço o Dio. Ele não é bruto, pelo contrário, o acho até que bem sensível, só que o choro naquele banheiro não condiz com o motivo que me deu. Comparando o choro de quando eu disse que o abandonaria e o choro do selinho, qual deles foi o maior?

Para me pedir seis meses o choro não foi tão grande. Na primeira crise de asma do Lipe, o choro não foi tão grande. Nesta crise do Lipe, a de agora. Nada se compara. Nem nas brigas prévias, antes desses dois meses. E olha que eu manjo de fazer barraco. Na questão "barraco" é a Miller que tem que aprender

comigo. Preciso achar um jeito de tirar esta história a limpo, ah preciso. Só que não agora.

O cansaço bate nas costas como aquelas mãos no Ocarina Of Time, no templo do cemitério: que te puxa de volta para o começo da fase e você tem que começar tudo de novo, me tirando de onde estou e me colocando num caminho que não quero refazer. Ganhei um N64 no Natal de 97, sete meses antes da minha mãe morrer, o último Natal que passei com ela, estávamos nos Estados Unidos. Era a maior sensação daquele ano. E eu era uma criança grande de quase vinte anos, muito feliz.

Não sei por que eu disse isso. Nem sei aonde foram parar meu 64, os dois Zeldas, minha fita do 007 Golden Eye, meu Mario Kart, meu Mario que zerei pegando todas as estrelas. Passa das quatro da manhã, vejo pelo relógio da recepção, do lado de dentro. A moça do turno da noite abre um bocão de sono maior que o meu.

Sozinha no ar frio, rio de mim mesma, lembrando do meu primeiro e único videogame da vida. Hoje meus filhos têm o Wii e eu perco deles no Mario Kart. De lá de dentro, surge o Lipe no colo do pai como um filhotinho resgatado de uma floresta em chamas. O Dio sorri para mim e eu sei que está tudo bem. É, talvez seja mesmo só um selinho, talvez eu esteja paranoica. Dei um beijo no Lipe sonolento e um no Dio. Não na boca, não me senti confortável e ele murchou. Me senti culpada em não conseguir beijar meu próprio marido, mas eu só não quis e o estranhamento já estava instaurado. Não sei por que na hora não me senti bem beijando-o na boca, só não achei certo. Ainda não estou completamente convencida. Talvez amanhã, pensei comigo, acarinhando o rosto do Lipe que quando quietinho assim, tem muito mais do pai que de mim.

Voltamos. A casa estava acesa ainda, algumas Ranger paradas na frente. Estavam todos esperando a volta do Lipe? Essa gente não sabe que tem telefone? Eu, que não sou acostumada a grandes bandos, não entendo certas atitudes. O Dio com o Lipe no colo entrou em casa e eu segui com eles, passando o alarme no Corolla do Dio. O maior clima de enterro na sala, a TV falando sozinha para pessoas com xícaras em mãos. A Geca não estava mais lá, mas o marido dela sim. Vê-lo deu um estalo no meu cérebro, me senti tocada com a situação dele.

Uma coisa é você ter que lidar com um marido cobiçado por outra pessoa. Outra, bem pior, é ter o cônjuge cobiçando. Como a gente lida com isso? Como? Pior, sem saber. Você só está lá, em nome do bando, esperando notícias do filho do homem que sua esposa deseja. Me imaginei nessa situação. Fiquei pensando se o André se sentia ao menos intimidado com a figura do Dio, enquanto todo mundo queria ouvir como o Lipe estava.

O Dio subiu para colocar nosso menino na cama e eu peguei a xícara de

chá que Dona Teresa me oferecia. Sentei-me na sala ouvindo as pessoas se despedirem, sentindo o beijo de tchau delas, as preces de melhoras para meu menino, pensando na posição que o André se encontrava. Ser gato pra caramba e estar perdendo a esposa para um amigo. Que, imagino, nem a quer como ela o quer. Deve ser difícil. Ou, vai ser difícil quando ele descobrir.

Eu poderia facilitar essa descoberta. Poderia jogar merda no ventilador. Deixar Dona Jeca se foder com a consequência do próprio ato, só para variar. Enquanto ele se despede de mim com um sorriso alegre e aliviado, dizendo palavras amigáveis e tranquilizadoras, eu penso nisso.

— Você vem amanhã? – Pergunto, me erguendo e o conduzindo até a porta.

— Capaz – Sorriu. Não é por que a gente está casada que está morta, né? Admiro-o em silêncio. – Angélica faz questão de vir, quando vocês estão na cidade.

— Então, amanhã a gente se fala.

— Ei, Fê — Ele disse, atravessando a porta de entrada. Todo mundo nessa família me chama de Fê. Se o Dio me chamasse de "Alcântara" ou qualquer outro absurdo, é assim que me chamariam. André naquela hora sorria, eu sorri de volta aqueles sorrisos que você dá para os parentes do seu marido, querendo ser simpática. – Desculpe o dia que eu falei besteira. Foi desnecessário, eu estava bêbado.

— Esquenta não.

Só que ele mandou outro sorriso depois. Um sorriso que eu reconheço de longe, o mesmo sorriso do Dio. Confiante, simpático, carismático. Detonador. Piscou para mim e se foi. Eu vi o que você fez aqui, Angélica. Você não só encontrou um homem bonito demais, encontrou um homem que sorri como o Dio. Sinto-me na obrigação de fazer uma pesquisa de campo, agora. Os mineiros sorriem todos assim? Meu coração não aguenta um estado inteiro de homens que sorriem assim. É ensinado na escola? Tem como a gente ir para a cadeia por roubar sorrisos? Meus meninos são muito novinhos para crescerem sem mãe, juiz...

Virei-me para a escada, fechando a porta de entrada. Dona Teresa e Seu Alcides estavam na cozinha, o André foi o último a ir embora. Dio estava no topo da escada, braços cruzados na frente do corpo, sorrindo como quando pegava um dos meninos fazendo besteira. Fui pega. Eu não estava imaginando André na cama comigo, só estava muito encantada com o sorriso dele.

— "Você vem amanhã"? – Me remedava. Escondi o rosto nas mãos e subi a escada para encarar meu carrasco. Quase ria, envergonhada. Cara de pau, eu sei que não é a palavra certa, mas cara de pau enferruja. "Oxida" seria uma

palavra melhor. Estou completamente destreinada. Antigamente a Miller chupava o Rodrigo já discando o número de outro rolo. Hoje fico sem jeito de ser pega pelo meu marido, juro, só olhando para outro homem.

— Não cobicei.

— Estou vendo. – Tapava a passagem. Eu, no degrau de baixo, me sentia ainda menor. Olhava-o com a cabeça pendida para trás. – Nina, você está planejando me dar o troco?

Sinceramente, Rodrigo. Falando assim você me ofende. Se acaso eu fosse dessas, minha vingança seria muito mais sofisticada. Assim você subestima a minha inteligência. Acha mesmo que eu me prestaria a um papel desses? Arranjar mais para a minha cabeça? Homem dá trabalho. Além de ser casada com um, pelo amor, eu estou criando dois!

— Não Dio, é só você e é isso aí – Encarei a fala do Espelho da Madrasta da Branca de Neve, pra ver se ele descontraí. Tudo o que eu não preciso agora é de um marido ciumento e no entanto, ele me olha daquele jeito. Abri passagem entre ele e o corrimão e caminhei até o quarto dele, morta de sono, ouvindo os passos atrás de mim. Estava enciumado. O André realmente é muito bonito, mas só. Como um enfeite que a gente compra para pôr na parede: você não vai fazer nada com isso, mas é bom de ficar olhando.

Entrei no banho sabendo que ele viria atrás. Tem sido nossa arena, o banheiro. Arrancando a roupa, me lembrei do Dio choroso. Aquilo me matava. Não é possível que tenha sido só um selinho. Pensar nisso me consome. Liguei o chuveiro e a água quentinha acalmava o espírito, desligando os disjuntores auxiliares. Todos os cômodos do corpo apagado, só funciona o disjuntor geral. A mãozinha do templo do cemitério me pegando de jeito, prontinha para me levar para o começo da fase. Dio entrou depois.

Normalmente ele me pediria para entrar, mas não pediu. Tinha decisão nos olhos, não entendi o contexto. As mãos nas minhas costas, num abraço que não era acalentador. Me olhava nos olhos, sério. A boca bem perto da minha, sem me dizer um "a". Era bonito. Não vale o que come, mas é lindo. Eu não sabia se olhava para a boca ou para os olhos, ambos bonitos. Hoje ainda, a Ferreira sente a mesma coisa que a Miller sentia, perto dele. A mesma sensação. Já passamos por muita coisa, mas algo permanece. O motivo de eu tê-lo pedido em casamento. Sorrio sem perceber, ele ainda me olha. A mão nas minhas costas. Até quando não abria a boca queria me dizer alguma coisa.

E aí eu o beijei, era isso o que ele queria, que eu o beijasse. Eu já o tinha beijado antes, no hospital. Só que me recusar a beijá-lo na saída do pronto-socorro, somado ao meu "você vem amanhã", o deixava em posição de ataque. Eu não gostava quando ele ficava mandão. O Dio, de autoritário passa longe, até

para dar bronca nas crianças ele conversa. De nós dois, se alguém é autoritário, esse alguém sou eu. Não dá para ser amena e tranquila com dois filhos.

Só que quando ele me olha daquele jeito... É como se reivindicasse uma posição que é dele, mas que ele não assume o tempo inteiro. É como se me dissesse, sem qualquer palavra, que eu não sou só a esposa dele. Não tem parceria, não são duas pessoas criando duas pessoas e tentando não se perder no caminho. É como se ele dissesse que eu tenho um dono. Que eu pertenço a alguém e que ele é esse alguém. Como se me mandasse parar de procurar um motivo para aceitá-lo, me lembra que eu não devo aceitá-lo, essa decisão não cabe a mim. Irracionalmente eu sou dele e é essa a desculpa que eu tenho para ficar. É esse o jeito que ele me olha. Como se eu fosse dele.

O Dio é forte, tem pulso firme. É muito político e objetivo, mas é forte justamente por não afirmar força o tempo inteiro. Se ele fosse desses de impor, que não se flexiona, que não se adapta, acho que nunca sequer eu o teria olhado. Lembro até hoje o que me fez querer sair com ele. Não foi só a beleza, tinha outro cara muito gato na minha. Não foi a simpatia, simpatia não é elemento decisivo para a gente levar um cara para a nossa cama. Foi o jeito que ele tratava a Carla, a tatuadora. Chegou trazendo o café favorito dela, com creme por cima, e uma escultura feita de garfo, dessas que vende na rua, metal retorcido, de uma fadinha. *A fadinha o fez se lembrar dela.* Eu não lembro agora o motivo, o porquê a fadinha de garfo o fazia se lembrar dela, só lembro que achei um ato muito bonito. A Carla por outro lado, não se levantou para agradecê-lo, nem desgrudou os olhos da minha teta enquanto tatuava. Só agradeceu e continuou.

Aí eu pensei, aquele homem "x" merecia uma pessoa que valorizasse aquele gesto de carinho, aquele cuidado. Enquanto ele falava com ela, arrumando os materiais dela sem que pedisse, sorrindo aquele sorriso maravilhoso de lindo, eu desejei ser a Carla. Cogitei, sério mesmo, ter um relacionamento de verdade, não mais uns rolos. Eu quebraria o código de honra para ser tratada como ele tratou a Carla: Com carinho, respeito e admiração.

Foi aí que eu dei meu cartão com o telefone do trabalho a ele, quando a Carla foi fazer sei lá Deus o quê no outro cômodo. O resto o leitor sabe.

— Dio, — Deitávamos — foi mesmo só um selinho? Porque o jeito que te encontrei no banheiro não era choro para um selinho.

— É por que você não viu o jeito que fiquei quando você foi embora. Derreteu meu coração, mas não respondeu minha pergunta.

Acordei e ele não estava na cama. Puxei o celular de cima do criado-

mudo, os olhos embaçados. Onze da manhã, odeio acordar tarde. Pela janela, o tempo não estava bom e eu agradei a São Pedro. Mesmo doente, se o Lipe visse ao menos um raio de Sol no céu, ele torraria minha paciência para entrar na piscina. Torta de sono, fiquei decente para encarar a família do Dio e desci.

Uma das Marias trouxe o videogame de casa e as crianças faziam um estardalhaço na sala, alguns adultos também. Eu, meio boba ainda e ignorada pelos meninos (o que é uma mãe, diante de um videogame?!), passei para a cozinha.

Dona Teresa, encostada na geladeira, bebia algo verde num copo. Ria. Tocava aquelas coisas escabrosas num radinho a pilha. O Dio mexia, no fogão de seis bocas, uma panela grande. Dona Teresa agora aceitava ajuda com o almoço? Nunca foi de sua índole, mas vê-la encostada observando o filho, me fez crer que era óbvio que ela aceitaria qualquer coisa do filhotinho dela. Da nora, das sobrinhas, não. Mas do filhotinho querido, é claro.

— Não morre mais. — Ele disse, sorrindo um sorriso divertido, procurando coisas no armário.

— Falavam bem, pelo menos? — Falem bem ou falem mal, para mim, não funciona. Se é para falar, que falem bem. Meu nome não é osso para estar na boca de cachorro.

— O que você procura, filho?

— Colorau — A mãe puxou o tempero de um armário e ele voltou a falar comigo — Quer limonada? A mãe acabou de fazer, limão daqui da fazenda.

— Quero, mas prefiro café antes.

— Que eu falei para a senhora? — Falava com a mãe.

— Menina, café assim de estômago vazio faz mal.

— Eu não existo antes do café, Dona Teresa.

— Que eu falei para a senhora? — E riam, eu não entendi. — Devia ter apostado.

A Mãe do Dio passou uma caneca cheia e eu, agradecendo, rumei para a sala. Lipe e o Guto, mesmo fora da rodada, não se continham. Entre gritos de "VAI!" e "Mas você é muito ruim!", beije-os. Perguntei como Lipe estava, ele só disse que estava tudo bem, dividido entre eu e a TV. Busquei meu computador no quarto, sentei-me na sala de jantar deserta, checando meus e-mails.

Na sexta feira mandei fotos, ou como o Dio diz, Material de Punheta, quando ele saiu de São Paulo. Acho que ele não viu, não fez nenhum comentário e hoje já é domingo. Era para ele ter visto assim que chegasse em Poços, porque se visse sábado e o médico sacasse um diagnóstico ruim para Dona Teresa, minhas fotos ficariam sem graça e sem cabimento. Só que... diante dos últimos acontecimentos, eu nem posso cobrar dele algo que ele nem sabe que existe.

— Ô menina, tá escondida? – Abriram a porta e era seu Alcides com o André. Conversavam. Eu sabia que trabalhavam juntos, que André trabalhava na queijaria junto do seu Alcides, mas nunca os vi juntos. – A Fê é uma pessoa boa para ajudar a gente. – Entraram e se sentaram, eu só minimizei a janela com minhas indecências enviadas por correio eletrônico.

— É o seguinte, vê se você consegue ajudar:

Queriam trocar a iluminação da Fábrica. Todas as lâmpadas. Mil metros quadrados, cem por lado, dois andares, catorze salas do andar de cima. Eu sei, fui eu quem projetou. Não está, nem de longe, entre meus melhores trabalhos. A Fernanda de Hoje não teria feito um galpão de dois andares. Por mais que o primeiro andar tivesse 10m de altura, eu não teria desperdiçado tanto tubo de ventilação, se não tivesse a brilhante ideia de colocar um segundo andar. Coisas que a gente vai aprendendo. Com certeza, foi o projeto desenvolvido em tempo recorde. Três dias e uma internet de dar desgosto.

— Eu precisava ir lá fazer a fotometria antes. Não dá para falar assim, se halogênica vai funcionar melhor que a de descarga elétrica. O que dá para falar assim, pega no pulo, é daquelas fininhas, fluorescentes. O custo-benefício ainda é o melhor do mercado, não as 35mm de diâmetro, as de 28mm, mas tem aquelas de LED agora, ainda não dei uma olhada nelas, desde 2002 que eu não mexo com iluminação, Seu Alcides. Sei que tem muita gente falando bem delas, que a cor é bem fiel, não amarela e não azula o tom. Só que eu não estudei elas...

— Aquelas fluorescentes é a que a gente usa.

— E qual o problema com elas?

— Muita sombra.

— Eu precisava dar uma olhada, só que eu nem tenho mais luxímetro, de tanto tempo que eu não mexo com isso. É muito urgente? Eu posso pegar emprestado, mas daí só da outra vez que eu vier...

— Seria muito bom que você fizesse isso, Fê, porque o pessoal está embaralhando as letrinhas no galpão e não é de agora.

— Tá assim faz tempo?

— Não – Foi a primeira vez naquela conversa que eu ouvi a voz do André – Mas seu sogro contratou uma galera para reformar as instalações elétricas e eles fizeram merda.

— Ah, tá... – Bem coisa do Seu Alcides.

— Ele não quis te ligar, porque achou que você estaria ocupada demais.

— Eu só não quis te atrapalhar... – Defendia-se.

— Aí ele contratou serviço de fora e foi aquele fiasco. Eles pediram três dias, nós paramos a produção, atrasamos entrega... pra ficar uma bela bosta.

— Se for só lâmpada, dá para fazer de madrugada e testar de manhã,

atrasar a produção em algumas horas, só – Aí eu dei a má notícia – Mas, se for elétrico, se eles mexeram na potência que chega nas lâmpadas, se saíram metendo ligação em série e não em paralelo, te prepara: Três dias serão só para achar o problema.

— Jesus Maria José...

— Assim você mata seu sogro do coração, Fernanda.

Fiz aquela cara de "E eu vou fazer o que, se meu sogro saiu enfiando os pés pelas mãos?". Seu Alcides saiu fazendo caretas de dor, dizendo que procuraria o projeto da cagada que fizeram, por que mandaram um projeto detalhado para ele antes de meterem a mão na massa. Eu disse, sabendo que era uma bronca, que se a empresa mandou um projeto e Seu Alcides aprovou, então a empresa não fez cagada nenhuma.

André olhou para mim, eu olhei para o André e a gente riu. A gente ria porque era trágico. André e eu sozinhos na cozinha, um sinal e uma desculpa enviados pelos deuses.

Agora a Angélica ia se foder bonito. Ah, se ia.

— Escuta, mudando de assunto — Agi como uma verdadeira X9, contei tudo, até do dia que ela ergueu aquele rabão na piscina. Contei do beijo, do jeito que fui tratada. Totalmente nada a ver com o problema das lâmpadas.

Ele, por outro lado, não esboçou reação. Eu esperei um senhor barraco, de acabar com o almoço de domingo, eu esperei barraco de fim de novela. E ele ali, passivão, corno-manso até a raiz dos cabelos. Sequer se mexeu. O sorriso acabou e era esse o meu conforto. A postura, os modos... é como se ele soubesse.

— Você não vai dizer nada? – Reage, cornão! Fica bravo, pelo amor! Essa sou eu entrando no desespero. Eu quero a Jeca sentando na saroba hoje, quero ver ela se foder de verde e amarelo.

— Eu já sabia – OQ?

— Até do beijo?! – Fuén

— Eu vi. – Então ele sabe se o beijo foi motivo para tanto chororô por parte do meu marido, ou não – Sabe, no começo não era assim. Eu amei aquela mulher, ela deu um jeito em mim, na minha vida. Você sabia que eu usava coca antes de me casar? A Geca esteve comigo em todos os passos. Já foi me buscar, a pé, em boca de fumo. Eu devo minha vida a ela. Você olha esse cara aqui e pensa que só coisas boas acontecem, que eu só sou frouxo em aceitar viver assim. Depois que o meu irmão foi atropelado na minha frente, eu enlouqueci. Enterrei mãe e não falo com meu pai há mais de vinte anos. Você poderia imaginar?

Não André, ainda não posso.

— Agora você vem aqui me contar isso esperando o quê? Que eu largue a única coisa que deu certo na minha vida? Eu não tenho nada contra seu marido,

de coração limpo que eu falo isso, nem ele, nem eu temos culpa.

— Vocês vão me dar licença, que eu vou arrumar a mesa – Dona Teresa entrava na copa com toalha e pratos.

— Quer conversar lá fora? – Perguntei.

— Tanto faz.

Desertamos a cozinha, sentamo-nos nas espreguiçadeiras perto da piscina. Eu, meu computador fechado e aquele abismo chamado André. Eu não fazia ideia, ninguém pode imaginar. Quando você cumprimenta um conhecido, nunca imagina a história dele. É só uma pessoa conhecida, que se veste bem e parece importante, ou que se veste mal e parece relaxado, se é feio ou bonito, que aperta mais forte ou mais fraco sua mão. Só que não é capaz de desvendar o passado dela. Nunca imaginaria que André é ex-usuário. Nem que a Geca tenha feito uma coisa boa na vida.

— Perdoa – Eu finalmente disse.

— Você pode imaginar criar um filho, a mais brilhante das três, sem saber se ela é sua? Eu passei anos amando a Bianca pela metade, até a Geca se irritar e fazer o teste. Você pode imaginar isso? Melhor: você se deitar com uma mulher e ela te chamar de "Rodrigo" durante a transa. Acredite, já aconteceu e não foi uma só. Sabe por que ela está com aquele corpo deformado de academia? Não é por mim, por mim ela poderia usar XLGGG e não estaria nem aí.

Informação demais de uma vez. Não consegui acompanhar tudo.

— Durou o quê? Um minuto, dois? Um beijo, perto do que ela realmente quer fazer com ele, não é nada.

O Beijo no meu Dio durou tudo isso?

Capítulo 24

Não com a minha família

— André, larga de ser frouxo. Sei lá, pede o divórcio, diz que vai comprar um cigarro e some. Mete o louco. Eu não sou padre, isso aqui não é um confessionário. Eu não vou te absolver de teus pecados. Se você ama essa mulher... — Ó eu, em vez de foder com a Dona Jeca, dando conselho para o marido dela.

— Só amor não basta.

— Ah, basta — Minha vida é a prova viva de que o amor basta — Se você ama essa mulher e se essa mulher te ama, ainda dá jeito.

— Eu a amo, mas ela não me ama mais.

— Meu bem, — Coloquei a mão no rosto dele e olhei-o nos olhos. Colocar a mão no rosto de um homem é um ato muito precipitado, qualquer coisa poderia dar errado, mas eu coloquei — Uma mulher que vai te buscar na biqueira te ama e não é pouco. — Afastei-me. — Você era do tipo que roubava as coisas em casa?

— Não, claro que não. Eu trabalhava e estudava. Só gastava todo o meu dinheiro com isso.

— Cocaína e o que mais?

— A desgraça nunca vem desacompanhada, né?

Ri. Ele tinha mesmo muito do Rodrigo. O jeito de sentar, os cotovelos nos joelhos, o jeito de fazer piadas. O humor sutil e ingênuo. Angélica, que merda você aprontou aqui?

— Eu não vou dar sermão de mãe, nem posso. Sem essa bosta de que casamento é sagrado, nada disso. Eu mesma não casei no religioso e se Deus quiser, não caso.

— Isso é bem contraditório. — Ele riu, desmontando os ombros duros, a cabeça se enfiando entre eles. Os cotovelos nos joelhos. Angélica, sua vaca. Lindo de morrer e com esse jeito do meu Dio.

— É sim. — Me limitei e ri, também.

— Obrigado por me ouvir. — Ele disse, a mão no meu joelho — Acho que eu precisava disso.

— Eu não sou boa conselheira, mas sou boa ouvinte. Só acho que se você quer a Geca, não é confessionário que vai dar jeito. Tira essa cara de bom moço, esse jeitinho de passivo e vá atrás dela, homem. Cacete!

— Você tem um jeito muito peculiar de dar conselhos.

— Você não quer me ver dando broncas.

Sim, estou vendo e ouvi tudo. Tinha acabado de sair da cozinha para chamar a Fê para comer, minha mãe disse que ela estava na piscina. Fui lá e ouço essas coisas. André dando uma de bom moço para cima da minha Fê. Todo apaixonado e tal e coisa. Eu sabia da parte do André ter sido drogado e achei bonito da Geca cuidar dele. A Fê é totalmente de fora, tem muita coisa que ela não sabe do passado da Geca, do passado do André. André é filho do ex-prefeito, ele estudou em escola particular a vida toda, sempre teve do bom e do melhor. Foi, até encontrar a Geca, o tipo de fulano que eu abomino: Um pobre menino rico.

Ainda bem, olha, ainda bem que a Fê não o julgou "coitadinho" e não ficou lambendo as feridas dele. Ainda bem que a Fê é a Fê e deu um passa-fora. Mandou ele fazer exatamente o que eu estou tentando nesses seis meses.

Eles se abraçaram. Se ergueram e se abraçaram. Eu não estou escondido atrás da porta, eu estou plantado, visível. André me vê, faz aquela babaquice infantil de abraçar a mulher de outro homem o máximo que dá, olhando para o dono. Chega a beijar o rosto da minha Fê, as mãos circulando a cintura dela. É abraço com maldade, homem sabe. Não tem essa de "abraço de amigo". Não, olhando para o marido dela. Fervi. A Fê passou por mim sem me olhar. Ele sorria, vitorioso.

— Dói quando é o contrário, né? – Dizia, com ar de vencedor.

— Eu ouvi a coisa toda.

— E?

— Acha que a Fê é burra?

— E você vai fazer o quê? Destruir meu casamento? – Riu.

Eu esqueci esse lado do André. Não temos um histórico, não sou um cara que alimenta inimizades. Fervendo, deixei aquele monte de bosta passar por mim, não fiz nada. Fiquei, embora com muita vontade de acertar as contas, na minha. Não vale a pena. Não na casa dos meus pais, minha mãe com o curativo da biópsia e o medo do câncer.

Foi pela minha mãe que eu fiquei quieto. Ela não merece. Mas a Fê... Procurei-a na sala, na cozinha. Subi, ela guardava o computador. Tasquei um beijo nela. Não de língua. Ela massageou a boca, reclamando.

— Ai Dio, assim machuca!

— Quantos segundos deu isso?

— Não contei.

— Trinta segundos? Um minuto? QUANTO? – No quarto eu podia dar

vexame. — Se você tem alguma coisa para perguntar, você pergunta para mim. Não venha dar uma de espertinha e descobrir o que você acha que não te contei. Não faço esse jogo.

— Dio. Um selinho não provoca tudo isso de choro. Do jeito que eu te encontrei —

— É uma pena você achar que "um selinho" não dá nada. Porque para mim dá. E se o André tivesse te dado um selinho?

— ... Não deu.

— E se tivesse? Você não ia me contar porque não dá nada? Você não se sentiria mal com isso? Não é o quanto durou a merda do beijo que come o meu cérebro, eu não acredito que eu tenho que explicar para você por que caralhos eu chorei com uma mulher que me beija. É o assalto. É ela ter feito. Eu que não fiz porra nenhuma para impedir. Será que você consegue entender isso? Foda-se o beijo.

— Você podia ter dito.

— EU DISSE. Fernanda, o que é isso? — Sentei-me na cama. — Que porra é essa? Para começo de conversa, por que você foi conversar com o André?

— Eu queria saber.

— Se eu estava mentido? Você quer que eu te dê motivo para ir sondar pessoas? A Geca está lá embaixo. Se um selinho não dá nada, então eu vou lá e fico meia hora com a boca colada na dela. Aí você vai achar que é tempo demais e vai ter motivo. Aí você vai ter motivo, porque agora, você não tem nenhum.

— Eu não tenho motivo?

— Pra desconfiar de mim? Você acha que te dou motivo para desconfiar de mim? Depois de todo esse tempo? Depois de todos os sacrifícios? De tudo o que eu fiz?

— Você quer troféu por resolver acordar para a vida, Dio? É isso? Eu passo anos me virando sozinha com as crianças e é você quem sacrificou tudo? Você quem quer medalhinha por dois meses, por fazer a sua parte?

— Eu não acredito que de tudo o que eu falei, é isso que você acha que eu quero. — Não estávamos bons para conversar.

Eu chegava a tremer de raiva. Media cada palavra para não falar bosta. Bem posso falar o que não quero, bravo. André fazia o que qualquer homem na posição dele faria. Tentaria foder o homem que beijou a sua esposa. Não importa se foi ela quem me beijou ou se eu a beijei. Quando você tem seu ego ferido, você não quer saber que mulheres têm vontade própria e colocam a boca aonde bem entendem. Você só quer acabar com a raça do outro homem. É a minha raça que ele quer acabar, vindo dar uma de coitadinho para a minha mulher. Respirei fundo. Puxei-a pela mão e coloquei-a sentada do meu lado. Se eu respirasse mais

algumas vezes, conseguiria colocá-la no colo, mas não respirei: Eu estava puto. Dei a mão para ela e fiquei quieto por bastante tempo. Ela limpava constantemente o rosto. Devia chorar, não sei, não via.

Não era bravo por que ela foi conversar com o André, ela conversa com quem quiser. Só que eu sabia o motivo de ela ter ido. Por não confiar em mim. Era para foder a Geca, para separar os dois. Ela não vê que é exatamente isso o que a Geca quer? Se a Geca nos separa, ou se separa do marido, para ela tudo bem, ela não tem nada a perder, nós é quem temos. E a Fê não vê isso. Fica procurando pelo em ovo. Em vez de ficar muito feliz em me ver devastado por uma bostinha de um selinho, fica achando que o choro é por que eu beijei mais do que um selinho e não contei.

Mas aí, se eu falo que é para ela ficar feliz em ter um marido otário, eu estou querendo prêmio.

— Você transou com ela depois que acabou o namoro?

— Depois que te conheci, não. — A gente sempre transa com ex. Atire a primeira pedra quem nunca transou com ex. — Eu já disse, depois de você não teve mais ninguém. Não sei por que isso, Nina. Eu quem devia fazer esse interrogatório, por que veja, eu te conheci e você dava pra meio mundo e eu não estou fazendo esse escarcéu todo. Me dá uma porra de um desconto.

— Vai dizer que eu te devo satisfação do que eu fiz antes de te conhecer?

— Exatamente! — Lá se vai os cinco minutos de paz que consegui arrumar enquanto fiquei quieto. — Eu passei a bola para frente, por que com você tem que ser diferente?! Por que um cuzão tá dizendo diferente do que está dizendo o seu marido? Por que ele tá com dor de corno e fica aí criando picuinha? Fernanda, me poupe. Eu não mereço isso. Eu ando tão na linha que daqui a pouco o trem pega.

— Tá na linha demais.

— Não seja por isso. — Ergui-me. — Eu vou te dar um motivo para ficar brava.

Desci a escada ouvindo a Fê falar alguma coisa. Esquentei. Não sou desses, eu não sou esse marido. As crianças não estavam na sala. Só as três Marias e os três maridos. A Fê estava no topo da escada. Disse-me alguma coisa, não ouvi. *E desci o braço no André.*

Eu sou um cara legal, mas até isso tem limite. Um cara não entra na minha casa, planta bosta e sai ileso. Eu fui legal com a Geca, estava querendo ser ameno e encarar a situação como adulto, mas os dois se merecem. Eu jamais, nunca na minha vida, pensei em contar para o marido dela a merda que ela fez, por que o marido dela, o nome já diz, é dela. É problema dela.

Mas ele achou, de alguma forma, que ia ser bom plantar uma semente de

discórdia na minha casa. Eu aceito um monte de coisa, eu tento não ficar paranoico, nem autoritário. Eu odeio a ideia de ser mandão justamente por que eu acredito que ninguém precisa ser mandado. Eu odeio o ambiente onde dividem pessoas entre os pregos e os martelos. Eu, fora briga de colégio, nunca brigo, nem me desfaço. Eu, Rodrigo Ferreira Miller, (é, peguei o nome dela, também) eu não perco a linha.

Exceto quando tocam na minha mulher e filhos. *Aí eu fico louco.*

— Você, — Todo aquele drama, Maria Angélica segurando o marido caído no chão, as Marias ajudando, os maridos das outras me segurando. Apontei para André primeiro — Você não vem aqui quando eu estiver — Apontei para a Geca — Nem você. Se vocês dois estão descontentes com a vida de vocês, pau no cu de vocês. Não venham cagar na minha vida. Peguem tuas crias e sumam daqui.

André quis vir para cima, eu estava louco para dar mais uma na cara dele. Pode vir, André. Pode vir, que se você apanhar, melhor ainda.

Mas ele não veio.

Me desvencilhei do braço de dois dos maridos. A Fê na ponta da escada, as crianças brincando lá fora. Que patético. Acabou almoço de domingo, acabou a graça. Minha mãe e meu pai na porta da cozinha, sem entender nada. Os pratos a postos, o macarrão que minha mãe e eu fizemos. Eu ainda queimava. Eu demoro a queimar de raiva, mas quando começo, demoro para apagar. É por isso que eu odeio ficar bravo.

Na frente da família toda. Aquela maravilha. Saí porta afora pisando duro, a Fê veio atrás.

— Dio —

— TÁ FELIZ AGORA?! — Gritei com ela. Aí acabou foi a semana toda. Ela parou de me seguir e eu continuei, muito puto da vida, em direção a qualquer lugar. Qualquer lugar longe da estrada.

Voltei já devia ser mais de sete horas da noite. Com fome. Voltei por que as crianças têm aula no outro dia. Esvaziado pelo menos, deu tempo de pensar na vida. Deu tempo de ver o tamanho da bosta, o tamanho do bafafá que isso daria na família inteira. Eu perdi completamente a linha, eu fui longe demais, eu sabia. Fiquei muito enciumado com um André em cima da minha mulher. Ainda mais com a ideia de que ela poderia dar o troco. Se ela desse o troco, beijasse o André, adeus, mundo. E ele lá, jogando porra de conversinha de vira-lata sofrido. De que a esposa não o ama mais. De que era um viciado em cocaína salvo por um anjo comicamente chamado Angélica. Pro caralho.

Por que, homem feito, quarenta anos nas costas, faz esse joguinho? Por que a Geca, quarenta anos nas costas, fazia esse joguinho? Me beijar assim. Destratar a Fê como duas colegas de escola. A Fê também, nesse joguinho. Se vangloriando por ter sido cantada pelo marido de outra. Sondando um causo só por que suspeitou que eu mentisse. Indo lá jogar merda no ventilador. Por quê? Quem ganha com isso?

Agora nós quatro destruimos uma coisa que para a minha mãe é quase vital. Destruímos os banquetes que ela faz e faz com gosto. Destruímos a "casa cheia" que meus pais amam de paixão. E as crianças? Que culpa as filhas da Geca têm? Elas não poderão mais vir para a piscina por que os pais se sentiram bem fazendo criança.

Na verdade, todas as crianças saíram perdendo. É isso o que acontece quando os adultos fazem merda. Eles fodem as crianças, a corda sempre arrebenta no ponto mais fraco. Com que jeito as outras duas Marias pisarão aqui nos sábados de Sol, sendo que a irmã mais velha delas foi expulsa? Por isso que eu não dei vexame. Por isso que eu fiquei na minha e fui chorar no banheiro. Por isso que eu sempre fico na minha. Eu penso em quem se fode. Quem se fode, digo, além de mim.

Esperei encontrar uma Fê e duas crianças, mas nem o carro dela estava na frente de casa. As luzes da sala estavam acesas, entrei. Mãe e pai sentados na sala, sozinhos, vendo tevê. Ergueram-se quando me viram. Nenhum deles me disse nada, só me abraçaram.

— A Fê já foi embora, né?

— Já, filho. Foram depois do almoço. Você comeu?

Não. Desde de manhã, não comi nada. Me sinto fraco. Fomos para a cozinha, meu prato do almoço estava na geladeira. Esquentei no micro-ondas e meus pais ficaram na copa me fazendo companhia.

Contei tudo, fui extremamente claro. Chega de fofuquinha, nunca fui desses. Contei das provocações da Geca com a Fê, do beijo, do André dando uma de engraçadinho. Contei tudo e os dois não sabiam como recebiam aquilo. Nenhum deles aplaudiu meu destemperamento momentâneo, se eu sou um cara legal que joga limpo, é por que eu tenho com quem aprender. Meus pais nunca resolveram nada na porrada, tá certo que eu já levei cintadas por três ou quatro vidas, mas corretivo infantil é outra coisa, não era esse o caso.

Comi e parti. Convidei-os para ir para São Paulo no Dia das Mães, eles até acharam bom, por que não teria clima para encher a casa, de muita gente comendo junto e tal, depois desse dia de merda. Disse-lhes que a gente ia abrir o restaurante no Dia das Mães, aí eles aproveitam e conhecem um pouco mais a São Paulo que eles chamam de fedida.

Coloquei música alta no carro para descontraír. Ver se eu perco um pouco do peso, se eu não chego em casa pronto para dar mais vexame com minha mulher e filhos. Chega de vexame. A Fê ia ter que me pedir desculpas, disse eu não abro mão. Não sou obrigado a aguentar insegurança quando não sou eu quem a provoca. É coisa dela com ela, ela tem que se resolver com isso. Vai me pedir desculpas. E aí a gente volta a ser o casal-super-bonitinho-e-água-com-açúcar de antes, aí a gente volta para o projeto dos seis meses. Não antes.

Cheguei já era mais de onze horas. As crianças estavam na cama. Tirei a mala do carro e subi para o quarto. Ela estava lá, resolvendo contas, fazendo a lista do mercado, sei lá; escrevia numa folha de rascunho. Pousou o 4B quando me viu. Dei um "oi" murcho, muito ofendido pela coisa toda. Ela respondeu e continuou olhando para mim. Desfiz a mochila e entrei no banho. Sem dizer palavra.

Saí, tirei um cobertor do guarda-roupas e fui para a sala. Sem dizer palavra. Dia seguinte, acordei mais cedo do que ela como tem sido ultimamente, fiz o café, mas não a chamei: Sem dizer palavra. Eu queria ouvir um "Me desculpe" e não abria mão disso.

— Dio, você está muito bravo? – Disse, quando se sentou para tomar café, descolando os lábios da louça.

— Não é para estar? Você procurou sarna para se coçar e está coçando. Não é isso o que você queria?

— Não.

— Não? Certeza?

— Claro que não.

— Você queria que eu tivesse beijado a Geca em vez de dar um murro no André? Ou, melhor, queria que a Geca, quando me beijou, tivesse me estuprado? Aí você ficaria feliz?

— Não fala assim. – Sentou-se no meu colo, abandonando a própria cadeira. Me deu um beijo no nariz, eu neguei a boca. – Desculpa, Dio. Eu só não acreditei que você tinha se desmanchado em tanto choro por causa de um selinho. Parecia coisa para mais, bem mais. MUITO mais.

— Não precisa ficar me lembrando que você acha que fiz tempestade em copo d'água, não foi um dos meus melhores momentos.

— Analisando friamente, foi bonitinho.

— Acredite, não foi nada bonito.

— Foi sim, Dio. – Me beijou a bochecha, sorrindo. Ela sorriu e eu não consegui manter a postura de "estou muito bravo com você, Fernanda". – Desculpa duvidar de você.

— Se você não confia em mim, não vejo razão de fazer tudo isso. – Eu

disse. E era sério. Sexo foi a parte fácil. É difícil ouvir que a sua esposa não goza com você, mas isso é pior. Você dizer e ela teimar com você de que estou mentindo. Eu não estava mentindo, eu não minto agora. – Eu sei que você vai dizer que eu quero um prêmio, mas dane-se, vou falar mesmo assim. Eu não estou sacrificando tudo, não estou dando o melhor de mim para não receber nem o benefício da dúvida. Você tem que dar o braço a torcer também, tem que baixar um pouco a crina e perceber que não adianta eu mover mundos e fundos, se você não for me ajudar. Caguei no pau, caguei. Mas também não é assim, Nina. Remoer raiva não dá futuro. Ou você olha o futuro comigo, ou esquece o projeto dos seis meses.

— Essas são suas condições?

— São. Não pedi seis meses para apagar o passado, pedi seis meses para fazer dar certo. Do dia 2 de março adiante.

— Eu gosto desse novo Rodrigo, desses dois meses. – Fica anotado aqui a única vez que a turrone cedeu – Se essas são suas condições, eu aceito. Você me desculpa, Dio?

— Você acredita que foi só a merda de um selinho? Não importando o quanto disse ou não disse o André, acredita que eu não menti para você?

— Acredito.

— Bom.

— Você ainda me ama?

— Amo, mas ainda estou puto.

— Pois eu te amo muito, Dio. Me perdoa ter desconfiado de você. De nós quatro, que você foi o único maduro. Nada disso precisava ter acontecido.

— E vai dar um trabalho do cacete para consertar.

Percebi que não existe cissura entre novo/velho Rodrigo. Só tem um Rodrigo. Não tem nem Don Corleone, só tem eu. Que em dias como domingo resolve ficar muito bravo, que em dias como sexta resolve ficar muito romântico antes de ir cuidar da mãe, no outro estado. Que depois de acordar para a vida, quando outra mulher o beija, chora como um condenado. E que, quando vê a esposa caindo na lábia de um fulano baixo e problemático, fica louco.

Não sei por que eu achei que me mudaria, quando entrei nesse projeto dos seis meses. O que eu tenho mudado são minhas ações, meus tratos. Tenho tomado minhas pílulas de semacol. No caráter, não sei se é bom ou ruim, enquanto ela me beija eu penso que talvez seja coisa boa. No caráter, eu continuo o mesmo moleque nos vinte anos que abandona a cidade Natal com uma mala numa mão e o currículo na outra. Por mais que eu minta para mim que não, eu continuo aquele fedelho cheirando a leite. Só que com mais bagagens. Sabendo como lidar com as coisas quando resolvem tacar merda no ventilador.

Capítulo 25

Entorta-homens

— Dio — Jantávamos. Eu não conseguia conter a minha língua, contava-lhe dos detalhes últimos do restaurante. Era terça-feira, uma terça-feira sem graça e chuvosa, as crianças estavam quietas, comiam e nos ouviam sem nenhum comentário, nenhuma tentativa de chamar atenção.

O Lipe piorou de novo, o peito chiava, ficamos muito tempo na garagem até que ele conseguisse dizer "Um ninho de mafagafos tem três mafagafinhos, quem e desmafagafizar, bom desmafagafizador será". Aprendi que o trava-línguas tinha respaldo médico: se a criança, numa crise grave, depois da bombinha, consegue dizer uma frase inteira com uma lufada única, então não há motivo para médicos. Avisamos a escola dele de que toda vez que o Lipe não conseguir conter a própria crise sozinho, é para chamar o Guto. Por isso também que nunca os colocaríamos um em cada escola.

— Oi – Respondi, observando o jeito que ela sempre usava para falar sério comigo. Pousou o garfo no prato, terminou de mastigar e apoiou os cotovelos na mesa, cruzando os dedos.

— E daqui um ano?

— Que tem, daqui um ano?

— E daqui a um ano, quando o restaurante não precisar mais de você, quando ele andar com as próprias pernas? O que vai ser de você?

— Serei, espero eu, um cara com mais grana do que a que temos agora.

— Não, – Sorriu – Ele vai perder o encanto, tudo vai ficar no automático. Você já parou para pensar nisso? O que você quer da vida, do restaurante, de tudo o mais, daqui um ano?

— Olha, – Soltei o ar. De fato eu fui muito imediatista. Só faço o que tem que ser feito hoje, esperando um futuro próspero e bom, mas sem pensar no que eu farei, depois que alcançá-lo. Não sou uma pessoa que pensa em longo prazo, embora pareça. Eu penso no que tem que ser feito hoje e no que eu quero do amanhã. Depois, quando meu objetivo estiver cumprido, eu simplesmente agarro outro. E vou costurando esses objetivos cumpridos uns nos outros – Não parei para pensar nisso.

— Agora você está numa fase de "restaurante" e ele quase está nascendo, mas vai chegar uma hora em que você vai colocar um gerente no seu lugar e não vai precisar mais ir lá todo dia. E aí? Vai se ocupar de quê?

— De você. – Sorri. Piegas pra cacete, mas verdade. Abandonei um trabalho para ter tempo para o que me importa, adaptei o segundo trabalho para

ter tempo para o que importa. Abril foi meio difícil porque eu tive que trabalhar nos dois empregos, mas maio, eu previa, maio seria o melhor mês do ano.

— Toda vez que te ouço falar no quanto você se sacrifica, eu associo ao seu trabalho antigo. — Eu não gostava para onde esta conversa estava indo. Fazia um dia, só um dia, desde que me desentendi com André. Fizemos as pazes e foi bom, mas algo me diz que aquilo ainda não tinha acabado.

— Você... Quer esperar a janta acabar, para conversar melhor?

— Não, Dio, não estou brigando. — Não? — O que eu quero dizer é que você deixou muita coisa para trás por este restaurante, mas não leve isso a mal, não é crítica. Penso se você vai se contentar com a simplicidade do restaurante, daqui algum tempo. É isso o que quero dizer. Você se acostumou a um ritmo pesado de trabalho, não sei se você vai querer um ritmo mais leve.

— ... Não tem sido leve.

— Isso, agora. Depois você vai só delegar funções e cobrar dos outros. Você não estudou para isso, não casei com um administrador. Antônio vai ficar com a parte pesada, mas você vai ficar com a parte burocrática, meio que "trabalho de macaco". Você é criativo, é bom de falar. Fico preocupada se você não vai se frustrar, com isso.

— É uma possibilidade. — Possibilidade essa, que nunca me ocorreu. Não pensei que talvez um dia, tocar um restaurante fosse ficar fácil. Eu ainda não sei um terço do que deveria. Penso inclusive, que se a Fê tivesse no meu lugar, teria feito um trabalho bem melhor. Ela é o Cérebro, eu sou o Pink. — Mas por que você está me dizendo isso agora?

— Dio, — Ela sorriu, puxando o garfo de volta, remexendo a comida — desde sexta eu te mandei umas fotos e você não teceu um comentário sobre elas. Só pode ser por que você está evitando sua própria caixa de e-mails, com medo de a proposta do Horácio ser irrecusável. Vê, você faz o que quiser, eu não quero ser daquelas esposas que mandam na carreira do marido, mas eu diria, se tivesse me perguntado, que você não pode jogar tudo o que lutou a vida toda para conseguir, todo seu currículo e know-how, assim pela janela.

Deu as últimas garfadas, fez um carinho na cabeça dos filhos e beijou a minha. Disse, antes de subir, que era para eu pensar nisso com carinho. Sorri. Só consegui pensar no quanto eu sou sortudo em ter uma esposa que repara em mim, na minha vida, a esse ponto. Todas as vezes que eu falei "sacrifício", eu realmente pensava no trabalho, mas nunca com carga negativa. Era algo como "cortar um dedo para não perder o braço". Eu passei a odiar meu serviço, bem já disse, o leitor esteve comigo o tempo todo.

Só que eu realmente balancei muito, quando Horácio disse "você e eu pela América Latina toda". É ir muito além de uma agência cotada como a

terceira melhor do Estado. É não participar de competição para angariar clientes, é ser o próprio cliente; virar a casaca. Só que não é o tipo de trabalho para eu pegar agora com o restaurante no começo. Se Horácio tivesse aparecido com essa ideia antes de a Clau vir fazer trabalho aqui em casa, antes de Antônio e eu nos conhecermos, essa conversa no jantar nunca teria acontecido.

Mas aconteceu. E isso me lembrava de que ela tinha me mandado fotos. Lavei a louça depois de ligar o Wii da sala, pedindo que os meninos jogassem o joguinho de maneira calma, coisa que foi em vão, nem sei por que eu disse isso a eles. Só subi para o quarto quando coloquei as crianças na cama, beijando um Lipe cansado pelo dia e por respirar pela metade. A mãe veio dar beijo de boa noite enquanto eu os cobria e nós saímos juntos do quarto.

— Essa foi uma das coisas mais bonitas que você me disse – Confessei, fechando a porta.

— O quê? Me perdi.

— Sobre a vida daqui um ano. Se preocupar se eu estarei satisfeito com meu emprego quando ele ficar fácil.

— Você adora um desafio, Dio, – Me beijou a bochecha, caminhando na minha frente, rumo ao nosso quarto – mas será que você pode, pelo amor de Deus, olhar seu e-mail? Me dá gastura você não ver minhas fotos!

— Tá, deixa eu tomar banho primeiro.

— Não, – Sentou-se na cadeira dela, no nosso quarto. – Preciso de duas coisas antes de você ir para o banho. Primeiro, ver as fotos. Depois, avalia meu Power Point? Eu não costumo fazer palestra, eu acho que minha apresentação está pobre.

— Quando ela vai ser?

— Amanhã.

— E só agora que você faz o Power Point?

— Eu já fiz uns três, não estou contente com nenhum deles!

— Tá, calma aí.

Gastamos nossa primeira hora da manhã juntos escolhendo roupas. Decididamente, ela estava muito nervosa. Eu sorria, sentado na cama, observando-a trocar de vestidos um milhão de vezes. O café lá embaixo esfriava, as torradas também. Ela pediu minha ajuda, queria que eu desse palpite por que na cabeça dela, eu sei como as pessoas se vestem quando querem parecer profissionais.

Ela só esquecia um detalhe: dê uma calça e uma camisa a um fulano na

rua, que ele vai parecer profissional. As roupas que eu dizia que ela estava bem, ela rebatia, reclamando. É óbvio ao leitor que eu escolhia vestidos e saltos altos, por que é como eu gosto que ela se vista. Ela ia sempre atrás das calças. Jeans e camisa. Ela fica com cara de mãe solteira com três empregos, quando se enfia em jeans, camisa e sapatos baixos. Quase brigávamos, enquanto ela procurava por coisas sóbrias e sem graça, e eu procurava por coisas sensacionais e chamativas.

— Dio, você sabe que só vai ter homem na plateia, né?

E eu lá ligo? E eu lá sou de querer esconder a mulher com quem me casei? Lá sou homem de temer que os outros vejam aquilo que eu tenho certeza que é meu? Eu quero mesmo é que olhem, que a admirem como eu a admiro, que vejam que leoa sensacional ela é, quando subir no palco de salto e saia, falando para meia dúzia de punheteiros sobre pontes e prédios. Eu quero que a vejam sensacional, não só profissional. Não estamos falando aqui de "respeito e imagem", é outra coisa, é além. É a Fê fazer uma palestra maravilhosa.

É ver o exato ponto em que a mãe deixa de ser só mãe e volta a ser aquela Antiga Fê que intimida mestre de obras, que entorta homens. É ver que aquele nervoso não é só por que ela "não está acostumada a dar palestras", é saber que ela está assim justamente pelo ponto de transição representativo que aquilo é. É a primeira aparição da Fê com Filhos para os engenheiros que ela conviveu por anos. E eu não aceito que ela só se vista de maneira "profissional".

Pelo que eu entendi, o simpósio acontece todo ano, na Politécnica. Esse ano, como ela é mestranda, o orientador dela pediu que ela enviasse um paper para o simpósio, para ela falar do próprio projeto. Do jeito que ela se mede no espelho, todo mundo relevante com carteirinha no CREA estará lá. E isso a deixa intimidada.

— É aberto, o evento? – Perguntei.

— É, só os alunos que tem que assinar uma lista no final, mas quem quiser ir, pode ir.

— Eu posso ir?

— Dio –

— Eu só queria ver. Você sabe, eu não vou entender nada.

— Eu vou morrer de vergonha.

Pois a vergonha acabaria já. Vestia um vestido mais ou menos, nem muito bonito nem muito feio, de um branco meio amarelo. Baixei bem ali, ergui a saia, afastei a calcinha. Ela demorou muito para entrar no espírito, um dos pés em cima da cama, facilitando meu trabalho. É assim que os grandes empresários nos filmes, acalmam o espírito, não é? As secretárias pagam-lhes um bola-gato. Eu poderia fazê-lo também, não é nenhum problema. Quando finalmente escapa

um gemido da boca dela (digo "finalmente" por que foi um trabalho custoso), já era mais de sete horas. As crianças precisam acordar, precisam ir para a escola. Combinei com Antônio de me encontrar com ele e a equipe só depois do almoço, então eu tinha tempo. Perguntei, correndo o risco de lembrá-la do nervosismo, que horas seria a palestra.

— Dez horas — Graças a Deus casei com uma vadia que se esquece fácil dos problemas da vida, quando estou com a boca no clitóris dela. Sorrio, dá tempo. Vamos ter que terminar isso com só um de nós satisfeitos. Eu ficaria, se não literalmente, na mão.

Deitei-a com cuidado, busquei, naquele vestido sem graça, as tetas. A boca onde devia estar, as mãos onde deviam estar, ela também, quase lá. Eu gosto do como ela se contorce, como as mãos dela me buscam, mesmo quando não alcançam. As pernas abertas, os pés contraídos. A barriga que encolhe e relaxa. Não consigo chupá-la de olhos fechados, mesmo sabendo que se nossos olhos se cruzam, ela ainda sente vergonha. Não consegue, nem nunca conseguiu, ser chupada enquanto me olha. Ou uma coisa ou outra.

Tirei a mão de um dos bicos e busquei o rosto, ela beijou a minha mão. Eu a olhava nos olhos. É para perder a vergonha. Tinha que se decidir se passava vergonha, ou se gozava. Consegue me chupar me olhando, consegue gozar me olhando e chamando meu nome, consegue rebolar em cima de mim. Mas chupar, ser chupada, digo, isso ela não consegue. Vai conseguir.

E conseguiu. Gemeu mais baixo que o normal, mas era um começo. Vai chegar o dia em que a leoa mestrandia entorta-homens vai me mandar chupar e não vai ser de brincadeira. Vai me mandar chupar. Até lá, eu me contento com o ponto de transição mãe-engenheira.

— Se você vai comigo, você vai lavar o rosto.

— Por quê?

— Não vai cumprimentar meu ex-chefe com cheiro de boceta.

— Então vê se tira esse vestido e escolhe uma coisa boa. — Beije-lhe a boca com cheiro de boceta, lavei-me na pia do banheiro e fui chamar as crianças. Sete e meia.

As crianças estranharam quando saímos de casa num carro só, a mãe no volante. Chegaram atrasadas, de agasalho do uniforme, as lancheiras e as pastas com as tarefas da escola. A Fê buzinou, supus que aquilo fosse uma mania, as crianças olharam para trás entrando pelo portão de ferro vazado, mandando um beijo e um tchauzinho com a mão.

Depois arrancou, atravessando a cidade, para o lugar que ela sempre ia, mas sempre sozinha. Conversávamos sobre o Dia das Mães, sobre como alocaríamos meus pais com conforto em casa. Nossa casa tem dois quartos. Em

cinco ou seis anos planejávamos ou reformá-la de novo, ou comprar uma maior, para cada Lipe e Guto adolescente ter seu próprio quarto. Na nossa primeira reforma, não pensamos em criar mais um quarto, primeiro por que não tínhamos dinheiro suficiente, segundo, que não pensamos que seria interessante ter um quarto para quando os meus pais viessem visitar.

— Qualquer coisa a gente paga hotel.

— Não, eles odiariam hotel.

Atravessamos a Portaria 1 e eu fiquei, como todo mundo que vê a USP pela primeira vez, com cara de besta. Não pensei que fosse tudo tão verde e tão bonito. Confesso que eu esperava uma Politécnica, com todo seu nome no mercado, mais bem cuidada. Ela estacionou longe da entrada do prédio da civil e caminhamos, de braços dados, até lá. Nunca fomos o casal de andar juntinho, mas eu gostei quando ela pegou no meu braço. Não sei se pelo fato de raramente fazê-lo ou se por babaquice minha, entendi aquele sinal de que, assim que entrássemos por aquele portão cheio de engenheiro, eu seria o acompanhante dela.

Os saltos dela eram tão altos quanto possíveis porque eu enchi muito o saco. Ela queria ir de sapatos baixos, não deixei. Ela tinha a mesma altura que eu, entramos no prédio como se tivéssemos o mesmo tamanho. Aí os cumprimentos começaram. Grupinhos espalhados por perto do café e perto do auditório, desses, alguns a viam e acenaram de longe. Eu não sabia quem eles eram, nem eles sabiam quem eu era. Suponho, pelo "alô" tímido que davam, que eu atrapalhava a socialização dela.

— Você quer ir conversar com seus amigos? Eu posso ir pegar um café.

— Claro que não, Dio. — Me beijou com a boca de batom, mas não me manchou. Nunca tinha visto um batom desses, não gostei. Me arrastou para um grupo de homens tão ou mais velhos que eu e o tempo que durou a pose de "mulher elegante" foi mínimo. Fazia piadas de duplo sentido e dizia a palavra "mano". Foi daí então que ela estava com esse novo vocabulário, dos amigos dela. E eu achando que era da Ana.

O orientador dela estava na roda, um senhor baixinho e barrigudo de mais de cinquenta anos, um bigode e um sorriso dócil. Óculos e feições de pesquisador, cara de gente que estuda muito, mas palavras amigáveis. Ela o cumprimentou com um beijo no rosto e um "alô" de mãos para os demais. Apresentou-me, eles quiseram saber o que eu faço e a piada foi óbvia:

— Êta Nanda, foi casar justo com um cara que cozinha. Esperta você, né?

— Não, eu só administro, eu não cozinho nada.

— Nada?

É, assim, eu não vendo o que eu cozinho. Ninguém pagaria oitenta mangos por um prato que não leva "gourmet" no nome e, definitivamente, meus pratos não são gourmet. Os do Antônio são, por isso que eu vendo os dele, não os meus.

Conheci mais homens do que eu gostaria na uma hora antes da palestra dela. Ela parecia conhecer a faculdade inteira e a faculdade inteira a conhecia. O ex-chefe dela, que a motivou a ir para o mestrado, a abraçou uma com saudade quase paterna. Eu esperei alguma piada maldosa dele comigo, mas só houve um abraço sincero, que eu devolvi.

Entramos no auditório encapado de madeira clara, cadeiras escuras e confortáveis. O orientador dela a direcionou ao palco, mais e mais engenheiros se sentavam. Ela trocou palavras com um cara, ficaram lá dez minutos jogando conversa fora até o computador dela estar conectado ao projetor e o Power Point estar no telão.

Lembrei da Nikon quando um dos outros palestrantes deu um microfone para ela. O orientador dela sentou-se ao meu lado, no fundo do auditório, segurando uma pasta. Lá estava o ponto chave de transformação da minha mulher. Em que deixou, pelo menos para mim, de ser a dona de casa, para ser a Engenheira. Aí, só aí, que eu a vi em ação. Eu ouvia uma ou outra nerdice dela em casa sobre listas de exercícios sem fim, dramas sobre seminários de trinta páginas, mas nunca a tinha visto em seu habitat natural.

Burro como uma porta, eu não entendia nada do que ela falava conforme o assunto densificava; saía do português. Eu era péssimo de exatas, mas era bom com pessoas. Olhava a plateia, as cabecinhas que a seguiam, os dedos ferozes nos teclados. Eles se interessavam pelo que a Fê dizia. A casa não estava cheia, não tem isso em evento acadêmico. Chutando, cinquenta pessoas. E ela ali, aqueles pernões bons que passeiam pelo meu quarto, em cima de um salto preto, saia e camisa, um blazer por cima. Os cabelos soltos, batom.

Eu morria de orgulho. Estava linda, bem vestida, sensacional. Era só a primeira palestra acadêmica dela, nos cinco primeiros minutos ficou muito nervosa. Tinha o tal do Power Point, o microfone sem fio, aquele protocolo inteiro. Falando do teor de carbono no cabo de aço, a elasticidade, a dilatação, todos esses nomes escabrosos que fiz questão de esquecer assim que peguei o diploma do ensino médio.

Sorria a ela, camuflado no meio dos espectadores, ela falava séria, o controle do computador na mão, toda imponente, toda-fogo. A teoria dela de que as pessoas brilham quando estão fazendo exatamente aquilo de que gostam, funcionava com ela. Ali se via a mulher com quem me casei, não só a mãe dos meus filhos e a dona do meu pau, mas a mulher, dona de todas essas qualidades e

muitas outras mais. Ali eu via o tamanho da Fê.

Nina, que vontade de te comer em frente a toda essa gente.

— Igual à Anne, o mesmo jeito. — O orientador puxava assunto, eu tive que conter os ânimos.

— O senhor conheceu a mãe dela?

— Você está brincando? A mãe dela era minha orientadora do doutorado!

— Eu confundo as palavras "orientador" e "orientando". Orientador é quem orienta, o orientando é quem obedece. Quem orienta a minha Fê obedecia à mãe dela. Que coisa mais bonita!

— E ela sabe disso?

— Claro que sabe, oras. E quem mantém viva a pesquisa da mãe dela, senão eu, nesse departamento que quer transformar engenharia civil em arquitetura?

Ela nunca me disse, mas parecia óbvio. Enquanto ela fala, enquanto ela encontra o caminho para ser de novo a Fernanda de antes, eu só consigo pensar com meus botões, como que raios eu, um mísero mortal, tive coragem de aprisionar uma mulher desse porte, tive coragem de tirar-lhe o poder e trancá-la em casa, numa vida de filhos e marido, sozinha, sem gozar, por cinco anos? Aquela era a essência da minha Fê. A arte de entortar marmanjo feito e a alta cientificidade.

Se eu, caso fosse um asno quadrático, precisasse de provas de que aquela mulher me ama incondicionalmente, eu tinha bem ali. Ela me amou enquanto ela mesma, mais de dez anos atrás, ela me amou naqueles cinco anos de inferno, ela me ama agora. Ela é uma camaleoa, se adapta, muda conforme os tons de fundo, se reinventa. Mas nunca deixa de ser ela mesma.

Tem algo que é da Nina e ninguém tira. Nem eu. Posso ter tentado, mas não consegui. Acredite leitor, não tento nunca mais.

"É Câncer". Meu pai não sabia como me contar, só chorar pelo telefone. Eu estava a caminho da escola das crianças, já era quarta, chovia. Um dia bom no trabalho, a equipe do Antônio se ajustava bem ao Brasil, estávamos todos uma pilha de nervos para a estreia. Ninguém se importava se abríamos nosso restaurante para a família, ou se para meia dúzia de grã-finos. Era a primeira vez que nossa comida alcançaria a boca do público, era essa a surpresa. Ninguém conseguia se conter. O menu estava pronto, todos os pratos planejados, os preços, os garçons. Tudo pronto.

Só que era câncer. Meu pai não sabia explicar, não entendia muito. Só

ficava repetindo "Estágio 4", que a mãe tinha que tirar o peito. O cara do carro de trás buzina para mim, eu com o telefone na orelha, o farol aberto. Dobrei a esquina e estacionei numa vaga, qualquer uma, a placa da Zona Azul piscando para mim. Não sei explicar como bateu a notícia, minha mãe não queria falar comigo, meu pai estava desesperado e não me dizia mais coisa com coisa. Usava o telefone como se ele fosse um ombro amigo.

Atrasei para buscar minhas crias. Quando cheguei, eles esperavam sentados num banco do lado de dentro, suas pastas de plástico, a coordenadora do lado. Pedi desculpas pela demora, coloquei-os para dentro. *É câncer*. A Fê ligou quando cheguei em casa, minutos depois que pisei na sala. Dizia que o tal do simpósio que duraria uma semana inteira, terminaria mais tarde, hoje.

Desde que voltamos do feriado dos meus pais, ela só fala disso, só trabalha para isso. Depois que foi palestrar, dizem, ela está seguindo os passos da mãe, que o orientador está apaixonado pelo projeto, que tem investidores interessados, que houve uma proposta de trabalho. Me perguntou se estava tudo bem se se atrasasse para o jantar.

— Dio? Você não vai responder?

— É câncer.

— Já saiu o resultado?

— Por favor, Fê. Vem pra casa.

Coloquei as crianças no banho, banhei junto com elas, aceitei a brincadeira que elas queriam que eu brincasse. Molhamos o banheiro muito mais do que devíamos. Minha traqueia diminuiu drasticamente, as coisas ficaram muito difíceis. Era difícil de engolir. Uma coisa dessas acaba com a paz de uma família. Eu afastei as três Marias, as crianças dela, os maridos. Separei a família, tirei o banquete e a casa cheia que meus pais tanto amam, e voltei para São Paulo. Deixei-os sozinhos para encarar uma notícia dessas.

A Fê chegou, as bochechas vermelhas pelo frio, os cabelos ligeiramente desgrehados. As crianças faziam o dever de casa, mas eu não conseguia fazer a janta. Estava usando dos meus filhos para não ficar sozinho, não ter que pensar. Consegui evitar pensar até o momento que ouvi as chaves do carro sendo penduradas no porta-chaves. Tudo depois disso ficou realmente difícil.

Capítulo 26

Pratos Limpos

Átrio para um lado, ventrículo para outro: É assim que eu viveria, se ficasse dividido entre Minas e São Paulo. A noite foi longa, a Fê e eu conversávamos. Decidíamos, juntos, quais seriam nossos próximos passos. Eu temia, não vou mentir. Temia pela doença da minha mãe, temia se a casa dela não estivesse nunca mais cheia, temia pelo meu próprio afastamento. Fê temia também, eu sei. Só que deixava de lado os próprios medos para ser forte para mim.

Não chorávamos, eu simplesmente achei desrespeitoso demais com a minha mãe, chorar por ela. Era egoísta; até um egoísta como eu tem que saber seu limite. A Fê, sempre muito mais prática que eu, me ouvia tanto como sugeria. Era o nosso ponto alto, conversar como dois adultos, um parceiro do outro, sobre os problemas. Ela me fazia cafuné, anos que eu não recebia cafuné.

Mal alcançávamos o meio do terceiro mês e eu já concluía que aquele era o ápice. Eu compartilhava meus receios, ela os ouvia e sugeria coisas que nós colocaremos em prática nos dias seguintes. Depois de ela me perguntar "se eu seria feliz fazendo trabalho de macaco daqui um ano", eu sinto que podíamos tudo. Depois de vê-la genial e imensa diante de uma plateia de acadêmicos, o orientador comparando filha e mãe, eu penso, talvez lírico demais, que nós aguentaríamos bem o tranco que viesse, fosse o que fosse.

Embora eu temesse perder minha mãe, eu não mais temia perder minha mulher. Eu estava seguro com ela. Eu não sentia mais como se eu precisasse tirar algo dela para me sentir completo, eu me sentia bem vendo minha Fê evoluir no trabalho muito mais do que eu imagino evoluir. Vi, com uma palestra que fiquei sabendo de última hora, que não preciso ser grande para ela, ela o é por si, ela só me quer ao lado dela. Eu não preciso ser grande para ela por que ela me aceitaria mesmo se eu fosse pequeno.

Não penso, mesmo que eu só tenha verbalizado isso uma vez e justamente quando me dei conta de que aquele era o caminho errado, que eu precise diminuir minha esposa de alguma forma, para que ela precise de mim. Numa palestra que só consigo me lembrar da expressão "teor de carbono", ela provou, mesmo sem me dizer nada, que é melhor tê-la ao lado, que embaixo de mim. Que a nossa relação tem que ser além do "quem patrocina" versus "quem é patrocinado". Se ela quiser bancar, ela vai se dar muito melhor que eu, porque a Fê é a Fê.

Fiquei emocionado ao ver minha mulher sendo ela mesma de novo?

Fiquei. Sou otário pra caralho? Sou sim. E estou imensamente realizado ao perceber que não precisamos de seis meses para eu mostrar a ela o quão melhor minha vida é, só por que ela existe. Ainda mais, preciso dizer isso, ainda mais agora que eu vejo a imensidão da minha esposa e a benevolência dela, me fazendo cafuné, enquanto eu temo a doença da minha mãe.

Se minha mãe tivesse descoberto esse problema há seis meses, eu bem posso me ver divorciado. A Fê e eu não teríamos o mesmo pulso que temos agora. Só que agora nós temos autonomia suficiente, segurança suficiente para lidar com isso da melhor forma possível.

E o primeiro passo que demos foi justamente, pela manhã, cancelar nossa vida em São Paulo. Tínhamos um plano bem traçado, a Fê bem pode se revelar bem metódica, quando se trata de planejamentos. Eu sou só mais aquele jogador que vê o time perder, mas que corre para uma goleada de virada enquanto Fê é o técnico que faz a goleada acontecer.

Sair do quarto de manhã de banho tomado e as malas feitas, depois de uma longa noite de conversa, me fez me sentir bem, pronto para ser para a minha mãe o mesmo que a Fê era para mim. Não sabia como seria quando eu a visse, mas em tese, colocando minhas crianças no carro numa quinta-feira de manhã, eu supus que fosse aguentar mais essa porrada da vida. Que fosse acalentar meu pai, enxugar as lágrimas da minha mãe e motivar meu pai a ser o forte que a minha mãe precisa.

Vai ser uma puta barra, eu sei, mas vamos sair dessa mais fortes.

— Dio, você sabe onde fica a casa da Angélica? — Eu perguntei, cruzando a entrada da fazenda.

— Não e nem quero saber.

— Estou falando sério. — Parte por Dona Teresa não ter mais a casa cheia era por minha culpa. O Dio dar um soco no André. Em todos esses anos nessa indústria vital, essa foi a primeira vez que isso me acontecia. Nunca vi o Dio bravo daquele jeito, ele nunca gritou comigo. O Dio me irrita por que enquanto eu me descabelo de raiva e rancor, ele só sabe ficar calado, mosca-morta. Nunca grita e se precisa falar sério comigo, o faz da maneira mais política e diplomática. Entra mudo e sai calado e só isso já é o suficiente para que eu me sinta muito mal.

Sendo ele o cara das palavras, da conversa e dos sorrisos, ele resolve tudo sempre da maneira mais humana possível. Vê-lo dar um soco no André... Definitivamente não era um de seus melhores momentos. Por isso, me sinto

muito responsável por tirar de Dona Teresa justamente o que lhe é fundamental. A casa cheia está para Dona Teresa (e Seu Alcides de lambuja) como banana está para macaco. Nunca perguntei por que eles só tinham um filho, se gostavam tanto da casa cheia. Parecia inconsistente, essa parte da história.

Mas era a que tinha. E eu me sinto culpada por não ter resolvido minha intriga com a Angélica antes. Talvez, lá atrás, antes mesmo de o Dio virar meu marido, eu devesse ter conversado com ela, de mulher para mulher, de ex para atual. Se eu tivesse feito isso, talvez o Dio não precisasse ter dado um soco no André, talvez a Geca não o teria beijado.

Eu fico confrontando a mentalidade da Ferreira com a Miller, mas não faço o que meu coração manda fazer. A primeira vez que eu vi a Geca, eu vi que ela não gostou de mim, eu não sou boba. Eu vi a medida que ela me deu quando o Dio me apresentou. Eu vi. Eu soube. E não fiz nada, por que não era problema meu. Pensei que era coisa de o Dio resolver, só que ele não resolveu. Pelo menos, não de maneira definitiva.

Na teoria, ninguém tem que conversar com ninguém quando resolve dar. A gente vai lá e dá, daí resolve o que faz depois que deu. A nossa primeira transa me levou a ter um marido maravilhoso, muito mais do que eu previ, muito melhor do que eu sonhei (veja, melhor do que a Ferreira sonhou, por que a Miller nunca sonhou com marido).

Só que na prática, se eu tivesse conversado com ela, talvez até me desentendido na época, talvez brigado, não sei, hoje, Dona Teresa se ocuparia com o almoço e não mais com as próprias dores. Saber que ela está sozinha me corta o coração. Eu aprendi a gostar muito daquela mulher, com o passar dos anos. Ela é simples e muito densa, muito profunda. Tem umas lições para me ensinar que eu queria muito aprender, mas nunca tive muito tempo, me ocupando com os problemas da fábrica de queijo que, curiosamente, sempre caíam no meu colo.

Agora, sabendo das condições dela, eu me arrependo de ter ficado tão amiga de Seu Alcides, mas não ter desempenhado o mesmo tempo, com Dona Teresa.

— Precisamos conversar com a Geca, você sabe. Pela sua mãe.

— A última coisa que eu quero, ainda mais do jeito que minha mãe está, é esquentar minha cabeça com o André.

Chegamos antes do almoço, várias Rangers paradas na frente. Vi o Dio franzir a testa sem entender, quase repeti o gesto. Tiramos as crianças, sonolentas, do banco de trás. Fazia frio, eu calculei certo, Poços era menos gelado que São Paulo, mas ainda pedia um casaco grosso. Enrolei meu Guto dengoso no colo com o cobertor, enquanto o Lipe, ainda meio doentinho e

puxando as abas mais perto do corpinho, tinha sua touca ajeitada pelo pai. Abandonamos as malas no carro, entramos.

Estavam todos lá, muito mais gente que eu não lembrava o nome, do que gente que eu lembrava. Todos os sofás, pufes e cadeiras, ocupados. Alguns tinham xícaras nas mãos, bem coisa de Dona Teresa, oferecer café para a visita, não importando de onde vinha, ou para onde ia. Cacei-a por entre os rostos conhecidos, mas não a vi. Via os maridos das Marias, silenciosos, de canto. Baixaram os olhos quando nos viram, eu entendi o cessar-fogo deles e me calei também.

Avancei para a cozinha, o Guto no colo, o radinho a pilha tocando sozinho. Todas as mulheres da família faziam o almoço, Maria Angélica estava lá. Silenciosas. Nunca vi várias mãos prepararem o almoço em tanto silêncio quando naquele dia. Nenhuma criança à vista, era dia de semana, não tinha gritaria, estavam todas na escola. O Dio parou atrás de mim, sem sorrir, pálido. A dor vinha a galopes e eu não gostei das feições dele.

Ele perguntou às moças aonde estava a mãe dele, que responderam "no quarto" em uníssono. Eu disse a ele que talvez fosse bom que subisse sozinho, disse-lhe também que eu ficava com as crianças, para que tivesse paz para conversar com a mãe. Ele, em resposta, com aqueles olhos nada felizes, me pediu para subir junto.

— Não quero subir sozinho.

Subimos. As crianças mais dormindo que acordadas. A porta do quarto da mãe dele estava fechada, nenhum barulho do lado de dentro. Dois toques na porta e um "entra" tímido, vindo de dentro. Seu Alcides parado na janela, as mãos apoiadas no parapeito, as cortinas abertas. Estava frio. Dona Teresa, pequenina e tão frágil, sentada na cama, enxugava no nariz num lenço florido.

Ainda usava a camisola de algodão de dormir. Seu Alcides, trocado, calça e camisa. Rápido, o Dio colocou o Lipe adormecido na cama e voou para cima da mãe, num abraço. Eu abracei um Alcides que não queria ser abraçado e ele beijou o topo da cabeça do Guto, que se mexeu incomodado, no meu colo.

Os dois de fora, Seu Alcides e eu, fitávamos a cena. O Dio abraçava a mãe o máximo que conseguia, sussurrando palavras que nós não entendíamos. Ela desabava, lentamente, em choro. Indiquei com a cabeça para Seu Alcides num pranto silencioso, para a gente deixar os dois sozinhos. O Dio saberia lidar com a dor da mãe melhor que eu e ele juntos.

Ele, querendo que alguém segurasse suas dores, segurou o Lipe no colo, que acordou assustado. Saímos. Entramos no quarto das crianças, colocamos os dois para dormir mais um pouco para que eles não sentissem o clima pesado. Normalmente eles não dormem tanto e até dou graças de eles conseguirem

dormir, sem querer sair correndo por aí, ou até mesmo, o Lipe tem dessas coisas, querer entrar na piscina.

— O Senhor aceita uma caneca de chá? – Ofereci.

— Estou de saco cheio de tomar chá, todo mundo me ofereceu isso, hoje.

Descemos as escadas, puxei uma cerveja da geladeira, estendi-lhe uma, que primeiro me estranhou, mas depois aceitou de bom grado. Abrindo a latinha, caminhamos para fora da casa.

Parecíamos um par de membros de uma gangue de motoqueiros, bebendo cerveja antes do pôr do Sol. Sugava a latinha, a bebida dos perdedores. Ele olhou para a janela do quarto dela, perdido. Continuei andando para qualquer lugar longe da casa. Só caminhávamos pela grama alta, que depois virou capim.

— Vocês dois deviam passar um tempo lá em casa – Joguei, puxando assunto.

— Se sua sogra já se sente mal por achar que dá trabalho por estar doente, não quero imaginar o que ela vai achar, quando você oferecer isso a ela.

— Não precisa ser lá em casa, se vocês não quiserem. – Bebi a latinha – Fiquem na casa da minha mãe.

— Não, Fê. A gente não pode aceitar.

— Bom, ela está aberta. É perto da nossa casa, uns quinze minutos de carro num dia sem trânsito. Lá tem tudo, meus pais viveram lá.

— ... Não posso abandonar a fábrica, ainda mais agora que o André-

la dizer, mas não disse. Colocou a latinha na boca e bebeu em goles mínimos. Entendi o que ele queria dizer, mas não o forcei a dizer o que não queria.

— Você demitiu o André? – Por favor, me diga que não. Por favor, as filhas do André não têm culpa da burrada que a gente fez.

— Não, mas não confio nele o bastante.

— Me desculpe por aquele dia.

— A Nina sabia que uma coisa dessas aconteceria. Ela nunca gostou do André, acha que a Geca fez um mau casamento.

Nina. Era assim que o pai do Dio chamava a mãe. Nunca o ouvi dizê-lo e olha que ficamos amigos com o passar dos anos. Era uma situação especial, ele tinha medo de perdê-la. Era bonito. Trágico que só, mas bonito. *Nina* é como o Dio me chama e eu nunca entendi. Nina não é diminutivo de Fernanda. Fê é, Nanda é, mas não Nina. Nina é o apelido íntimo e carinhoso que o Dio ouviu a vida toda do pai com a mãe. Então eu devo ser para ele o que ele acha que a mãe é para o pai, né? Eu posso viver muito bem com isso.

Pior. O pai querendo desabafar num ombro amigo e eu aqui, sorrindo que nem boba.

— Seu filho me chama de "Nina" – Confessei.

— Eu sei. – O Sol do meio dia começava a chegar. Não era um dia quente, sol de rachar mamona, mas tirei a blusa de frio. Eu sou calorenta.

— Sabe?

— Rodrigo, quando começa a falar, perde o filtro. Tem vezes que ele fala o que não deve.

Pelo contrário, quanto mais ele fala, mais ele fala o que deve. Só assim que eu arranquei boas confissões amorosas do meu marido. Ô homem que não fala o que sente! Fala de tudo, da morte da bezerra ao jogo de futebol (que ele nem se importa muito, só fica contente em ver o resultado na internet depois), mas não fala as coisas que eu quero ouvir. Calei-me, não transformaria esse momento em assuntos meus. Era a vez dele.

— Sei que você me arrastou aqui para fora para a gente poder conversar, Fê, mas eu não quero conversar.

— Não é obrigação sua falar. – Rebatí – Você fala se quiser. Só achei justo te dar espaço.

Andamos até uma pedra grande largada no meio do nada. Nos sentamos, nossas cervejas suadas pela metade, minha blusa de frio pendurada no ombro. Ele não usava chapéu de caubói, suor escorria da têmpora para as bochechas. Bebemos em silêncio por um longo tempo até ele querer conversar.

— Os hospitais de lá são melhores – Concluí, sozinho.

— Não sei, podemos estar enganados, mas acho que sua Nina tem mais chances lá.

— A gente vai fazer o que ela quiser.

Assenti, enxugando a latinha, amassando-a com um dos pés. Ele terminou a dele, bebeu rápido e colocou-a de lado. Observamos, imóveis, a latinha dele escorregar da pedra e rolar até o chão. Continuamos olhando-a caída, refletindo o Sol forte. Desistimos de conversar. Imagino que a cabeça dele estivesse um turbilhão, mil coisas ao mesmo tempo.

Voltamos não sei bem que horas, o Sol ainda castigava. Ficamos o tempo que Seu Alcides quis ficar, eu não o apressei. Chegamos, a mesa estava posta, Dona Teresa conversava pacificamente com o filho, cada um sentado no seu lugar da mesa, as travessas das comidas que cheiravam bem. Entramos e eu me surpreendi em como as feições do Dio tinham muito das feições da mãe, principalmente quando estão aflitos.

A mesa, cheia. Lá estava o banquete dos fins de semana, como se o Dio não tivesse dado um soco no André. Só faltavam as crianças. Meu Lipe no colo do pai, meu Guto no colo da avó. O Lipe tão acordado quanto possível, contando histórias da escola para o Tio Carlos, sentado ao lado do pai. As Marias

conversavam entre elas, os maridos das Marias conversavam entre si, os demais primos se dividiam sem nenhuma ordem aparente. Do outro lado da mesa, um Tio que eu não sei se é Leônidas o nome, ou Marcos.

Lavamos a mão e beijei Dona Teresa. O Guto me beijou também e, quando sentei no meu lugar, ganhei beijo dos meus outros dois meninos. Seu Alcides beijou a esposa e os netos antes de se sentar. Eu diria, se alguém me perguntasse, que o almoço foi o mais tranquilo que poderia ser, dadas as circunstâncias. Não mencionamos as nossas briguinhas internas uma só vez e demos, até a medida do possível, o banquete que Dona Teresa adora.

Eu vi, e olha que eu não sou o tipo mais observador do mundo, que Dona Teresa olhava a todos nós, que nos permitíamos rir por vezes, com melancolia. Como se fosse a última vez que nos visse assim, juntos e pacíficos. Dona Teresa certamente era a cola. Se não fosse por ela, jamais que estaríamos calmos. André, com certeza, está louco de vontade de dar um murro de resposta no meu Dio. Apanhar e ficar calado certamente não é uma das bênçãos da humanidade.

Já estávamos na sobremesa (um brigadeirão de micro-ondas que eu preciso da receita) quando alguém se pronunciou sobre a briga da semana passada, última vez que estivemos aqui. E claro que foi meu Dio.

— Eu sei que esse não é o melhor momento, mas eu não conseguirei sair dessa mesa sem comentar sobre o incidente da semana passada – Pousou o garfo que o Lipe roubou na mesma hora. — Não importa quem tinha razão, ou quem começou. Eu só queria me desculpar por ter causado um incômodo muito desnecessário e agradecer por terem deixado isso de lado e virem aqui. Todos sabemos o quão importante é para a minha mãe, a família comendo junta.

— Aproveitando o ensejo – Por favor, André, não vai foder com tudo – Eu gostaria de convidar o casal para ir lá em casa depois, para um café. Para a gente acertar tudo isso de uma vez.

Eu não gostei nem um pouco da ideia, mas o Dio balançou a cabeça, concordando. Angélica me enviou um olhar nada bom e eu sabia que tudo aquilo era uma má ideia. Se fosse uma briga de facções, os vermelhos de um lado e azuis de outro, Dio e eu levaríamos armas. Ia sobrar sangue e morte para um dos lados, ou para os dois, só que as pessoas inventaram de conversar. Aparentemente, para o André e para o Dio, conversar sobre coisas que envolvem emoções pareceu justo. Aparentemente, era bom eu sair de casa com um kit de primeiros socorros.

O Dio se prontificou a lavar a louça e eu me prontifiquei a secar, mas a mãe dele quis secar, mas não me impediu de fazer o mesmo. Lá estava o radinho na Rádio Globo, aqueles cantores sertanejos sem as bolas, cantando fino pra caramba, e eu no meio de mãe e filho, sem saber onde colocar as mãos.

— É uma má ideia vocês dois irem na casa do André. – Ela se ocupava de uma pilha de pratos em cima de uma mesa pequena com uma fruteira vazia em cima. Eu me ocupava dos copos, em cima da tampa do fogão fechado.

— Péssima ideia. – Completei.

— Eu acho bom. – O Dio negava a nós duas – Se sair um morto e um ferido, que ele seja o morto. – Riu. Riu, como se aquilo tivesse graça.

— Só deixem meus netos fora disso.

— Mãe, era brincadeira. A Senhora acha mesmo que nós vamos lá para criar mais confusão? A senhora não me conhece? A gente só vai lá tomar café, dizer que tudo não se passou de um mal-entendido, vai rasgar umas sedas e voltar para casa. O André não é burro, nem a Geca. A corda que arrebenta é do lado deles, não do nosso.

— Por isso mesmo – Interrompi – Eles têm o que perder e você vai abusar disso.

— Talvez o André nunca tenha acertado as contas antes, Filho, por que é ele quem sai perdendo. Ele não é nada burro, mas por que ele nunca acertou as contas com você? Ele sabe que a Geca ainda gosta de você e não é de hoje. Só que você bateu primeiro.

— O que eu poderia ter feito? Porque eu nunca dei corda para a Geca, nunca dei motivo. Se ele não sabe segurar o que é dele, isso não é problema meu. Vira problema meu quando ele tenta tirar o que é meu.

Virei propriedade. Geca e eu viramos coisas de dois moleques birrentos que disputam brinquedos. Conte os copos e ainda faltavam muitos para eu poder largar daquela cozinha. Respirei fundo. Vai ser uma conversa conturbada, chata pra caramba e com alto risco. Mudei de assunto por que simplesmente eu não sou obrigada.

— O Dio já te chamou para dar uma volta em São Paulo, Dona Teresa?

— Já, mas eu não vou.

— Por quê?

— Não quero atrapalhar vocês. Vocês trabalham o dia inteiro, os meninos têm aula. Nós só vamos lá para dar trabalho e eu não quero isso.

— Mas, – Essa era novidade até para o Dio – e se a senhora tivesse um canto só para a senhora e Seu Alcides? Com autonomia para entrar e sair, para visitar quem quiser a hora que quiser, receber quem quiser também com liberdade? Ainda assim, a senhora diria não?

— Eu não quero ficar em hotel.

— Não é hotel – Continuei e o Dio desligou a torneira, me olhando sem entender tudo – É que tem a casa da minha mãe, num ponto bom da cidade, que está vaga. Tem um bom tempo que eu não alugo e ela está limpa. É mais ou

menos perto da nossa casa, bem perto do restaurante novo do seu filho... Que tal?

Silêncio da parte dela. Era preciso que eu vendesse meu peixe tão bem quanto o Dio vendia, mas ele não podia fazê-lo, por que o peixe era meu.

— Bom, a senhora poderia pelo menos ficar lá até passar com um oncologista, ver uma segunda opinião, depois decidir. A senhora não é obrigada a nada, nem a ficar, nem a sair. E eu acho que... A senhora ia gostar de São Paulo.

— Preciso ver com seu sogro.

— Ele disse que é a senhora quem decide.

— Pelo menos até o Dia das Mães, mãe. – Isso Dio, me ajuda que eu sou ruim de propaganda. – Eu estou planejando abrir o restaurante só para a família no Dia das Mães, abrir com chave de ouro. Aí se a senhora achar a São Paulo tão fedida assim, a senhora volta domingo mesmo.

— Não sei, filho...

— Só queria dizer que lá é bom de bater perna. – Sorri – Eu me comprometo a levar a senhora na Vinte e Cinco, no Bom Retiro e na Paulista, pelo menos. E a andar de metrô. Você não conhece São Paulo até andar de Metrô.

— Até o Dia das Mães, sim. – Parou de secar os pratos e me olhou. A Pilha era pesada demais para colocá-la sozinha no armário. Larguei o pano e ajudei-a. Dei-lhe um beijo de "Obrigada". – Depois disso eu não sei, por que o Cides não vai querer largar a fábrica aqui sozinha.

— Mais um motivo para a gente fazer as pazes com o André, viu? – O Dio me chama de engenhosa, diz que eu não dou ponto sem nó, mas olhe só para ele, leitor.

— Obrigado pela casa – Eu disse a ela, a caminho da casa da Geca, guiados pelo GPS do celular. – Eu não esperava isso.

— Não esperava que eu fosse emprestar a casa para a sua mãe? Dio, o que você acha que eu sou, um monstro?

— Não, eu não disse isso. – “Vire à direita” disse a mulher do GPS. Passei a direita que ela mandou e virei na próxima. Era quinta-feira de tarde, a cidade funcionava. As lojas todas abertas, a PUC funcionando. Bateu uma nostalgia da época que a minha vida se resumia à faculdade e à fazenda. Sorri, passando em frente ao prédio. Continua o mesmo. Até perdi o fio da meada do meu argumento e acho que a Fê percebeu. – Uau, olha só pra isso. Parece que o

tempo não passou nada!

Lá vai a casinha rosada do Borges dizer para mim que o tempo é uma coisa muito engraçada. Passou o quê? Quinze anos, mais? E continua a mesma coisa. Agora eu passo por ali com meu Corolla, minha esposa no banco do passageiro, dois filhos. E sem exercer mais a profissão que aprendi ali. A vida tem vezes que dá umas voltas bem absurdas.

Estacionamos numa rua calma, nos apresentamos para o porteiro. Geca e André moravam num apartamento, a frente chique, talvez terraço gourmet, coisa desses prédios novos. Avançamos por um jardim pequeno, entramos no hall. O elevador demorou pouco para chegar, quando vimos, já estávamos no décimo andar, de frente para uma porta, de costas para outra. Dois apartamentos por andar.

— Achei que vocês demorariam. — A Geca nos recebeu, a mesma roupa do almoço, os cabelos presos num rabo de cavalo. O batom recém-passado. Entramos, André colocava a mesa para um café da tarde. Outra camisa, os cabelos molhados.

Tinha cara de apartamento de casal novo. Nos mostraram as cadeiras da sala de jantar, separada da sala por móveis. Sentamos, a sacada aberta, as cortinas fechadas. Um vento bom soprando enquanto a Geca nos servia café.

— Uau. — André disse, as mãos na cintura antes de começar a lavagem de roupa suja — É tanta coisa para consertar que eu não sei nem por onde começar.

Capítulo 27

Entrave

A mesa para seis, com quatro. André e a dele de um lado, Fê e eu do outro. A mesa servindo de limite para ninguém dar na cara de ninguém. Reduzi meu poder sobre eles. Eu sou filho do dono onde André consegue colocar comida na mesa, eu sou o cara a quem a esposa dele quer dar. Tudo ao meu favor e eu não tinha (não tenho) nada a perder.

Problema é que eu também não tenho nada a ganhar. Não é uma situação da qual eu me orgulhe. Eu conheço a Geca há mais tempo do que conheço qualquer outro amigo. Ela foi, por muito tempo, a minha única confidente. Esquecendo a parte que eu conheci aquele corpo do avesso, que testei muitas das minhas insanidades com ela, que aprendi a transar (e a chupar direito) com ela, ela foi o mais perto de amigo que eu tive a vida toda, depois da Ana.

Só que a vida passou, eu toquei minha vida e encontrei, por sorte, uma moça que me faz ficar do avesso. O coração para fora, sempre na ponta dos dedos. Sempre correndo o risco, sempre no limite. Amar a Fê tem sido encarar um abismo, pronto para me jogar quando ela mandasse. Tem sido a experiência que faz valer toda a minha vida e eu não sou louco de trocar tudo isso.

Por isso, eu baixei minha bola. Fiquei na minha. Todo aquele circo era desnecessário. Se o André é apaixonado pela dele, ele que dê um jeito nisso. Se a Geca o ama, mesmo que só um pouco, em nome da história deles, então que eles começassem a batalha épica, um pelo outro.

Só que me incluíam fora dessa. Incluíam a mim e à Fê, para fora dessa, que eu não tenho estômago para mais uma luta épica, já estou no meio de uma.

Eu fui o primeiro a entrar no assunto. Até então ficaram os três conversando sobre câncer, a minha mãe e lamentos. Eu trouxe o assunto principal. Pousei a xícara e mandei na lata uns pensamentos que o leitor já leu pelo menos uma vez cada um deles.

Eu só queria paz, sossego e poder levar minha mãe para São Paulo. Só isso, não nesta ordem. Eu não me imagino na posição do André, não mesmo. Não sei como seria, se eu visse minha mulher com a boca noutro cara. Não sei como seria, se eu tivesse que obedecer às ordens do pai desse cara. Não sei. Talvez eu surtasse muito mais rápido do que André surtou. De cabeça fria, eu não o culpo. Sejam justos, era uma posição delicada, a dele.

André, é como eu disse, nunca precisou trabalhar. Nunca precisou acordar cedo e vender queijos na carroça do pai antes de ir para a escola, como eu fiz. Se tem uma coisa que me orgulho nessa vida (depois da minha família,

por que não tem um cara nesse mundo que não agradeça de joelhos a família que tem) é da história daquela fábrica. Nós começamos na carroça, eu ia com meu pai vender, enquanto minha mãe os fazia, ela e a mãe da Geca, quando era viva. É a Geca que esteve ao meu lado, em toda essa parte bonita da minha vida.

E ela se casar com um filho do prefeito foi tão... Fora do roteiro! Ela se negar a ir para São Paulo comigo, eu encontrar a Fê. Tudo tão fora dos planos. Não sei se as meninas de hoje sonham em casar e ter filhos, mas as meninas da minha época sim e a Geca tinha até nome para nossos futuros filhos, quando tínhamos lá nossos quinze anos. Seriam Pedro Henrique e Maria Eduarda, um casal.

A Geca engravidou do André quando Fê e eu já estávamos namorando sério, mas não éramos casados. Bianca tem 11 anos hoje. Eu lembro que a época foi conturbada por que todo mundo achou que aquele filho era meu, mas eu sabia que não era. Para manter um nível de sinceridade aqui, eu nunca transei com a Geca, depois de começar a transar com a Fê não porque tínhamos uma cláusula de exclusividade, mas só por que eu não quis, só isso. Eu sou fiel e babaca na mesma proporção.

Cresci numa família monogâmica, meu pai e minha mãe só vivem um para o outro desde que me conheço por gente e mesmo quando eu tinha lá meus treze-catorze anos e eles se separaram, ficaram mais de três meses sem morar no mesmo teto, eu sei que o meu pai não pulou a cerca simplesmente por que não queria.

Faz tempo, eu estou velho, mas algumas coisas eu me recuso a esquecer justamente por que meu pai é o modelo exemplar de homem para mim. Se um dia eu olhar para trás e ver que eu sou dez por cento do homem que meu pai é, então me darei por satisfeito.

Mas não era isso o que acontecia naquela sala. Bebendo café, eu abria meu coração para duas pessoas que eu não sei exatamente se mereciam, mas eram fundamentais para não deprimir a minha mãe.

Eu gosto da Geca, ela só não é mais mulher pra mim, mas isso não quer dizer que eu viraria as costas para ela. Pelo André, não sei se eu o trataria com a mesma cordialidade. Pensando na Geca é que eu abro meu coração para o casal. Nunca fui muito com a cara do André.

Terminei de falar e os três me olhavam. Ninguém disse nada. Aí a Geca tomou a palavra.

— Eu preciso conversar com o Digo. — Tremi, olhei para a Fê. Vai dar bosta e das grandes. Levantei-me depois que ela se levantou e nós dois fomos para o quarto dela.

Olhei para trás, vencido. A Fê me olhava, os olhinhos cheios de lágrimas

como se eu fosse um bezerro indo para o matadouro. O André tinha o mesmo olhar, mas ninguém se movia. Passivos, nós quatro. Entrei no quarto todo em tons claros, a mesa do computador, duas portas, uma que imaginei ser o closet, outra que imaginei ser o banheiro, fotos da família e dos dois em todos os lugares, inclusive no espelho. Ela passou a chave na porta, pediu para que eu me sentasse e eu sentei no único assento que não a cama, a cadeira da escrivaninha.

— Quando eu te abandonei na rodoviária não foi por medo da São Paulo — Disse, a voz firme. — Você, quando foi para São Paulo, estava rico. Seus pais tinham vendido a primeira fábrica, estavam todos felizes com a dinheirama que entrou, mas eu continuava trabalhando de caixa de mercado para ajudar a minha irmã a pagar a faculdade. Lembra disso, Digo? Eu escolhi ficar e ajudar a minha irmã a ir para São Paulo com você. Eu não fiquei com medo da capital, eu só preferi as minhas irmãs. Então por favor, quando falar de mim, não mais deixe subentendido que não estamos juntos por que sou uma fraca, eu não sou fraca. Tem dias que eu penso que o fraco é você, que precisou ir embora para dar valor ao que tem aqui.

"Sabe quem estive ao lado da sua mãe, quando ela olhava para seu quarto vazio, quando você foi para a Europa? Sabe quem estive ao lado do seu pai tocando a fábrica, quando você quis ganhar o mundo? Você pode achar que quem é o braço direito do seu pai é o André, mas ele só o é por que eu saí de cena para cuidar das minhas filhas".

Eu entendo perfeitamente minha mãe colocar a Geca como sócia nos negócios. A mãe dela ficou viúva muito cedo, por anos, foi o queijo que sustentou as três Marias. Depois que a mãe da Geca morreu é compreensível que meus pais tenham dado uma parte da fábrica nova para a Geca, que provavelmente trabalhou lá só o tempo em que eu fiquei na Europa e em São Paulo, depois o André assumiu e eu nunca fiquei sabendo, ainda mais depois que trouxe a Fê para Minas.

— Eu te amei, Digo. Te amei muito, nós crescemos juntos, você sabe. Eu vi você ganhar barba, ganhar pelos, ficar com vergonha de tirar a camisa. Você me viu ganhando peito, ficando menstruada, toda essa coisa. Nós crescemos juntos. Eu sei que você amou uma menina antes de mim, mas sei que não durou. Eu fui um grande amor na sua vida e fico indignada quando você me trata como se eu fosse qualquer uma. Eu não sou qualquer uma. Você não me ama mais, é um direito seu, não tiro isso. Só que depois que a Fernanda apareceu, você só sabe me tratar com desdém. Como se eu fosse uma puta que você já pagou e não quer mais meus serviços.

— Não é verdade.

— Não? — Ela chorava? — Você nunca mais ligou para cá para saber

como eu estava depois que começou a namorar com a Fernanda. Sabe, eu me ferrei um bocado nessa vida e não tive meu melhor amigo por perto. Isso é o que me deixa mais irritada. Custava você saber diferenciar amor de amizade? A Fernanda é tão ciumenta assim, para te proibir de ter amiga mulher? Tem dias que eu acho que ainda te amo, mas acho que o que mais faz falta mesmo é ter meu amigo. Poder conversar. Sabe? Eu duvido que você conte tudo para a sua esposa, todos os problemas durante o dia, todos os casos, todos os medos. Quando você tem problemas com ela, com quem você conversa?

Com a Ana.

— Eu queria ter tido você nesses momentos. Você fez falta. Minhas irmãs têm uma a outra, elas são confidentes entre si, depois de tudo o que eu fiz por elas, elas meio que me deixaram de lado só porque eu escolhi cuidar do André. Esqueceu que a gente mais conversava que se comia? Quando o André tinha as crises de surto dele, as fissuras mesmo, eu te liguei para você vir me ajudar. Você nunca veio, nunca nem me atendeu. Depois que a Fê entrou na sua vida, você só volta para Minas no Natal.

"Por isso eu odiei a Fernanda. Que você tenha casado com ela, tenha filhos com ela, tudo bem para mim, também toquei minha vida amorosa, estou em maus lençóis com o André agora, mas isso passa. O problema, Digo, é entre eu e você".

Fiquei quieto, ouvindo o choro que aumentava. Ela correu para o próprio banheiro e eu fiquei na minha, tentando entender, sem sucesso, aquela perspectiva. Quer dizer, se ela me queria como amigo, por que caralhos ela desprezava a Fê? Se ela me queria como amigo, por que então, me deu um beijo? Eu conferi a definição de amigo no dicionário e amigo não se beija na boca.

— Me perdoa pelo beijo – estava de volta, a toalha nas mãos – eu agi por impulso, nem eu quis fazer uma coisa dessas. Na hora me pareceu certo, mas agora eu tenho um marido que não quer nada comigo e isso me deixa muito pior do que você me ignorando todos esses anos. Por um lado, – Pendurava a toalha de volta no gancho do banheiro e se sentava na cama – eu dou muito mais valor ao homem que eu tenho comigo, agora. Eu vou ser sincera, eu não estou feliz com o meu casamento, nem um pouco feliz, tem coisas no André me irritam profundamente, mas não é beijando você que vai consertar. Aquele ditado “só que dá valor quando perde” me serviu direitinho e estou comendo o pão que o Diabo amassou, com ele de cara virada pra mim.

— Você me trouxe aqui e trancou a porta para a gente ser sincero um com o outro, né? Então tá, vou ser sincero: Você queria o quê, depois de ter me beijado? Geca, você não é nenhuma menina, você é casada. Me beijou e seu

marido viu. Lide com isso, oras. E, se você me permite dizer, não é me trancando aqui que vai melhorar as coisas.

— Tive que tirar a prova real. Ver se eu ainda gosto de você. Passei anos na dúvida. – Confessou, passando a mão nos olhos – Eu vejo você e a Fê e quero a mesma coisa.

— Drama e conta pra pagar?

— Vocês parecem casal novo e têm dez anos de casamento.

— Você quer saber por quê?

Balançou a cabeça que sim e eu, maria-mole, contei. Disse com todas as letras, emocionado com a coisa toda, pelo câncer da mãe, pelo Lipe ruim da asma, pela Fê e nossos seis meses. contei que ela foi embora e a água bateu na bunda. contei que, se não fosse por ela ter me dado esse chacoalhão, nunca que eu tinha me movido.

— Sempre tem que partir da mulher... – Reclamou.

— Não, ué. Você pode muito bem pedir o divórcio, assumir a fábrica e tocar com a vida. Depois dessa rasteira que a Fê me deu que eu me toquei das coisas, mas não era uma coisa que ela precisava ter feito. O erro foi meu e, como a minha melhor amiga disse uma vez, a Fê tem sido muito tolerante comigo. Enfim, Geca, a gente pode sair desse quarto? Minha Fê deve estar pensando num monte de bosta e eu não quero dar razão para ela me deixar de novo.

— A bicha é ciumenta, né.

— Que nem teu marido. – Cutuquei. – Você quer que eu converse com o André? Eu não quero fazer isso, mas se você achar que ele vai ouvir se eu falar, então eu falo.

— Não, tudo bem. – Disse, se erguendo. – Vou conversar com ele.

— Você e ele são muito bem-vindos lá casa da minha mãe, eu nem tenho autoridade para expulsar ninguém, a casa não é minha. – Cedi, apaziguando a situação toda – Mas, por favor, você que está sabendo de tudo o que está acontecendo na minha vida, vê se não me fode, tá?

— Foi bom a gente ter conversado. – Se rendeu, também.

— A gente devia ter feito isso antes.

— Um monte de coisa teria sido evitada.

Nos abraçamos, depois. Eu lembro dela crescendo, os peitinhos despontando. Perdi a virgindade com ela, mãos e bocas em tudo quanto era lugar, tentando descobrir como é que a gente gozava. Se eu sei chupar direito hoje, é culpa da Geca, que teve paciência comigo. E se ela não raspa o dente no pau do André, é graças a mim. Foram bons tempos. Acabou, claro. Hoje eu pertenço a uma outra mulher cujas correntes são mil vezes piores que as da Geca, mais vis e mais cruéis que as dela, mas por anos, a Geca quem foi minha

namorada. E sim, a gente pensou em casar e tudo o mais.

Nunca parei para pensar sobre amizade depois da foda. Isso existe, sem que a gente irrite nossos atuais? Passou-se dez anos, quinze talvez, que a gente não se come mais. Se eu entro em casa falando com a Geca pelo telefone, pode ter certeza que panelas voarão na minha orelha. Eu conheço a Fê. Se ela se sente insegura por causa de corpo, imagino se nós viramos amigos.

Me arrependi de não falar mais com a Geca. Se tivéssemos mantido a amizade lá atrás, nada disso teria acontecido. Nem mesmo o selinho que me deu uma dor de cabeça lascada, nem mesmo vir na casa dela resolver isso. Erros que não tem como voltar atrás.

Saímos do quarto e do corredor eu via uma cena que me deixou enciumado. André deitado em posição fetal, a cabeça nas pernas da minha esposa, virado para o encosto do sofá, o focinho curto enfiado na barriga dela. As mãos por trás das costas. Quietos, tão silenciosos quanto possível. A Fê chorando também, naquele bico de menina que perde o brinquedo.

É assim que homem feito vira moleque de novo. Quando tem diante de si uma deusa, a nossa deusa particular, cada homem tem a sua. Ver o André erguer-se e agarrar a mulher dele como se fosse a coisa mais preciosa do mundo dele me fez ver que era isso o que eu devia ter feito quando ela voltou, sete dias depois de ter ido. Se beijaram, ele ficou sussurrando coisas para ela. Entraram no quarto aos beijos. Fê e eu fomos embora sem se despedir. Só encostamos a porta de entrada e saímos.

Sensação de que outro casal vai seguir pelo mesmo caminho das pedras que a Fê e eu temos seguido. É besta o jeito como a gente deixar chegar as coisas ao ponto em que chegam, né?

— Eu disse para o André tudo o que eu queria ter te dito, quando fui embora. — Confessou, nós dois dentro do carro, na vaga para visitantes do prédio deles.

— E eu disse a ela que tudo bem pedir divórcio. — Confessei, olhando para ela, meio rindo e meio sentido, arrependido de ter ido trabalhar naquele domingo em que ela voltou para casa, em vez de tê-la abraçado do jeito que o André abraçou a Geca.

— Espero que você não fique chateado de eu ter contado para o André que eu fugi de casa.

— É, eu contei isso para a Geca, também. — Comentei, dando a partida no carro, olhando a minha Nina que tinha os olhinhos cheios.

— Você ficou assim que nem ele, quando eu fui embora, Dio?

— Assim como, chorão?

— É, ele pareceu tão triste, Dio, tão triste.

— Todo homem fica.

Ver um homem tão devastado quanto eu fiquei nos deixa em pé de igualdade. Espelhamento, é como chamam. Não tem nem três meses eu estava naquela mesma posição. Só não usava a esposa dos outros de travesseiro.

Voltamos para a casa da minha mãe. Os meninos, sozinhos, assistiam tevê na sala. A Fê ficou com eles, eu subi. Meus pais arrumavam as malas, iam mesmo para São Paulo e eu sorri para aquilo.

— Só até o Dia das Mães. — A minha mãe dizia, fechando a mala de rodinhas. Eles não viajavam muito, as malas eram muito velhas. Me surpreendo ter rodinhas.

— Acho que a senhora devia colocar meia dúzia de vestidos bonitos nessa mala.

Do banheiro meu pai gritava, perguntando se minha mãe queria que ele pegasse os cremes dela. Minha mãe respondeu que sim, abrindo o guarda-roupas. Ficou um bocado de tempo escolhendo seus vestidos, mas não se decidia por nenhum. Talvez o truque dos vestidos que usei com a Fê, funcionasse com a minha mãe. Eu conversaria com meu pai sobre isso, ver o que ele acha.

— A Fê está lá embaixo?

— Está.

— E o que que deu, na casa da Geca?

Expliquei. Eu não sabia de nada, nem sobre a sociedade, nem sobre o posto do André. Com o passar dos anos eu aceitei, bem pouco interessado, em ver o André trabalhando com o meu pai. Eles se explicaram, me pediram desculpas, envergonhados. Disseram-me que nunca me contaram da parte da Geca na empresa porque suspeitaram que eu ficaria ofendido de ela ter uma parte e eu não. Imaginaram, esse era o futuro que meus pais sonharam para mim, que eu teria a outra parte da empresa quando eu voltasse para casa. Naquela época, eles me disseram, tiveram esperanças que minha saga em São Paulo fosse curta, que eu voltasse para Poços mais cedo ou mais tarde e quando eu voltasse, eu assumiria a parte que é do meu pai e ainda me casaria com a Geca.

Esse era o plano dos meus pais para mim. Ter parte na empresa deles e me casar com a sócia da outra parte. Nunca foi pretensão deles que eu encontrasse a Fê no caminho e que eu virasse sócio sim, mas primeiro numa agência, depois num restaurante.

Isso explica o ódio da família quando levei a Fê no nosso primeiro Natal juntos, inclusive. E eu achando que fosse por que a Fê é a Fê, paulista e moderna e tudo isso. Hoje entendo que eles a odiariam mesmo se ela fosse uma freira.

Sentiram-se culpados, mas eles não eram culpados de nada. A empresa era deles, eles faziam o que bem entendessem. Eu acho é bom que seja da Geca,

por que foi o sustento das irmãs dela e agora, da família dela. Eu nunca quis assumir aqueles negócios, então, se alguém queria assumir, tanto melhor.

Descemos as escadas, meu pai e eu, uma mala em cada mão. A Fê sorria para mim, sabia que ter os pais perto naquela hora me seria importante. Saber que ela estava comigo em cada etapa era a cereja do bolo. Trancamos a casa, passamos o alarme. Toda a família estava avisada de que a casa estaria vazia pelo fim de semana.

Meus pais na Ranger deles, nós no nosso carro, a Fê no banco do passageiro e dois garotos que pediam a música da Madalena. Foi assim que voltamos para a cidade que agora chamo por minha.

Capítulo 28

Vigas e Estruturas

— Ela te chamou de quê? Repete, que eu acho que não entendi.

— De fraco. – Repeti, sabendo que me livrei de só uma das dores de cabeça.

Ainda estávamos a caminho de São Paulo, a Ranger dos meus pais seguindo atrás, cobertos e quentinhos, minhas crias dormiam. Passava das dez da noite, estávamos somente no meio do caminho. Bem posso crer que meu pai, no carro atrás, bocejava. Ele e minha mãe não gostavam de dormir muito depois das nove.

A Fê e eu entretanto, conversávamos. Contar a ela sobre o que aconteceu entre Geca e eu no cômodo ao lado de onde ela estava era a minha obrigação, mas também, uma faca de dois gumes. Se eu não conto, ela fica brava por que não contei. Se conto, fica brava pela conversa. Preferi que a cólera viesse pela verdade e estou lidando com isso.

— Escuta, Nina – Eu amenizava – Já foi, agora é passado. Você queria que eu fizesse o quê?

— Não sei, desse um prato de feno. – Estava brava, mas ria da própria piadinha.

Parte de ser bom com pessoas é deixar que falem de si mesmas. Eu não precisei dizer muito à Geca, só deixei que ela falasse e foi o suficiente para que eu soubesse de tudo. Talvez ela tenha romanceado boa parte da falta que fiz a ela, talvez tenha jogado aquele negócio de "senti falta do meu amigo" como uma forma de me culpar. O nosso objetivo indo lá na casa dela eram dois: que as Marias e as crias das Marias e os maridos das Marias voltassem a frequentar a casa e o banquete da minha mãe, e que uma das Marias (o leitor entende qual) largasse do meu pé de uma vez por todas. Tudo isso aconteceu. Estamos, até onde eu não sei, mas estamos de bem. De quebra, até o André está todo meloso com a Geca, então estão, até aonde eu não sei também, de bem.

— Eu fico puta com você e essa mulher por que essa história nunca tem fim. Ela está sempre de volta, sempre testando minha paciência, sempre atrás de você. Ela foi lá e tascou um beijo em você, fica me insultando a troco de nada. Chama meu marido para o quarto. É isso que eu não admito, você vai na onda. Sempre coloca panos quentes e não resolve. Eu não posso dizer que detestei o soco que você deu no André, por que finalmente foi alguma coisa que você tomou atitude.

— Desculpa não te deixar segura. – Eu disse, por fim, depois de umas

três ou quatro músicas que passaram na KissFM. – Eu não te quero com ciúmes por causa de nada. Me perdoa não te deixar segura.

— Eu confio em você, eu não confio é nela.

— Você não tem que confiar nela, não tá casada com ela.

Até olhei para a Fê. Desgrudei os olhos da estrada e grudei nela, o suficiente para vê-la concordar comigo, um meio sorriso no rosto.

— Eu morro de ciúmes de você. – Confessei o óbvio – Entorto fácil de ciúmes, tenho medo que você ache alguém melhor que eu e não é difícil de encontrar, mas veja, Nina, não fica com ciúmes de mim, deixa a Geca para lá. Se você quiser responder às coisas que ela te fala, se ela continuar te tratando mal, baixa o nível, também, resolvam vocês duas essa merda e ponham um ponto final. Se eu tivesse resolvido a minha parte com ela anos atrás, nada disso tinha acontecido. Faz você isso também. Eu não posso chegar nela e te proteger, você quem vai ter que fazer isso, então... faz logo de uma vez.

— Acho que depois dessa, os ânimos se acalmaram.

— ... mas se vocês duas forem brigar de puxar cabelo, coloquem biquíni e se besuntem na lama. Ai! Fê, é brincadeira! Ai!

— Deixa de ser retardado!

— Eu ia apostar minhas fichas em você, tá?

— DIO!

— Hahahahahahaha- Tá, parei.

Paramos o carro no estacionamento do prédio da Fê. A Ranger ao lado do Corolla e subimos, eu com o Lipe e a Fê com o Guto, pelo elevador. Eu sempre lembro da primeira vez que subi por ali quando entro no elevador, embora na primeira vez que entrei, o elevador não fosse a minha maior preocupação. Sorri, olhando para os olhinhos da minha esposa, atentos ao visor do andar.

A porta abriu, a Fê se atrapalhou com a chave, meu pai pegou o Guto do colo dela. Esperamos enquanto ela abria, entramos. Fê foi acendendo as luzes, abrindo as portas, checando pela torneira da pia se o registro da água estava aberto. Colocamos, eu e meu pai, Guto e Lipe na cama antiga da Fê. Meu pai riu olhando para o quarto, os pôsteres, a maquete, a tralha em cima da escrivaninha.

— Nem precisa me dizer de quem é esse quarto. – Coloquei os tênis dos meninos perto da porta e os cobri. Apagamos as luzes e saímos.

— Vou pedir uma pizza, alguém se opõe? – Foi o tempo de a gente entrar na cozinha, que a Fê nos pegou no pulo, o telefone na mão. As duas na cozinha americana, Fê diante de pratos e copos tirados do armário, agrupados sobre a bancada.

— Mas minha filha, não está muito tarde para pedir pizza?

— Aqui não tem essa, Dona Teresa: – Ali está uma Fernanda que se gaba

muito da cidade em que nasceu – Se a senhora quiser comer tortinha holandesa às duas e meia da madrugada, com certeza vai achar um lugar que te venda isso. E das boas.

Discou o número depois, pediu. Meu pai e eu descemos para buscar as malas, enquanto a Fê mostrava o resto dos cômodos para a minha mãe. Eram malas demais, para quatro dias. Olhei para o meu pai, sorridente. Aquilo era um sinal de que ficariam mais do que até o Dia das Mães, não era?

— Convenci sua mãe de a gente ficar até passar por um médico daqui. Eu vou precisar ir para casa na segunda feira, acho que volto no mesmo dia... – Colocou uma das malas no chão, segurou no meu braço – Filho, a gente não vai atrapalhar vocês, não?

— De forma alguma – Eu sorri, pegando a mala que ele deixou no chão – Eu vou dar um jeito de não deixar a mãe sozinha no apartamento. Se você precisar passar a noite em Poços, só liga. Ela está sabendo que você vai para Poços?

— ... Eu só não disse o dia.

— Pois então avise.

Entramos no elevador de novo, subimos. A Fê e a minha mãe faziam uma lista de mercado para o dia seguinte, nós nos juntamos a elas. Decididamente, tínhamos muita coisa a fazer. Perguntei, enquanto meu pai voltava da portaria com a pizza, se a Fê se incomodaria em faltar na sexta feira, na faculdade. Ela sorriu, dizendo que não planejava ir para a escola. Na hora eu não entendi o sorriso, não foi um sorriso de mãe condescendente, foi sorriso de outra coisa. Uma coisa que eu deixei passar.

De qualquer forma, as crianças iriam. Sugeri que dormíssemos na casa antiga da Fê, mas que tomássemos café na minha casa, dia seguinte. Até poderíamos deixar meus pais sozinhos na casa nova, mas achamos desnecessário. Meu pai e minha mãe foram para o quarto, visivelmente incomodados por achar que estavam nos incomodando. Chegaram a pedir desculpas, antes de fecharem a porta do quarto, mesmo depois das incessantes vezes em que nós dissemos que eles não nos atrapalhavam. Depois, sem sapatos e cintos, a Fê e eu ligamos a tevê da sala.

— Lembra a primeira vez que nós dormimos na sala? – Eu lhe sorria, sentado no sofá da mãe dela, o sofá mais confortável e mais espaçoso do mundo. Ela tirava os brincos e o colar, colocava-os ao lado da tevê grande, no rack baixo e escuro. Apagou as luzes brancas e deixou as amarelas, o teto é daqueles moldados a gesso, com depressões e curvas, por onde brotam luzinhas. Buscou na própria bolsa o computador e abriu-o no colo.

— Não tem como esquecer – Me sorria, atacando o teclado com uma

senha – Estávamos tão bêbados que eu ainda me surpreendo de não termos batido o carro.

O anjo que protege os bêbados é sempre mais atento. A primeira vez que dormimos naquele sofá, um babando no outro, coisa nada sexy, foi na primeira vez que ela me fez entornar o caneco como ela entortava. O leitor deve se lembrar que com vinte e quatro anos eu bebia como um moleque de treze. Passava mal fácil. Foi ela quem desvirtuou o garoto. Quando dormimos no sofá pela primeira vez foi no primeiro fim de semana que eu não era mais só um pau amigo misturado no meio de tantos e já tinha o título de "namorado".

"Se você quer ser a foda exclusiva, vai ter que aprender a beber que nem gente", foi o que ela disse. Obviamente falhei miseravelmente em acompanhá-la nos meses seguintes, mas aprendi. Até lá, era vergonhoso ir a qualquer bar com ela pela segunda vez, enquanto os atendentes e frequentadores assíduos me viam como "o cara a quem é a mina que segura o cabelo na hora de gorfar". Sim, eu fui esse tipo de moleque. O cara quem vomita e perde a linha, enquanto a namorada é quem segura a onda. A alguns bares inclusive, nunca mais voltamos.

Até nossa lua de mel de casados, que foi o ápice da bebedeira, a perdição homérica, eu fui aprendendo a conter danos e não misturar bebidas. Até nossas saídas ficarem realmente divertidas, foram-se pelo menos seis meses. Eu fui um cara que gostava de sair com a namorada, eu não a abandonava na pista de dança com duas amigas e subia para o andar de cima ver um cachecol bem trançado de gente, como faço hoje. Nesse quesito, o Rodrigo de antes leva vantagem no Rodrigo de agora.

— Aqui, – Disse, um salto na tela do computador – Vê logo essas fotos que eu estou agoniada.

Não posso dizer que esqueci das fotos que ela me mandou quando eu fui para Poços sem ela, eu não esqueci. O que eu evitava mesmo era a caixa de e-mails, a proposta do Horácio. Não ver as fotos da Fê foi um dano colateral.

Ela sumiu de vista enquanto eu passava as fotos. Na hora de tirar a foto não tem vergonha, na hora de me mostrar, tem. Eu ouvia alguma panela na cozinha, conforme as peças de roupa diminuía. A mulher impressa na tela não era a mesma que movimentava painéis, não senhor. A mulher impressa na tela não é a mesma que sai em foto de Natal, nem a mesma que alimenta meus filhos, nem a mesma que faz palestra em faculdade pública. Aquela mulher nas fotos é a mulher com quem me casei.

Aquela mulher nas fotos não tem medo da Geca, não tem medo de nada. Aquela é o sonho de todo garotinho punheteiro quando começa com os pornôs. É a sensual, a vulgar, a toda encantos. Linda da cabeça aos pés e não é só expressão, é mesmo da cabeça aos pés. Tem a foto de um salto que eu não

reconheço, um salto diferente. Eu sei de cor cada uma das sandálias da minha mulher e tenho certeza que aquele salto não era dela. Me pergunto aonde ela enfiou e aonde achou aquele salto, por que definitivamente, o salto era agulha. E eu sabia exatamente o que ela queria com um salto fino daquele jeito.

Dizer qualquer coisa sobre uma ereção é pleonasmo, uma obviedade nada boa de se dizer. Fechei o programa que exibia fotos (e sinceramente, que ideia idiota a da Apple colocar o xis de fechar do lado esquerdo, hein?). Na tela ficou, de wallpaper, uma foto minha, do desjejum dos cinco anos, a única foto que ela tirou, de mim mordendo um dos pés dela.

Aquela foto em que, segundo ela, eu parecia um modelo da Calvin Klein.

— Fê, – Arrastei-me com o computador dela em mãos para a cozinha – E se você tem outra palestra para dar, é assim que você quer que os outros me vejam?

Sim, eu estava envergonhado. Quando ela plugou o computador dela no projetor daquele auditório de sua primeira palestra enquanto meistranda, o que apareceu foi a foto dos filhos e eu achei bonito. Foi pouco tempo entre o wallpaper dos meus meninos e a tela de apresentação do Power Point, mas houve esse tempo. Comigo mordendo um pé fazendo cara de biscate, essa era a primeira vez que eu via.

— Já viram.

— QU-

— É, ué. - Disse, puxando a chaleira do fogão, colocando a água quente numa caneca. - Já viram. Não assim numa parede, mas viram.

— E se eu colocasse uma foto sua?

— Desde que não fosse pelada, acho que não posso reclamar.

Se eu pedisse que tirasse a foto da área de trabalho, ela não o faria. Desde a compra da Nikon, essa era a primeira vez que eu me arrependia de tê-la comprado. Sentei-me numa das banquetas da bancada da cozinha, infeliz. Essa não é o tipo de coisa que você espera da sua esposa. Você espera que ela tenha fotos suas, até coloque uma ou outra como wallpaper, mas não quando você está... assim.

— O que disseram?

— Morreram de inveja.

— Claro que morreram de inveja, – Tentei sorrir, mas a boca ficou muito torta – sou eu o cara que tá casado com você.

— Não, não por isso – Caçou ervas nos armários antes de continuar – Eles queriam que as esposas deles fizessem isso.

— Vocês, engenheiros, têm tudo merda na cabeça. Conta demais. Faz isso.

— Achei que fosse gostar – Puxou o computador para si enquanto o chá não ficava pronto – Posso tirar, se você quiser.

— Me explica. – Pedi – Antes de tirar, me explica.

— É simples: – virou a tela para mim, mostrando eu para eu mesmo – todo mundo tem uma época da vida em que coloca uma foto de alguém com pouca roupa, de papel de parede. Desde que seja um computador pessoal, né, não num desktop que fica na sala. Se não coloca, tem uma coleção própria de fotos indecentes. Em vez de eu colocar um famosinho sem camisa, eu coloquei você. Eu gosto dessa foto.

— São mais os homens que fazem isso, de colocar mulher pelada de wallpaper.

— Sim, são. A maioria esmagadora dos meus colegas têm. Agora eu também tenho. – Me sorriu como se aquilo fosse uma conquista boa. Não consegui não sorrir de volta. – Alguns disseram que gostaram da ideia, que vão pedir fotos para as esposas, namoradas, enfim. Algumas delas não aceitaram, mas deviam.

— Você aceitaria?

— Só escolher – Bebia da caneca com os olhos em mim. Sorte dela que eu não tenho um computador meu, só o do restaurante e o que eu tive na agência. Olhei-a, que me olhava. – Olha, essa foto já te salvou de boas brigas.

— Mas você não colocou isso na quarta? Fê, hoje é quinta.

— E já te salvou de boas discussões, veja só. – Sorriu, pousando a caneca – Porque eu olho para essa foto e lembro de tudo, daí eu percebo que você só está agindo errado, mas ainda é o cara certo. E aí, mentalmente eu te perdoo.

Beijei-a, tinha gosto de erva cidreira. Vou escolher uma foto tua e vou colocar de plano de fundo do meu celular. Provavelmente vai ser uma daquelas que me enviou por whatsapp, do dia em que saímos para comprar roupa. Uma daquelas em que está de vestido, uma iluminação ruim, um provador cinza de tão branco, porque aquelas fotos foram o início. O início da tempestade e também, o início da calmaria.

Fui para a sala depois disso, fuçando meu celular, junto dela, quando acabou o chá. O azul da tevê brilhando sobre nós, os dois de calça jeans, meus pais e meus filhos nos quartos ao lado. Não dava para fazer muita coisa, mas bem que tentamos. A Fê nunca foi escandalosa e isso facilitava, eu não tive que me preocupar com ruídos altos. Minha mão ficou com marca do zíper da jeans dela, o zíper do meu jeans machucou o corpo do meu pinto. Na hora, para ser honesto, nada disso doeu, só foi doer dia seguinte, quando eu vi o vergão do ferro tanto na mão, quanto lá.

E ela, coitada, o monte de vênus e o baixo-ventre todo marcado pelo meu

zíper. A pele do cóccix queimada por fricção. Acordados antes de todo mundo, nós dois ríamos. Parecíamos um casal de adolescentes cujos pais da moça sobem para o quarto e os deixam sozinhos na sala. Eu gosto quando parecemos um casal de adolescentes ensandecidos porque nos é bem raro, esse negócio de "não dá para transar, mas nós queremos". Hoje em dia nós temos um quarto para isso, com portas. A gente transa a hora que quiser, essa é uma das coisas ruins de ser adulto.

Deu vontade de viver com a Fê uma época que não vivi, a adolescência, quando você fica de mão dada com a pessoa, mas louco por quinze minutinhos de área deserta para poder pôr em prática aquilo que você passa a semana inteira querendo.

A Fê teria gostado de um Rodrigo adolescente? Não. Eu teria gostado de uma Fê adolescente? Não. Éramos de mundos opostos que curiosamente se encontraram nessa cidade em que todas as coisas curiosas acontecem num espaço curto de vinte e quatro horas. Inclusive a curiosidade de a gente se encontrar. E, curiosamente, darmos certo.

As crianças reclamaram mais que o de costume para acordar. Disseram que a cama de lá era mais gostosa que a cama da casa deles e eu bem posso crer que era por que a cama antiga da mãe deles era maior que a deles. Reclamaram depois, quando fomos para a nossa casa, quando tiveram que tomar banho antes de ir para a escola. Reclamaram ainda quando tiveram que deixar a Vó e o Vô.

Liguei para a central do convênio da minha mãe, marquei um oncologista aqui em São Paulo. O resto do dia passamos eu, a Fê e meus pais, na rua. Primeiro fomos ao mercado, meus pais visivelmente acuados pela correria e pressa da São Paulo. Depois, a Fê quis levar eles para a Liberdade de metrô, saídos do metrô da Faria Lima, que era o mais perto do apartamento da casa dela. Fomos.

O doce de feijão que vendem em bandejas de isopor tomou mais de uma hora de conversa da minha mãe com uma senhorinha japonesa dona da loja. Doce de feijão, a primeira vez que você ouve falar, pensa logo no nosso feijão, com caldo, panela de pressão e tal e coisa. Nunca pensa que pode sair um doce daquilo.

Meu pai ficou encantado com tudo e queria levar para casa cada uma das coisas diferentes que via, desde comidas a origamis. À Fê e eu, restou a observação. A gente, tão acostumados à vida na rua, só observamos o quanto ela pode ser divertida e diferente depois que nos deparamos com o desconhecimento

do outro.

O que nos é comum, nos passou a ser interessante de novo, porque mudou a perspectiva. Sinceramente, eu me orgulhava muito e me arrependia na mesma proporção, de mostrar aquelas coisas a eles e por ter tardado tanto.

De quebra, o Lipe e o Guto ganharam dos avós tantos doces quanto possíveis. A Fê e eu ganhamos bolachas que segundo a senhorinha que deu para a minha mãe uma caixa de cada sabor do tal doce de feijão, era ótimo para comer com café.

Naquela sexta, meus pais fizeram o que não fazem em Minas nem por decreto: comeram na rua, em pé, provando um pouco aqui e acolá, puxando papo com gente desconhecida. Meu medo é que, acuados, não conseguissem descobrir as graças de uma cidade diferente, mas, por sorte, eu estava errado. Turistaram com gosto. Mergulharam na rua da Liberdade tão ou mais fundo do que eu mergulhei, quando fui pela primeira vez, com a Fê. E detestaram a comida crua tanto quanto eu.

Deu um clique no meu cérebro. Minas não tem mar. Aos sessenta e seis anos da minha mãe, ela nunca viu o mar. Cachoeira sim, riacho, rio. Só que não o mar. Nem meu pai. Logo abaixo do Dia das Mães no domingo, eu marcava na minha lista mental de prioridades: fazer meus pais conhecer o mar.

Até me surpreendi, três horas da tarde, quando eles reclamaram de cansaço. Eu suspeitei que fossem se cansar bem antes. Voltamos para o metrô, fomos de carro da Faria Lima para a Oscar Freire. Deixamos uma dupla de velhinhos queixosos na agora casa deles e fomos para a nossa. Dissemos que o buscaríamos para a janta e eles acenaram da sacada, quando saímos.

— Tem uma coisa que eu quero perguntar. — Eu disse a ela, mãos no volante, rezando para todas as entidades divinas para a gente chegar em casa antes do atravancamento do trânsito — Escuta, de quem é aquele salto da foto?

— Chegando em casa.

Abri a porta de casa correndo, cacei o sapato no armário dela, mas não achei. Ela, rindo, foi para o banho e eu entendi todo o contexto. Esperei ela sair e entrei no banho, também. Saí e lá estava ela, vestida com os saltos da foto, a bunda queimada pela fricção do pano do sofá, os vergões bem menores, na pélvis. Meu pau ainda doía, mas esqueci até que bem rápido, quando vi a grossura daqueles saltos.

Pouca coisa mais grossa que a haste de um cotonete. Ela riu com a minha cara confusa. O pau entendia tudo, felizão, mas eu, eu não entendia lhufas. Como ela conseguia ficar em pé em cima de saltos dessa grossura? Um palito de churrasco, um palito de pirulito? E alto. Não pense você leitor que o salto dela fosse baixo, por que baixo não era.

— Até que você é inteligente – Ria, passando a mão no meu cabelo molhado – Só, que na hora de juntar as peças, você se perde um pouco.

— Ah, é? – Que porra essa mulher está falando?

— Se eu ergo uma ponte em vigas de aço, se eu coloco um prédio inteiro em pé com estruturas metálicas, por que você acha que eu faria diferente, com meu próprio peso?

Mulher de Deus. Minha Nossa Senhora. O coração foi de zero a cem em menos tempo que um carro de corrida. O sorriso demorou para despontar na minha cara, fiquei mesmo com cara de babaca. Os olhos arregalados. Por essa eu não esperava. Não teria acreditado se não tivesse visto. Levei a mão na boca por reflexo. Ela riu, achava graça.

— Me explica, eu não consigo acompanhar.

— O problema do aço cirúrgico é a quantidade baixa de carbono na liga metálica. O carbono dá a corrosão do material. Para ele continuar anti-alérgico, expansível –

— Não, não quero saber das suas nerdices.

— Ué –

— O que eu quero saber é o que você fez com a mulher de três meses atrás, aquela que não gozava comigo, para virar essa mulher.

— Parte disso é culpa sua, – Me beijou. Me ergueu da cama e me beijou, eu não sabia se sorria, ou se chorava. O leitor sabe aonde ela quer enfiar aquele salto – mas parte disso, é culpa do mestrado.

— Quantos amigos seus estão envolvidos nisso?

— Se você ficou bravo com uma foto de wallpaper –

— Diga, não enrola.

— Quase todos. Tem até gente da biologia envolvida. Alguns estão querendo saber o resultado do experimento, para copiar.

Fernanda, como você tem coragem de envolver mais pessoas nas suas taras malucas? Como você coloca a foto do marido em situações constrangedoras, como você discute quantidade de carbono com um grupo de colegas, sendo que é para você enfiar isso no seu marido? Como esses seus amigos ainda estão esperando um feedback, como diabos eles querem copiar?

— Eles dizem que você é sortudo. – Cochichou, falando baixo no meu ouvido.

— Eles estão todos certos.

Essa é a Fernanda de agora. Faz as coisas nas minhas costas, me envolve e eu só consigo ficar com essa cara de palhaço. Louco para testar esse "experimento". Ela deu play iPod ligado nas caixinhas de som, que eu não vi quando ela o tirou da sala. Tocava Norah Jones, a mulher com a voz mais sexy

depois da minha própria mulher.

Me colocou sentado no chão, de frente para a cama. Ela puxou um pano com álcool, sentou-se na cama. Passou num dos saltos, apoiou-o na minha perna. O outro depois. Sorria, satisfeita. Eu suava frio, tesão e expectativa misturados. Gosto quando parecemos dois adolescentes, mas adolescentes não têm toda essa sofisticação com a própria porra, isso é coisa de adulto.

Abri as pernas dela, ela já estava molhada. A boca na boceta me foi só reflexo. Ela arfava e gemia bonito como sempre, mas não deitava na cama, não se rendia. O salto fino apoiado na minha perna me machucava, pedi que ela colocasse as pernas no meu ombro, mas ela se recusou. Continuou pressionando o salto fino para dentro das minhas carnes, tinha prazer naquilo. Apoiou o resto do pé na minha perna também e só isso aliviou bastante da pressão da agulha. Deu para continuar chupando a minha mulher sem fazer cara de dor.

Se bem, que eu não sei a diferença em certos dias, da cara de dor e da cara do prazer. Não digo que ela fica incrivelmente sensual quando bate o mindinho do pé na quina dos móveis, mas quando ela geme, o prazer tem a mesma cara da dor.

Ela checou a cabeça do meu pau, é obvio que eu também estava melado. Mandou, sem pedir, mandou que eu besuntasse com o melado dela, o salto direito. Obedeci. Agora vinha a pior parte, eu sabia.

— Você vai ter que controlar isso, por que eu não sinto se eu te machucar, tá?

Assenti com a cabeça, muito empolgado com a novidade, meio aéreo, meio lúcido. Ela encostou a ponta do salto na minha barriga, eu mirei o salto para o buraco do pinto. Ela só forçou com o calcanhar, o salto entrou sem oferecer resistência, ela sorria bonito. A cara de dor era minha, mas não era dor. Só num momento eu senti dor, quando ela enfiou mais salto do que devia, mas passou logo. Começou uma brincadeira leve, de vai-e-vem com o salto no meu pau, o joelho apoiado no meu peito, eu de joelhos no chão.

A outra perna ela abriu, dando espaço para os meus dedos para dentro dela. As bocas não se encontravam e esse foi o único ponto negativo. Quando ela começou a perder o controle do pé, eu quem investia contra o salto. Ela gemia, baixo e bonito, linda como sempre. Sorria. Gostava daquilo tanto quanto eu, do fato de o marido dela ser um maníaco por indumentária feminina.

Quando ela finalmente cedeu e deitou as costas na cama, eu pedi que ela subisse um pouco na cama, por que aí eu conseguia chupá-la e investir contra o salto. Ela puxava meu cabelo com força, sem piedade. E gozou bonito, a filha da puta. Eu cheguei depois, a rolha no pau, nenhuma gotinha para fora. Ela forçou bem mais quando viu que eu não ia aguentar. Sorrindo, do jeito que ela queria.

Se ela tinha plano, e, em se tratando da Fernanda é óbvio que ela tinha, ela o realizava com maestria.

Repeti o hino babaca que entoo toda vez que o ouvido entope, a pressão cai. Arrastei-me para cima da cama, abracei-a com força, porra escorrendo sem nenhuma virilidade ou força, para fora do meu corpo. Doía. Para mijar ia ser um inferno.

— Você sabe que não vai ficar assim, não sabe? – Eu disse, semi-morto, conferindo o celular no criado-mudo. Quatro e meia. A gozada mais rápida e mais fora do comum em anos.

— Minha canela vai ficar roxa – Choramíngava – Você apertou ela com força demais, dói.

— E meu pau, me diz, você acha que vai ficar como?

Ela riu.

Capítulo 29

Palco, Janela e Bar

Só quando fomos jantar num restaurante que a Fê escolheu, na Consolação, nós quatro e meus pais, em meio de toda aquela gente que não dorme de noite, que eu senti o que é dor. Entre casais apaixonados, grupinhos recém-adultos com seus celulares e suas fotos, uma Fê que usava uma blusa esvoaçante muito maior que o vestido, os saltos que me estuprara há não mais que três horas, eu levantei e fui mijar.

A dor e o susto foram tão grandes, que eu batizei o chão sem querer. Mijei não fogo, mas o vulcão todo. Chegou a sair lágrima dos olhos de quem vos escreve, perdi a força. Trêmulo, lavei as mãos e chequei se mijei também nas calças. Sorte, não. Passei água no rosto, me olhando no espelho no banheiro pequeno. Quase ri. Inventar de deixar a mulher enfiar um cano pra dentro do seu pinto. *Rodrigo*, agora sou eu quem pergunto, *Rodrigo*, *você comeu merda?*

Foi bom, eu gozei rápido, ela gozou rápido, eu entendo o trabalho que ela teve de inventar toda aquela engenhoca, mas nunca mais. A dor de depois não vale o gozo de durante. Imaginei a mijada da manhã do dia seguinte, sempre a mijada mais forte. Eu suava frio. Nunca mais, definitivamente, nunca mais.

Senti ódio da Fê como aqueles beliscos de ponta de unhas. Pagaria, se pagaria. Eu já maquinava a vingança que não seria nem fria nem crua, mas quente e doce. Uma vingança que não durou cinco minutos para que eu me arrependesse. Jamais que eu comeria a bunda dela (vai, chamemos por "bunda", não sejamos tão escatológicos assim tão perto de meus pais) sem lubrificante e com força. Eu não sou desses, eu prefiro que ela seja o tipo de esposa que bola fantasias bem baixas e bem pervertidas, mesmo que resultem no atestado de óbito do meu pau, do que machucar as santas pregas dela a troco de nada.

Mas que isso não ficaria assim, não ficaria. Levei um tempo sentado na privada fechada, na cabine aberta. Um milhão de agulhas enfiadas no coitado desfalecido dentro das cuecas. Ainda doía. O que mais doía, eu sabia desde a hora em que vi o salto, era a ponta dele. O salto era fino demais e meu canal era mais largo. O salto dançou lá dentro, eu senti isso. Se ele tivesse ficado mais parado, respeitando os meus movimentos, talvez eu tivesse gostado mais. Haste de cotonete realmente é fino demais para enfiar no pau. Ainda mais quando sua esposa percebe que você está quase lá e o atola para dentro das suas entranhas.

Olhe bem para mim: o pau nem dá sinal de vidas e eu reclamando que o salto estava fino demais. Se eu falo isso a ela, pronto, ela me traz um mais grosso, mais perigoso e mais insano. Eu vou repetir pois acho que eu mesmo não

peguei: *Rodrigo, você comeu merda?*

Esse sou eu, nesse fim de sexta feira. Rindo escondido no banheiro de um restaurante. Um toque na porta, estou pronto para dizer que já vou sair para o próximo mijão desesperado, mas ouço a voz dela.

— Dio? Você está bem?

— Não. – É verdade, não estou nada bem. Estou entre uma crise de identidade e um medo mortal de ficar sem o pau.

— Destranca a porta, deixa eu te ajudar.

Destranquei, ficamos nós dois, eu do lado de dentro, ela do lado de fora, conversando entre os limites dos cômodos. As bochechas rubras, ela já começou com as cervejas. Os olhos pintados, a boca pintada, toda bonita, aquela morena. Sorria, ela sabia e isso que me deixava bravo. O fato de ela saber.

— Dói muito, né? – Tinha olhinhos arrependidos. Caíra o sorriso com a mesma velocidade com que se armou. A boca torta para um dos lados. – Desculpa, eu não queria machucar.

— Eu sei que não. – Beijo-lhe a bochecha. Vê bem como eu sou imbecil. Estou pronto para contar para ela o motivo de eu achar que machucou, prontinho para dar a ela mais uma semana de trabalho em cima dos saltos. E eu conto, conto por que sou babaca, mesmo. Ela sorri, contente.

— Deixa melhorar um pouquinho que a gente testa os outros diâmetros.

— Tem outros diâmetros? Quer dizer, quantos saltos diferentes você fez?

— Você quer mesmo saber disso aqui? – Onde? Na porta do banheiro do restaurante que você escolheu?

— Quero.

— Bem, você não acha que eu usaria aquele salto agulha para andar na rua, né? – Guiou meus olhos para o salto que ela usava. Era o mesmo sapato preto de ponta arredondada, mas eu conferi, o salto era mais grosso. Digamos que tivesse a grossura de um lápis. Era alto e incrivelmente sensual e eu tinha vontade de chupá-la de joelhos, mas não era tão fino quanto o salto que conheceu o lugar onde o Sol não chega.

— Espertinha.

— Espertinha é meu nome do meio, Amor – Ela nunca me chama por "amor". Sorri para aquilo, ela me beijou a boca, me puxando de volta para a nossa mesa. Os cabelos bagunçados, a barra esvoaçante daquela blusa.

Não vou esperar seis meses para casar.

Meus pais nos olharam preocupados, perguntando se eu estava bem. Disse que a pressão caiu, mas que eu já estava bem. O Guto continuava trocando de colo entre a avó e a mãe, enquanto o Lipe não parava sentado, tinha formigas na cadeira. Inventou que queria comer de pé, mas a mesa era alta e ele queria

— Papai, – Guto agora trocava do colo da avó, para o colo do vô – que gosto fica se a gente mistura batatinha com sorvete?

Pedimos três taças de sorvete depois que acabaram os hambúrgueres caseiros, uma taça por dupla e uma porção grande de batatinhas. Guto e Lipe adorando a bagunça, brigavam para ver quem comia mais usando a batatinha como substituta da colher. Tivemos que intervir por que a briga começou a ficar séria, mas depois voltaram ao normal.

Estava mais ou menos frio, mas até os avós se sujaram de sorvete. A mãe por outro lado, impecável, por que desviava dos dedinhos dos meninos e eu não quis sujá-la de sorvete.

— Ela melou você primeiro, pai.

— Vamo para de melaçããããão vocês doisssssss. — O Lipe se entediava logo, sempre se entediou, de ver pai e mãe se beijando.

Nos dividimos. Cobrimos, antes de sair do estacionamento, as crias que se ajeitavam nas cadeirinhas como se fosse para dormir indefinidamente.

Dia seguinte, sete horas da manhã, o primeiro mijo do dia doía menos, até me surpreendi. Esperei que tivesse pus na ponta do coitado, mas não tinha. Estava pronto para outra e eu me arrependi muito de pensar nisso. Fiz a via sacra de preparar o café sabendo que a Fê e minha mãe sairiam cedo. Torrei uns pães e fiz o café, depois a chamei. Senti falta de chamá-la sábado de manhã, fazia uns bons dois fins de semana que não acordávamos sábado em casa. Sorri para uma esposa adormecida, os cabelos presos, a vida calma.

— E o piru? — Foi a primeira coisa que me perguntou, os olhos entreabertos.

Contei, ela riu. Sentiu-se culpada, eu sorri tentando ajeitar aquilo, acalmá-la um pouco dizendo que "vaso ruim não quebra". Ganhei um carinho no rosto por isso, um sinal claro de uma esposa apaixonada.

— Mas não pense você que vai ficar por isso. — Argumentei, minha vez de terceiras e quartas intenções.

— Até já sei o que você quer em troca — Levantou-se com a camisa branca comprida envolvendo o corpo, rumo ao banheiro — Mas só digo que se você quiser colocar essa sua ideia em prática, vai ter que me fazer pedir por isso.

Uma Nina implorando por sexo anal? Eu consigo isso?

Demorei tempo demais na digressão e no convite metade feito, metade sugerido. Ela fechou a porta e isso foi tudo. Desci as escadas, ela desceu quando eu espremia laranjas num par de copos, pronta e arrumada para levar minha mãe para um shopping.

Usava sandálias baixas, eu não sei o nome, quando o salto parece plataforma de cesta de vime e um panozinho fuleiro cobrindo o pé. Vestido florido sem graça emprestado de uma moça que faz par com o "menino da porteira" que ela me apelida quando quer debochar de mim.

Sorte é que ela compensou aquilo com dois pés descalços em cima da minha perna cutucando um soldado que se recuperava da guerra. Se não fosse isso, quisera eu ter esse poder, mas se não fosse isso, esse prêmio de consolação dela, eu a mandaria subir e trocar de roupas.

Coloque um jeans, mas não coloque esse combo vestido florido e essa sandaliazinha fuleira. Fala de um jeito muito broxa para um fetichista de sandálias e vestidos.

Acordamos as crianças pouco tempo antes de meus pais tocarem a campanha.

— Posso ir também? — Guto subia na cadeira e fazia graça para uma avó babona parada ao lado dele. — Deixa, vovozinha?

— "Vovozinha"? — A Fê remedava, quase rindo, mordendo o último pedaço da torrada mal passada.

— Você tem que ver com a sua mãe, Gu.

— Deixa, mãe?

— Sabe o que que é, Dona Teresa, – A Fê ria à procura de uma colher do lado de lá da bancada – Da última vez que a gente foi no shopping, o pai deles levou eles no parquinho. Eles não querem ir no shopping, eles querem ir no parquinho!

— É, vovozinha – Guto já lambia de um lado, o Lipe grudou para lamber do outro. – Deixa, vai.

— Mas a gente vai comprar roupa, não vamos no parquinho. – Ria, eu puxei a minha cadeira para que minha mãe se sentasse e ela me agradeceu, sentando – Vocês estão precisando de cuecas, seus caras de cuícas?

— Não, roupa não – Eu crio dois dissimulados – Mas deixa a gente iiiiiiiir!

Custou explicar para o Tico e Teco que as mulheres iam comprar vestidos e que não passariam no parquinho. Foi preciso um vô se fingindo de magoado porque os netos preferem à vó do que ele, para que eles mudassem de ideia. Saíram as duas cocotinhas quando o Lipe e o Guto ainda se conformavam que não iriam junto.

Quase dez horas da manhã, o Guto, o Lipe e o Vô foram para o parquinho mais perto de casa, o que dá para ir a pé e eu fiquei. Disse-lhes que era bom que fossem, sob o sol tímido do sábado de manhã, enquanto eu preparava o almoço e a cozinha.

Me senti Dona Teresa cozinhando para o batalhão de gente que fica na piscina até torrar e tem uma grande solidão nisso. Na primeira meia hora, arrumando a mesa e jogando os restos fora, eu me contentei com o silêncio. Sou um cara social, o leitor sabe disso. Parte em ser social é a recusa à solidão. Não aguento: é triste e melancólico.

Fui para onde todo mundo vai, quando se sente sozinho. Rolando o feed do Facebook pelo celular que eu descobri que a Ana e a Bia se largaram. Ana trocou a foto de sempre (uma em que ela aparece sorrindo com a Bia), para uma sozinha. Li os comentários só para me certificar. Um batalhão de amigas sapatônicas da Ana dizendo frases motivacionais e convites para o bar. Entristeci parte por saber daquele jeito, parte por elas terminarem. Eu gostava do jeito que as duas eram, quando juntas. Fucei no perfil da Ana só por desincargo e li lá, "Ana Clara está solteira".

Disquei o telefone da minha ex-secretária. A voz não era boa, nem as fungadas de nariz.

— Voltou a transar e esqueceu dos amigos, Cinco anos? – Já fazia quase um mês que não nos falávamos. – Pois não seja por isso, que três minutos de

conversa com a Fê que ela para de liberar.

— Larga de ser besta.

— Tá dizendo que eu não tenho podre seu para contar para a dita-cuja? Homem, você não sabe com quem está falando?

Rimos. Silêncio depois. Um silêncio daqueles que denuncia que nenhum de nós quer entrar no assunto.

— E aí, as coisas, como vão?

— Na agência vai bem, Cat tem dado conta. Um ou outro cliente ainda pergunta de você, mas são poucos. E o comedouro? Pois se você já inaugurou e não me chamou, homem, te prepara.

— Não, a gente inaugura amanhã.

— E você me ligou agora pra me convidar?!?! E quem vai fazer meu cabelo?

— Eu não liguei pra isso, babaca – Eu disse, silêncio da parte dela. É óbvio que ela sabia o motivo da minha ligação. – Como você tá?

— Um caco, como você acha? – Ela fala isso rindo. É o escudo dela contra o mundo e eu entendo isso.

Eu nunca sei o que dizer quando as pessoas terminam, nem quando seus entes queridos morrem. Eu me sinto falso quando lhes dou as condolências, como se eu não quisesse dizer aquilo que eu dizia. Silêncio de ambos lados da linha, o fungar do lado dela aumentava.

— Você quer vir aqui para casa? – Ofereci – Acho que ficar aí sozinha não vai adiantar, aqui tem o Lipe e o Guto, se você não melhorar com eles, não melhora mais.

— É, – concordou – só os bonitos pra me tirar da fossa.

— Então vem – Sorri, o tom era de adeus – Escuta, Ana, antes de desligar.

— Oi.

— Por que não me ligou antes?

— Eu não quis. – Até para ser ajudada essa Ana não baixa o topete – Não me leve a mal, eu quis ficar sozinha. Talvez eu te ligasse na segunda, ou terça, sei lá. Ainda não disse isso em voz alta para ninguém, vai ser um fiasco quando eu falar.

— Tecnicamente você já disse isso pra todo mundo.

— Colocar "solteira" no Face é estratégia, meu bem – Riu. – Garante que o caminhão, aqui.

— Talvez seja bom você ficar um tempo sem, Ana.

— Você que gosta desse negócio de celibato, eu não, sem-transa.

— Sem-transa? É esse o apelido agora?

— Sem-transa é como a Bia te chamava em off. — A fossa da Ana vai ser dessas de beber e chorar e se arrepender e mandar mensagem bêbada. Vai ser um fiasco tão grande ou pior do que o meu sem a Fê, por que a Ana não tem filhos e só esse fato já garante bons litros de bebida entrando e bons quilos de lamento saindo.

Respirei fundo. É bom que ela não esteja sozinha.

— Desculpe não ter te contado antes. — Retomou. — Você é o mais perto de amigo que eu tenho, a gente acaba se isolando depois que se enforca e aí se fode quando termina.

— Eu entendo disso como ninguém — Mudei de assunto, a conta do celular para operadoras diferentes é um grande encurtador de assuntos — Vem, meus pais estão na cidade, eu vou fazer o almoço, minhas crias saíram com o avô, mas não vão demorar muito.

— Seus pais... Têm problemas com lésbicas?

— Não sei, mas vamos descobrir.

— Talvez a gente devesse omitir esse detalhe.

— Bom, — Respirei fundo — Eu não sou gay e não posso me meter nesse assunto, mas eu não omitiria. Meus pais não são quadrados. A xoxota é sua, você conta se quiser, mas se eu pudesse opinar, diria que a minha casa é campo neutro, Montecchios e Capuletos são aceitos, aqui.

— Se eu soubesse que você fica bonitinho quando tenho um problema, eu teria te contado antes.

— Bonitinho é um feio arrumadinho. E eu sou um gato.

Desligamos. Com os últimos acontecimentos, esqueci de chamar a Ana para a inauguração. Será que ela está de bem com os pais, para que eu a chame para o "Dia das Mães"? Nunca pensei sobre isso. O comum é que pais não aceitem filhos homossexuais. Nunca pensei sobre isso, sobre se um dos meus filhos decidirem que gostam de homem. Sorte é que tenho aí pelo menos uns dez anos para pensar sobre isso.

Ela tocou campainha o relógio batia umas onze horas. O nariz vermelho e os olhos inchados, enfiada numa calça de moletom e tênis de corrida. Trazia um pote de sorvete que pela sacola, era da padaria mais perto da minha casa. Dei um abraço forte nela, entramos. O feijão já estava no fogo, chiava pela casa inteira. Ela, que não era mais visita, colocou o pote de sorvete no congelador e se sentou numa das cadeiras vagas.

Contou-me dos causos todos. A Bia terminou, mas a culpa era da Ana. Traição não foi o motor, a bifurcação do caminho é que era. Segurou bem o choro, enquanto dizia que o amor da vida dela queria filhos e ela, não. Até entendendo o lado da Bia, que já passou dos trinta e tem um relógio em cima do

útero. Deve ser difícil ser lésbica e querer filhos. Para mim é fácil, bastou a Fê esquecer o anticoncepcional que eu viro pai.

Aliás, seria ótimo que a Fê esquecesse, mesmo que por um dia só, o anticoncepcional.

— Taí uma coisa que vocês duas vão ter que sentar e se acertar. Vou dar um conselho que meu pai me deu e o pai dele deu pra ele e eu imagino que a mãe da Fê tenha dado pra ela e a vó tenha dado pra a mãe: filho é para a vida toda. Pode ser adotado ou de proveta ou esperma doado, não interessa, filho é pra vida toda. Se você não quer filhos, então não seja mãe pela metade. Acho que é pior ainda, conviver com um filho que você não quer.

— Só que eu fico sem a Bia, se eu não aceito filhos.

— Ela tem direito de querer filhos. Se ela quer e você não, uma para cada lado é o melhor a se fazer.

— Eu queria ser homem, nessas horas.

— Filha, você acha que seria mais fácil? Olha pra minha vida, só isso. Meus filhos são a bênção que Deus me deu e eu não mereço, mas você acha que eu fiquei como, quando a Fê chegou com a boa-nova?

Éramos jovens e desesperados. A gravidez foi sensacional e eu queria muito outra gravidez dela para fazer dar certo, mas quando a gente descobriu, ficamos desesperados. Como que um par de retardados como nós daríamos certo para criar uma vida? Éramos desajustados, bebíamos até cair. O Lipe colocou ordem onde não tinha. Tirou um pouco da graça também, porque não soubemos equilibrar loucura e paternidade, mas creio, a gente ainda acha um meio-termo.

— Homem vira pai depois que carrega o filho no colo pela primeira vez, a gente é retardado. Vê uma barriga imensa na mulher da gente, mas não se liga que aquilo um dia sai de lá e quer comer. Foi aí que eu enlouqueci e me afundei no trabalho. Acredite, não queira ser homem.

— Eu disse que queria ser homem, não que eu queria ser você.

— E tem exemplar melhor que eu? — Ri, contando o tempo da panela de pressão no fogo, pelo celular.

As crianças chegaram primeiro, junto de um vô suado e esbaforido. O Guto tinha os joelhos ralados, mas um sorriso no rosto. Caiu do balanço, contava, cumprimentando a "Tia Ana", perguntando da "Tia Bia".

Eu vi o bico de choro quando as crianças perguntaram da Bia, para a Ana. Tentei amenizar, mas não deu jeito. Apresentei meu pai para a Ana, que saiu, para descontraí-la, contando podres meus da época da agência. Levei Guto e Lipe eufóricos para o banho e deixei os outros dois trocando figurinhas sobre mim, na cozinha.

Foi bonito o modo como todas aquelas pessoas conhecidas foram chegando no restaurante. A Clau, o Dudu, a Ana e o pai dela (aparentemente, a mãe morreu no parto) e meus pais. Até Horácio, a esposa dele e a filha Gabriela grávida. Antônio vestido de chefe, eu, vestido de leão de chácara, recepcionando todos como se fosse a primeira vez que eu os via.

Alugamos uma mesa redonda grande, só para a ocasião. Vinte lugares, com doze ocupados. O Dia das Mães na Espanha é no primeiro domingo do mês de maio, não no segundo, como aqui. As outras oito cadeiras da mesa são para os ajudantes espanhóis do Antônio, que desde de manhã cedo trabalham como loucos.

Eu, por outro lado, sou o único garçom e gerente. Deixamos os novos garçons com suas famílias, eles só aparecerão no dia seguinte. Então, enquanto o Antônio rala do lado de dentro da cozinha, eu ralo do lado de fora.

Nosso restaurante é todo com cara de obra mal-acabada. Decidimos por isso, ficou com uma cara de alcova que eu gosto. Madeira de demolição é o que mais se tem aqui. Isso, e cimento queimado. A gente investiu caro na iluminação e nos banheiros, tem uma janela grande que ocupa quase a parede inteira que dá para a rua, com mesas encostadas, com vista direto para a Faria Lima que sabe ser bonita, quando quer.

Assim que você entra, se você der sorte, vai se deparar com um Rodrigo de leão de chácara, perguntando se você prefere se sentar na janela, no palco, ou no bar. Se você escolhe se sentar na janela, margeia o bar e vai se sentar à direita da casa, numa janela que ocupa a parede inteira, como eu disse. Do lado de fora se vê a Faria Lima e umas lamparinas charmosas. Se você escolhe o palco, você tem que atravessar o bar, passar o corredor que te levaria para a janela e senta no fundo da casa, onde, no salão hoje livre por conta de nossos poucos convidados, um pequeno palco se forma numa das pontas para futuras apresentações de dança e sapateado andaluzo.

Se for contar a quantidade de mesas, dispomos de setenta. É um espaço grande, mas parece pequeno. É grande, pois nossos convidados são apenas doze, mas quando a casa encher e que seja logo, vai parecer pequeno.

Atrás do bar, você, se ficar no corredor entre o espaço da janela e do palco, vai ver um Antônio de bandana de banda de rock antigo, ou calado, ou falando com seus colaboradores. Ele, já reparei, é o tipo de líder que até delega, mas se vê demora, o faz sozinho. O tipo que não serve para ser líder, mas que, curiosamente, se dá bem.

A Clau, perfumada e de madeixas rosa (faz mesmo muito tempo que não

a vejo), montada num salto alto e de mão dadas com um Dudu que abandonou o relógio do Ben10, cumprimentou o marido, vermelho e suado, do lado de lá da janela. Conduzi-a para o lado da Fê, que conversava com a minha mãe, de vestido novo, um azul escuro muito bonito e meu pai, numa camisa que a minha mãe comprou ontem para ele.

As três crianças já se juntavam para traquinagem enquanto o pai da Ana, um homem com cara de rico, com jeito de rico e com um Rolex que com certeza valia mais que a minha casa, conversava com o meu pai e o Horácio que, coincidentemente, quase tinham a mesma idade e os mesmos interesses.

A esposa do Horácio (eu esqueci como ela se chama, o Horácio disse, mas eu esqueci, só lembro da filha por que Gabriela está grávida e eu não parei de desejar aquele barrigão na minha Fê) conversava com as outras mulheres e a mesa redonda se dividiu entre moças, rapazes e crianças. Três capetas que corriam pela área da janela, longe dos pais.

Ofereci sangria para os adultos. Até que os pratos comesçassem a chegar, as entradas primeiro, menu completo, as risadas estavam altas. Pedi que a cozinha maneirasse com a quantidade de conhaque da sangria, senão aquele almoço estaria perdido.

Porco de entrada, pato e frango de prato principal, vinho. A gente conseguiu passar horas ali dentro de uma maneira que eu não imaginei que fosse possível. Quando você pensa em almoço, você geralmente junta pessoas, come, lava a louça e cai fora. É assim com os banquetes da minha mãe, mas não foi assim com o banquete-inauguração. Entre as muitas frescuradas do Antônio, que acredite, foram muitas, até figo ele misturou com alho e porco e veja, ficou bom e ainda bem que ficou bom, houve também as frescuradas esporádicas, como quando um dos colaboradores, Miguel seu nome, um rapazote recém-saído das fraldas, não mais que vinte e dois anos, se prostrou numa banquetta naquele minipalco, violão na mão e um pandeiro (não me pergunte daonde que ele arrumou isso, que eu não sei), cantando as músicas tradicionais da terra dele. Depois surgiu uma Cláudia, seus cabelos cor de rosa e castanholas, para dançar com ele. E depois Antônio e o pequeno Du.

Quando demos por nós, antes mesmo da sobremesa, mais de quatro da tarde, só os quatro velhos, eu, meu pai, Horácio e o pai da Ana, Leônidas, estávamos na mesa. Todos os outros numa roda, ou até mesmo sem nenhuma ordem aparente, dançavam e cantavam. A Fê e as crianças inclusive. Brotou da terra uns véus que voavam por cima das cabeças, festa vindas dos outros colaboradores, que foi a fixação do resto do dia.

Minha mãe só sentou para a sobremesa quando ofegante. Recusou o sanduíche de sorvete de rum, mas quis o bolo de laranja. Encostou-se a, cabeça

no meu ombro, acarinhando a minha crina, me envolvendo com olhos apaixonados. Estava orgulhosa e um pouco bêbada, as rugas nos cantos dos olhos claros encolhidas em sorriso. Sorri de volta, completo. Perdi-a de vista por dois segundos, roubando uma garfada da sobremesa dela. Foi o bastante: Não acordou mais.

Todo o resto da noite foi só correria.

Capítulo 30

Encontro-te no caminho

Estou com a Ana do lado de fora do quarto de hospital. Meu pai está com a minha mãe, o coração sedado como ela. Desmaiou, por sorte estava sentada e eu percebi antes que ela escorregasse para o chão. Ficou muito nervosa quando acordou, o monitor cardíaco, aqueles cabos, todas aquelas pessoas. Queria levantar e fugir para casa, para Poços. Foi preciso sedativo eu me sinto mal com isso.

A Fê foi para casa com as crianças, eu pedi que ela fosse, pelas crianças, que ficaram nervosas vendo a vovó caída e a ambulância depois. Todo mundo sabe que pior que a ambulância é o carro da funerária. Vimos o primeiro com medo do segundo. Encaramos um plantonista mal-humorado por ter que trabalhar no feriado do Dia das Mães.

Sentado de mãos dadas com a Ana, é assim que me encontro agora. Mais observador que agente, neste hospital vazio. São quinze para as quatro da manhã, só restam eu, meu pai e a Ana, que não quer largar o osso, não quer me deixar sozinho.

O pai dela ofereceu ajuda em qualquer coisa que precisássemos, disse que podia emprestar um helicóptero para a gente levar a mãe de volta para Poços, mas eu recusei simplesmente por que eu não quero que ela volte para lá, quero que fique aqui, debaixo da minha asa, onde meus olhos alcançam. Nunca imaginei que ouviria "helicóptero" na vida sem que fosse com ele distante da minha cabeça. Nunca imaginei também que a minha secretária tivesse um pai desses.

A tevê fala, eu não ouço. Ana fala, eu não ouço. Não sei o que pensar. Tentando achar uma solução, eu viajo. Penso em qualquer coisa, desde o nosso estoque de pães, até que Antônio daqui a pouco acorda para começar no primeiro dia do nosso restaurante. Penso em como nosso garoto Miguel com seu gracejo de violão e pandeiro deve se sentir. Querendo ou não, o ânimo entusiasmado que ele despertou nela foi o motor. Em como a Clau deve se sentir, ela e as castanholas. Em como a Fê deve estar, a essa hora dormindo, em meio a meninos assustados.

Penso nos outros para não ter que pensar em mim. Se eu penso em mim e em como me sinto, bem posso ficar parte melancólico parte letárgico; sem agir. Ana é um totem que me faz pensar em mim e eu não gosto disso, por que eu sei que ela está lá para me apoiar, mas o fato de ela existir no meu campo de visão não deixa que eu pense só nos outros, faz que eu pense em mim e eu não gosto

disso.

Parece antagônico um Rodrigo egoísta que não consegue pensar em si, mas o fato de eu me evitar é um egoísmo. Ignorando o choro e aquele dramalhão que o leitor já viu um milhão de vezes, eu me protejo. É o jeito que os fracos fazem para evitar a vida: vestem uma couraça e rezam para que baste.

Uma coisa é você achar que vai morrer quando tem o coração partido por uma esposa que se vai. Uma coisa é ela ir embora e se deixar ficar porque eu pedi. A água batendo na bunda para colocar o caboclo em movimento; outra coisa é a que acontece agora, minha mãe e meu pai e *eu*.

Outra coisa é você ter uma pessoa ao lado, saber que ela vai estar sempre lá, mas de repente e não mais que isso, ela ir embora. A iminência da morte mexe com a gente de um jeito diferente. Fica pensando nas merdas que poderia ter feito e não fez. *Minha mãe tem câncer*. Eu tenho esperanças de que vá ficar boa e que vá dançar as músicas andaluzas mil vezes mais, ao passo que no fundo, eu sei que não. A vontade e a verdade se chocam e eu não sei com qual delas eu quero conviver.

Talvez eu prefira a verdade. Um dia essa doença vai levá-la de mim, por que aí eu trabalho mais e melhor para fazer o resto de vida dela valer a pena e não a deixe, nunca mais e nem por um segundo, atrás de um fogão cantando que é feliz por cozinhar e lavar a louça para vinte pessoas num feriado qualquer.

Se ela estiver num banquete de novo, que ela seja o prato principal. Que nós a celebremos como celebramos a lasanha que ela faz. Sábado que vem, se ela estiver fora deste leito hospitalar, a gente vai para a praia. E que São Pedro me dê Sol: tanto Sol quanto possível.

— Não chora. — Ela me esticava um rolo de papel higiênico roubado do banheiro.

— Não estou.

— Enxuga esse nariz, pelo menos.

Obedeci, passivo. Estávamos numa pequena sala, num dos andares de cima do hospital, onde fica a sala de espera para as visitas dos pacientes. Meu pai talvez esteja dormindo com a minha mãe, bem posso crer nisso. Suguei o resto do nariz, soquei o papel para dentro do bolso e me ergui. *Preciso de um café*.

— Que bom, mais um pouco que eu ouço você grunhir eu tenho um troço.

Preciso de um café e de um abraço. Puxei a Ana, que veio sem reclamar. Ela, a boca cáustica, o coração de veludo. Demorei para fazer ter Ana como amiga, mas quando me abri com ela, foi fácil. Contar que não faço minha esposa gozar me levou a ter esse tipo de amizade.

Eu, que passei anos transitando entre casa e trabalho sem nunca aportar em nenhum, sem nunca estirar as pernas e dar uma boa olhada nos ambientes, sempre foco demais, objetivo demais, sem nunca parar de correr, quando paro, me surpreendo com uma ex-secretária que está ali por mim mesmo quando ela não está bem.

Me beijou o rosto e a testa, o contato provocou choro nela. Ajeitou meu cabelo como toda mulher que passa mais de cinco minutos comigo. Luta contra um redemoinho de nascença e eu sorrio um pouco.

A amizade é um casamento capado. Um contrato social em que ninguém deve nada a ninguém, mas assina secretamente os termos do "no amor e na tristeza, na saúde e na doença ou até que ele passe a ignorar minhas mensagens no celular".

Tinha uma padaria na frente do hospital, chequei o celular por descargo, pedimos dois espressos puros, ela quis comer, eu estava com fome, mas tinha uma pontada na boca do estômago que não me deixava. Vimos o Sol nascer da janela das banquetas do balcão, o atendente parou de dar "boa noite" e passou a dar "bom dia" para as senhorinhas que chegavam para comprar pão.

Todas elas e nenhuma delas me lembravam a minha mãe. A Ana viu isso, me puxou para fora da padaria antes de eu me render à melancolia. Nada mais melancólico que um fulano que pede um pingado às seis horas da manhã, numa padaria qualquer. Pedimos um pingado bem grande para meu pai, para quando acordasse. Talvez tenham trocado de turno, talvez encontremos um médico mais disposto, mais calmo. Mais interessado, talvez.

— Vocês podem entrar no quarto se quiserem — Uma enfermeira saía do quarto da minha mãe, cheirava bem, um jeito fresco.

— Vá você, eu fico aqui do lado de fora, qualquer coisa.

Por cima do ombro arrastei a Ana comigo para dentro. Meu pai ligava a tevê para a minha mãe desperta, que recusava comer o pãozinho, a pera e o café que a enfermeira acabava de entregar. Beije-i-lhe o topo da cabeça, ela arrumou os cabelos no coque enquanto eu a beijava, reclamando.

— Como a senhora se sente?

— Estourou uma boiada em cima de mim, dói tudo. — Sorriu tímida sem vontade nenhuma de sorrir, encarando a xícara de café. — Eu quero ir para casa.

— Eles disseram que vão fazer novos exames, que é capaz de amanhã ela sair daqui — Meu pai pegou o pingado grande que compramos a ele, esquentando as mãos no descartável — Dê esse tempo para pensar direito, Nina.

— Eu tenho câncer, — Era a primeira vez que dizia isso em voz alta e foi pior do que ouvir do médico — não é São Paulo que vá curar.

— Eu não vou poder ficar lá com a senhora, mãe.

— Eu sei que você tem outras prioridades, você nunca gostou de Poços, você fugiu de lá na primeira oportunidade.

— Nina, não diga isso.

— Mãe...

— Saíam.

— Nina...

— SAIAM. E não voltem a não ser que seja para me levar para casa.

— Mãe...

Jogou no chão a primeira coisa que viu. Café manchando cortinas, tapete, colchão. Saímos. Raiva é uma coisa que a gente não pode impedir, mas não sabíamos como amenizar, nem como conversar com ela. Ela tem todo o direito de espremer, gritar, ficar muito brava, mas não conosco. A gente não tem câncer, mas morre de medo. Meu pai tremia, nervoso. Todo o jeito que uso para falar com a Fê, todo meu repertório de marido, aprendi por observação com meu pai. Foram poucas as coisas que ele me disse, mas muitas as coisas que me mostrou. Errava tentando acertar e eu sei disso, somos cúmplices. Com uma mão na boca, mão essa que convulsionava, ele foi para o banheiro. Também estava longe de casa e longe dos seus e não se sentia confortável para chorar.

— Eu vou nessa. Me liga, Cinco, não me deixa sem notícias. – Ana disse e eu não pude pedir que ficasse mais.

Mesmo se eu lhe beijasse a boca, seria um gesto de afeto, não de amor. Agradei o máximo que pude, beijei-lhe as mãos. Ela me estendeu o rolo higiênico como um cetro que carregou por horas. Como se me nomeasse "apoiador do reino" na ausência dela. Era a minha vez de ser Ana para o meu pai.

Quando ela se foi eu entrei no banheiro. O velho lavava raivosamente o rosto no conjunto de três pias. No porta-toalhas de alumínio, um vão novo, a deformidade da raiva. A mão que lava o rosto rouba a forma do objeto, fica com a hematoma como troco. Encostei-me na porta fechada pelo lado de dentro. Ele também tem direito à raiva. Esperei o tempo que durou, até que se cansasse. A raiva quando dura, vira rancor, requer vingança, mas não era o caso. Era raiva da vida por ver algo maior que nós levar, aos poucos, o amor da gente. Eu tenho essa raiva também; não sei lidar com ela, guardo-a para mim.

Talvez eu a use como motor, talvez eu faça utilidade dessa raiva. Se eu souber ser o homem que penso ser, eu não vou estourar nem perder o juízo. Eu vou saber me concentrar e cuidar de um pai e uma mãe doentes. Câncer afeta todo mundo, não é doença que se sofre sozinho, leva a saúde da família inteira com um prognóstico só. Meu pai preferia se contaminar e eu não o culpo, se fosse a Fê, eu também me contaminaria. Só não me contamina por que alguém

precisa erguer a cabeça e enfrentar o monstro.

Abracei-o quando ele quis ser abraçado. Abraço camisa-de-força que contém loucura. O uivo do lobo solitário foi para uma lâmpada de hospital. Os banheiros foram feitos para receber dejetos longe da vista do resto da alcateia. Na minha família, banheiros secretamente guardam fluídos corporais e espirituais. Age em cima da gente como uma máquina de transformação. Lá dentro a gente chora, esperneia, vomita: Se lava. Sai de lá com um plano, uma carta na manga e diálogos que inventamos e nunca diremos. Foi assim que a gente saiu daquele banheiro. Meu pai preferiu se contaminar, mas viu que eu sozinho não darei conta do combate. Eu sou o resultado da união daqueles dois, eu não sou o braço direito da minha mãe, por mais que eu queira. Meu pai o é. É ele que age com a mão de ferro, quem vai convencer a minha mãe de que é melhor que fique em São Paulo.

Ele é o farol em meio à neblina dela e eu não posso passar por cima dessa autoridade. Se ele ceder e levá-la para Poços, isso vai acabar comigo, mas eu não poderei dizer nada.

Os olhos estavam cozidos, mas as mãos em punho. Era a minha deixa para ir embora, nove horas da manhã. Vi meu pai se ajeitar na faixa de largada, abrir a porta do banheiro. Esperei-o dar "ok" com a mão e apertei o gatilho da arma da maratona: Era a corrida dele. Viro-me de costas quando o vejo entrar no quarto.

Encontro-te no caminho. Secretamente, corro com eles. Limpo a área para que não tropecem, é esse o meu trabalho. Circundo e vigio na mesma proporção, mas não encabeço a corrida, não tomo rédeas. É uma luta minha, tão minha quanto deles, mas não serei o combatente da linha de frente.

Vou pedir a receita para a Nina, aprender a travar minhas batalhas com a cabeça. Eu sou soldado de infantaria, mas por meus pais, viro estrategista. Hora de tirar o elmo e rezar para não registrar baixas.

— E as crianças? — Conferindo os pratos com os garçons, dei um tempo e ligo para a Fê. Eu até queria ir para casa dormir, mas não posso fazê-lo, não quando inauguraremos para o público. Antônio naquela não-liderança dele, afoito, medroso. Estou de saco cheio de reparar danos, então me distancio da cozinha. Ouço duas ou três brigas, mas não quero apartá-las. Eles vão melhorar quando servirem o primeiro pedido. — Dormiram bem?

— Dormiram na nossa cama. — Ela bocejou alto do lado de lá — Sentimos sua falta nela.

— Eu vou chegar cedo, hoje – Compenso – Vamos abrir só para o almoço.

— Bons restaurantes nem abrem de segunda. – Cutucou e riu. Eu ri também.

— Aqui é a Faria Lima, a gente não pode deixar as segundas dessa gente sem comida. – Quem vai vir comer aqui é quem assina a folha de pagamento, quem decide contratar, quem fecha negócios. Por isso abriremos de segunda, para que tenham aonde negociar, esses senhores coitados que não têm aonde comer.

— Quando você chegar não precisa fazer a janta, vai dormir. – Eu podia vê-la sorrir mesmo quilômetros de distância. Um sorriso concessivo e zeloso. Sorrio com esta hipótese. – Eu vou sair daqui mais cedo também, eu pego as crianças na escola. Vê se fica bem, tá? E não dorme em cima dos pratos.

— Tá. – Sorrio.

— Dio?

— Tô aqui.

— Eu te amo, tá? Boa sorte com o seu primeiro dia.

Nada do que eu dissesse contemplaria o que eu sentia. Como se ela viesse com uma pomada de arnica, um Gelol, em cima das costas doloridas. Daquelas que você passa e gela na hora. Que acalma o couro e a cabeça. Sem dormir, enfrentando mais de doze empregados novos, uma inauguração com gente na cozinha brigando. E ela diz que me ama. *Faz valer a pena*. Só naquela manhã pensei mais de cem vezes que se eu ainda tivesse meu emprego regular, estaria de folga em casa, agora. No máximo, estaria com meus pais. Não precisaria enfrentar um emprego desses, que não importa se faz chuva ou sol, se eu não aparecer, eu não tenho como pagar as contas.

Quando ela diz que me ama eu lembro o porquê troquei de emprego. Ela se despede calma e leve; eu fico. Alguém me chama e eu não ouço. São onze horas, eu sei que está na hora de abrir, ninguém precisa me cobrar isso. O telefone fixo do restaurante toca e eu atendo, abrindo as portas duplas de vidro. Nosso primeiro dia.

— Por favor o Rodrigo?

— É ele.

— Rodrigo? – É a Cat – Rodrigo, tem comida aí? Atrasamos um pouco a reunião do departamento, você acha que a gente vai conseguir fazer aí, durante o almoço?

— Depende – Sorrio – Vou ter que participar?

— Lógico que não.

— Então tem, sim. – Ri, cansado. – O chefe de vocês sabe que vocês vão

beber a essa hora do dia?

— A chefe está pagando, me contaram.

De rostos novos, pessoas que eu nunca vi na vida, foram poucos. Não só o departamento de atendimento, mas o de criação também apareceu. Um jornalista mais falou comigo e com Antônio do que comeu, mas anotou muito. Contamos cinquenta almoços, para um primeiro dia, achamos até que muito. Toda a nossa "agenda" de propaganda que acontece durante o mês de maio, termina na Balada Light VIP do Horácio, no dia 31.

Baixei as portas e dirigi feito louco para casa, quatro horas, antes do pico. O que me guiou para casa foi o costume, eu não posso dizer que vi a estrada cem por cento das vezes. Liguei o rádio, batuquei o volante, mas nem isso me tirava do transe que o cansaço queria me colocar. Arrastei-me para dentro, coloquei o relógio para despertar seis horas. Dormir por uma hora e meia só para conseguir existir até a hora de as crianças irem para cama.

Acordei com uma Fê me cutucando, me chamando por "bonito", naquela mesma bermuda rosa muito curta do dia que descobri que não gozava comigo; eu nunca vou esquecer esse detalhe. Olhei-a de baixo para cima, o rosto torto pelos vincos do sofá, o braço direito dormente. Não tinha luz pela janela da sala, a tevê desligada.

— Dio, vai tomar um banho para jantar. – Sentei meio zozzo ouvindo ela falar.

— Que horas são?

— Oito.

— Meu celular não despertou?

— O Lipe desligou ele. – Fez-me um carinho na cabeça – Vai tomar banho, daqui a pouco a comida está pronta.

Subi, torto de sono, os olhos embaçados, a calça social me apertando as bolas. Não posso me lembrar da última vez que dormi vestido daquele jeito e no meio da tarde. Fez mais mal que bem. O tampo da minha cabeça doía. Demorei tanto para descer que a Fê tocou a porta. Sequer tinha entrado no banho, ainda. Largado na privada, a cabeça encostada na válvula da descarga, os sapatos jogados em cima do tapete do banheiro.

Meio existindo. A outra metade roubada pelas circunstâncias e pelo sono.

— Dio?

— Podem ir comendo, – Resmunguei – eu vou demorar.

Arranquei a gravata e tirei a camisa sem abrir os botões. Ela entrou quando tive coragem de levantar para desafivelar o cinto e tirar a calça. Cansado desse jeito, fiz muito de fechar a porta.

— Dio –

— Falei que podem ir comendo.

— Eu ouvi, não sou surda. — Ela me disse — Você tem dez minutos para sair do banho, que a gente está esperando. Tá?

— Tá.

— ... — Ficou lá me observando cambaleando e tirar o resto da roupa — Quer ajuda no banho?

— Não sou inválido.

Saiu. Não queria ter tempo contado para tomar banho, eu queria poder filosofar, quem sabe chorar um pouco, pensar sobre a vida. Queria ficar sozinho. Lavei o corpo, fiquei com a alma pesada, desci de cuecas e camiseta, beijei um Guto e um Lipe banhados, cheirosos, com sono. Me perguntaram da vovó, eu disse que ela acordou e que perguntou dos netinhos, que logo ela está de volta. Menti por que não soube contar esta verdade para eles.

Lavei a louça para reparar minha falta com o jantar e ela secou. As crianças foram para a frente da televisão, empoleiraram-se para assistir desenho. A Fê não me disse palavra, só me observou. Mandou, quando terminou, que os meninos fossem escovar os dentes, que o Lipe ajudasse o Guto. Agrupei os brinquedos da sala num dos cantos, nem vi quando eles brincaram de Lego, ajeitei as almofadas. Subi para dar beijo nas crianças quando a Fê apagou as luzes e subiu também.

— Papai, — Guto bocejava tão ou mais que eu — Quando você vai ver a vovó?

— Amanhã.

— Você entrega a minha cartinha?

— Cada um fez uma cartinha para a vovó, para ela melhorar logo. — Fê, sentada na cama do Lipe, sem me sorrir, me orientou.

— Entrego — Beijei o topo da cabeça do menino, ajeitando o edredom de foguete. Fê e eu trocamos de lugar, ela beijou o Guto, eu fui beijar o Lipe.

— Pai, você acha que a vovó precisa de bengala?

— Bengala?

— É, ela não caiu? — Foi isso o que dissemos às crias — E se a gente comprar uma bengala pra ela, será que ela vai cair, ainda?

— A gente pode perguntar para ela o que ela acha — Sorri, o choro chegando — Mas acho que ela não vai gostar da ideia.

Beijei o Lipe, escondendo os olhos molhados. A Fê me fez um carinho nas costas, apagamos a luz principal, acendemos a luz azul na tomada. Saímos. Pela mão, a Fê me puxou para o quarto. Me mandou tirar a camisa e deitar de bruços, que eu fiz sem reclamar, sem protestar, sem dizer-lhe palavra.

Ela veio com as mãos suaves, cheias de algum creme ou gel que cheirava

a hortelã, sentou-se nas minhas costas. Coldplay tocava no nosso iPod velho de guerra que desde o dia do Salto Alto ainda estava no quarto. Não trocamos conversa, aquelas mãos macias e firmes ditavam um silêncio que me inibia de dizer qualquer coisa. Ouvi às músicas em silêncio, "*I Fix You*" não saiu da minha cabeça. Nunca dei atenção a Coldplay, eu não sabia que ela gostava deles.

Quando abri a boca, não percebi. Fui falando como se estivéssemos numa consulta com uma terapeuta. Joguei tudo para cima dela, que se limitou a continuar com a massagem, sem me dizer nada, nem me contradizer. Uma Fernanda Confidente e Massagista.

E ao terminar de dizer, eu estava daquele jeito deplorável de ranho escorrendo do focinho para a cama, os olhos riscados. Ela chorava, reflexo meu, as mãos paradas nas minhas costelas. Pedi um tempo e fui para o banheiro. Ela soube respeitar isso e foi bom. Fiquei esperando que ela viesse atrás de mim, mas eu não tinha paciência para dar carinho. Ainda bem que não veio.

Sentei na cama quando o grosso do choro estava fora do corpo. Não consegui chorar na frente dela embora eu soubesse que ela não se importaria. Chorar na frente dela é admitir que eu não sou nem um décimo do racional e estrategista que pretendo ser.

— Só acho – Ela disse, muito depois, quando eu conseguia pensar em qualquer coisa sem chorar – Que você está se vendo na posição errada. Sua mãe te conhece, ela sabe quem você é e do que você é feito. Se você leva essa ideia de "usar a cabeça" para frente, se você for preferir agir racionalmente como você acha que eu faço, vai acabar decepcionando ela.

— E você propõe o quê? Que eu chore na frente dela? Que eu aja como um rato perdido?

— Não, Dio. – Me deu a mão, beijando os dedos entrelaçados – Eu não entendo essa sua divisão "emoção/razão". A quem você está querendo enganar? Na sua ideia então eu sou sem sentimentos porque uso a razão e você não usa a razão, é só sentimentos? Tá vendo o quanto isso é babaca? Você é engenhoso, eu sou engenhosa e é por isso que a gente briga – Riu, mas riu pouco. Eu ainda não entendia aonde ela queria chegar. – Você tem que entender que sua mãe precisa do filhotinho querido dela, não de um general de guerra. Ela quer alguém lá para segurar a mão dela e dizer que vai ficar tudo bem, não num cara que chega mandando o que ela tem que fazer, decidindo tudo por ela. Ela tem que decidir o que ela quer fazer e se ela ver que vai ser melhor voltar para Poços, você tem que apoiar a decisão. É da vida dela que estamos falando, não da sua.

Calei-me, ela não.

— Se você excluir sua alegria, sua conversa, seu sorriso perto da sua mãe, você vai acabar com ela. É claro que ela sabe que você está com medo, que

seu pai está com medo, que eu e os meninos estamos com medo. É normal isso, é uma doença séria. Só que, bem, você faz o que achar melhor, mas se sua mãe já está com medo de morrer, se ela não ver o filhotinho dela, se ela só ver essa fachada que você está criando, quais são os motivos dela para continuar lutando firme e forte? A vida da sua mãe é cozinhar para a família, ver todo mundo comendo junto, é ser avó, dona de casa, esposa do seu pai. É a vida dela. Ela só tem câncer. Não torne isso maior, que senão o câncer vence.

"Sua mãe te vê como um bom menino, Dio. Você tem trinta e seis anos e tudo isso não foi capaz de apagar da memória dela que você é um bom menino. Obediente, amoroso, carinhoso. Pra quê agora, quando ela mais precisa disso, você vai se fechar num casulo? Deus me perdoa dizer, mas quando ela morrer, seja por câncer ou outra coisa, você vai se arrepender muito do casulo. Seja o filho de sempre e deixa ela ver que você está com medo. Medo não faz vergonha".

"Além disso" Ela demorou para dizer essa segunda parte "Eu te amaria menos se você não fosse o Dio de sempre".

— A última coisa que eu preciso agora é que você me ame menos.

— Então deixa só o câncer ser a novidade da vez. – Se sentou no meu colo, me enchendo de mini-beijos. – Não inventa merda. Seja o criativo de sempre, faça as suas festas, vamos para a praia, vamos deixar os meninos o máximo que quiserem com a avó e vamos ficar enrolando ela para sempre, pra ela não querer voltar para Poços nunca mais. A minha ideia é bem melhor que a sua, você não acha?

— Vai poupar muita dor de cabeça. – Sorrio, mais calmo. Ver minha mãe nervosa daquele jeito, atirando café nos outros, me deixou num estado de nervos que eu só percebi como estava quando saí dele. Restava tristeza, mas não mais restava essa agitação, essa agonia dentro do peito. Com massagem, Coldplay e meia dúzia de frases, a Fê fazia um trabalho melhor do que todo "sinto muito pela sua mãe" que ouvi hoje.

— É por isso que eu sou engenhosa, meu bem – Sorria – Porque você pensa demais. Mantenha simples que o resto acontece. – Me beijou a têmpora, envolveu meus ombros com os braços e me beijou a boca. Um estalido, dois. E com o corpo inteiro, depois. – Será que agora eu posso ganhar massagem, também? Ó, não é para você ficar de pau duro, tá? Que da última vez que ganhei massagem, virei até foto.

Deitei-a na cama, ela tirou a camiseta azul, cacei o creme que ela usou em mim. Senti que o creme fazia efeito nas minhas costas, me dava calafrio de frio, mas depois que passava, a sensação é que me saiu um peso. Passei pouco nas costas dela, ela foi se soltando. Disse para eu não ficar de pau duro, mas era

ela quem se animava. A sobrancelha contraída nunca me enganou.

Uma pena, não consegui acompanhá-la.

— Obrigado por me dizer isso – Eu disse a ela, baixo e perto do ouvido – Eu te amo muito inclusive por você pensar de menos. Desculpa não ter respondido de volta no telefone e por ter sido mal-educado. Feliz Dia das Mães de novo. Os meninos têm a melhor mãe que poderiam ter. Obrigado por ter feito eles comigo.

Ela chorou, entortou a boca a contragosto. Eu beijei seus olhos. Dormimos naquela conchinha quente, familiar e protetora, sem camisa, debaixo do cobertor. O cabelo dela cheirava diferente, um cheiro muito suave, que foi a chave perfeita para fechar um Dia das Mães de quarenta e oito horas.

Capítulo 31

Consideremos Justas Toda Forma de Amor

Acordei quatro da manhã, eu não tenho problemas para levantar, mas nunca acordo antes da hora. A Fê está do lado dela da cama, a gente se perde da conchinha enquanto dorme, essa mulher se mexe demais. Entro no banho com a vista embaçada. Tenho tempo para filosofar sobre a vida e o que eu vou fazer com a situação da minha mãe, mas não tenho vontade, mais. A Fê me fez dormir de coração leve. Dá para tocar a vida são por mais um dia. Dá para pensar na mãe, na raiva dela, na doença dela e me ver sendo "um bom menino".

Tudo o que um homem de trinta e seis anos não quer ouvir da esposa é que ele é "um bom menino". E que não mudou a imagem que a mãe faz dele. Casou, teve filhos, não perdeu cabelo nem testosterona, não precisa de remédio pra transar, é bonito pra caralho e do que a esposa o chama? "Bom menino". É de foder o cu a galho.

É pra acabar com a gente. Rio sozinho, o chuveiro açoitando. Homem bonzinho não molha calcinhas. Homem bonzinho vai levar chifre, come salada de almoço, corre pelo quarteirão às seis da manhã. Eu posso ter um leve tesão na submissão, posso aceitar que me enfiem coisas no pinto (e, comicamente, mijar fogo querendo de novo), posso gostar de saltos e vestidos (e se falo isso em voz alta me sinto uma travesti), mas não sou um homem bonzinho, menos ainda um "bom menino".

Olho no celular, quatro e quinze, quase. Acordo a Fê. Tive uma ideia sensacional.

— Fê, levanta.

Ela me vê empolgado e banhado, olha pela janela e está escuro, nenhum sol das seis perpassa.

— Que foi? – Já logo pensa bosta sobre minha mãe no hospital.

— Não foi nada. – Tranquilei – Vamos tomar café no hospital? Eu você, os meninos. A gente leva pão quentinho da padaria, se a gente correr dá tempo de fazer um bolo. Que acha?

Ela sorri. Se ergue da cama sorrindo às quatro e quinze da manhã sabendo que o que me disse ontem fez efeito. Um sorriso como dão os sábios velhos quando veem o jovem aprendiz dando uma dentro.

— Você quer fazer o bolo ou levantar as crianças?

— As crianças, faz você o bolo – Respondo, vestindo a calça e calçando os sapatos só com a luz acesa do banheiro – eu sou ruim de fazer bolo. Bolo é difícil.

— É bolo de caixinha, Dio – Passa pasta na escova e me olha com os olhos recém-despertos – Não tem segredo. Vai lá, eu cuido dos meninos.

— Isso vai dar merda – Advirto. No bolo do aniversário dela, as crianças e eu enchemos de doce em cima por que ele simplesmente não cresceu. E no meio não colocamos nada por que eu não soube cortar. O bom de bolo com cobertura é que dá pra passar a reboco em cima da massa acidentada, principalmente quando ele despedaça quando você desenforma.

Agora ela me diz para eu fazer o bolo. Eu até vou, mas sabendo que vou levar com forma e tudo porque não vai sair boa coisa daquele forno. O bolo de caixa que tem em casa é de chocolate. Enquanto está no forno, faço um café e coloco na garrafa. A Fê desce pronta com as crianças pouco antes de o bolo sair.

— Onde estão as cartinhas? – Pergunto para um Lipe que não demora a começar a funcionar de manhã, mas puxa para cima dos olhos a touca do Pernalonga e senta-se na própria cadeira, fingindo-se de morto.

— Eu não gosto de acordar de noite.

— Ué, mas no aniversário da mamãe você acordou. E ainda me ajudou no bolo!

— É, mas eu não gosto. – Cruza os braços e deita a cabeça por cima deles.

— Então você não quer ir ver a vovó?

— Eu quero. – Chega um Guto estranhamente animado. Segura na mão a touca de lã sem personagem nenhum desenhado nela e coloca-a enquanto se senta.

— Eu também quero.

— Então se vocês dois querem, por que está bravo, Lipe? – É sono, eu sei. Busco uma leiteira num dos armários – Se eu fizer um leite quente você deixa de ficar bravo?

— Não estou bravo.

— Então não precisa do leite, né?

— Preciso sim.

A Fê entrou na cozinha depois, o bolo pronto que não cresceu em cima do fogão, duas crianças amaciadas por leite com chocolate e uma garrafa térmica cheia de café. Trazia mais duas blusas de frio grossas para os meninos, a bolsa com o computador, a pasta de tamanho A3, um blazer por cima do vestido e meias finas. Mais arrumada que o normal. Ia a algum lugar novo?

— Uma construtora gringa quer consultoria, eu tenho uma reunião hoje.

— Pensei que o mestrado proibisse você de ser CLT.

— E proíbe. – Distribuiu o casaco dos meninos advertindo que colocassem antes que saíssem de casa. – É por isso que eles usam o nome

"consultoria". Eu não vou em obra lidar com peão, nada disso. Só aponto dedos no projeto, faço as contas que ninguém quer fazer, eles me pagam e eu venho embora.

Fiz uma cara do tipo "porra, e você só me conta agora?". Fez a mesma coisa com a palestra, só me contou quando queria que eu visse a apresentação dela, do contrário, ela teria ido, feito uma palestra, voltado para casa e eu nem sequer ficaria sabendo. Por que ela fazia isso, de não me contar as coisas? Eu estou desenvolvendo o costume de contar tudo, não esconder nada justamente por que isso gera uma dor de cabeça que eu não mereço, nem quero.

Ela sempre foi de me contar as coisas, sempre dizia do dia dela (que não envolvia mais do que o Lipe e o Guto, tudo bem, obrigação minha pelo menos saber da vida deles). Por que agora fazia assim? Vamos inverter os papéis, eu vou ser a Fê de três meses atrás e ela que vai ser o Rodrigo?

A diferença, pelo menos, é que ela vai saber quando eu gozo e quando não, mas não dá para chamar isso de "vantagem". Não gostei de ficar sabendo de última hora. Não gostei nem um pouco e para ela pareceu que estava tudo bem. Se entendeu minha cara de poucos amigos, fez questão de ignorar.

Embrulhei a forma quente num pano, coloquei a garrafa de café numa daquelas sacolas retornáveis de mercado, requeijão, faca e guardanapo, enquanto ela fazia dos meus filhos dois mini-bonecos do pneu Michelin. Era não muito mais que cinco e meia, olhei no relógio antes de trancar a casa. Passamos na padaria e encontramos uma fornada de pães quentes que encheu o carro com esse cheiro bom. As crianças despertas não quiseram saber de esperar a avó para comer, e a Fê entregou a eles um pão quentinho cada.

Paramos o carro no estacionamento vizinho do hospital e, enquanto subíamos de elevador até o andar da avó, eles terminaram de roer o pãozinho. Encontramos meu pai do lado de fora do quarto segurando um descartável de café, a mesma roupa que eu o deixei, na segunda. A mesma roupa do Dia das Mães do domingo, hoje já é terça. Os dedos que deformou o porta-toalhas de alumínio enfaixados rudimentarmente com uma gaze encardida. Os olhos cozidos de sono, os cabelos despenteados. Horrível. Mais que isso, deplorável.

— . — Dei-lhe um cumprimento, desconfiei que ele cheirasse mal, mas não cheirava. Ainda bem. — E a mãe, acordou?

— Sua mãe está no banho, eu disse a ela que ia comprar um café.

— Eu trouxe café. — Estiquei a sacola a ele, a Fê o cumprimentou na sequência, segurando a bandeja de bolo. Os meninos, o Lipe andando sozinho e o Guto de mãos dadas comigo, cumprimentaram o vovô e quiseram saber da vó.

— Desculpa, — uma enfermeira apareceu do nada no corredor, olhando para a bandeja de bolo, para os meus filhos, para a sacola de pão. — Vocês não

podem entrar com isso.

— Mas é para o café da minha vó – O Lipe se intrometeu – O meu pai fez bolo para a minha vó que tá doentinha.

— Moça, – O Lipe já tinha feito muito pelos argumentos, a enfermeira de branco e cara de três plantões olhava do Lipe para mim, do Guto para a Fê e ficou com dó da gente – A gente não sabia. Todos nós acordamos cedo para tomar café com a vó deles. Deixa a gente entrar, vai, por favor.

— Qual o nome da paciente?

— Vó.

— Não, Lipe, ela quer saber o nome da sua vó.

— Teresa!

— Eu vou ver com o Doutor. Vocês, por favor, não entrem no quarto até eu voltar.

Por dó ou porque se derreteu toda com meu filho, não sei dizer, entramos no quarto da vó deles com forma de bolo e tudo. Ouvíamos o barulho do chuveiro, eu indiquei silêncio para os meninos, pedindo surpresa. Colocamos o bolo em cima da pequena mesa onde ela tomava seu café da manhã, uma com rodinhas cujo tampo se esticaria sobre a cama sem dificuldades, mas que naquele horário só estava encostada inutilmente num canto. Esquecemos copos e a Fê correu na padaria de perto para buscá-los.

Foi o tempo de ela sair do quarto que a mãe saiu do banheiro, cabelos molhados enrolados numa toalha, limpa e fresca. Os meninos gritaram "Surpresa!" e ela fingiu levar um susto, visivelmente contente por vê-los. Sentou-se na cama com uma camisola florida e eu vi um daqueles band-aids redondos em cada braço, protegendo talvez uma picada de agulha. Enquanto ela cumprimentava as crianças, eu levei um bom tempo examinando ela, observando que na cavidade da manga da roupa, um curativo se estendia do seio direito até o ombro.

Beijei-a, ela parecia ríspida comigo, não me beijou como beijava sempre. Não fazia contato com meu pai, que naquele quarto onde Lipe e Guto eram arco-íris, meu pai era uma sombra sentada numa poltrona de canto. Não conversaram desde a hora que os deixei sozinhos ou só brigaram. Relevei, talvez ela se animasse com os netinhos e, menos arisca, a gente conseguisse conversar melhor.

— Ó vó, o pai fez bolo! – Lipe descobria a forma de bolo de cima da mesa alta, mais querendo comer do que mostrando.

— E seu pai lá sabe fazer bolo?

— Eu vi ele fazendo. – Me defendia, eu ri, Lipe com o dedinho na boca, pensando com seus botões. – Não foi você que fez, pai?

— É, – Ri, tirando a garrafa de café da sacola, junto de facas e do pote de requeijão – não cresceu, mas eu que fiz.

— De chocolate! – Guto se enfiava entre o irmão e o bolo, espiando por cima da mesa.

— É. – Cortei o primeiro pedaço e coloquei em cima do guardanapo. – Vocês querem?

— SIM!

— Não, primeiro a vovó. – Lipe pegou o pedaço que eu dei a ele e deu para a vó, sentada na cama, sorrindo. Fez um bico de admiração enquanto recebia o pedaço baixo e bolachudo. Depois pegou o dele quando o irmão sentado na cama com ajuda do vô, comia.

A Fê chegou enquanto já comíamos o bolo, trazendo copos de isopor e um Toddynho pra cada filho. Cumprimentou a minha mãe puxando um pãozinho nem tão quente assim, do saco.

Com as mãos grudentas, eles entregaram as cartinhas que fizeram, limpando a mão na roupa. Vi meu pai e a Fê saírem do quarto, mas não disse nada. Talvez ela funcione para ele melhor do que eu funcionei, eles se dão, tem dias que eu penso isso mesmo, que a Fê se dá melhor com meu pai do que eu.

Mas tudo bem pra mim. Ver que ele se dá bem com alguém já é alguma coisa. Voltei a atenção para uma avó coruja, chorona e abraçada por dois netinhos. Encheu o rosto deles de beijos, depois. A enfermeira passou no quarto, viu a pequena reunião e nem se deu ao trabalho de deixar o café da manhã. A avó quis o café que eu trouxe de casa, o Lipe quis entregar.

— Vó, quando a senhora vai sair daqui?

— Amanhã de tarde, o médico disse. Por quê?

— Nada, ué.

— Lipe... Explica isso direito.

Ele disse que queria ir pra casa da avó, brincar com os amiguinhos e os primos de coração, pular na piscina, andar no cavalo que o vô prometeu mas que não cumpriu. Lipe puxou o canto, Guto fez coro. Duas crianças contra mim. Eu quero ela em São Paulo. Na minha casa não tem piscina e a água em São Paulo não permite nem banho de mangueira. Eu quero ela na Oscar Freire, aqui, cuidando da doença, do meu lado, mais por ser onde eu possa ver, que pelos médicos. Lá, tarde da noite, encontrei um médico plantonista que se deu ao trabalho de ensinar um trava-línguas para meu filho, aqui só encontrei má-vontade e um "A Senhora Teresa já tem o cadastro?". Talvez a medicina daqui tenha tecnologia, mas não tem o tato com pessoas, tem só a fila expressa. Não me decido se o que cura é a tecnologia, ou outro humano.

Deus queira que sejam os aparelhos e as técnicas, porque eu quero ela

aqui comigo. Meus filhos humanizarão a medicina robótica paulista. Se a transformação será pelo amor, eles serão os revolucionários da nova ordem.

Penso com meus botões enquanto os soldados amaciam o terreno. Fazem carinho na avó, perguntam se os curativos dela doem. Eu corto um pão na metade, tiro o miolo e o como primeiro, enfio quantidades colossais de requeijão naquele rombo e fico mastigando, remoendo a casca, pensando na aproximação:

Preciso parar com essas analogias de guerra.

— Depois da alta você e o pai voltam pra casa? – A melhor defesa é o ataque.

— Amanhã eu volto para a consulta. O médico daqui ligou para o Doutor Pedro lá de Minas, eles estão vendo o melhor para o meu caso. – Dava para ver o desgosto dela, a boca inexpressiva, a expressão triste. Caíram as sobrancelhas enquanto ela acarinhava a crina de um Guto quieto com a cabeça no colo dela, bocejando.

Fiz o mesmo com a outra metade do pão, sentei-me na beira da cama. Não sei se ela erguia a bandeira branca, ou eu quem forçava uma trégua inexistente. O Lipe veio sentar no meu colo, roubando o resto do meu pão. Ofereci para fazer um daqueles para ele, mas ele não quis, disse que já estava cheio. Calei-me e ele se calou em seguida, aninhando a cabeça no meu peito. Bastava cinco minutos de paz para o foguete aterrissar.

— O Guto me lembra tanto você na idade dele... – Sorria um sorriso vencido, de fera que aceita a presença do domador.

Rio comigo pensando um "que esse moleque não coma salada de almoço quando ficar velho", enquanto ela teima em arrumar os cabelos do menino que tem o mesmo redemoinho que eu, na frente.

— Qual a graça?

— A Fê me chamou de "bom menino".

— E você é.

— É, mas não fica bem quando é a sua esposa que diz.

— Ela não disse na maldade.

— Dizer na maldade não disse, mas... ela disse, né? Eu não quero ser reconhecido como um "bom menino" por ela. – Eu não baixaria o nível com a minha mãe, mas o que eu pensei foi "pela mulher que eu como".

— Sempre tão inseguros – Sorriu. Tinha um pouco de Ana naquela mãe – Ela não te chamou de "bom menino" dizendo que você não é "homem".

— Sei disso. – Acho que deu tempo de amaciar a fera. Passado o prefácio da conversa difícil, engatei no tema – Escuta, mãe... Se a senhora quiser ir para Poços eu não vou ser contra. Me perdoa querer que a senhora fique em São Paulo contra a sua vontade, eu só queria –

— Eu sei. — Disse, me cortando. — Eu vou ficar aqui. Você e o seu pai não vão me deixar em paz se eu for para Poços. Depois que ele viu o tamanho desse hospital, a rapidez dos exames e os médicos, ele não vai me deixar voltar para casa.

— O pai vai fazer o que a senhora quiser fazer.

— Mas ele nunca vai se perdoar de não ter me obrigado a ficar aqui quando Deus me levar.

Foi a primeira vez que disse em "morte". O nó foi de dentro para fora, partiu das tripas e se alojou na garganta. Meus moleques dormindo e o pai deles num pranto silencioso.

Não chore na frente da sua mãe. Pensei. Não chore na frente da sua mãe, não chore na frente da sua mãe, não... Merda. Guarda a merda dos seus problemas, ela não precisa de mais, ela já os tem de sobra, ela já tá pensando na morte.

Passei as costas da mão no nariz. *Segura, caralho.* O Lipe no colo não se mexia, eu me agarrei nele como um moleque que agarra o bicho de pelúcia. Respirei fundo, o choro vinha a passos largos e eu, sempre babaca e frouxo demais, não continha.

— Vem cá... — Se ajeitou para um dos lados da cama, colocou o Guto no colo, me dando metade da cama para me deitar com ela. Sentei-me ao lado dela, o Lipe no colo ainda. Passou o braço por trás das minhas costas, a mão de mãe na minha cabeça. Ela que tem câncer e eu quem sou o acalentado. Tenho medo que ela morra e não consigo esconder isso. Deito a cabeça no ombro dela, tentando passar o braço por cima do meu filho até chegar nela, mas não chega. — Nem você, nem teu pai vão se perdoar se eu não ficar aqui nesta São Paulo.

"Se é para o bem da nação", disse Dom Pedro "Diga que fico".

A Fê e o pai chegaram e só aí percebi que dormi. A minha mãe ria, acordei com o chacoalhar suave de ombros. Três crianças dormindo no colo dela, eu incluso. Meu pai tinha o focinho e olhos tão vermelhos quanto possível, a Fê também. O blazer em mãos enfiando um pacote de lenço no bolso dele. Os cabelos antes soltos, agora presos longe dos olhos. O médico chegou e nem deu tempo de a gente trocar qualquer frase. Me ergui e tirei o Lipe de cima dela. Oito horas, consultei o celular, os meninos vão chegar tarde na escola.

— Não se incomodem de levantar — Sorriu o médico não muito mais velho que eu, feições limpas, cara de homem que estuda muito, as mãos claras de moleque de escritório. Óculos sem aro, olhos muito verdes por detrás, os cabelos arrumados em gel. Eu poderia sentir seu hálito de café e seu diploma da USP há quilômetros de distância. — Só vim ver Dona Teresa, saber se dormiu bem, se o remédio a incomodou.

— Ah, Doutor – Ela disse, passando o Guto do lado esquerdo para o lado direito, que era onde eu estava menos de um minuto atrás – Eu fiquei tonta logo que o senhor me deu o remédio, mas agora estou bem.

— Diarreia, vômito?

— Não. – Ela ficou olhando a prancheta que ele carregava, o jeito que ele acenava a cabeça como se aquilo fosse bom sinal. – Por quê? Era pra eu ter colocado os bofes pra fora?

— Não, de forma alguma – Sorriu ele, menos corporativo do que eu imaginei – E o curativo?

— Meu neto estava dormindo em cima até agora – Sorriu – Então não tem problema.

— Secreção?

— Como?

— Na hora de lavar o corte estava molhado ou está formando casquinha.

— Tem casquinha, já.

— Bom, muito bom. – O médico olhou o relógio do próprio pulso – Estou esperando o resultado da ressonância, mas como todo mundo veio aqui te ver –

— Ih doutor, aqui não tem nem metade do "todo mundo".

— A senhora tem família grande?

— Você não imagina o tamanho – A Fê disse, quase na entrada do quarto – É coisa de maluco.

— . – Ele riu um pouquinho e retomou – Se a senhora me prometer que vem me ver amanhã de manhã, oito horas em ponto, eu libero a senhora agora.

Isso deixou todo mundo animado e ele percebeu isso.

— Mas só se a senhora me prometer que vai estar aqui oito da manhã.

— Considere prometido. – Eu disse, pegando a mala e a cuia, guardando a garrafa de café, cobrindo o bolo – Nem ofereci doutor, você quer bolo?

Deixei a Fê em casa, que disse que queria ir para lá para pegar o próprio carro, deixei as crianças na escola muito mais do que atrasadas, logo depois. Meus pais foram para a casa da Fê, disseram que eu não precisava ir junto e eu achei bom que eles não me quisessem por perto, porque aí com meu pai e minha mãe, sozinhos, um daria conta do outro. Talvez meu pai perdesse um pouco da palidez de vampiro também, talvez ela se animasse um pouco e o animasse de tabela.

Eu disse a eles que se quisessem passar no restaurante na hora do

almoço, que eu os esperaria. Disse também que o coitado do Miguel, o rapazote de 22 anos, ficaria feliz em ver Dona Teresa de novo, mas eles preferiram ficar em casa e eu entendi. Estiquei da Oscar Freire para a Faria Lima e encontrei uma cozinha calma, amena e levemente radiante.

— ¿Qué pasa? – Perguntei da janela com meu espanhol ridículo a um Antônio que mal se cabia, sacudindo uma tigela de vidro com farinha e ovo dentro.

— Lembra aquele babacão?

— Qual deles? – Foram muitos.

— O jornalista.

— Que tem?

— Mostra pra ele, Juarez. – Outro menino de não mais que vinte e cinco, untando lá atrás uma forma de inox, parou o que fazia, limpou as mãos no avental branco e me esticou pela janela da cozinha que dá para o corredor um dos cadernos da Folha.

— "Supernova Andaluza" – Li em voz alta – "A junção entre um Chef renomado e um Publicitário de carreira sólida que promete agitar São Paulo".

Esta manchete de bosta e esse excerto clichê me custou um favor gigantesco com um roteirista da agência, mas vai compensar. Na verdade, ele me devia um favor, eu só cobreí. Estamos quites agora. Lembro como se fosse ontem quando me pediu para que eu falasse bem dele para o chefe de criação para que ele ocupasse a cadeira de roteirista sênior da agência, um cara que acabava de pedir demissão.

Em troca, quase um ano depois, esse foi o favor. Um babacão que veio aqui, comeu de graça, visitou meus banheiros mais de uma vez, quis entrar na cozinha sem touca (e o próprio Antônio não deixou), perguntou até da cor da minha cueca e fez esse clichê desgramento de ruim da minha empreitada em propaganda de não mais de dez linhas, no canto da página de uma reportagem do MIS e três ou quatro propagandas de teatro. Vai dar certo. É uma propaganda merda, mas funciona com paulista-tapado-amante-de-novidade que não pode ver uma boca-de-porco abrindo que, desde que esteja escrito "gourmet", vale a pena ser conferida.

Hoje talvez esteja mais cheio que ontem, espero. Esse fim de semana vai lotar, bem sei. É uma coisa ótima, é o que a gente esperava, até bem antes do que a gente esperava. Murchei quando lembrei. Para os negócios vai ser sensacional, nós temos aí um rombo de pelo menos cem mil reais para cobrir antes de começar a lucrar, mas vai ser péssimo para meus planos com a praia. Nem pensar que Antônio vai conseguir segurar essa sozinho, no nosso primeiro fim de semana aberto.

Aliás, é para isso que eu existo nesse restaurante. Ele cozinha e eu vendo. Se ele tiver que cozinhar e vender, não vai dar certo. É nisso que penso dobrando o jornal depois de ler com meia atenção à matéria mal-escrita. Tá certo que eu escrevo mal, mas o cara está de parabéns.

A Bia me ligou no celular quando era quase onze horas, eu já arrumava os cabelos no banheiro e vestia meu sorriso de gostoso.

— Alô, Cinco?

— Oi, Bia. — Esqueci que a Bia também tinha suas pitangas para chorar.
— Como você está?

— Mal. — Disse na lata — Mas não foi por isso que liguei.

— Então, diga.

— Vai fazer uma semana que você não vem malhar essa bunda mole aí.

— Você tá preocupada com a minha bunda?

— Estou preocupada com a Fê, coitada. — Riu, era uma risada gostosa, eu ri junto. — Brincadeira. Você é fácil de definir, tem metabolismo rápido, mas vai perder fácil também. Então vê se não embaranga e vem logo.

— Sim, senhora. — Sorrio — Não prometo que irei hoje, mas amanhã é promessa.

— Não, hoje. — Disse, convicta. — Estou aberta até as dez da noite, dá seus pulos e vem aqui.

Desliguei a Bia, Liguei para a Ana.

— Fala, Cinco.

— Como você tá?

— Almoçando.

— Escuta, você vai se importar de eu continuar indo na academia da Bia?

— Pulei a parte em que ela fazia piadas e fui direto para o assunto.

— Eu lá sou mulher de impedir alguém de fazer alguma coisa?

— É que depois do que aconteceu...

— E você acha que tem que assumir um lado?

— Eu não acho nada, por isso te liguei.

— Esquenta não — Me disse — É até bom que ela converse com alguém. A Bia gosta de falar dos problemas dela, não sei se ela já conseguiu conversar.

— Beleza — Pergunto uma última coisa antes de desligar — Quer que eu diga alguma coisa a ela?

— Só o óbvio.

Desliguei e abri as portas. Testei tocar Miles Davis de fundo no restaurante, uma coisa bem leve. Ao lado da cozinha fica a moça do caixa, controlando comandas, mesas e pedidos. Ali naquele balcão, tem um computador que só serve para colocar músicas pelas pequenas caixas de som

embutidas no teto de gesso. Não tem nenhum cubo saltado para fora do teto, se você olha com cuidado, só vê uma rede de alumínio onde está o falante. O palco não tem nenhuma caixa de som para as futuras apresentações, mas toda a casa tem um som ambiente que, como disse, agora toca Miles Davis.

O público da Folha começou a chegar, me cumprimentando. Uma da tarde bateu no relógio e todas as mesas estavam ocupadas. Eu fazia o que fazia melhor da vida, que é *lamber*. Topava na mesa, perguntando para os clientes, armado em sorriso, se eles estavam satisfeitos com o serviço, se queriam alguma coisa a mais. Ofereci uma rodada de café sem custo a uma mesa de senhores que fecharam um contrato caro. Recebi um guardanapo com um número de uma mesa com quatro mulheres, as quatro naquele estilo Catarina da agência, belas e empresariais.

— Entrego isso a qual mesa? – Sorrio, confidente da pequena paquera.

— Isso você guarda no bolso, querido. – Me disse a mais bonita das quatro.

Eu dou uma risada gostosa por que é legal essas coisas, receber telefone de mulher bonita sempre mexe com o ego da gente. Limpo o canto da boca de um jeito que eu sei que fica bom, ela sorri mais, prontinha para receber minha resposta. Mostro para ela a aliança que a minha esposa não usa, mas que eu não tirei. O dourado no anelar esquerdo sacudindo na frente da mulher e elas soltaram um "Ahhhhhhhhhhhh" tão engraçado que eu ri.

— Diz parabéns para a sortuda – Ela diz, sem nenhuma vergonha de ter levado um fora, como se aquilo fosse uma coisa normal. Nem eu encaro bota com tanta naturalidade como ela – Um parabéns bem grandão por que ó... Tá de parabéns.

— Não desperdiça o papel – Compenso – Aproveita e escolhe outro alvo.

— Não, não – Disse, bebendo o restinho da tônica com limão do copo, os olhos claros em mim daquele jeito que faz você imaginar como que ela fica quando tem a boca no nosso corpo e os olhos na gente. – Pode guardar, querido. Eu volto.

Termino a conversa e fujo da mesa. Tem mulher que não aceita perder e começa a apelar, eu nem quero começar a imaginar apelações. Vejo que da cozinha Antônio viu e que ele e os amiguinhos dele já estão preparando a troça.

Eu sou sempre o último a sair, Antônio sai quando a comida termina de ser servida, lá pelas duas da tarde, parte dos colaboradores ainda ficam, terminam a limpeza, tiram carne para descongelar, picam algumas coisas para o dia seguinte. Por isso que Antônio chega às sete e eu só chego às nove, que é para ele sair mais cedo e eu sair mais tarde.

Baixo a porta e vou para a Bia, na Paulista. Não vai dar tempo de

exercício, mas vai dar tempo de falar com ela, que quando me vê, faz um bico de admiração, abandonando uma moça de não mais que vinte anos, que treina pesado puxando ferro.

— Oi, Cinco! – Me abraça. – Tá bonito, hoje.

— Meu trabalho agora é ser bonito e sorrir para os outros. – Beijo o rosto dela sentindo um cheiro bom que não combina com o trabalho dela. Seria normal encontrá-la fedendo, mas nunca a encontrei assim, sempre cheirosa, por mais suada e vermelha que estivesse. – E aí, como você está?

— A gente vai levando. – Não diz isso rindo de si mesma, como Ana o faria.

Ela deu uma pausa, pediu para outro personal trainer assumir o posto dela com a moça e nós saímos para um café. Nunca tinha saído só eu e a Bia, mas me senti como a Ana se sentiria. Não tinha um fulano, um só, que não torcesse o pescoço para ela, na rua. E não é modo de falar não, é sério. A Bia é literalmente uma loura de parar o trânsito. Vidros baixam quando ela desfila pela Paulista naqueles macacões estampados colados no corpo, rumo ao Conjunto Nacional.

Engraçado. É gostosa pra caramba, a cabeleira loura por cima dos ombros, os olhos claros, mas não gosta da fruta. Eu ri, ri muito com aquilo.

Pedimos um café e nos sentamos.

— Mas então, – Retomei – o que aconteceu com vocês duas?

— Bem simples: – Detonava a garrafinha de água que trouxera, para poder encarar o café à frente – Acabei de montar meu apartamento, tá super-lindo, do jeito que eu queria. Pedi para ela vir morar comigo.

— E ela?

— Não quis.

— Não entendi.

— Você não sabe que a Ana tem um passado?

— Não. – Não conversamos muito sobre isso, na verdade. Eu tinha uma situação muito imediata para tratar, sobre o Dia das Mães e tal, ela não estava disposta a me contar muito, então não entramos nos detalhes. Ouvir a Bia me dizer uma coisa dessas me torna um amigo irresponsável e negligente.

— Antes de mim houve outra mulher. Parece que a Ana curte mulheres mais velhas que ela.

— Percebi – Ri, mas a Bia não viu graça.

— ... A outra antes de mim partiu o coração dela. A Ana tinha vinte e dois, a outra já tinha trinta e cinco. A Ana quis casar, acho que foi a única vez que a Ana disse sobre casamento na vida. E aí a de trinta e cinco aceitou, elas juntaram e a partir daí foi só um fiasco.

— A Ana já foi casada?!

— Não no papel, mas já morou junto.

— Putz.

— Bota "putz" nisso. — Desmanchou o sorriso. Aquilo a deixava magoada, eu vi. Amor é uma merda com qualquer gênero. Vem para foder e fode com vontade. — Eu quero ter o que você e a Fê têm.

— O quê? — Tá quase virando hino, já — Contas e problemas?

— Filhos e rotina.

— Sabe, — era uma mentira deslavada, mas era uma mentira daquelas que você conta para amenizar o desespero alheio — eles superestimam esse negócio de "filhos e rotina".

— Para cima de mim, Rodrigo? 'Cê Jura? Justo você? 'Tá me achando com cara de palhaça?

Era uma mentira que não colava. Não, depois de toda a merda que desencavei, de toda poeira que tirei de debaixo do tapete, depois de todas as coisas que mudei, de todos os degraus que subi, melhor, subimos e fizemos, por que sem a Fê eu não teria feito absolutamente nada. A Fê pode ainda achar que eu fui quem mudei, mas se ela não tivesse lá, se não tivesse me dado mais um voto de confiança, eu não teria feito nada, por mais que eu quisesse. Teria só... tentado e fracassado miseravelmente.

Por isso, me arrependi do que disse e pedi desculpas. Eu não posso vituperar o casamento simplesmente por que eu fui criado com meus pais casados, eu aprendi por observação, eu gosto de chamar minha Nina por Nina pois sim. Eu gosto de ter para quem voltar, de acordar mais cedo, fazer o café. Aprendi a gostar, na verdade. É uma coisa babaca, mas eu gosto. Gosto de ser um marido que dá orgulho na esposa, do tipo, se ela fosse dessas, do tipo que ela conta vantagem para as amigas quando diz algo como "Vou indo para casa que a janta já deve estar pronta". Mesmo que seja um macarrão que o Lipe já disse que não gosta. Mesmo que seja uma senhora gororoba nojenta, ela ainda cantaria vantagem por que no mar de homem-merda, eu consegui feder menos.

Sabe por que eu quero tanto casar no religioso com a Fê? É uma coisa babaca, a gente já é casado no papel, eu levo o "Miller" pro túmulo e ela leva o "Ferreira" da minha família. Só que o religioso é coisa de moleque. Meu pai prometeu casar de novo com a minha mãe quando eles ficaram separados por meses. Ele prometeu para mim, não para ela. Acho que ela não sabe disso até hoje, a irmandade masculina é uma das poucas coisas boas da nossa raça.

Ele prometeu que se a mãe o aceitasse de novo, eu tinha catorze anos, lembro como se fosse ontem, se ela o aceitasse de novo, eles casariam. Tudo de novo, renovar os votos, começar do zero. E que ele seria um marido melhor. Eu

leveei minha mãe para o altar, entreguei ela na mão do meu pai que chorava como só o vi chorar ontem. Chorava por que aquela é a mulher da vida dele e ela o aceitava de volta.

É por isso que eu quero o religioso. Eu não sou um cara que vai para a igreja, eu nunca rezo. Acredito num Deus, mas não decidi se aceito a bíblia, o padre ou pastor, a instituição, essas coisas todas. Quero o religioso porque é o modo que eu sei apagar, deixar o passado para trás e começar limpo.

Nunca sonhei assinar os papéis do casamento no cartório, nunca sonhei a lua-de-mel apertadinho no carro, bêbado como em poucos dias. Eu quis o pacote completo, véu e grinalda, igreja e padre, por que eu acho que é assim que casa. Não temos um álbum de fotos para colocar na parede para quando ficarmos velhos. Temos um álbum de sacanagens em produção, mas não um álbum que junta eu e ela, aquele arroz todo e o buquê.

Eu aceitei as condições dela de casório por que entendia que o modelo de casamento tradicional deu muito errado na família dela, mas eu queria que ela aceitasse o meu modelo de casamento. Mesmo que seja uma conduta social, foda-se, não me interessa, é um modelo que meus pais não ousam quebrar, não querem. É um tipo de casamento que supera tudo, que aceita. Eu quero isso. Mesmo que tenhamos brigas homéricas no banheiro e fodas sensacionais no banco traseiro de um carro, é o jeito que a gente é, por bem ou por mal, é o jeito que me faz muito feliz.

Quero casar direito por que é sinônimo que sou homem como meu pai é. Homem de uma mulher só, homem que faz merda, mas que corrige, que erra tentando acertar, e prova que boas intenções também vão para o céu. Quero minha mãe me levando no altar, quero que seja ela e não meu pai. Quero que meu pai leve a Fê, aquele sorriso lindo dela, meus filhos carregando uma aliança que eu vou encher muito o saco para ela usar.

Quero lua-de-mel depois, direito, algum país ou cidade desconhecida, entrar no quarto carregando ela no colo. Provar que os clichês não são clichês à toa, que o são por que funcionam. E se eu vou ser um homem lugar-comum, que não surpreende, que segue o roteiro, por mim tudo bem, sejamos clichês.

Com isso, mostro para os meus filhos que eles seguem as regras que quiserem, mas que não podem seguir a todas. E que se casem com as malucas, com as imbecis, as doentes, as "um pouco vadias demais". Não aceitem mulheres limpas e frescas porque a graça acaba. Depois que você desbasta a camada inicial de polidez de uma mulher limpa, não sobra nada. Olhando de perto, não tem mulher boa e limpa, então meus filhos não podem esperar que vão encontrar pelo caminho mulheres do jeito que a tevê e os pornôes dizem que as mulheres são.

Com mulheres como a Fê, depois da camada inicial, você nunca sabe o que encontrar. É essa a mágica que a Fê traz para os meus dias.

Ter filhos com ela foi sensacional. Tem sido. Quando eles crescerem, o Guto e o Lipe, que eles evitem mulheres feitas para o casamento. Que vão em busca das mulheres de paixões próprias, de ganas próprias, próprios gostos, vontades pessoais. Ambiciosas, também. Mulheres donas da própria vida porque, essa eu demorei para aprender, mulheres até doam a vida em prol de casamento e filhos, mas se elas não tiverem nada a mais, nada além, você esquece que elas existem e que têm necessidades e que são lindas.

Por isso eu entendo a posição da Bia. Querer filhos, juntar os trapos, entendo tudo isso. E enquanto ela chora baixinho, limpando o cantinho dos olhos como se eu não percebesse que aquilo é um choro apaixonado, eu não consigo dizer nada. Só que eu vou conversar com a Ana. E ela vai me explicar direito como é que ela faz isso com a mulher da vida dela.

Capítulo 32

Os Homens, os Mendigos, os Loucos

Eu devia chorar copiosamente pelo diagnóstico que ouvi na quarta de manhã, parceria do médico de Minas, com o médico de São Paulo. Eu devia, foi um resultado difícil, ele falando aquele mediquês louco, "estágio quatro" pra cá "quimioterapia" pra lá, ressonância, "radioterapia". Engatou num discurso sobre estatísticas, de qualidade de vida. Eu nunca olho o relógio quando estou conversando com pessoas, mas dessa vez, leitor, entre o pranto calado do meu pai e a mudez repentina da minha mãe, eu olhei. Já fazia meia hora de discurso realista com um quê motivacional. Toda frase ele ou dizia um "é difícil" ou um "sinto muito". Ele vive disso, deve passar o dia destruindo o sonho das pessoas, diagnosticando cânceres.

Que tipo de pessoa deve escolher um trabalho como esse, o de oncologista? Deve ser sensacional ver uma pessoa perder os cabelos para uma máquina, os quilos, a cor e depois vê-la bem de novo, feliz, curada. Deve ser, não sei. Deve ser difícil, em casos como o da minha mãe, quando o câncer é descoberto simplesmente tarde demais. Quando o tratamento não é mais preventivo, mas só... eu diria, só um método de enganar a morte.

— Há quanto tempo a senhora sente dores?

— Qual foi aquele dia que o Lipinho caiu e bateu o queixo, que a gente teve que levar ele para dar ponto, filho?

— Já tem um ano.

Descobrir que sua mãe poderia ter sido diagnosticada antes é a pior parte. Descobrir que ela poderia ter sido curada. Descobrir que ela não foi no médico quando sentiu dor por que achou que fosse "coisa do ar frio" e "coisa de gente velha". Disse naturalmente, sem se sentir acuada, que tinha dias bons e dias ruins, que só foi no médico por que teve um dia ruim mais que os outros, o primeiro dia que não doía só o seio, mas também a garganta. Achou que fosse algo como bronquite, asma, até.

Não contou que o câncer se alastraria para a traqueia. Nem que se alastraria também para os ossos. E que os dias que ela não conseguia subir as escadas não era por conta da idade, que a dor nas juntas também fosse coisa que poderíamos ter curado se soubéssemos disso um ano antes.

Eu poderia ter percebido isso. Eu poderia ter insistido para ir ao médico. Eu poderia tê-la ajudado a subir os degraus "nos dias ruins" e levado ela no médico. Qualquer médico nesse mundo teria pedido ao menos um raio-x. O mais bosta dos profissionais, tanto em Minas como em São Paulo, mas não o fiz. Eu

largo meus filhos para ela cuidar enquanto eu volto para São Paulo para comer minha esposa, eu passo o Natal na casa dela, sempre hóspede demais, visita demais, celebridade demais e nunca filho. Desde que eu saí de casa para ir morar em São Paulo eu tenho perguntado o “tudo bem” automático que a gente pergunta por educação, mas não tenho me importado que a minha mãe agora envelhecia e que poderia, por acaso, precisar do filho.

Esse é o preço que eu pago pelo desleixo e vai ser difícil encarar minha mãe, fazer o final da vida dela feliz, sabendo que qualquer um de nós, meu pai, eu ou as bocas que ela banqueteia com prazer; qualquer um desses cabaços, qualquer um, mesmo André, se tivesse se preocupado com ela um nada que fosse, teríamos evitado esse fim triste.

Triste e quem sabe, doloroso também.

É nisso que penso enquanto o médico fica cheio de dedos para contar para a gente que minha mãe está morrendo e que não podemos fazer muita coisa. E que ela pode levar três semanas até morrer, ou três anos.

A expectativa de vida? De acordo com os cálculos dele, cinco anos. Se remover os seios. Se fizer quimioterapia. Não serão cinco anos felizes, nem a isso ela terá direito. Serão cinco anos de – (eu demorei minutos para poder terminar essa frase, por que eu simplesmente não sei do que serão feitos esses cinco anos).

Saímos do consultório ainda não eram nem nove horas. Pareceram horas. Nós três, eu, meu pai e minha mãe, não conseguimos dar um pio até chegar no estacionamento. Estávamos chocados. Meu pai não estava bem para pegar o volante, eu peguei. Dirigi para a casa da Fê, não dissemos nada no caminho. Semana que vem ela começa a quimioterapia. Olhei minha mãe poucas vezes, ela pareceu serena, mas imaginei que por dentro ela estivesse pior que qualquer um de nós. As fiandeiras seguravam o fio do destino dela, não o nosso. Amolavam a tesoura com especial cuidado.

— Filho... – Ela disse quando eu subi com eles para a casa da Fê. Me deu um beijo no rosto em forma de agradecimento – Traz as crianças para comer aqui, de noite.

— A senhora tem certeza?

— Claro que tenho. – Me sorriu. Olhei para o meu pai arrasado, no canto. Assenti com a cabeça, sorri de volta, beijei suas mãos. Talvez fosse bom que fosse para Poços no fim de semana.

Cada um lida com a dor da maneira que pode: a gente nunca pode exigir

ou julgar, eu sei disso, tenho consciência disso. É muito estranha a maneira como ela lida. Ela sorri. Faz doces em compotas, descobriu os mercados perto da Oscar Freire, conversa com as vizinhas. Continuou tocando a vida como se o médico tivesse dito a ela que aquilo era apenas uma virose, que ia passar.

Meu pai por outro lado, está aos frangalhos. Tudo o que ela faz ele come, mas não diz um "a" sequer sobre a comida. Passa da sala para o quarto sempre com a mesma carranca. Esse é o modo dele de lidar com a dor. Não consegue dizer para a mulher dele como ele se sente sobre aquilo, não foi treinado e não se treinou para compartilhar medos. É o homem bruto sertanejo dos pés à cabeça, transborda dor, eu vejo e minha mãe vê: mas não diz nada.

Eu, por outro lado, não sei. Tenho ficado poético na hora de encostar a cabeça no travesseiro, tenho pensado na vida, na minha mãe. Tenho ficado eufórico, tenho ficado melancólico, melodramático, alheio. Passo da minha casa para o restaurante e não penso sobre a minha mãe no caminho. Sinto-me culpado quando percebo que não estou pensando nela, quando rio de uma piada dos colaboradores do Antônio, tenho recusado o tesão de quando vejo a Fê saindo do banho na mesma proporção que recuso os doces em compotas. Não meti a mão em nenhuma das geleias dela, nem mesmo na de jabuticaba. Não comi o doce de laranja. Ela distribui doces pela nova vizinhança, todo mundo fica encantado com a magia culinária da Dona Teresa, mas eu, eu não consigo comer.

Não sei o que fazer. Sumir dos meus espaços como se fossem eles quem me causassem esse desconforto. Sumir. Sem deixar rastro, sem dizer nada. A Fê tem percebido isso, mas não me diz nada, não me cobra, não me exige. Diz que vai respeitar meu silêncio. Eu ainda acordo mais cedo, faço-lhe o café, lavo a louça, faço a janta. Isso virou rotina, também. Faz parte dos meus afazeres, não é mais nenhuma novidade, eu não mereço mais prêmio por fazer minha obrigação. Corro na esteira, puxo lá uns ferros e digo para a Bia que estou treinando. Com o pensamento lá longe, bem onde Poços não chega. Inerte. Sem saber o que fazer e sem vontade.

Não tenho conversado com a Ana só por que eu não quero me envolver. Transbordo o nada, como se nada fosse uma força que me puxa. Um falso-útil, é isso o que virei. Faço o que tenho que fazer, mas não coloco vida, nem vontade nisso que faço.

A primeira quimioterapia dela foi oito horas da manhã de uma terça-feira fria e sem graça, a Fê na faculdade e meus meninos na escola, uma enfermeira colocando uma agulha na veia da mão da minha mãe, meu pai de um lado do leito, eu do outro.

A sala com várias camas, só uma ocupada. A mesma enfermeira que segurou a agulha nos emprestou o controle da tevê. Nos primeiros quinze

minutos, nós nos falávamos, foi tranquilo. Uma hora passada, silêncio. Uma hora e meia depois, tendo o remédio vermelho entrado quase que completamente no corpo da minha mãe, ela vomitou a primeira vez.

Só deu tempo de ela puxar um lixo que estava no canto, mais nada. Seriam duas horas de tratamento por semana, por três meses. Isso, só para começo de conversa. Nos últimos quinze minutos, ela ficou desorientada, a pressão caiu. Quando estávamos prontos para ir para casa, ela não conseguia ficar de pé. Tonta e fraca, muito fraca. Uma só sessão. Seria isso o que se resumiria o resto da vida? Passar mais mal que bem, conforme fogem-lhe os dias?

Em contrapartida, eu não lhe disse nada. Carreguei-a do leito para o carro, sentei-me com ela no banco de trás, a cabeça dela encostada no peito, meu pai no volante. Não consegui ir para o restaurante em tempo de abri-lo, liguei para Antônio que colocou um Miguel muito a contragosto no meu lugar, pelo menos até a hora que eu conseguisse ir.

— Não quero mais isso. — Disse enquanto eu a colocava no sofá da casa da Fê. Meu pai puxou um balde para ela lá da lavanderia, deixou onde conseguisse alcançar. Agachado na frente dela, eu a via aos prantos pela primeira vez desde o diagnóstico. Por seis dias ela conseguiu levar a vida normalmente. Agora escondia o rosto nas mãos e chorava, miúda. Ficou repetindo que nunca mais voltaria para lá, para aquela sala, para aqueles remédios.

— E o que a senhora quer fazer?

— Quero viver o resto de vida que eu tenho. — Meu pai trouxe um lenço para ela, que limpou os olhos e o nariz. Segurando o pano na mão, terminou de dizer, enquanto ele se sentava ao lado dela, fazendo-lhe carinho — Quero passar meu tempo com meus netos, com você e a sua esposa, quero ir para Poços. Quando for a hora que Deus achar que devo ir, eu vou.

— Mãe, pode ser doloroso demais até a hora que Deus achar certo.

— Eu sei — A firmeza de alma mostrou que aquela não era a primeira vez que pensava nisso — Quando minha mãe teve, você era de colo, filho. — Me beijou o rosto — Seu pai e eu vimos como foi. Talvez trinta anos depois os médicos já achem uma maneira de me fazer ir sem dor.

— Acho perigoso a gente só deixar o câncer agir sem fazer nada.

— Não é isso — Ela me puxou do chão para o lado esquerdo dela — Eu não posso viver assim por cinco anos. Eu já vi isso, eu sei qual é o final.

Cinco dias como um rei ou cinco anos como um Zé?

— Eu vou fazer uma pergunta, a senhora não me leve a mal.

— Nada do que você disser eu levarei a mal.

— Quando a senhora sentiu a primeira pontada no peito um ano antes,

seja sincera comigo, a senhora sabia o que era, não sabia?

— Eu soube a vida inteira.

— E POR QUE – Respirei. Ergui-me, me afastei. Calei a boca com as mãos por que a boca não se calaria por si.

— Eu fiz mamografia até os sessenta anos. Depois disso, eu esperei.

— Esperou o quê? Morrer?

— Quando a mãe da gente tem, a gente corre um risco grande de ter também. Eu vivi o suficiente para ver você crescer, para ver meus netos, para dar certo com seu pai. – Ela beijou o rosto dele, o tom era de despedida, como se fosse morrer hoje, assim que eu partisse porta afora. O tom mais cortante que as palavras. Cochichou alguma coisa para ele, que foi como um botão das lágrimas. Me vi impresso nele de forma que eu não aguentei mais um segundo ali dentro. Era o choro de um homem apaixonado quando percebe que a esposa está partindo. O mesmo choro com o qual comecei essa empreitada dos seis meses, quando a Fê arrancou meu carro da garagem e se foi.

Pior: por que a minha Nina só foi embora por uma semana. Não posso me imaginar na situação dele.

Aprendi a lidar com o amor, a falta de amor, a reconquista da mulher da minha vida. Aprendi a presença prestativa, a ficar mandão por vezes. Saiu da caixa um projeto de Rodrigo que nunca sequer foi concebido, um Rodrigo gostoso. Tudo isso a gente aprende, a vida bate e a gente desvia como pode. Só que eu não aprendi a lidar com a morte. De manhã eu olho para a Fê e digo que estou bem, mas me culpo no primeiro sorriso mais alegre que eu dou. Como se eu não pudesse ficar feliz, nem ficar com tesão, nem com fome, nem com alegrias repentinas, nem soltar piadas – tudo isso, isso tudo, por que minha mãe está morrendo e não tem nada, absolutamente nada que eu faça para mudar.

Eu sou um homem político. Que consegue vender qualquer coisa a qualquer pessoa. Estou querendo comprar. Quanto a Dona Morte quer para ficar longe da minha mãe? Eu pagaria. Qualquer um no meu lugar pagaria qualquer coisa para não ver a mãe nessas condições, até o mais pobre dos homens, os mendigos, os loucos: qualquer um é capaz de arrumar dinheiro da noite para o dia, acertar os números da mega-sena, da quina e da quadra, para ter a mãe de volta. Nem que fosse por um dia, só mais um.

Quando você tem um problema de verdade, coisa que dói na alma, qualquer coisa menor perde a importância. Só isso dói, só isso importa. Nos primeiros dias as pessoas ainda te perguntam se você precisa de alguma coisa, se você quer conversar, se está querendo um ombro amigo. No décimo segundo dia elas já se cansaram de você e da sua vida. Estão tocando a vida delas o melhor que podem, mesmo que eu, mais uma vez, não embarque no bonde com elas.

Mesmo meu pai, tão cinza naquela quarta-feira, já consegue levar a minha mãe no Mercado, já se divertiram comendo aquele lanche que todo mundo fala, enjoativo pra caramba, já foram no cinema, já passeiam. E eu continuo no limbo. Sem tocar nos doces, sem perceber as pessoas, tão culpado por isso quanto me sinto por não ter percebido minha mãe com dores um ano antes.

Por isso, quando cheguei em casa naquela segunda-feira 26, eu não pude contar com Fernanda querendo DR. Sentada de braços cruzados como se eu fosse um moleque que falsifica a assinatura da mãe no boletim da escola.

— Rodrigo, – ela disse – ou você faz alguma coisa, ou a gente vai brigar feio, hoje.

E não vai ser no banheiro. Largo a sacola cheia de prospectos da distribuidora ao lado do sofá, tiro os sapatos, a carteira, o cinto. Estou limpo. Sento-me ao lado dela e ela começa uma ladainha sem fim sobre o como eu estou perdendo o resto de vida que falta da minha mãe, o como eu devia fazer alguma coisa, como odeia o fato de eu ser calado. Tudo isso que eu já ouvi uma vez, mas agora relativo à minha mãe. Ela, que não tem nada com isso, que não tem nem mãe, quer vir me dar sermão.

— ATÉ ISSO VOCÊ QUER CONTROLAR, CARALHO?

— Mas Dio –

— VOCÊ NEM MÃE TEM, PORRA!

Um tapa na minha cara tão ardido quanto possível. Tapa de perder a moral. Uma coisa é você levar um soco, outra, é você levar tapa. De mão aberta. Da mãe dos seus filhos. Não chorava, o rosto queimava de raiva, de ódio. Puro e simples, de coisa que ela vinha acumulando. A boca cerrada num bico; cinco segundos depois do terremoto, aquele instante em que você checa se está vivo, aonde está, se o desastre natural já passou: os cinco primeiros segundos suspenso da realidade em que você só serve para si.

Funcionei como uma bomba-relógio pronto para explodir por doze dias e explodi na única pessoa que não merecia. Só que naquela hora eu não percebi isso, fui perceber depois. Sentia meu rosto queimar de fúria e pelo tapa que tomei. Respirávamos fundo, se fôssemos dois moleques em idade escolar rolaríamos aos murros naquele tapete.

Só que estávamos sentados, a tevê desligada, a noite que caía. O espírito rugindo como dois moleques.

— Eu sou mãe, eu tive mãe. – Disse, mais baixo do que eu disse, a raiva cuspidada, desprezo puro – O único câncer que eu tenho é você, mas eu me coloco no lugar das pessoas. Será que dá para um dia na sua vida, um só, você parar de sofrer por dentro e FAZER alguma coisa?! Eu te ofereço conversa, você não

quer conversa, eu te ofereço massagem, você não quer massagem. Vamos na sua mãe, você não consegue conversar por cinco minutos com ela, mas passa horas conversando com seu pai na sala. PORRA! E se ela tiver só mais uma semana? Se ela morrer amanhã? Se ela morrer daqui cinco dias? O que vai ser do resto da sua vida? Rodrigo, eu juro que se sua mãe morrer amanhã, eu te largo! Largo mesmo, vou dar uma de filha da puta, não quero um inútil pelo resto dos meus dias que não serve nem para chorar, nem para gritar! E se sua mãe morrer amanhã, você não vai no enterro. Tá me entendendo?! VOCÊ NÃO MERECE!

Ergueu-se e saiu. Não foi silenciosa como da outra vez que me deixou, foi embora fazendo escândalos. Me disse o que não precisava dizer. Fiquei ali. O celular apitou como louco, me tirou da raiva, me deu um susto. Era a Ana. Não tive cabeça, ignorei, deixei tocar.

A Fê chegou e eu fazia as malas. As duas crianças estavam no andar de baixo, é estranho, mas quando está todo mundo em casa você sente a casa cheia, sabe quantas pessoas estão nela por que você se acostuma com a sensação. Ela viu uma mochila minha feita e trancou a porta.

— Você é o homem mais frouxo que eu tive o desprazer de conhecer.

— Obrigado amor, também te amo – Continuei empenhado.

Silêncio. Ela ensaiava algo para dizer, conseguia ouvir as engrenagens do cérebro dela metros de distância. Só eu fazia barulho, de banho tomado, semi-vestido. Dobrando meia dúzia de camisas. Entrou no banheiro correndo, deu tempo de eu colocar um pé entre o batente e a porta, antes de ela fechar. A minha sorte é que eu estava de sapatos. Agora brigáramos no nosso habitat.

— Vai embora.

— Não, Fê, calma –

— Você não ia fazer isso? Então vai!

— Ni –

— VAI!

Sentei-me no chão, de costas nuas no azulejo frio. De frente para o espelho, ela tirava os brincos. A gente sempre precisa de uns segundos de silêncio para não fazer merda. Mordia com força o lábio inferior travando nos dentes um pranto soluçado.

— Você acha que a mochila é por que eu vou te deixar? – Soltei o ar e veio um riso junto. Cocei a cabeça, sem saber como amansar a fera, sabendo que tudo o que me disse era só o escudo de uma mulher com medo. Eu não sou um câncer para ela, nem o mais frouxo. Sorri, puxando-a para o peito, que veio não

sem antes recusar uma vez minha investida. – Nina, você nem deixou eu falar nada, já saiu brigando comigo.

— Eu brigo com você, volto e você está fazendo as malas. – Soluçou sem me olhar nos olhos – Quer que eu pense o quê?

— Que eu vi uma pousada em São Sebastião e que quero levar vocês e meus pais agora para lá.

— Quê?

— Nós estamos perdidos. – Sorri, limpando a maquiagem que escorria de um dos olhos dela – Eu não sei o que fazer, meus pais não sabem o que fazer. Minha mãe recusa o tratamento. O que eu posso fazer? Sexta, sábado e domingo eu preciso estar no restaurante, então não dá para fugir da capital com vocês no fim de semana. Foge comigo agora?

— Agora?

— A gente fica até quinta de tarde, chega aqui quinta de noite. Conversei com o Antônio, o Miguel vai receber um extra por ficar no meu lugar. Vem comigo, Nina.

Eu preciso fugir da minha cabeça antes que eu afunde esse casamento. Preciso trocar de ambientes para não ser engolido por ele, nem pelos problemas. Para poder dar esse resto de vida espetacular que minha mãe quer, que ela merece. Talvez eu convença meu pai de ficar com minha mãe lá até quando eles quiserem, tipo lua de mel.

Você ter chegado mais cedo do mestrado para comer meu rabo é um alerta. O tapa é outro. Vem comigo, eu penso, olhando para uma esposa sem reação. Por favor.

— Vem comigo, Nina. – Eu disse, olhar de cachorro pidão sem querer – Pra eu poder ir para o enterro dela.

Capítulo 33

Nascente

— Só aceito ir para a praia por causa da sua mãe. Porque ela merece ir, não porque você está me chamando – No quarto das crianças, ela dobrava as roupas dos meninos e eu as enfiava na mala. Me limitava a falar o estritamente necessário, não mais.

— Eu sei.

— Quem você acha que é para gritar comigo daquele jeito? Não sou sua puta não, tá achando o quê? Falar de mim daquele jeito, como se eu não tivesse mãe. Tá achando que está aonde?

— Me perdoa, Fê. Eu não quis –

— Quis, ô se quis. Tanto que disse. Tudo bem, Dio. Vamos para a praia, vamos levar sua mãe para ver o mar mesmo com o Lipe sem poder entrar na água. Sabe que é outono, né? Sabe que São Sebastião pode fazer frio na terça e na quarta e na quinta, né? Sabe que eu vou ter que lidar com um Lipe azedo de vontade de entrar na água e um Guto que não vai poder entrar de tabela. Mas você quer ver a porra do mar. Tá bom. Vamos lá.

— Eu não posso deixar que minha mãe morra –

— Ela esteve bem todos esses anos. Agora que você quer fazer a vida dela "valer a pena"? Agora?! E os anos que ela passou ligando para cá para saber dos netos, as milhares de promessas dizendo que ia vê-la no fim de semana seguinte e que, magicamente, algum imprevisto acontecia? Isso praia não dá jeito.

— Você não sabe o quanto eu me arrependo disso.

— Não, Dio. Você não sabe o quanto EU me arrependo disso.

— Disso o quê? Se arrepende de ter se casado comigo?

— Em dias como esse eu tenho vontade de matar você.

O copo quando já está cheio até a boca não aceita mais água. Deixa transbordar por falta de capacidade. Esse era eu, ali. Eu amo aquela mulher, o leitor sabe, o leitor viu. Só que não tem espaço na minha cabeça para mais uma briga. Fiquei quieto por falta de opção melhor. Perguntei se ela queria que eu colocasse mais alguma coisa na grande mala de viagem que os meninos dividiam, antes de fechá-la. Disse-me que não, numa voz ruim e entrecortada de choro e eu descí as escadas com a mala debaixo do braço.

Lipe e Guto decidiam quais brinquedos eles levariam e colocavam os eleitos numa sacola de mercado. De banho tomado os dois, bem agasalhados e não mais que sete horas da noite, eles negociavam. Sentei-me na sala, a minha

mala e a da Fê na porta de casa.

— Papai, – Lipe sentou no meu colo primeiro e o Guto veio depois – você está bravo com a gente?

— Claro que não.

— Você me chamou de "Felipe" ontem.

— E esse não é o seu nome?

— É, mas... – Ele não sabia o que queria dizer, mas eu entendia – Você tá mandão. Fica falando "Felihihiipe, vai tomar banho", "Felihihiipe, vai fazer sua lição".

E eu pra dizer para o meu filho que eu estou morrendo de medo? E se o tenho tratado diferente é simplesmente porque não sei lidar comigo mesmo?

— A vovó está doente.

— Doente de quê?

— É um problema no peito.

— Asma que nem eu?

— Tadinha da vovó – Guto, descontente por não ter colo, procurou a perna livre – Eu posso ajudar ela.

— É, papai. O Guto ajuda, ele é bom.

— O Guto é ótimo. – Sorri, a azeitona parada na garganta, um copo cheio que transborda agora de dentro para fora. Parte de evitar falar é evitar que tenham dó de mim. Parte é por que eu não sei dizer mesmo, mas também é por vergonha.

— Desculpa o papai parecer bravo, eu não estou bravo. Estou triste.

— Eu vou pedir para a mamãe fazer um bolo pra você.

— Um bolo?

— É, ué. Bolo deixa a gente feliz.

A Fê riu lá do alto da escada, se entregando. Os meninos olharam para ela e falaram um "A-há!" como se a tivessem pego no flagra. Olhei para ela só quando limpei os olhos mareados.

— Eu fico pensando se vocês dois querem que eu faça bolo para o papai, ou se é para vocês dois.

— Para o papai!

— É, mas a gente vai comer também, né.

— Então se vocês dois vão comer, vão me ajudar a fazer.

— Não Fê, não precisa.

— Fica aí, papai. A gente vai fazer um bolo e já volta.

Fiquei sozinho na sala e ouvi a porta da cozinha se fechar. Antes, ouvi um "e não entre aqui!", do Lipe. Liguei a tevê pela simples falta de coisa melhor. Puxei o celular e vi quatro ligações perdidas de um número que eu não conhecia.

Retornei, era o pai da Ana. Disse-me que tem uma semana que não consegue falar com ela, que está muito longe de São Paulo para visitá-la. Puxei o Facebook, vi que a última postagem foi antes ainda do dia que a vi no hospital. Liguei para ela. Nada. Liguei de novo. Nada.

— Fê. – Disse, puxando a porta da cozinha.

— Sai daqui! Não é para você entrar.

— Espera Lipe, é coisa séria. Fê, o pai da Ana ligou, não consegue falar com ela. Eu liguei também e ninguém atende. Enquanto vocês estão aí, tudo bem se eu for na casa dela?

— Ligue se conseguir falar com ela.

— Papai já vem.

Nessas horas só passa besteira na cabeça da gente. Peguei o carro estacionado na calçada e fui. Eu sabia que ela morava em algum lugar da Vila Mariana, mas não sabia aonde. Liguei para a Bia que respondeu ofegante. Pedi o endereço da Ana, mas não lhe dei grandes detalhes. Fui. Peguei o trânsito da Arcoverde inteiro. Uma hora só para chegar. Na soleira da porta do edifício velho, desses que tem lojas no térreo e elevador com cheiro de guarda-roupas, liguei para a Fê.

— Acabei de chegar, Fê, peguei trânsito, está tarde. Você poderia ir indo para os meus pais? Se quiser, deixa as malas aí que eu pego depois.

— Você falou com seus pais da ideia da praia? Eu não quero chegar lá com duas crianças e outro bolo sem que eles saibam o que estou fazendo lá.

— Eu falo. Vai indo de qualquer jeito, que eu aviso eles.

Desliguei. Liguei para meu pai, que atendeu o telefone rindo. Expliquei, ele se animou rápido com a ideia, tão rápido que sequer parecia meu pai. Ele daria um jeito de convencer minha mãe. Desliguei. Aí virei-me para o porteiro.

— A Ana Clara do 402?

— Tem três dias que eu não a vejo.

— Só estou vindo por que o pai dela me ligou, ele está preocupado. Posso subir?

Ele deixou, aquilo não era um bom sinal. Um porteiro que não desconfia do visitante não é um bom porteiro. Subi pelo elevador que não cabia mais que duas pessoas e parei na frente da porta dela, com um filtro dos sonhos pendurado no número. Bati na porta e encostei o ouvido, esperando barulho. Esperei, mas não esperei muito, fui batendo de novo. E de novo. As besteiras que a gente pensa quando está diante de um quadro desses já me gritava, a vontade era de dar uma de policial de filme americano e dar com o pé na porta.

Mas por sorte, antes de eu ter que gastar uma grana violenta com portas novas, ela abriu. Os olhos de sono, de camiseta branca sem sutiã e sem calças, os

cabelos num rabo de cavalo frouxo e os olhos tão inchados quanto duas bolas de bilhar.

— Mas que porra que acontece com você que você não atende o telefone?

— Perdi meu celular. — Me deu espaço para entrar no pequeno apartamento dela, a maior bagunça que eu já vi, uma Fernanda de vinte anos piorada em muitas vezes. Pote de pipoca jogado no chão, latinhas e latinhas de cerveja e outras bebidas, meias e calcinhas espalhadas. Pilhas de roupas sujas em cima do sofá e da poltrona. A tevê na novela.

— Você perdeu o celular nessa bagunça, né.

— Capaz. — Jogou-se no sofá de pernas abertas, a camiseta subiu e eu via uma calcinha cinza de corações. Sentei do lado dela, em meio à sutiãs e bolsas. Ela nem se dava ao trabalho de me dar espaço, eu que fui cavoucando área para a minha bunda.

— A fossa tá assim, é?

— Fossa é apelido.

— Eu tenho visto a Bia.

— Ela tá legal?

— Tá se virando. Bem não está, mas também não está desse jeito, não. Tá gostosa, pelo menos.

— Que coisa inteligente de se dizer para a namorada dela.

— Ex*. — Corrigi. Não precisava, mas fiz questão.

— Você quer ir tomar no seu rabo?

Com uma Ana arredia eu sabia lidar. Com uma Ana nervosa, não. Pedi desculpas. Saí depois, catando os lixos da sala. Seria difícil conversar, então eu fazia o que conseguia. Ela, ainda bem, me acompanhou. Veio tirando as roupas de cima dos móveis, os sutiãs, as bolsas. Até aquele cômodo ficar habitável e nós partirmos para a cozinha que merecia um capítulo inteiro só de descrição.

Como diria Antônio, aquilo certamente não era de Deus. Penso no que diria Antônio, renomado chef de cozinha, se visse o estado daquilo. O armário da cozinha estava vazio, pelo vidro a gente não via sequer uma mosca, mas na pia, a situação era outra. Até irei a camisa para não sujá-la.

— Você vê se dá um jeito no seu quarto, enquanto eu estou fazendo isso aqui — Mandeí. E ela foi, sem me dizer palavra.

A minha sorte é que a Ana raramente cozinhava. Ela era do tipo que pedia comida por telefone, então o lixo dela transbordava, mas as panelas na pia não me deram gastura. A maioria ou estava suja de café, ou de miojo. Eu sinceramente não sei o que faria se encontrasse uma panela de feijão suja por mais de três dias. Sinceramente, não sei mesmo.

Encontrei uma Ana chorosa, a cama arrumada, tralhas ainda pelo chão. A cama de casal com lençóis cor-de-rosa e dois travesseiros. Sobre a mesa do computador encostada debaixo da janela, eu via mais fotos da Bia do que qualquer outra coisa. Era como se a mesa do computador fosse um altar, as fotos, a imagem da santa e a Ana, uma reles mortal diante da divindade, sem saber o que fazer. Tínhamos motivos diferentes, nossos santos não eram o mesmo, mas a sensação e o fervor eram.

Sentei-me do lado dela, já era quase nove horas. Chorou no meu ombro sem parar, escondendo o rosto de mim. Não duvido nada que tenha feito isso nos doze dias últimos. Não duvido também que não tenha visto a cor do dia, que tenha faltado no serviço. Eu não tinha coisas bonitas a dizer a ela, mas pelo menos me foi bom confortar em vez de ser confortado, só para variar. Acho que isso também acomoda a gente, você se ver numa zona de conforto sabendo que todo mundo liga para você e sua dor. Você meio que... se acostuma a ela, não luta contra. Ver a Ana chorar no meu ombro, ter seu primeiro conforto em dias, me deu um minuto de sabedoria.

Enquanto eu tinha todo mundo ao meu redor me confortando, ela não tinha ninguém. O pai estava longe, a namorada estava fora. Eu me sentia sozinho com todo mundo. Ela talvez se sentisse sozinha realmente estando sozinha. E essa, eu posso só inferir, eu nunca fui um homem sozinho, mas essa deve ser a pior sensação do mundo.

Não comparo dores pois isso não se faz. Coração partido é uma coisa, a perda da mãe é outra, mas ver a Ana sozinha me fez ficar grato por eu não sê-lo. Por eu ter uma família que me ama e pais que se amam. Por minha mãe não ser sozinha e por ela não ser a única pessoa que me importa nessa vida. Eu sou rodeado de pessoas que me importam, inclusive pela lésbica chorona que tem medo do casamento que agora se despedaça pela merda que fez.

— Vem comigo para a praia.

— Eu não quero merda de praia.

— Vem comigo pra merda da praia. — Puxei o rosto dela para que olhasse para mim. Se nos flagrassem, qualquer um diria que aquela é uma cena que precedia um beijo — Eu estou fugindo daqui até quinta-feira. Foge comigo.

Eu estou colocando expectativas tão fundas nessa "mudança de ares", que se chover naquela merda, muita coisa vai dar errado. No fundo eu sei disso, mas não me importa. Só o fato de sair do olho do furacão já vai compensar.

— Eu estou levando meus pais, meus filhos e a Fê. Vem também. Pelo menos, pensa só: você ainda estará na fossa, mas estará bronzeada. Aqui você está na fossa e pálida. Parece um bom negócio, pra mim.

— Vai chover naquele caralho.

— E vai chover aqui também. Então... Que venha chuva. – mentira, São Pedro, não bota chuva, não – A gente vai tomar banho de mar, depois que a chuva parar, daí a água vai lavar a sua alma e você vai parar de ser idiota com a Bia.

— Eu não estou sendo idi –

— Olha, faz sua mala. – Geralmente eu tenho mais paciência e mais tato, mas as coisas não estavam nem um pouco boas para mim, também – Minha mulher e meus filhos estão esperando.

— Nem sei se tenho roupa limpa.

— Leva suja e lava lá. Agora, vai.

Dez horas cravado estávamos na casa da Fê. Os meninos só não dormiam pois estavam esperando que eu chegasse para me dar o bolo. Beije o rosto de uma mãe e um pai contentes e estranhamente empolgados com a ideia da praia, dois meninos-grilos que não pararam de pular rodeando uma Ana que aos poucos ganhava cor.

Jantei, Ana e eu, a janta da minha mãe, enquanto os demais me esperavam para comer o bolo cheio de cobertura de brigadeiro em cima e confetes coloridos que eu tinha certeza ser coisa do Guto, que adora enfeite em cima do bolo. A mãe tinha um pote de sorvete fechado, que serviu como uma luva com o bolo. Na altura do terceiro pedaço, ao menos a Ana já sorria e eu fiquei feliz com isso.

Senti que para o clã estar completo, só faltava a Bia, o Antônio e o resto da família dele. Talvez dê para a gente se juntar mais uma vez, eu penso, antes de eu perder a cor.

O alvo da escapada não era bem São Sebastião, mas Ilhabela. A primeira praia que eu fui foi lá, Praia das Pedras Miúdas e eu, por não ser um sommelier de praias, quero ir para a que gostei mais. Tentei alugar a mesma pousada que a Fê e eu ficamos há mais tempo do que o Lipe é vivo, mas pelo Google, descobri que não existe mais.

O Lipe e o Guto brigaram para ver quem ia no carro do vô. Acabou que o Lipe venceu e, chorando, o Guto seguiu viagem comigo, a Fê e a Ana, mas que não esperou sequer que chegássemos à Marginal Tietê, para capotar. A Ana ao menos, esperou até que chegássemos na Rodovia dos Tamoios.

— Você está muito brava comigo? – Com o carro silencioso e aquele clima de viagem de noite que eu não gosto muito, a Fê e eu quase cochichávamos.

— Não começa. – barrou.

Quatro horas de viagem guiados por GPS. Seriam menos horas, mas eu não corro quando tem mais gente no carro. De noite e durante a semana só tem

caminhoneiro na estrada e é deles que eu tenho mais medo. Meu pai, prudente também e sem conhecer a rota, sempre seguia atrás de mim. A Fê ia e vinha do sono, a Ana e o Guto capotaram e não acordaram mais.

Quando nos dividimos nos carros, meu pai ficou com o celular da Fê, mesma operadora que a minha, para caso acontecesse alguma coisa. Quinze dias em São Paulo e nós ainda não tínhamos comprado um chip paulista para o celular rudimentar que meu pai sempre trazia pendurado no cinto da calça por um suporte no passa-cinto. Liguei para ele lá pelas duas da manhã, quando o sono batia forte. Descobri que minha mãe dormia também.

Me contou das coisas que eles aprontaram nesses dias em São Paulo, quando não estavam conosco. Da ida ao Mercado, ao Aquário de São Paulo, ao Masp e falam que quase todo dia estão batendo cartão no Sesc da Faria Lima, ali perto do restaurante. Ele fala dos feitos com empolgação, mas eu sinto uma pontada de tristeza no fundo. Fico me perguntando se ele faz isso por saber que falta pouco tempo de vida na minha mãe.

— Vocês dois deviam sair do país ao menos uma vez.

— Nós dois?! – Pareceu uma idéia de outro planeta – Duas matracas velhas que não falam nem português? Pra quê?

— Argentina, quem sabe. E o Nordeste. Bahia, Maranhão, Recife. Acho que a mãe ia gostar mil vezes mais das praias de lá, do que as daqui.

— Agora que a gente saiu de Poços (Espere aí, filho) – Ouvi uma troca de falas entre meu pai e alguém que julguei ser meu filho, mas não entendi o conteúdo da conversa. Provavelmente ele enfiou o celular ou no bolsão da porta do carro, ou no meio das pernas – Filho, tá aí?

— Tô.

— Do que eu falava mesmo?

— Que você e a mãe saíram de Poços.

— É, isso. Agora que a gente saiu de Poços e está... como é que vocês dizem isso?

— Não sei.

— Tem a ver com bolsa.

— Mochilando?

— É. Agora que sua mãe e eu estamos mochilando por São Paulo, me arrependo de não ter começado antes.

— Vem vindo para a pista da direita que na próxima saída a gente entra.

— Esta com placa "Litoral Norte?"

— Isso, saída 96. Vem vindo para a direita que esses caminhões são tudo doido. Olha, eu vou desligar por que agora eu preciso prestar atenção na tia do GPS. Fica colado em mim e me liga se precisar.

— Tá bom, Filho. Beijo.

— Mãe, a senhora tá acordada? – Cinco da manhã. Não tinha nem uma hora que havíamos chegado. Todo mundo instalado no primeiro andar da pousada de três andares, a Ana sozinha num quarto, Lipe e Guto noutra quarto ao lado do meu e da Fê, e meus pais num outro. O corredor inteiro nosso, diga-se. Eu sabia que as crianças já estavam dormindo, pois elas já dormiam desde o carro. A Fê também demorou muito pouco para dormir. Eu é que não conseguia dormir.

— Não, filho – Mas meu pai roncava.

— Está vestida?

— Preciso colocar calças.

— Te espero lá embaixo em cinco minutos, então.

O que um homem faz, cinco horas da manhã, passada a noite em claro? Só deu tempo de eu tomar um banho desde que cheguei, tentando lavar também o cansaço que chegava. Minha mãe usava uma blusa de frio grossa, os cabelos debaixo de um lenço. Cruzava os braços na frente do corpo tentando se esquentar.

— Meu filho, o que foi?

— A senhora aceita andar comigo?

— Agora que já estou aqui...

Avançamos em direção à saída, minha mãe de braços dados comigo. Como fazia um bom tempo que eu não andava por aquelas ruas, demorei um tempo para me orientar. Era só seguir reto à esquerda a vida toda, que uma hora nós chegaríamos.

— Como é frio aqui, Jesus Amado!

— A senhora que é friorenta.

— Não está com frio?

— Não a esse ponto.

Era de noite, ainda. As ruas desertas, se fossem em São Paulo, me dariam medo. Lá, de qualquer viela mais estreita, a gente supõe que sairão mau elementos querendo levar nosso dinheiro, ou pior, nos levar. Ali eu não tinha medo. Tinha um amor por aquela cidade, mas eu não me lembrava exatamente o motivo. Nenhuma das coisas especiais, que eu me lembre, aconteceu ali. Houve boas recordações, foi uma boa viagem, mas eu não posso me lembrar exatamente o que tinha de especial ali.

Já andávamos por pelo menos dez minutos. Larguei meu celular no

criado-mudo e não tinha como consultar as horas, mas supus que já completasse dez minutos em meio a uma cidade deserta. Só paramos, minha mãe e eu, quando encontramos a areia. Fiz que ela sentasse comigo no camarote e esperamos o espetáculo.

Desejei ter óculos de Sol para que ela pudesse ver melhor o que estava por vir, mas eu também me esqueci disso.

— Vê se não vai dormir, hein. – Ri.

— Não entendi. Não é melhor a gente voltar para ver o mar quando estiver claro? Assim me assusta.

— Calma, mãe. Vai compensar.

Quando o sol tocou o mar tudo compensou. Tudo compensou. Foi como um tapa na minha cara me dizendo que eu não sou nem dez por cento tão importante quando penso que sou. Que eu não vou durar nem um décimo do tempo que eu acho que vou. Que nada é tão grande que se compare àquele espetáculo que um dia a Fê mostrou para mim desta exata mesma forma que eu estou usando para mostrar para a minha mãe. Não sem antes a Fê me soltar uma nerdice como “a luz leva oito minutos para tocar a terra, no nascer do Sol”, e, veja, nem disso eu me esqueci.

Minha mãe, boquiaberta, mineira sem mar e de muita cachoeira, chorou. Eu chorei também, bem pouco. Daríamos uma como aqueles hippies da Paulista, bateríamos palmas para o movimento que o Sol faz todo dia e ninguém nota, mas não somos desses. Na minha família todo mundo internaliza tudo, esconde tudo, não mostra. Pensamos que podemos atrapalhar os outros, que seremos um estorvo se pedirmos ajuda. É isso o que um dia vai acabar com a gente. Minha mãe provavelmente passa o dia com dores, mas não diz. Meu pai, embora mais feliz agora, deve chorar quieto no banho pensando o que vai ser da vida quando a mulher da vida dele se for.

Eu, o Rodrigo de trinta e seis anos, olha para aquele moleque da porteira, doce e besta como eu fui e talvez nunca tenha deixado de ser, olha para aquele Sol com a mesma impressão que tive aos meus vinte e poucos, e olha para a mãe dos três Rodrigos com os mesmos olhos de sempre. Eu mudei, não vou mentir, mudei muito. Fui do A ao Z dos adjetivos todos. Só que o amor que tenho por ela, aquela mulher que é irradiada pelo Sol todo dia, mas que nunca o vira nascer, esse nunca mudou. O moleque da porteira, o migrante de vinte anos, o pai de agora. Essa é a sensação que me define, se me perguntassem. Amor que não se mede, não se cobra, não se abala. Aprendi a amar com essa senhorinha. Talvez a coisa mais valiosa que ela me ensinou, a que fica marcada como uma cicatriz moral que não vai sair.

— Eu vou sentir uma falta tremenda da senhora. – Tomei-a de assalto

como se ela fosse um bicho de pelúcia de um moleque que acabou de tomar bronca da mãe.

— Não fica assim, filho.

E aí eu chorei. E aí consegui colocar para fora tudo o que venho guardando. Sim, sou frouxo. Tudo bem, não me incomodo. Sou cuzão, relaxado, relapso, do que a Fê quiser me chamar. Não tem problema. Ninguém sabe como vai lidar com as perdas, cada um lida com a dor como pode. Eu viro um inútil-funcional, é assim que eu sou. Tem coisas que as pessoas reclamam de você, mas o que caralhos você pode fazer? Negar a si mesmo? Fingir que sabe lidar com a dor de forma madura e inteligente, quando na verdade dor é um animal irracional que te acua num cantinho, você, sem faca nem dente, sem saber como reagir e nem como revidar?

Ninguém sabe como vai reagir quando descobre que sua mãe está morrendo. Pode cogitar, predizer, dar uma de mãe Diná. Ninguém vai chorar como o adulto que é, quando a mãe está em risco. Ninguém. Troque, se quiser, "mãe" pelo "ente querido". Ninguém vai erguer a cabeça e enfrentar o monstro sem antes chorar como um condenado.

Eu levei dias para conseguir chorar, dias.

Agora eu choro.

Capítulo 34

Meio-Dia

Mãe, eu disse a ela, por favor, volte para a químio. Por favor, não deixa essa doença te levar de mim.

Mãe, eu disse a ela, o Sol nascendo, dois corpos na praia deserta, na areia branca. Não se deixe levar. O que vai ser do pai? O que vai ser de mim? O que vai ser daquela casa em Poços? Eu aceito que a senhora morra, não é que eu queira lutar contra Deus. Mas mãe. Por favor mãe- Por-

Era como se ela fosse a carrasca de si. Como se eu fosse o parente de uma vítima implorando para que o algoz tenha algum tipo de consciência. Para que ela tivesse um mínimo de piedade com quem fica. Para que aguentasse comigo e com o pai a todos os tratamentos que conseguissem inventar. Era disso, era esse o choro que vinha conforme vinha também o Sol. Eu não aceito, nem consigo aceitar que ela encare a morte daquele jeito pacífico, passivo e tão... besta.

Onde está a minha mãe-fortaleza, a minha mãe-divindade, a minha mãe-rainha? Não era aquela mulher. Tinha um pouco de raiva no meu pranto. Deus coloca uma porra de um obstáculo e é assim que ela reage? Para diante dele e diz "não vou pular, fim da minha pra mim?" É isso? Só isso? Depois de tudo o que nadou, ela olha para aquele degrau e diz "Aqui Jaz"? Como pode? Quem é aquela? A vendedora de queijos de porta em porta que não era.

A gente romantiza as guerreiras nas mulheres por que a gente acha que mulher e guerreira não são palavras que combinam. A gente enfatiza "guerreira" quando quer chamar uma mulher de forte porque "mulher" é um termo fraco. Minha mãe não precisa de ênfase. Minha mãe é o que é, o indizível, o indecifrável. A parte que colocou uma consciência em mim. Se meu pai me ensinou a ser marido, aquela mulher me ensinou a ser homem. E não "homem da casa", mas homem. No cerne da palavra "homem", no termo forte da palavra "homem", que não é tão anverso da palavra "mulher". Termos idênticos.

Ela não só coloca um sorriso na cara de qualquer pessoa que lhe cruza a rua, não só é simpática com qualquer infeliz que lhe cruza o caminho, mas é a fada sensacional que com uma varinha de condão e um bolo, é capaz de conquistar o mundo. Foi esse o tipo de pessoa que ela me ensinou ser. É esse tipo de pessoa que eu cobro dela, naquele momento, enquanto ela tapa com a mão o Sol que nasce forte como um bebê de três quilos que já nasce de olhos abertos.

— Vejo você e seu pai me olhando como se eu já estivesse num caixão. Eu não aguento mais um minuto de vida olhando vocês dois com cara de enterro.

Seu pai pensa que me engana, mas eu conheço aquele homem como a palma da minha mão.

"Vocês estão movendo mundos e fundos para mim, agora. Não paro mais em casa porque vocês dois decidiram me mostrar o mundo. Eu aceito, tem sido gostoso. Só que vocês dois estão assim agora por que sabem que eu vou morrer. Quer saber de uma coisa, meu filho? Não quero levar para o túmulo coisas boas que vieram de arrependimento. Seu pai nunca foi de tomar café fora de casa. Nunca foi muito de comer fora de casa. Ele não quer mais que eu fique em casa, cada dia a gente conhece um canto diferente dessa cidade. É bom, descobri um monte de tempero que eu não conhecia. Só que... o que eu gosto no seu pai é quando ele chega do serviço. Quando ele senta e come o que eu fiz e fica falando do serviço dele, pergunta como eu passei o dia. Agora nós não conversamos. Eu conheço um monte de lugar, mas a culpa... A culpa – A culpa ele não consegue esconder."

"Eu só quero terminar meus dias do jeito que eu vivi a vida toda. Obrigada por você ser mais presente agora, ter me trazido para São Paulo, sua mulher ter emprestado a casa da família dela. Obrigada por isso tudo, é tudo tão bonito... Mas quando eu vou fazer o que eu quiser? Eu quero ir para a minha casa, dormir na minha cama, brincar com as filhotas da Gequinha, receber minhas amigas em casa... Filho, parece besteira, mas sabe há quantos dias eu estou sem ver um catálogo da Avon e da Natura? A Dona Filipa pegava aquele carrinho velho dela e vinha até a minha casa só para me mostrar eles. A gente ria a tarde toda, de vez em quando vinha a vizinha dela, também. Seu pai sabia quando chegava coisa nova pra mim porque ele dizia que eu ficava cheirando bem."

"Eu não quero nenhum final de novela. Eu só quero deitar, fechar meus olhos e ver vocês tudo lá de cima, perto da minha mãezinha. Deus sabe o que faz. Ele quer dar meu fim igualzinho ao da minha mãe. Eu tive anos para perceber. No começo eu fiquei muito nervosa, minha mãe sofreu demais, tirou as mamas, naquele tempo era tudo mais difícil e a gente não tinha condições. Naquela época eu estava assim igual você, obrigando ela a lutar, a ir no médico, tomar aqueles remédios todos. E eu fiz mais mal que bem, no fim das contas. Se eu tivesse ouvido ela, ela não tinha terminado os dias dela comigo lavando ela com um paninho. Eu não quero que você me lave com um paninho, essas coisas acabam com a dignidade da gente, quero morrer com a cabecinha boa".

— Obrigado por ter dito isso – Chorei e limpei o focinho com as costas da blusa. Abracei-a sentindo o sol queimar meu choro. Ela me abraçou tanto e tão forte, que eu senti o resto das coisas que não conseguia dizer. A gente não limpa o peito com dias de silêncio. A gente limpa o coração com minutos de

conversa. É essa a muleta que a gente usa quando não consegue se erguer sozinho. A gente usa a conversa, as palavras de amor e a sinceridade. Limpei de novo meu focinho liquefeito, aspirando o cheiro salgado do mar e do dia. – Você devia dizer tudo isso para o pai também.

— Já conversamos, mas ele precisa de mais tempo.

— Quer que eu converse com ele?

— Não. Seu pai é daquele jeito, teimoso que só. Um dia ele entende por ele mesmo.

— Desculpe ter tomado as rédeas da situação. Achei que era esse o meu dever.

— É bom que você tenha agido, não estou reclamando, também não estou reclamando agora.

— Eu entendo, – Beijo o rosto dela ainda manchado de lágrimas espessas – é bom a gente ser franco assim, de vez em quando. Me abre os olhos.

— Filho, – Eu já sabia que ela iria pedir isso – só tem uma coisa que eu queria ver antes de Deus me levar.

— Estou trabalhando nisso. – Rio, coração leve, sorriso solto e o Sol bonito de um São Pedro Benevolente – Só que aquela mulher é ruim. – Rio de novo. Contei a ela, finalmente contei a ela sobre o jeito que a Fê me abandonou, o projeto dos seis meses e tudo o mais. Meu pai sabia e agora ela também sabe.

— A Ana dormiu com o Lipe, hoje. – Todos comiam o café colonial da pousada. Minha mãe bocejando noutra mesa, conversava com meu pai e a dona da pousada. Não era mais que dez da manhã, eu não tinha dormido nada. Lipe e Guto já tinham comido e brincavam de correr dentro da propriedade. Dava para ouvi-los de onde estávamos sentados. A Ana ainda não tinha descido, mas já estava acordada.

— Ela foi para a cama dele, ou ele para a dela?

— O Lipe foi para a cama dela.

— O Lipe tá ficando sem-vergonha.

— Eu não achei que o Lipe teria essa sensibilidade. – Aí está uma gata que se surpreende com a ninhada – Perguntei a ele por que ele fez isso, sabe o que ele respondeu? Disse que ouviu a Ana chorando do quarto dele, ficou se sentindo mal por ela.

— Vish, – Troquei de assunto – se eles ouvirem a Ana chorando, então a gente vai ter transar calado.

— Quem falou de transar? – A xícara branca na boca, o olhar de

desprezo para cima de mim. Ok, ela está brava. Tem razão de estar brava, eu não tiro isso dela. Mas vai ter que se esforçar melhor se ela acha que esses olhos me enganam. Ah, vai.

Troco de cadeira. Da cadeira da frente dela, vou para a cadeira à esquerda dela, onde o Guto ocupava antes de disparar como um foguete. Fazia Sol, um sol bonito de que vai me dar um calor de rachar mamona na areia. É assim que se separam os meninos dos homens. Os meninos abaixam a orelha e dizem "sim, senhora" quando a esposa olha com essa cara de nojo. Os homens mostram para ela que ela vai ter que fazer mais do que uma cara feia, se quiser recusar sexo. Tasquei um beijo no rosto dela, fui descendo para o pescoço nu, subindo para a orelha. Ela sorria, venci. Ela mexeu as pernas, venci de novo. Continuei pois sim.

— Oi. – Ana disse, mais alegre que no apartamento dela. – Posso sentar aqui?

— A cadeira foi praticamente cunhada para você – Irônico, eu? Ela colocou a bolsa em cima da cadeira e foi se servir no bufê. Ouvíamos a risada dos meus pais metros de distância e aquilo era bom sinal. A Fê colocou a mão no meu rosto, me deu um leve beijo na boca. É assim que a gente faz as pazes. Os cabelos dela estão para cima num coque, as costas estão cobertas por uma blusa de frio. Chinelas nos pés e um vestido descompromissado. Aprendo a gostar de uma esposa sem saltos e zero elaboração.

— Você chegou tarde. Aonde foi?

— Purgação. – Respondi. Ela franziu a testa com um sorriso na boca, bebendo um gole da xícara em seguida. – Levei minha mãe para ver o pôr do Sol. Coloquei umas coisas para fora.

— Você está melhor, agora que purgou?

— "Purguei" – Ri, observando a Ana voltar. Shorts e chinelos. Uma camiseta da Joy Division e óculos escuros servindo de tiara. – Do jeito que você fala, parece que eu me caguei todo.

— Quer que eu encha sua xícara, Fê? – Ana se oferece enquanto a Fê ri e assente com a cabeça.

— Purgação... – Ela repete – Será que agora você consegue ser meu marido de novo?

Aquele era seu marido em luto antecipado. Esse ainda é seu marido. Eu ainda sou aquele cara em luto. Aprenda a lidar comigo, também. Nem todo dia vou conseguir ser um príncipe encantado num cavalo branco, nem todo dia estarei com ânimo. Você devia saber disso melhor que todo mundo, caralho.

A Ana se senta, coloca a xícara da Fê no lugar dela, visivelmente incomodada. Provavelmente se sente atrapalhando nossa conversa, mas logo a

incluímos.

— Quer dizer que você roubou meu filhote na calada da noite?

— Estou apaixonada pelo bonito. – Diz, mordendo um pão de queijo que não é nem dez por cento do pão de queijo da minha terra Natal.

— O que ele te disse?

— "Meninas são complicadas". – Disse. E riu. – Que a gente chora de alegria e de tristeza, que nunca dá para saber qual é qual. Aí ele perguntou por que eu estava chorando.

— E o que você disse? – A Fê e eu somos dois pais apaixonados e babões. Muito babões.

— Eu disse que a eu amo muito a Bia, mas a Bia não quer mais nada comigo. Ele nem ligou mais para o fato de a Bia ser menina e eu também, só disse que "Quando a mamãe quebrou o coração do papai, o papai chorou muito também."

— Viu? Você quebrou meu coração. – Brinquei com a Fê.

— Não quebrei!

— Quebrou, até o Lipe sabe.

— ... Aí ele disse que era melhor eu conversar com você, Cinco, por que você entendia de coração quebrado, mas que ele podia ficar comigo até que eu dormisse, se eu quisesse.

— Ele disse isso? Que eu entendo de coração quebrado?

— Ué, vou mentir?

— O Lipe é uma graça, – Disse a Ana – que ele não cresça e fique cuzão, desses moleques que misturam uísque com energético e se sentem os fodas da balada.

— Ele é meu filho, pô. – Defendo.

— Por isso mesmo. – As duas acham essa a maior piada.

Não mais que dez e meia, nós seis estávamos na rua, grossas camadas de protetor solar. O plano era pegar a balsa e visitar a praia das Pedras Miúdas antes do almoço, almoçar por Ilhabela e depois voltar para São Sebastião. Fizemos isso, conseguimos pegar a balsa das onze horas, o trajeto não demorou muito. Fazia sol. Sol legítimo, sol de verdade. E meu pai quando viu o mar não era mais que um moleque de dez anos. Minha mãe e as crianças correram atrás, direto para a água. Nada do que eu e a Fê fizéssemos impediria aquele par de jatos ultrassônicos de invadir a água. Estendemos a toalha perto da água, mas não muito, a Fê largou as coisas dela comigo e foi correndo para o mar com os meninos. Três jatos supersônicos.

— Aquela lá só fez isso para deixar a gente a sós. – Ana ria, colocando cada chinelo na ponta da toalha para impedir que ela voasse. – Ela é inteligente

pra diabo, mas para sutilezas, é como um elefante.

São Pedro realmente atendeu meus pedidos. Rachava mamona. As crianças jogavam água no avô e na avó, a Fê jogava água nos meninos e de vez em quando eu ouvia um "Mãe, PARA!".

— Tem uma coisa que está me incomodando. — É, a Ana queria conversar. Eu só queria olhar pros meus filhos, meus pais e minha mulher e de vez em quando, para a linha azul do horizonte. Precisava de um tempo para pensar, mas a Ana queria conversar. Acho que devo isso a ela. — E se eu fosse hétero? Você teria ido na minha casa me trazer para a praia? Teria me visto de camiseta sem sutiã sem que a Fê chiasse?

— Olha, — Sejamoss sinceros por umas linhas — eu vivo imaginando merda entre você e a Bia. Até que agora dei uma parada, mas até um tempo atrás, nossa senhora.

— Tá, mas não é isso o que eu digo — Desceu os óculos de Sol e cruzou as pernas — Se eu fosse hétero, quero saber, a gente teria ficado tão amigo?

— Não sei. Talvez. Não sei. Outra circunstância, outro motivo. Você me ajudou em muita coisa, você até pode achar que não. O fato de você gostar de xoxota não muda na minha vida. Talvez, penso clichê, mas é verdade, talvez a Fê ficasse com muito ciúmes, mas ela nunca chegou a perguntar se você era lésbica ou se era Bi. Não sei por que você começou com essa merda. Faz diferença pra você se eu gosto de rola ou de boceta?

— Antes de eu namorar a Bia meus amigos eram todos gays também. Você é meu primeiro amigo hétero desde a época da escola.

— Tá. E?

— Agora você é o único amigo que eu tenho.

— Vem aqui, — Rodeei os ombros dela com o braço e beijei-lhe o topo da cabeça — você devia falar com ela, Ana. Devia dizer para ela o que você sente e do que tem medo.

— Você tá me dando esse conselho da boca para fora.

— Me critique depois que eu terminar de dar a merda do conselho. — Senhor Deus: Se o casamento muda uma pessoa, que a Bia faça da Ana uma pessoa menos turrona. Menos desconfiada, também. — Eu falei com a Bia. Por que você nunca me disse que foi casada?

— Ela te disse isso?

— Disse. Você tem medo do quê? De esse casamento seu e da Bia se torne rotineiro e sem graça?

— A Bia quer filhos. Isso me apavora. A Bia quer que eu me mude para o apartamento dela. Eu estou morrendo de medo. Eu quero muito a Bia, tudo naquela mulher é sensacional. Eu passei a noite com algumas mulheres depois

da Bia e... Não é mais o que costumava ser.

— Tá pior com ou sem a Bia?

— Sem ela.

— Então não vale a pena encarar o medo para ficar com ela?

— Facebook é uma coisa engraçada: As pessoas colocam tudo da vida delas lá, a Bia faz isso também. Depois que a gente parou de se ver, só marcam ela em foto de festa e balada. A Bia partiu para outra.

— A Bia está com raiva. Segue a vida dela o melhor que pode. Você no lugar dela não faria o mesmo?

— Se você, no começo desses seis meses, tivesse encontrado a Fê na cama com outro, o que você faria?

— Eu arrancaria ela de cima do pau do sujeito e arrastaria ela para casa pelos cab-

A Ana começou a rir muito alto. A Fê saía da água, o corpo molhado, cabelos ensopados. Perdi a fala, perdi o ar e perdi a compostura. Eu sou um cara visual, a minha sorte é que eu usava short por cima da sunga, ou do contrário eu me sentiria muito mal de ficar de pau duro na frente da Ana.

— Nossa, Amor – Tomei o ar, enquanto minha musa chegava mais perto – Volta lá e sai da água de novo?

— Você não merece, – É assim que o casamento estapeia a fantasia e te traz de volta para a vida – pega os óculos de nadar dos meninos para mim?

— Pera aí. – Vasculho a bolsa dela, encontro-os e os entrego.

— Você não vem para a água?

— Vou, mas não posso levantar agora.

Não tem tapa que me faça tirar o sorriso do rosto enquanto eu vejo a minha mulher num biquíni preto muito fácil de tirar. Lembro na hora de uma Fernanda insegura com o corpo, chorando no banheiro, metendo-se num maíô sem graça e imenso. Ela se vai. Esqueço como é que se fala as coisas enquanto ela se vai. Esqueço como é que se pensa em outras coisas, no como o coração da Ana está partido e precisa de ouvidos, no como meu pai tem menos idade que meus dois filhos e no como minha mãe parece bem e saudável. Esqueço tudo. Só tem aquela bunda diminuindo conforme ela se vai.

— Terra chamando Cinco?

— Oi. É, oi. Fala.

— Você dizia sobre se acaso você encontrasse a Fê dando pra outro.

— Ah, é. – Retomei, sem lembrar onde larguei o fio da meada – Se ela tivesse dando pra outro cara você, além de cinco, poderia me chamar de corno.

— E dos mansos, ainda.

— Eu só sei que eu ficaria muito puto se ela gozasse com o sujeito e não

comigo. E se fosse o André ainda, minha Nossa Senhora.

— André, quem?

Contei do André. Da Geca ela sabia, a Fê contou, mas a Ana não sabia que eu tinha dado um soco no marido da Geca. Ela riu. Disse que pagaria muito caro para me ver dando um soco num homem. Disse que não acredita que bati e não levei. Riu alto conforme eu contava. Contei até de quando fomos na casa deles resolver o impasse. Fui escorraçado por não ter contado antes. Foi a vez do Lipe sair do mar e vir em nosso encontro. Ele, os óculos de natação, a sunga do Bob Esponja.

— Papai, – Ele me puxava pela mão e puxava também a Ana – pra água. Você e você.

Fomos. Se não fôssemos, o Lipe ficaria muito bravo. Não falamos mais de coração partido e causos antigos até a hora do almoço, que foi na praia mesmo, num dos quiosques na beira da praia, com camarão, limão, água de coco e algumas cervejas.

Voltamos para São Sebastião, depois. O Lipe quase dormia no colo do avô, tão calmo quanto em poucos dias da vida. O Guto, no colo do vô, não parava de falar. Por ele, ainda teria ficado na água mais tempo, elétrico, encarnando um Lipe nos piores dias. O mais doce e mais calmo dos meus filhos com uma pilha de voltagem errada.

O Vô e a Vó foram direto para o quarto, reclamaram do sal da água no corpo. Estavam visivelmente cansados. O Lipe foi colocado na cama. A Ana e o Guto entretanto, tinham pique para mais três horas de correria pura.

— Posso roubar seu outro filho? – Ela disse, já de mãos dadas com meu pilha-errada.

— Pode, só leva a minha bolsa – A Fê arrumava a saída de praia no corpo, pendurando os cabelos num coque por baixo dos óculos de Sol pendurados como tiara – Tem óculos de nadar, óculos de sol e protetor. Não deixa ele nadar ainda, tá? Espera dar pelo menos mais uma hora. – Entregou a bolsa para a Ana, que colocou a própria bolsa dentro da bolsa da Fê.

— Você não vai precisar de nada daqui de dentro? Nem carteira nem celular?

— Ah, é.

A Fê tirou o celular e a carteira de dentro da própria bolsa. O Guto parecia querer muito sair de novo, dava pulinhos de excitação no lugar, de mãos dadas com a Ana, balançando a mão dela. O negócio do Lipe era Piscina, do Guto, o Mar. Sorri condescendente, eu também prefiro o Mar. Observamos um par de crianças abandonando o portão da pousada, um saltitante e outra segurando uma bolsa de mãe sem entender exatamente como fazia aquilo.

— Você confia nela o bastante para isso? – Perguntei. Não imagino uma Fê entregando o filho para uma amiga, qualquer que seja essa amiga.

— Você confia nela o bastante para isso. – Me disse, sentando-se no banquinho de cimento na frente da porta do salão do café da manhã, diante de um jardim bem cuidado, mas não exatamente florido – Acho que isso é o suficiente para mim.

— Quer vir dar uma volta comigo? – Ofereci, limpando os chinelos cheios de areia na soleira da porta – Faz tempo que a gente não anda por aqui.

— Tá.

Partimos sem rumo, ela usava os mesmos óculos de Sol da outra vez que estivemos em São Sebastião. Ainda ficavam bons nela. Não somos de andar de mãos dadas, nem sei exatamente o motivo, mas gostei de quando ela pegou no meu braço. Foi a mesma coisa que fez quando caminhávamos do estacionamento da POLI para dentro da POLI e no nosso segundo primeiro encontro.

— Me perdoa não saber lidar com você calado. – Disse, dando um beijo no meu ombro – Me lembra dias que eu não quero lembrar.

Beijei-lhe a testa. Sorri em resposta, caminhando pelas ruas do centro da cidade sem ver as lojas. O caminho não importa. Beijei-lhe a testa de novo, eu não tinha algo a dizer a ela, naquela hora. A gente passa horas pensando e na hora de falar, é como se já tivesse dito.

— Você não tem que saber. – Sorri. – Nem eu sei.

— Eu só queria que você conversasse comigo. – Talvez a gente devesse ter ficado em casa. – Eu acreditei que seria diferente dessa vez, você aceitou a massagem e desabafou comigo, aí eu fiquei feliz, mas... Não durou e eu me frustrei. Você mal me olha desde a quimioterapia da sua mãe, Dio. Por que me colocar de fora? Por que eu não posso ficar dentro do seu mundinho, quando você se fecha?

— Você não ia querer ficar dentro do meu mundo. – Ninguém aguentaria. – Você quer ir para casa?

— Para a Pousada? – Me corrigiu – A gente podia encontrar um lugar e sentar. Seria bom.

Encontramos um banco perto da orla, de frente para o mar. Dava para ver duas crianças correndo, a Ana e o Guto, talvez brincando de pega-pega lá longe. Nos divertimos com a cena, a risada do Guto chegava até a gente.

— Eu entendo pelo que você esteja passando – Disse, soltando os cabelos úmidos e desgrehados – Não quero que você encare tudo isso como se estivesse tudo ok, eu sei, nada está ok. Eu só queria que dessa vez, Dio, você falasse comigo. Não me deixa de fora pensando merda.

— Você vai parar de me amar se eu começar a falar.

— Você está de brincadeira, né?

— Em partes não estou, não. — Puxei-a para mais perto, bem perto. — Se eu digo, eu assumo. Eu vou parar de me amar, se eu disser. Não quero assumir o que estou pensando, eu pareço um fraco.

Ela ficou em silêncio e eu não gostei disso.

— Quer saber o que eu a mãe conversamos hoje de manhã? — Mudei de assunto — Isso eu consigo dizer. Foi uma boa conversa.

Ela acenou que sim, eu contei. Não percebi que ainda não estava pronto para contar até a hora em que contei. Chorei. Juntou a raiva, o arrependimento, a vergonha. E o fato de a Fê estar brava comigo por uma merda que eu disse. Somei tudo e fiquei soluçando no cangote dela como o Lipe e o Guto fazem quando ralam os joelhos. Ela me abraçou e chorou comigo. Ainda não estou pronto para me erguer, nem pronto para encarar a situação como um homem. Só consigo chorar, nem falar consigo. Talvez sejam as últimas lágrimas antes de poder me erguer.

Talvez não.

Capítulo 35

Pode ser Amanhã

Filho não costuma pensar em como veio ao mundo. Os pais até explicam, dizem como é que funciona o negócio do ponto de vista biológico, explicam direito até antes da escola fazê-lo e tal e coisa, mas filho não pensa que os pais transam. Sempre envolve pai e mãe num manto angelical e olham aquela relação como se sexo fosse uma coisa aquém. Olha de um jeito que não deixa brechas para que o sexo faça parte.

Lipe e Guto olham e olharão para mim e a Fê do exato mesmo jeito que eu olho minha relação com a Ana. Por isso, quando a Fê saiu do banho toda perfumada e cheirosa, os cabelos secos e presos no topo da cabeça, a pele brilhosa e levemente queimada do Sol, a primeira coisa que eu pensei não foi na vista na minha frente, mas nos meus filhos dormindo no outro cômodo. Você chega a se sentir mal por pensar em praticar o que trouxe seus filhos para o mundo.

Só que são quase quinze dias de celibato. A gente nunca se acostuma a ficar sem sexo. Se não o faz por um problema (como quando sua mulher não goza), depois que coloca óleo nas engrenagens e volta a fazer, as coisas ficam muito difíceis sem ele. Pior, você só percebe o quão foi difícil viver sem ele no exato momento em que seu pau dá sinal de vida.

Aí você esquece seus filhos no quarto ao lado e quer muito praticar aquilo que quase se esquecia.

— De zero a dez – Comecei, despretensioso.

— Zero.

— Calma, pô – Puxei aquela mulher cheirosa e macia para o meu colo – De zero a dez: O quão brava você ‘tá?

— Eu estou... – Não esperei para saber a resposta, não brinquei com a sorte, não sou bobo. O roupão de toalha com o emblema da pousada escapou do corpo dela e eu sorri com a vista. Sua primeira reação foi se esconder nas mãos e eu estranhei muito. – Para, Dio.

Só que não era um daqueles "para" que você sabe que é mesmo para parar. Não foi um comando de sílabas fortes, foi um "para" manhoso, tímido. Um "para" que quer dizer "continua". Gosto deste jogo, não me importo de jogá-lo. Um jogo cujo prêmio é ela de quatro, a bundinha tão erguida que quase encosta o teto, toda empinada, as mãozinhas perdidas, os dentes no travesseiro e você lá, roçando no cólon do útero dela. Uma recompensa que modéstia descaradamente à parte, eu mereço.

— Vem cá — Puxei-a com vontade, conquistando uma mulher quase vencida — Diz que me ama. A gente só tem brigado, eu não gosto disso.

— Culpa sua — Mas é claro que a turronice em pessoa não deixaria barato. A essas pancadas de sempre a gente se acostuma, sorri para elas e pensa que se não fosse isso, esses destratos que você toma e nem sabe de onde, não seria a Fernanda com quem me casei e que se não fosse por insistência dela, já tinha nascido casado.

— *Mea Culpa.* — Sorrio. — De que forma você quer me castigar? Você trouxe sua engenhoca? Pode usar em mim.

— Não trouxe. Eu saí tão "assim" de casa que eu não trouxe nada. Esqueci até minhas meias.

— Nossa — Um beijo — Você esqueceu — Dois beijos — Até suas meias? — Três — O que vai ser de mim vendo seus pés descalços de hoje até quinta?

— Acho que vai sobrar muito pouco de você para voltar para a capital, na quinta-feira.

Deus queira que sim. Você não percebe que está quinze dias sem beijar a mulher da sua vida até que você volta a beijar. Ela tem gosto de pasta de dentes e cheira a hidratante, mas tem uma outra coisa por debaixo disso que me dá uma saudade muito apertada. Saudade de nós dois cozinhando sozinhos em casa. Saudade daquele momento que ninguém quer esperar acabar o almoço para poder transar. Uma sensação mordaz, doce e azeda, que bate no estômago e sobe para a boca, que passa da minha boca para a boca dela e quando você percebe, ela geme. Também sente, essa é a graça. Coisa que passa de mim para ela, que lembra que estamos conectados mais que por contas e filhos, mais que por um cartão de débito com dois nomes.

Coisa que faz ela gemer pelos feitos de hoje e pelos feitos de ontem. Que bota um sorriso idiota na minha cara quando ela me olha. Senti falta disso. E do gosto que ela tem. Coloco-a deitada, deitada do jeito certo, cabeça no travesseiro, confortável no colchão de molas que ainda bem que não rangem. A Nikon está muito longe agora, não vale a pena perder esse contato com ela por uma foto. Desço da boca para o queixo, eu não quero ser lento, mas vou devagar por respeito a ela e sua lenha não totalmente aquecida. Em troca, sou empurrado da altura dos ombros para a altura dos quadris, gosto disso. De perceber que ela tem tanta fome quanto eu.

A primeira lambida dita todo o resto. Não fui lento, tampouco leve. É fome, coisa de saudade. Ninguém dá duas bitoquinhas em quem sente saudades. Olho para cima, ela está sorrindo, não um sorriso tranquilo de "Olha como ele chupa bonitinho", mas um sorriso de "Finalmente, porra!". Avanço, vou rápido. Para cima e para baixo, para dentro e para fora. Sou obrigado a lembrá-la de que

as crianças estão dormindo no outro quarto e ela diminui, esmaece, quase. Esfria de uma hora para outra, não importa se eu vou lento ou forte, ela ficou sem graça.

— Perdoa, amor – Subo de novo, na altura dos olhos, minha boca cheirando o cheiro dela, melada como ela está. Vejo que não foi só impressão, ela realmente ficou sem graça. Nunca pedi que ela "gemesse mais baixo" em todos esses anos que a gente se conhece, e olha que a Fê nunca foi de escândalos. Acho que a única vez que ouvi aquela mulher gemer alto de verdade foi na gravidez do Lipe e nem foi por mérito meu.

— Tudo bem, vou me controlar. – Disse, os olhos que não me fitavam. Confundo o rubor do tesão dela com o da vergonha. Beije-a até que se soltasse de novo, não foi difícil, só que eu não me atreveria a descer de novo e constrangê-la com mais um pedido de silêncio. Virei-a de costas na cama, entrei por baixo dela, a cabeça na altura dos quadris, minhas costas na cama, a boca dela encostada no travesseiro. Que gemesse alto, se quisesse gemer. Se fizesse escândalo, que o travesseiro desse conta. Voltei para o trabalho.

Tornei a conquistar aquele território e aquela mulher do jeito que ela era minha. Com as pernas livres ela rebojava e por baixo, a mão livre puxava meu cabelo com vontade e força. Doía. Minhas mãos na bunda dela só acompanhavam o movimento, não o conduziam.

Pelos braços puxei-a até que ela cavalgasse na minha cara, sentada. Ela nunca olhava nos meus olhos enquanto eu a chupava, foram raras as exceções. As minhas mãos livres encontraram tetas livres, duras e inchadas. Duas delícias que tremiam com o movimento dela. A boca livre se conteve sem que eu lhe dissesse palavra, mas por pouco tempo.

— Olha pra mim, Nina, deixa eu ver.

— Você quer ver? – Uma Nina falante era bem difícil de encontrar. Sou visual, mas ninguém mantém a sanidade quando escuta a esposa falando nessas horas.

— Olha pra mim, Nina –

Ela mexia com mais força, a força que a gente mexe quando está quase lá. Os olhos que você não sabe se estão mesmo te vendo, ou só abertos. Lindos. Troquei da boca para o pau em tempo recorde, o suficiente para conter a lufada de ar e o gemido alto com a minha boca. Ela gosta de sentir o próprio gosto na minha cara, eu gosto muito de sentir quando ela goza, aperta meu pau com os músculos da boceta de um jeito que se eu me deixo levar, aquela brincadeira não dura nem quinze minutos.

Ela ri quando termina, a ponta do nariz e as bochechas vermelhas e não são de vergonha. Eu gosto de quando ela ri daquele jeito. Calma no meu colo,

ela cruza as pernas atrás de mim e me abraça. Eu ainda não estou no espírito de abraçar de volta, nem de sorrir. Essas coisas com um marido não se faz, de ficar mansa depois de gozar como um animal. Ainda mais sem esperar que eu goze como um, também.

— Já parou? — Perguntei, nem um pouco amigável, nem um pouco manso.

— Depende. — Me beijou o rosto começando a rebolar tranquila e leve. Tranquila e leve, para mim, não serve. — Quanto você acha que aguenta, hoje?

Nina, a gente vai transar até você ter setenta anos. Eu vou tomar Viagra, Cialis, o diabo que for, eu nunca vou parar de te comer.

Lá estava a Fernanda que eu conheço. Toda mordidas, toda arranhões. Rebolando no meu colo como em poucos dias. Devolvo o sorriso de "Finalmente, porra!" que recebi há pouco e tomo um tapa por isso. Zuniu o ouvido esquerdo, o sorriso dela era pior. Mais maldoso, mais cruel.

Troquei, ela por baixo. Voltei para a velha técnica da britadeira no créu cinco. Cadê o sorriso agora? Eu sorria, ela não. As mãos dela em mim, mais apoiadas do que acarinhando. Comandei uma delas até o clitóris, Fê é destra. Ninguém mais sorria. *Vamos, Nina. Me bate, amor.* Um homem que pede pra apanhar, um homem que deseja apanhar e apanha sorrindo. Esse é o Rodrigo que aquela Fernanda gosta de ver.

Esse é o Rodrigo e esta é a Fernanda que reivindicam posse. Os tapas e os apertões fortes são os modos que a gente usa para assinar a propriedade. Ela vai demorar para terminar a segunda, dá tempo.

Viro-a de quatro. Puxando o cabelo. Ninguém brinca.

— Ai, Dio.

— Dói?

— Não coloca fundo, dói.

Não consigo manter a calma, duas estocadas com cuidado foi meu limite. Ela escorrega as pernas por debaixo, deitada. Me vira e monta em mim.

— Desculpa, Amor. Dói ainda?

— Não-

Encho ela de beijinhos e uma mordida no pescoço pra ela não esquecer quem é que manda. O polegar no clitóris e ela no comando. Lá vem a segunda vez. Forte como a primeira. Ela olha para mim sem que eu peça, desce na altura do meu rosto, minha mão cheia de uma das tetas, o bico espremido entre o polegar e o indicador. Lá vem a segunda vez dela e a minha primeira. Não prevejo se aguento uma segunda, talvez essa primeira acabe comigo.

— Poss- — Pergunto, besta e descontrolado.

— Não.

— Deixa-

Um tapa. Lá vem a segunda dela. Os seios roçando no meu peito, a barriga contraída. Guio as cavalgadas dela pela bunda. Essa briga pelo controle sempre me deixou com muito mais tesão do que quando ela me aceita no controle. Outro tapa. Ela entrando e saindo do meu pau com menos controle e mais força – sou eu quem guio.

— Pede. – Mandeí – Permissão, vai.

É claro que ela não ia pedir. Nem eu. Seguramos até onde deu. Primeiro muito duro e muito apertado. Muita fome e pouco espaço. Depois com cuidado e carinho. Ela se deita em cima de mim, calma e sorridente de novo, o rosto inchado e vermelho, ofegante. Olho, ainda não completamente são, para ela que vai escorregando de cima de mim para o lado. Pela primeira vez desde que descobri a gravidade da doença da minha mãe, sinto que não estou só. Que não vamos nos perder no caminho, que não importa se a minha mãe quer químio ou se quer definhar até virar pó. Nós passaremos por isso como temos passado por todos os maus e bons dias que tivemos até aqui.

— Casa comigo.

— Caso.

— Sério, casa comigo. A gente volta para São Paulo, arruma as coisas e casa semana que vem. Por favor, Nina. Casa comigo.

— Caso.

Ela casa, ela disse.

— Fala de novo.

— Caso.

— Semana que vem? De verdade?

— Amanhã. – Ela sorria, aquilo era de verdade – Eu te amo, Dio. Minha insistência para não casar no religioso nunca foi por sua culpa, você sabe. Acho que... Se é para casar, que seja enquanto sua mãe pode ver, né? Enquanto ela está aqui e não lá em cima.

— Não se sinta obrigada a casar comigo só por que minha mãe tem os dias contados. Tecnicamente nós já somos casados, então-

— Não, Dio. – Ela sorriu, a mão calma e carinhosa dando jeito no meu cabelo desgrenhado – Eu quero casar com você. Não me faça repetir isso, então... Se eu digo sim, então é sim. Olhando seu pai e sua mãe, o jeito que ele trata ela e o jeito que você me trata, não parece um mau negócio ser casada com você com a bênção do padre.

— Pra sempre? Até um de nós ficar de birra pra fazer químio, do mesmo jeito que os meus pais?

— Ou até eu descobrir que você tem outra família, como os meus pais.

— Não fala isso nem de brincadeira – Chorei, emocionado. Ela beijou as poucas lágrimas que escorreram. Venci. É assim que um homem se ergue e volta para a batalha.

Capítulo 36

Pode ser Amanhã

— Volta pra cama, Nina – Ele disse, quando eu só fui fazer xixi. Tínhamos acabado o segundo round e ele preparava a terceira. Se eu soubesse que bastava dizer "sim" para que ele virasse uma máquina que não para de transar, tinha dito essa palavra antes. Ri, fechando a porta do banheiro. Aquela dor no útero de quando ele me colocou de quatro, no sexo vaginal ainda, me incomodava. Não doía mais, a dor foi pouca. Só que eu lembro da última vez que senti essa mesma dor. Precisei de um tempo para pensar. A última vez que menstruei foi no começo de abril. Que dia? Qualquer dia no começo do mês, depois do segundo primeiro encontro. Maio eu menstruei? Devia ter menstruado também no começo do mês e estamos quase no final.

Eu tomo remédios para não ter que me preocupar com filho. Não uso camisinha com meu marido por que ele é marido. Devia usar, mas não uso. Confio cegamente no anticoncepcional, mesmo que isso seja idiota. Mesmo que a gente saiba que ele faz mal, ou é isso, ou ter um filho. Amanhã compro um teste desses de farmácia. Tenho trinta e seis anos. Não posso ter um filho agora. Com vinte e oito a gravidez do Lipe já foi complicada. A do Guto não, ainda bem. O tormento que senti no corpo com o Lipe, senti na vida, com o Guto.

Será que estou grávida? Eu saberia, se estivesse grávida. Não saberia? Me sinto a Fernanda de vinte anos e o medo de estragar a vida com um filho. Me sinto a estudante que queria o mundo todo, sem saber por onde começar.

— Nina? – Demorei tanto assim pensando na vida, para o Dio ver me checar? Pense que estou cagando e me dê espaço. – Você está bem?

— Estou. – A voz não foi muito convincente. *Merda*, Ele abriu a porta.

— E se eu estivesse cagando?

— Não está. – Disse, vindo em minha direção. Abaixou na minha frente, abraçando meus joelhos. – Machuquei você?

Aos olhinhos de cachorro perdido não dá pra resistir. Jogo baixo, Rodrigo. Muito baixo. Conto para ele minha desconfiança? Não, melhor não. Vou checar isso direito. Se eu digo que desconfio que estou grávida, esse homem vai dar pulos de alegria. E se eu não estiver, ele vai ficar louco querendo fazer mais um. Não sei, muito cedo para pensar nisso.

— Você... pode dizer que não quer casar comigo, ainda. – Eu aqui fritando o Tico e Teco com um futuro incerto e ele acha que estou enrolando no banheiro por que tenho medo de casar. A única coisa que eu não queria era a festa, eu de grinalda entrando na igreja. Nós já somos casados. Não é esse o

problema, agora. Ao mesmo tempo em que ele vai ficar muito feliz com a gravidez, se a mãe dele não ver a nossa menininha nascendo, o Dio vai ter um treco.

Uma menina. Rio sem querer. Ele dando uma de cachorro pidão, eu pensando no gênero do possível feto no meu útero. Gosto de Manuela. E Maria Eduarda. Manu. Ou Duda. Maria Luiza também é lindo. Malu. O Lipe, O Guto e a Manu.

— Por favor, – ele se senta na minha frente, ótimo lugar para a gente conversar sério. Diante de uma privada cheia de xixi – me diz o que você está pensando. Esse silêncio acaba comigo.

— Estou pensando, – Menti – se eu soubesse que você ia ficar tão tarado só de eu falar "sim", tinha dito isso antes.

Tecnicamente não foi mentira. Eu realmente pensei nisso, só não na hora em que ele me perguntou. Ele sorriu, se ajeitando, enfiando aquelas mãozinhas maldosas entre meus joelhos. Da última vez que estivemos naquela posição, eu fui dormir chupando o dedo. Nada mais justo que ele terminasse direitinho o que começou. Sorri, abrindo a perna, ajudando.

— Você vai me dizer no que estava pensando?

— Mas eu disse!

— Você não me engana.

— Sério, Dio. – Mentira, mentira deslavada. Não vai colar – ‘Tava pensando sobre a última vez que a gente deu duas. Foi antes do Guto, ainda.

— Foi num dos aniversários de casamento.

— Sim. Você vai me deixar sair do trono, ou o quê? – Ele abriu espaço para que eu saísse. *Eu não quero que me dê espaço para sair.* Segurei-o pela mão antes que ele fosse muito longe. – Vem cá, Dio. Você tem uma dívida para pagar.

— Ah, tenho? – De bobo ele nunca teve nada. Não precisei explicar por A e B o que eu queria e gosto disso. Não tenho coragem de falar "venha cá, homem. Desce aqui e me chupa". Tenho coragem para muita coisa nessa vida, mas não para isso. Morro de vergonha. Ele desceu de novo, ajoelhado entre meus joelhos e gentilmente me puxou mais para frente. Ainda tem tesão aqui dentro para mais uma. Sorri, sentindo a bochecha queimar. Se estou realmente grávida, essa gravidez vai superar a do Lipe.

— Eu acho que está na hora de eu dar o troco pelo salto, você não acha?

— Não. – Ele não é louco de parar agora. Puxei a cabeça dele de volta para onde não devia ter saído. Ele tem um jeito só dele de ser engenhoso. Voltou com a boca para meu clitóris, mas muito mais empolgado que antes. Acelerando um processo que já era rápido.

— Você tem certeza?

Gemi o nome dele e ele teve o bom senso de não parar de novo. Me olhava nos olhos, muito lindo, esse meu marido. Com o meu corpo na boca e meus seios nas mãos. Muita coisa nessa vida eu sou capaz de aguentar calada, mas não a isso. Isso é uma das poucas coisas que eu preciso dizer em voz alta. *Desabafar, sabe?*

Subiu do clitóris para a minha boca, tomando meu dorso com o braço. Senti os dedos dele entrando. A boca melada encostada na minha sem me beijar, os frenéticos dedos dentro de mim. Chegava lá muito fácil. Não sei dizer se beijei a boca dele, ou se mordi.

Uma lambida da minha saboneteira até minha orelha. Meia dúzia de sacanagens soltas para dentro do meu cérebro. A mão dele parada. Não vai me deixar gozar. *Filho da puta.* O polegar do lado de fora, massageando meu clitóris. As pernas já estavam sem força há muito. Sentada sobre a privada como no sofá de casa. Limpei meu melado da cara dele, ele sorria. Era sensual, aquele homem. Quando começa com essa coisa de controle, eu não aguento.

Rodrigo é o tipo de homem que sabe controlar a autoridade. Coloca ela para fora só em momentos muito específicos e nessas horas, eu perco o meu. Ele sorria para uma esposa fora de si. Eu sei o que ele quer que eu faça. Não vai ser fácil. Ele quer que eu peça para ele comer minha bunda, mas quem em sã consciência (ou quase) pede uma coisa dessas? Você vai ter que trabalhar muito, mas muito mesmo, Dio.

Num susto, fui carregada da privada para a cama. Fui deitada e ele veio por cima. Encaixou em mim, o pau dançando lá dentro. Não entendi. Me deixou terminar. Por essa eu não esperava. Por um marido que quer torturar uma esposa sem deixar ela gozar até que ela peça o que ele quer ouvir, eu esperava. Mas um marido que deixa a gente terminar e ainda prolonga até onde consegue, isso eu não esperava.

Desceu a cabeça, beijou e limpou tudo lá em baixo. Continuou brincando até Fernanda ficar alegrinha de novo. Agora ele não me deixa mais. Agora a brincadeira de não me deixar gozar começa. Alcanço o pau dele com o pé e deixo ali, só de brincadeira. A mão envolver meu pé foi automática. Um marido que investia contra meu pé foi esperado. Chupava tudo o que a língua alcançava, mordida a minha coxa, a língua ia parar lá na minha bunda e subia. Esse sabe como tirar o pior da gente.

Ele não tinha nem um pouco de pressa, isso é que era o pior. Curtia o que fazia. Como se não tivesse um prêmio final para alcançar. Era a terceira vez daquela noite, eu bem podia crer que a vontade de gozar não era como a da primeira, mas não era isso o que parecia. Parecia que agora o que ele queria é

que Fernanda derretesse, dormisse desfalecida de tão mole. Que Fernanda dormisse até o meio dia, ao ponto de deixar meus meninos preocupados, achando que a mãe está doente.

— Vem cá – Chamou, a voz rouca e bonita. Montei nele, mas eu não tinha ânimo para dançar. Me beijou como beijava em poucos dias. Como beijou a primeira vez. Quer derreter não só o corpo da Fernanda, mas o coração também. Uma das mãos no meu cabelo, sem puxar. Odeio que puxem meu cabelo, ele sabe disso. Ele brincava com eles na mão, enrolando, afastando do meu rosto. Não era mais sexo, era só carinho. Só voltou a ser sexo quando ele brincou com meu clitóris inchado. Aí eu quis dançar.

Ficamos realmente muito tempo nesse sexo/carinho. O tesão não diminuía, só aumentava. Dio sabe ser passivo-agressivo. Não pediu minha bunda uma só vez, não precisou, por que eu sabia que era isso o que ele queria. Beijava o corpo todo, mordida por vezes. E quanto com mais tesão eu ficava, mais ele se aproximava da minha bunda. Ou com a boca, ou com dedos. Até eu sentir tesão com a bunda. Era um filho da puta de marca maior. Trilhava o caminho das pedras com maestria. Nesses anos todos de casados, não foram muitas as vezes que fizemos anal. Na época do Lipe é que eu sentia muito tesão na bunda, não sei bem o motivo. Só sei que foi exatamente assim que ele começou. Brincando. Lembrando para mim que lá também dá tesão.

— Vem cá – Ele disse, de novo. Só que eu já estava lá. Ele já estava em cima de mim, dentro de mim, lá no fundo. Tirou e me sorriu. O rosto vermelho, seguro, me olhando com um sorriso muito bonito. Encostou na porta, mas não colocou para dentro. Deixou o pau ali, encostado. Passou a me beijar, beijar tudo o que tinha em mim e o que mais ele alcançasse com a boca. A agonia que foi subindo era grande. Você passa a não ter medo da dor, quando está com muito tesão. Senti o pau dele escorregar no vão da minha bunda, com o meu melado, sem entrar. Sem KY, sem gel sintético. Ele guiou a minha mão para o meu clitóris, os dedos dele entraram em mim. Ele se ajoelhou na cama e ficou sorrindo para uma esposa descontrolada.

Guiei, sem dizer nada, o pau dele para a porta da minha bunda. Ele sorriu, mais sacana do que moleque.

— Tem certeza?

Só consegui balançar a cabeça que sim. Ele forçou. Eu não estava relaxada.

— Ai, vai com calma.

— Desculpa, amor. Quer que eu pare?

— Não.

— Diz se estiver doendo.

Os dedos dele dentro de mim sem parar. A minha mão sem parar e o pau preenchendo devagar onde não costuma preencher sempre.

— Dio-

— Dói?

— Dói-

— Quer que tira?

Não.

— Vagabunda.

— Você quer contar já para a sua mãe, Dio?

— Que o quê? Que vou me casar com uma puta devassa que goza dando a bunda? – Comíamos, nossos filhos na mesma mesa que nós.. Escondi o rosto com as mãos, entre risos. Não esperava que fosse me dizer isso. Minha xícara cheia de café, pães de queijo e dois meninos sentados à nossa frente, com tigelas cheias de cereal. Meus sogros escolhiam o que comeriam, no bufê. Sorriam um para o outro, Seu Alcides ia atrás da esposa oferecendo coisas que ela não viu, quando passou. Se é para ser casada com igreja, véu e grinalda, que seja com alguém que teve Seu Alcides e Dona Teresa como exemplos em casa – Não, Nina. Vamos esperar mais um tempo. Você ainda pode mudar de ideia, se quiser.

— Não quero mudar de ideia.

O sorriso grande que me deu comprovava. Vendo nossa mesa cheia, Ana quando desceu foi se sentar com os pais do Dio. Guto, vendo a amiga na outra mesa, levou a tigela para comer com ela. Sequer se despediu da gente.

— Por que o Guto foi lá com a Tia Ana? – Perguntou o Lipe, com ciúmes.

— Não sei, Ué.

Quando todo mundo foi para a praia, eu fui para a farmácia. Dei a desculpa que tinha esquecido alguma coisa na pousada e fiz questão que todos fossem sem mim. Passei numa farmácia no caminho e comprei aquele teste que você tem que mijar num copinho. Num bar, pedi um copo descartável e subi para o quarto.

É a hora da verdade. Sentada na privada, o copo descartável ocupado com metade do xixi, afundei o palitinho que checa a quantidade de HCG. Enquanto o palito reagia, eu fiquei pensando com meus botões. Quero ficar grávida, ou não quero? Quero? Com o Dio com mais tempo, mais próximo da família, mais carinhoso, um marido mais presente, mesmo que esteja com a mãe morrendo. Meu mestrado dura pelo menos mais um ano e meio. Dá tempo de ter

a criança. Se eu engatar no doutorado logo depois do mestrado, tenho aí mais pelo menos cinco anos fora do mercado de trabalho.

Fernanda com quarenta anos, três filhos, um doutorado e um marido dono de restaurante espanhol. É isso o que a Fernanda de agora quer? Com o mestrado você já passa oito horas por dia na faculdade. Com o Doutorado, quanto tempo você vai ter para poder cuidar de uma criança?

Vamos precisar de uma casa maior. Pelo menos, mais um quarto. Um quintal com grama seria legal. Não temos condições, agora. O futuro do restaurante ainda não é certo. Não quero vender a casa da minha mãe, não quero. Talvez o bebê possa ficar no nosso quarto até a gente conseguir se mudar. Seria bom que na nova casa a gente tenha um espaço separado do resto da casa onde eu possa estudar. Eu não teria que ir tanto para faculdade. Se no mestrado o que faço é passar a maior parte do tempo no laboratório e na biblioteca, o que será de mim, no doutorado? Será que o Dio vai me ajudar?

Pelo menos, dessa vez estou confiante. Sinto, mesmo sendo uma ilusão imbecil e idiota, que dessa vez o Dio não vai me abandonar. Que vai ser sensacional. Que o resto, o que vier, não importa o quê, a gente vai dar um jeito. A gente sempre deu um jeito. Vai continuar dando. É, é isso. Acho que é.

Vi a Fê entrar na farmácia e não consegui seguir com meus pais para a praia. A gente só pensa merda, quando vê a esposa, depois de dizer que você machucou ela, despistar a família e entrar na farmácia sozinha. Voltei para a pousada vazia, encontrei a dona sentada, fumando um cigarro de palha num dos bancos do jardim não exatamente florido.

— Vão almoçar aqui, hoje?

— Não pretendemos. — Sorri sem querer puxar conversa, subindo as escadas laterais. A porta do quarto estava destrancada, ainda bem. A bolsa dela jogada em cima da cama, junto da sacola vazia da farmácia. Entrei no banheiro. A Fê segurava um copo descartável na mão, algumas lágrimas nos olhos.

— DIO —

— Eu vi você entrando na farmácia. Você ficou um tempão no banheiro, ontem. Nina, não mente pra mim. Eu te machuquei?

— Não, Dio

— Você me deixa nervoso. Não esconda as coisas. O que acontece?

Aí ela me mostrou o palitinho com dois pauzinhos vermelhos pintados. Eu sei o que aquilo é, ela já usou aquilo duas vezes, antes. E saíram dois pauzinhos vermelhos pintados também.

— Você pode me prometer que dessa vez vai ser diferente? – Ela chorava.

— A gente não precisa ter, se você não quiser.

— Pode me prometer, ou não?

— No Dia das Mães, vendo a filha do Horácio, eu quis ter uma filha. Uma menina. A caçula, dois irmãos mais velhos para defender ela. Imagina como serão o Guto e o Lipe, daqui uns anos? Quando ela começar a namorar. Quando ela cair. Lipe com dezessete, o Guto com quinze, ela com dez. Eles dando a mão para atravessar a rua. Se ela inventar de ser engenheira também. A terceira geração de engenheiras daquela Politécnica. Continuando seu trabalho e o da sua mãe.

Era a segunda vez que eu me ajoelhava diante da privada em menos de vinte e quatro horas. Ela puxou papel higiênico do suporte para limpar os olhos, eu beijei eles. Tirei o copo da mão dela.

— Não dá para ser o marido perfeito. Minha mãe está morrendo, eu não sei se ela aguenta nove meses para poder ver nossa menina nascer. E eu não poderei me controlar, vou chorar que nem um moleque quando ela morrer. Fernanda, ela é a minha mãe. Não dá para evitar. A queda vai acontecer, eu vou deixar você na mão, vou me fechar e vou ficar cuzão. Não sei quanto de tempo isso vai durar. Você merece um marido do seu lado, que vai cuidar de você e dessa menina.

— Não dá para saber se é menina.

— Vai ser. Eu só posso prometer que eu vou dar o meu melhor, mas não posso prometer que vou ser perfeito. Você sabe melhor que eu, você vê quem eu fico, com problemas. Você tem o direito de cobrar que eu seja firme, mas não pode me negar o direito de luto. Nem o luto antecipado, nem o luto que vai acontecer. Minha mãe nega o tratamento. A cada dia ela vai ficar pior. Não vai melhorar. Você pode imaginar isso? Tudo o que eu posso prometer é que um dia o luto vai acabar e que vou me erguer de novo. Quando eu me erguer, por mais que eu deixe você esperando por um tempo, eu vou ser um marido melhor do que o que fui na gravidez do Guto. Então, sou eu quem te pergunto, Nina. Você vai querer essa menina? Não importa a resposta, eu volto para São Paulo e marco minha vasectomia. Você quer ter essa menina, Fê?

— Quero.

— Quer? De verdade?

— Quero – Chorou.

— Você não precisa nem ter essa menina, nem se casar comigo. A menina não é uma escolha reversível, mas o casamento é. Eu vou continuar o babaca que corre atrás da esposa a cada cagada, mas você vai poder sempre dizer

que não me quer mais. É sério.

— Você podia ser um cara normal e dizer que vai ficar comigo para sempre.

— Eu quero ficar com você para sempre. Implorar seu cu com setenta anos de idade – Ela riu, espremendo as lágrimas presas nos cantos dos olhos – Só que... eu prefiro dizer que se você quiser sair, a qualquer momento, você pode ir. Não quero que fique comigo porque as crianças precisam. Vai doer em todo mundo se você quiser ir embora, mas é melhor que elas cresçam sabendo que os pais foram procurar o que é melhor para eles, do que crescer nos vendo juntos e infelizes. Fique comigo enquanto eu for bom para você. Só não... não julgue minha qualidade enquanto eu estiver de luto. Não me deixe bem nessa hora que eu não vou saber como continuar.

— Não sei lidar com você daquele jeito. Você não me ouve. Não desabafa comigo. Não aguento te ver sofrendo, calado, sem me contar nada. Me desculpe por isso, eu tento entender, mas não... Dio...

Nós nos mantivemos em silêncio por medo do como colocar as palavras. Pretensões sobre o futuro que a gente não sabe qual vai ser. Uma menina a caminho e meu emprego é incerto. Uma menina a caminho e minha mãe com câncer terminal. Quarto Estágio. Uma menina a caminho e a Fê querendo voltar a trabalhar. Eu tenho uma dívida a pagar com ela pelos anos em que ela aceitou ficar em casa, dependente de mim, esquecida.

Tudo tem chances de desmoronar, de ser uma cagada homérica. De ser daqueles finais de novela em que todo mundo quer matar todo mundo, acabar com um sangrando e o outro preso. Mas aqui dentro, bem no fundo, eu vejo que vai tudo passar e tudo vai ficar lindo. Vai dar certo. Nem que eu assuma o controle da casa e que ela traga dinheiro. Nem que eu passe o restaurante para outra pessoa e aceite o trabalho com o Horácio.

Vai dar tudo certo. *E vai ser lindo.*

— Vem, – Eu disse a ela – vamos contar isso para os meus pais e para os meninos.

Capítulo 36

Trinta e seis anos, Mestranda, dois Filhos

— Mariana!

— Mariana?

— Ou Amanda...

— Que tal... Maria Eduarda?

— Ela teria dois nomes! Por que ela vai ter dois nomes se eu só tenho um?

— Lipe, você tem três nomes.

— Três?

— Felipe Miller Ferreira: Três nomes.

— É, mas ela teria quatro. Ela tem que ter três também.

— E se for menino?

— Não vai caber mais uma cama no nosso quarto, papai.

— Eu empresto a minha cama pra ele – Guto saía do colo do vô e corria para o colo da avó, sentada na frente do avô. Estávamos num restaurante japonês, minha mãe não gostou muito do atum cru e meu pai comia qualquer coisa que lhe fosse oferecida sob a alcunha de comida.

— Emprestaria?

— É, mas depois você me dá outra.

— O que você acha de ser o irmãozão de alguém, Guto?

Filhote meu não tinha pensado por esse lado. A Fê ria, a boca escondida atrás do guardanapo. Mais um filho. Não duvido nada que esse filho a caminho tenha sido concebido na estrada entre Minas e São Paulo. Daquela vez que a Fê me assaltou. Eu, babaca e romântico como sempre, querendo fazer as coisas direito e aquela louca tomando o controle. Usando de mim. Sorri com a lembrança. Minha filha gerada no banco de trás do meu carro. Isso é coisa que, se o filho descobre, faz ele parar no terapeuta.

— Irmãozão? – Guto repetia isso. Se acostumava com a ideia? – IRMÃOZÃO! Mamãe!

— Você gostou de saber disso?

— GOSTEI!

— E eu vou ser o maior irmão de todos!

— Vai, – A mãe disse – e tem que cuidar dos dois viu, Lipe?

— E quem vai cuidar de mim?

— A mamãe e o papai, ué. E eu, né.

— É, o Guto também vai cuidar de você. Ou você esqueceu da

Irmandade?

— Eu vou ensinar para o bebê como que é a irmandade. E aí a gente cuida de você também.

Mais um filho no forno. Ainda não acredito. Ainda é muito estranho toda essa reviravolta. A vida vai te tirando uma coisa e te dando outra. Olhando a minha mãe de frente para mim, ela sorria, mas não era o mesmo sorriso que deu quando ela ficou sabendo da gravidez do Guto. Era um sorriso contido, uma coisa sentida. Não estará presente para ver o bebê nascer. No fundo, ela pensa isso. Deve estar contente com a novidade tal como eu estou, tal como a Fê está, mas... tem um amargo nessa felicidade. Uma coisa que todo mundo sabe o que é.

Meu pai colocou a mão em cima da dela e eles cochicharam alguma coisa, enquanto o Lipe e o Guto comemoravam a novidade. Para eles, a notícia era boa. O Lipe, sentado no meu colo e pescando os flocos de arroz da minha cumbuca com a mão, ficava com a outra mão livre sempre na barriga da mãe. Um gesto que me dizia "eu estou te vendo aí, bebê!". Três filhos. Desde segunda, tudo está tão diferente! Ao mesmo tempo, nada está diferente. Sorrio sem saber o motivo, contente. Sou surpreendido com um beijo. Ela está contente também.

— Filho, tudo bem para vocês se eu voltar para Poços esse fim de semana?

— Claro, mãe. — Sorri. Primeiro achei que eles fossem querer ficar aqui na praia por mais uns dias, mas depois do pôr do Sol e a conversa que tive com a minha mãe, eu sabia que ela queria ir para casa — Vai ficar lá por definitivo?

— Não, capaz de segunda ou terça a gente voltar para cá, se não for incômodo. Tem médico.

— Eu iria com vocês para lá, mas tem o Restaurante. Esse fim de semana tem a baladinha de propaganda do Horácio, lembra dele?

— Aquele senhor com a filha grávida?

— Ele mesmo. Achei que vocês fossem participar da baladinha, até contei com vocês na lista de convidados.

— Nina, — Esse é meu pai falando com a minha mãe, não eu com a Fê — Você quer voltar domingo? Assim a gente vai para a festa do Digo.

— Pode ser.

— Mãe, a senhora aguenta tantas horas de viagem?

— Tenho que aguentar, né. — Disse, colocando o wasabi na boca sem saber que aquela pasta verde é coisa do demônio.

— Não, Dona Teresa! — A Ana avisou, mas já era tarde. Eu não contive o riso. Ela cuspiu a pimenta no guardanapo, a língua para fora. — Aqui, beba isso.

— Jesus amado, que troço horrível! — Disse, todo mundo rindo, ela com o copo que Ana lhe ofereceu, na mão.

— Deixa eu ver? – Lipe colocou o dedinho curioso no resto de pasta da borda do prato. Orientei que ele pegasse só um pouquinho, ele pegou e ficou tossindo como um condenado. Guto, menos audacioso que o irmão, não quis.

— Papai! Que ardido!

— Foi você quem quis colocar o dedão aí. – Ri, limpando o dedo dele com o guardanapo. – Você viu a vovó tossindo e bebendo água.

— Acho que só vai melhorar com sorvete – Espertinho e sem-vergonha – Mãe, a gente pode tomar sorvete agora?

— As pessoas da mesa ainda não terminaram de comer. Quando todo mundo terminar de comer, você pede um sorvete bem pequenininho.

— Pequenininho?!

— Você acordou com o peito chiando hoje, não me engane. Faz um tempo que você não tem crise, mas não vamos brincar com a sorte, né?

— Eu posso pedir um sorvetão se eu dividir com o Guto?

— Não. Vai pedir um pequenininho e vai dividir o pequenininho com o Guto.

— Viu, bebê? – Seria só a primeira vez que o Lipe falava com o bebê para maldizer a mãe – A nossa mãe é chata.

— A nossa mãe não é chata, bebê. – Guto defendia. – Mãe, você faz o bebê ser menina?

— Você quer que o bebê seja menina?

— Quero. Senão você vai ficar sozinha, só de você de menina em casa.

Eu não sei direito o que foi que eu fiz para merecer isso. Como, de uma esposa que sai de casa cantando pneu, chegamos a isso. A esse ponto alto onde eu poderia dizer tchau para o leitor, colocando meia dúzia de palavra bonita no posfácio, chamando isso de conto de fadas moderno. Dizer que é isso o que acontece com a Bela Adormecida depois que o príncipe beija ela. É, penso eu olhando minha mãe com câncer terminal, minha melhor amiga separada da namorada, meu pai que vai ficar viúvo. A vida tem um jeito muito peculiar de te dar um cobertor quando você está com frio.

Saímos do almoço em Ilhabela e fomos para a praia. Lipe e Guto ainda tinham fôlego. Meus pais saíram para caminhar, eu fiquei com a Fê e Ana, sentados na areia, torrando debaixo daquele sol outonal improvável. É São Pedro agindo em favor da gente, numa praia deserta e fora de temporada.

— E aí? – Me virei para a Ana, biquíni preto e uma camiseta do Nirvana por cima. Óculos escuros de gatinho e a franja fora do rosto presa por um grampo – Vai voltar logo para a Bia ou você está esperando que eu te encha de porrada?

— Vou voltar para a Bia.

— Você querem que eu dê licença? – A Fê sempre acha que está incomodando.

— Lógico que não. – Sorri para a Fê, agarrando-a pela cintura. Ela usava um chapéu Panamá que comprou no caminho entre o restaurante e a praia. Óculos de sol e outro desses vestidos praianos sem muita graça.

— Fê, você não incomoda – A Ana disse, beijando a bochecha da minha Nina.

— Então tá.

— Vai voltar para a Bia?

— Vou. Voltando para São Paulo, você me deixa na casa dela?

— Deixo. Se der errado, você liga que eu te busco.

— Eu espero não precisar disso.

— Você vai ter que trabalhar muito para a Bia te ter de volta. Andei conversando com ela. A bichinha tá muito magoada.

— Você tem conversado com ela e não nos disse nada, Fê?

— E preciso? Era óbvio que vocês dois iam ficar se lambendo e deixar a coitada da Bia de fora. Dio, você assumiu o lado da Ana, então nada mais justo do que eu assumir o lado da Bia.

— Eu não assumi o lado de ninguém.

— Não? Tem certeza?

— É, – Me rendi.

— ANA! – Lá vinha o Guto correndo, camisa e sunga – Mostra para o Lipe como que dá mortal?

— Foi esse toquinho de gente que me mostrou que eu quero a Bia e os filhos que a Bia quiser ter.

— Você tem medo da maternidade?

— Lógico. – A Ana ria, levantando e limpando a areia da bunda – Olhe bem pra mim. Você acha que um ser como eu devia ter filhos?

— Olhe bem para mim – A Fê retrucou – Você acha que um ser como eu pensou que um dia estaria com o terceiro filho na barriga?

— Vem, Ana. – Guto puxou a mulher pela mão. O Lipe treinava as próprias estrelinhas que sempre foram tortas. A Ana fez um charme de quem fez alguma arte marcial na vida, afastou os meninos e depois deu o mortal para trás. A Fê e eu ficamos boquiabertos. Que a Ana fazia academia, a gente sabia. Que ela era uma versão feminina do Jack Chan, a gente não sabia.

— Acho que eu quero que a Ana seja madrinha.

— Ela vai ficar feliz em saber disso.

— E a gente não vai encher essa menina de rosa. E vai dar carrinho e Lego para ela.

— Eu não esperava outra coisa. — Ri. Aquilo era a Fê sendo a Fê.

Nos sentíamos com o dobro do tamanho de quando partimos. Se chegamos nessa cidade com um metro, saíamos com dois. Melhores, mais fortes. Eu vou me casar e ser pai, de novo. E consigo pensar na minha mãe sem perder a cabeça. Consigo olhar para ela sem me sentir culpado. Consigo entender que ela queira ir para casa e folhear catálogos de cosméticos com as amigas dela. Visualizo um fim de vida calmo e tranquilo sem remoer minhas próprias entranhas por isso. Sem me sentir culpado por não ter mostrado o mundo para ela.

Descobri que o que eu acho do mundo não é o que a minha mãe acha. O que ela quis ver, o que quis sentir, é diferente do que eu quero, do que quis. Percebi que aquele mundo dela é o suficiente para ela. Meu pai e o marido que ele é, a casa que eles ergueram, a fábrica de queijos, a primarada, as crianças. Aquilo para ela é o mundo. E eu aprendi a respeitar isso.

Por isso, quando demos adeus para a dona da pousada e voltamos para o nosso lar, não me senti pior ou menor por não poder ir com meus pais para Poços. Senti como eu me sentia quando me despedia deles e voltava para São Paulo. Me sentia normal, aquilo era só mais um tchau breve. Um adeus breve para eles e minhas duas crias que quiseram ir para Poços com eles.

— Eles já perderam uma semana da escola, o que é mais um dia? — Disse a mãe deles, arrumando roupas limpas na mala, assim que chegamos em casa. — Eu preciso estar na escola oito horas da manhã, eles não. Semana que vem a gente coloca a tarefa de casa desta semana em dia. Os dois não são de faltar, acho que não vai ser problema.

— Também acho. — Eu disse, dobrando as blusas de frio mais grossas, enquanto meus pais e meus filhos brincavam na sala — Uma pena a gente não poder repetir o feriado de Tiradentes, nesses três dias sem filhos. O Antônio com certeza deixou todo os problemas da Baladinha Light para que eu resolvesse.

— Você nem pode culpá-lo, ele está levando aquele restaurante sozinho, esses dias.

— Não estou reclamando, — Coloco as blusas de frio por baixo na mala dos meninos, a mãe deles coloca as calças jeans por cima — só digo que vai ser um fim de semana cheio.

— Sim, eu sei — Me beijou e buscou cuecas e meias nas gavetas do guarda-roupas deles — Mas talvez sobre um tempinho pra mim, né?

— Talvez sobre um tempão.

Descemos com as malas feitas. Para Poços, como colocamos mais blusas de frio, cada criança tinha sua mala. Minha mãe preparava a janta na minha cozinha. Abriu os armários sem cerimônia e preparava um macarrão. Meu pai

colocava os pratos e os meninos brincavam na cozinha, em cima da mesa, de desenhar.

— Desculpa tomar conta da sua cozinha, Fernanda, mas não quero ir para casa com o bucho vazio.

— Não tem problema, Dona Teresa.

— Mãe, o que é bucho?

A mãe explicou. A nova fixação do Guto era a palavra "Bucho". Fazia um bom tempo que ele não se apegava a uma palavra, a última, pelo que posso me lembrar foi "maçaneta". Sentamos para comer não era nem oito horas da noite, ainda. Macarrão à bolonhesa, uma coisa que é fácil de fazer e que todo mundo gosta. E além disso, o Lipe não reclama, por que não fui eu quem fiz.

Seu Alcides e meu marido que não tirava mais o sorriso do rosto se ofereceram para lavar a louça depois que eu fiz um café. Levamos as crianças e as xícaras para a sala, eu e Dona Teresa. Ligamos a Tv, ficamos lá, no canal de desenho, enquanto meus meninos se acalmavam.

Banhados e de barriguinha cheia, Dona Teresa e eu bem sabíamos como aqueles dois chegariam em Poços. O pai deles ainda tinha que colocar a cadeirinha do Guto no carro do avô e eu estava louca por um banho. Não deu tempo de tomar banho antes de sair de São Sebastião. É bom viajar, mas é bom chegar em casa, também. Nada como a casa da gente, mesmo que seja bagunçada e barulhenta.

— Vou pegar mais café, a senhora aceita?

— Claro. – Disse, acarinhando um Guto deitadinho com a cabeça no colo dela, segurando um carrinho de Lego e brincando sozinho.

Entrei na cozinha e a conversa parou. Rodrigo lavava os pratos e o pai dele secava. Riam de alguma piada que era proibida para mim. Puxei a garrafa sobre a mesa e coloquei mais café. Eles ficaram quietos por todo o momento em que eu fiquei ali. Equilibrando as xícaras que a gente quase nunca usava, saí o quanto antes. Gosto quando o Dio fala com o pai dele, não sei bem o motivo. Sei que o Dio acha que eu sirvo para conversar mais com o pai dele do que ele próprio, mas eu não sou a filha do Seu Alcides, ele é.

— Não, mãe! Sai de cima de mim com essa bundona! – Lipe roubou meu lugar, sentado encolhido ao lado da avó e eu fiz que ia sentar em cima dele. Entreguei a xícara para Dona Teresa que se assustou com uma mãe sentando em cima de um menininho.

— Nossa! – Brinquei – Nem te vi...

Mas ele não me deu espaço para sentar onde eu estava sentada. Espremi-o entre a vó e eu e ele ficou ali quietinho, sentado bem junto da avó e da mãe, cheirando minha xícara. Ele gosta do cheiro do meu café, mesmo sabendo que eu não o deixo beber. Deitou a cabeça no meu braço e abriu o bocão de sono.

— Sabe, Fê, – disse a avó do sanduíche de menino – eu não gostava muito de você, no começo.

Novidade.

— É, acho que a Fernanda de antes também não era muito "gostável".

— Eu queria que o Rodrigo tivesse se casado com a Gequinha. Sempre quis. Eles cresceram juntos, namoraram. A mãe dela morreu, judiação. Quando eu vi aquela menina sozinha, Deus Pai, que pena que eu fiquei.

... Bebi meu café para não ter que responder a isso.

— Mas eu te devo desculpas – Continuou.

— A senhora não me deve nada – Sorri – Não sei se meu Lipe entra em casa com uma mulher como eu, se eu a aceitaria. Acho que é de mãe, essa coisa de querer casar filho com a mulher que a gente acha boa. Ter medo dessas mais malucas que nem eu.

— Acho que você não sabe disso até hoje, mas eu pedi para o Digo te deixar, disse que você não era boa o bastante para ele. Minha filha, você sabe de onde eu vim e como as mulheres da minha família foram criadas.

— Outros tempos, outro ambiente. Tudo isso influencia. Quem sabe se meus avós não fossem embaixadores, se nunca tivessem saído da Inglaterra? E se minha mãe não fosse engenheira? Sei lá, tanta coisa para trocar...

— Deus sabe o que faz. Na hora em que ele te trouxe em casa eu não vi isso, mas agora eu vejo. Que boa família você deu para meu menino. Que bons meninos você deu para meu menino. E esse bebezinho que vai chegar...

— Cruza os dedos para vir menina! Mais um menino eu não aguento!

— Vou rezar pra Deus. Se for menina, você trate de criar ela como sua mãe te criou.

Talvez eu instrua a ela que não vale a pena se revoltar e sair dando para qualquer pau que encontre por aí. Que ela dê para qualquer pau por aí, mas que não seja por revolta. Talvez ensine a ela a ser mais organizada do que eu fui, do que sou. E se ela for seguir a mesma carreira que a minha, que ela não despreze as outras engenheiras. Tomara que ela aprenda a dar valor a companhias femininas em menos tempo do que eu demorei para aprender isso. Um homem é uma boa companhia, um ombro amigo nas horas difíceis, mas ninguém entende a gente como outra mulher. Por mais que eles se esforcem-

— Eu só queria dizer que eu sou muito feliz em ter você como nora. – Disse, me tirando da pequena viajada que dei – E obrigada por você nunca ter

me tratado mal. Com esses anos aprendi a amar você como minha filha. Você me mostrou que dá para ser muita coisa nessa vida. Dá para ser uma esposa amorosa e uma guerreira fora de casa. Você tem fibra! Tem um pulso firme que muitas vezes meu filho não tem e isso é muito bonito! E o jeito que você não deixa ele cair...

Chorávamos. O Lipe, se visse, ficaria constrangido com mãe e vó chorando, mas ele estava bêbado demais de sono para perceber isso. Limpei as lágrimas com a manga da blusa, limpei a garganta do nó com o café já um pouco frio.

— Eu sei que você sempre foi a favorita do Cides e isso é muito bom. — Me limpou a lágrima no cantinho dos olhos — Quando ele fala de você, ele sempre fala com brilho nos olhos. Demorei para entender, mas agora eu entendo. Obrigada por ser tão diferente da nossa família, Fê. Você pode achar que não, mas ensinou muita coisa para a gente.

— Posso te dar um abraço? — Perguntei, sem saber o que dizer. Encostei o Lipe no braço do sofá, coloquei as xícaras no rack da TV, esperei que ela se erguesse e dei um abraço nela. É tudo o que eu podia dizer. Subiu aquele cheiro bom que as senhorinhas têm, uma coisa que te lembra casa e aconchego, aquele cheiro maldito que me dá uma saudade louca da minha própria mãe.

— Também quero — O Dio disse, se enfiando no abraço sem pedir. E Seu Alcides, depois. Deu tempo de os olhos secarem o suficiente para que os homens da família não vissem as lágrimas de duas choronas convictas.

— Acho que está na hora de a gente puxar nosso carro, Nina — Disse o Dio-pai para a Nina-mãe.

— Verdade. Vamos, então?

Dio pegou as malas das crianças e foi com elas até o carro, enquanto Seu Alcides procurava as próprias chaves. Para ser bem diferente, o Dio se embananou com a cadeirinha do Guto e eu a coloquei no carro do Seu Alcides. O Dio colocou o Lipe na cadeirinha, depois colocou o Guto e os cobriu, um beijo em cada um. Nunca vou me acostumar com o tchau. Quando o Dio bateu a porta eu senti um aperto no coração. *Eles só vão brincar na casa da avó com a primarada do Dio*, penso comigo, enquanto a vontade é a de arrancar eles de lá, ou ir junto. Se desse para pular para dentro daquele carro junto deles, eu teria pulado.

— Domingo estamos de volta — Disse Seu Alcides para o filho, enquanto se despedia.

— Vocês não precisam voltar domingo cedo só por causa da festa do restaurante. Precisam voltar domingo por que os dois têm aula na segunda, mas não precisa ser cedo.

— A gente faz questão de ver seu sucesso, filhote. – A mãe deu um beijo no rosto dele, um abraço apertado e depois fez o mesmo comigo – Desculpa tomar conta da sua cozinha, Fê.

— Não precisa pedir desculpa, a casa é da senhora, também.

O jeito que ela me olhou antes de fechar a porta do carro. Eu lembro desse jeito de olhar. Me remeteu ao mesmo jeito que minha mãe me olhou naquela última conversa. O mesmíssimo jeito. O aperto no peito que veio depois foi automático. Por que Dona Teresa me faz me lembrar tanto da minha própria mãe? Que saudade que dá, enquanto ela me olha assim. Seu Alcides falava algo com o filho, mas eu estava muito distante, uns dezesseis anos antes. O barulho da porta do carro do lado dele me trouxe de volta. Acenei para um carro que saía da minha garagem, esperei o Dio colocar o carro dele para dentro e só depois entramos.

Fui dormir com a mesma sensação estranha de quando deixei minha mãe sozinha naquele apartamento. Sensação é o botão que liga uma máquina do tempo que traz de volta momentos nem sempre bons. E que faz você, trinta e seis anos, mestrande, dois filhos e um a caminho, chorar no meio da noite sem conseguir dormir.

— Vem cá, Nina. Não fica assim... É por causa do Guto e do Lipe estarem longe?

Capítulo 37

Mia, Geovana e Bia

Como você descreve a vida de alguém em páginas? Na hora de montar uma vida, o que você deixa de fora, o que você coloca? Escrever biografias é selecionar partes interessantes e descartar as milhares de coisas corriqueiras que acontecem. Das vezes que se acorda sem vontade de ser a pessoa sensacional que te descreveram, das fases ruins, dos amores perdidos, das músicas ruins. Ninguém conta nem contará do péssimo gosto que certas celebridades têm. Os gostos definem. As escolhas, os dias medianos em que nada acontece, as cartas de amor que se não fosse por amor, você jamais as teria escrito. Os desabafos imbecis feitos num momento de ódio para os nem tão amigos assim e as falas que se você pudesse dar ctrl+z na vida, tinha dado. Tudo isso? Cortado.

As fudas erradas, as vezes que tentou passar no vestibular, o desperdício de vida que foi chorar por certas pessoas. Tudo isso é deixado de fora quando se conta a vida de alguém – só uma parte da vida da pessoa descrita é levada em conta, numa biografia. Os passos e os caminhos tomados para que fulano se tornasse O Fulano.

Guimarães Rosa foi estudado, Hilda Hilst não. Hemingway foi chamado de gênio, Gertrude Stein, de louca. Ursula Le Guin é soft-sci-fi, mas Kurt Vonnegut, para poucos. Embora ela quem tenha ganho o Nebula. *A copa mundial de futebol feminino*. Não vamos nem falar do futebol feminino.

Por que se lê sobre alguém, para começo de conversa? Por que algumas pessoas preferiram ler sobre Hitler e como ele deu a cara amigável ao fusca em vez de ler sobre como foi a vida dos judeus e os ciganos nas câmaras de gás? Por quê? O que Berlusconi tem de tão especial, o que tem o fascismo, a ditadura, a primeira, a segunda guerra, o Bush? Por quê eles? A biografia é seletiva, a história é seletiva, a audição é seletiva. As preferências são guiadas.

É a diferença entre os esquecidos e os lembrados, não importa o resultado da corrida. Eles venceram. Os perenes, os imortais. Os subversivos, os esquecidos, esses perderam. Os primeiros e únicos, *os outros*. Eu e você; *os outros*. Nós. Nós e *os outros*.

Uma menina de dezesseis anos que sente tesão na coleguinha e não sabe o que isso significa. *Os outros*. Um colégio caro, um pai rico, três ou quatro pessoas à sua mercê. Um motorista, uma quase-mãe, uma cozinheira e um professor particular. Nós. Saias até os joelhos, meias, sapatos lustrosos. Um pai orgulhoso. É Ana Clara, seu nome.

Lá está ela, dezesseis anos, de frente para o espelho de corpo inteiro, em

seu closet, rodeada de Gucci e Dior, souvenirs de outros países, fotos de amigos. É uma adolescente de voz doce e canelas finas, de dúvidas, hormônios, perguntas. Não é criança, não é adulta. Tem que começar a saber o que quer, não teve nenhum guia para fazê-lo. De um dia para outro pararam de oferecer, pararam de impor, começaram a perguntar. Como é que se faz para escolher?

Pelo pai ela iria para Harvard, Oxford, qualquer uma dessas. Business School, Law School. Trabalhar na ONU por um ou dois anos, embaixadora da boa-vontade, discursos tomados como verdades soberanas, para depois voltar e assumir os negócios do pai, vender móveis para a classe baixa, ferragem prensada em folhas de MDF, descartáveis, os primeiros que boiam nas enchentes das favelas.

Enfia mais uma garfada de filé mignon na boca, o caldo de cogumelos, de frente para uma versão 2.0 do "Jornal das Moças". Agora falam de como escolher o sapato certo para ir para a escola, de camisinha, de métodos anticoncepcionais. Revistas que definem a adolescência como uma etapa, uma parte da vida que tem começo, meio e fim e que termina na faculdade, uma transição abrupta – numa matrícula. No assinar de papéis do pai ou responsável.

E começa na primeira menarca, quando a pobre-coitada carente e perdida decide verter sangue pelo meio das pernas.

Nunca contaram a ela que a adolescência era a idade da revolta; descobriu no banheiro de um dos andares vazios da escola. Outra menina, repetente, maconheira, piercings e tatuagens que fez sem a mãe saber. Filha bastarda de um apresentador de tevê. Líder da manada, era Mia seu codinome. Um segundo de flerte, dois sorrisos trocados. Três meses de conversas secretas por telefone. Um encontro no banheiro. E adeus, doçura.

Dezesseis anos. Boba, obediente. A primeira da classe, boa na oratória, nos cálculos, três línguas. Representante de quem não queria ser representado. Falava por aqueles que não tinham nada a dizer, outras cabecinhas de vento que enfiam pato na boca reclamando que não é steak tartare.

As revistas femininas não disseram nada sobre isso, nenhuma página, sobre beijar meninas. Revisou seus seis anos de assinatura. O Guia não ajuda. O Guia não faz seu trabalho. Esqueceram de comentar sobre esse fato? Alguém esqueceria de contar sobre o doce tremor das pernas, ou ainda, da sensação firme e doce de quando Mia a beijou? Ou melhor, quando Mia a tocou?

Contaram sobre os meninos. De como ela tem que ser boa. Dos guias para não ficar monótona num relacionamento, como sempre aparecer perfumada e com um sorriso no rosto, os possíveis presentes. Como ser boa com um homem. É boa. É bom. Só que não foi homem.

Percorreu seus outros repertórios assim que saiu daquele banheiro, entre

seus vestidos e botas, no espelho de corpo inteiro, sobre o que falavam, o que falaram a respeito. Beijar uma mulher. Os livros. Madame Bovary. Capitu e Bentinho. Romeu e Julieta. Não era suficiente. Faltava algo. Ninguém disse como era bom. Ninguém nunca antes tentou?

Na biblioteca do pai tem uma história que conta de tudo. No octogésimo dia de clausura, uma puta conta aos aristocratas de como um homem se banhava numa tina de merda de freiras. Era bom para aquele velho se banhar em merda santa. Pensaram em se banhar em merda, sentiram prazer com isso, mas ninguém, nenhuma mulher quis beijar outra mulher? Em todos estes anos?

Já ouviu da sodomia, do pecado, da maneira socrástica. Um homem mais velho instruindo um menino para vida adulta. A pederastia. Os amores entre dois homens. Bicha e baitola todo mundo escuta um dia. Só faltava uma coisa. A coisa que definisse o que aquilo no banheiro era. A coisa que justificasse ela querer de novo. Dezesseis anos. De frente para o espelho. Nenhuma mulher que a instruisse, a mãe está morta. Seu único guia, depois das revistas femininas é seu pai. Um pai amoroso e bom, longe do tópos de pai-rico-sem-tempo-para-nada.

Poderia conversar com ele sobre isso? E contar a ele o que fez com Mia no banheiro? E ser franca e limpa como seu pai fora com ela em todas as vezes em que ele trazia uma moça muitos anos mais nova para passar a noite? Tinha coragem de dizer isso? Que perdeu a vergonha de beijar e que, ao contrário do que foi com Carlos na oitava série, queria de novo?

Comparou Carlos e Mia. Carlos ainda a olha pelos corredores com rancor. Carlos realmente gostava dela, os pais de Carlos gostavam dela, o pai dela gostava de Carlos, eles foram amigos por anos. É assim que a amizade entre pessoas de sexos diferentes evolui, não é? Nasce o amor, depois nasce a vontade, depois nasce a coragem e depois eles se beijam. Carlos era bom de biologia. Ela fazia os trabalhos de matemática, ele fazia os de biologia e juntos, tentavam evoluir no português e nas demais. Não contava que numa dessas vezes, a coragem fosse nascer. Ele a beijou. Selinho só, coisa pouca. Ana Clara entrou em pânico. Passou da cor normal para o vermelho e o pavor ganhou grito.

Nunca mais se falaram. Desculpou-se como se tivesse feito algo errado, no mesmo dia, num telefonema. Disse que estava arrependida do desespero, que queria tentar de novo. Tentaram de novo. Foi ruim. Mais molhado, mais desengonçado. Desistiu. E como acontece quando a amizade não evolui, nunca mais se falaram.

Carlos olhando para ela quando cruza no corredor depois de beijar Mia. Medo. Mia lhe piscava nos corredores, Carlos a açoita. Carlos e aquela história pela metade, de uma amizade que evoluiu e não dá flores. Se Carlos descobre, o

que vai ser dela? O que vai ser da representante de classe, se ela gosta de beijar meninas? Quem quer uma representante de classe que beija meninas? Carlos até que era bonito, todas as meninas diriam que ela tinha sorte de beijar primeiro com Carlos, se elas soubessem. Nunca contou para ninguém, não tinha coragem. Era íntimo, um beijo. Tão íntimo quanto suas reflexões diante do espelho de corpo inteiro. Tão íntimo quanto as vezes que o estômago revirava e não era fome.

Vinha e ia do nada. Uma pontada de suor frio bem atrás do seu umbigo, que sobe para a cabeça e arrepiava os pelos dos braços. Apelidou isso por "vergonha", por que de primeira, foi estranho. Sentia isso toda vez que pensava no beijo com ela, que pensava em Mia. Na primeira semana depois disso, só pensou nisso, em mais nada além disso. Dezesesseis anos. As meninas e as revistas já falavam tinha um tempo, sobre se tocar. Nunca sentiu vontade. Não, pelo menos, até chegar a isso. Àquele assalto no banheiro.

E depois, depois se tocar, queria de novo. Acordava um monstrinho que nunca dormiu, nos meninos. Acordava uma fera inocente e mordaz, mas fera. Um monstro que toma conta toda vez que está sozinha, uma coisa que a faz querer beijar de novo. Investiu. Esperou que o objeto que sacia o monstro estivesse sozinho num banheiro e investiu. Mia desviou, riu. Fez chacota. Contou para as outras meninas.

— Ana, venha cá. — O Pai carregava as malas de viagem. Fazia negócios constantes nos países vizinhos, no MERCOSUL todo. Voltava da Venezuela. A quase-mãe, babá por toda a vida, contara do acontecido. A escola inteira sabia. O monstrinho estava acordado e era sincero demais. Brilhante demais. Esquisito demais. Três dias de suspensão por fazer algo que o corpo quis, que Mia já quis e agora ria.

Era de verdade para ela, era de mentira para os outros. Era substancial para ela, era brincadeira para os outros. Era questão de vida para ela, era questão de morte, para os outros.

Os questionamentos, as ideias erradas, as vontades de ir lá e beijar Carlos na frente de todo mundo. Mostrar que era normal, que não era esquisita. Que ainda era a boa e educada e falante menina doce de canelas finas e meias escorregadias.

— Não quero falar.

— Venha. — Ele esticou a mão de meia idade para ela, acompanhou-a para o próprio escritório. Sentou-se na cadeira da visita, deu a cadeira do anfitrião para ela. Era macia e confortável. Era grande, mas um dia seus pés não encostaram no chão. Balançava as patinhas raspando os pés descalços no linóleo frio por costume, seus pés alcançariam o chão com firmeza, se quisesse. Puxou

uma caneta do porta-lápis, uma folha de rascunho da impressora perto da mesa que não era como as mesas que o pai vendia. Era maciça e dura, escura, bem envernizada – Fale comigo.

— Não posso. – O bico debruçado por cima do queixo, a caneta por cima da folha com raiva. Não desenhava, não escrevia. Só riscava.

— Sabe como Platão chamava Safo? – O amor por literatura do pai o fazia o mais sábio dos homens, não porque viveu muito, mas por que leu. Se pudesse, nunca tinha entrado no ramo de móveis, tinha se dedicado a ser escritor. Escrevia nas horas vagas, mas colocava tudo na gaveta, longe das mãozinhas curiosas da filha. Foi assim que conheceu a mãe da Ana. A mãe dela tinha alma de poeta, morreu no parto. Escreveu centenas de poemas para Ana Clara e o Marido, Leônidas, que queimou-os num acesso de raiva, quando se viu pai solteiro com um bebê no colo. Não era assim que tinha imaginado viver a vida. Não era para isso que se matava para trabalhar. Não era para ser sozinho e pai solteiro.

— Quem é Safo?

— Sua mãe se envergonharia de saber que você nunca ouviu falar de Safo.

— Tudo o que eu preciso saber agora é que mais alguém se envergonharia de mim.

— Platão chamou Safo de décima musa. Você sabe que são nove as Musas gregas, não sabe? Vou te ler um trecho de um poema dela. Você acha que consegue me ouvir? Você nunca ouviu seu pai recitando um poema e eu sou muito ruim nisso.

— Pouca coisa pode ser pior. – Viu a mão do pai percorrer as estantes que escorriam do teto ao chão em todas as paredes do escritório. Livros em muitas línguas, nem todas conhecidas por ele, mas sempre que ia a um país diferente, trazia algum livro para a coleção, embora Ana nunca fosse de ler mais do que a escola obrigava.

— Aqui – Disse ele, puxando de uma das prateleiras mais baixas, um calhamaço de folhas que não era bem um livro. Bem fino, folhas de livros coladas juntas. - "Pois se ela foge, logo perseguirá. Se presentes recusa, logo os dará, se não ama, logo amará, mesmo que ela não queira".

— Sensacional. Entendi foi nada. – Destilava pouco do veneno que a contaminava por dentro.

— Safo era uma mulher. A única poetisa da época dos antigos. Safo dizia de outras mulheres. Esse é uma estrofe de um poema em que ela pede para Afrodite para parar de amar outra mulher.

— Legal.

— Me ajude, eu não sei falar sobre isso com uma adolescente. Estou dando o meu melhor, você devia fazer o mesmo.

— Pai, eu –

— Você tem ideia de declaração que vai me dar?

— Eu –

— Você tentou beijar uma menina. – Aquilo era um sorriso? – Eu sei, a Maria contou. Filha, por que você não perguntou se ela queria, antes de beijar?

— Mas pai, ela me beijou primeiro! Ela me beijou num dia e aí quando eu fui beijar ela, ela –

— Quantas pessoas você beijou antes dela?

— Eu não vou contar isso para o meu pai.

— Não vou trancar você numa torre, se me contar. Quantos meninos?

— Um.

— O Carlos?

— É.

— E você gostou?

— .

— Não como gostou do beijo da menina, né? – Passou a mão nos cabelos grisalhos e escorregou a mão para o queixo quadrado e forte. Escondeu um sorriso. Tinha um belo sorriso, ostentava um Rolex meio escondido por um terno Armani e camisas. – Bom, isso diminui muito o tamanho das minhas preocupações.

— Você podia não ser egoísta por só um dia na sua vida.

— Isso não é jeito de falar com seu pai.

— Eu estou arruinada.

— Arruinada?!

— O que vai ser da minha formatura?

— É isso o que te preocupa? Filha, - Ele arrastou a cadeira do hóspede para o lado da cadeira da Anfitriã. Mirou-a nos olhos, bem fundo, como se analisasse o que ela queria esconder – Sabe o que um pai com uma filha de dezesseis anos teme, sendo ele um pai solteirão?

— Que eu... engravide?

— Também. Mas o que me dá medo mesmo, do fundo do coração, é você ficar bêbada numa festa. Eu dei sorte de você não gostar de festas, mas e se eu fosse menos sortudo? Você ficar bêbada, perder o controle. Alguém chegar e fazer uma besteira com você. Ou pior, Deus me livre. Seu namorado. Deus me livre dos namorados de dezesseis anos. Sabe o que os namorados de dezesseis anos fazem?

— Namoram meninas de dezesseis anos?

— Eles querem transar. A qualquer custo. Os pais dos moleques de dezesseis anos só mandam que eles encapem o negócio. Não querem saber o que eles vão fazer depois de encapar o instrumento, desde que encapem. Filha, amor meu, você tem certeza que está com vergonha por não sentir atração por moleques de dezesseis anos? Olha pra mim, filha. É disso que você se envergonha?

— Está todo mundo rindo de mim – As lágrimas nos cantos dos olhos. A dor. A descoberta – Por que eu sou... Eu sou...

— O quê? Lésbica? Sapatão?

— PAI-

— Filha, você deu um beijinho só na menina e vem me falar que é lésbica? Oras... – Ele ria – Você precisa testar mais esta teoria. Não vou te aceitar lésbica até que você esteja certa disso. Eu estou muito orgulhoso por que você não é a menina que você tentou beijar. Você é a minha Ana. Que gostou do que sentiu e foi beijar de novo. Aquela menina, qual o nome dela?

— É Marina, mas todo mundo chama de Mia.

— Mia, que seja. Aquela Mia provavelmente está com a cabeça tão confusa agora que ela vai perder a virgindade para qualquer moleque que ela julgue "macho", para poder afirmar o que ela nega, se é que isso não já aconteceu. Minha Ana foi atrás do que sentiu. Confiou no próprio instinto. Teve "Cojones", os "cojones" que eu procuro nos meus economistas e não acho. Um pai não pode ficar mais orgulhoso do que eu estou. Talvez você tenha enfiado os pés pelas mãos, mas não interessa. Você fez. E vai fazer de novo.

Fez. Com outras e com várias outras. Terminou os meses que faltava na escola sob as alcunhas que recebem quem não teme a si mesmo. Tinha a proteção do pai e do dinheiro. Bebeu na formatura, sozinha, ela e o pai. Primeiro porre da vida de Ana Clara. Ouviu ao discurso de formatura sentada na plateia, ela não era mais a aluna número um da sala, estava mascarada na multidão. Ela, a toga, o chapéu quadrado. Olhando Mia. Mia é quem foi a representante de sala.

Despediu-se da moça, sentia-se superior àquilo. Foi chamada de lésbica, sapatão, tudo quanto é nome. Percebeu que eles não eram xingamentos. Aprendeu a rir, nunca largou as revistas-guias. Entendeu que o seu amor por elas não eram os escritos, eram as imagens. Pediu para o pai. No dia sete de janeiro do ano seguinte viajava para a Itália. Faria alguns cursos de fotografia e, se desse sorte, seria assistente de pelo menos um bom fotógrafo.

Olhando as fotos de sua única musa inspiradora em anos, Ana chorava.

Dias de fossa. Viu se repetir com a Bia todos os erros que cometera com a italiana, Geovana. Casar é mais complicado do que divertido. Não se tem diversão no casamento. O namoro é interessante porque tem hora para acabar. Quando você sabe que tem um lugar só seu para poder voltar, poder descansar a cabeça no travesseiro e dormir de qualquer jeito, sem se preocupar se a merda da janela está aberta ou fechada. Se tem roupa dentro da máquina, se ela está no varal. Se vai chover. É dar tchau com um beijo gostoso e pular para dentro da sua casa, seu reino.

Mas casar? Já experimentou isso uma vez. É cobrança atrás de cobrança. É ganhar dinheiro por um e gastar por dois. É chegar em casa carregando câmeras pesadas e ter que ouvir que a louça está suja. Chegar em casa e dar comida para a merda de um gato que sequer é seu. É ser seguida bem de perto por uma falsa-mãe preguiçosa cuja bunda aumentava um pouco a cada dia. Casamento para ela, nos três anos que se aventurou, foi clausura.

E agora sofria justamente por que a namorada de cinco anos queria dar mais este passo. A namorada quer filhos. Quer juntar as escovas de dente num único copo lodoso e molhado. Não entendia por que elas, as subversivas, as insubordinadas, as Rainhas sem Reis, tinham que se submeter a um troço feito pela Igreja. A Igreja nunca agiu em favor das mulheres. Eva mordeu a merda da maçã e condenou a horda de mulheres que seguiu depois. Eva agiu sem perguntar para o marido, foi condenada por isso e quem paga são as mulheres do século vinte e um. Ninguém nem sabe se o raio de Eva existiu de verdade. Não sabem se Deus deu livre-arbítrio para cada um usar o seu, ou se "livre-arbítrio" é um teste de fidelidade.

Por que uma lésbica iria quer casar? Nem a Igreja nem o Estado defendem uma mulher quando ela apanha de segurança em porta de balada. Ou quando um grupo de machos em Angola se aventuram a estuprar uma lésbica sob a desculpa de que eles a curarão. Ou, olha que sutil. Quando um grupo de soldados no Haiti usam de comida, absorventes e suprimentos médicos como moeda de troca com meninas de doze anos.

O padre, o Estado e os homens não gostam das mulheres. Menos ainda aquelas que se negam a gostar deles de volta.

Mas a Bia queria casar. Queria sossegar o facho de drinks coloridos e músicas com 320BPM para dar casa para uma criança. Pensa em adotar ou em colher esperma de anônimos. Formar uma família. Com ela. Logo ela.

Segurava um pedaço de papel que rasgara em momento de raiva. A imagem de seu único motivo para fotografar desde que saiu da Itália. Segurava a máquina e sentia como se segurasse aquela vaca italiana que quase estragou sua vida. Segurava a câmera, as lentes. Era como reviver aquela fatídica cena de sua

ex-esposa ameaçando se jogar da janela. Dizendo que não iria se matar por depressão, mas por amor. Que aquilo que a italiana sentia era amor e não obsessão. Não loucura.

Terminou um casamento que começou com um namoro sensacional, por conta do controle. Da loucura, da insegurança. Terminou com o casamento antes que ele terminasse com ela. Nunca mais conseguiu segurar equipamento nenhum. Olhar pela lente era como olhar para uma megera que está negando, sempre negando, qualquer coisa, o tempo todo. Nunca uma palavra de conforto, nunca uma jura de amor. Nunca. Trita e dois anos, uma megera. Bia tem trinta e cinco. Não consegue pensar que isso vá terminar com uma delas no parapeito da janela bradando que vai se matar se for abandonada.

E talvez, depois de ver o tamanho da fossa, talvez dessa vez seja a própria Ana. A Bia talvez tenha mais decoro. Bia tem uma academia, um nome e uma carreira para dar conta, a Italiana não tinha. Vivia às custas da Ana e pior, Ana não se importava com isso. A carreira começava a dar satisfações. Parava de aparecer à sombra de fotógrafos renomados e começava a assinar seus próprios ensaios. Sempre foi sua paixão clicar mulher. E de Moda. Como naquelas revistas.

Só que com Bia era diferente. Era diferente clicar aquele corpo, aquela mulher. Desprevenida ou posando, acordada ou dormindo. Era prazeroso fotografá-la. A Bia tinha um jeito especial de sorrir e de conquistar e não eram as poses elaboradas, era uma coisa dela, natural, espontânea. Tão barulhenta e ensurdecadora que abafava a voz da megera italiana que gritava em seu ouvido toda vez que agarrava as câmeras.

Da Itália, só de bagagem extra, cem quilos. E não eram roupas. Foram poucas as peças que quis trazer. Agora, tudo amontoado em caixas sem vedação, debaixo da cama. Trabalhando de recepcionista porque seu pai era bem relacionado. Dizendo "olás" e "até breves" para qualquer um que ligasse procurando seu chefe. Atendendo clientes que não tinham nem um décimo da conta bancária que seu pai tem. Não precisa disso. O pai tem um cargo pronto esperando por ela, mas ela não quer vender prensados de madeira. Não quer viver com a ânsia de ser artista sem nunca sê-lo.

E pior, seu pai entendia isso. Ela sabia que se fosse preciso, ele estaria lá, mas Ana não ficaria feliz em saber que um dia as ajudas do pai foram necessárias. Era orgulho? Sim. Chegar lá por esforço é uma coisa, chegar lá por indicação é outra. Embora Ana tenha a instrução privilegiada como força atuante por seu sucesso, cursos na Itália, workshops com fotógrafos pelo mundo todo, bons contatos, ela faz o possível para se sabotar. Como negar seu aparelho de trabalho. Olhar sua paixão e lembrar de uma pessoa ao ponto de remover os

quadros das paredes, os pôsteres, as artes. Depenar a casa porque ver as artes que enfeitavam sua outra vida, era como vivê-la. Ser casada com Geovana foi a pior coisa que conseguiu fazer. Casar com o primeiro amor, por impulso, sem pensar. Sem conhecê-la mais. Sem perceber que ela era uma maníaca. Sabendo que aquelas brigas por causa de homem (sim, Geovana vivia reclamando de como faltava um pau na esposa) eram perda de tempo.

Mas olhando para a foto da Bia, sentia falta de fotografar de novo. Jogar luz em cima do corpo da Bia e ver como ela se comporta por detrás de uma câmera. Dias em que a Bia reclamava do cabelo, mas para a Ana, ele estava lindo. Os dias em que ela reclamava de cólicas e bastava uma bolsa de água quente. Ninguém precisava perguntar o que a outra precisava nesses dias – eram duas mulheres. E algumas coisas entre mulheres não precisa ser dito.

Foi preciso de intervenção de fora. Foi preciso de um menino de sete anos e um menino de cinco, ainda não contaminados por pornô e coleguinhas idiotas. Menininhos de corações limpos para fazê-la crer que pode ser diferente. Foi preciso um casal hétero em reconstrução. Cinco anos sem gozar de uma esposa, três meses atrás sem nome, para perceber que talvez,

mas apenas talvez

(e não muito mais que isso), tenha alguma coisa nesses casais que conseguem desmoronar e se erguer, que conseguem recuar e avançar, rastejar, andar e correr, que seja maior que o amor. Que seja prudência misturada com tolerância.

Talvez?

Às brigas idiotas, quantas vezes elas brigaram por que uma queria que a outra trocasse de sandálias? Ou que a Bia, mais encorpada que a Ana, queria emprestada uma calça? Quantas coisas já disseram, no auge da bebedeira, que jamais diriam se estivessem sóbrias? Os lugares que transaram que não transariam se estivessem...

Talvez ela ainda esteja bêbada de passado. Muito afundada naquelas águas turvas. Só esperando o momento em que a Bia enfiasse naquelas mesmas águas turvas, sem perceber que há muitos outros rios para perderem o ar. Que teriam brigas no casamento. E que casamento não era Padre. Não era Estado. Eram duas pessoas. Casamento não quer nem dizer filhos. Filhos independem de casamento.

Por isso, quando foi deixada na frente do prédio da Bia, ou, pelo menos, o que costumava ser o prédio alugado onde a Bia morava até que o dela estivesse pronto, a única coisa que tinha em mente era o fato de que um casamento errado não significa que todos os casamentos serão errados. Ela, justo ela, Ana Clara, não conseguiu se livrar das generalizações que tanto um dia a assolaram. Tanto a

diminuíram. Tanto a escravizaram por que ela era só uma menina de dezesseis anos que conseguiu ver mais graça em beijar meninas, que beijar meninos.

Ainda era aquela velha camiseta do Nirvana que a Bia odiava. Ainda era aquele short ridículo de algodão que não cobria toda a bunda e tênis de botinha que são a marca registrada das lésbicas de vinte anos, embora Ana Clara tenha já seus quase trinta.

Subiu pelo elevador procurando na bolsa a chave da ex. Se a ex não estivesse em casa, tudo bem, esperaria. Talvez fizesse um jantar como um pedido de desculpas bem besta e bem simples que não diria nem um quarto do que pretendia dizer (Deus sabe com que palavras). Cumprimentou o porteiro que já decorou a cara da Ana e subiu até o sétimo andar. Abriu a porta. Não ouviu nenhum barulho naquele estúdio perto da Paulista, sem firulas e sem paredes entre sala/cozinha/sala de jantar. Via a bolsa da Bia sobre a bancada da cozinha que a dividia do resto dos cômodos. Via os tênis de corrida jogados pelo meio do caminho e o macacão estampado tirado de qualquer jeito em cima do único sofá. Era uma casa provisória.

Largou a mala de rodinhas perto da porta e entrou. Não fez cerimônias. Avançou para o quarto da Bia, com a porta fechada, e girou a maçaneta. Era uma loura de corpo dourado, os olhos azuis, os bicos róseos. A boca pequena e rósea, linda de beijar. Os cabelos loiros puxados por mãos masculinas, por uma aspereza que a enojava. Uma coisa que lembra seu pai dizendo que moleques de dezesseis anos só querem comer alguém. Talvez seu pai tivesse errado a faixa etária em que isso acontece. Tinha alguém comendo o que era dela e ninguém, homem ou mulher, fica são quando vê sua mulher de quatro dando para um fulano que não tinha face – só tinha pau.

— ANA —

— Você. Fora.

— Não, Guilherme. – A Bia procurou o roupão e o coitado do homem só conseguiu se cobrir com o lençol, sentando na cama. – Você, Ana. Fora.

— Você tá feliz com esse cara?

— Não sei, só estou dando.

— Posso esperar. – Ana disse, autoritária, passiva-agressiva. Saiu do quarto, fechou a porta. Foi para a cozinha que conhecia muito bem e preparou um café. Era a primeira vez em semanas que não queria arrancar os cabelos. Era a primeira vez na vida em que não se sentia diminuída porque a namorada está de fato dando para um cara – e não só ameaçando. Era como se esperasse por isso. Como se soubesse que algum dia nesta vasta vida encontraria sua esposa dando para um cara por que ela, Ana Clara, não tinha o que eles tinham.

Só que a calma estava justamente no fato de não ter o que eles têm.

Preparando um café que ela mesma nunca gostou de beber, misturando o açúcar no líquido preto, houve a terceira epifania de sua vida. A primeira foi ver Mia no palco como oradora da turma. Aquilo era amor? Não se pode dizer. Mas ver Mia se comportando como moça educada, ela, justo a maconheira, tatuada às costas da mãe, que assalta mocinhas inocentes no banheiro, agradecendo por "mais um ano maravilhoso, um ciclo que termina para que outros possam começar" mostrou para ela que a Ana ali sentada não era parte da sociedade de ciclos. Não ficaria adulta com um diploma a caminho. Não seria derrotada se não arrumasse um bom partido, um namoradinho de pau pequeno que nunca a faria gozar.

A segunda epifania, foi quando viu Geovana no parapeito sabendo que ela não pularia. Era chantagem emocional pura e simples. Aquilo era amor? Era controle. Faria tudo, carregaria equipamentos pesados, alimentaria o gato, lavaria a louça, colocaria a merda do lixo para fora, desde que se sentisse retribuída. Desde que o amor não fosse uma via de mão-única. Desde que soubesse que estava dando e não recebia nada. Ana não tem pau. Não. Ana é uma moça, morena, linda, um metro e setenta. Ana é mulher. E se não fosse para ser amada como mulher, então não valia a pena.

Aí estava o perigo, com a italiana. Ana não era mulher. Era como um protótipo mal-construído de um homem. E Ana não foi feita para ser amada como um homem pela metade. Era mulher. E merecia ser amada como uma mulher.

Ver Bia ali, de quatro, aberta para um homem, foi a terceira epifania. Aquilo era amor? Esperou Bia sair do quarto para saber. Viu o fulano sair da casa vestido, viu a Bia de roupão e descalça, andando de um lado para outro catando seus pertences como quem colhe erva daninha.

— Quer café?

— QUAL É O PROBLEMA COM VOCÊ? Se você não vai casar comigo, se você não vai me dar filhos, então você some da porra da minha vida e não me atrapalhe. Quer saber? Me dá a chave da minha casa. Vai embora, Ana.

— Senta aqui. Toma café comigo.

— CAFÉ A PUTA QUE TE PARIU.

Bia tomou o braço da Ana e a arrastou para a porta da própria casa. Chutou a mala para fora de casa e o barulho de plástico se partindo foi alto. Ana, ao ouvir aquilo, parou entre o corredor e a Bia. Não passou o umbral, não abandonou o batente. Ficou dentro e ao mesmo tempo, fora. Sair da casa da Bia era sair da Bia. Abandonar a Bia. E isso, isso ela não conseguiria fazer.

— Você sabe quantas vezes, nesses cinco anos que a gente tem, eu peguei a câmera escondida de você e te fotografei?

— Não me interessa – As duas com a mão na porta.

— Foram várias. Eu nunca te contei. Você tem mais fotos suas na minha casa do que a sua mãe tem, de todos os seus aniversários. Eu perdi o prazer de tirar fotos e você sabe disso, só que eu vejo prazer em fazer isso com você. Eu vejo você e minhas mãos coçam. Eu vejo você e eu quero ligar três ou quatro holofotes, quero meter um âmbar em você por que você fica linda no âmbar. Quero te levar para as praias que eu fui esses dois dias e quero encontrar um lugar para poder clicar tanto você, que você vai me mandar parar.

— Eu não quero saber, Ana. Só vá.

— Ele fez você terminar? Ele segurou seu cabelo daquele jeito por que você pediu? Você deu para ele por que você queria esquecer de mim, ou você deu para ele por que você quis? Você fechou os olhos, quando beijou ele? Você sorriu, quando ouviu seu nome saindo da boca dele?

— Saia, por favor.

— Só me responda uma dessas perguntas. Se você disser "não" para qualquer uma delas, eu não vou embora. Por que eu te amo, você sabe. Bia, eu te amo tanto que tem dia que eu não sei como eu consegui agarrar você por cinco anos. Como que você foi ficar comigo, logo comigo, a menina que bateu a primeira siririca só com dezesseis anos. Logo comigo que trabalha de recepcionista tendo mais de cinquenta mil euros de equipamento fotográfico debaixo da cama e não consegue usar por que uma filha da puta achou engraçado brincar comigo e com suicídio. Bia, eu fui acreditar no casamento de novo só quando eu vi os bonitos. Só quando eu vi o Guto e o Lipe e o quanto vale a pena tentar se erguer. Olhe para eles. Olhe para o Cinco. Olhe para aquela bunda flácida dele e diga que você não vai ter orgulho de mim quando a minha bunda ficar flácida e quando for a minha vez de te deixar cinco anos sem gozar. OLHA PRA MIM, PORRA. Não é que eu não quero você, que eu não quero seus filhos, que eu não quero uma vida com você. É outra coisa. É medo. Filha, eu sou tão medrosa que eu trabalho de recepcionista. Que eu não encaro meu pai sem ser em feriados que me obrigam fazer isso. Que eu disse que não me caso com você por que eu sei que você vai me abandonar tantas vezes e vai me deixar na merda tantas vezes, que eu tenho medo de algum dia... qualquer dias desses... , não te ver mais. Medo de perder você para um macho ridículo que acha legal usar cabelo de alça. Para um macho tacanho chamado Guilherme que deve estar se achando um máximo agora porque comeu uma loira escultural ridícula de linda, sem se dar conta que ela é mulher de outra pessoa. Bia, eu te amo. Olha, volta pra mim. Casa comigo. Vem morar na minha casa, ou eu vou morar na sua, não importa. Não me deixa dormindo mais uma noite sozinha por que esta noite não tem Lipe aqui para dormir comigo. Bia...

Encostou a cabeça na folha da porta, elas se viam por uma fresta. Usou a

porta como um ombro macio e materno, tentando controlar o choro compulsivo que vinha. Não estava nos planos chorar diante da musa, porque julgou que a epifania a desse ao menos dez minutos de lucidez. Só que esta não era como as outras; era amor. E todo mundo comete erros quando acha que está fazendo certo, mas a verdade é que ninguém sabe da verdade.

E nem consegue bater a porta na cara da quem se ama, por mais que ela mereça.

Então, com o resto de um coração na mão e a dor pintada no fundo daquele azul, a Bia recolheu do chão os cacos do próprio peito, limpou com a gola do roupão o que sobrava de água para fora do par de oceanos e abriu a porta. Começariam de novo. É isso o que a gente faz quando alguém fode com a gente.

A gente perdoa. E vai beber um café já frio sabendo que esta não vai ser a última vez.

Capítulo 38

Sábado

Preaqueço o forno do bolo e lembro das coisas que o Dio me disse ontem. Jantamos, eu e ele, no restaurante. Estava cheio, uma moça dançava com uma saia rodada, castanholas nas mãos, acompanhada de um moço de violão, no palco. Era uma música boa e os clientes gostavam daquele ambiente. Confesso que antes de ver como a reforma tinha ficado, eu tinha medo de que ele carregasse demais o "ar espanhol" do lugar. Enchesse de bandeiras e quadros de touradas. Ainda bem que não. Tinha cara de restaurante caro, mas simples.

Pego dois ovos na geladeira e lembro do meu marido dançando entre as mesas, sorriso por todos, feliz por estar em seu habitat natural. O sorriso e a conversa, essência do meu marido, espalhados pelos clientes dele. Sozinha em alguns momentos, ouvindo um "desculpa" a cada vez que ele voltava à mesa, eu acreditei, sem que ele me dissesse palavra, que vai ser possível criar mais uma criança no nosso casamento. Não somos os melhores, nem os modelos, nossos dias estão cheios de falha, de conversas interrompidas, mas olhando aquele homem de camisa branca e jeans, andando entre os clientes, sorrindo como só ele sabe sorrir, brincando com os clientes como só ele sabe, eu acreditei que por mais que ele sofresse uma queda colossal quando a mãe fosse para o céu, ele se reergueria e seria aquele exato mesmo marido do restaurante.

Misturo o fubá, ligo o mixer. Rodrigo é como uma abelha. Ninguém consegue entender como ele voa. A aerodinâmica de uma abelha vai contra tudo o que acreditamos ser o que faz um corpo sair do chão. Vai contra as leis da física. Corpo muito grande para asinhas tão pequenas. Ninguém sabe como é que esse bicho voa, mas voa. Rodrigo é como uma abelha. Você não dá nada por ele além de seis meses e quando vê, quando se toca, um pouco de pólen por onde vai e ele está voando, seu jardim está florido e você está cinco e quinze da manhã de um sábado, fazendo um bolo de fubá para ele.

O fermento, a erva doce. É a única chance que a gente tem de comer "bolo de adulto" (é assim que o Lipe chama qualquer bolo que não seja de chocolate). Eu bebendo uma H₂O querendo que fosse uma taça bem grande de vinho e ele ali, entre as mesas. Não atendia, ele não era o garçom. Ele era só a pessoa que passava para puxar assunto em mesas grandes, oferecendo cafés de graça, outra rodada de sobremesa. E se descobrisse que era aniversário de alguém, mandava vir um vinho da adega.

Coloco a massa crua no forno e desligo uma das bocas do fogão com a chaleira que apita. Ontem ele me disse que nós podíamos ser como a Ana e a

Bia. Que poderíamos sair do restaurante e ir para qualquer lugar que quiséssemos, mesmo que fosse mais uma balada cheia de gente transando pelada num cubo de vidro, cheia de drink colorido que eu não podia mais beber. Prefiri vir para casa, já passava da uma da manhã. Sinto que essa gravidez vai ser como a do Lipe e me empolgo com a ideia. Nós éramos felizes. Reformávamos a casa nova, dormíamos na minha cama de solteira, na casa da minha mãe, sonhando em como faríamos para criar nosso filhote com um mínimo da decência que nos faltava.

Talvez tenhamos ficado caretas e chatos demais, no processo. Talvez o ânimo mais calmo do Guto refletisse isso. Talvez tenhamos ficado só dois adultos sem saber como é que maneja a responsabilidade e a diversão.

No fone de ouvido do meu celular toca uma música que não combina com a manhã fria que nasce pela janela da cozinha. O SoundTrack do Matrix 1, meu filme favorito da vida. Tirando Rammstein que não é muito a minha, todo o CD é uma pérola. Lembro de quando lançaram aquilo, 99. Só no cinema, assisti pelo menos duas vezes. Quase fiz mais um buraco no CD, pelo meu Diskman. Época em que o Keanu Reaves era gato com aqueles óculos. Quase cortei meu cabelo como o da Trinity.

Hoje em dia, se eu pergunto ao Dio se ele escolhe a pílula azul ou a vermelha, ele vai me olhar como se a estranha fosse eu.

Ontem ele me perguntou o que eu imaginava que seria a nossa vida, quando o pedi em casamento. Ainda não sei a resposta para aquilo. Eu tinha alguma espécie de plano? Queria continuar trabalhando onde eu estava, queria que ele continuasse trabalhando onde ele trabalhava, queria que talvez em um ano ou dois viajássemos para algum lugar legal, mas filhos? Uma casa maior, com quintal, quarto para filhos, preocupações com mensalidade da escola? Nunca pensei nisso.

Acho que só chamei ele para casar comigo por que era alguma coisa que nós dois queríamos e pronto. O que veio depois não foi milimetricamente planejado. O Lipe não foi planejado, mas querido assim que se alojou aqui como esse terceiro bebê que está a caminho. Escaldando a garrafa de café eu penso nessas coisas. Um dia eu pensei que chegaria a hora que o Dio ia querer um filho, mas não sei o que eu planejava. A Fê solteira nunca quis filhos, mas a Fê que chamou o Dio para casar... Acho que ela no fundo, já queria filhos. Ela sabia que o Dio queria filhos, ele foi criado para isso, para casar e ter filhos.

Tanto que não aquietou o facho até que eu tivesse aceito me casar com ele no religioso, como ele foi ensinado. Tanta mulher reclamando que o homem não quer casar e eu aqui reclamando que o meu quer casar com festa. Não é a pior coisa do mundo, me meter num vestido cheio de pedras, chamar uma

mulher para me maquiar, desfilar por um carpete acompanhada por Seu Alcides. Olhar todo mundo que eu vejo com frequência, só que de vestido de gala. Sorrir para um marido que eu sorrio todo dia.

É, penso eu derramando café na garrafa. Talvez eu esteja gostando da ideia. Por birra minha mesma, coisa de uma Fernanda que não é mais esta Fernanda, que se prometeu, num lapso de ódio, não se casar com ninguém.

Mesmo que esse alguém seja muito gostoso, um puta pai, carinhoso para cacete e que tem (eu ainda posso me lembrar de ontem como se eu estivesse lá) o sorriso mais bonito e mais brilhante de toda a nação. Eu não sou responsável por nada além do que eu digo e por meus filhotes. Não digo que não existe mulher que não queira filhos e casamento. Cada mulher sabe de si. Tem mulher que quer filhos, mas não quer marido. Arrumando a mesa semi-ouvindo Matrix, eu penso, eu quis. Os dois. Pior, Deus como eu sou besta, ainda quero. Por isso que estou quinze para as seis da manhã arrumando a mesa para fazer surpresa para um marido que vai começar, em poucas horas, o Dia D do restaurante.

Calculo quanto tempo tenho até o bolo ficar pronto. Corro rapidinho para a padaria perto, vestida com qualquer coisa que achei no armário, para comprar pães frescos. A gente nunca come pão francês de manhã por que torrada é muito mais prático. A gente deixa pão de forma em cima do balcão e torra de manhã, na torradeira. Pão francês implica de a gente ter que sair de manhã para comprar, ou comprar de noite e comer ele dormido.

Volto, as bochechas congeladas, e tiro o bolo do forno. Deu tempo. Se o Dio acordar rápido, dá tempo de comer bolo com manteiga. Subo as escadas.

— Bonito, — É assim que ele me acorda, me chama de “Bonita” quase todo dia. Chamo, sentando na beira da cama, tirando os tênis de corrida, a legging e a blusa de malha — levanta — Ele se aproveita da minha nobreza e me puxa de volta para as cobertas, dando muxoxos — Eu fiz bolo de fubá e está quentinho. Se a gente dormir não vai dar para comer.

— Quem é você e o que fez com a minha Nina — Ele está quente e macio, confortável. Ele fica macio quando acorda, é diferente de quando vai dormir. É como aquelas pelúcias que sua mãe colocava na cama, quando você ia dormir.

— Te espero lá embaixo, não demore e nem volte a dormir.

Ele reclama mais um pouco, mas quando coloco de volta o roupão de toalha, ele está de pé. Massageia o rosto torto, a barba por fazer e me olha. Existem homens que te fazem querer dar, homens que te dão nojo de tão escrotos que são, homens que você vai namorar, mas que vai descobrir que não eram tudo isso e homens como o Dio: Que não vão beber porque você não pode beber, que vão se desculpar toda vez que voltarem para a mesa e que vão acordar, bafo de leão, os cabelos desgrehados, o rosto marcado e ainda sim vão parecer muito

convidativos.

A gente não sente vontade de casar com moleque. Até arranca uns pedaços, dá uns beliscos nos moleques, mas não é com eles que a gente casa. É com esse tipo de homem que me olha agora. O que não vai mentir para mim dizendo que não tem medo, mesmo a gente sabendo que está se cagando. Um, que se não puder ser forte cem por cento das vezes, que vai arrumar um jeito de não te deixar apreensiva.

Aqueles que, depois de ver a merda que está fazendo, pede desculpas e tenta se superar da melhor forma que pode. Valorizo isso no Dio. "Deixa que eu conduzo", ele me disse. Pediu mais seis meses. Sabe, em dez anos de casamento, eu nunca levei café na cama para ele. Nunca me senti confortável, não sei bem o motivo. Só sei que agora eu tenho. Engraçado isso. Quando ele se curvou e disse que estava cagando no pau, era como se eu também me curvasse e deixasse ele entrar.

Provavelmente eu esteja especialmente emotiva hoje, não sei. Talvez eu tenha tido um tempo para pensar na vida, no universo e tudo o mais. E perceba que quando ele me pediu seis meses, de primeira foi divertido vê-lo fazer das tripas coração para "não me perder". Só que nesse meio-tempo eu também me dei a oportunidade de achá-lo. Ver que o homem que eu pedi em casamento era o mesmo bitolado em trabalho, o mesmo perdido que entrava mudo e saía calado de casa me deixando sozinha depois de parir, com duas crianças pequenas.

Quando ele baixou a crina a mim, eu baixei a crina a ele. E acho que foi isso o que me fez me sentir confortável para agradá-lo, como em dez anos de casamento eu não consegui.

Desci as escadas e esperei ele chegar. Não levei café na cama para ele, arrumei a mesa. São coisas diferentes, mas a intenção foi a mesma. Prefiro que ele desça do que eu suba, encher o tapete, o criado-mudo de coisa de comer me parece menos inteligente do que esperar ele descer e comer na mesa comigo.

— Sabe, – eu disse, derramando café na xícara dele, bem do lado da minha. Ocupamos só um dos lados da mesa e ele me sorri com hálito de listerine – Eu acho que a gente devia sair e comprar roupa para você.

— Para mim? Você está de brincadeira, né?

— Acho que você devia usar roupa nova hoje, do mesmo jeito que você exigiu que eu e sua mãe usássemos roupas novas no Dia das Mães. Fazer com você o que você fez comigo naquela semana, lembra?

— Qual? Aquela semana em que eu passei um puta tesão com seu vestido branco?

— Você não me contou isso.

— Estou contando agora – Disse, comendo a torrada, aqueles olhos em

mim, brincalhões e com terceiras e quartas intenções. Escondi o rosto na mão sem querer, sem conseguir entender totalmente – Ok, – Ele disse, bebendo um gole da xícara – se você quiser me ver entrando e saindo de um vestiário, tudo bem para mim.

— Você distorceu tudo o que eu disse.

— ... Só que você vai levar a Nikon. Não vou ficar tirando foto de mim mesmo e te mandando por Whatsapp.

— Ué, – Me defendi – mas quem falou de foto?

O que era para ser só uma saída para comprar uma camisa nova, virou um evento. Ele fez até questão de que fosse com meu carro. Disse-me que tinha que entrar no restaurante antes do meio dia, que uma galera do evento apareceria para decorar, pendurar banners, e mais um monte de coisa que eu não entendi muito.

Pelo shopping meio vazio àquela hora da manhã, ele me arrastou pela mão até uma loja onde uma moça dobrava camisas. Parecia que ele conhecia a moça, deu um abraço nela como se fossem amigos. A mulher não gostou muito de mim, mas me sorriu por educação. Eu, enquanto os dois conversavam coisas que não me eram interessantes, puxei a Nikon da bolsa e cliquei. Aquele sorriso. Dio no habitat natural, conversando e sorrindo. Coloquei a bolsa em cima de um banco perto do caixa e fiquei ali. Olhando secretamente as fotos que eu mesma já decorei e as que eu recentemente tirava.

Ele entrou no vestiário e eu fiquei do lado de fora, junto da moça. Outra camisa e calça jeans, várias cores de camisa. Para um homem de quase quarenta anos que não é mais nenhum garoto, o Dio tem o jeito bastante jovial. Tem quem com quarenta anos fique com aquela cara fechada, sisuda de séria, mas o Dio ainda conserva a jovialidade de vinte e quatro anos, quando eu o conheci. Os cabelos sequer ficaram brancos. E as mãos ainda são fortes, firmes. Enfieei a lente da câmera pela cortina do provador só de brincadeira. Gostei da foto e fiz isso muitas mais vezes. Ele entrou no espírito. Fazia caras nada saudáveis para uma mulher grávida, para a mãe dos filhos dele. A mesma cara de quando ele ficou me seduzindo, sentado na cadeira perto da piscina, quando voltou do jogo de futebol lá de Poços.

— Nina, – Me disse, mais baixo do que precisava, mais rouco do que precisava e definitivamente mais sensual do que precisava – você tem certeza que não precisa de um vestido novo para hoje a noite?

— Mas eu nem planejava ir lá com você.

— Mulher, – Não me decido se gosto ou se não gosto de quando ele me chama por "mulher" – você é a Primeira Dama daquela joça. Acha que ficaria em casa de pijama comendo pipoca na frente da TV?

— Comer na frente da TV me parece promissor.

— A Clau vai também.

— Então eu vou achar uma coisa legal. Vou ligar para ela. Quem sabe a gente não se arruma junta? Anos que não faço isso. – Sorrio para ele, que não entende nem metade do que eu digo. O Dio quando não entende alguma coisa faz como os cachorros, entorta a cabecinha assim meio para o lado e franze o cenho por só um segundo, antes de me sorrir. É essa a cara que ele faz também quando eu começo a falar das minhas nerdices. Dou um beijinho de tchau, pela cortina do provador – Você vai ficar lá direto, Dio? Não vai almoçar em casa?

— Vê o que a Clau vai fazer – Ele me diz, abrindo a cortina do provador, sem camisa. Eu fecho, evitando a moça que já deu aquele sorriso quando viu um flash do meu marido. Ele ri, acha graça. Eu não acho graça nenhuma. – Perdoa, Amor. Não fique brava. Se você quiser ir almoçar com a Clau, eu fico lá. Se você e a Clau quiserem ir comer lá, então tudo bem também. A gente se ajusta ao que você quiser fazer – Me dá um beijo na testa, ele do lado de dentro, eu do lado de fora.

— É seguro eu deixar você com essa mulher?

— Eu e ela já temos um histórico.

— Como é?

— Ela quem me deu a ideia de ir para a academia.

Passei a adorar aquela moça. Ele riu, eu dei um beijinho de tchau definitivo, saindo da loja sem a Nikon, mas com a minha bolsa. É chato procurar roupa nova para uma ocasião estando sozinha, mas eu já sabia mais ou menos onde ir.

Entrei, conversei com as moças que começaram a mostrar vestidos e mais vestidos, escolhi uns cinco que poderiam ficar legal, entrei no provador, mas não mandei as fotos para o Dio. Fotografei, mas deixei no celular. Fiz uma espécie de mini-surpresa. Ele me ligou quando eu já estava no caixa, dizendo que estava pronto. Nos encontramos na porta do shopping, onde paga o ticket de estacionamento.

— Esperei você mandar foto, mas você não mandou – Disse, passando o cartão de débito no guichê do estacionamento.

— É, – sorri, fechando a boca da sacola de papelão – dessa vez eu não tirei foto.

— Então você veste ele para mim, quando chegar em casa?

— Não. – Curta e grossa.

— Vai me deixar na gatura? Ok. – Segurava a Nikon na mão desde que nos separamos. – Depois não reclame.

— E depois você diz que sou eu quem não dá ponto sem nó. – Fiz bico,

andando para o carro que estava perto. Desarmeí o alarme, entramos, colocamos as sacolas no banco de trás – Liguei para a Clau. Eu vou para a casa dela. Almoço por lá, com ela e o Dudu. Talvez ela me ajude com um problema que eu encontrei na minha dissertação.

— O Dudu vai perguntar do Lipe e do Guto, com certeza.

— Se vai. Se a gente tivesse pensado direito, podia ter convidado o Dudu para ir para a casa da sua mãe, lá em Poços, por esse fim de semana. Ele ia gostar de lá.

— Verdade.

— Привет, Rodrigo! – Horácio, sua voz anasalada, seu bigode grande, sua nova saudação em russo que eu supus ser de "Olá". Era não mais que três da tarde, lá no meu novo pico, na Faria Lima. Cortinas pretas de veludo cobrindo a grande janela que sempre era a parte mais disputada na hora do almoço. O Bar só com bebidas da distribuidora que ele comandava, um barman deles, um todo engomadinho, óculos de aro grosso, cabelos muito bem penteados que tinha uma boa história de vida, que fiquei sabendo depois. Colete social, calça e camisa. Foi economista formado na USP e tudo, trabalhou em banco, no mercado financeiro e tudo o mais, mas surtou e foi para a Europa trabalhar de barman. Agora era especialista em drinks. Era Felipe o nome também, como meu Lipe. Se Deus for bondoso, meu filhote nunca vira economista.

Cumprimentei o cliente, largando a lista de afazeres com a coordenadora da parte de eventos da minha ex-joça. Uma produtora contratada falava alto demais no telefone dela e aquilo me incomodava desde a hora em que ela pisou na minha birosca.

— Como vai! Muito frio lá na mãe-Rússia?

— Rapaz, aquilo não era mais frio não, Deus que me perdoe. Senti tanta falta do Brasil que cheguei a chorar quando pisei aqui de novo.

— Pelo menos saiu de lá dono de quantas destilarias?

— Algumas. Não vou mentir não, os caras são bons no que fazem, hein? Bebem aquela vodka deles como se fosse água! Se eu fosse uns anos mais jovem e consequentemente mais bobo, tinha me ferrado legal lá.

— E a Gabriela? Já teve neném?

— Não, ainda não. Morri de medo de virar avô lá do outro lado do mundo, mas ela fechou as pernas e não deixou o bebê sair até que eu voltasse. E a Fê e os meninos?

— Você não sabe, – Era a primeira vez que eu contava para alguém da

novidade e aquilo me encheu o peito numa alegria que eu não contive – vou ser pai de novo.

— Não creio. Mas que notícia boa!

Foi tanto o trabalho até aquele horário, que eu esqueci de contar da boa-nova até para Antônio. Ontem, sexta, quando eu voltei a trabalhar, foi tanta correria com essa coisa de Balada Light Vip e mais os clientes costumeiros, que eu esqueci completamente da boa-nova. Arrastei Horácio para a cozinha e contei para a equipe espanhola, junto do Antônio que parecia feliz de tocar o próprio restaurante com um mínimo de sucesso.

Contei a novidade. Só homem na cozinha. Piada de mal-gosto me mandando cortar as bolas para não ter um quarto filho, não faltou. Depois abriram um vinho da safra cara, em comemoração. Antônio, que de bandana e uniforme de chefe de cozinha não tinha mais tanto a cara de hipster, ficou dizendo que também queria mais um desde que o Dudu tinha dois anos, mas a Clau não quer saber nem da palavra "gravidez".

— Por falar em Clau, minha mulher tá com a sua, na sua casa.

— Estou sabendo. Chamei ela para vir aqui almoçar comigo, aquela lá disse que estava com outra. Mal saí de casa e já estou substituído.

— Bobeia pra tu ver, vai – Ri, trocando de assunto. – Horácio, já almoçou?

— Almoçar, já. – Olhou para Antônio com aqueles olhos de cachorro sem dono – Mas não dispense uma sangria.

Lá pelas seis, tudo estava pronto. A iluminação que a produtora faladeira colocou quase encostada no meu teto de gesso estava instalada, a iluminação do palco também. Não teria aquilo de balada, música alta, gente suada dançando, nada disso. Só uma música ambiente e tipicamente espanhola tocada em acústico no palco por um quarteto chamado da Espanha só para a ocasião, enquanto que do lado da janela coberta, sofás, mesas menores, para aqueles que não querem sentar e jantar assistindo o show, uma música ambiente vinda direto do meu próprio sistema de som, sem nenhum DJ. O Bar ditava o ambiente que antes era ditada pela janela. Banners, prospectos, enfeites. Tudo devidamente espanhol e devidamente com a marca da distribuidora. Antônio já tinha deixado tudo pronto, também. Combinamos de oito horas em ponto, duas horas antes de abrir a casa, de estarmos de volta e prontos para a estreia.

Cheguei, a casa vazia. A Fê ainda estava na Clau. Era só o tempo de eu me arrumar, tomar um banho e colocar a camisa que a moça da loja escolheu, que francamente não me tomariam mais que meia hora chutando alto e ficar prostrado olhando para o teto pelo resto da uma hora e meia que a minha mulher estava fora.

Liguei para a minha mãe para saber como ela estava.

— Filhote?

— Papai! – Guto no telefone. Eufórico, encarnando um Lipe nos seus piores dias – Papai! Lipe, o papai tá aqui!

— Oi Guto, como passou o dia? Cadê a vovó e o vovô?

— O vovô está lá em cima com a vovó – Ouvi uma leve briga para ver quem fica com o telefone e o Lipe assumiu o câmbio – Papai? Cadê a mamãe?

— Mamãe tá na casa do Dudu, lembra dele?

— A-ham.

— Você tá legal? Tá cuidando do seu irmão?

— Tô.

— Leva o telefone lá para o vovô? Deixa eu falar com ele?

Raspas, arranhões, batuques. Ouvi de tudo quanto é barulho até que o telefone fixo estivesse na mão do meu pai.

— Alô? – Ele disse, do outro lado – Digo?

— Oi pai. Só liguei para saber como vocês estão.

— Aqui está tudo ótimo, sua mãe está no banho, uma das amigas dela vai fazer aniversário e nos chamou. Vamos levar o Lipe e o Guto, também. Parece que vai ter criança lá, então eu não vou deixar eles aqui com as Marias não, vou levar eles também, tudo bem?

— Claro. Mas a mãe está bem, então?

— Olha, – A bufada pelo lado da linha dele já dizia tudo – todo dia de manhã ela sente muita dor nas costas, mas ela toma um remédio e depois passa. Hoje ela ficou com dor no peito até a hora do almoço, mas depois ela disse que passou. Ela está bem, na medida do possível.

Silêncio por ambos lados da linha. Nós ainda não sabemos o que fazer. A gente só aceita as vontades da mãe, mas não concorda com o rumo das coisas.

— ..., Mas, enfim. O Lipe e o Guto já contaram para todo mundo aqui que vão ter um irmão. Tem até nome.

— Que nome?

— E.T.

— 'Tão chamando o bebê de E.T?

— A filha mais velha da Geca disse que todo bebê nasce com cara de E.T. e pronto, foi o suficiente.

— Tem um pouco de verdade nisso que ela disse.

— Bom, você quer falar com a sua mãe? Ouvi o chuveiro desligar.

— Não, só passei para dar um alô.

— Então tá, filho. Olha, fica bem, boa festa para você. Amanhã nós estamos aí para o café da tarde, tá?

— Tranquilo – Digo – A hora que vocês chegarem está bom.

— Beijo, filho.

— Beijo. Manda um beijo para a mãe.

Foi aí, bem nesse horário em que eu já estava pronto e com o olho estalado no teto, que as fotos que ela não quis me mandar por whats de manhã, mas que eu sabia que ela tinha tirado, começaram a chegar. Quatro, no total. Um vestido diferente por foto. Sorri com aquilo. Se você parar para analisar friamente, eu sou um cara que tem tesão em vestido. É muita viadagem da minha parte, eu sei disso, mas por outro lado, não é. Por que não é colocar vestido que me deixa louco, é a Fê de vestido na minha frente.

Não sei exatamente por que toda vez que eu falo em "tara" e "vestido" na mesma frase, eu passo pelo menos um parágrafo tentando me explicar o porquê eu gosto. Talvez por que eu me envergonhe do fato de eu ser um pai de família cuja tara seja uma roupa. Pior que isso, se é para escrachar, escrachemos: Indumentária feminina e saltos agulhas enfiados no pau. É isso que me mata.

Eu, sinceramente, não sei por que caralhos o leitor me lê. Realmente não sei.

Saí de casa pouco antes das oito e esperei, em vão, ver minha esposa no meu restaurante. Antônio estava lá, sorridente e saltitante, colocando uma bandana nova na cabeça velha, vestindo aquele terno branco estranho cheio de botões, mas não tinha nem Clau nem Fê com ele. Confesso que perdi um pouco do rebolado.

— Ih, esquece – Me disse. Só palavras reconfortantes – Quando eu saí de casa aquelas duas sequer tinham entrado no banho. Vai focando tua energia em outras coisas, por que só para a Clau se arrumar vai uma era. Se tiver acompanhada ainda, minha nossa.

Era quase meia noite quando as duas cocotinhas foram chegar. Eu, com a energia focada em outras coisas, conversando com um jornalista sentado numa das mesas pequenas perto do bar, ele e mais duas outras moças, uma que era ex-BBB, outra que era blogueira, nem percebi quando ela chegou. Só percebi mesmo por que não dá para deixar passar uma cabeleira rosa que cruza o seu caminho. A Clau estava de rosa, agora.

Lá estava a Fê, naquela iluminação penumbrante e amarelada, esguia, de vestido preto de alça, sandálias que eu reconheceria até no escuro e do avesso. Um coque que eu não entendi e nem fazia questão, olhos bem marcados e a boca pintada. Sorria. Me beijou, perfumada e linda. Perdi o que estava falando, besta e babaca como sempre. Cumprimentei a Clau, apresentei a minha esposa e a esposa do meu sócio para os presentes na mesa e enviei a Clau para a cozinha.

Quando a Fê foi na minha frente que eu vi, o vestido que não tinha

costas. Nua do pescoço até a cintura. A mão foi direto e reto para aquele pedaço de carne exposta e ela riu, se divertindo como cena.

— Eu não vi este vestido na foto.

— Porque esta é a quinta foto, a que eu não mandei.

— Então... Isso é uma surpresa para mim?

— Sim – Sorria como a mãe dos meus filhos, linda e serena e tudo o mais que você imagina numa mulher que te dá dois filhos lindos e guarda um terceiro a caminho, mas quando se aproximou do meu ouvido, era a cadela puta que só aparece no escuro e que deu para mim no primeiro encontro, dez anos lá atrás – Se você prometer que não vai bagunçar meu cabelo, nem tirar meu batom, eu deixo você me chupar.

Aproveitamos que a casa não estava muito cheia ainda. Entre latas de milho e ervilhas, no estoque da despensa, atrás da cozinha, num quarto que não só eu tenho a chave, com geladeiras e freezers altos, aquela mulher fez escândalo. E estava sem calcinha. Tudo planejado. Apoiou um dos saltos que já me conheceram por dentro, na minha calça jeans escura e o outro por sobre meu ombro. E fez escândalo. Para uma mulher que geme bem baixo, aquilo era um gemido alto. Para uma mulher que era escandalosa por natureza, aquilo até que era baixo. Só que a minha Nina pertence ao primeiro grupo. E eu gostei de ouvir o que é alto para ela.

— Você quer que eu lave o rosto?

— Não – Sorriu arteira, baixando a saia rodada do vestido, saindo de cima do engradado de enlatados.

— Quer que todo mundo sinta seu cheiro na minha cara, é isso?

Saímos juntos do quarto da despensa. Os colaboradores do Antônio teriam visto, se tivessem menos ocupados com o que faziam. Um deles pincelava ovo por cima de mini-tortinhas e levava aquilo ao forno, enquanto mais um, eu pude ver, picava alguma coisa com uma rapidez impressionante. Antônio não estava lá. Ele e a dele conversavam com Horácio e mais dois homens que eu não sabia quem eram, sentados perto da janela.

A casa já estava mais cheia. Muitas fotos, muita gente que você vê na tevê. É esse o tipo de visibilidade que te torna o melhor restaurante da Faria Lima. O tipo que todo mundo, depois que essas sub-celebridades e celebridades foram, também querem ir. Estabelecimentos que merecem reconhecimento por que fulano e ciclano apareceram por lá e amaram. Estávamos cheios daqueles. Gente que quer ser bajulada e amada e que vai querer que o dono da casa os trate como Reis e Rainhas.

Senti falta da Ana para dar coices neles, do jeito que só ela sabia dar, lá na agência. Ela e a dela provavelmente se comiam desde quinta-feira quando

chegamos, por que nenhuma das duas atendeu o telefone desde então.

A Fê e a Clau se juntaram numa das mesas perto dos espetáculos acústicos e ficaram lá, enquanto eu fazia o que era meu trabalho fazer.

Tem quem vá me chamar de possessiva, mas é muito legal esse negócio de marcar o gado. Servem a nossa mesa, a Clau e eu conversamos sobre as mais diversas porcarias, mas eu vejo o Rodrigo de camisa jeans clara e calça jeans escura passar de um lado para outro, rindo e conversando, sendo amigável, recebendo olhares de tanta mulher que eu até perdi a conta, as mãozinhas delas por sobre os ombros dele, o jeito lambisgoiesco que eu conheço de longe e nem preciso ver para reconhecer. E ele lá. Carregando no queixo algo que é meu. Tocando elas, conversando com elas, rindo com elas, com algo que é meu, que saiu de mim não tem mais que duas horas.

— Eu queria ter de novo com o Antônio o que vocês dois têm.

— Desculpa, não entendi.

— Essa coisa de casal novo. Eu olho para ele e ele está olhando para você, eu olho para você e você está olhando para ele. — Ela sorriu, mexendo o drink dela com um canudinho baixo — Perdemos isso no caminho. Tanta coisa aconteceu, a volta para o Brasil, o restaurante, meu mestrado, o Dudu na escola de novo... Que eu acho que a gente meio que se distanciou. Meu marido é um pedaço de mau caminho e eu não tenho a menor vontade de ir lá e dar um beijo nele.

— O que você tem vontade de fazer?

— Sabe que eu não sei? — Bebeu do canudinho e continuou me olhando. É uma bicha bonita, aquela. Cabelo rosa, gordinha e baixinha. Tem um jeitão de Pin Up e uma confiança que deixa qualquer mulher nesse mundo como A Dona Do Pedaço. Mete um saltão quinze e vestido até para ir para a padaria. Beberiquei o meu suco de laranja sem graça. O coitado do barman até broxou com o meu pedido. — Eu não quero me separar dele, eu amo aquele homem, mas eu só... sei lá, viu? Talvez seja só fase e eu estou aqui estragando seu clima com teu macho.

Contei para ela da loucura que foi sair de casa. Ela era mãe também, sabia como era difícil ter filho pequeno em casa sem ajuda do marido, por vezes. Contei de quase tudo, só omiti as partes sujas. Ficamos rindo com aquilo, conversa vai e conversa vem, até que chega na minha mesa um drink que eu não pedi e um drink que ela não pediu.

— Nossa, sabe o que eu faria quinze anos atrás, se acaso brotasse um

drink assim na minha mesa? – Ela riu, olhando para aquele elefante branco.

— O quê? Beberia tudo de um gole só?

— Não, pediria para você fingir que está comigo.

— Como um casal?

— É, como um casal.

— Era assim que você evitava homem?

— Quinze anos atrás eu já estava com o Antônio, né.

— Nossa – Parei para refletir com meus botões – Quinze anos atrás eu não recusava homem. A não ser que ele fosse extremamente escroto ou extremamente feio.

Ela olhou ao redor para observar o remetente. Não reconheceu o próprio marido sem o uniforme e a bandana e eu ri com a cena. Foi ele quem mandou. Usava uma camisa cinza e calça escura, uma jaqueta de couro por cima e cachecol. Bonito. Ô homem que deu para ser estiloso, esse. Meu Dio não larga a camisa, não importa o quê. Clássico até o último fio de cabelo, mas o marido dela parece que fica horas pesquisando maneiras de colocar roupas para parecer mais rico, mais bonito, mais estiloso do que ele realmente é. E dá certo.

Ela o reconhece antes de a brincadeira perder a graça e eu vejo que ela fica vermelha na hora. É até bonitinho o jeito que ela fica. Deu a vida inteira para o mesmo homem, mas ainda não sabe como se comportar diante das investidas dele. Ela não é cara de pau que nem eu, é mais contida, mais tímida, mais acuada. Esconde o rosto nas mãos e ele vem, sorrindo um meio sorriso muito bonito. Pronto. Fico sozinha na mesa e nem posso reclamar.

Passo a assistir o que estão oferecendo no palco por pura falta do que fazer. Minha mesa está cheia de copos, mas o único copo do qual posso beber, está vazio. Olho ao redor e nem o Dio mais eu vejo. Estou sozinha, eu, o palco, aquela banda que eu nunca ouvi falar, mas que já gosto da música e todas aquelas pessoas que eu não sei quem são.

É, penso eu. É a grande estreia dele. Eu não poderia esperar que fosse ficar grudada nele a noite inteira, né. Primeiro que eu não tenho saco de ser tão legal com as pessoas do jeito que ele é. Eu tenho limite para ser legal, depois fico na minha. O Dio não. Fala pouco de si e pergunta muito dos outros até que os outros se esgotem e passem a perguntar sobre ele.

Olho para o celular dentro da minha bolsa pequena e já são duas da manhã. A noite ferve, tudo está sendo um sucesso, todo mundo bebe e come o que os garçons oferecem, riem e escutam a música. E eu, bom, eu vou ficando de canto. Sem vontade de começar uma conversa com estranhos por que eu não sou atirada assim. A Clau provavelmente não volta mais à mesa e não posso culpá-la. Até a graça de ver meu gado marcado com meu melado não tem mais tanta graça

assim.

— Mulher, — Ele diz, não sei se sóbrio ou se bêbado, sorridente demais, lindo demais e falante — eu te cacei por essa porra toda. Tem umas três músicas atrás que me deu muita vontade de te tirar para dançar, mas tá todo mundo no caminho e não te achei mais. Eu não sei dançar, mas eu estou com vontade de te tirar para dançar. Você dança comigo?

Sorri, esqueci as besteiras que começava a pensar e fui guiada para um canto meio vazio e meio escuro, onde não tinham muitas pessoas, onde a gente podia se balançar sem preocupações, fingindo que aquilo é uma dança.

O Dio não sabe dançar, tem dois pés esquerdos e se eu quiser chamar aquilo de dança, eu quem vou ter que conduzir, mas tinha uma graça na não-dança, quase balanço dele. Com a mão onde o pano não chegava, os dedos deslizando nas minhas costas, eu sorri e ele me sorriu. Ainda tinha meu cheiro marcado nele. Três meses atrás, se acaso eu fosse convidada por ele para participar dessas baladinhas que ele vivia fazendo, eu com certeza ficaria de canto a noite inteira, posso bem me ver como a patinha feia. Só que agora, eu não sei mais o que pensar. Provavelmente eu nem precise pensar, por que aquele não é outro homem, é meu marido. Uma versão mais atenta e menos desleixada, mas ainda é um Dio que não sabe dançar.

— Quanto será que é a fiança para um marido que arranca a roupa da esposa no meio desse mundo de gente?

— Pior que a gente nem vai poder voltar para a despensa por que eu tenho a leve impressão que a Clau e o Antônio estão lá.

— É, eu dei a letra para ele. O Coitado não saiu daquela cozinha nem por um minuto e ficava reclamando que estava deixando a esposa dele sozinha por tempo demais, aí eu falei. Só que a gente ainda pode dar uma de Bia e de Ana.

— Tecnicamente a gente está dando uma de Bia e Ana, com essa baladinha, os drinks coloridos e esse monte de gente gay por aí.

— É, só que não é essa a parte da Bia e da Ana que eu estava me referindo.

— Você vai ter que ser mais preciso que isso, Dio.

— Tem o carro. A gente vai ter que voltar aqui depois, mas o carro está vago. E o meu está sem as cadeirinhas das crianças, se você quer saber.

— Ah, é?

Capítulo 39

Sexto sentido. Sexto sentido e eu nunca vou saber se só é coisa de mulher, ou se é especial em algumas pessoas. O Dio, às vezes, parece que tem. Sente o cheiro de ciúmes como ninguém. Sente cheiro de choro, também. Não sei se é sexto sentido, ou se, quando a gente se importa, a gente percebe o que não percebia, antes. Só sei que o nome “sexto sentido” é legal e eu quero usar.

Chegamos tão tarde no sábado, que domingo dormimos, destruídos, até meio dia. Odeio dormir até tudo isso, perdi a mão. Eu costumava saber, mas não sei mais. Costumávamos, digo. Que o Dio, quando éramos namorados, me acompanhava. Dormíamos de manhã e acordávamos de tarde.

Agora, aos trinta e seis anos, estamos os dois destruídos. Não bebemos, o bebê não deixa, então era só sono e cansaço, não ressaca.

— Sua mãe chega que horas? – Perguntei, com preguiça demais para sair da cama.

— Lá para o fim da tarde. – Respondeu lá do banheiro, escovando os dentes.

— Ah, então dá tempo.

Depois de cuspir na pia, com a escova de dente na mão, ele me olhou pensando besteira. Acendia um sorriso lindo, o meu Dio. Sensação de namorado novo, sensação de tudo dando certo. O feedback da balada VIP de ontem, ele me contava no carro quando voltávamos para casa, foi mais que positivo. Ele contava, entusiasmado, que o jornal e os blogueiros convidados se sentiram satisfeitos e gratos com a recepção que tiveram. Rolou o feed do Instagram e me mostrava as fotos, o restaurante e as comidas clicadas por gente que ganha a vida para propagar.

Antônio, o Dio contava, só faltava dar pulinhos. Satisfeito ele também com a repercussão, com o final do primeiro mês de abertura da casa, com o sócio. Chegou ao ponto de Antônio, no alto da noite, agradecer a Rodrigo ser o sócio, não qualquer pessoa da BMW. Disse que não podia ter acertado mais a mão do que com Rodrigo.

Agradeceu até pela Clau ter escolhido fazer mestrado, por eu ter escolhido fazer mestrado, também. Só sabia agradecer, o chefe e dono de tudo. E beijar, Deus, como aquele homem queria beijar os outros, eu própria, que não tinha muito que ver com a cena toda, recebi, pude contar, uns cinco abraços e uns cinco beijos.

— Pode vir, – ele disse, saindo do banheiro, – já acabei.

— Não quero levantar, ‘tô com preguiça.

— Vou tirar você dessa cama que nem tiro o Guto quando ele fica fazendo manha.

— Só que eu não tenho cinco anos, né, me respeita.

Me tirou da cama do mesmo jeito que tira o Guto: me arrastou com lençol e tudo para a beirada da cama e me segurou no colo. Eu, que ando mais gordinha do que os trinta e seis que eu costumava usar quando era solteira, me surpreendi com um Dio me carregando no colo. Inteira nos braços dele, como só fiquei no feriado de Tiradentes e antes disso, sabe-se lá quando.

— Quando que a gente casa, Nina? — Me sorria, o homem mais bonito do mundo a quem tenho o prazer de chamar de marido.

— Agora que a sua mãe tá doente, tem que ser logo.

— É, mas eu não quero casar com festa com você só porque minha mãe está para morrer.

— Não fala assim, Dio.

— ... mas ela está para morrer.

— Tem que ser logo.

— Quando? Diz uma data que eu vou contratar essas moças que fazem festa de casamento.

— Vamos casar nas nossas bodas de dez anos.

— Quero a data, Nina.

Ele só pergunta isso porque queria me ver confundindo os dias. Eu sei que é outubro, sei que é depois do dia das crianças, mas não lembro certinho que dia que foi.

— Preciso de uma data, Nina. — Cutucava.

— Você só fala isso porque sabe que eu sou ruim de data.

— Como você pode ser ruim de data? Você é boa com números! Assume, Nina, quantos números do Pi você sabe?

— Alguns...

Comigo no colo ainda, sem escovar os dentes e com preguiça, o Dio se sentou na nossa cama, me olhando sério. Eu só esqueci da data de casamento, Dio, não matei ninguém. Não me culpe por não lembrar, pô, a gente estava tão bêbado, mas tão bêbado, que eu me surpreendo de lembrar como que foi a nossa lua de mel no banco de trás do meu carro antigo.

— Quantos, Nina?

— Ó, 3,1415926535. Catorze, quinze, noventa e dois, sessenta e cinco, trinta e cinco. Só cinco números depois do três.

— E não consegue lembrar de dois?

Fazia carinha triste. Nem ligou que eu trapaceei, que na verdade não são cinco números depois do três, mas dez.

— Vinte e seis de outubro, Nina. Casa comigo no vinte e seis?

— Vinte e seis? Se fosse para chutar, teria dito dezoito...

— Responde logo.

— Caso, amor. Com todo o meu coração, caso sim.

— Posso contratar uma moça para cuidar do evento? Você ajuda a moça, experimenta vestido, vai comigo provar um monte de frescura?

— É bonito você sendo a pessoa preocupada com festa e eu a idiota que não se lembra da data.

— Prefiro que não tenha idiota, então vê se lembra dessa data a partir de agora, tá?

— Tá.

— Então vai escovar o dente, bafo de leão, que eu vou ver alguma coisa para a gente comer.

— Espera, Dio, vamos cozinhar junto de novo. Escolhe uma coisa de comer e vamos fazer juntos.

— Quer repetir Tiradentes?

— Quero. – Sorri, olhando-o, entrando no banheiro.

Desci e o Dio cortava pimentão, a nossa playlist tocando alto nas caixinhas de som. Finalmente músicas que a gente conseguia gostar junto sem eu ter que morrer de tédio com Caetano e Chico, sem que ele tenha que morrer de tédio com a minha batucada e os meus riffs de guitarra.

— Não tem muita coisa na geladeira – me disse, a faca na mão – a gente precisa ir no mercado, aliás. Só tem coisa para fazer macarrão, um pouco de carne moída para fazer o molho... Não tem nem queijo, nem presunto, nem batata, nem nada.

— Tudo bem, ué, eu gosto de macarrão.

— O que a gente mais tem comido é macarrão.

— Verdade, mas, e daí? A sua dieta de Dio gostoso não permite tanto carboidrato?

— É, também, – riu, trocando do pimentão para um punhado de cheiro-verde – mas é mais pela quantidade, mesmo.

— Então amanhã a gente come outra coisa, hoje eu quero macarrão com molho. – Busquei a caçarola no armário e a enchi com água da pia – Quer que eu pique alguma coisa?

— Não, só fica sentadinha aqui e não faça nada.

Lembrei de um detalhe que fazia toda a diferença para o meu marido. De calcinha e camiseta, subi lá para o quarto e busquei um salto muito alto, dos antigos que resgatei da casa da minha mãe. Desci e fui mostrar a boa-nova para ele.

— Sentadinha assim? – Sentei na bancada da nossa cozinha, dividindo a atenção dele com a tábua de carne.

— Salto de matar Rodrigo é sacanagem. – Me sorriu, as mãos sujas. Buscou um pano de prato e limpou os dedos, sorrindo e sempre me olhando.

— Me ajuda aqui.

— Cuidado, Nina.

Usando a mão e os ombros dele de apoio, subi e fiquei de pé na bancada. A altura quase certinha. Os olhos dele brilharam muito me olhando de baixo para cima, os pés perto da boca dele. Subiu beijando. Os pés, canela, joelhos, coxas, até chegar lá. A altura quase certinha. Acho que foi a primeira vez na vida que o Dio teve que ficar na ponta dos pés para me beijar. (A boca de baixo, mas a boca). Desceu, com as mãos quentes que ele tem, o elástico da minha calcinha e encostou o rosto em mim. As mãos nos pés e a boca lá.

— Eu estou com medo – me disse, olhando para cima, o queixo apoiado em mim – de a gente se empolgar nessa brincadeira e você cair daí.

— Deixa, eu me viro.

— Se apoia nos meus ombros.

E voltou para o trabalho. Em pé em cima da bancada, o Dio embaixo, muito absorto no trabalho, chupando bonitinho do jeito que chupava, me trazendo para mais perto um pouco por vez. As mãos nos meus pés subindo, a água da caçarola esquentando e eu também.

Tirei as mãos dele e coloquei no teto. Nunca me abri tanto. Ele chupava gostoso como sempre, as minhas mãos lá no alto como se segurassem o teto. Demorei bem pouco para gostar daquilo, muito pouco. As mãos sempre em mim, as sobrancelhas unidas e a língua para fora, o rosto enfiado em mim, as sobrancelhas unidas e a língua para fora, sem pudor e sem não-me-toques.

Só quando eu sentia que estava por vir é que atolei a mão nele. Fiquei também com medo de cair. Gozar e tomar um tombo, já imaginou? Como que eu conto no hospital o motivo da queda? Ri comigo, pensando nas desculpas, mas não era para cortar o clima, foi só uma coisa que veio na minha cabeça e eu não resisti ao riso.

— Quer que eu pare? – Perguntou, desconsertado.

— Não, Dio, continua.

— Quero saber do que você riu, também.

— Imagina se eu caio daqui?

— ‘Tava pensando nisso?

— Acabei pensando.

— Então se apoia direito. – Disse, olhando para cima, um sorriso bonito no rosto.

Ele ficava lindo olhando para cima. Lindo. Voltei a cabeça dele para o trabalho. Parou de sorrir, me mordendo. Parou de lamber e me mordia, bem ali. Os dentes com carinho, ora não, mordendo tudo, até minha coxa. Me empolguei de novo com as mordidas, estiquei o corpo, as mãos no teto, cabelo roçando nas costas, a camiseta pesando sobre meus bicos. Sensação de poder, era isso o que eu sentia. O Dio aos meus pés, me olhando, lindo como nunca antes.

Havia uma parte de mim que gostava do poder, sempre houve. Havia uma parte em mim que gostava de ser grande, de me sentir grande, de mandar. A outra parte tinha medo de cair, verdade, mas a nova Fernanda, a Fernanda que eu ainda quero ser, a síntese da Miller com a Ferreira, essa adora poder, controle e gozar com um marido lindo e carinhoso, que era esse Rodrigo diante de mim.

Sem que eu esperasse e também, já muito inspirado, Rodrigo me agarrou pelas coxas num abraço e me tirou da bancada. Afrouxando o abraço um pouco, escorreguei para o chão, deslizando por entre os braços dele. Nunca achei que, depois dos filhos, ele aguentasse o meu peso de novo. Nunca achei que ele quisesse me pegar no colo como segurava quando era solteiro.

— Estou com medo que você caia – Disse, me conduzindo para a parede perto da porta que dava para o quintal.

— Fiquei surpresa com você me pegando no colo. – Confessei.

— Eu também. – Sorriu, desviando os olhos dos meus, direto para a minha boca. Me beijou com vontade, desceu a mão para as minhas pernas, entrando em mim. Me via arquejar e sorria. Me olhava apertá-lo com vontade, via minhas reações, sempre sorrindo.

Aprendia uma nova forma de controle, conforme passavam os meses. Aprendia a seguir comigo, a não me deixar para trás, a andar junto. Aprendia a me guiar, também, como me guiava ali. Atento, o Dio. Sempre atento. Nunca mais fechou os olhos, sempre comigo. Desceu a boca de novo, ajoelhado, as mãos na minha cintura, me mordendo. Pediu que eu tirasse a camisa, tirei e ele ficou me olhando. Observada assim, meu marido vermelho de me beijar e me morder, a casa vazia, a parede gelada, terminei gemendo alto, curvada para frente, apertando a cabeça dele e puxando-lhe os cabelos.

— Põe a camisa, Nina, tá gelado. – Disse o marido só de cueca, voltando para a bancada.

A água da caçarola fervia e eu joguei meio pacote de espaguete. Quase uma da tarde.

Os pais do Dio chegaram na casa da minha mãe não devia ser cinco

horas, ainda. O Dio e eu compramos coisas de padaria, rosquinhas, pão francês, um bolo de milho e mais algumas coisas nesse sentido, esperando-os chegar. Passei um café novo e o Dio arrumou a mesa de jantar.

— Mamãe! – O Guto veio me cumprimentar primeiro, segurando uma dobradura de papel na mãozinha. Me atacou com os bracinhos abertos e eu o peguei no colo, sentindo o cheirinho de bebê que ainda tem o meu filhote. Vai dar saudade esse cheirinho. Depois veio o filhote mais velho com beijos e abraços para cima de mim.

— O Vô levou a gente na fazendona do Tio Carlos!

— É, e como foi lá?

— A Bia caiu do cavalo...

— Machucou muito?

— Arranhou, só, Fê – Seu Alcides me disse, me cumprimentando com beijo e abraço, o rosto corado e um viço de feliz – A menina não sossegou até montar, mas quando montou, foi escorregando e ninguém viu. E a cabeçuda nem pediu ajuda, sabe como a Bia é.

— E a Bia nem chorou!

— Nem chorou, Lipe? Que corajosa.

— Mas em comparação, as irmãs dela... – A Dona Teresa me abraçou e me beijou, rindo, feliz e corada, também – Alice viu a irmã caída e abriu o berreiro. A Dessinha não, só ficou fungando o nariz.

— Toda vez que a Bia inventa moda e se estrepa, as irmãs dela abrem o berreiro. – Seu Alcides se sentou numa das cadeiras vagas com meu Gutinho no colo – O pai delas só falta querer morrer. Uma se machuca, todas choram.

— A Dessa é a mais chorona.

— Não fala assim da sua prima, Lipe.

— Mas ela é chorona, ué.

As três filhas da Maria Angélica sempre foram as crianças mais próximas dos meus filhos. Toda vez que eles se juntam, a gente já espera que a Bia os leve para fazer alguma coisa bem idiota. O Lipe sempre vai, a Andressa também, os únicos com bom-senso são os dois menores, a Alice e meu Gutinho.

— Conta para a sua mãe que você ficou com medo do cavalo, Lipe. – O Vô sorria, dando um pedaço de pão para o Guto que estava mais interessado em comer, que conversar.

— Eu não gostei.

— O Guto adorou, montou no Mangalarga do Carlos junto comigo e ficou brincando com a sela, mas esse daí...

— Eles são fedidos, mãe.

— Cheiro de cavalo, ué – O pai deles trazia a garrafa de café da cozinha

– Cachorro tem um cheiro, cavalo tem outro.

— Você não montou no cavalo, Lipe?

— Montei...

— Montar até que montou, mas saiu logo.

— Paulista que nem a mãe – o Dio me cutucou – Nunca consegui fazer a Fê montar num cavalo.

Dio, escolha simples: monto você, ou monto o cavalo. Um ou outro, você escolhe.

— Quer café, mãe? – O Dio curvava a garrafa em direção à xícara da mãe.

— Não, filho, obrigada.

— Tá tudo bem?

— Sim, só não estou muito bem para comer. Acho que o almoço me fez mal.

— A senhora quer um chá? – Ofereci.

— Ah, um chá eu aceito, sim. – Me sorriu.

— Deixa que eu faço, Nina.

— Não, Dio, senta com a sua mãe, daqui a pouco você tem que sair, então, fica aí.

Fui para a cozinha esquentar um pouco de água para o chá e fiquei ouvindo meus dois meninos tagarelando e contando para o pai sobre o fim de semana deles longe dos pais, sob cuidado dos avós e a grande aventura que foi a fazendona do Tio Carlos.

— Fê, – a Dona Teresa veio para a cozinha – Não precisa fazer chá, não. Eu vou me deitar um pouco.

— Vai se deitar, então, Dona Teresa, que daqui a pouco te levo o chá.

— Tudo bem, não precisa. – Me sorriu, leve e doce como todo dia, as mãozinhas idosas e finas me buscando o rosto – Fica bem, Filha.

Por que ela me disse isso, se só vai se deitar? Desliguei o fogo do chá, sexto sentido me comendo viva, e a acompanhei até a sala de jantar. Beijou todo mundo, marcando os rostos com seus lábios de batom. O Lipe tagarelava, o Guto seguia o irmãozão, meu marido e meu sogro encantados com meus filhos, sorrindo-lhes e bebendo café.

— Quer que eu vá com você, Nina? – O pai do Dio disse para a mãe. Derreto toda vez que ouço meu sogro chamando minha sogra do jeito que o Dio me chama.

Ela só balançou a cabeça dizendo que sim, e foram os dois para o quarto da minha mãe. Sentei do lado do Dio e continuamos com olhos apaixonados, olhando meus pestinhas até dar seis horas, quando o Dio se despediu da gente

para ir para o restaurante. Dona Teresa não saiu mais do quarto. O Dio se despediu da mãe e saiu com os olhos molhados, seu Alcides entrou só mais uma vez no quarto da esposa e saiu, conformado, de que ela dormia.

Nos entretemos arrumando os meninos para a baladinha do pai deles, rindo com o Guto que quando empolga, fica pior que o Lipe. Era mais ou menos oito horas quando fui me arrumar. Entrei no meu antigo quarto e puxei as minhas coisas da bolsa. Em casa, só tomei banho e botei uma jeans. Eu estava crente que meus filhotes chegariam sem banho vindos da casa da vó e eu teria de banhá-los, por isso, guardei o vestido e as sandálias na bolsa.

De frente para o espelho, o mesmo vestido branco que usei no nosso primeiro segundo encontro, a Miller e a Ferreira se olhavam. O quarto da Miller, o corpo da Ferreira, as duas diante do espelho, se olhando. O vestido do recomeço, o sorriso de mulher feliz.

Meu grande erro foi ter constatado a felicidade. Se eu tivesse ficado na minha, nada disso teria acontecido. Sexto sentido, era esse o meu problema. Sorrindo para o espelho, ouvindo a risada dos meus meninos, grávida de um terceiro filho, um marido melhor a cada dia, notas boas. Vou ter que emendar um doutoramento, agora. Ligar para o meu chefe antigo e dizer a ele que Rodrigo achou um jeito de me prender em casa, brincando de casinha, por mais alguns anos. Ri com a ideia. Sem querer, a Miller me diz, é isso o que está acontecendo. Eu escolhi passar cinco anos fora do mercado para cuidar do Gutinho e vou escolher fazê-lo de novo.

As notas do mestrado estão satisfatórias, mas não estão o suficiente. A Miller se contentava com nota seis, mas a média do mestrado é oito e ninguém quer ser a pessoa a tirar oito. A excelência é coisa da Ferreira que vai voltar a amamentar moleque em sala de aula, do jeitinho que essa aqui gosta de fazer.

Vibrei com a ideia e me dei conta que não estou vomitando feito louca. Se não fosse aquela dorzinha boba, nem ia me ligar que tem filho no forno.

Pronta, oito e qualquer coisa, saí do quarto e vi o vô dos meninos dormindo na sala, ele também cansado da viagem. Lipe e Guto fazendo gracinha, empilhando carrinho na massa sonolenta sentada no sofá, enfiando o dedo no ouvido do vô, um cochichando com o outro coisas para fazer enquanto o vô dorme.

Rindo um pouco e sem recriminá-los, preferi chamar Dona Teresa primeiro. Fui até o quarto dela, abri a porta e percebi que cantei vitória muito antes da hora.

Não devia ter deixado o Universo saber que estou feliz com tudo. Não devíamos ter pedido que Dona Teresa voltasse de Poços. Deitada na mesma cama que a minha mãe. Calmantes e duas cartas, dezesseis anos atrás; uma

mineira, agora. Passado e Futuro, duas catástrofes. Meus filhotes rindo com o vô. Porrada no peito, pressão nos ouvidos, meu útero dando reviravoltas.

Sem conseguir e sem poder chamar ninguém. Sem poder e sem conseguir fazer nada. Meus filhos rindo. Não pude entrar no quarto, a visão colada na minha retina. Fechei a porta, timidamente, me desculpando. Suei frio. Para Seu Alcides, eu fui o anjo da morte. Acordei-o sem saber como, os lábios colados, os joelhos fracos. Minha mãe, agora, minha sogra.

— Filha, tudo bem?

Sem conseguir dizer, sem conseguir pensar. Presa na retina. Não houve enjoo até ali. Nem vômito, nem bile, nem nada. Até ali. Veio tudo de uma vez. Porrada de dentro para fora. As minhas costelas não conseguiram segurar tudo de uma vez.

— Vem comigo. – Pedi.

Ele soube. Os olhos cheios d'água fecharam-se em tristeza e pesar. Saber que alguém tem poucos anos de vida não é fácil, mas saber que o tempo acabou é pior. A esperança é a pior coisa de todas. É pior que o amor que te prende por correntes bestas, é pior. É você achar que vai acontecer um milagre, supor que Deus está lá por você. Você ver, diante de você, o amor acabar. A esperança e o amor podem dar as mãos, duas carrascas.

Chegou a hora, sogro. Deu-me a mão, beijando-me o rosto, consolando-me e se consolando ao mesmo tempo, a boca quebrada, inexpressiva. Caminhamos pelo corredor, a minha mão colada por solda química na mão dele. Não queríamos nos soltar. Sozinhos no mundo, ele olhava para mim e eu vi o rosto do meu pai que nunca viu a minha própria mãe morrer. Era o meu pai ali também, dando a mão para mim e me pedindo algum tipo de consolo.

— Seja o que Deus quiser, filha – Ele me disse – A Nina quis assim, é a vontade dela.

Abriu a porta, a mão na minha. Os joelhos falharam tanto como os meus. Um corpinho pequeno deitado na cama, de lado, uma bolha de sangue cuspida para cima do travesseiro, os dentes manchados. Morta? Silenciosamente, fraquejamos. Sem me soltar a mão, ele avançou na cama da minha mãe, eu soltei a dele no caminho. Fechei a porta para que os meninos não vissem a avó naquele estado.

Casas antigas, meu pai falava isso, antigamente não tinha uma só casa que não tivesse morrido alguém. As pessoas morriam em casa, antigamente. Antes dos hospitais e da parafernália, as pessoas se deitavam nas suas próprias camas e morriam. Não devíamos ter pedido que viesse para São Paulo. Sozinha, com dor, numa casa que não era a sua, no leito que também já usaram para morrer.

Meu sogro pegou o corpinho da esposa nos braços, inteira sentada nele, eu própria tinha me sentado hoje de manhã no colo do meu marido, a boca dela sujando a camisa nova dele. Beijava-lhe a testa, as bochechas. Se imprimia nela, como se quisesse se colar. Chorava como quem uivava. Silencioso como meu Lipe e meu Dio choram. Sem voz, só lágrimas, só dor.

Ele não se importou nem um pouco de me ver ali, chorava e beijava a testa da esposa. Puxou o lençol sujo e limpou-lhe o rosto, tirando o sangue manchado da face. Dois corpos sozinhos num cenário trágico, dois amantes da vida inteira, duas almas que já não se encontram. É assim que termina? Que espécie de divindade te coloca no mundo, te dá uma pessoa para colorir os dias e depois tira? Quem vai esperar por quem, agora? Limpava o rosto da mulher dele com o mesmo amor e carinho que devotou a vida inteira. Homem de uma mulher só. Eu também quero isso. Eu também prefiro assim, eu também quero ser amada até o final, até o último momento possível.

— Pega as crianças, – me disse, inconformado, a tom mais baixo de voz que já ouvi – Bota elas no carro, vamos para o hospital.

Fizemos isso. O Lipe e o Guto atrás, silenciosos, olhando a vovozinha de rosto limpo deitada quietinha no colo do vovozinho, eu dirigindo feito uma louca, cruzando farol fechado, ultrapassando velocidade permitida. Sabendo que não é para o hospital que a gente leva as pessoas que já se foram, mas sem querer constatar o que estava acontecendo.

— Dá um beijinho na vovó, Lipe. – O Vô disse, fibra como nunca vi ninguém, força de sertanejo, couro bruto e dolorido, ali estava toda a essência da Família Ferreira. Sentado no banco da frente, segurando, sem chorar, o mote de sua vida, o vô olhava para os netinhos, triste e inteiro, sabendo que era assim que a Fortaleza dos Ferreira queria terminar a vida.

— O que tem a vovó?

— A gente não sabe.

— Dá beijinho na vovó, Lipe.

O menino entrou no passageiro dianteiro, entre as pernas do vô, debruçado sobre a vó. Olhou bem para ela, sabendo. Tinha maturidade suficiente? Não sabemos. Chorou, quietinho e melancólico do jeito que o pai dele chora quando sente dor de amor. Fez um carinho no cabelinho em coque da vó e beijou o vô, também.

— Dá beijinho na vovó, Guto.

Meu filho mais novo subiu no meu colo, abraçou o vô primeiro, depois abraçou a vó que não se mexia, mole ainda, não-rija. Viva? Não se pode dizer. Ficamos com medo da demora da ambulância e viemos de carro, mas agora, olhando para o corpinho ínfimo no banco dianteiro do meu carro, eu penso se

fizemos certo. Ficamos com medo de ouvir do paramédico que a vovó não estava mais viva.

Entramos no hospital e foi tudo rápido, todo mundo já sabia quem eram aquelas duas figurinhas que levam bolo para a vovó, quem era a vovó, quem era o vovô. Seu Alcides não largou a mão da esposa e por respeito, o médico responsável pelo caso da Dona Teresa não interferiu. Conduziu a maca junto do resto do time clínico com Seu Alcides sempre perto e nós, meus filhos e eu, nos sentamos numa sala de espera qualquer, num dos andares.

Liguei para o Dio três vezes. Na primeira hora de espera, eu só fiz isso. O Lipe e o Guto ficaram quietinhos, um brincando com o outro, tristes sem saber direito porquê. Depois, liguei para a Ana e a Bia. Alguém tinha que me ajudar, alguém tinha que avisar o Dio.

Não notei, nas três primeiras horas, que o tremor que eu própria sentia não era só abalamento emocional. O tremor e a porrada no útero eram de verdade. Sentada como fiquei todas as horas, um filho em cada braço na antessala de um hospital qualquer, eu não senti o sangue escorrer.

A Bia chegou e eu senti um pouco de alívio. A Ana estava no restaurante, tentando falar com o Dio de algum jeito. A Bia levou meus dois filhos para comer alguma coisa e eu fiquei. Fui para o banheiro. Silenciosamente, chorei encostada na parede da cabine do banheiro. Tinha sangue na minha calcinha. Para uma mulher grávida, sangue na calcinha não é sinal de alívio. Saí da cabine pronta para dar minha própria entrada no hospital.

Eu nunca soube se ver a mãe dele naquele estado foi o gatilho. Não sei dizer. É normal aborto nos primeiros meses, é o tal do aborto espontâneo. Saí da cabine, mais abalada que qualquer dia da minha vida, xingando muito Deus, exigindo que Ele desse um jeito nisso, que Ele resolvesse me dar um dia de paz.

Tínhamos acabado de resolver a data do casamento. Tínhamos acabado de descobrir que estávamos grávidos. Estávamos entrando nos eixos, meu mestrado, minha carreira, tudo de novo. O Dio de emprego novo, meus meninos fortes e inteligentes, Seu Alcides mais amigo do meu Dio, o Dio cada dia mais presente. É justo, isso? Me diz, foi justo? Logo com a gente? Logo comigo, que já perdi uma mãe, uma vez? Precisava eu, logo eu, perder outra?

Enterrarei, antes dos quarenta, duas mães e um pai. Seu Alcides estava sentado no sofá, sem chorar, pensando consigo. Coloquei a mão sobre ele e ele me olhou, os olhos loucos, insanos. Me tomou num abraço apertado e não precisou dizer nada. Eu soube. Chegou morta no hospital. A cama mais letal do mundo está estacionada na minha casa. Duas mulheres tão distintas, tão opostas, mortas por motivos tão diferentes, na mesma cama.

— Nina... — O pai do Dio falava comigo. Desabou nos meus ombros e eu

não tinha estruturas para segurá-lo. Eu não tinha estruturas para me segurar. O vestido branco do reencontro, saltos de matar Rodrigo, a Fernanda-síntese, Miller-Ferreira, mulher que foge de casa para dar uma lição no marido, que faz filho no banco de trás de um carro.

Mulher sozinha no mundo outra vez.

Ver Dona Teresa daquele jeito foi como reviver a morte da minha mãe. Ver Seu Alcides chorar como chorava era o que eu queria que meu pai tivesse feito. Ver Seu Alcides chorar era como ver meu Dio chorando. Éramos nós dois naquela situação, ele outra vez preso no trabalho, sem atender celular. Éramos nós dois ali e ele não estava lá.

Ajudei Seu Alcides a se sentar, sentei-me ao lado dele, dando-lhe colo, acarinhando o rosto do pai do meu marido, querendo que ele encontrasse alguma paz que eu não pude dar.

Capítulo 40

Símbolos

Já era quatro da manhã de domingo para segunda quando eu percebi que nem a Fê, nem as crianças, nem meus pais chegaram no restaurante. Fiquei jogando conversa fora com Horácio e outros grandões da distribuidora, comemorando o sucesso que foi a Baladinha aqui na minha joça, imensamente tentado a aceitar o emprego que ele me oferecia e não percebi as horas.

Olho o celular e vejo vinte e sete chamadas não atendidas. Dou um pulo do sofá colocado ali pelo meu ex-emprego e vou na cozinha ver se consigo ligar, mas Antônio e os dele simplesmente fazem muito barulho para que eu consiga ouvir o telefone chamando.

Me enfio para dentro da despensa e disco de novo o número da Fê, o coração na mão e zero desculpas para dar, só que ela não atende. *Tudo bem*, penso eu enquanto disco o número, *essas coisas acontecem*. Ninguém atende, de novo. Disco o celular do meu pai. Nada. Peço licença para o Antônio, sou franco e digo o que está acontecendo, me despeço e pego o carro. A Oscar Freire não fica longe.

Entro na garagem, largo o carro na vaga, subo pelo elevador e bato na porta – eu não tenho a chave. Não tem ninguém lá. Toco a campainha, mas não ouço nada se mover lá dentro. Desço para o andar térreo, pergunto para o porteiro se pelo menos ele viu a Ranger do meu pai sair. Ele não viu nada, provavelmente dormia, sequer sabe quem entrou e saiu na merda do prédio que ele cuida. Era um domingo frio e eu só percebi o quão frio quando me peguei suando no vento.

Disco de novo, mais uma tentativa em vão. Volto para o carro, dirijo até em casa. Fico o caminho inteiro alternando entre o número do meu pai e o da minha mulher. Nenhum dos dois me atende e eu chego a rezar, pedir mesmo, do fundo do coração, que todos estejam na minha casa, talvez dormindo, meus pais cansados demais para ir para a Baladinha que eu disse a eles que tudo bem caso não fossem.

Fico criando essas hipóteses, pensando se era esse o motivo de a Fê me ligar vinte e sete vezes e eu sequer perceber que aquela merda vibrava no bolso. Largo o carro na rua, passo o alarme e entro em casa. Está tudo apagado. Está vazio, naquele silêncio que você não precisa checar todos os cômodos da sua própria casa para saber que está vazio. Tem coisas faltando lá dentro e você sabe o que é.

Checo os quartos dos meninos, primeiro. Nada. Nem as malas deles da

volta de Poços, nada. Abro a porta do meu quarto, trêmulo, suando e tremendo mais que vara verde. Vazio.

Sento na cama que não me é confortável e busco o celular no bolso, mas ele não está ali. Reviro a casa à procura dele, revisto o carro. No desespero, a primeira coisa que você perde é o celular, depois, a cabeça. Acho aquela merdinha entre o vão do banco e a porta do carro. Disco o número da secretária eletrônica só por precaução.

Ninguém no Brasil usa essa porcaria, ninguém quer gastar dinheiro para ouvir um recado que você não pediu, mas nessas horas você não quer saber da improbabilidade de ter um recado da sua mulher lá te esperando, você só deseja ouvir um recado, qualquer recado. Você deseja um sinal divino.

Mas não tem. Olho para os aplicativos todos, Facebook, Whatsapp, até os SMS. Tem um monte de SMS que eu vou juntando porque o banco manda toda vez que faço compra com o cartão de débito, então eu meio que nunca olho eles, só que nessas horas você revira, procura por um sinal escondido, quer achar uma garrafa perdida num mar eletrônico que diga aonde foram a porra dos seus filhos e a merda da sua mulher.

E lá está. Mensagem do meu pai, às onze horas da noite, me pedindo para encontrá-los no hospital. Ele não diz qual, eu imagino que seja o mesmo que minha mãe foi quando passou mal no Dia das Mães. Checo a porta de entrada de casa e arranco o carro. Ultrapasso todos os faróis vermelhos, passo por todos os cruzamentos sem olhar se vem vindo carro. Já passam das cinco da manhã e eu estou de frente para o carro vazio da minha esposa, estacionado do outro lado da calçada do hospital, com uma das rodas na guia. É a minha mãe, certeza. *É agora.*

— Moça – A voz não sai, mas eu forço ela para fora dos meus dentes do mesmo jeito – Me diz por favor aonde Maria Tereza Ferreira está.

Ela, com má vontade, ataca o computador e digita sem parar.

— O corpo já foi liberado, senhor.

A recepcionista, sem um pinga de tato, não se tocou que eu era o filho do *corpo liberado*. A recepcionista, sem um pinga de tato, não sabe que eu sou parente próximo, que o *corpo liberado* me pariu, me nutriu e me criou. A recepcionista de má vontade me olha, sabendo que falou merda, ela também sem saber o que fazer. *Protocolar*. É isso o que vai acabar com a gente um dia.

— A minha mãe... – eu digo a ela, estourado por dentro – ainda está no prédio?

Cansado, destruído por dentro, rótula que não serve para nada, mole nas estruturas, arrependido até não poder mais, eu ligo para a Ana. Talvez ela saiba onde está todo mundo.

— Rodrigo... — Pelo telefone, ela não me chamou de Cinco. Por que é que você não me chama de Cinco?

— Cadê todo mundo?

— A gente tá no hospital.

— Em que andar?

— Terceiro.

— Tô indo aí.

— Não, espera. Deixa que eu desço.

Ela está pálida, os olhos cheios d'água. Ela não consegue dizer e não consegue apontar. Fica me olhando como se silenciosamente se desculpasse. Eu grito com ela, mas ela não liga que eu grite. A recepção, domingo para segunda, não está cheia. Ninguém liga para chique de homem feito. Sem me dizer nada, a Ana só me toma nos braços, vencida ela também, me deixando chorar.

— Fui lá te avisar, mas a moça não me deixou entrar e nem chamou você.

— Por que é que você não me ligou?

— Todo mundo te ligou.

— A minha mãe tá morta?

— Rodrigo...

Meu nome não é esse. Para você, meu nome não é esse. Não erra meu nome, por favor, só tenho isso. Segurando a única pessoa a quem vou poder usar de suporte nos próximos meses, eu choro. Ela morreu e a última coisa que me disse é que sentia orgulho de mim. Morreu, e a última coisa que me disse é que nunca amou ninguém como me amava e amava ao meu pai. Morreu. E a última coisa que me disse foi em tom de despedida. Ela sabia. Por que não me pediu para ficar com a senhora, então, mãe? Se você sabia, se você sentia dores, por que se recolheu para sofrer sozinha? Se você queria um final diferente do final da sua mãezinha, mãe, por que então não me deixou segurar a senhora, te cantar um pouquinho, te dar adeus do jeito certo?

Ela morreu. E eu passei a noite inteira pensando em aceitar outro trabalho. Ela morreu, me ligaram para avisar e eu estive preso numa bolha cosmopolita tirando fotos com blogueiros de quem não lembro o nome.

— Vem, Rodrigo. — Me puxou pela mão, me tomando num abraço pelos ombros, chorando comigo, direto para o elevador.

Numa sala de espera, o Guto dormia no colo da Bia. Onde estava o Lipe? Onde estava a Fê? Onde estava o meu pai? Só a Bia estava lá, junto do meu filho mais novo. Peguei o Guto no colo sentindo o calor dele, cura para um coração quebrado.

Eu sabia o que estava para acontecer, eu sabia. Eu sabia que o caso dela

era grave, por isso fomos ver o mar, eu sabia que o caso dela era grave, por isso turistou por São Paulo. Eu sabia que o caso dela era grave, então por que – então, por que – Dói tanto? Então por que eu não estava esperando? Por que fui pego desprevenido? Por que eu não fiquei com ela quando senti aquele azedo de despedida e o beijo marcado de batom? Os olhos clarinhos da minha mãe nunca esconderam nada e eu vi, eu juro que vi, passou dela para mim como um raio, mas eu não dei atenção. Fui trabalhar e esperei que ela fosse lá me ver, ela e o vestido novo, esperei que o meu plano, o sucesso do novo restaurante, da minha nova empreitada pudesse ser prestigiado por ela.

Nunca me passou pela cabeça que eu ser publicitário ou empresário não fazia diferença para ela. Nunca me passou pela cabeça que ser viciado em salto alto, viciado em trabalho, apaixonado em vestido, isso nunca fez a menor diferença para ela. Nunca passou pela minha cabeça que eu já fazia aquela mulher feliz, que eu já era alguém. Se eu nunca me encaixei certinho no mundo, no mundo dos outros, nesse mundão de meu Deus, no mundo dela, para ela, eu sempre tive espaço. Filho amado, eu era.

Será que ela morreu sabendo que eu a amo? Será que ela se sentia amada por esse filho relaxado que eu sempre fui? Será que ela teve ódio de mim por nunca ter notado que ela tinha dias ruins onde não conseguia subir as escadas sozinha? Por que é que decidiu morrer sozinha, mãe? Por que é que não quis me dar a mão? A senhora ficou com vergonha de me atrapalhar, foi isso? Segurando meu filhote no colo, desperto, mas quietinho, mais sábio que eu, sabendo que era um dia ruim, que o pai estava mais do que só tristinho, eu chorei que nem o bom menino que ela sempre disse que eu era. Recolhido no canto com seu ursinho de pelúcia, magoado e sentido como se tivesse dez anos outra vez, naquela casa antiga nossa, reclamando de mexer na coalhada, acordando com as galinhas e dormindo com elas.

Quando a mãe da gente morre, morre também o menino que a gente foi. Tudo o que era dela, foi com ela. Tiraram alguma coisa de mim, morreu, também. A Ana me estendia um lenço, eu aceitei o lenço, meu filhotinho me beijou o rosto, dizendo que o vovô também chorou assim.

— Cadê o vô? — Perguntei para a Ana, olhando-a deitada no meu ombro, silenciosa como nunca antes.

— Eu não sei. A Fê deu entrada no hospital e —

— Por que a Fê deu entrada no hospital?

A Ana era uma folha de papel. Aquele rosto não me dizia nada. Olhei para a Bia em segundo plano, sentada numa poltrona lateral antes ocupada por ela e o Guto. Dos olhos muito azuis escorreram duas lágrimas, uma de cada lado, me dizendo tudo. *O bebê*. Hoje, também? Tudo de uma vez?

É sério isso, Deus?

— Qual quarto?

— Ninguém pode entrar, o Lipe está lá com ela –

— Como que ninguém pode entrar, eu sou o marido dela, eu posso entrar sim. Qual quarto?

— Eu não sei, Rodrigo, pelo amor de Deus, fala baixo, isso é um hospital.

Fala baixo um caralho. Cacei a primeira pessoa que trabalhasse neste hospital, o Guto no meu colo. Dei as características físicas da minha Nina, morena, moça, você não a viu? Os olhos grandes, pretos, um metro e setenta mais ou menos, está junto de um menininho, deu entrada no hospital, está grávida não sabemos há quanto.

Passei a vida tentando provar que eu era bom. Do útero para a cova, eu sempre tentei provar que eu era bom. Primeiro, que eu era bom filho, que eu era bom profissional, que eu era bom pai. Passei a vida tentando provar para alguém, ser aceito, entrar para o clubinho, ignorar a grande solidão que eu sinto quando fico sozinho. Nunca soube lidar comigo. Eu não fui feito para ser sozinho e até hoje não sei como que faz isso. Doeu quando a Nina disse que não gozava comigo, o peso que isso tem, ninguém tira. Doeu quando ela foi embora, doeu quando ela disse que estava me deixando. Tudo doeu.

Só que doeu mais vê-la sozinha, soro na veia, adormecida sentada numa cama reclinada de enfermaria, o filho dormindo sobre ela. Doeu vê-la sozinha outra vez, a situação clara como água, o útero vazio, sem terceiro filho para a gente comemorar que o marido dela não é tão idiota e relapso quanto ela pensava que era.

Pálida, a minha Nina. Adormecida, sozinha, sem cor. O vestido do segundo primeiro encontro, os saltos nos pés. Aquela roupa era para mim, doeu constatar isso também. Tirei-lhe os saltos e cacei um cobertor, mas não achei. Coloquei o Guto no chão e estiquei o meu terno sobre ela. Dia mais triste que este não teve.

Sentado numa cadeira, esperando sabe Deus o quê, embalando o Guto no sono de novo, sendo embalado também, permaneci. Só fiquei. Olhando a segunda mulher da minha vida, pensando na primeira mulher da minha vida, no como o fim dela foi triste, no como a felicidade da gravidez foi instantânea e passageira, no como tudo isso parece um jogo de um velho sádico que ri.

Não tem um centímetro da minha estrutura que ainda aguento estes altos e baixos. Não tem um osso, um ínfimo osso que me faça aguentar tudo isso. Era demais para a minha cabeça. Minha vida tem sido um balanço eterno. Uma hora estou conformado com a vida, outra hora me vejo sem esposa e com dois filhos

em casa, outra hora estou com esposa e com dois filhos, depois arrumo duas amigas, depois três filhos, depois sem meus pais, depois sozinho.

Sozinho.

Liguei para o meu pai duas vezes depois que amanheceu, a enfermeira trocou o soro da minha esposa, procurei algum indício de onde estaria meu pai. Ele também, sozinho. Sete ou oito horas da manhã, uma mensagem no meu celular. “Manda meus netos também procurarem a Nina deles”.

Meio dia veio a confirmação. No fundo, eu já sabia. No fundo, eu teria feito o mesmo. No fundo, lá no fundo, de homem para homem, eu também teria feito o mesmo. Viver num mundo onde a minha Nina não existe? Viver sozinho, vagando de cômodo em cômodo, do trabalho para casa, de casa para o trabalho, sem a companhia que faz de mim um homem?

Eu também teria feito isso se fosse o senhor, Pai.

Dá para dizer onde começa o amor e onde ele termina? Dá para dizer? Dá para olhar para o rosto de alguém, nos olhos de quem você amou muito um dia e dizer, com todas as letras, “Olha, eu não te amo mais”? Eu não acho que dê. Um dia, num acesso de raiva, você vai dizer um monte de merda que não queria dizer. Vai escorraçar o parceiro e dizer poucas e boas que não disse quando devia ter dito e depois vai chorar no cantinho arrependido por ter falado um monte de inverdade.

Vai trocar de ideia, depois. Vai se arrepender do que disse sem pensar, vai ligar chorando implorando desculpas ou vai beber para enterrar o grandessíssimo imbecil que somos, o leitor e eu. Assim que voltamos para casa, os dois mais mortos por dentro que nunca, os dois filhos pendurados nos braços, derrotados por cansaço e tristeza, nós não nos falamos. Ela entrou no banheiro, exausta, se banhou e deitou. Não se ergueu pelo resto do dia. Banhei, também, me deitei no sofá. Me senti culpado e não consegui dizer nada.

Meus pais foram enterrados juntos, em Poços, no dia seguinte. Dois caixões. Meu pai chocou-se com um caminhão cujo motorista não parou de dizer que o carro do Seu Alcides apareceu do nada na estrada, me pediu perdão, o mineiro que sabia quem era Seu Alcides porque toda a Poços sabia quem eram meus pais e a história da queijaria. Disse que o pai dele já comprou muito queijo conosco e que o pai dele adorava conversar com a senhorinha, “Como era mesmo o nome dela?”, ele me perguntou e se sentiu mal quando soube que ela estava morta, também.

A família inteira apareceu no enterro. Um caixão lacrado e o outro

aberto, o rosto lívido da minha mãezinha, mais velho que nunca, no vestido que usou no Dia das Mães, num azul lindo como eram os olhos dela. O Lipe entendia o que era o céu e por que o vô dele morreu, mas não entendeu direito por que Deus levou a vó, também. Não entendeu e chorou muito no meu colo. Não deixamos que os garotos olhassem para a vó naquele estado, eles já tinham se despedido dela de todo jeito, fiquei sabendo.

Todos os Ferreira aplaudiram quando o caixão desceu. E choramos mais que tudo. Nunca fomos um clã unido, laços de sangue pouco se têm nessa família, mas os agregados, os emendados, esses eram muitos. Todos os maridos das Marias, as próprias Marias, os clientes assíduos dos queijos dos meus pais, a vizinhança, a senhora dos catálogos que a minha mãe adorava ver. É doído e bonito demais saber que termina assim. Um câncer ignorado por desleixo e ignorância, e um suicídio na estrada. Uma mulher fortaleza e um homem sertanejo, meu pai e a minha mãe descendo pelo buraco da terra, flores e mais flores, barulho de palmas e a minha Nina que chorava sozinha, culpa que não lhe cabia, do outro lado da cova, de frente para mim, mão dada com meu filho menor.

Eu não pude ser suporte dela porque eu próprio não pude ser meu suporte. Ela não pôde me dar suporte porque ela também não era o próprio. Pela metade, ninguém reparou ninguém. Ela se culpa e eu sei que se culpa, ela deu um milhão de exemplos de coisas que poderia ter feito, ela disse a mim, chorando, sempre chorando, me pedindo desculpas sem conseguir olhar na minha cara.

Eu, por outro lado, só pude me calar. Depois do enterro, voltamos para casa e não lhe disse palavra. Ela me odiou por isso e eu sei. No auge da discussão, nós dois, mais destruídos impossível, o útero carente, um moleque órfão diante da esposa perdida procurando rumo, pais de novo que não fomos, ela disse as três piores palavras da minha vida:

“Vá embora daqui.”.

O Rodrigo daquele dia, depois do enterro, sem condições de qualquer coisa, só fez como ela: preparou uma malinha tímida e se foi. Sem nenhuma refutação, sem fibra e sem brio. Manso, mais manso que qualquer cachorro adestrado. Ela já queria isso, de qualquer forma, três meses atrás.

Capítulo 41

Calhamaço

O leitor nunca se perguntou por que um homem feito, trinta e seis anos, dois filhos, resolve contar a própria história com tanta riqueza de detalhes? Como e por que resolvi abrir minha intimidade, minhas neuras, meus fetiches, minhas insanidades? Quantas páginas já deu até aqui? Trezentas? Quatrocentas? Não o bastante. Nenhuma delas vai bastar. Escrevi mal e porcamente porque foi isso o que me sobrou. Escrever tem sido como sanar uma saudade. Como matar a chineladas cada uma das milhões de baratas que invadem a minha cabeça, que me encham de perguntas e porquês. Três meses ou mais, parei de contar, que eu escrevo isso numa vã tentativa de contar para a Nina como eu me sinto, como eu penso.

Saiba Nina, se você chegou até estas páginas, que quando eu me calo onde você queria que eu falasse, é por que você é a única pessoa no mundo que eu não quero conquistar com palavras. Eu sou um cara político, diplomático até os fios dos meus cabelos que clareiam. A fala e o sorriso me fizeram conquistar muitas coisas nesta vida e nenhuma das coisas que vivi com você eu sinto que são verdadeiras quando verbalizo. É como se eu tentasse te convencer de uma coisa que eu quero vender. Você sorri para o meu sorriso e se emociona com as minhas palavras, mas quando se enfurece, quando se enfurece é com as minhas ações. As palavras perdem força, elas não me ajudam, não advogam por mim.

Por isso que comecei esse troço. Foi o único jeito que achei de fazer com que a palavra virasse ação, tomasse o mundo. Que vire algo além de um pensamento não-dito e silêncio. Quando você abrir este pacote que vou deixar na porta da nossa casa e ver tudo isso de palavra, tudo o que eu penso e nunca disse. Tudo o que eu devia ter dito, mas que fui cuzão demais para fazê-lo.

Você se lembra da última vez que a gente se viu? Foi depois do enterro dos meus pais. Você me disse para ir embora e eu não tive pulso para ficar. Você chorava e eu chorava e nós dois não dissemos nada. Foi a primeira vez que vi marcas de expressão, pés de galinha, bigode chinês, todas essas coisas que as mulheres cobrem com injeções de botox. Você estava cansada, pálida. Vestia preto por dentro e por fora. Vencida, nós estávamos vencidos naquele dia. Você lembra? Eu não te conheci quando você esteve de luto por teus pais, mas posso imaginar. Odiei isso, ainda odeio. Nós não conversamos, você não se aproximou e eu não tive coragem. Fui embora porque cansei de lutar e você não quis que eu ficasse.

Nós nunca conversamos sobre a perda do nosso bebê. Quando você

acordou na cama do hospital e o médico deu a notícia que já sabíamos, você sequer me olhou na cara. Sabe o que eu teria dito acaso você quisesse saber de mim, naquela hora? *Nada*. Ainda não descobri o que te dizer sobre isso.

Voltei na Carla, ontem. Lembra dela, da tatuadora? Ela é mãe, agora. Ela me disse que você esteve lá, também. Em cima da minha teta esquerda, com a mesma fonte que a sua tatuagem na costela, agora tem o seu nome, o nome dos meninos e "Amor" escrito depois do Guto. Amor esse que não foi concebido, mas me deu mais esperança que qualquer coisa, depois que tudo pareceu ruir.

A Ana me contou, depois, tudo o que aconteceu naquela noite. Que elas ligaram em todos os números que pensaram, mas os que atenderam não fizeram muita questão, ou não me chamaram. O restaurante estava cheio, as pessoas beberam mais no domingo que no sábado. Disse que o telefone do restaurante não completava a ligação. Aquela noite foi uma sequência vergonhosa de erros e descasos. Não estava no script minha mãe sangrar na cama da sua mãe, não estava no script nada daquilo.

Queria ter te poupado daquela visão, Fê. Fico grato em saber que ela se despediu de você e dos meninos antes de dar adeus para sempre. Nunca vou parar de me culpar por não ter dado falta de vocês antes das três ou quatro da manhã. Minha mulher estava grávida, minha mãe, doente. Eu devia ter prestado atenção nas horas, mas eu não vi elas passarem. Só quando um dos colaboradores do Horácio abriu a boca de sono, que eu fui perceber que existia tempo.

Eu não fui um bom filho, mas as crianças foram ótimos netos. E você, tão diferente da minha família mineira, foi ótima nora. Meu pai era apaixonado por você como se você fosse filha dele. Obrigado por ter dado isso a eles. Por ter mostrado para a minha mãe que eu "estava em boas mãos". Por mais que você ache isso cafona e machista, era o que a minha mãe pensava de você, toda vez que ela me via sorrindo e corado. Que eu estava em boas mãos.

Eu não sei o que vai ser daqui para frente, Nina. Não sei. Esses três meses últimos tenho rodado no automático. Dos seis meses que te pedi, três eu fui o que te prometi e três, estive longe. Me instalei na casa da Ana e só saio para trabalhar. Você sabia que ela era fotógrafa? Quase não para aqui, mas numa dessas vezes que veio, me disse que eu poderia desabafar se quisesse, mas o fato é que eu não tinha nada a dizer, ainda não tenho muito.

Ela quem me deu a ideia de escrever, aliás, para eu poder encontrar aspalavras que me faltam. Foi aí que este calhamaço pesado para caramba surgiu. Já passei da metade de uma resma de Chamex. Não sei quantas mais folhas vou conseguir escrever, o começo dos nossos seis meses, a nossa primeira vez de novo, aquele Tiradentes em abril, tudo fluiu simples e lindo. Não pareceu

algo que eu fosse capaz de fazer. Parecia um galã sensacional desses de novela, um desses molha-calcinhas das comédias românticas, não eu.

Quando releio algumas partes, aquele Rodrigo impresso não é este Rodrigo. Tem sido difícil escrever desde a hora do câncer. Escrevo com repulsa. Talvez tivesse sido prudente de minha parte escrever até aquele feriado de abril, talvez mais um pouco, e parado. Ali nós éramos campeões. Teria ficado lindo, melhor que muito romancelzinho que já me prestei a ver em novelas e tal e coisa.

Teria sido sensacional terminar no nosso ponto alto, mas não teria sido real. O fato de estarmos separados também sou eu e também é você. Com nossos acertos e erros. Nossos acertos e erros e as merdas que nos aconteceram. Você poderia não ter esperado cinco anos para me contar que não sentia prazer comigo. Eu poderia ter ouvido as milhões de vezes que me disse que não estava feliz com nosso casamento. Poderia ter feito a prova do mestrado sem fugir de casa e eu poderia ter te incentivado sem brincar sobre seu poder de resolver suas contas que correm por duas páginas e têm "zero" como resultado.

Eu poderia ter sido diferente, poderia ter de fato te dado atenção antes de te perder, mas não o fiz. (Escrevi "valor" no lugar de "atenção", mas eu não passei a te dar valor só na hora em que temi te perder, valor a gente dá a uma coisa que você tira e põe preço a hora que quer). Você sempre teve valor, porra, você é a mãe dos meus filhos. Eu não preciso dizer a você o quanto você vale para mim, você sabe. Não cuidei de você como você cuidou de mim, disso eu sou culpado, mas eu não preciso dizer a você o quanto você vale para mim – é prudente que você já saiba. Eu queria estar aí com você para te segurar bem forte nas madrugadas em que você chora sozinha a morte da sua mãe, dos meus pais e na morte do nosso terceiro bebê, mas ao mesmo tempo, eu não tenho ombro para te dar porque eu mesmo tenho encontrado na escrita a terapia que eu preciso para entender que caralho foi que aconteceu na minha vida.

Todos os escritores escrevem para poder fugir? Não sei, não sou escritor. Não estou fugindo, estou maturando. Aplicando compressas quentes nos hematomas, curando devagar quando volto do serviço. Fico escrevendo de madrugada todas as noites, revendo, remoendo nosso passado, analisando. Essa é a nossa história, Nina. Você pode adicionar o que quiser, tirar o que quiser ou nem ler,. Essa história é nossa. E se você não chorar com ela em nenhuma parte, se você não se emocionar com ela em nenhuma hora, então eu assino esse divórcio que a Bia me trouxe tem três dias e que grita comigo a cada segundo em que peso meu olho em cima dele.

Nem abri, falando nisso. Nem vou. Não enquanto você não ler essa história, enquanto não adicionar suas partes, enquanto não vetar, editar, rasgar o que você achar que valha. Fernanda, para ser sincero, estou cagando para aquele

calhamaço enquanto você não olhar para este.

Eu não sou perfeito (e esta é a grande desculpa que os fracassados usam), mas acertei algumas coisas no caminho. Você tem todo o direito de me odiar se quiser, de me chamar do que quiser. Pode vir aqui, na casa da Ana, ver como tenho vivido vergonhosamente de marmitas que trago do trabalho, pode esfregar no meu focinho agora liquefeito cada umas dessas páginas que te fiz, pode esfregar cada tinta borrada das partes que não aguentei e chorei como um filhote desgarrado da mãe. Pode armar o circo que quiser, silencioso ou não, cantando pneu ou não.

Mas não pode dizer, em hipótese nenhuma, que nunca te amei. Que não fiz o que pude. Que continuei relapso depois que você foi embora. Que não fiz o que estive ao meu alcance, que não dei bola para o que você me disse. Não pode dizer que seus gozos foram fingidos, que seus sorrisos foram fingidos, ou que minha atenção foi fingida. A gente podia ter se entendido anos antes, talvez sim, talvez não. Eu sou lerdo. Precisei que a água me batesse bem forte na bunda. Nunca imaginei que você fosse capaz de abandonar o lar e as crias. Que bom que você fez. Doe, doeu para caralho, não minto, você sabe.

Só que foi isso, sua loucura momentânea, vou ser convencido e me gabar, foi a sua loucura momentânea que nos deu os melhores meses de nossas vidas. Fernanda, eu só aprendi o que era casamento depois que me vi sem você. A gente precisa melhorar em mil coisas. Eu preciso estar aí e te dar suporte e aprender que você é o único suporte que eu tenho. Você me mostrou isso quando inventei de ir para a praia. Você lembra daquela massagem que eu não precisei me esconder no banheiro, que consegui colocar para fora mais do que tinha dentro de mim? Preciso aprender que você está sempre me dando suporte. E que você é tão forte por nós, como eu me exijo ser (embora depois desses fatos últimos, nós não sejamos fortes nem por nós mesmos).

Eu não tenho nenhuma frase bonita nem de efeito, agora. Só tenho eu e estas parcas linhas que te escrevo. Eu perdi os gominhos na barriga e a Ana não para de reclamar da flacidez da minha bunda. Estou mais magro, estou usando um furo antes, no cinto. Não estou mais bonito, mas ainda sou eu. Tão babaca e falante de bosta quanto antes. Apagado, confesso. Estou o caco do caco, mas ainda sou eu. E eu vou recuperar tudo aquilo.

De alguma forma, escrever tudo isso, derramar tudo para fora, me fez ver que eu tenho muito mais a encher. Sou um copo infinito. Pronto para o que você quiser despejar em mim. Se você quiser vir aqui e me encher de porrada, eu vou recebê-las todas. Se quiser vir aqui me encher de beijos (brinquemos um pouco com o improvável), também estou aqui. Eu só me recuso a assinar esse divórcio antes que você venha aqui, ou que eu vá aí. Antes que a gente se beije ou se mate

mais uma vez, uma última vez antes do fim.

Talvez eu tenha sido muito precipitado em supor que eu seria o próximo homem da sua vida, talvez eu tenha sido infame em supor que eu mudaria depois dessa. Talvez. Olho para o Rodrigo de Tiradentes e não me vejo como este Rodrigo sem cor. Eu estou morrendo de saudades do Lipe e do Guto e não tem sido suficiente as vezes que a Bia ou a Ana os traz para cá. Eu quero colocar mais um filho no forno, quero te ver escorrendo pelos meus dedos outra vez, quero ver você palestrando daquele jeito sexy e arredo e lindo comigo fazendo caras e bocas de wallpaper do seu computador. Quero estar na plateia para ver isso. Quero ver seu orientador dizer que você é tal como sua mãe. Quero ver minha futura filha, um dia, no mesmo palco que você, terceira geração de engenheira daquela Politécnica, dando palestra sobre o legado da vó dela, da mãe dela. Quero transbordar de orgulho por ela como eu transbordei por você.

Hemingway disse uma vez que "Não há nada para escrever. Tudo o que você precisa fazer é se sentar em frente de sua máquina de escrever e sangrar". Fiz isso com sulfite e uma Bic. Desculpe o garrancho.

Não quero você dona de casa compulsória outra vez. Não quero você sendo dez por cento. Não quero você no mínimo, nunca quis, não quero de novo. O trabalho de um marido é dar espaço para uma esposa. Quero me recusar te ver de legging por descaso consigo, você sempre foi vaidosa. Quero você de vestido. Engenhando salto alto para enfiar no meu pinto, compartilhando essa "experiência" com mais meia dúzia de maluco na hora do almoço, no bandeirão da faculdade.

Se tem uma coisa que estes três meses de distância me mostraram foi que eu não preciso de você e você não precisa de mim. Dá para viver sem você e que bosta de vida é essa, a que você não existe. Eu sou o papel e você traz as tintas. Toda vez que você se foi eu perdi a cor, o sabor. Eu fico ansioso, não durmo direito. Talvez, se eu assinar esse divórcio, eu vá achar outra mulher por aí. Você vai achar outro cara, tem milhões de caras melhores que eu por aí. Talvez o Lipe e o Guto aprendam a conviver com o namorado da mamãe e a namorada do papai.

Mas como a gente, Fê, o modo como você encaixa em mim e como eu encaixo em você, como a gente se dá bem e como nós quatro (cinco, futuramente) nos damos bem, do jeito que a nossa dinâmica flui, Fê, nunca vai ter substituto para isso.

Isso é tudo o que eu tinha para dizer. Catulo disse que "um grande livro é um grande mau", mas também disse "vivamos e amemos". É isso o que estou tentando. Te vejo sábado que vem, sete horas da noite, na casa da Ana. Vou pedir para ela e a Bia cuidarem das crias.

P.S. Espero que você traga consigo este calhamaço. O calhamaço que a Bia me entregou está aqui. Vamos trocar calhamaços e espero que um deles vá para o lixo. Espero também que não seja este.

Capítulo 42

Mamihlapinatapai*

— Você acha que eu devia ter dado mais tempo para ela ler?

— Não, Cinco – Ana comia, encostada na pia, fatiando com uma faca pequena, uma maçã.

— Estou com medo.

— Acho só que tem lugares bem melhores que aqui, para você encontrar tua Fê. Sinceramente, homem – Fatiava a maçã e enfiava na boca com as costas da faca. Usava uma camiseta surrada de velha e os pés descalços. Eu me aprontava para ir para mais um dia de trabalho. Era quarta feira, não mais que nove horas. Ela esperava a água do café ferver e eu escovava os dentes sentado no sofá que era a minha cama.

— Eu não podia fazer isso na casa dela.

— Vê com o Antônio.

— Eu queria um lugar que se ela quisesse brigar comigo, tudo bem. Se a gente fizer num lugar aberto, eu conheço a Fê o suficiente para saber, ela vai ficar me olhando com aquele olho de matar-cachorro e não vai me dizer nada. Se a gente não se encontrar num lugar vazio, vai ser só perda de tempo. Você acha que eu já não perdi tempo demais?

— Você perdeu o tempo que achou que merecia – Ela não seria mais amena comigo só por que agora morávamos juntos.

— Nem encaro isso como perda de tempo, para ser sincero. Acho que a gente precisava desse tempo. Foram muitas coisas de uma vez. Eu só preciso saber se aquela mulher vai me aceitar de volta ou se eu vou ter que erguer um Taj Mahal para ela, só isso.

— Taj Mahal. É a Fê, Cinco. Vai erguer Taj Mahal sorrindo.

Fui para o banheiro terminar de escovar os dentes e ouvi ela dizendo de lá da cozinha:

— Mas na minha casa é muito coisa de perdedor, Cinco. Fecha o restaurante no sábado. Antônio acho que vai chiar, mas vai ser só um pouquinho. Vocês cancelam as reservas, fazem um desconto para quem quiser voltar. Dá para fechar sua espelunca e conter os danos. Hoje ainda é quarta. Se você for sincero com teus clientes e dizer que vai fechar porque vai fazer uma surpresa para a sua esposa, acho que eles ainda voltam querendo saber como é que foi.

— Tem razão – Apareci no corredor só com a cabeça. Desencavava a calcinha da bunda ao mesmo tempo que jogava o miolo da maçã no lixo. Ela reclama que estou na casa dela, mas aquilo lá nunca foi tão limpo antes de mim.

Eu sou uma pessoa organizada, ela é a essência da bagunça do mesmo jeito que a Fê era. – Vou ver com ele.

— Faça isso. – Me sorriu, lambendo a faca – E se você quiser que eu peça para alguém revelar tuas fotos pornô, me avisa. Tenho um cara discreto o suficiente para fazer isso.

— A máquina está com ela, não comigo.

— Uma pena. – Disse, em tom de brincadeira.

— Nem vem falando que queria ver as fotos que eu não tô bom para essas piadinhas.

— Eu queria ver, mesmo. Pela Fê. – Me sorriu. Vai ser sempre assim? Ela me ajuda com a minha esposa, eu ajudo ela com a esposa dela e ninguém se casa direito por que vai ter sempre um dando moral para o outro para a gente aguentar os trancos? Eu estou de saco cheio de precisar da Ana.

Só eu sei que estar de saco cheio da Ana é saber que eu estou pronto para a Fê. Três meses. Elliot disse uma vez que abril era o mais cruel dos meses. Dizia algo sobre a tristeza do outono ou inverno e como as folhas ficam feias nas estações. Abril para mim foi o melhor mês do ano. Teve o aniversário dela, teve Tiradentes. O pior mês mesmo, trazendo Elliot dos Estados Unidos para o Brasil, o pior mês seria algo como Agosto. Agosto na minha vida foi um dos piores meses. Tirando Julho, que Julho foi de longe o pior dos piores, Agosto não fica atrás. Setembro, entretanto, o mês que começa a primavera, tem sido melhor. Já chorei minhas pitangas todas, lavei a alma mesmo.

Agora me resta florescer de novo e deixar a vida tomar conta.

Abro o restaurante e dou de cara com um Antônio feliz, cozinhando sorrindo com sua bandana de banda na cabeça. Disse que saiu a primeira crítica do restaurante e que ela era promissora. Sorri para ele sem saber como é que eu começava a falar sobre fechar o restaurante no sábado. Ando assim, sem conseguir tomar minhas próprias decisões. Antes, quando a Fê aceitou meu pedido de seis meses (antes de eu falhar vergonhosamente, digamos) eu conseguia uma decisão sozinho. Inventava saída em shopping, em restaurante, para o diabo de lugar que fosse sem precisar de ajuda alheia. Criativo eu sei que sou, sempre fui. Só que agora, parado na janelinha que deixa Antônio ver o resto do restaurante, eu fico sem saber como falar ou o que fazer depois que ele me xingar de tudo quanto é nome com a ideia que eu recebi da Ana.

— Tá. – Ele disse, para minha surpresa. – E você vai servir o que para ela comer?

— Sei lá – Sei lá mesmo, uma ideia por vez, vamos por partes, eu sou criativo, não uma máquina.

— Se você trazer de volta pelo menos setenta por cento da clientela que

reservou mesa para o sábado, então tudo bem, nós fechamos no sábado e eu cozinheiro para vocês dois.

— Verdade?

— Você é o sócio que se dá bem com pessoas. Seu trabalho é sorrir e ser a cara desse restaurante. Eu nunca fui do tipo que se dá bem com público, meu primeiro patrão espanhol dizia que ou eu aprendia a ser extrovertido, ou eu nunca me daria bem nesse negócio. Você quem é extrovertido, então você resolve o que eu não consigo resolver. Nestes últimos meses você tem sido pior que eu no quesito "simpatia". Não dá para a gente continuar assim, então eu faço o que for para eu não ter que largar o fogão. Inclusive fechar nesse sábado.

— Eu tenho sido assim tão ruim?

— Não, só não tem sido como era. E acho que a gente sabe o motivo.

Até o meio dia tudo o que eu fiz foi ligar para os clientes. Conteí a mesma história para todos, só não entrei em detalhes. Quando eram as mulheres quem atendiam, eu conseguia ouvir o sorriso delas do meu lado da linha (talvez seja um pouco sinestésico demais, ouvir um sorriso, mas eu sabia que a mulherada sorria do outro lado da linha, quando eu dizia que estava cancelando a reserva delas por que faria uma surpresa para a minha esposa). Aos homens eu tive que ser um pouco mais incisivo, dizer valores, descontos e tudo o mais, mas também deu certo.

— ‘Tá. Te aviso na sexta o que vocês vão comer.

— Sexta, beleza. – Sorrio, quase dando pulos.

Não dá para entrar na academia ou comer como um boi de quarta para sábado. Eu não vou poder impressionar ela pela aparência, eu estou mais magro, mais abatido e mais pálido. Só que tem uma coisa dentro de mim, uma injeção de ânimo, uma esperança besta que me enche o peito. Como um calor que você não sabe de onde vem, mas que te impulsiona. Esse sou eu agora. Passando pelos dias de quarta a sábado de uma maneira que eu sei que se a Fê não reagir como eu quero que reaja, vou quebrar tão feio a minha cara, mas tão feio, que não sei o que vai ser de mim depois.

Mas naquela hora, eu era só um babaca que fode tudo e conserta depois. Perguntando para o Antônio de hora em hora o que ele ia fazer de comida, perguntando para a Bia e a Ana se elas têm falado com a Fê, querendo eu, coitado de mim, saber se a Fê estava pelo menos, um pouco melhor. Não perco essa sensação de que eu caguei no pau. É a mesma sensação que me acompanha de quando ela foi embora pela primeira vez, uma sensação de que eu errei, mas que vou dar meus pulos para consertar.

Um aborto e duas mortes não se consertam, eu não tenho o poder de Deus para isso, eu sou só um marido (agora órfão) tentando de novo e de novo

ter aquilo que eu já tive um dia.

Sinceramente, estou cansado desta briga de gato e rato. Eu não tenho mais a disposição do Rodrigo de antes para continuar nessa luta. Eu nem quero mais fodas homéricas, truques gigantescos, situações mirabolantes. Agora, depois de tudo isso, bem mais realista do que fui no começo, eu só quero poder deitar de novo na minha cama, fazer a lancheira das crianças quando elas forem para a escola, tocar meu restaurante da melhor maneira que eu puder e seguir com a vida. Chega desta merda de altos e baixos. Tivemos picos muito altos e vales muito profundos, nestes últimos meses. Dois mil e catorze foi o senhor ano da cagação de pau. Aprendi? Pra caralho. Veja, estou em setembro e já acho que está na hora de uma retrospectiva do ano.

Eu estou quebrado, ela está quebrada e nenhum de nós sabe como consertar. Ela reclamou que eu me fecho no meu mundinho e fico pensando com meus botões, mas o que caralhos ela fez quando perdeu nosso bebê, senão a mesma coisa que eu? Dor é um negócio foda. Você não prevê como vai ficar até a hora que ela chega. Tem quem, como meu pai, destrua um porta-toalhas de alumínio na base do soco e tem gente que nem a minha mãe, que na hora do câncer desconte nos outros. Meus pais tinham um jeito similar de lidar com a dor deles. Eu não esqueço da minha mãe derrubando café, depois do Dia das Mães, quando ela acordou no hospital. Eles descontam nas coisas e nos objetos, eles choraram e se perderam e se acharam. Eles eram o exemplo que eu tinha para lidar com a Fê, mas eu também errei de espelhar a minha relação com a minha esposa, na relação dos meus pais. Eu devia ter feito menos isso, devia ter achado um apelido só meu e dela, não o mesmo apelido que meu pai dava para a minha mãe. Devia ter enchido menos o saco da Fê para casar.

Devia ter reparado que a Fê e eu temos nosso próprio jeito de lidar com a dor. A Fê e eu... A gente se tranca. E chora no cantinho como crianças. Ela tem me evitado de todas as formas possíveis e eu, embora ainda não completamente curado do luto, eu também me fechei no meu mundo. Eu, logo eu que sempre achei que pensava nos outros, me fechei e deixei minhas crias de fora. A Fê se fechou e deixou as crias de fora. Nós estamos sozinhos e os deixamos sozinhos, o Lipe e o Guto. Nós dissemos a eles aquelas coisas bestas de que "agora o vovô e a vovó estão nos olhando lá do céu", mas meus filhos não são burros, eles estão vendo os pais separados e toda a vez que a Ana os traz aqui, é como se eles ficassem envergonhados de perguntar quando é que eu volto para casa. Meus filhotes estão olhando para a gente, sem que a gente olhe para eles.

Lembro quando meu pai e minha mãe se separaram, bem já disse que eles ficaram um tempo separados, acho que tinha uns treze ou catorze anos. Eu não queria assumir o lado de ninguém. Eu queria os dois juntos e pronto. Ver

minha mãe chorando pelos cantos era triste demais, mas eu não queria amparar ela, sabendo que meu pai também chorava pelos cantos.

Hoje eu não tenho nenhum dos dois. E puta que pariu, que falta que eles me fazem. Faltou tempo de vida com eles e hoje eu vejo isso. Não culpo meu pai pelo que aconteceu. Ele terminou a vida dele do jeito que ele quis. Sem represálias, acho que entendo ele. Talvez eu ainda faça o mesmo. Você viver a vida inteira do lado de uma pessoa e do nada Deus resolve tirar ela da gente. Eu entendo quando eu faço a bosta e afasto a Fê, mas como eu lido com um fato que me foge? Com o fato de que a minha esposa morreu? A Fê, graças a Deus tem lá os defeitos dela, mas ela está aqui. Ainda dá tempo de fazer mais algumas surpresas, mais algumas cagadas, mais alguns cafés na cama no sábado de manhã. Ainda dá tempo.

É nisso que me apego enquanto penteio os cabelos, faço a barba, lavo o corpo naquele banheiro que não é o meu. Caminho pelado do banheiro para a sala, abro a minha mala de rodinhas, escolho a camisa, depois a calça. Nenhuma das escolhas parece boa. Confesso que estou nervoso, muito nervoso. É cinco e meia e estou pronto para um encontro que eu combinei às sete. Vou para o restaurante por que eu não tenho nada para fazer na casa da Ana.

— Já? – Antônio foi pego de surpresa. Cozinhou sozinho na cozinha do restaurante. Ele não esperava que eu estivesse ali tão cedo. Fui da cozinha para a área do palco e o coração caiu. O Lipe e o Guto arrumavam uma única mesa redonda no centro do espaço, junto do Dudu, da Clau, da Bia e a Ana. Flores roubadas dos canteiros como o Lipe fez no aniversário da mãe, talvez, não nessa Faria Lima sem flores, mas talvez perto de casa. Flor enrolando guardanapo de linho, vasos maiores e vasos menores. Exatamente como no aniversário dela.

Chorei. O leitor vai me perdoar, mas não ando bom das glândulas esses meses. A camisa sobra na barriga e a calça cai por que ando perdendo muito da minha massa corpórea em lágrimas.

— Puta que pariu, homem – Disse, a delicadeza em pessoa – Enxuga esse rosto, porra.

Beijei a testa da Ana e fui atrás de um Lipe cuidadoso. Arrumava um outro guardanapo com a enghoca da florzinha. Beijei-lhe o topo da cabeça e agradei. Ele olhou para mim, com idade de quem já entende alguma coisa, sorriu e continuou arrumando. Depois beijei o Guto, que brigava com o Dudu para ver quem ia colocar os garfos na mesa.

— Desde que a vovó e o vovô foram pro céu, você e a mamãe estão de mal – Lipe disse, esticando os braços para subir no meu colo, um ramo de galhos na mão.

— É – Respondi. Não foi a melhor coisa que eu poderia ter dito a um

moleque de sete anos, mas foi o que eu disse.

— A Tia Bia disse que você e a mamãe vão se encontrar, né?

— A gente vai.

— Eu falei para Bia arrumar a mesa como no aniversário da mãe, mas ela não sabia como que tinha sido, aí eu vim ajudar.

— Muito obrigado por isso.

— Você acha que isso vai deixar a mãe feliz?

— Eu acho que vai – Se ela vier, né. Por que ela não confirmou que vinha. Desde que entreguei o calhamaço em mãos, não falei com ela. Tudo o que eu precisei dizer à Fê, foi dito através da Bia ou da Ana. Nem por telefone a Fê tem me atendido.

— Eu disse pra ela usar o vestido rosa que eu dei, também.

— Você disse isso pra sua mãe?

— Disse.

— E o que ela respondeu?

— Disse que ia pensar.

"Que vai pensar" é melhor que não, né. Sorri. Limpei os olhos e desci o Lipe. O Guto enchia uns vasilhinhos pequenos com água da torneira lá do banheiro e vinha até o meio do salão pingando água. Parecia feliz ajudando o irmão a arrumar a mesa, então eu deixei que terminasse a lambança.

Poucos minutos antes das sete fui deixado sozinho. A comida quente, versões melhores de qualquer comida que eu pudesse inventar de fazer, sobremesa gelando na geladeira. Uma lista do que eu tinha que servir antes, do que eu tinha que servir depois. Menu completo, cortesia de um Antônio esperançoso de conquistar a minha esposa pela barriga.

Eu, que nunca soube esperar sem parecer um cachorro que fita um pedaço de carne na esperança que caia da mão do dono, ficava do lado de dentro, na porta de entrada, só esperando que a Fê surgisse. Sem um mínimo de dignidade mesmo, louco que nem criança em manhã de Natal. Andando de um lado para outro, rolando o feed do Facebook rindo de piadinhas idiotas na esperança de me distrair. Olhando o relógio de cinco em cinco minutos.

E nada. Nada, absolutamente nada nas primeiras duas horas. Nove horas e um pouco. Ligando para aquela mulher do caralho sem que ela sequer desse notícias. Ela não faria isso comigo, faria? Ela talvez não soubesse que havia mais gente envolvida, que nossos meninos estivessem envolvidos, que a Bia e a Ana tinham mais culpa no cartório do que eu por todo esse evento. Eu tremia mais que vara verde, louco de medo. O calhamaço do divórcio enfiado na cozinha sem nunca ter sido aberto. Minhas palavras escritas numa resma de sulfite não foram o suficiente? Não deu tempo de ela ler? Porra, eu leria

qualquer coisa que alguém dissesse ter me escrito, com tantas folhas daquele jeito. Não era uma merdinha de cartinha de amor no colégio, era toda a minha vida.

A Fê não faria a desfeita de ignorar tudo aquilo de letra, faria? Ela pelo menos está sabendo que vai rolar alguma coisa nesse restaurante, porque o Lipe disse a ela para usar o vestido rosa, então mesmo se ela tivesse feito a cornice de não ler, pelo menos ela sabia. Só que aí, o efeito do meu apelo teria despencado. Uma coisa é uma mulher ler a nossa história e ficar chorando de emoção e os cacetes, e outra coisa é ela ficar sabendo que vai ter alguma coisa no restaurante do marido pela boca dos outros. Se a Bia se deu ao trabalho de comentar disso durante a semana ou se ela ficou sabendo só pelo Lipe.

Pior: se ela ficou sabendo só pela boca do Lipe, o apelo bem pode ter um efeito reverso e ela deve estar me achando o mais marica dos maricas por mandar recado de encontro por meio de filho. Eu até aceito que me chamem por lerdo, mas não sou frouxo a esse ponto. Eu pedi a ela que viesse aqui me ver nem que fosse uma última vez. Será que eu caguei tanto no pau assim que aquela lá não pode deixar a merda de orgulho de lado um dia, só um, para me ver? Porra, eu não fui tão mau marido assim. Eu fui razoável, no mínimo.

Pelo amor de Deus, Fê. Quebra essa. Vem me ver porque eu não sei o que fazer se você não vier. A esperança que reuni desses dias para cá esmaece e só sobra o que dá para se comparar a um fiel fervoroso que pede um milagre a Deus. Ela não pode ser tão orgulhosa a esse ponto.

Se ela não vier me ver, eu penso, secando uma garrafa de água por que minha boca tá seca, eu não vou vê-la. *Eu não vou*. Eu não posso me rebaixar a esse ponto. Eu vou assinar o caralho de divórcio e vou entregar a ela do mesmo jeito que entreguei a merda do calhamaço e vou deixar esta história para lá. Nunca mais toco nesse assunto não importa quantas bebedeiras eu leve para esquecer a Fê. Não vou voltar dessa vez. Não dá para rastejar a vida toda. Ela tem que ceder também. Eu não sou um moleque que fica correndo atrás da mãe a cada erro que comete e ela não é uma deusa no pedestal no qual eu preciso me confessar loucamente a cada erro que cometo.

Chega dessa merda, penso eu, tacando a garrafa de água no lixo vazio. Nove e meia. Vou esperar até meia noite, vou fazer a minha parte. Se ela não aparecer, então pronto. É o fim. E chega.

Tenha em mente, leitor, que o Rodrigo com respeito próprio só durou até onze e meia. Eu cheguei a me arrepender de ter casado com ela. Nem para ela ter, pelo menos, atendido a merda do telefone?! Nem para ter mandado mensagem pela Bia, sei lá, feito sinal de fumaça, qualquer coisa. Eu estou aqui, plantado, já são duas da manhã. Sem saber lidar com o fim. Ela não vem mais,

eu sei, mas não consigo largar o posto. Se eu saio daqui, tranco tudo e vou embora, então eu é quem dei o fim. Ela não vem mais, eu sei. É hora de aceitar que acabou. São duas da manhã.

Encaro o papel pardo que a Bia me entregou. Sento em cima do balcão da cozinha que Antônio proíbe qualquer cu de passar e o abro. Leio sem calma nenhuma as três primeiras páginas e não entendo nada. Releio tentando me acalmar, o choro de moleque manchando as letras e os olhos.

É o fim, Rodrigo. Você precisa aceitar. Passo por todas as páginas sem ler, não consigo ler. Caço no caixa, perto da entrada, por uma caneta. Assino o que quer que ela queira que eu assine, entregando os pontos. Se ela quer tanto o divórcio assim, se ela não aceita a minha única condição, então tá, que seja do jeito dela. Rabisco meu nome na última folha e vou deixando meu visto nas folhas anteriores, fingindo que li.

— Desculpa a demora – Eu já tinha detonado duas garrafas de vinho barato, sozinho. Dormia jogado em cima da mesa arrumada.

— Demora? – Ri, erguendo a cabeça do prato, olhando quem estava ali, olhando pés e tênis e pernas, mas sem entender de quem era aquela voz – Que horas são?

Isso é um Rodrigo bêbado pra caralho e na fossa.

— Quatro e quinze.

Me erguendo da cadeira, olhando bem para o borrão de gente que tinha na minha frente, eu tentei ficar em pé. Beber com raiva te deixa duas vezes bêbado. Era a Fê, quatro e quinze da manhã, me segurando pelo ombro. Senti as mãozinhas dela me dando apoio enquanto eu escorregava, cambaleante, para a parede. Eu estava no palco, na janela, ou no bar? Palco, constatei, olhando o piso. O piso do palco é claro.

— Você foi a pior coisa que aconteceu na minha vida.

— Não fala isso, Dio.

— Você é a pior, da pior, da pior coisa que aconteceu na minha vida.

— Dio, por favor, vamos para casa, você tá bêbado, olha –

Estou bêbado, mas não sou trouxa.

— Eu me arrependo tanto, Fernanda, mas tanto de ter vindo para São Paulo...

— Dio, por favor, não fala isso.

— Quatro e quinze, caralho, vá se foder e some daqui.

— Mas, Dio eu –

— Vaza.

— Dio, não –

— Vaza.

Ela me puxou para fora do restaurante, fechou a porta e me colocou no carro dela. Fomos para casa e a última coisa que eu lembro era de um Rodrigo babaca chorando no sofá da própria casa, sem conseguir fazer mais nada.

Chorando a fossa com o motivo da fossa bem do lado.

Dor de cabeça. Tinha Sol na minha cara e eu procurei saber quem era o filho da puta que tinha arrancado a cortina. Da última vez que eu dormi naquela sala, tinha uma cortina ali. Asma do Lipe, por isso não tinha cortina. Sentei e eu estava sem calças e sem sapatos. Meus olhos estavam inchados e embaçados. Que porra, que fim de noite de bosta. E onde estava aquela mulher do inferno?

É, eu tinha raiva. Muita, acumulada nas juntas, impulsionada por um porre de Sangue de Boi. Antônio e eu bebíamos Sangue de Boi quando uma noite no restaurante superava a expectativa de clientes. Sangue de Boi foi a marca que nós usamos para fechar a sociedade do restaurante e sempre que alguma coisa dava certo, a gente bebia para comemorar.

Depois da noite frustrada que eu fiquei plantado que nem trouxa, por quantas horas deu, das sete da noite até as quatro da manhã? Dez horas? Sete? Foda-se, horas demais. Depois que eu bebi para esquecer, nunca mais meto Sangue de Boi na boca. Nunca mais e isso não é uma promessa de bêbado.

— Dio, lava o rosto e senta aqui — Ela disse, lá da cozinha.

Lavei merda de rosto nenhum, só fui lá. Ela tinha o computador aberto em cima da mesa e uma garrafa de café do lado. Meu calhamaço inteiro cobrindo a mesa. Olhei para o relógio e era onze da manhã. Tudo errado. Tudo dando tão errado.

— Você tem certeza que vai incluir a parte do salto na tua história?

— Quê?

— Vai ou não?

— Vou, porra.

— Ok. Vai tomar um banho, me dá mais quinze minutos que eu termino aqui. Faço um café novo para quando você sair do banho.

Fui tomar banho empurrado. Entrar naquele quarto e saber que ele não é mais meu. Ver a parte do guarda-roupas dela cheia e ver a minha vazia. Dói chorar, já chorei o que tinha e o que não tinha, topei com o dedinho do pé no pé da cama, xingando muito, e me enfiei para dentro do banheiro. Liguei o chuveiro antes de arrancar o resto da roupa e entrei.

Sem choro, sem querer pensar, o porre de vinho me comendo o rabo. Ranzinza era eufemismo. Quatro da manhã? Ela apareceu na merda do

restaurante só às quatro da manhã? Que tipo de mulher faz isso? Era melhor que não tivesse ido, porra. A frustração de ter as esperanças detonadas, o choro que não saía, a água quente do chuveiro martelando de fora para dentro. Tudo tão errado. Tudo, tudo, tudo, tudo tão errado.

— Dio-

— Eu não quero conversar com você, agora.

— Posso entrar aí?

— Cai fora, não fode.

Quem sou eu para falar qualquer coisa nesse casamento? Eu peço para ela estar lá sete horas, ela me aparece às quatro. Eu peço para ela não me deixar quando minha mãe morresse, ela não só me abandona nessa hora, como também não fica mesmo depois de meu pai ter se matado e meu bebê ter ido junto. Meu Lipe arruma a merda da mesa do jeito que eu sei que ela ama de paixão, essa vaca nem vê. É de foder. *É de foder*. É de arrancar minha cabeça pelas bordas do meu cu.

Ela entrou depois de mim, mas não assumiu a água quente do chuveiro. Ficou lá, do lado oposto do box, sem entrar. Pelada. Me olhava nos olhos como há mais de três meses não olhava. Sem dizer palavra. Ela nunca foi de me dizer muito. Nunca recebi muitas declarações de amor, nunca fui o tipo mais sortudo de homem, que tem uma esposa carinhosa e amorosa do lado. Eu sempre soube que ela me amava pelas coisas que fazia por mim, pelas coisas que deixou de viver por mim, mas eu nunca... nunca ouvi coisas com frequência.

Eu lembro, a gente tinha seis meses de namoro. Dizem que quando o namoro é novo, as pessoas fazem as piores loucuras. Elas escrevem cartas, fazem serenatas, declarações, essas porras todas. Eu fazia, eu era besta e romântico que nem todo homem de namoro novo. Ela não. Chegou um dia que eu a intimei a dizer nem que fosse um "eu te amo" porque ou era isso, ou ficar louco. Pedi para ela dizer que me amava. Ela me olhou com aqueles exatos mesmos olhos. E eu soube que ela me amava, mas por algum motivo eu não sei dizer bem qual, ela não conseguiu dizer.

Eu não vou ser babaca e hipócrita e dizer que ela não precisava dizer nada só por que me olhou naquele misto de raiva e verdade que eu sabia que era amor. Ela não pode me enviar folha pra caralho com os termos do divórcio e depois me olhar daquele jeito, debaixo do chuveiro, achando que tudo ia ficar bem. Eu estava de ressaca, não louco.

— Você não vai dizer nada?

— Eu li o que você me escreveu. E chorei e sorri e morri de tesão e tudo o mais que na hora que vivi tudo aquilo, também senti. Confesso que do meio do final do seu negócio eu mais chorei que qualquer coisa, mas eu sorri também.

— Legal.

— Eu não consegui chegar lá sete horas porque eu passei o dia colocando seu calhamaço no computador.

— Eu não te pedi isso.

— Eu coloquei umas partes minhas naquilo, também. Achei que faltaram. Se qualquer um com aquilo em mãos lesse só o seu lado, eu ficaria parecendo uma puta sem coração.

Mas você é uma puta sem coração.

— Sua mãe morreu no mesmo quarto que a minha mãe morreu. — Tacou assim, na lata.

— Não, sua mãe morreu no hospital, você mesma disse —

— Sua mãe morreu do mesmo lado da cama que a minha mãe se matou.

— Por que é que você nunca me disse que sua mãe se matou?

— Você saber que ela morreu de amor ia mudar alguma coisa? Você saber que a minha mãe se matou por causa do meu pai ia mudar em quê?

— Eu sou seu marido, você tem que me contar essas coisas.

— Você é meu marido, não meu dono.

— Nunca quis ser seu dono.

— Sua mãe morreu no mesmo lugar que a minha e eu abortei. — Crua. Não encheu a frase de advérbio e adjetivo para amenizar nada. Nua sem entrar na água, olhando para mim, lágrimas que escorriam dos olhos, brotadas de dentro para fora, dor e miséria, ela disse com todas as letras. — Eu não pude segurar o bebê e não pude segurar seu pai.

— Nina...

— Eu não pude dar ombro para o seu pai chorar, Rodrigo. Eu não pude, por que eu não tinha estruturas para nada. Eu vi sangue na calcinha, eu vi o sangue na sua mãe e eu não pude. Era você e eu ali, Dio. Era você no seu pai segurando o corpo da sua mãe no colo. Era eu no colo do seu pai. Era você, você, Dio, segurando o corpo da sua mãe. A essência do seu pai, toda sua. Homem de uma mulher só, homem de um amor só a vida toda, homem de casamento e compromisso. Seu pai pegava o lençol da cama e passava no rosto da sua mãe. Beijava, Dio, com tanto fervor, tanto amor... ! Você me pegou no colo naquela manhã, eu cabia certinha dentro dos seus braços e era a mesma sensação. Casa e comida num abraço só. O jeito que ele olhava para ela era o jeito que você olha pra mim. O jeito que ele beijava ela era o jeito que você me beija. Eu morri ali também e você ficou sozinho. Eu nunca quis te deixar sozinho, Dio.

— Por que é que me deixou então, Amor?

— Eu não pude olhar para você e pedir desculpa.

— Desculpa de quê, Nina?

Aí ela me contou tudo, daquela noite. Da culpa, da vergonha, do medo. E chorou, sentada na borda da banheira que a gente nunca usava, o box aberto e eu sem conseguir me aproximar. Estávamos os dois muito feridos. Eu já conseguia pensar no amanhã, mas ela não.

— Foi só de raiva. E quando a raiva passou, eu não consegui pedir pra você voltar, Dio. Não consigo, ainda. Olhe para mim, Dio, eu só existo. Eu não tenho coragem de pedir pra você ficar. Eu apareço quatro da manhã no encontro que eu sei que todo mundo arranjou, inclusive as crianças. Eu arrumo desculpa de que estou passando seu texto para o computador de puro medo de te encontrar. Te ver de novo é como encarar aquela noite. Foi a pior noite da minha vida e você não tem nem culpa, porra.

O choro foi alto e para fora. De coisa que a gente não devia ter levado três meses para dizer. Acho que ficar três meses longe cortou mais fundo a ferida aberta.

— E o nosso bebê, Dio – As mãos segurando a cabeça, os cotovelos nos joelhos – Por que a gente teve que perder ele, porra. Era a coisa mais sensacional que nos acontecia desde abril e ele foi embora como se... Eu não podia pedir para você ficar, depois disso. Eu não podia pedir, Dio.

Eu a puxei para a água e a abracei com força. Ficou repetindo que não podia pedir para que eu voltasse, sendo que eu nunca quis sair. Chorava alto e para fora, agarrada em mim como se eu fosse um bicho de pelúcia, como o Lipe chorava quando estava magoado. Não me lembro de ela chorando assim, na minha frente, daquele jeito. Ela sempre se escondeu para chorar. Ela sempre esperou que eu dormisse, ela sempre deu um jeito de evitar chorar na minha frente. Mentindo uma força que eu sei que ela tem, mas que não precisava ser daquele jeito. Que a Fê é forte nem eu nem o leitor duvidamos. A gente vê aquele monumento de mulher sendo sensacional e grandiosa todo dia. É justamente por essa grandeza que eu a amo. Não faz sentido ela mentir para mim essa força. Tudo naquela noite foi demasiado, tudo. Ninguém ousaria dizer que diante daquilo, a minha Fê fosse fraca.

E no entanto, ela se culpa como se eu a culpasse. Como se eu fosse capaz de culpá-la por qualquer das ocorrências. Eu exigi que ela segurasse minha cabeça quando eu não conseguisse me levantar, mas eu não estava pronto para segurar a cabeça dela, acaso a dela caísse. Esperávamos uma só tragédia, não três. Eu depusitei muito mais do que deveria ter depositado, nela.

— Eu te amo tanto, Dio. E não consegui fazer nada. Eu não consegui nem acalmar seu pai. Como que eu poderia ter pedido para você ficar, como? Eu não consigo nem olhar na sua cara.

— Não diz assim, Nina.

Nós choramos os três meses de afastamento. Choramos atrasado a perda do bebê, choramos atrasado a perda dos meus pais e choramos atrasados nossa própria fraqueza. Era tudo tão além de nós, que nós não aceitamos ser apenas dois corpos no universo que calharam de se encontrar. Nós nos culpamos por coisas que fugiram do nosso controle. Nos obrigamos a erguer a cabeça quando nós devíamos ter tirado um tempo de luto e chorado. Erguemos quando devíamos ter caído e caíamos quando já era a hora de erguer. Amar mais no cair, que no levantar. Amar caído e rastejar, ralar joelhos, reunir forças, dar beijinho para sarar. Ainda não aprendemos tudo, nem descobrimos tudo. Devíamos ter aceitado que não podíamos mudar tudo. Devíamos. Tanta coisa errada que nós conseguimos foder com a única coisa boa que havia.

A única certeza que eu tinha é aquela mulher era minha e que eu era dela. Eu acredito no amor. Acredito mais no amor do que nos que amam, para ser totalmente sincero. Minha mãe não tratou do câncer por amor, meu pai se matou por amor e nós dois somos o resultado de que o amor faz umas merdas que só por Deus, mesmo. O amor, é como dizem. Cego, surdo, mudo e orgulhoso pra caralho.

— Não quero mais te ver chorando. – Me disse, passando a mão no meu rosto, me beijando as bochechas. – Eu não casei para te fazer chorar. Limpa o rosto, Dio, olha para mim.

— Nina... Eu não te culpo por nada. Eu não te culpo e não quero você se culpando. Você fez muito mais do que devia, me perdoa não ter ouvido a ligação, me perdoa não ter estado lá. Me perdoa, Nina, por tudo.

— Não se desculpa. – Me beijou o rosto de novo, as mãos no meu queixo. – Nós somos pequenos, o mundo é grande. Sua mãe terminou como quis e o seu pai, também.

— Faz outro filho comigo, Nina.

— Só mais um. – Disse, enfiando o rosto no meu peito – Que eu não sou parideira.

— Uma menininha. – Negocieei, rindo um pouquinho.

— E depois dela você ainda vai querer casar comigo? – Pediu, a voz toda tremida, quebrada e chorosa. Chorei, também, ouvindo minha Nina pedir para casar comigo, de novo, duas vezes na mesma vida.

— E você ainda me pergunta? – Beijei-lhe a testa, olhando-a nos olhos, a sensação boa de que o amor ainda existe, que nós não desistimos, que só somos orgulhosos e quietos demais para um casal.

Desliguei o chuveiro quando as lágrimas pararam. Ela olhou para mim, eu olhei para ela. Não conseguíamos nos beijar. Eu disse a ela que se enxugasse

e saísse, que eu faria alguma coisa para a gente comer. Passei uma toalha no corpo, enrolei na cintura e desci.

Limpei a mesa com as tralhas, fechei o computador dela, arrumei a mesa não tão bonita quanto a mesa que o Lipe fez, lá no restaurante. Torradas e café e queijo fresco. Eu estava com fome, mas a boca estava amarga demais para comer. Ela desceu, roupão acolchoado, os olhos tão inchados e vermelhos como os meus, do exato mesmo jeito que começamos os seis meses. A diferença é que não foi só uma semana de hiato, foi uma eternidade. Sentamo-nos para comer. Ela na aresta da mesa dela, eu do meu lado.

— Desculpe ter te deixado tanto tempo esperando, lá no restaurante.

— Eu te xinguei tanto, Nina...

— Não diz mais que eu sou a pior coisa que aconteceu na sua vida. — Esticou o braço e serviu café a nós dois. — Por favor, não diz mais isso que dói.

— Desculpa, Nina. Você não é a pior coisa que aconteceu na minha vida.

— Nem a melhor, né? — Ela riu. Pouco, mas riu. Bebi da minha caneca. Era domingo de manhã e a casa estava quieta, isso era triste. Senti falta do barulho do café da manhã. Era triste, só nós dois.

— ... Você ainda vai querer o divórcio, Nina?

— Dio, — Ela pousou a xícara, sem saber como me contar — eu não pedi divórcio nenhum.

— Tinha papel pra porra no envelope, eu assinei aquela merda. Cadê aquilo, você pegou ou deixou lá no restaurante? Não brinca comigo, Nina, tô velho.

— Mas eu nunca pedi divórcio, nem fui no advogado. — Ela se levantou, foi para a sala e voltou com o envelope pardo — Eu reconheço um gerador de lero-lero quando vejo um. — Ela sorriu maior, apontando a última folha.

"Concordo que a Ana Clara é a maior armadora de planos deste Universo" E eu assinei isso chorando. Ana filha da puta.

— Genial. — A Fê riu, os olhinhos inchados, lágrimas escorrendo deles enquanto ria. — A Ana é genial.

— É uma filha da puta, isso sim. — Cortei uma fatia de queijo e comi, ainda com dor de cabeça, ainda um pouco ruim das duas garrafas de vinho.

— Você está mais magro. — Me disse. — Tá abatido.

— Tô pior que o cocô do cavalo do bandido.

— Também não tô lá essas coisas.

— Tá gostosa.

Revirou os olhos com a xícara na boca, rindo um pouquinho. Por que é que eu passei três meses fora de casa? Olhando para ela, a mesma mania de sempre, a mania do primeiro encontro, do segundo encontro, do primeiro

segundo encontro, de todas as manhãs que tomei café junto dela. Ela entendeu então o porquê eu a chamo por Nina. Da pior forma possível, mas ela entendeu por que chamar de Nina era tão importante e significativo para mim. Apelido dos meus pais. Gente que fez dar certo acima de tudo, gente que fez dar tão certo que foram enterrados juntos. Uma vida inteira de obstáculos enfrentados de mãos dadas. É isso, então, o meu Nina.

— Não solta mais da minha mão – Pedi, me juntando para a aresta da mesa dela. – Fala comigo, briga comigo, mas não solta mais da minha mão.

— Fala comigo você também, Dio. Não me deixa de fora. Eu li tudo o que você me escreveu e eu te amo mesmo quando você acha que é fraco. Eu não ligo para isso de força, o homem mais forte que eu conheci chocou a caminhonete contra um caminhão e aceitou a vontade da esposa. Não fica calado quando pode falar, uma, porque eu odeio ler, não quero outro calhamaço desses a cada seis meses e duas, porque eu não vou parar de te amar se você quiser se abrir comigo. A gente casou, Dio. Nada do que você fizer vai te diminuir. Você é lerdo, bem pouco detalhista, um pouco avoado, verdade, mas é o meu marido. Eu escolhi você. Eu amo você. Mais que tudo nesse mundo, eu amo você e os meninos. Não tem porquê esconder coisas de mim, se tem a opção de falar.

— Você me dá mais seis meses, Nina?

— Só seis meses? – Sorriu, pousando a xícara. – Eu sou tão chata que você só me aguenta de seis em seis meses?

— Mulher, larga de ser boba.

— ... A propósito, bonita tatoo.

Esqueci que tinha feito. Olhei para a minha teta murcha, o nome dela impresso como de dentro para fora, tinta que resume tudo o que eu tenho para te dizer, amor que marca na pele, traço duro e doloroso, ela, dois meninos e o Amor que não nasceu.

— Fiz e esqueci de te mostrar.

— Também fiz uma, Dio.

De um lado, da costela, naquela nesga de seio emblemática de quando a gente se conheceu, a tatuagem antiga, com novos nomes acrescentados. Felipe, Gustavo e Luz. Nosso terceiro filho que não veio. Do outro lado da costela, uma tatuagem nova:

*Encosta e me observa.
Eu conduzo a nossa valsa.*

— Mais seis meses, Dio – Ela disse – Pra sempre.

— Você é a melhor coisa que me aconteceu, Nina.

** Mamihlapinatapai palavra da Língua Yagan, da Terra do fogo que significa: “um olhar trocado entre duas pessoas no qual cada uma espera que a outra tome a iniciativa de algo que os dois desejam, mas nenhuma quer começar ou sugerir”*

Epílogo

Dois anos depois

Você vê o amor fluindo de uma mão para a outra. Vê palavras gentis fluindo de uma boca para outra como se todas as palavras partissem de uma só fonte. Ouve os gemidos de dor da mãe e as minhas palavras de afeto. Minha mãe não está aqui para ver isso, nem meu pai, mas eu estou e vibro sem pensar nos maus momentos, nas dificuldades, no número de vezes que ela me mandou embora e eu parti sem coragem de ficar. Ela está linda, agora. E nós estamos curados. Enquanto ela esmaga a mão do Lipe, dando a luz para nosso terceiro filho (Deus tarda, mas não falha), eu e os meninos só conseguimos pensar no quanto aquela mulher ali, bem ali naquela banheira/piscina, é fenomenal.

Isso seria um daqueles fins de novela onde a mulher ganha o bebê, deitada, maquiada e perfumada numa cama de hospital, a enfermeira risonha entregando o bebê para ela, o pai bobo e babaca, aquele sorriso de "venci na vida" pintando a cara dele aos pés da cama. Poderia acontecer, se acaso não tivesse me casado com quem me casei. Se ela fosse mulher normal. Se isso não fosse o retrato da minha vida.

A Fê decidiu que queria ter o parto em casa. Parto Humanizado. Deus me livre das lembranças e das correrias que nós nos colocamos por causa dessa ideia. Uma casa nova, maior, mais perto da faculdade dela. Três quartos e uma cachorrinha que brinca no quintal que não é de terra. Lipe quis por que quis chamar a vira-latinha toda preta de Monalisa. O Guto concordou. No dia de hoje, dia de festa nessa casa, a Mona fica chorando sozinha do lado de fora ouvindo a mãe dela gemer de quando em quando aqui dentro.

A doula que se chama Zilda, enfermeira obstetra, a mulher que prepara a vinda do bebê, me instrui a fazer massagem nas costas da Fê. Parece esperar que aquilo dure horas e horas sem se importar. Temos uma piscina pequena inflável armada entre o sofá e a televisão, luz de velas em cima do rack, o ambiente que cheira bem de alguma erva ou coisa que o valha. Li o pacote quando comprei, mas não lembro. Lavanda? Baunilha? Não sei. A Fê vendeu o apartamento da mãe dela e investiu parte do dinheiro na reforma da nossa nova casa. É quarta-feira, três horas da tarde. Quando a Fê me ligou avisando das primeiras contrações, eu servia cafés grátis para clientes regulares.

Corri e apanhei os dois meninos na escola. Deixei que Antônio fechasse a joça e cheguei em casa pouco tempo depois da doula, que enchia nossa piscina redonda enquanto a Fê grunhia no sofá, o barrigão e o vestido comprido que é o

que ela tem usado para ficar em casa.

A água está gostosa, quentinha. Estou do lado de fora da piscina, um short velho, pronto para entrar com ela ali dentro, caso ela queira. O Guto e o Lipe estão no quarto deles no fim do corredor que dá na sala, tímidos e temerosos, nem um pouco confortáveis para entrar e ver a mãe naquele estado.

Já está conversado aqui em casa que se eles quiserem olhar o nascimento do bebê, está tudo bem, mas se não quiserem, tudo bem também. Levamos nove meses para explicar para eles como que vai sair o bebê e como que é. O Guto, sete anos, está louco tem três meses olhando vídeos de partos no Youtube. O Lipe não, ele, agora nove, não quer e nem quis ver nada daquilo.

A Fê está com um jeito engraçado. A dor é foda, eu posso imaginar, mas ela geme e depois ri, se sentindo idiota por gemer tão alto. Eu massageio as costas dela de cima a baixo até chegar na lombar, a enfermeira disse que isso faz bem, que junto da água quente, alivia a dor. E depois geme de novo. A doula oferece chocolate, mas a Fê não quer, só sabe gemer e olhar para mim com cara de dor.

Eu ali não sabia se sorria ou se ficava horivelmente preocupado. Eu vi os outros partos, eu estive lá, mas era diferente. Não era em casa. Eu não estava tão envolvido no parto e na gravidez como estou agora. Eu não chorava feito um maluco lunático enquanto ela gritava. Eu ficava feliz e bobão que nem todo pai fica na hora daquelas fotos dentro da maternidade em que a mãe está com a cara da derrota, o pai felizão e o bebê dormindo.

Agora é diferente. Trinta e oito anos, três filhos. Nunca peguei aquele emprego com o Horácio. O Lipe provavelmente vai seguir a carreira da mãe (eles ainda competem matemática, só que o Guto não mais empresta os dedinhos) e o Guto provavelmente vai seguir ou a minha profissão, ou vai ser médico. Essa é a onda da casa, agora. Guto diz que quer ser médico, mas não sabe que existe um monte de "ista" no ramo. Só diz para lá e para cá que quer ser médico.

De alguma forma, penso eu, melhor que publicitário.

A Fê entrou no doutorado. Terminou o mestrado e engatou o outro logo na sequência. Está no começo ainda, fica em casa no que seria um minúsculo quarto dormitório, mas que a gente fez de "Zona da Mãe". Não vou levar o leitor lá por que é simplesmente bagunça demais, mas digo que, como a Fê quase não saiu de casa nesse último mês, o Lipe de vez em quando leva uma florzinha para ela, para alegrar o dia.

Foi o que ele fez hoje, quando eu fui buscá-lo mais cedo no colégio. Chegou no carro já com uma florzinha que a mãe ainda não viu porque simplesmente não tem sobrado muito tempo entre uma contração e outra.

A Fê sentada em água quente não ocupa nem metade da banheira inflável. Eu aperto as costas dela, como a enfermeira me guia. Fala pouco e respira muito. A enfermeira guia as respirações da Fê, também. Eu sorrio a ela, apavorado e feliz.

Eu vi a cabeça do Lipe despontar na ponta da escada que dava para a sala. Estava preocupado com a mamãe e ver a cara de dor dela não foi uma boa coisa.

— Vai lá ver eles, Dio – Disse – Não demora.

Fui. Sem camisa, shorts velhos e as mãos molhadas. Lipe e Guto estavam cabisbaixos, sozinhos no corredor, encostados na parede. Os dois, sem saber como reagiam, me olharam com cara de choro. Ver sua mãe com dor e não poder fazer nada, mesmo sendo por causa de um bebê, nunca é uma boa sensação.

— Vocês querem entrar lá? – Perguntei – Se vocês entrarem lá, saibam que a mamãe está quase pelada.

— Eu não quero ver a mamãe pelada.

— É, mas a mamãe vai ter que estar pelada, né? – Guto e a experiência de meses de Youtube. – Papai, eu quero entrar lá.

— Você só entra se o Lipe entrar. Lipe, você quer entrar lá e ajudar o bebê a nascer?

Era natural que tivesse medo. Eu, velho desse jeito, tremia nas bases. Lipe olhava para mim sem conseguir dizer nada, fazendo um bico de choro. Abracei-o e disse que ele não precisa ficar ali perto da vagina da mamãe, que podia ficar do lado da cabeça dela, fazendo carinho.

— Acho que a mãe vai gostar de carinho, agora – Argumentei – Por que parece que está doendo muito.

— Não tem como fazer a dor parar, papai?

— Não do jeito que sua mãe escolheu ter o bebê.

— A mamãe escolheu sentir dor, né.

— A mamãe escolheu ter o bebê em casa e com a gente – Sorri – A dor faz parte. Se ela escolheu ter o bebê aqui com a gente, então eu acho que a gente tem que estar lá para ajudar ela.

Fomos. O Lipe entrou na sala de olhos fechados e se colocou do lado da cabeça da mãe, no outro extremo do banheiro. O barrigão dela vetava os olhos do menino de ver aquilo que ele não queria ver. A mãe usava um top escondendo os seios grandes e cheios e não usava mais nada. As pernas abertas e esticadas, encostada na borda da piscina de forma que eu não alcançava mais a lombar dela para massagear.

O Lipe deu um beijo no rosto da mãe, o Guto também. Ela olhou para os dois e sorriu. Era assim que ela queria. Era diferente e eu nunca sequer tinha

ouvido falar disso, de ter neném em casa antes de ela vir com mais essa ideia. Não sei quantos pais deixam seus filhos ver o parto dos irmãozinhos, mas os nossos veriam. O Guto estava louco de vontade de ver o bebê saindo, mas o Lipe não. E a Fê sabia disso. Beijou o menino ainda acanhado e disse que ele vai ajudá-la a empurrar o bebê. Disse que se o Guto quisesse, podia ficar do outro lado, junto com o papai.

Aquela ali era a Fê pelada na frente dos nossos meninos. Um Guto alucinado querendo ver o bebê saindo, olhando o barrigão da mãe, fazendo carinho no bebê ainda dentro dela. Ele estava mais seguro da situação que eu, talvez eu devesse ter visto uns partos no Youtube também. Ele sorria para ela, a mão em cima da barriga e nenhuma vergonha por ver a nudez da mãe.

Ela olhava para mim e eu olhava para ela, as contrações cada vez mais perto uma da outra. A banheira agia como uma grande compressa de água quente em cima das dores da Fê. A doula, uma senhorinha de sessenta anos e os cabelinhos todos embranquecidos, advertia aos dois meninos que teria sangue, mas que era normal. O Guto estava preparado, mas o Lipe estava muito assustado ainda. Tinha a mão dada com a mãe e ficava afastando os cabelos do rosto dela, se sentindo culpado por não poder aliviar a dor. Não chorava, mas olhava com olhinhos apreensivos que diziam muito mais que desculpas.

Aí começou a brincadeira de verdade, a dor, a expulsão do bebê, tudo aquilo. O Lipe, agoniado e temeroso, repetia o mesmo que a doula, pedindo para mãe fazer força. A mão dela na dele, os dois se olhando. Amor que flui. Um filho ajudando a mãe nessa hora. Eu segurava sem força alguma, mais carinho que uma ordem, uma perna dela para que ela não a fechasse por reflexo e a doula, do outro lado, fazia o mesmo.

Foi quando coroou a cabeça do bebê nos grandes lábios. O Guto sorriu, dizendo que adorava essa parte. A mãe gemia mais forte, de dor, os pés contraídos. A doula de frente para o bebê que vinha, as mãos na água, junto de mim. Ela, que não era de agir, me coordenava para eu saber o que fazer. Ela estava ali para garantir que tudo aconteceria como o planejado. O bebê era saudável, a gravidez era saudável e o médico muito legal liberou esse parto em casa.

Ela gemia e gritava, um grito que não era estridente, vinha de dentro, empenhava força e ajudava. Lipe e Guto dizendo para a mãe ser forte, empurrar com força, torcendo por ela mais do que torciam por Mario Kart. Entoaram quase um canto de torcida. Guto coordenava as palavras motivacionais e o Lipe, quietinho, ajudava a mãe como podia.

Eu, não era preciso dizer, chorava. Olhava para os meus meninos, para a mãe deles, para o bebê que saía aos poucos. A cabecinha já estava fora, cabeluda

e vermelha como todo bebê. Agora vinham os ombrinhos. Guto olhava e sorria, emocionado, parte chorão também. A Fê dava as boas-vindas para o bebê conforme o expulsava e os meninos começaram a fazer o mesmo.

Toda a briga entre nós quatro era sobre o nome. Passávamos horas e horas na janta decidindo isso e nunca chegávamos a um acordo. Lipe queria por que queria que fosse Mariana e a mãe queria por que queria que fosse Manuela. Eu queria Maria e o Guto queria Amanda.

— Vem, Manu! — Foi o Lipe que deu o nome, enquanto torcia para o bebê terminar de sair de dentro da mãe, uma mão nos cabelos dela, a outra segurando na mão.

E todo mundo já chamava o bebê de Manu. A doula colocou a minha mão por baixo do bebê para dar sustentação conforme o quadril saía de dentro da Fê. Chamávamos por ela enquanto ela deslizava para fora da mãe. Uma menina. O Guto olhava para o bebê que se mantinha debaixo da água sem chorar e sem se mover, pela gravidade ou alguma outra física que a Fê me explicou, mas que eu não entendi.

— Põe a mão na nenê, Guto — A doula disse — Mas com cuidado, tá?

Guto do meu lado, cada dia mais parecido comigo, estendeu a mão por onde a minha mão estava, bem na bundinha da bebê e eu tirei minha mão dali. Por baixo da água, a bebê se estendia no braço do meu filhote. Ela se mexeu quando sentiu a mão dele e a Fê não gostou disso, porque as perninhas ainda estavam dentro dela.

Ele ficou ali, a mão por baixo da bebê que ficaria sozinha debaixo d'água mesmo sem nenhuma mão. Olhava para a bebê sem entender direito, meio afoito e meio assustado. Talvez a gente exigisse demais de um menino de sete anos, fazendo-o ver o parto. O Lipe esticava o pescoço, olhando por cima da barriga da mãe. Ninguém disse nada embora a Fê ainda gemesse um pouco. Só olhávamos a reação do Guto, que era como se ele recebesse um presente que queria muito.

— Vem aqui, Lipe — eu disse, por cima do ombro do Guto — Vem aqui ver a sua irmã. — Ele não disse nada, envergonhado. A Fê terminou de expulsar as perninhas da bebê e lá estava a nossa Manu, toda linda e toda pronta, quietinha imersa naquela água meio vermelha, no ambiente que cheirava a vela, na meia luz da sala da nossa casa. — Tá com vergonha da vagina da mamãe?

Todo mundo tem aquele vídeo ridículo da hora do parto. Todo mundo tem e fica mostrando para os amigos, para a família, para quem quiser ver. Aquilo ali não estava filmado. Éramos agora nós cinco, a família completa. A caçula Manu sem saber que já tinha saído do útero da mãe, a mão do Guto por baixo dela. O cordão umbilical ligando as duas meninas da família.

— Você viveu nove meses aqui dentro que nem ela, Lipe. Vem aqui, vem ver a Manu.

Ele veio. Lágrimas escorrendo, manchando o rosto do menino que em dias normais, em nada se parecia com o garoto quietinho acarinhando a crina da mãe que aparecia ali. Guto e Lipe trocaram de papéis, no parto da bebê. Lipe olhou para a bebê e chorou mais ainda. Estava emocionado. Foi a primeira vez que eu vi o Lipe daquele jeito, emocionado. Limpou o rosto com a manga do uniforme escolar.

— Posso pegar a bebê? – A doula perguntou.

— Senão ela se afoga, né?

— Não vai se afogar. A mamãe tem que ver a bebê também, né?

Eu peguei a toalha que a doula tinha preparado e entreguei a ela, que pegou a bebê da água e entregou para a mãe. Os olhos felizes, suada e descabelada, sorrindo um sorriso tão bonito que nós três, meus dois meninos tão babacas quanto eu, chorávamos calados. A bebê alojada no peito da mãe, a cabecinha debaixo do pescoço. Corri para meu quarto, no andar de cima. Desci e cliquei a Fê com a Manu que já chorava, menos roxinha do que quando saiu da água. A Fê olhava para ela, abraçadinha, meus dois meninos do lado, sorrindo, olhando. Vou fazer um outdoor com essa foto e sair por aí distribuindo como panfleto a quem me perguntar o que é ser feliz nessa vida.

Eu cortei o cordão umbilical quando a placenta já estava fora. Estava feito. A nossa Manu começava um novo ciclo na nossa vida. A doula esticou uma toalha para a Fê, para que ela cobrisse a bebê e a Fê obedeceu, sorridente. Ficou na água, ela e a criança, o quanto ela achou confortável. A Fê me olhava, lágrima nos olhos, os meninos juntinhos dela. Eu não precisava de mais do que aquilo.

Aquilo era o que ela queria. Não estar sozinha. Saber que eu estava ali por ela. Era assim que ela queria o parto dos sonhos. O vínculo que o Lipe e o Guto formaram com a Manu naquele dia, o vínculo que eu formei com a Fê. Isso não é coisa que se censure, que se meça, que se bote limites. Nunca esqueceríamos aquilo, nem da bebê saindo, nem dos berros da Fê, nem da incrível habilidade de fazer-se de "transparente" da doula, nem de nada que aconteceu naquele dia.

A Fê passou a Manu para o Lipe, dando a ele toda a responsabilidade de irmanozão que ele tinha. A Doula instruiu o Lipe como é que segura direito a bebê enquanto a Fê me chamava. Queria sair da banheira, me disse. O Guto buscou o roupão dela, em cima do sofá e eu a ajudei a sair. A cobri com o roupão enquanto a doula e os meninos subiam para o meu quarto.

Ajudei-a a subir, logo atrás, bem devagar, sem pressa. Ela se sentou na

própria cama enquanto eu finalmente pegava minha bebê. Dois anos desde aqueles seis meses. Lipe ajudou a mãe a se arrumar em cima da cama, colocando travesseiros nas costas dela, cobrindo as pernas ainda um pouco molhadas, com o edredom. Estava visivelmente cansada, mas ainda me olhava.

O Guto em cima de mim, por cima do meu ombro, em pé na cama, olhava para a Manu quietinha no meu colo. Eu quis muito que meus pais tivessem ali para ver aquilo. A parentada de Poços está há dias ligando para cá, querendo saber se o bebê já tinha nascido.

A Manu, olhinhos fechados, quietinha e pequenininha, nos meus braços. Tudo foi diferente, dessa vez. Tudo foi tão calmo e simples, sem grandes enxovais, sem grandes chás de bebê. Foi tudo tão pequeno, só entre a gente, longos jantares para decidir qual o nome dela, longas trilhas sonoras que a gente colocava para a bebê dormir por que uma amiga da escola do Lipe disse que os bebês gostavam de música. Todo mundo sabia da nossa expectativa e também dos nossos medos depois do que aconteceu da outra vez, mas ninguém interferia. Deixou a gente ser essa família um pouco louca que a gente é, com uma mãe que quer os filhos na hora do parto, que quer banheira no meio da sala e todas as demais estranhezas que faz da Fê a Fê.

E nada superava ou superaria a realidade. Podem haver mil e uma famílias melhores e mais estruturadas que a nossa, com menos altos e baixos, com pais mais corajosos, pais mais amenos, mas não era como a nossa era. Do jeito da gente. Meu Lipe que em habitat natural é desvairado e ativo, mas que fica incrivelmente quieto e passional em situações como aquela, de ver a irmãzinha saindo da mãe. Meu Guto que é quieto e passivo na maioria dos dias, que vai na onda do irmão em grande parte das tramoias, mas que fica incrivelmente desvairado e ativo, na hora de ver a irmãzinha saindo da mãe.

E eu, que aprendi a dar espaço e me fazer presente. O jeito que ela me olha enquanto eu estou com a Manu no colo é a certeza de que nada está estranho, desconfortável ou esquisito, como das outras vezes. Amanhã não saio de casa nem que me paguem e talvez os meninos também não saiam. Talvez a casa se encha e se esvazie, talvez a parentada de Poços queira dar um pulo aqui, eu tenho certeza que a Bia e Ana darão um pulo aqui amanhã. Os telefones estão desconectados, desligados, enfiados nos vãos do sofá para ninguém encher o saco.

Hoje é um dia só nosso. Só dela, dos meninos e meu. Estamos em festa, no nosso jeito de fazer festas, calmos e tranquilos e felizes e completamente embasbacados com a beleza da nossa última componente.

Se a Fê nunca tivesse abandonado a casa, última saída que a dona de casa de leggings e camiseta de campanha de político achou, se ela nunca tivesse me

aceitado de volta, se não tivesse apostado na gente de novo; se eu nunca tivesse apostado na gente de novo. Se ela e eu nos voltássemos a nós mesmos. Se não tivéssemos sido sinceros. Se não tivéssemos sido loucos e atrevidos, se não tivéssemos chorado e se eu nunca tivesse escrito isto aqui.

Eu nunca teria este extrato de felicidade que eu tenho agora. É uma coisa tão simples e sem frescuras. Tão boa e tão calma. O Guto escolhendo a primeira roupa da Manu, a doula sentada na soleira da sacada do quarto, o Sol de fim de tarde que perpassa a cortina, o Lipe brigando com as caixinhas de som e o iPod velho de guerra, procurando a trilha sonora da bebê.

Me sentei mais perto dela e ela colocou a cabeça no meu ombro, sorrindo, ainda. Perguntei se algo doía e ela disse que sim, que tinha cólicas, mas que não era muita. A doula disse que era normal. A bebê quentinha nos braços e os dois mais velhos pirulitando pelo quarto.

— Olha para mim — Ela disse a mão nos cabelinhos ralos da bebê — Obrigada.

— A minha parte foi a mais fácil — Sorri.

— Mas eu não estava sozinha — Passou a mão em cima dos olhos, limpando lágrimas, mais emotiva que qualquer TPM que eu já vi — Eu te amo, Dio. Obrigada.

Das vezes que ela foi embora, das vezes que eu fui, das vezes que nos distanciamos. A Manu era a síntese disso tudo. Tem quem diga que um bebê pode "salvar um casamento", mas eu não quero pensar assim. A Manu veio como o resultado de puro esforço nosso. Antes da morte dos meus pais, daqueles três meses, nós nunca falávamos como dois adultos diante do problema, a gente sempre observava o outro e reagia, mas nós percebemos que falar foi o que nos levou até o nascimento da Manu.

Estou tratando a bebê como um troféu. Olhando para ela e a mãe, para dois rapazes para lá e para cá no quarto, a maturidade do Guto diante do parto, apoiando o corpinho da bebê e a emoção do Lipe diante da cena, posso eu pensar noutra coisa? Talvez não estivéssemos preparados quando aconteceu o aborto, não sei. Talvez, se não fosse o aborto, a morte da minha mãe, tudo aquilo, nós fôssemos um típico casal de meia-idade sem graça, criando os filhos sem nenhum problema, levando a vida na maciota.

Só que nós não somos este tipo. Nós somos fogo, somos a fogueira inteira. Não é bonito sempre e por vezes, arde. Eu sou a lenha e ela é a faísca. Aumentamos e diminuímos conforme o vento, envolvemos nossos filhos nas labaredas, incendiamos o quarto, a cozinha e o quarteirão inteiro. E por todas as vezes que nós nos desencontramos, perdemos a sintonia, quando a gente volta, a gente cresce, a gente inflama. Ficamos tão grandes quanto qualquer ponte que

ela inventar de erguer, maior, até. Coisa que não se mede.

Amar a Fê foi e será a coisa que me faz muito homem. Eu posso carregar um pau e um XY, mas isso não significa nada. Ter sido criado por quem eu fui e olhar para a Manu pequenininha no meu colo, a minha mulher olhando para mim daquele jeito, o Lipe e o Guto que eu não sei se estão brincando ou brigando, isso para mim é que é tudo. E, se de alguma forma eu a mereço e se de alguma forma ela me merece, não foi merda de destino nenhum que tratou de fazer dar certo. Foi muito suor e lágrima; pior, ainda é. A cada passo que eu dou eu tenho mil coisas para pensar, mil soluções para dar. Demorei demais para aprender essa, mas dar um passo, um só que seja, não é mais fazê-lo sozinho.

Talvez, se eu tivesse entendido isso antes, nada daquilo precisasse ter acontecido. O jeito que eu a vejo agora, mãe pela terceira vez, doutoranda, trinta e oito, em nada difere daquela felina dos vinte e poucos. Tem algo nela, que brota de alguma parte dela, não sei bem de onde, não paro para examinar. A Fê continua me intimidando, continua leoa, um pouco mais todo dia.

A diferença é que agora eu sei que eu não preciso transformá-la num gatinho em cima de uma árvore, pronta para ser salva por um tipo de Super-Man. Eu sei que ela é para mim o que eu sou para ela e saber que eu caibo de algum jeito na vida dela me é suficiente. Quando eu passei a perceber isso foi como se eu tivesse encontrado meu lugar no mundo e a sensação de pertencimento nunca foi maior que naquele parto de banheira entre a tevê e o sofá.

Sinal que eu estive ali. Eu vivi aquilo. E foi lindo.

É Poços. O Lipe e o Guto cuidam da Manu que quer sair andando por qualquer lugar. Um ano e meio, agora. Eu me tranco com a Ana nesse meu pequeno e antigo quarto. Ela olha para mim e para o espelho do banheiro, um sem-número de maquiagens em cima da cama. Usa um longo vestido branco, o buquê sobre meu computador velho. Arrumo a gravata branca enquanto ela arruma as luvas compridas nos braços. Nos oferecemos favores. Subo o zíper do vestido dela e ela arruma a minha gravata.

— Cinco.

— Oi –

— Isso está mesmo acontecendo?

— Qual das partes que você ainda não acredita?

— Tudo. – Apoia a bunda na pia e me olha. – Depois de tudo, Cinco. Olhe para nós, agora. Eu acho que estou nervosa.

— Você não vai abandonar sua futura esposa grávida logo agora. – Ela

usava um adereço de noiva na cabeça, perfumada e muito bonita. Segurei-a pelas bochechas e o queixo tremia, ameaçando um choro – Escuta, olha pra mim.

— Eu era sua secretária, caralho.

— E eu era um marido que não fazia a esposa gozar.

— Olha pra mim, agora. Olhe para você. – Tirou uma das luvas para limpar o cantinho dos olhos maquiados com a mão nua e eu dei espaço para que fizesse – Está tudo tão diferente.

— Eu estou orgulhoso disso tudo.

— Eu também – Três capas da última Vogue foi ela quem fez. Vogue China, Vogue Brasil e Vogue Inglaterra. O Pai dela não se conteve quando descobriu que seria avô e a Bia proibiu que ela fotografasse para a Playboy quando apareceu o convite – Se tivessem me contado como seria o final, eu teria trabalhado para você de graça.

— É, – ri – você foi uma secretária bem cara.

— E eu nunca entendi de verdade por que você se vendia tão barato. Dos imbecis para quem eu trabalhei, você foi o melhor de todos.

— Não sei se é para eu ficar feliz ou triste com isso.

— Vamos esquecer amanhã sobre tudo o que eu te direi hoje, ok?

— Negativo. – Ri – Você vai dizer que me ama e eu não vou esquecer disso.

— Vem cá, babaca – Me abraçou com força e me agradeceu. Chorou mais um pouquinho e eu a proibi de chorar mais.

— Você não vai dizer, então eu digo: eu te amo, Ana. Você é a sapatão feminista mais chata que eu conheço, mas é de longe a melhor amiga do mundo. Eu quem te agradeço. Por tudo.

— Até quando te chamei de tio da Sukita e das vezes que revelei as fotos da Fê pelada?

— Não abusa.

— Não precisa me agradecer por isso.

— Diga que me ama de volta, porra.

— Não vou dizer isso.

— Diga.

— Tá, te amo – Ela conferiu o relógio do celular sobre a privada, disfarçando uma última lágrima que escorreu – Agora, vamos. Não é de bom tom que os noivos cheguem depois das noivas.

— Você é o noivO, hoje?

— Eu só vou entrar antes da Bia, babaca. Tá vendo? É por isso que eu não gosto de dizer essas viadagens de amorzinho, você abusa. Eu sou noiva também, cacete!

Eu ri. Abrimos a porta do meu quarto antigo. Descemos.

Bônus – Conversas:

Lá estava ela, doutorado&saltos, apontando o laser para a lousa branca, slide com números e alguns elementos da tabela periódica. É professora, agora, como a mãe dela era. Não posso ficar mais orgulhoso do que isso. Ainda sorrio, besta e babaca que nem sempre. Algumas coisas nunca mudam. Dez anos desde os primeiros seis meses. Nossa Manu agora é uma moleca que corre pela fazenda do avô fazendo troça com os irmãos. Branquelinha e de cabelos pretinhos como a minha mãe. Sorriso banguela, joelhos ralados e canelas finas.

Do gênio da mãe, a nossa Manu tem bem pouco. Dos três, o Lipe foi quem o herdou. O Guto e a Manu são mais fáceis, graças a Deus. O Lipe e a mãe vivem em pé de guerra. Se eu deixo, é briga e beijo o dia inteiro. Derrotam-se na matemática e em tudo a que se proporem. Nossa cadela Monalisa mordeu o último projeto de quadrocóptero deles (e ai de mim se eu falo Drone, porque Drone não é a mesma coisa que quadrocóptero, porque Drone precisa de autorização para voar e quadrocóptero, não. Isso é o que eles dizem. Pra mim, levantou voo e você usa um controle remoto, é Drone. Só que o Leitor já conviveu com a Fê para saber como ela é, com essas coisas. Pois é, multiplica por dois, que agora tem o Lipe).

Eu, por outro lado, continuo boiando nas nerdices deles, mas até gosto. A Fê era muito sozinha, antes do Lipe se interessar por essas coisas. Desde que a gente trocou de casa para receber a Manu, o quarto que a Fê usava para estudar e fazer as bagunças dela era uma porta fechada. Desde que o Lipe ganhou o Lego robótico é uma porta aberta e ela morre de felicidade quando vê um filho lá dentro da bagunça dela.

Por isso inclusive, que eu rodei essa Politécnica inteira à procura da sala em que ela estava. A secretária do departamento me disse que ela estava em aula e me disse em qual sala que era, mas eu não achei. Vinte anos casado com uma mulher que vive e respira este lugar e eu ainda me perco nos corredores. Ótimo jeito de começar o dia. Caçando sua mulher que nem um louco por um prédio que não aprendo a reconhecer.

Ontem foi o dia da briga. Nosso Lipe, com dezessete anos, esteve todo pilhado porque ano passado foi ano de vestibular. Terminou o terceiro ano junto com toda uma bateria de vestibulares que escolheu fazer. Reconheço que ano passado não foi um bom ano para ele. E a Fê quis porque quis que ele fosse da Civil. Desde os dez anos dele é que a Fê está crente que pariu um engenheiro. Eu, confesso, também estava.

Até que ontem, depois que terminou a segunda fase da FUVEST nos primeiros dias de um ano novo, segurando o RG e as canetas nas mãos, entrou

no carro da mãe e disse, com todas as letras:

— Quero ser engenheiro.

— Que bom, filho – E a Fê dando pulinhos, por dentro.

— Só que aeronáutico.

Filhote meu queria construir avião. E a mãe querendo que ele voasse mais baixo, que construísse prédios. Desde julho do ano passado que eu sei que ele quer construir avião, eu disse que ele esperasse todos os vestibulares passassem, para dar a boa-nem-tão-nova para a mãe.

E, como estava combinado, assim que ele fez a última prova ontem, nos primeiros dias do ano, ele contou para a mãe. E eu não estava lá para intermediar a discussão. Na hora em que eles conversavam, eu estava no restaurante e só recebi a mensagem "Deu ruim", vinda dele.

Eu amo a minha esposa, o leitor bem pode se lembrar, mas ela é tihosa e orgulhosa demais. Os três filhos daquela leoa valem mais do que qualquer Estaiada que ela tenha feito na vida. Os três filhos são tudo o que ela preza e ama, ela é louca pelos filhos e faz qualquer coisa por eles. Só, que ao mesmo tempo em que ela é cega de amor, eu sabia que ela jamais aceitaria ser contrariada por um deles daquele jeito. Tinha um contrato secreto entre ela e o Lipe, sobre a Faculdade. O sonho da vida da Fê é ver um dos filhos seguindo seus passos, tal como ela seguiu os passos da mãe. A Fê quer porque quer instaurar o Clã Miller, naquela Politécnica.

Eu, de verdade, acho isso bonito.

Só que ao mesmo tempo, acho injusto pra cacete.

O Lipe não tem que satisfazer a vontade de ninguém fora a dele. Nem o Guto, nem a Manu. Não botei filho no mundo para que ele tivesse registro no CREA. Botei filho no mundo para ser feliz, é isso o que todo pai quer. Filho feliz e livre para fazer as próprias escolhas e, se na meia-idade ele quiser largar a carreira para abrir um restaurante, ótimo também!

Que meu Lipe fosse um pipoqueiro, pensei eu, olhando os aluninhos da minha esposa fechando seus cadernos e notebooks, mas que fosse um pipoqueiro por inteiro e não um engenheiro pela metade.

Entrei na sala de aula e ela guardava o próprio computador na bolsa. É um curso de verão, antes do começo do ano letivo. Começo de janeiro e essa galera que podia muito bem estar estirado na praia, vem aqui para dentro da sala, ver minha Fê. Ela diz, toda orgulhosa, que tem gente de outros estados ali dentro, só para este curso.

Quarenta e cinco anos. Tá gostosa pra caralho. Eu tento esconder o sorriso, mas o Leitor já sabe que eu não sei esconder essas coisas. Está linda de Jeans&Salto&Blazer. Agora usa óculos para ver de perto. Armação preta e

quadrada que combina bem com ela. A caneca com tampa que estava cheia do café que fiz para ela antes de sair de casa, agora está vazia. Saiu hoje de manhã brava ainda com o Lipe, com dois quilos de beijo contrariado.

Ela, de fato, não está falando com o Lipe. Antes de sair de casa, ele deu um beijo nela. Voltaria para a casa dos meus pais lá em Poços para terminar as férias de verão. O Guto e a Manu estão lá desde o Ano Novo, junto de toda a minha primarada de coração, que é primarada dos meus filhos. Eu e a Fê tivemos que voltar para a capital, por causa do trabalho.

O plano era que o Lipe voltasse para Poços junto da gente só no fim de semana, mas ele achou melhor voltar antes. Não queria aborrecer a mãe. Se sentiu, pela primeira vez na vida, um estranho dentro da própria casa. E a isso eu não consigo aguentar quieto. Não é justo. A Fê tem o dom de fazer a gente se sentir uma bosta por desagradá-la. Os filhos nunca conseguiram isso, nem quando aprontavam das suas. Agora o Lipe sabia como era esse gosto.

Só que não é certo que ele sinta esse gosto, ainda mais por algo que não tem culpa. Por isso que eu fiquei caçando ela que nem cachorro, antes de ir trabalhar.

— Se você for falar do Lipe, agora não é um bom momento – Já puxava a faca – Tenho só vinte minutos de intervalo, antes da segunda metade da aula.

— Eu não vou demorar tudo isso – Respondi – Você quer ir pegar seu café? Vamos conversando no caminho.

— Pode ser – E este "pode ser" dizia que ela não estava brava, estava triste. Quando a Fê está brava, ela nega qualquer coisa que eu proponha.

Pendurando a bolsa no computador no braço e segurando a caneca de cerâmica, cruzamos os corredores vazios até a lanchonete.

— O Lipe voltou para Poços.

— É bom, assim ele pensa, no caminho.

— Nina –

— Não começa, Dio. Você está tão errado quanto ele.

— Eu?

— Você sabia. Ele te disse que não queria ser da civil e você não me falou nada.

— O Lipe pediu para eu não te contar. Ele estava com medo de você e desabafou comigo. Só isso.

— É uma merda você ser o pai legal e eu ser a mãe megera.

— É uma merda eu ser o pai burro e você ser a mãe inteligente – Retruquei. Ela riu, entrando na fila do caixa para pegar a ficha do café – E a mãe é quem ganha mais, ainda. E quem dá os presentes mais legais, também.

— Estou desapontada com o Lipe.

— Eu sei, amor. Mas eu criei filhos para ser felizes, não para ser engenheiros.

— 'Tá dizendo que quem é engenheiro não é feliz?

— Não distorce, pô. Estou dizendo que o Lipe não é obrigado a ser da civil, se não quiser. Você não pode ficar brava com ele por causa disso. Eu não quero meu moleque frustrado na vida.

— Dio –

— Não terminei. Deixa eu terminar?

— Termina.

— Merda, agora esqueci o que ia dizer.

— Um capuccino, por favor – Ela pediu para a moça do caixa. Pagou os três e cinquenta e agradeceu, se enfiando na segunda fila, para pegar o capuccino. – Dio, eu tô puta porque o Lipe ficou com medo de me contar. Ele contou para você, mas não me contou. O que ele acha que eu ia fazer? Espancar ele porque não quer ser da civil? Eu sou uma mãe tão ruim assim?

— Você não está brava porque ele vai desistir da POLI?

— ‘Tá, isso também – Ela pegou o copo de isopor e nós saímos de perto do aglomerado de gente que conversava alto e em pequenos grupos – Eu queria que ele fosse da civil. Um ano atrás ele disse que queria ser como eu e eu supus... Ah, droga – Passou o anelar no cantinho dos olhos, enxugando uma lágrima – Eu falei que aqui não era um bom lugar para a gente conversar, Dio. Que saco!

— Perdoa, Amor – Tentei – Não quero fazer você chorar, mas você precisa ver a cara que o Lipe estava, quando coloquei ele no ônibus para Poços. Ele é que nem você, cagado e cuspidor. Diz que está tudo bem, mas quando você olha para ele, ele está longe, pensando alto, com cara de quem comeu e não gostou.

— Nosso filho vai para o ITA – Ela disse, o olhar longe, a caneca de cerâmica vazia numa das mãos e o descartável nos lábios. Como se não tivesse ouvido lhufas do que eu disse – E aquele moleque me enganou direitinho! Achei que ele só queria saber de cálculo 1 e física quântica por amor, mas era para a prova! Moleque filho da mãe!

— Parece alguém que ficou uma semana fora de casa para se inscrever no mestrado – Cutuquei.

— Você quer parar de defender seu filho?

— Nunca. – Sorri – Vê, dê um tempo entre as suas aulas e ligue para o Lipe. Vocês têm que resolver isso.

— Nosso filho vai se mudar para São José dos Campos. Você está pronto para desgarrar do bezerro, Dio?

— E é aí que ele vai se parecer muito comigo – Derreti de orgulho – Porque eu também fiz isso. Não é todo mundo que tem coragem de sair de casa para enfrentar o mundo sozinho, não. O Lipe está indo atrás do que ele quer e, se ele passar na prova do ITA –

— Ele vai passar. Ele é meu filho.

— Então, quando ele passar no ITA, só nos resta apoiá-lo e esperar pelo melhor.

— Você está certo, Dio.

— Estou sempre certo.

— Não abusa, ainda estou brava com você. – Ela ria, conforme eu ria também.

— Agora, volte pra a sua aula que eu vou para o restaurante – Dei-lhe um beijo de despedida e olhei-a uma última vez – Vai fazer as pazes?

— Vou. – Disse, meio rindo, meio emburrada.

— Pensa direito: a casa está vazia – Pisquei, jogando charme, me afastando – Pensa bem, mulher. Vai conversar com o Lipe?

— Vou.

Mandei um beijo à distância. Me afastei com a sensação de que a minha bunda tinha sido comida por um par de olhos femininos. Estou velho, penso comigo, entrando no meu carro estacionado não muito longe dali, mas a sensação que tenho quando joga charme para ela ainda é a mesma de quando eu tinha vinte e quatro anos e cheirava a leite.

Engraçado, um amor antigo ainda tem poder de te fazer moleque. Mesmo quando a discussão é sobre a faculdade do seu filho.

(Lipe)

Ser o filho mais velho do meu pai com a minha mãe tem suas partes boas. Tem as ruins, mas tem as boas. A melhor delas, eu acho, é que eles inverteram os papéis. A mãe é que é a engenheira, e o pai, dono de restaurante. Por exemplo, eu nunca disse que as meninas são ruins de matemática.

Tá, eu disse, mas ouvi um monte da minha mãe e nunca mais disse.

Outro exemplo bom é que meu pai nunca me disse para eu "sentar a vara nas meninas". Na verdade, eu me sinto um babaca perto delas e isso também é culpa do pai (só que essa é a parte ruim, né). Pior que ele ainda gosta que eu seja assim. Quando eu levo uma menina para casa, ele sempre fica me cobrando para eu não seja cuzão. Seu eu quiser comer a menina e dar o fora, palavras dele, que

eu diga isso a elas antes. A virgindade eu perdi com quinze anos, mas em minha defesa, digo que não foi tudo isso. A gente estava nervoso. E nós namoramos mais seis meses, até que ela foi lá com outro cara e eu fiquei para trás.

Chorei? Chorei. Com quinze anos você não aceita bem a ideia de ser corno. Ainda mais sabendo que o moleque rival é repetente. Burro que nem uma porta, se quer saber.

A parte ruim de ser filho do meu pai é que você é pressionado para 1.) Tratar bem as meninas e 2.) encontrar a mesma coisa que meu pai tem com a minha mãe. Ser feliz no amor, é o que ele diz.

Só que meu pai é um pau mandado daqueles. Cachorrinho da mãe até o último fio de cabelo. Se ela quer ficar em casa e o resto de nós queremos sair, nós ficaremos em casa. Se a gente combinou de almoçar fora, mas ela quer acordar cedo de última hora e levar a gente para o trabalho para "ver um negócio rapidinho", nós o faremos. Uma coisa é eu ser pau mandado da minha mãe, ela paga as minhas contas, ela quem me ensinou quase tudo na vida. Só que... meu pai? Beirando os cinquenta anos, fazendo as vontades da mulher? Ah, sei não. Não sei se nasci para ser pau mandado de alguém.

Uma coisa eu tenho que dar o braço a torcer pro pai: A última palavra é sempre dele. Mesmo que façamos a vontade da mãe, é ele quem bate o martelo. E aí eu não sei se ele é muito inteligente, ou muito burro. Ele dobra ela direitinho.

Fato é que é com isso que eu conto, o poder do pai sobre a mãe, para eu ir par o ITA, em vez da USP. O poder de argumentação do pai é imbatível. Ele acha que eu só fiz a prova e estou esperando o resultado, mas a verdade é que eu já passei. Trinta de dezembro saiu o resultado do ITA. Resultado, mesmo, estou esperando só da USP, da prova que fiz ontem, mas que sinceramente, não quero saber muito, não.

Porque eu passei no ITA, porra!

Minha mãe é muito boa com cimento e tijolo, mas eu não quero isso, não. Eu quero avião! Fibra de vidro e turbinas! É isso o que eu quero. Ter meu próprio teco-teco, qualquer dia. E eu não quero ser que nem o pai, largar a carreira pela família, abrir um restaurante só, com medo do trabalho que vai dar, nunca abrir uma filial.

Vai parecer engraçado falar isso, mas eu quero ser como a minha mãe. Ir longe. Não exatamente como ela e a vó que eu não conheci, porque elas eram engenheiras civis, mas eu quero ser como elas: as melhores. Quero que meu filho fale de mim como eu falo da minha mãe e a minha mãe fala da mãe dela. Com gosto e brilho nos olhos.

Aí o Leitor pode dizer, ah, mas Lipe, tu só tem dezessete anos ainda, vai

crescer muito e se ferrar muito nessa vida. Verdade. É a premissa da vida, né? Se ferrar muito. Só, que com dezessete anos, você já sabe bem o que quer. Eu, pelo menos, sabia. É a escolha óbvia. Você não decide profissão de acordo com as possibilidades. Até olha o Guia dos Estudantes e tal, mas no fundo, você já sabe o que quer. Carreira eu escolhi de acordo com tudo o que fiz esses anos.

E a minha mãe, quando eu tinha meus dez anos, me deu uma Arduíno para brincar. Ferro de solda, me ensinou como é que solda, Lego Robótico. A Manu acabou de ganhar a primeira LillyPad, está toda feliz fazendo LED acender. A mãe guia nossa orientação. Agora não pode me culpar por eu não gostar de blocos de cimento, sendo que só me deu eletrônico quase que a vida toda.

A Culpa de eu estar no ITA (falo como se já fosse um estudante matriculado, veja só) é toda dela.

— Lipe, você já chegou? – Bianca, a filha mais velha da Tia Geca, ficou de me buscar na rodoviária quando eu chegasse. É a única dos primos que já tem carteira de habilitação. Estou parado aqui já tem uns quinze minutos, a barriga roncando e nada de alguém aparecer.

— Sim, Bia. Acelera, estou com fome.

— ‘Tamo chegando, sua irmã ficou enrolando para sair da piscina.

— Fiquei não, Lipinho! Mentira dela! – Eu ouvia a Manu lá no fundo, gritando com a voz esganiçada de menina banguela.

— Ficou sim! Mas olha, Lipe, ‘tamo chegando. Mais uns cinco minutinhos e estamos aí. Tá na frente da rodoviária?

— Tô.

— Tá, então me espera aí.

Ao mesmo tempo que eu quero ir para o ITA, não quero ficar longe de casa. O pai sempre foi muito família. Queria que eu cuidasse dos meus irmãos. Que eu me sentisse responsável por eles. Hoje eu me sinto. E como que eu vou cuidar deles, lá longe? O Guto é grande, se vira, mas e a Manuzinha?

Se bem que o Guto cuidava de mim, quando eu era menor e tinha crise de asma, mas hoje em dia, depois da natação, não preciso mais de cuidado como antes. Não sei se vou conseguir continuar na natação, depois que eu entrar no ITA. Será que lá tem piscina?

— Ei! – Alice, a filha mais nova da Tia Geca, grita de dentro de um SUV cheio de barro nos pneus – Quanto tá o quilo do cu magro?!

Hora do almoço na rodoviária vazia e essa menina me grita isso, lá de dentro do carro. É a cara da Tia Geca, ela e a Bianca. A única mais parecida com o Tio André é a Dessa, a Filha do Meio.

Todo mundo diz que o filho do meio é o mais problemático, mas eu

entendo o lado da Andressa. Ter duas irmãs morenas, altas e magras quando se é branquinha, gordinha e baixinha, não deve ser legal. Ainda mais que a Tia Geca fica pesando na Dessa para a menina parar de comer. É, pois é, um absurdo. A sorte da Dessa é que o Tio André sempre a defende.

A Dessa é a mais inteligente e mais culta das três filhas, mas isso não significa nada para a Tia Geca. Fico triste com isso, por culpa do meu pai e da minha mãe. Eu sou um cara, a beleza importa, mas se elas forem bonitas e também inteligentes, prefiro. Não que a Bianca seja burra, a bicha é inteligente e está fazendo veterinária. Quer abrir um Haras. O que não significa nada para a Tia Geca também, que só vai ficar feliz com as filhas quando elas estiverem casadas e com filho no bucho.

Pelo menos, o Tio André pensa diferente. Ele gosta das filhas longe de homem, preocupadas com a carreira e a profissão, não com marido e filhos. E os arranca-rabos daquela casa são tão homéricos quanto são na minha.

Quando meus avós morreram, a Tia Geca e o Tio André compraram a parte do meu pai na fábrica de queijo e trocaram de casa. Meu pai ficou com o apartamento deles (que ele logo deu cabo de vender) e meus tios foram morar na casa da minha vó. O pai é dono das terras, mas a fábrica e a casa são da Tia Geca.

Meu pai achou justo que a família da Tia Geca continuasse usando a casa da minha vó. Ele acha que se não fosse a Tia Geca assumir o posto de matriarca, ninguém se encontraria na mesa do almoço como antes, quando meus avós eram vivos. Por isso que eu e meus irmãos, sempre que tem férias, vamos para Poços. Meu pai acha importante a gente continuar com o laço de amizade com o resto da família de Poços, porque, segundo ele, é o que meus avós iam querer.

— Vai entrar logo, ou vai esperar o próximo? – Alice me cutucava de novo.

— Garota, o que você quer está mole – Respondi já rindo e colocando minha mala e mochilas no porta-malas, enquanto ela corava de vergonha.

No bando de trás do carro, Manu e Mari, a filha da Tia Ana com a Tia Bia, que sempre que a gente vem para Poços, vem com a gente. É nossa irmã de mãe diferente. As duas, Manu e Mari, de chinelo, roupão e cabelos molhados. A ponta do nariz da Manu, descascando. Ela sempre esquecia de passar protetor no nariz e no pescoço.

— Lipinho Lindo! – Odeio quando a Manu me chama de "Lipinho" e ela sabe. Faz só de pirraça. Pelo menos, sou atacado por uma avalanche de beijinhos das duas meninas. A Manu de Oito, a Mari, de seis.

— Como foi a prova? – Do banco da frente, por cima dos óculos de Sol e pelo retrovisor, a Bia me perguntava – Acha que foi bem?

— Acho que sim, pelo menos eu respondi tudo.

— Isso é bom.

— A Bianca disse que a USP é enooooooooooooorme! Você vai ter que dormir lá, Lipinho?

— Não, Manu. Se eu passar na USP, eu continuo morando com a mãe e com o pai.

— É, mas e o ITA? – Conteí para a Bia que eu queria o ITA, mas o detalhe que ninguém sabe ainda é que eu já passei – Você vai ter que mudar de casa, se for aceito no ITA.

— Eu não quero que você mude de família, Lipinho.

— Mas eu não vou mudar de família, só de casa – Rio, olhando a Manu, que fica bonitinha fazendo drama – E se eu passar, ainda.

— Quando sai o resultado?

— Esse fim de semana, acho – Coincidentemente, bem quando o resto da família vem para Poços. Porque aí eu conto tudo de uma vez só, para todo mundo e pronto. Pedrada toda de uma vez, para não ficar sofrendo aos poucos.

— Então... – Eu vesti o cinto de segurança na Mari, enquanto a Manu afivelava o próprio cinto – Lipinho, então antes de você ir para a marmITA, você me ensina a nadar borboleta?

— Só se você parar de me chamar de Lipinho.

— Então deixa, eu peço para o Guto. Ele é mais legal que você. Chato.

Doeu. Confesso, eu sou irmão ciumento. Quero nem pensar quando essa menina começar a namorar. O coração chega a doer. Ver um moleque babaca tascar a mãozona na minha irmã? Vai ser ruim pra cacete! Escorrego de São José dos Campos direto para a jugular do infeliz! Tô nem vendo.

Se bem que tem a chance de ela ser que nem a Tia Ana, mas a quem estou enganando? Não faz diferença. Eu sofreria do mesmo jeito ou pior, porque em mulher não dá pra bater. Em moleque (dependendo do tamanho dele, né), ainda dá para dar uns cascudos, mas mulher... mulher é mestre em borrar o coração da gente. Eu vejo como meu pai fica quando a mãe fica brava com ele e vejo como a Tia Ana fica quando a Tia Bia quebra o coração dela. Esse é um dos motivos para eu não querer casar, inclusive. Dá o maior trabalho.

Parece tudo muito frágil. Você fala que não quer fazer X, aí o outro já vira a cara para você. E puxa lá dos bagos uma coisa que o outro disse há mais tempo do que sou vivo para poder jogar na cara. Ah, qual é! Não sirvo para me ocupar com essas coisas, não.

— GUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUTO! O LIPINHO CHEGOU! – A Manu não avisa só ao Guto que eu cheguei, mas Minas inteira, enquanto passa de dentro do carro para dentro da casa, correndo.

— Menino, não era para você chegar aqui só com o seu pai? — Tia Geca desponha lá da cozinha, onde era a arena da minha avó, como bem me lembro — Ele sabe que você veio?

— Sabe, tia. Mandeí mensagem avisando que cheguei assim que desci do ônibus.

— ‘Tá tão grande! — Me abraçou, beijando minha têmpora, as mãos sujas de carne moída — Já pega ônibus sozinho!

— Nossa, mas que grande feito, Lipe! — O Guto tem a voz mais grossa que a minha e a barba cheia, já com quinze anos. E todo mundo pergunta se ele é o mais velho! — O que é a viagem na Lua, perto de um Lipinho que pega busão sozinho?

— O que você quer está mole, Guto, não torra.

— Dê um cheiro aqui no seu irmão querido — Ele dá abraço de urso e beijo melado na minha testa só de pirraça. A Tia acha isso lindo, de ver irmão beijando irmão e o Guto sempre faz isso, só para tirar uma com a minha cara. Que irmão fica se beijando desse jeito? O Guto que não é.

— Vocês dois vão dar um trabalho para a mãe de vocês... — Ela comenta, entrando de novo na cozinha. Temos o mesmo tamanho, quase. A mãe diz que o Guto vai crescer mais, mas eu duvido. Se ele crescer mais, aí sim que vão achar que ele é o mais velho.

— Ela que dá trabalho para a gente, Tia — O Guto ri, passando por uma Alice de catorze anos que fica me remedando "O que você quer tá mole, o que você quer tá mole! Essa vitrola velha só sabe dizer isso!"

— Você disse isso para a Lize, Lipe? — O Guto adora agir que nem o pai. A mãe fala que ele parece com o pai e ele fica se achando.

— Ela quem perguntou o preço do meu cu. — Respondo, seguindo-o para a piscina.

— Eu falei para ela perguntar isso. Ela riu achando que ia ser divertido e você estragou a diversão dela.

— Tá, Rodrigo. — Rio, tirando o tênis e as calças. Para a fazenda eu já venho de sunga. Estava quente e eu estava com fome, mas piscina eu não nego, não.

Mergulhei, ouvindo mais um monte de tchbum dentro d'água. A Bia, a Manu e a Mari já estavam lá dentro comigo, a Alice chegou depois. Só faltava a Dessa. Nadei para a borda em sequência para conversar com o Guto, sentado numa das cadeiras de praia, junto da minha jeans revirada e umas moedas que caíram do bolso.

— E aí, — ele puxava assunto, assim que eu me apoiei na borda da piscina — contou para a mãe?

— Conteí.

— Deu ruim, né?

— Super Ruim. A mãe ficou bem brava.

— O pai vai dar um jeito.

— Vai, vai sim – Concordo com ele – Mas é foda. Tô me sentindo traíra.

— Você traiu o movimento, cara.

— O Pai disse isso.

— O que o pai disse? – A Manu enfiava minha cabeça debaixo d'água e eu enfiei a dela, de troco – O Pai disse que você precisa depilar a teta?

— Quem disse isso para você, Manu? – Perguntei, arrumando as boias nos braços dela.

— Ninguém, ué.

— Você não inventou isso. Quem disse isso para você, Manu?

— Que você tem a teta peluda? Hihihihihihihihhi – E ria. Eu ri, também.

— Tem mulher que gosta, tá? – Me defendo.

— Realmente, tem sim – A Bia vinha me aporrinhar. Era a mais velha de todos nós, mas para encarar zoação com a minha cara, parecia tão velha quando a Mari, que brincava com a Alice, do outro lado da piscina – Só que não é essa meia-dúzia de cabelim não, é PELO, mesmo! Tapete de pelo, 'tendeu?

— ÉCA!

— Isso não é conversa para menina, Manu. Não dá ouvidos para essa louca, não.

— Pensei que você fosse liso, Lipe – E para a Bia, o assunto ainda era a minha teta – Ainda mais que todo nadador é pelado...

— É, – e eu, otário, ainda me justificando – dei uma parada na natação para fazer o vestibular, aí preciso raspar e voltar para a água.

— Eu posso tirar para você. Na cera, que tal?

— Deixa – Recuo com a ideia – Obrigado, mas não.

— Uma puxada só, RUIIIIIIC – A Bia ria, fazendo barulho com a boca – E nunca mais nasce pelo na sua teta.

— Nunca mais nasce teta no seu pelo dele, né – O Guto ria, também.

— Tô de boa.

Olho para cima e vejo que a Dessa está olhando para nós, da sacada e do quarto dela. Fones de ouvido, o celular na mão. Eu me sinto mal por ela, a Tia Geca sabe ser bem cruel.

— DESSA! – Grito até ela desplugar os fones das orelhas – Desce aqui! Ela só chacoalhou a cabeça, dizendo que não. E entrou pro quarto.

— Bia, cê precisa conversar com a Tia Geca. A Dessa não está nada bem e a Tia não faz nada para ajudar.

— Se o pai não consegue, quais são as minhas chances? – A Bia também se sentia culpada, mas meio que se acostumou com o bullying da mãe por cima da irmã – A Dessa passou ontem o dia inteiro bebendo água de pepino e a mãe não disse nada. Foi só quando eu contei pro pai assim que ele chegou da fábrica, que ele fez ela comer. E a Dessa comeu chorando, ‘tadinha.

— Só porque a Dessa é gordinha? – Ajudei a Manu a se sentar na borda da piscina e ela brincou, estufando a pancinha rosada de porquinho – Eu também sou, ué.

— É Gordinha sim, Peppa – O Guto saiu da cadeira de praia e sentou do lado da irmã.

— Eu vou falar com ela.

— ... E vai falar o quê? A gente fala de tudo quanto é coisa para ela, nada funciona. A Dessa só quer saber do que a mãe acha e a mãe –

Mas eu sou teimoso. Puxei uma toalha de onde o Guto estava sentado antes e entrei em casa, me secando. Subi as escadas, atravessei o corredor do andar de cima e bati na porta do quarto dela.

— Dessa?

— Oi, Lipe, entra – Encontrei-a sentada na cadeira da escrivaninha dela, mexendo no próprio computador. O quarto não era grande, mas cabia uma cama de casal, estantes abarrotadas de livros, um guarda-roupas, a escrivaninha. – Estou aqui conferindo a data do Sisú.

— Vai tentar o quê?

— Admin.

— Admin é curso de quem não sabe o que fazer – Sorri, colocando a toalha sobre a cama e sentando sobre ela – Qual é, Dessa. Admin?

— Ou economia e MBA depois. Não sei, ainda não decidi.

— Tudo isso para poder tocar a fábrica do vô?

— Não, longe de mim. O pai bem queria, mas não é a minha. O pai falou que se eu fizer Admin, a Bia e eu podemos abrir um Haras.

— Nunca pensei que fosse seu lance, lidar com cavalos.

— E não é – Ela sorri, se virando para mim. Até ali eu tinha conversado com as costas dela – A Bia quer criar cavalo caro. Lembra da última vez que a gente foi para a sua cidade? Era para ver um leilão de cavalo. É o que a Bia quer, criar cavalo caro, colocar eles para cruzar. Daí vende os cavaleiros e os cavaleiros e vai alugando espaço para quem não tem espaço, mas quer ter cavalo, espaço para treino, essas coisas.

— E você vai ficar na burocracia disso, é?

— Faz parte. – Deu de ombros – Mas o que me interessa mesmo são os Leilões. Meu pai me colocou para conversar com um mercador de cavalo e eu

me apaixonei. Já viu leilão de cavalo de raça?

— Só de Boi. E aquilo é muito engraçado.

— Cavalo tem mercado e é legal. A Bia cuida do produto e eu vendo. Mesmo os fazendeiros aqui de Minas, de Mato Grosso. A Bia ama uns cavalos gringos e acha que dá para criá-los aqui. Então... eu quero abrir um haras com a minha irmã. E o pai fala que se for só ela, se eu não for junto, não vai ter haras nenhum. A Bia é boa de lidar com bicho, mas não é boa de lidar com gente, não.

— É diferente – Sorri. Os olhinhos azuis dela brilhavam enquanto ela falava. Era bonita, ela. Eu me sinto culpado por ela estar aqui dentro, enquanto o resto de nós está lá fora. Talvez eu devesse dizer a ela que a acho bonita? E faço o quê, depois? E se ela acha que eu quero alguma coisa? Nós crescemos juntos, isso não se faz, de ficar falando essas coisas para prima.

Se bem que meu pai pintou e bordou com a Tia Geca antes de encontrar a mãe.

Merda, olhei demais. Ela percebeu que eu fiquei olhando e virou-se de costas de novo. Só os pés dançando para fora da cadeira. Um leve tom dourado na pele, os olhos azuis e esse cabelão preto num coque. É bonita, ela. Toda bonita.

— Escuta, Dessa – Sentei na ponta da escrivaninha dela, e, sem que eu dissesse nada, ela corou – Vem para a piscina, cacete.

— ‘Tô de boa.

— Sei que sim, mas vamos lá, pô.

— Nah.

— Mete um biquini, tira esse pijama. E vamos lá.

— Nem que a vaca tussa.

— Olha, – eu ia me foder, sou idiota. Num contrato de mil páginas onde concordo que sou um trouxa, dou o visto só na primeira página – A Bia quer arrancar meus pelos na cera.

— Ela é louca – Riu, socando a mão no teclado com unhas DESSE tamanho pintadas de preto, falando com alguém pelo Face.

— Se você for lá para a piscina com a gente, eu deixo ela fazer isso.

— Falando sério?

— Eu sou homem, rapá.

— Não exagera, vai.

— Eu tenho 17 anos. Não sou mais um garoto.

— Eu também tenho 17 anos, só que eu ainda sou uma menina, então você ainda é um menino.

— Dei minha palavra de homem. Então, você quer ver sua irmã escalpelar meu peito ou não?

— Aff, Lipe.

— Eu quem vou tomar no cu e tu quem fala "Aff"? "Aff" digo eu!

— Por que você está fazendo isso?

— Eu não acho que você está no quarto porque quer ficar no quarto. Acho que quer ficar aqui porque assim sua mãe não encasca com você. Não acho isso justo. Então, eu faço o que for para você descer lá e deixar sua mãe falando groselha.

— Eu não tenho mais paciência para brigar com ela, Lipe. Logo eu me mudo para perto da UFMG e aí eu tenho paz.

— Só que você vai conseguir entrar na piscina de lá? Tem que treinar em algum lugar a deixar de vergonha. Acho que sua mãe vai ser o menor dos problemas, quando você tiver que encarar o mundo sozinha.

— Você parece meu pai falando.

— E o meu também. Eles são parecidos, você já reparou? – Rio, enquanto ela se levanta – E, se tem três homens falando a mesma coisa, sinal que é verdade. Agora vai, mete um biquíni e desce comigo.

— Você vai ficar insistindo nisso, né?

— De você ir para piscina? É claro.

— Não, nesse negócio de que você já é homem.

— Também – Avancei para a saída do quarto agarrado na toalha de banho que trouxe comigo – Eu vou te esperar do lado de fora.

— Tá. Valendo cera na teta, né?

— Valendo cera na teta.

Saí do quarto e fiquei esperando por ela no corredor. Dentro de casa era mais frio que lá fora.

Ela saiu e eu não sei o que me deu. Tava igualzinha antes, mas usava um vestido meio transparente e descalça. Fiquei sem saber o que fazer. Nem onde colocar as mãos, nem o que dizer. Só fiquei que nem trouxa olhando ela ficar sem jeito na minha frente, o queixo caindo um pouquinho, os olhos dela se enchendo d'água.

Pensa rápido, pensa rápido. Pensa rápido, Lipe. Não é bom tu ficar sem falar nada na frente da moça que tu acabou de tirar da toca.

— Essa cera na teta vai doer pra cacete.

Ela está certa, sou um molecote pior que o Guto. Meu pai saberia o que dizer, no meu lugar. Ele provavelmente diria alguma coisa bem idiota, ela teria rido e nós caminharíamos, sem constrangimentos, para baixo.

— Vai, vai sim – Me respondeu, colocando panos quentes no clima pesado – Se no sovaco já dói, quero nem saber como é no peito.

— Você se depila, Dessa?

— Sério que você vai perguntar isso para uma menina, Lipe?

Claro que só vai sair merda da minha boca. É claro. Se não caguei na entrada, cagarei na saída. Beleza de vida, essa.

— Desculpa – Pedi, meio envergonhado.

— Esquenta não – Sorriu, o cabelão preto solto nos ombros, os olhos azuis encolhidos num sorriso – Vamos?

— Sou eu quem pergunta isso, ué.

— Já até consigo ouvir a mãe. Eu não tenho vergonha do meu corpo, sabe? – Desabafava – Nunca tive. Só que a mãe me faz ter vergonha dele. Parece que estou errada, sei lá... Mãe é uma coisa engraçada – Descíamos as escadas – Ela faz a gente ter culpa daquilo que nem parece errado. Olha a Bia! Só tira notão na facul, mas a mãe acha ela ruim e ingrata.

— Por quê?

— Porque não está noiva nem namora ninguém.

— Mas que merda.

— Bota merda nisso, Lipe. Não vai levar nem meia hora para ela falar mal de mim. Pode ver, é impressionante. Ela só vai ficar feliz quando ver a gente grávida e magra.

— Isso não é possível, as duas coisas ao mesmo tempo. A minha mãe ficou imensa, grávida da Manu. E meu pai ficou felizão de ver a mãe grávida. Acho que se minha mulher ficasse grávida, eu também ficaria feliz de ver ela imensa.

— Sorte da mulher que casar com você, então.

Disse, passando a porta da sala, circundando a casa com passos apressados. Perdi o momento em que ela tirou o vestido e pulou na água. Minha cabeça cheia de um monte de lixo. Estendi a toalha numa das cadeiras e sentei perto da Bia, que mexia no celular enquanto o Guto, a Manu, a Mari e a Alice brincavam com bolinha inflável dentro d'água.

— Prometi que se ela descesse para a piscina, você podia me depilar com a cera.

— Você não fez isso.

— Promete que não vai doer?

— Não – E ria da minha cara – Mas gostei. Foi fofo da sua parte.

— Ô, super fo... – Perdia a fala pela segunda vez em menos de dez minutos. Juro que não era proposital. Eu gosto da Dessa, ela é inteligente, bonita, é engraçada, se cuida. Só que não sei o que houve, ela nunca vem para a piscina e eu não estou acostumado com ela sem roupa que nem eu estou acostumado com a Bianca e a Alice. Ver ela do outro lado da piscina, os cotovelos apoiados na borda, o resto do corpo à deriva. Tava linda. O biquini escuro, os seios

grandes ora dentro, ora fora d'água.

O tipo certo de garota, descobri ali. Perna, bunda, peito. Tudo grande, bem distribuído. Ter onde pegar. Puta merda, puta merda. Que sensacional.

— Quer tirar o olho da minha irmã, ô Ferreira? Você é maior que eu, mas eu sou quatro anos mais velha que você e ainda te dou uns tapas bem dados que nem quando a gente era moleque.

— Desculpa, Bia, desculpa.

— ... Mas se você quer saber, vocês fariam um casal bonitinho. Casa com a minha irmã, Lipe.

— Vira essa boca para lá. Eu passei no ITA, ela vai para a Federal, quê isso... — Eu percebi que falei demais sobre o resultado do ITA, mas para ela isso não fez a menor diferença.

— Não sei no que a mãe encasqueta tanto com a Dessa. Elas têm o mesmo corpo! A mãe só é toda malhada e a Dessa é toda macia e tem barriguinha. Tetão, bundão, pernão. A Dessa é linda sendo gordinha, a Dessa é lindona!

— É bonito você falar assim da sua irmã.

— Você parece o meu pai falando.

— Segunda vez que escuto isso hoje — Eu escutei uma variação disso, para ser sincero.

— Deve ser verdade. Olha só para a Dessa, Lipe. Mó cavalona boa, carinha de anjinho e tudo. Vaidosa que só, não sai de casa sem perfume, toda delicada e lindinha e a mãe só sabe criticar. Ah, palhaçada.

— Cavalona?

— Potranca, errei.

— Porra, chamar a Dessa de potranca?

— ... mas é elogio! — Ela se justificava, como se entendesse realmente que "potranca" é elogio.

— Você só serve para tratar de bicho, mesmo.

— É, tanto que estou incumbida de depilar um, né.

Meu peito ardeu até o fim de semana. Meus pais chegaram na fazenda e o filho deles para cima e para baixo, de camiseta para esconder o peito. Estava liso e até bonito, mas não valia a pena, não. É dor demais e outra, eu descobri bem rápido que as mulheres desta família (a Manu e a Mari inclusas) são tudo carrasca. O Guto, com quinze anos, com mais pelo que eu, sofreu do mesmo mal, para que eu não sofresse sozinho.

Eu tenho o melhor irmão do mundo. Anota aí, pode anotar. Um irmão que esfolia a teta junto de você? É um irmão do caralho! (Perdoa os palavrões, Mãe).

Eles chegaram e eu fui recebê-los, é claro. A Manu partiu correndo na frente, se atirando em cima da mãe sem me dar tempo de ajudá-la a tirar as malas do carro. A Mãe, assim que chegou a minha vez dos cumprimentos, me beijou e me abraçou, mas ficou meio distante. Como se estivesse com saudade, mas não querendo dar o braço a torcer. Me olhando de rabo de olho, completamente desconfiada.

Meu pai, durante a semana, me mandou uma mensagem perguntando se a mãe me ligou. Não ligou. Eu liguei para ela, mas o celular estava desligado e eu não tentei mais. Parte, por medo. Eu vou passar na FUVEST e vou ter dois pãssaros na mão, mas o que eu quero mesmo é o ITA. E vai ser um trabalhão fazer ela aceitar isso.

Levei as coisas da mãe, junto do pai, lá para cima já sabendo que ia ter conversa séria. O pai não me disse nada enquanto colocávamos as malas no antigo quarto da vó. Descemos, a mãe conversando amigavelmente com a Tia Geca que preparava o jantar junto do Tio André, que aprendeu a cozinhar depois que a vó morreu.

Todas as crianças, incluindo a Bia que ainda pertence ao grupo das crianças, estavam na sala jogando no videogame. Os filhos das outras tias também estavam lá, então a sala ficou simplesmente cheia demais para a mãe conversar comigo como ela queria. Vi que o pai foi para a cozinha ajudar na janta e eu a puxei para a área da piscina, mas lá também estava cheio, mas de adultos.

— Nunca pensei que ia chegar esse dia – Ela disse, me entregando uma latinha de Skol, sentando na escada da varanda de casa, de frente para o jardim onde todas as Rangers dos meus tios estavam paradas.

— Que dia, o de beber cerveja com seu filho?

— É, – Abriu a própria lata, enfiando a unha por debaixo do lacre – E nem me venha com essa história de que você não bebe, porque eu já tive dezessete anos.

— Nem falei nada, ué – Respondi, abrindo a minha – Mas, se a senhora quer saber, prefiro os destilados.

— É, seu pai também.

— Talvez o Guto aprenda a gostar de cerveja que nem a senhora.

— Um dos três tem que ser como eu – Na lata. Chutou a bola prontinha para me acertar a orelha. Doe.

— A Senhora acha que eu não sou como você, mãe? Gostar de

matemática e de eletrônica eu aprendi com quem, então? Com o pai?

— Não, seu pai é uma porta.

— Também não precisa falar assim, né – Meu pai é inteligente. Só não é bom de conta, coitado.

— É modo de falar – Bebeu, mais como quem vai pensar no próximo passo, do que quem está com calor ou vontade de cerveja – Por que não civil, filhote? É tão lindo...

— Eu não me vejo construindo prédio, mãe. Eu não quero canteiro de obra, nem cimento, nem tijolo. Não é minha praia, só isso.

— ... Mas quando eu te levei para ver aquela ponte no Chile, você –

— Era uma ponte. – Interrompi. – No Chile. Que a minha mãe estava fazendo. Quem não ficaria loucão com isso, pô? Foi a melhor viagem da minha vida!

— Então... Eu não entendo.

— Eu quero que a senhora tenha orgulho de mim – e essa argumentação eu aprendi com o pai, não com ela – Eu vou ser só mais um Zé com Crea, como a senhora mesmo diz, se eu fizer Civil. A senhora sempre quis ser a melhor e eu também quero isso. E a senhora mesmo me mostrou que só dá para ser o melhor, quando se faz o que se ama, então...

— Que merda. – Aquilo era o princípio de uma rendição?

— O que foi? – Não consegui esconder o sorriso.

— Criei você direito.

— Vai me deixar ir para o ITA?

— E eu tenho escolha? – Bebeu da lata, mais uma vez, para poder pensar. Eu bebi, de qualquer forma, eu também precisava de um tempo para pensar – Meu filho passou no vestibular mais difícil do país. Como que eu vou falar "não vá"? Não dá, né.

— Já sabe que eu passei, é?

— Quando você nasceu, eu já usava a internet, bebê. Mentir para mim que "fez a prova" quando, na verdade já passou, é muito feio.

— Parece alguém – O pai estava parado no batente da porta de entrada já fazia uma cota. Dava para ver a sombra que ele fazia sobre o gramado do jardim, mas a gente não disse nada. Não era uma conversa secreta, de todo jeito – Sabe, Lipe. Para o mestrado, sua mãe fez a mesma coisa. Fez a prova e só contou que fez, depois que passou.

— Dio, quantas vezes você vai usar a mesma carta?

— Que feio, mãe – Ri, enquanto ela terminava a lata dela, com um meio sorriso no rosto.

— Se não fosse aquilo, Dio, nós estaríamos separados.

— Vira essa boca para lá, mulher.

— É, mulher, vira essa boca para lá – Ri, imitando o jeito do pai – Fiquei com medo de a senhora ficar com mais raiva de mim ainda. Aí eu omiti o resultado.

— Parabéns, filho. – O pai ergueu o copo de uísque que tinha na mão, em comemoração a mim.

— É, filho, parabéns – A mãe me beijou o rosto e fiquei com marca de batom na cara – Não é a civil, mas... Ninguém é perfeito.

— Exato, – completei – não dá para ser gato desse jeito e engenheiro civil.

— Gatinho* – O pai me corrigia – Gato sou eu. Você é só um gatinho. Aliás, – vinha para perto da gente com tom de zombaria e eu até já sabia o que era – Você está depilando o peito com cera? Que história é essa, moleque?

— É, ó – ergui a camiseta mostrando meu peito esfolado e lisinho – Não, ai! Não põe a mão que tá doendo.

— Ó, Dio! Fica lisinho!

— Claro que fica, arranca tudo, ué.

— Ah, Dio, quero que você faça também!

— Esquece. – Ele se aproximava aos poucos – Eu te amo, você é a mulher da minha vida, mas tudo tem limite.

— Até o Guto fez, pai.

— O Guto?! Peludinho do jeito que é, fazendo depilação a cera?! – A mãe tinha olhos de pena, pensando no Guto com cera na teta. Comigo ela não fez essa cara, não.

— Tô criando três moças, não é possível – O pai terminou o próprio copo e se sentou um degrau abaixo de onde a mãe e eu estávamos.

— Por que é que vocês fizeram isso, meu Deus! – Eu contei do caso da Dessa e da minha culpa, do modo como ela pareceu feliz em me ver arrancando a teta fora, só para ela poder ir para a piscina – Nossa, mas a Dessa é tão lindinha com aquele jeitinho delicado dela, toda bonitinha... ! Aff – Ela reclamava, jogando as pernas para cima do meu pai – Achei que essa palhaçada da Geca tinha parado na Bianca.

— Que nada, estacionou foi na Dessa, mesmo – Virei-me para o pai, falando sério, agora – Pai, eu precisava ter uma conversa de homem com você.

— E desde quando existe conversa de homem nessa casa?! – O Leitor pode imaginar que este protesto só pode ter vindo da minha mãe – Menino, por acaso você esqueceu quem te ensinou a lavar o pinto?

— Aff, mãe. Sério?

— Super sério. Eu dou aula pra macho, convivo com macho o dia inteiro

e meu filhote vai ficar de segredinho para o meu lado?! Ah, qual é!

— Não gostei da parte do "Convivo com macho o dia inteiro" – O Pai sempre ficou muito pouco másculo quando ficava com ciúmes.

— Desculpa, Dio, mas é. Tem dia que o máximo de mulher que eu vejo é a Manu. É tanto macho que eu ligo o ar-condicionado porque sala com mais de três machos fica com cheiro de ranço.

— Ave, Nina. Para, porra – E agora ele parecia homem, de novo.

— Desculpa, Dio. O único macho que eu gosto é você.

— Filho, presta atenção – O pai era esperto, para mudar de assunto – Você ainda não aprendeu que não dá para esconder as coisas dessa daí? Depois do que você aprontou, ainda vai ficar de segredinho com a sua mãe? Fala logo o que quer, senão ela vai continuar falando do tanto de macho que ela convive todo dia e eu vou ficar louco.

— Perdi a fala, hoje – Já que a mãe ia ficar insistindo, joguei a real. O que é que pode dar errado, não é mesmo?

— Perdeu a fala... Como?

— A Dessa saiu do quarto dela de vestido e descalça e eu congelei, falei nada. Perdi a fala.

— Vish, Dio. Puxou você.

— Puxou – e o pai rachando o bico da minha cara – Não pensei que a babaquice fosse hereditária. Cê não lembra como eu fico quando sua mãe mete vestido, moleque? Faz tempo que ela não põe, mas quando põe... rapaz... !

— Tô velha para vestido.

— Põe, vai. Por favor – Engraçado como o pai troca de máscara, quando fala com a mãe. Tem dias que parece moleque, tem dias que parece cachorro, tem dias que parece homem. De uma fala para outra, como se fosse um teatro, meu pai tinha a maturidade de uma criança de cinco anos.

— Não, Dio – E a mãe, oscilava entre mulher dele, general e minha mãe. A mãe não tem tantas facetas assim, quanto o pai – Se a Geca ‘tá falando merda para a Dessa que é cocotinha, imagina o que vai falar de mim.

— E daí? Quem come tá feliz pra diabo.

Isso é o que poderia dar errado. A última coisa que filho quer é ouvir da vida sexual dos pais. Desisti de falar de mim. Não dá, não dá.

— Eu vou chamar o conselho tutelar para me levar desta família – Comentei, totalmente sem graça.

— Ouxe, – a mãe: ela não para. Não sabe a hora de fechar a boca, nunca soube e, comigo, é sempre pior. O Leitor precisa ver como é lá em casa, quando a mãe briga com o pai. Sobra tudo para mim, das lamúrias aos descontentamentos, dessa mulher – Você ‘tá aí todo-todo falando da Dessa e seu

pai não pode falar de mim?

— Nem falei da Dessa e vocês já desceram o nível, não quero nem começar, mais.

— Dio, faz cara de quem não transa. Isso, assim, — Ela fez cara de santinha. Vestiu até os óculos pendurados na gola da blusa por uma das hastes — isso, filho. Agora conte-nos.

— Ela tava lá, toda envergonhada de colocar biquíni e aí a primeira coisa que eu faço quando ela sai do quarto é congelar. Tô com um puta peso na consciência de ter ficado quieto. Eu devia ter dito alguma coisa.

— Mas, filhote, amor meu, o que você ia dizer?

— O que é que tem para dizer nesses casos, você quer dizer — O pai brincava de afivelar e desafivelar a sandália da mãe.

— Dio, o que você teria dito?

— Se eu estivesse no lugar dele?

— É. O que você diria?

— Nada, ué.

— Oi? — O pai sempre sabe o que dizer. Como assim, ele não diria nada?

— Ué... — Para ele, isso era um tipo de divertimento sádico — A menina não viu que você ficou sem palavras?

— Viu, mas-

— Então, pronto. Então ela entendeu tudo. Mulher é bicho do mal, filho. Captam as coisas no ar. Se você ficou de pau duro só de ver a menina na sua frente, então ela entendeu tudo.

— Dio... !

— Ué, você quem falou que não tem essa de conversa de homem, nessa casa.

Toma essa, Dona Fernanda.

— Mas, Pai — Retomei, antes que a mãe começasse com as suas — Ela ficou envergonhada. É sério, ela quase chorou de me ver congelado. É por isso que eu tô me sentindo mal. Na boa, eu devia ter dito alguma coisa.

— Da próxima vez que você a ver, você sorri. Enquanto ela tá falando, você sorri. Tá te olhando? Sorria. Não faça cara de retardado, moleque. Mete seu melhor sorriso e dispara. Você puxou o meu sorriso, então que você use. Que nem com a sua mãe, ó: Você acha que eu entendo alguma coisa das nerdices que ela diz? Entendo é nada. Até hoje eu não sei a diferença de Arduino e Raspberry Pi. Eu não sei o que é uma "normal" e esqueci até o que é "perpendicular". É esse o meu nível de burrice para matemática, só que a sua mãe quando tá com problemas, sempre vem desabafar comigo. É só sorrir e ouvir o que ela tem para dizer. Pronto.

— Mais nada?

— Não precisa. Se eu tivesse a sua idade e essa história fosse comigo, eu só teria sorrido. Não precisa de muito. Tô ali, de pau duro, suando frio, louco para dar uns pegas na menina e faço o quê? Sorrio. É simples. Funciona. E as mulheres são bichos do mal.

— Filho, – a mãe se intrometeu – você ficou com vontade de pegar a Dessa?

— Ainda estou.

— Chave de boceta – A mãe disse, do nada.

— Oi? – A surpresa na minha cara se repetia na cara do pai.

— Chave de boceta. O Lipe tomou isso, da Dessa. Não tem chave de braço, chave de perna? Então.

— Nina, – o pai ainda não estava totalmente confortável com a situação – De onde você tirou isso?

— Dos meus alunos. Passei pelo corredor lá da faculdade e ouvi eles dizendo "Essa daí dá chave de boceta em qualquer um".

— Nunca mais abro minha boca para falar de mulher nenhuma, nessa família.

— Ih, Lipe. Quanta frescura – A mãe se erguia da escada, colocando um fim na conversa.

— Eles falavam sobre você, Nina, da Chave de Boceta? – O pai se ergueu logo depois dela.

— Capaz, sei lá. Lá dentro meu ouvido é seletivo.

— Se você quer saber – Ele sorria. E nossos sorrisos eram mesmo parecidos – Você deu chave de boceta em mim.

— Várias e várias vezes – E ria – Vai, filho. Levanta essa bunda daí. Vamos lá contar para o resto da família que você passou no ITA.

— Então... – Eu até tinha me esquecido que esse era o ponto principal da conversa – Tá tudo certo? Posso mesmo ir para o ITA?

— Pode, né? Vou te obrigar a ser da civil?

— Sem represálias? De verdade?

— Não, calma lá – O mestrado do pai é em estragar prazeres – Sem represálias, meu ovo. Você mentiu. Escondeu coisas da sua mãe. Estávamos planejando te dar um computador novo quando você passasse na USP, mas agora que você mentiu, vai continuar usando aquele seu, mesmo.

— Mas pai, eu não menti para você.

— É, mas mentiu para mim – A mãe colocava a própria latinha vazia na minha mão e desfilava para dentro de casa. O pai ria da minha cara, seguindo a mãe, sentado um tapa estalado de cinco dedos, na bunda dela.

Pau mandado, porra nenhuma. O pai é esperto pra caralho.

Agradecimentos:

Aqui estou eu, na madrugada da quarta-feira do dia 8, dois dias antes do lançamento, lembrando de tudo. Catorze de fevereiro de 2015 eu comecei uma brincadeira no Wattpad só para ver como é que seria. Sempre escrevi, eu tenho tanto caderno aqui em casa que faço inveja a uma papelaria, mas nunca ninguém tinha lido. Entrei no Wattpad para me testar. Falei um “quer saber, que se foda”. Se reclamarem muito, se não gostarem do que escrevi, eu só apago o usuário e já era.

Só arranquei coisas boas, só colhi flores. Não posso reclamar. Conheci tanta gente, tanta alma boa, recebi tanto amor, que sentada aqui na minha cadeira, um frio lascado, chorona um pouco, eu fico lembrando. Nostálgica? Capaz. Quero agradecer a alguns nomes em específico que fizeram da minha experiência como alguém que escreve mais do que só colar o cu na cadeira e cagar pelos dedos. Pombinhas, aqui vai meu muito obrigada. Pomba Betanha, Pomba Ju, Pomba Titia, Pomba Yasmim-Gêmea, Pomba Déb e Pomba Tamy, obrigada por tudo. Pombinhas, desculpa quando eu me calo. Amo vocês. Não teria sido tão bom tudo isso se não fossem vocês.

Bárbara Souza, obrigada por tudo, espero que você chegue onde quer chegar. Paula Renata, você é um doce, obrigada por ser tão linda, tão prestativa e tão meiga. Nahra Mestre, desculpa também quando me calo. Algumas coisas que você me disse me deixam pensando. Não concordamos em tudo, mas algumas coisas que me disse fizeram diferença.

Débora Menezes, vulgo, Senhora Põe-Vírgula, Tira-Maiúscula, obrigada pela revisão e pelos conselhos. Me fizeram bem, não me senti sozinha. Desculpa se eu não mantenho o assunto por muito tempo, eu queria, mas é que tá foda. Ainda tiro um tempo e te chamo para um café, uma chamada no Skype, sei lá. Damos um jeito.

Letícia Kartalian, obrigada pela capa. A capa que ninguém me deixa tirar e que recebo, dia sim e dia também, mais mensagens de “li porque achei sua capa linda” do que qualquer outra coisa. Desculpa ter um senso estético péssimo e de mudar de ideia toda hora também. Fico muito agradecida de você ter presenteado nosso livro com essa capa maravilhosa de doer. Nem da capa as leitoras abriram mão.

Agradeço a todos os (deixa eu checar o contador) a todos os 1.892 membros (e contando...) do grupo no Facebook, por todos os chiques, as piadinhas (morro falando que o certo é BOLACHA, não biscoito), os spoilers que vocês dão umas às outras, aos homens sem camisa, às confissões de amor,

aos pedidos de ajuda, às confissões de dor. Tem sido engrandecedor demais da conta conviver todo dia com esse monte de mina (e mino) foda que tem lá. Fiquem sabendo que, se algum dia vocês cruzarem este livro numa livraria, saiba que a culpa é principalmente de vocês. Obrigada por tudo, galera. Beijos, Mendigas.

Ome, Gordinho Lindo, encenqueiro causador de treta e de intriga, Te Amo. Tudo o que já escrevi, escrevo e escreverei, tudo seu. Sempre.

E obrigada, principalmente, a você, que chegou até aqui chorando que nem eu. Pari filhote. Alegria que não cabe.

PARA ME ENCONTRAR NESSES BECOS DE INTERNET, AQUI VÃO ALGUNS ENDEREÇOS:

WWW.AQUELAVELHA.COM.BR
WWW.FACEBOOK.COM/CAMILAMARCIAÑOAUTORA/
WWW.FACEBOOK.COM/GROUPS/OPHMMSE/
WWW.WATTPAD.COM/USER/CAMILMARCIAÑO7

OU ME MANDE UM EMAIL: CAMILA@AQUELAVELHA.COM.BR

Obrigada por tudo. Vejo vocês no Livro do Lipe no dia dez de Agosto de 2016.

Table of Contents

<u>Capítulo 1 Seis meses</u>
<u>Capítulo 2 Prepara-te para a Queda.</u>
<u>Capítulo 3 I Want To Talk About You</u>
<u>Capítulo 4 KY</u>
<u>Capítulo 5 Terno Italiano</u>
<u>Capítulo 6 Lava</u>
<u>Capítulo 7 Congela o Mundo, Deus</u>
<u>Capítulo 8 Olhos Secos</u>
<u>Capítulo 9 Você nunca foi prioridade.</u>
<u>Capítulo 10 BMW</u>
<u>Capítulo 11 Apague as velas, Nina.</u>
<u>Capítulo 12 Belo Recomeço</u>
<u>Capítulo 13 Miley Cyrus</u>
<u>Capítulo 14 Watch Me</u>
<u>Capítulo 15 Drink Me</u>
<u>Capítulo 16 Eat Me</u>
<u>Capítulo 17 Teoria dos Jogos</u>
<u>Capítulo 18 Homem de uma Mulher só</u>
<u>Capítulo 19 Bem-Vindo ao Marketing</u>
<u>Capítulo 20 Puta que o Pariu – Parte 1</u>
<u>Capítulo 21 Puta que o Pariu – Parte 2</u>
<u>Capítulo 22 Puta que o Pariu – Parte 3</u>
<u>Capítulo 23 Marido</u>
<u>Capítulo 24 Não com a minha família</u>
<u>Capítulo 25 Entorta-homens</u>
<u>Capítulo 26 Pratos Limpos</u>
<u>Capítulo 27 Entrave</u>
<u>Capítulo 28 Vigas e Estruturas</u>
<u>Capítulo 29 Palco, Janela e Bar</u>
<u>Capítulo 30 Encontro-te no caminho</u>
<u>Capítulo 31 Consideremos Justas Toda Forma de Amor</u>
<u>Capítulo 32 Os Homens, os Mendigos, os Loucos</u>
<u>Capítulo 33 Nascente</u>
<u>Capítulo 34 Meio-Dia</u>
<u>Capítulo 35 Pode ser Amanhã</u>

[Capítulo 36 Pode ser Amanhã](#)

[Capítulo 36 Trinta e seis anos, Mestranda, dois Filhos](#)

[Capítulo 37 Mia, Geovana e Bia](#)

[Capítulo 38 Sábado](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40 Símbolos](#)

[Capítulo 41 Calhamaço](#)

[Capítulo 42 Mamihlapinatapai*](#)